

“FUNNY, DARK,
AND SEXY.
ONE OF MY
FAVORITE BOOKS.”
—HOLLY BLACK

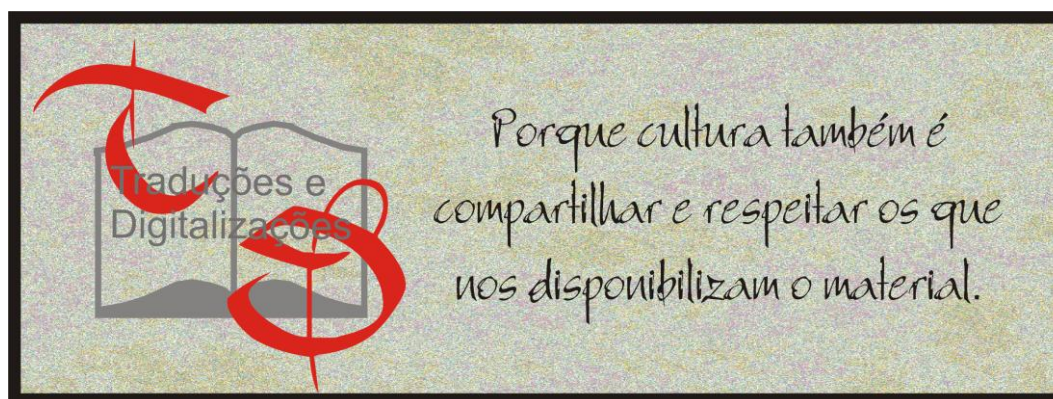
Traduções e
Digitalizações

THE MORTAL INSTRUMENTS

Book One

City of Bones

CASSANDRA CLARE



Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Tradução

Édila Lima

Revisão

Carla Ferreira



The Mortal Instruments

City of Bones (Cidade dos Ossos)

Cassandra Clare

Para meu avô

Reconhecimento

Eu gostaria de agradecer ao meu grupo de escritores, de Massachusetts All – Stars: Ellen Kushner, Delia Sherman, Kelly Link, Gavin Grant, Holly Black, e Sarah Smith. Também a Tom Holt e Peg Kerr por me encorajarem antes de eu ter o livro, e Justine Larbateslier e Eve Sinaiko por me darem os seus pensamentos sobre ele uma vez que era. Minha mãe e pai por sua dedicação, carinho, e inabalável convicção de que eu acabaria por produzir algo publicável. Jim Hill e Kate Connor por seu encorajamento e apoio. Eric pelas motos vampiras que correm com energias demoníacas e Elka por parecer melhor em preto do que a sabedoria dos seus inimigos. Theo e Val por criarem belas imagens para ir com minha prosa. Meu glamoroso agente, Barry Goldblatt, a minha talentosa editora, Karen Wojtyla. Holly por viver este livro comigo, e Josh por tornar tudo interessante.

Eu não dormi.

*Entre o agir de uma coisa horrível
E o primeiro movimento, todo o intervalo é
Como um fantasma, ou um sonho horrível:
O gênio e os instrumentos mortais
São então no conselho e o estado do homem,
Como de um pequeno reino, sofre então
A natureza de uma insurreição.*

-William Shakespeare, Julius César



Parte Um

Declínio escuro

1 - PANDEMONIUM

"Você deve que estar brincando comigo," disse o porteiro, dobrando seus braços em torno de seu enorme peito. Ele olhou para o garoto numa jaqueta vermelha de zíper e esfregou sua cabeça raspada.

"Você não pode trazer isso para cá."

Os cinquenta ou mais adolescentes na fila do lado de fora do Clube Pandemonium se inclinaram em direção para escutar. Era uma longa espera para entrar no clube de todas as idades, especialmente em um domingo, e não muito geralmente acontecia em fila. Os porteiros eram ferozes e iam para cima instantaneamente de qualquer um que parecia que iria começar uma encenação. Clary Fray de quinze anos estava em pé na fila com o seu melhor amigo, Simon, inclinado em direção junto como todo mundo, esperando por alguma coisa excitante.

"Ah, vamos lá." O garoto elevou a coisa acima de sua cabeça. Era parecido com uma trave de madeira, apontada no fim. "Isso é parte da minha fantasia."

O porteiro levantou uma sobrancelha: "Qual é?"

O garoto sorriu. *Ele parecia suficientemente normal.* Clary pensou, *para o Pandemonium.* Ele tinha cabelo pintado num azul elétrico, preso ao redor de sua cabeça como os tentáculos saindo de um polvo, sem nenhuma elaborada tatuagem facial ou grandes barras de metal atravessando suas orelhas ou lábios.

"Eu sou um caçador de vampiros." Ele empurrou para baixo sua coisa de madeira. Aquilo flexionou tão facilmente quanto uma haste de grama curvando nos lados. "É falso. Espuma de borracha. Tá vendo?"

Os enormes olhos do menino estavam muito brilhantes com o verde. Clary notou: uma cor anticongelante, grama de primavera. Lentes de contato coloridas, provavelmente. O porteiro encolheu os ombros, abruptamente entediado. "Tanto faz, entre."

O menino deslizou passando por ele, rápido quanto uma enguia. Clary gostou do ritmo dos seus ombros, o jeito como ele arremessou seus cabelos enquanto ele entrava. Havia uma palavra para ele que sua mãe teria usado – negligente.

"Você pensou que ele era uma graça," Simon disse, soando resignado. "Não pensou?"

Clary empurrou seu cotovelo nas costelas dele, mas não respondeu.



Lá dentro, o clube estava cheio de fumaça de gelo seco. Luzes coloridas tocavam a pista de dança, tornando ela um multicolorido reino folclórico com azuis e verdes ácidos, quentes rosas e dourados.

O garoto de jaqueta vermelha movimentou a longa espada afiada como uma lâmina em suas mãos, um despreocupado sorriso brincando em seus lábios. Aquilo havia sido tão fácil - um pouquinho de glamour na sua lâmina, para torná-la inofensiva. Outro glamour em seus olhos, e no momento que o porteiro olhou direto para ele, ele estava dentro. É claro, ele podia provavelmente ter entrado sem todo aquele problema, mas essa era a parte engraçada - enganar os mundanos, fazendo tudo em aberto bem na frente deles, saindo em seus olhares brancos em suas caras de ovelhas.

Não que os humanos não tinham em seus costumes. O garoto de olhos verdes escaneou a pista de dança, onde fracos membros cobertos em pedaços de seda e couro preto apareciam e desapareciam dentro das revolventes colunas de fumaça onde os mundanos dançavam. Garotas jogavam seus cabelos, garotos balançavam seus quadris cobertos por couro e a pele desnuda brilhando com o suor. Apenas vitalidade se derramava deles, ondas de energia daquilo, o preenchiam como um bêbado entorpecido. Seus lábios se curvaram. Eles não sabiam o quanto eles tinham sorte. Eles não sabiam que aquilo era como suprir vida em um mundo morto, onde o sol pairava sem energia no céu como uma brasa queimada. Suas vidas se consumiam brilhantemente como velas em chamas - e eram tão fáceis de se extinguir.

Sua mão apertou na lâmina que ele carregava, e ele começou a andar para dentro da pista de dança quando uma garota barrou seu caminho na massa de dançarinos e começou a andar em direção a ele. Ele encarou ela. Ela era bonita, para uma humana de cabelo comprido proximamente da cor de tinta negra, olhos desenhados à lápis. Um longo vestido branco, do tipo que as mulheres costumavam usar quando este mundo era jovem. Mangas rendadas tocavam ao redor de seus braços esbeltos. Ao redor do seu pescoço estava uma grossa corrente de prata, o que segurava um pingente vermelho escuro do tamanho de um punho de um bebê. Sua boca começou a se encher de água quando ela se aproximou dele. Energia vital pulsava dela como sangue numa ferida aberta. Ela sorriu, passando por ele, acenando com seus olhos. Ele se virou para segui-la, sentindo o chiar do fantasma da morte dela em seus lábios.

Aquilo era sempre fácil. Ele já podia sentir o poder da sua evaporante vida correndo através de suas veias como fogo. Humanos eram tão estúpidos. Eles tinham algo tão precioso, e eles meramente o protegiam.

Eles jogavam fora suas vidas por dinheiro, por pacotes de pó, por um estranho com um sorriso encantador. A garota era um fantasma pálido recuando através da fumaça colorida. Ela atingiu o muro e virou, juntando sua saia em suas mãos, levantando-a como se ela sorrisse para ele. Debaixo da saia, ela estava usando botas de cano longo.

Ele se juntou a ela, a pele dela se arrepiou com sua proximidade. De perto ela não era tão perfeita: Ele podia ver o rímel sobre os olhos dela, o suor grudando em seu cabelo na nuca. Ele podia sentir o cheiro da mortalidade dela, o doce da corrupção.

Te peguei, ele pensou.



Um sorriso frio curvou seus lábios. Ela se moveu para o lado, e ele podia ver que ela estava se inclinando contra uma porta fechada, NÃO ENTRE – DEPÓSITO estava escrito em tinta vermelha. Ela alcançou atrás dela a maçaneta, virando-a, escorregando para dentro. Ele pegou um vislumbre de caixas empilhadas, a fiação emaranhada. Uma sala de depósito. Ele olhou atrás dele, ninguém estava olhando. Era muito melhor se ela queria privacidade.

Ele escorregou para a sala depois dela, desconhecendo que ele estava sendo seguido.

“Então,” Simon disse, “música muito boa, heim?”

Clary não respondeu. Eles estavam dançando, ou passando por isso, um monte de remexidas para frente e para trás com ocasionais balanços em direção ao chão, como se um deles tivesse derrubado uma lente de contato – em um espaço entre um grupo de garotos adolescentes em espartilhos metálicos, e um jovem casal asiático que estavam se agarrando cheios de paixão, seus extensos cabelos coloridos emaranhados juntos como uma trepadeira. Um garoto com um piercing no lábio e uma mochila de Teddy o urso, estava segurando livre tabletes de erva de ecstasy, suas calças de paraquedista se agitando na brisa vinda da máquina de vento. Clary não estava prestando muita atenção no seu ambiente imediato – seus olhos estavam no garoto de cabelo azul que tinha falado sobre ele na entrada do clube. Ele estava rondando através da multidão como se ele estivesse procurando por alguma coisa. Tinha alguma coisa sobre o jeito como ele se movia que lembrava ela de algo...

“Eu, por um lado,” Simon começou, “estou aproveitando imensamente.”

Isso parecia improvável. Simon, como sempre, ficava preso fora do clube como uma ferida no polegar, em seus jeans e na velha camiseta onde se dizia *Feita no Brooklyn* em toda a frente. Seus cabelos recentemente lavados eram castanhos escuros ao contrário de verde ou rosa, e seus óculos ficavam curvadamente empoleirados no fim de seu nariz. Ele parecia menos como se ele estivesse contemplando os poderes das trevas e mais como se ele estivesse a caminho do clube de xadrez.

“Mmmm-hmmm.” Clary sabia perfeitamente bem que ele vinha para o Pandemonium com ela só porque ela gostava disso, e que ele achava que era chato. Ela não tinha certeza do porquê aquilo era o que ela gostava – as roupas, a música faziam aquilo como um sonho, a vida de outra pessoa, não sua real vida chata de jeito nenhum. Mas ela era sempre tão tímida para falar com alguém além de Simon.

O garoto de cabelo azul estava fazendo seu caminho fora da pista de dança. Ele parecia um pouco perdido, como se ele não tivesse encontrado quem ele estava procurando. Clary se perguntou o que poderia acontecer se ela aparecesse e se apresentasse oferecendo mostrar a ele ao redor. Talvez ele apenas olhasse para ela. Ou talvez ele fosse tímido também. Talvez ele se sentiria grato e contente, e tentasse não demonstrar isso, o jeito como os garotos faziam – mas ela saberia. Talvez...

O garoto de cabelo azul se endireitou de repente, virando sua atenção, como um cão de caça no alvo. Clary seguiu a linha do seu olhar, e viu a garota no vestido branco.

Oh, bem.

Clary pensou, tentando não se sentir como um murcho balão de festa. *Acho que é isso.* A garota era linda, o tipo de garota que gostaria de ser – alta e esbelta – com



um longo cabelo preto escorrido. Mesmo daquela distância Clary podia ver o pingente vermelho ao redor do pescoço dela. Aquilo pulsava embaixo das luzes da pista de dança como um coração separado, fora do corpo.

"Eu acho," Simon continuou, "que nesta noite o DJ Bat está fazendo um trabalho singularmente excepcional. Você não concorda?"

Clary rolou os olhos e não respondeu, Simon odiava música trance¹. Sua atenção estava na garota no vestido branco. Através da escuridão, fumaça, e neblina artificial, seu pálido vestido brilhava como um farol. Não era à toa que o garoto de cabelo azul estava seguindo ela como se ele estivesse sob um feitiço, tão distraído que não notava nada ao redor dele. Mesmo as duas rígidas formas escuras em seus calcanhares, avançando depois dele através da multidão.

Clary diminuiu sua dança e olhou. Ela podia apenas ver que aquelas duas formas eram garotos, altos e vestindo roupas pretas. Ela não podia dizer como ela sabia que eles estavam seguindo o outro garoto, mas ela sabia. Ela podia ver o caminho que eles traçavam por ele, sua cuidadosa vigilância, a furtiva graça de seus movimentos. Uma pequena flor de apreensão começou a se abrir dentro do seu peito.

"Entretanto," Simon acrescentou, "eu queria te dizer que ultimamente tenho me travestindo. Também, eu estou dormindo com sua mãe. Eu achei que você deveria saber."

A garota tinha chegado a parede, e estava abrindo a porta escrita NÃO ENTRE. Ela acenou para o rapaz de cabelo azul atrás dela, e eles deslizaram pela porta. Isso não era nada que Clary já não tenha visto antes, um casal escapando para os cantos escuros do clube para transar – mas o que fazia aquilo estranho era que eles estavam sendo seguidos.

Ela se levantou a si mesma nas pontas dos pés, tentando ver através da multidão. Os dois caras tinham parado na porta e pareciam estar deliberando um com o outro. Um deles era loiro, o outro tinha cabelo escuro. O loiro encontrou alguma coisa em sua jaqueta e puxou a coisa longa e afiada que reluziu embaixo das fortes luzes. Uma faca.

"Simon!" Clary gritou, e prendeu seu braço.

"O que?" Simon olhou alarmado. "Eu realmente não estou dormindo com sua mãe, você sabe. Eu estava apenas tentando chamar sua atenção. Não que a sua mãe não seja uma mulher muito atraente, para a idade dela."

"Você está vendo aqueles caras?" Ela apontou selvagememente, quase acertando uma curvilínea garota negra que estava dançando mais próximo. A garota encarou ela com um olhar maldoso.

"Desculpe, desculpe!" Clary virou-se de volta a Simon.

"Você não está vendo aqueles dois caras, lá? Na porta?"

Simon deu uma olhada, então balançou os ombros. "Eu não estou vendo nada."

"Há dois deles. Eles estavam seguindo o cara com o cabelo azul..."

¹ Tipo de música eletrônica.



“Aquele que você achou que era fofo?”

“Sim, mas esse não é o ponto. O loiro puxou uma faca.”

“Você tem certeza?” Simon olhou mais apurado, balançando sua cabeça. “Eu ainda não vejo ninguém.”

“Eu tenho certeza.”

De repente todo negócios, Simon endireitou seus ombros. “Eu vou chamar um dos guardas da segurança. Você fica aqui.” Ele avançou pelo caminho, se empurrando através da multidão.

Clary se voltou no momento em que viu o garoto loiro entrar pela porta de NÃO ENTRE, seu amigo perto de seus calcanhares. Ela olhou ao redor; Simon ainda estava tentando empurrar seu caminho através da pista de dança, mas ele não estava fazendo muito progresso. Mesmo se ela gritasse agora, ninguém iria ouvi-la, e até que Simon voltasse, algo terrível poderia já ter acontecido. Mordendo forte seu lábio de baixo. Clary começou a se movimentar através das pessoas.

“Qual é o seu nome?”

Ela se virou e sorriu. Tinha uma suave luz que estava na sala de depósito se derramando através das altas janelas manchadas com sujeira; pilhas de cabos elétricos, ao longo com pedaços de bolas de discoteca quebradas e latas de tinta descartadas em desordem no chão.

“Isabelle.”

“Esse é um nome legal.” Ele andou em direção a ela, passando cuidadosamente entre os fios, no caso de algum deles estar ligado. Na tênue luz ela pareceu meio transparente, branqueada de cor, envolvida em branco como um anjo. Seria um prazer fazer ela cair... “Eu não te vi por aqui antes.”

“Você está me perguntando se eu venho aqui com frequência.” Ela sorriu, cobrindo seu sorriso com sua mão. Havia uma espécie de pulseira em torno de seu pulso, logo abaixo da manga do vestido dela, então, quando ele se aproximou dela, ele viu que não era uma pulseira, mas um padrão de pintura na sua pele, uma matriz de linhas espiraladas.

Ele congelou. “Você...”

Ele não terminou. Ela se moveu com uma rapidez relâmpago, atingindo-o com sua mão aberta, um golpe em seu peito que teria levado ele ao chão arfando, se ele fosse um humano. Ele cambaleou para trás, e agora tinha alguma coisa em sua mão, um chicote enrolado que brilhava dourado, que ela jogou para baixo, curvando sobre seus tornozelos, vibrando ele em seus pés. Ele acertou o chão, encurvado, o odioso metal mordendo profundo dentro de sua pele. Ela ria, parada acima dele, e tontamente ele pensou que ele deveria ter adivinhado. Nenhuma garota humana usaria um vestido como aquele que Isabelle usava. Ela o usaria para cobrir sua pele – toda sua pele.

Isabelle sacudiu com força o seu chicote, segurando-o. Seu sorriso brilhava como água envenenada. “Ele é todo seu, garotos.”



Uma risada baixa soou atrás dele, e agora suas mãos estavam nele levantando-o para cima e o arremessando contra os pilares de concreto. Ele podia sentir a úmida pedra contra suas costas. Suas mãos foram puxadas para atrás dele, seus pulsos presos com fio. Quando ele lutou, alguém andou em volta do pilar para dentro de seu campo de visão: um garoto, tão jovem quanto Isabelle e também muito bonito. Seus olhos ocre brilhavam como fichas de âmbar.

"Então," o garoto disse. "Existe mais alguma coisa com você."

O garoto de cabelo azul podia sentir o sangue brotando debaixo do apertado metálico, fazendo seus pulsos escorregadios.

"Que outra coisa?"

"Agora vamos lá." O garoto de olhos cobre segurou suas mãos, e suas mangas escuras escorregaram para baixo, mostrando as runas pintadas sob seus pulsos, as costas das suas mãos, suas palmas. "Você sabe o que eu sou."

Lá no fundo dentro de seu crânio, a mandíbula do garoto algemado começou a ranger.

"Caçador de sombras," ele assobiou.

O outro rapaz abriu um sorriso sobre todo seu rosto. "Te peguei," ele disse.

Clary empurrou a porta da sala do depósito aberta, e andou para dentro. Por um momento ela pensou que estava deserta. As únicas janelas estavam no alto e trancadas; um ruído indistinto vinha através delas, o som de buzinas de carros e freios guinchando. A sala cheirava como tinta velha, e uma pesada camada de poeira cobria o chão, marcado por manchas de impressões de sapatos.

Não tem ninguém aqui, ela percebeu olhando ao redor desnorteada. Estava frio naquela sala, apesar do calor de agosto lá fora. Suas costas estavam geladas com o suor. Ela deu um passo para frente, emaranhando seus pés nos cabos elétricos. Ela se curvou para baixo para libertar seu tênis dos cabos – e ouviu vozes. Uma risada de garota, um rapaz respondendo aguçadamente. Então ela foi direto para cima, quando ela os viu.

Era como se eles tivessem sustentado suas existências entre um piscar de olhos dela para o outro. Ali estava a garota com seu longo vestido branco, seus cabelos pretos caindo em suas costas como úmida alga marinha. Dois garotos estavam com ela – um alto com cabelo preto como o dela, e um menor, belo, cujo cabelo lampejava como metal na fraca luz que vinha através das janelas acima. O garoto bonito estava parado com suas mãos em seus bolsos, enfrentando o garoto punk, que estava amarrado ao pilar com o que parecia um fio de piano, as mãos esticadas atrás dele, as pernas presas nos tornozelos. Seu rosto estava repuxado com dor e medo.

Com o coração martelando no seu peito, Clary se escondeu atrás do pilar de concreto mais próximo e espiou em torno dele. Ela assistiu o rapaz loiro andando para frente e para trás, seus braços agora cruzados sobre o seu peito. "Então," ele disse. "Você ainda não me disse se aqui tem outro de sua espécie com você."



Sua espécie?

Clary se perguntou do que ele estava falando. Talvez ela tenha tropeçado dentro de algum tipo de guerra de gangues.

"Eu não sei do que você está falando." O tom do garoto de cabelo azul era doloroso, mas mal-humorado.

"Ele quer dizer outros demônios," disse o garoto de cabelo escuro, falando pela primeira vez. "Você sabe o que é um demônio, não sabe?"

O garoto amarrado no pilar virou seu rosto para longe, sua boca trabalhando.

"Demônios," desenhou o rapaz loiro, traçando a palavra no ar com seu dedo. "Religiosamente definidos como habitantes do inferno, os servos de Satanás, mas entendido aqui, para os propósitos da Chave, por ser qualquer espírito malévolo cuja origem está fora de nossa própria casa dimensão..."

"Já chega, Jace," a garota disse.

"Isabelle está certa," concordou o garoto mais alto. "Ninguém aqui precisa de uma lição de semântica ou de demônologia."

Eles são loucos, Clary pensou. Realmente loucos.

Jace levantou sua cabeça e sorriu. Havia alguma coisa de selvagem sobre aquele gesto, algo que lembrava Clary nos documentários que ela havia assistido sobre leões no Discovery Channel, o modo como aqueles grandes gatos levantavam suas cabeças e cheiravam o ar pela presa.

"Isabelle e Alec pensam que eu falo muito," ele disse, confidentemente. "Você acha que eu falo muito também?"

O garoto de cabelo azul não respondeu. Sua boca ainda estava trabalhando. "Eu posso dar a você uma informação," ele disse, "Eu sei onde Valentine está."

Jace olhou de volta para Alec, que encolheu os ombros.

"Valentine está enterrado," Jace disse. "Esta coisa está apenas brincando conosco."

Isabelle jogou seu cabelo. "Mate ele, Jace," ela disse. "Isso não vai nos dizer nada."

Jace levantou sua mão, e Clary viu uma clara luz brilhar da faca que ele estava segurando. Aquilo era estranhamente translúcido, a lâmina clara como cristal, afiada como caco de vidro, o cabo fixado com pedras vermelhas.

O garoto preso ofegou. "Valentine está de volta!" ele protestou arrastando os laços que prendiam suas mãos atrás de suas costas. "Todo o Mundo Infernal sabe disso – eu sei disso – eu posso dizer a vocês onde ele está..."

Raiva subitamente flutuou nos olhos gelados de Jace. "Pelo Anjo, cada vez que nós capturamos um de vocês bastardos, vocês alegam saber onde Valentine está. Bem, nós todos sabemos onde ele está também. Ele está no inferno. E você..." Jace virou a faca em sua mão, a ponta brilhando como uma linha de fogo. "Você pode se juntar a ele lá."



Clary não pode mais se segurar. Ela andou para fora do pilar. “Pare!” ela chorou. “Você não pode fazer isso.”

Jace girou, tão assustado que a faca voou de sua mão caindo contra o piso de concreto. Isabelle e Alec juntamente se viraram como ele, usando idênticas expressões de espanto. O garoto de cabelo azul segurou em suas amarras, estupefato e boquiaberto.

E foi Alec que falou primeiro, “O que é isso?” Ele demandou, olhando de Clary para seus companheiros, como se eles não pudessem saber o que ela estava fazendo ali.

“É uma garota,” Jace disse, recobrando sua compostura. “Certamente você já viu uma garota antes, Alec. Sua irmã Isabelle é uma.” Ele deu um passo próximo a Clary, piscando como se ele não pudesse acreditar no que ele estava vendo. “Uma garota mundana,” ele disse, meio que para si mesmo. “E ela pode nos ver.”

“É claro que eu posso ver você,” Clary disse. “Eu não sou cega, sabia.”

“Ah, mas vocês são,” disse Jace, flexionando para pegar sua faca. “Você apenas não sabia disso.” Ele se endireitou. “É melhor você sair daqui, se você sabe o que é bom para você.”

“Eu não estou indo para lugar nenhum,” Clary disse. “Se eu for, vocês vão matar ele.” Ela apontou para o garoto com o cabelo azul.

“Isso é verdade,” Jace admitiu, girando sua faca entre seus dedos. “O que te importa se eu matar ele ou não?”

“Por-porque...,” Clary gaguejou. “Você não pode sair simplesmente por ai matando pessoas.”

“Você está certa,” disse Jace. “Nós não podemos sair por ai matando pessoas.” Ele apontou para o garoto com cabelo azul, cujos olhos estavam estreitos. Clary imaginou se ele iria desmaiar.

“Aquilo não é uma pessoa, garotinha. Isso pode parecer como uma pessoa e falar como uma pessoa e talvez sangrar como uma pessoa. Mas ele é um monstro.”

“Jace,” Isabelle disse alertadamente. “Já chega.”

“Vocês estão loucos,” Clary disse, se afastando dele. “Eu já chamei a policia, você sabe. Eles estarão aqui a qualquer segundo.”

“Ela está mentindo,” Alec disse, mas havia dúvida em seu rosto. “Jace, você...”

Ele não terminou a sua frase. Naquele momento o garoto de cabelo azul, com um alto, uivo de choro, rasgou livre do obstáculo que o prendia ao pilar, e arremessou a si mesmo em Jace.

Eles caíram no chão e rolaram juntos, o garoto de cabelo azul rasgando Jace com as mãos que brilhavam como se virassem metal. Clary voltou atrás, querendo correr, mas os pés dela se prenderam em um laço de fiação e ela caiu, tirando o fôlego de seu peito. Ela podia ouvir Isabelle gritando. Rolando para cima, Clary viu o garoto de cabelo azul sentado no peito de Jace. Sangue cintilava da ponta da sua lâmina como garras.



Isabelle e Alec correram em direção a ele. Isabelle brandindo um chicote em sua mão. O garoto de cabelo azul cortava Jace com garras estendidas. Jace jogou o braço para se proteger, das garras recortando ele, espalhando sangue. O rapaz de cabelo azul – deu um bote novamente – o chicote de Isabelle veio abaixo atravessando as costas dele. Ele deu um grito agudo e caiu para o lado.

Veloz como uma chibatada do chicote de Isabelle, Jace rolou. Havia uma lâmina reluzindo em sua mão. Ele afundou a faca dentro do peito do garoto de cabelo azul. Um líquido enegrecido explodiu em torno do cabo.

O garoto arqueou no piso, gorgolejando e retorcendo. Com uma careta Jace se levantou. Sua camisa preta ficou negra agora em alguns lugares, molhada com sangue. Ele olhou para baixo para aquela forma se contraindo a seus pés e puxou a faca. O cabo estava lustroso com o fluído preto.

O garoto de cabelo azul piscou os olhos abertos. Seus olhos, fixados em Jace, pareciam queimar. Entre seus dentes, ele assobiou, “Que assim seja. O desamparado terá todos vocês.”

Jace pareceu rosar. Os olhos do garoto reviraram. Seu corpo começou a estremecer e contorcer enquanto ele se enrugava, dobrando-se sobre si mesmo, decrescendo menor e menor até que ele desapareceu por completo.

Clary lutou com seus pés, chutando livre do cabo elétrico. Ela começou a andar para longe. Nenhum deles estava prestando atenção nela. Alec tinha se encontrado com Jace e estava segurando seu braço, puxando a manga, provavelmente tentando dar uma boa olhada no ferimento. Clary virou para correr – encontrou seu caminho bloqueado por Isabelle, o chicote em sua mão. O comprimento dourado daquilo estava manchado com líquido preto. Ela chicoteou aquilo em direção a Clary, e o fio enrolou em si mesmo em torno de seu pulso e o ontraiu apertando.

“Estúpida mundaninha,” Isabelle disse entre os seus dentes. “Você poderia ter permitido Jace de ter sido morto.”

“Ele é louco,” Clary disse, tentando empurrar seu pulso de volta. O chicote picando mais fundo sua pele. “Vocês todos são loucos. O que vocês pensam que são, assassinos vigilantes? A polícia...”

“A polícia não está habitualmente interessada, a menos que você produza um corpo,” Jace disse. Embalando o seu braço, ele escolheu seu caminho através dos cabos, andando em direção a Clary. Alec seguiu atrás dele, seu rosto preso em uma carranca.

Clary olhou para o local em que o menino tinha desaparecido, e não disse nada. Não havia sequer um traço de sangue, pois nada mostrava que o garoto sequer havia existido.

“Eles retornam para suas dimensões quando eles morrem,” Jace disse “No caso de você estar pensando.”

“Jace,” Alec assobiou. “Tenha cuidado.”

Jace balançou seu braço. Um macabro traço de sangue marcando seu rosto. Ele ainda lembrava ela um leão, com seu extenso passo, olhos cor de luz, e aquele tostado cabelo dourado. “Ela pode nos ver, Alec,” ele disse. “Ela já sabe demais”.



“Então, o que é que você quer que eu faça com ela?” Isabelle demandou.

“Liberte ela,” Jace disse quietamente. Isabelle olhou ele com surpresa, quase um olhar de raiva, mas não discutiu. O chicote deslizou para longe, libertando o braço de Clary. Ela friccionou seu pulso dolorido e imaginou que diabos ela faria para sair de lá.

“Talvez nós devêssemos trazer ela junto com a gente,” Alec disse. “Eu aposto que Hodge gostaria de falar com ela.”

“De jeito nenhum nós levaremos ela para o Instituto,” disse Isabelle. “Ela é uma mundana.”

“Ou ela é?” Jace disse suavemente. Seu tom calmo era pior do que a rispidez de Isabelle ou a raiva de Alec. “Você já teve relações com os demônios, garotinha? Andou com bruxos, conversou com Crianças da Noite? Você tem...”

“Meu nome não é ‘garotinha’,” Clary interrompeu. “E eu não tenho idéia do que você está falando.” *Não tem?* uma voz disse atrás de sua cabeça. *Você viu aquele garoto sumir diluído no ar. Jace não é um louco – você apenas quer que ele seja.* “Eu não acredito em demônios, ou tanto faz o que você...”

“Clary?” Era a voz de Simon. Ela girou ao redor. Ele estava parado na porta da sala do depósito. Um dos musculosos porteiros que estavam estampando as mãos na porta da frente estava próximo dele. “Você está bem?” Ele espiou ela através da escuridão. “Por que você está aqui sozinha? O que aconteceu com os caras, você sabe, aqueles com as facas?”

Clary olhou para ele, então olhou para trás dela, onde Jace, Isabelle e Alec estavam, Jace ainda em sua camiseta ensangüentada com a faca em sua mão. Ele sorriu para ela e soltando um meio-desculpando, meio-zombeteiro dar de ombros. Claramente ele não estava surpreso que nem Simon, nem o porteiro, podiam ver eles.

De algum modo nem Clary. Lentamente, ela se virou de volta para Simon, sabendo que ela tinha de olhar para ele, em pé sozinha em um quarto poeirento de armazenamento, os pés dela emaranhados no plástico brilhante dos cabos de fiação. “Pensei que eles tinham vindo para cá,” disse ela esfarrapadamente. “Mas eu acho que não. Me desculpem.” Ela olhou para Simon, cuja expressão tinha mudado de preocupado para embaraçado, para o porteiro, que parecia chateado. “Isso foi um engano.”

Atrás dela, Isabelle riu.

“Eu não acredito nisso,” Simon disse teimosamente enquanto Clary parada no meio fio, tentava desesperadamente chamar um táxi. Limpadores de rua tinham passado pela viela enquanto eles estavam dentro do clube, e a rua estava brilhando preta com água oleosa.

“Eu sei,” ela concordou. “Pensei que aqui teria taxis. Onde alguém iria à meia-noite em um Domingo?” Ela deu as costas para ele, balançando. “Você acha que teríamos mais sorte em Houston?”



“Não o táxi,” Simon disse, “Você... Eu não acredito em você. Eu não acredito que aqueles caras com facas simplesmente desapareceram.”

Clary suspirou. “Talvez não tinha nenhum cara com facas, Simon. Talvez eu tenha imaginado a coisa toda.”

“Sai fora.” Simon levantou sua mão acima de sua cabeça, mas o próximo táxi passou zumbindo, espirrando água suja. “Eu vi a sua cara quando eu entrei na sala do depósito. Você parecia seriamente fora de si, como se você tivesse visto um fantasma.”

Clary pensou em Jace com seus olhos de leão. Ela olhou para seu pulso, enrolado por uma fina linha vermelha onde o chicote de Isabelle tinha se enroscado. *Não, não um fantasma*, ela pensou. *Alguma coisa mais estranha do que aquilo.*

“Foi apenas um engano,” ela disse, secamente. Ela se perguntou porque ela não estava dizendo a ele a verdade. Exceto, é claro, que ele iria pensar que ela era maluca. E aquilo era algo que tinha acontecido – alguma coisa sobre o sangue negro borbulhando ao redor da faca de Jace, alguma coisa naquela sua voz quando ele disse ‘*Você tem falado com as Crianças da Noite?*’ aquilo ela precisava manter para ela mesma.

“Bom, aquilo foi um inferno de um embaraçoso engano,” Simon disse. Ele olhou de volta para o clube, onde uma fila ainda serpenteava na porta a meio caminho da quadra. “Eu duvido que eles irão deixar a gente entrar de volta no Pandemonium.”

“Por que você se importa? Você odeia o Pandemonium.” Clary levantou sua mão de novo para uma forma amarela veloz em direção a eles através do nevoeiro. Dessa vez, entretanto, o taxi freou para um parar em seu canto, o motorista descansando em seu volante como se ele precisasse ganhar sua atenção.

“Finalmente tivemos sorte,” Simon se empurrou para a porta aberta do taxi e deslizou dentro dos bancos cobertos de plástico. Clary seguiu ele, inalando o familiar cheiro de taxi de Nova York, de fumaça velha de cigarro, couro e spray de cabelo. “Estamos indo para o Brooklin,” Simon disse para o taxista, e então ele virou para Clary. “Olha, você sabe que pode me contar qualquer coisa, certo?”

Clary hesitou por um momento, então concordou.

“Claro, Simon,” ela disse “Eu sei que eu posso.”

Ela bateu a porta do táxi e fechou atrás dela, e o táxi arrancou dentro da noite.



2 – Segredos e Mentiras

O príncipe negro sentou em seu corcel preto, sua capa de zibelina fluindo por detrás dele. Um bracelete dourado em seus cachos loiros, sua linda face era fria com o furor da batalha, e...

"E seu braço parece com uma berinjela," Clary murmurou para si mesma com exasperação. A figura simplesmente não estava funcionando. Com um suspiro ela rasgou outra folha do seu bloco de papel, amassando e jogando contra a parede laranja de seu quarto. O chão já estava coberto com bolas descartadas de papel. Um claro sinal de que sua criatividade não estava fluindo do jeito como ela esperava. Ela desejou pela centésima vez que ele pudesse ser um pouco mais como sua mãe. Tudo que Jocelyn Fray desenhava, pintava ou rabiscava era bonito, e aparentemente sem esforço.

Clary empurrou seus fones de ouvido – cortando Stepping Razor no meio da música – e esfregou suas dolorosas têmporas. Foi só depois que ela ficou consciente de que o alto, e agudo som de um telefone tocando, estava ecoando através do apartamento. Jogando seu bloco de notas em cima da cama, ela pulou em seus pés e correu para a sala de estar, onde o antigo telefone vermelho estava assentado sobre a mesa próxima da porta da frente.

"É Clarissa Fray?" A voz do outro lado do telefone soava familiar, apesar de não imediatamente identificável.

Clary apertou o fio do telefone nervosamente ao redor de seu dedo. "Siiim?"

"Oi, eu sou um dos desordeiros que estava carregando a faca que você encontrou na noite passada, no Pandemonium? Eu temo que dei uma má impressão e esperava que você me desse a chance para fazer isso..."

"Simon!" Clary segurou o telefone afastado de sua orelha enquanto ele rachava de rir. "Isso não é engraçado!"

"É claro que é. Você apenas não vê a graça."

"Idiota." Clary suspirou, se encostando contra a parede. "Você não estaria rindo se você estivesse aqui quando eu cheguei em casa ontem à noite."

"Por que não?"

"Minha mãe. Ela não estava feliz quando nós chegamos tão tarde. Ela ficou fora de si. Foi uma bagunça."

"O que? Não foi nossa culpa haver congestionamento!" Simon protestou. Ele era o mais jovem de três crianças e tinha um finamente afiado senso de injustiça familiar.

"Certo, bem, ela não viu por esse lado. Eu desapontei ela. Eu deixei ela mal, eu fiz ela ficar preocupada, blah, blah, blah. Eu estou banida da existência dela." Clary disse, imitando precisamente a expressão de sua mãe com apenas uma ligeira pontada de culpa.



“Então, você está de castigo?” Simon perguntou, um pouquinho mais alto. Clary podia ouvir o barulho de vozes atrás dele, pessoas falando uma com a outra.

“Eu não sei ainda,” ela disse. “Minha mãe saiu esta manhã com Luke, e eles não voltaram ainda. À propósito, onde você está? No Eric?”

“Yeah. Nós só acabamos o ensaio.” Um címbalo bateu atrás de Simon. Clary piscou. “Eric estará fazendo uma leitura de poesia no Java Jones hoje à noite.” Simon foi, nomeando uma cafeteria envolta da esquina de Clary, que as vezes tinha música ao vivo à noite. “Toda a banda estará indo mostrar seu apoio. Quer vir?”

“Yeah, é claro.” Clary pausou, enrolando o fio do telefone ansiosamente. “Espere, não.”

“Calem a boca caras, estão ouvindo?” Simon gritou, a diminuição de sua voz fazendo Clary suspeitar que ele estava segurando o telefone longe da sua boca. Ele estava de volta no segundo depois, soando aborrecido. “Isso vai ser um sim ou um não?”

“Eu não sei.” Clary mordeu seu lábio. “Minha mãe ainda está com raiva pela noite passada. Eu não tenho certeza se eu posso encher mais ela pedindo por algum favor. Se eu estou indo entrar em apuros, não quero que seja por conta da péssima poesia de Eric.”

“Vamos lá, não é tão ruim,” Simon disse. Eric era seu vizinho da porta ao lado, e os dois conheciam um ao outro a maior parte de suas vidas. Eles não eram próximos do jeito que Simon e Clary eram, mas eles tinham formado uma banda de rock juntos no início do segundo ano, com os amigos de Eric, Matt e Kirk. Eles praticavam juntos fielmente na garagem dos pais de Erik toda semana.

“Por outro lado, isso não é um favor,” Simon adicionou. “É uma crítica a poesia ao redor da quadra da sua casa. Isso não é como eu estar convidando você para uma orgia na Hoboken. Sua mãe pode vir se ela quiser.”

“ORGIA EM HOBOKEN!” Clary ouviu alguém, provavelmente Eric, gritar. Outro címbalo bateu. Ela imaginou sua mãe escutando Eric ler sua poesia, e ela estremeceu por dentro.

“Eu não sei. Se todos vocês aparecerem aqui, eu acho que ela vai surtar.”

“Então eu vou sozinho. Eu te pego e nós podemos ir andando até lá juntos, encontrar com o resto deles. Sua mãe não vai se importar. Ela me ama.”

Clary teve que rir. “Sinal do questionável gosto dela, se você me perguntar.”

“Ninguém perguntou.” Simon desligou, no meio dos gritos de sua banda.

Clary desligou o telefone e olhou ao redor da sala de estar. Evidências das tendências artísticas de sua mãe estavam em todo lugar, das almofadas de veludo feitas à mão empilhadas no sofá vermelho escuro para as paredes que seguravam as pinturas de Jocelyn, paisagens cuidadosamente emolduradas, a maioria: as ruas sinuosas da cidade de Manhattan iluminadas com uma luz dourada; cenas do Prospect Park no inverno, o cinza das pontas da lagoa como renda, como os filmes branco gelo.

Na manta sobre a lareira estava uma foto emoldurada do pai de Clary. Um bonito homem parecendo pensativo – vestido de militar, seus olhos seguravam o indícios dos traços do sorriso nas linhas nos cantos. Ele tinha sido um soldado condecorado



por ter servido no exterior. Jocelyn tinha algumas de suas medalhas em uma pequena caixa em sua cama. Não que as medalhas tivesse feito qualquer coisa boa quando Jonathan Clark colidiu seu carro em uma árvore fora de Albany e morreu antes de sua filha sequer ter nascido.

Jocelyn tinha voltado a usar seu nome de solteira depois que ele morreu. Ela nunca falava sobre o pai de Clary, mas ela mantinha a caixa gravada com suas iniciais, J.C., ao lado de sua cama. Juntamente com as medalhas haviam uma ou duas fotos, uma aliança, e um único cacho de cabelo loiro. Algumas vezes Jocelyn, pegava a caixa e abria ela e segurava o cacho de cabelo, muito gentilmente, em suas mãos antes de colocá-lo de volta fechando a caixa novamente.

O som de uma chave girando na porta da frente despertou Clary do seu devaneio. Rapidamente ela se jogou no sofá e tentou olhar como se ela estivesse imersa em um dos livros² que sua mãe tinha deixado empilhados no final da mesa. Jocelyn reconhecia a leitura como um sagrado passatempo e normalmente não interrompia Clary no meio de um livro, mesmo para gritar com ela. A porta abriu com um soco. Era Luke, os braços cheios do que parecia ser grandes pedaços de papelão quadrado. Quando ele colocou-os para baixo, Clary viu que eram caixas de papelão, dobradas na horizontal. Ele endireitou-se e se virou para ela com um sorriso.

"Ei, ei-hum, Luke," ela disse. Ele lhe pediu para parar de lhe chamar de Tio Luke cerca de um ano atrás, alegando que o fazia se sentir velho, e mesmo assim ele lembrava seu tio Tom Cabin. Além disso, ele lembrou a ela suavemente, que ele não era realmente seu tio, apenas um grande amigo da mãe dela, a quem tinha conhecido por toda a sua vida.

"Onde está mamãe?"

"Estacionando o caminhão," ele disse, endireitando seu corpo frouxo com um gemido. Ele estava vestido com seu habitual uniforme: jeans velhos, uma camisa de flanela, e um par de óculos com aros dourados que estava torto sobre a parte superior do seu nariz. "Lembre-me de novo do porquê este prédio não tem elevador de serviço?"

"Porque ele é velho, e tem caráter," Clary disse imediatamente. Luke sorriu. "Para que são essas caixas?" ela perguntou.

Seu sorriso foi embora. "Sua mãe precisa empacotar algumas coisas," ele disse, evitando seu olhar.

"Que coisas?" Clary perguntou.

Ele lhe deu um aceno no ar. "Coisas extras que estão sobrando na casa. Que estão no caminho. Você sabe que ela nunca joga nada fora. Então o que está fazendo? Estudando?"

Ele arrancou o livro de sua mão e leu em voz alta: "O mundo ainda está cheio com aqueles heterogêneos seres que a mais sóbria filosofia tem descartado. Reino das fadas e Goblins, fantasmas e demônios, ainda pairam sobre..." Ele baixou o livro e olhou para ela por cima de seus óculos. "Isto é para a escola?"

"O galho dourado? Não. Sem escola por algumas semanas." Clary pegou o livro de volta dele. "É da minha mãe."

² paperback = livros com folha de brochura.



“Eu tive um pressentimento.”

Ela caiu de volta na mesa. “Luke?”

“Uh-huh?” O livro já esquecido, ele foi rumando para o conjunto de ferramentas ao lado da lareira. “Ah, aqui está.” Ele puxou uma arma laranja de fita plástica e olhou para ela com profunda satisfação.

“O que você faria se você visse uma coisa que ninguém mais poderia ver?”

A arma de fita caiu da mão de Luke, e bateu no ladrilhado da lareira. Ele se abaixou para pegá-la, não olhando para ela. “Você quer dizer se eu fosse a única testemunha de um crime, esse tipo de coisa?”

“Não, eu quero dizer, se houvesse outras pessoas ao redor, mas você fosse o único que pudesse ver alguma coisa. Como se aquilo fosse invisível para todo mundo, menos para você.”

Ele hesitou, ainda ajoelhado, a arma de fita dentada agarrada em sua mão.

“Eu sei que parece loucura,” Clary arriscou nervosamente, “mas...”

Ele se virou. Os olhos dele, muito azuis por detrás dos óculos, repousavam sobre ela com um olhar de firme afeição.

“Clary, você é uma artista, como sua mãe. Isso significa que você vê o mundo de uma maneira que outras pessoas não. É o seu dom, ver a beleza e o horror em simples coisas. Isso não te faz uma maluca, só diferente. Não há nada de errado em ser diferente.”

Clary empurrou suas pernas para cima, e descansou seu queixo sobre o seu joelho. Em seus olhos da mente ela viu a sala de depósito, Isabelle com o chicote de ouro, o garoto de cabelo azul convulsionando em seus espasmos de morte, e os olhos dourados de Jace. Beleza e horror. Ela disse, “Se meu pai estivesse vivo, você acha que ele teria sido um artista também?”

Luke olhou tomado de surpresa. Antes que ele pudesse lhe responder, a porta moveu-se aberta e a mãe de Clary caminhou dentro da sala, os saltos de sua bota estalando sobre o piso de madeira polida. Ela entregou a Luke um conjunto barulhento de chaves do carro e virou seu olhar para sua filha.

Jocelyn Fray era uma mulher magra e compacta, o cabelo dela alguns tons mais escuros do que o de Clary e duas vezes mais longo. Naquela hora ele estava trançado em um laço vermelho escuro, preso através de uma caneta grafite para segurá-lo no lugar. Ela usava um jaleco salpicado de tinta por cima de uma camiseta lavanda, botas de caminhada marrons, cuja sola estavam endurecidas com tinta a óleo.

As pessoas sempre diziam a Clary que ela parecia com sua mãe, mas ela não conseguia ver a si mesma. A única coisa que era similar entre as duas eram suas formas: Ambas eram esbeltas, com seios pequenos e quadris estreitos. Ela sabia que não era bonita como sua mãe era. Para ser bonita você tem que ser graciosa e alta. Quando você é baixa como Clary era, com apenas 1 metro e 50, você é bonitinha.



Não linda ou bonita, mas bonitinha. Em um cabelo cor de laranja e um rosto cheio de sardas, ela era a Raggedy Ann³ da boneca Barbie de sua mãe.

Jocelyn tinha um gracioso jeito de andar que faziam as pessoas virarem a cabeça para vê-la passar. Clary, pelo contrário, estava sempre tropeçando sobre os pés. A única vez que as pessoas se viraram para vê-la foi quando ela se chocou passando por eles e caiu escadas abaixo.

"Obrigada por trazer as caixas aqui em cima," a mãe de Clary disse para Luke e sorriu para ele. Ele não retornou o sorriso. O estômago de Clary embrulhou desconfortável. Era evidente que tinha alguma coisa acontecendo. "Desculpa eu demorei tanto tempo para encontrar uma vaga. Deve haver um milhão de pessoas no parque, hoje..."

"Mãe?" Clary interrompeu. "Para que são essas caixas?"

Jocelyn mordeu seu lábio. Luke piscou seus olhos em direção a Clary, silenciosamente induzindo em direção a Jocelyn. Com um nervoso puxão do seu punho, Jocelyn empurrou um pedaço de mecha do cabelo atrás de sua orelha e foi se encontrar com sua filha no sofá.

Mais de perto Clary pode ver quão cansada sua mãe parecia. Havia escuras meia-luas embaixo de seus olhos, e suas pálpebras estavam peroladas com a insônia.

"Isso é sobre a última noite?" Clary perguntou.

"Não," sua mãe disse rapidamente, e então hesitando. "Talvez um pouquinho. Você não deveria ter feito o que fez na noite passada. Você sabe disso."

"E eu já me desculpei. O que é isso? Se você está me castigando, só supere isso."

"Eu não estou," sua mãe disse, "castigando você." Sua voz estava tão tensa quanto um fio. Ela olhou para Luke que balançou sua cabeça.

"Apenas diga a ela, Jocelyn," ele disse.

"Você poderia não falar sobre mim como se eu não estivesse aqui?" Clary disse raivosamente. "E o que você quer dizer, me diga? Me dizer o que?"

Jocelyn soltou um suspiro. "Estamos saindo em férias."

A expressão de Luke ficou branca, como uma tela limpa de pintura.

Clary balançou a cabeça dela. "Isso é o que estamos falando? Você está saindo de férias?" Ela afundou de volta contra as almofadas. "Eu não entendi. Porque a grande produção?"

"Eu não acho que você entendeu. Eu queria dizer que todos nós estamos saindo de férias. Os três de nós, você, eu e Luke. Estamos indo para a fazenda."

"Oh." Clary olhou para Luke, mas ele tinha seus braços cruzados sobre seu peito e estava olhando lá fora da janela, seu queixo estava apertado. Ela imaginou o que estava chateando ele. Ele amava a velha fazenda no norte do estado de Nova York – ele tinha comprado e restaurado ela, há dez anos atrás, e ele ia lá sempre que podia. "Por quanto tempo?"

³ Raggedy Ann é uma boneca de pano.



"Pelo resto do verão," Jocelyn disse. "Eu comprei as caixas para o caso de você precisar empacotar alguns livros, material de pintura..."

"Pelo resto do verão?" Clary sentou ereta com indignação. "Eu não posso fazer isso, mãe. Eu tenho planos – Simon e eu estaremos indo para uma festa de volta à escola, e eu tenho um monte de reuniões com meu grupo de arte, dez ou mais aulas de Tisch⁴..."

"Eu sinto muito sobre o Tisch. Mas as outras coisas podem ser canceladas. Simon irá entender, e também seu grupo de arte."

Clary ouviu a implacabilidade no tom de sua mãe e percebeu que ela estava séria. "Mas eu paguei por aquelas aulas de arte! Eu economizei o ano todo! Você prometeu." Ela girou, tornando para Luke. "Fala pra ela! Fala pra ela que não é justo!"

Luke não olhou para longe da janela, entretanto um músculo pulou em sua bochecha. "Ela é sua mãe. É a decisão dela."

"Eu não saquei." Clary virou de volta para sua mãe. "Porque?"

"Eu tenho que partir, Clary," Jocelyn disse, os cantos de sua boca tremendo. "Eu preciso de paz, de quietude, da pintura. E dinheiro está apertado agora..."

"Então venda alguma coleção do papai," Clary disse com raiva, "isso é o que você sempre faz não é?"

JoceIyn se encolheu. "Isso dificilmente é justo."

"Olha, vá se você quiser ir. Eu não me importo. Eu vou ficar aqui sem você. Eu posso trabalhar, eu posso conseguir um emprego na Starbucks ou coisa assim. Simon disse que eles estão sempre contratando. Sou velha o suficiente para cuidar de mim mesma..."

"Não!" A violência na voz de Jocelyn fez Clary pular. "Eu vou pagar você por suas aulas de arte, Clary. Mas você vai conosco. E isso não é opcional. Você é muito jovem para ficar aqui por conta própria. Algo pode acontecer."

"Como o quê? O que poderia acontecer?" Clary demandou.

Houve um acidente. Ela virou com surpresa ao ver que Luke tinha derrubado uma das fotos emolduradas inclinadas contra a parede. Parecendo nitidamente chateado, ele a colocou de volta. Quando ele se endireitou, sua boca estava em uma linha sinistra. "Estou indo embora."

Jocelyn mordeu seu lábio. "Espere." Ela se apressou atrás dele para a entrada, o alcançando justo quando ele pegava a maçaneta. Girando em torno do sofá, Clary só pode ouvir sua mãe sussurrar urgente. "...Bane," Jocelyn estava dizendo. "Eu tenho ligado para ele, e chamado-o pelas últimas três semanas. Seu correio de voz dizia que ele está na Tanzânia. O que eu deveria fazer?"

"Jocelyn." Luke balançou a cabeça. "Você não pode continuar com ele para sempre."

⁴ Tisch é uma palavra alemã para mesa. Não entendi se são aquelas aulas com madeira, bricolagem...



"Mas Clary..."

"Não é Jonathan," Luke assobiou. "Você nunca mais foi a mesma desde o que aconteceu, mas Clary não é Jonathan."

O que meu pai tinha haver com isso? Clary pensou, perplexa.

"Não posso simplesmente deixá-la em casa, não deixá-la sair. Ela não vai pôr-se com ele."

"Claro que ela não vai!" Luke pareceu realmente irritado. "Ela não é um animal de estimação, ela é uma adolescente. Quase uma adulta."

"Se nós fomos para fora da cidade..."

"Fale com ela, Jocelyn." A voz de Luke estava firme. "Eu quero dizer isso." Ele chegou a maçaneta.

A porta voou aberta. Jocelyn deu um pequeno grito.

"Jesus!" Luke exclamou.

"Realmente, sou só eu," Simon disse. "Embora eu tenha sido informado que a semelhança é surpreendente." Ele acenou para Clary da porta. "Está pronta?"

Jocelyn puxou a mão dela afastando de sua boca. "Simon, você estava escutando?"

Simon piscou. "Não, eu apenas cheguei aqui." Ele olhou para o rosto pálido de Jocelyn, para a careta de Luke. "Tem alguma coisa errada" Eu devo ir?"

"Não se incomode," disse Luke. "Eu acho que nós terminamos aqui". Ele empurrou, passando por Simon, descendo com barulho pelas escadas em um passo rápido. Lá em baixo, a porta da frente bateu com força.

Simon ficou indeciso na porta, parecendo incerto. "Eu posso voltar mais tarde," disse ele. "Sério. Não seria um problema."

"Isso pode...", Jocelyn começou, mas Clary já estava em pé.

"Esquece isso, Simon. Nós estamos saindo," ela disse, agarrando sua bolsa de um gancho junto à porta. Ela a lançou sobre o seu ombro, olhando para sua mãe. "Te vejo mais tarde, mãe."

Jocelyn mordeu seu lábio. "Clary, você não acha que devemos falar sobre isso?"

"Nós vamos ter todo o tempo para falar enquanto nós estivermos de 'férias'." Clary disse venenosamente, e teve a satisfação de ver sua mãe recuar. "Não espere," ela adicionou, e, segurando o braço de Simon, ela meio que carregou ele para porta da frente.

Ele girou seus calcanhares, olhou se desculpando sobre seus ombros para a mãe de Clary, que ficou pequena e abandonada na entrada, as mãos entrelaçadas bem juntas. "Tchau, Sra. Fray!" ele falou. "Tenha uma boa noite!"



"Ah, cala boca, Simon," Clary rebateu, e batendo a porta atrás deles, cortando a resposta da sua mãe.

"Jesus, mulher, não arranque meu braço," Simon protestou enquanto Clary rebocava ele descendo depois dela, suas sapatilhas verdes batendo contra a escada de madeira a cada passo zangado. Ela olhou para cima, meio que esperando ver sua mãe olhando para baixo, mas a porta do apartamento permaneceu fechada.

"Me desculpe," Clary murmurou, largando o pulso dele. Ela pausou os pés nas escadas, sua bolsa batendo contra seu quadril.

O triplex de Clary, como a maioria em Park Slope, tinha sido a única residência de uma família rica. Máscaras de sua antiga grandeza ainda eram evidentes nas curvas da escada, o estragado piso em mármore da entrada, bem como a única e larga – faceta da clarabóia acima. Agora, a casa era dividida em apartamentos separados, e Clary e sua mãe dividiam o terceiro andar do edifício com um inquilino, uma mulher idosa que dirigia uma loja psíquica fora de seu apartamento. Ela quase nunca saía mesmo, embora as visitas dos clientes fossem freqüentes. Uma placa dourada fixada na porta proclamava ela como madame DOROTHEA, VIDENTE E PROFETISA.

O espesso doce aroma de incenso derramado da porta meio aberta para o saguão. Clary podia ouvir um baixo murmúrio de vozes.

"É bom ver que ela está expandindo o negócio," disse Simon. "É difícil se estabelecer com o trabalho de profeta hoje em dia."

"Você tem que ser sarcástico com tudo?" Clary rebateu.

Simon piscou, claramente tomado de surpresa. "Eu pensei que você gostava quando eu era espirituoso e irônico".

Clary estava para responder quando a porta da Madame Dorothea impulsionou totalmente aberta e um homem saiu. Ele era alto com uma pele cor de caramelo, olhos dourados como de um gato, e um bagunçado cabelo preto. Ele sorriu ofuscante para ela, mostrando nítidos dentes brancos.

Uma onda de tontura veio sobre ela, a forte sensação de que ela iria desmaiar.

Simon olhou para ela preocupado. "Tá tudo bem com você? Você parece que vai desmaiar."

Ela piscou para ele. "O que? Não, eu estou bem."

Ele pareceu não querer cair nessa. "Parece que você acabou de ver um fantasma."

Ela balançou sua cabeça. A memória de ter visto alguma coisa importunou ela, mas quando ela tentou se concentrar, aquilo deslizou pra longe como água. "Nada, eu acho que vi o gato de Dorothea, mas eu acho que foi só um truque de luz." Simon olhou para ela. "Eu não comi nada desde ontem," ela adicionou defensivamente. "Eu acho que estou um pouquinho fora."

Ele deslizou um confortante braço ao redor de seus ombros. "Vamos lá, vou te comprar alguma comida."



"Eu simplesmente não posso acreditar que ela está sendo assim," Clary disse pela quarta vez, perseguindo um pouco o pedaço de guacamole⁵ ao redor do seu prato com a ponta de um nacho. Eles estavam em um conjunto em um bairro mexicano, um buraco na parede chamado Nacho Mama. "Como me deixar de castigo toda semana não fosse ruim o suficiente. Agora eu estou sendo exilada pelo resto do verão."

"Bom, você sabe, sua mãe é assim às vezes," disse Simon. "Como quando ela respira para dentro ou para fora." Ele sorriu para ela envolvido com seu burrito vegetariano.

"Ah, com certeza, haja como se fosse engraçado," ela disse. "Você não é quem vai ser arrastado para o meio do nada, para Deus sabe quão longe..."

"Clary."

Simon interrompeu sua tirada. "Eu não sou a pessoa que você está brava. Além disso, isso não vai ser permanente."

"Como você sabe disso?"

"Bom, porque eu conheço sua mãe," Simon disse, depois de uma pausa. "Quero dizer, eu e você temos sido amigos pelo que, 10 anos agora? Eu sei que ela gosta disso às vezes. Ela vai pensar melhor."

Clary pegou uma pimenta do seu prato e mordiscou o canto pensativamente. "Você, acha?" ela disse. "Quero dizer, conhece ela? Eu às vezes me pergunto se alguém conhece."

Simon piscou para ela. "Você me perdeu."

Clary sugou o ar para esfriar sua boca queimando. "Quero dizer, ela nunca fala de si mesma. Eu não sei nada sobre sua juventude, ou sua família, ou muito menos sobre como ela conheceu o meu pai. Ela não tem sequer fotos do casamento. É como se a vida dela tivesse começado quando ela me teve. Isso é o que ela sempre diz quando eu lhe pergunto sobre isso."

"Ah." Simon fez uma cara para ela. "Isso é doce."

"Não, não é. É estranho. É estranho eu não saber nada sobre meus avós. Quero dizer, eu sei que os pais de meu pai não são muito legais com ela, mas eles poderiam ser assim tão maus? Que tipo de pessoa não quer conhecer sua neta?"

"Talvez ela odeie eles. Talvez eles fossem abusivos ou algo assim." Simon sugeriu. "Ela tem aquelas cicatrizes."

Clary encarou ele. "Ela tem o que?"

Ele engoliu um bocado de burrito. "Aquelas cicatrizes fininhas. Todas sobre suas costas e braços. Eu vi sua mãe, em um maiô, você sabe."

"Eu nunca notei nenhuma cicatriz," Clary disse decididamente, "Eu acho que você está imaginando coisas."

⁵ Prato mexicano feito com abacate.



Ele olhou para ela, e pareceu que ia dizer alguma coisa quando seu celular vibrou em sua bolsa, começando um insistente volume alto. Clary pescou ele, olhou para os números piscando na tela e fez uma careta. "É minha mãe."

"Eu podia dizer só de olhar para sua cara. Você vai falar com ela?"

"Não agora," Clary disse sentindo uma familiar ponta de culpa em seu estômago quando o telefone parou de tocar e o correio de voz pegou. "Eu não quero brigar com ela."

"Você sempre pode ficar na minha casa," Simon disse. "O tempo que você precisar."

"Bom, vamos ver se ela se acalma primeiro." Clary apertou o botão do correio de voz de seu telefone. A voz de sua mãe soava tensa, mas ela claramente estava tentando ser suave: "Querida, me desculpe se eu empurrei o plano de férias em você. Venha para casa e nós vamos conversar." Clary desligou seu telefone antes que a mensagem acabasse, sentido-se culpada e ainda brava ao mesmo tempo. "Ela quer falar sobre isso."

"Você quer falar com ela?"

"Eu não sei." Clary esfregou a parte de trás de sua mãos sobre os seus olhos. "Você ainda vai para a leitura de poesia?"

"Eu prometi que eu iria."

Clary se levantou, empurrando sua cadeira para trás. "Então eu vou com você. Eu ligo para ela quanto tiver terminado." A alça de sua bolsa deslizou para baixo de seu braço. Simon a empurrou de volta distraidamente, seus dedos se demorando na pele desnuda de seu ombro.

O ar lá fora estava esponjoso com a umidade, a umidade frisando o cabelo de Clary e grudando a camiseta azul de Simon em suas costas. "Então, o que há com a banda?" ela perguntou. "Algo novo? Houve muita gritaria no fundo quando eu falei com você mais cedo."

O rosto de Simon se iluminou. "As coisas estão ótimas," ele disse. "Matt disse que ele conhece alguém que poderia nos levar para um show no Scrap Bar. Nós estávamos falando sobre nomes de novo também."

"Ah, é?" Clary escondeu um sorriso. A banda de Simon nunca realmente produziu nenhuma música. Principalmente quanto eles estavam sentados na sala de estar de Simon. Lutando pelos nomes em potencial e logotipos de banda. Ela, as vezes, imaginava se algum deles poderia realmente tocar um instrumento. "O que tem na mesa?"

"Nós estávamos escolhendo entre Sea Vegetable Conspiracy e Rock Solid Panda."

Clary balançou sua cabeça. "Ambos são terríveis."

"Eric sugeriu Lawn Chair Crisis."

"Talvez Eric deva se manter apostando."

"Mas então nós teríamos de encontrar um novo baterista."



"Ah, isso é o que Eric faz? Pensei que ele só pegasse dinheiro de você e saia por aí dizendo as garotas na escola que ele estava em uma banda, a fim de impressionar elas."

"De jeito nenhum," Simon disse rapidamente. "Eric ficou novo em folha. Ele tem uma namorada. Eles estão saindo há três meses."

"Praticamente casados," disse Clary, contornando um casal carregando uma criança em um carrinho: uma garotinha com presilhas de plástico amarelo em seus cabelos estava apertando uma boneca com asas douradas, riscadas de safira. Pelo cantinho do olho de Clary ela pensou ter visto as asas flutuarem. Ela virou a cabeça dela apressadamente.

"Isso significa," Simon continuou, "que eu sou o último membro da banda que não tem uma namorada. Isso, você sabe, é o único ponto de estar em uma banda. Conseguir garotas."

"Eu pensei que isso tudo era sobre música." Um homem com um pedaço de cana atravessou seu caminho, em direção a rua Berkeley. Ela olhou para longe, com medo de que, se ela olhasse para alguém por muito tempo eles brotassem asas, braços extras, ou longas e bifurcadas línguas como de cobras. "Quem se importa se você tem uma namorada, afinal?"

"Eu me importo," Simon disse acabrunhado. "Muito em breve as únicas pessoas largadas sem uma namorada serão eu e o Wendell, o zelador da escola, e ele cheira a Windex⁶.

"Pelo menos você sabe que ele ainda está disponível."

Simon encarou. "Não tem graça, Fray."

"Há sempre Sheila 'A correia' Barbarino." Clary sugeriu. Clary sentava atrás dela na aula da matemática no nono tempo. Toda vez que Sheila derrubava seu lápis, o que era frequentemente, Clary tinha o convite da visão da calcinha entrando acima do cós do seu acentuado-super-baixo jeans.

"Essa é quem Eric tem se encontrado pelos últimos três meses," Simon disse. "Seu conselho, entretanto, devia ser que eu devesse apenas decidir qual garota na escola tem o corpo mais bonito e chamar ela para sair no primeiro dia de aulas.

"Eric é um porco machista," Clary disse, de repente não querendo saber qual garota na escola Simon achava que tinha o corpo mais bonito. "Talvez você devesse chamar a banda de 'Os Porcos Machistas'."

"Isso tem uma ligação." Simon pareceu interessado. Clary fez uma cara para ele, sua bolsa vibrando com o seu telefone tocando. Ela pescou ele fora do bolso fechado com zíper.

"É a sua mãe de novo?" ele perguntou.

Clary acenou com a cabeça. Ela podia ver sua mãe em seus olhos da mente, pequena e sozinha na porta da frente do apartamento. Culpa expandiu em seu peito.

⁶ Windex é um produto para limpar vidros.



Ela olhou acima para Simon, que estava olhando para ela, seus olhos escuros com interesse. Seu rosto era tão familiar que ela poderia traçar suas linhas durante seu sono. Ela pensou nas solitárias semanas que se esticavam a sua frente sem ele, ela empurrou o telefone de volta para sua bolsa.

“Vamos.” Ela disse. “Vamos nos atrasar para o show.”



3 – Caçador de Sombras

Na hora em que chegamos ao Java Jones, Eric já estava no palco, remexendo para frente e para trás, em frente ao microfone com seus olhos semi-fechados. Ele pintou as pontas de seu cabelo de rosa para a ocasião. Atrás dele, Matt, parecia chapado, batendo irregularmente um djembe⁷.

"Isso vai ser tão difícil de absorver," Clary predisse. Ela agarrou a manga de Simon e arrastou ele em direção a porta de entrada. "Se nós tivermos que correr por causa disso, nós ainda podemos escapar."

Ele balançou sua cabeça com determinação. "Eu sou um nada, se não for um homem de palavra." Ele endireitou seus ombros. "Vou pegar o café, se você nos encontrar um lugar. O que você quer?"

"Apenas café. Preto..." *como minha alma.*

Simon saiu em direção ao balcão, murmurando sob sua respiração sobre os efeitos de se estar longe, distância era a melhor coisa que ele fez agora, do que ele fazer mais cedo. Clary saiu para encontrar para eles um lugar para sentar.

A cafeteria estava lotada para uma segunda-feira, a maior parte dos sofás e poltronas puídas estavam tomadas por adolescentes aproveitando uma noite na semana livre. O cheiro de café e cigarros de cravo da Índia era esmagador. Finalmente Clary encontrou um desocupado assento duplo em um canto escuro em direção ao fundo. A única pessoa próxima era uma garota loira com um top cor de laranja, absorvida em mexer no seu iPod. *Ótimo, Clary pensou, Eric não será capaz de nos achar aqui atrás do show e nos perguntar como sua poesia estava.*

A garota loira se inclinou para o lado de sua cadeira e tocou Clary no ombro. "Me desculpe." Clary olhou com surpresa. "Ele é seu namorado?" a garota perguntou.

Clary seguiu a linha do olhar da garota, já preparada para dizer, *Não, eu não conheço ele*, quando ela notou que a garota falava de Simon. Ele estava andando em direção a elas, seu rosto fechado em concentração como se ele tentasse não derrubar nada dos seus copos de isopor; "Uh, não," Clary disse. "Ele é um amigo meu."

A garota ficou radiante. "Ele é tão fofo. Ele tem namorada?"

Clary hesitou por um segundo mais longo antes de responder. "Não".

A garota olhou com suspeita. "Ele é gay."

Clary foi poupada de responder esta com a volta de Simon. A loira sentou de volta precipitadamente enquanto arrumava os copos na mesa e atirava-se a si mesmo, próximo a Clary. "Odeio quando eles acabam com as canecas. Essas coisas estão quentes." Ele soprou seus dedos e fez uma careta. Clary tentou esconder o sorriso enquanto olhava para ele. Normalmente ela nunca pensava em se Simon era bonito ou não. Ele tinha lindos olhos escuros, ela supôs, e ele tinha encorpado mais durante

⁷ Djembe instrumento de percussão originário da Guiné – África ocidental.



o ano ou coisa assim. Com o corte de cabelo certo... "Você está me encarando," Simon disse. "Porque você está me encarando? Tem alguma coisa no meu rosto?"

Eu tenho que dizer a ele, ela pensou, entretanto parte dela estava estranhamente relutante. *Eu seria uma má amiga se eu não dissesse.* "Não olhe agora, mas aquela garota loira lá acha você uma gracinha," ela sussurrou.

Os olhos de Simon fitaram a lateral para cravar na garota, que estava industriosamente estudando uma edição do Shonen Jump. "A garota com um top laranja?" Clary concordou. Simon olhou com dúvida. "O que te fez pensar assim?"

Diga a ele. Vá em frente, diga a ele.

Clary abriu sua boca para responder, e foi interrompida por um estouro em resposta. Ela piscou e cobriu suas orelhas enquanto Eric, no palco, lutava com seu microfone.

"Nos desculpe por isso, gente!" ele gritou, "Tudo bem, eu sou Eric, e este é o meu amigo Matt na percussão. O meu primeiro poema se chama 'Sem título'."

Ele comprimiu seu rosto com se estivesse com dor e choramingou pelo microfone. "Venha, minha fanática foice. Minha nefasta força motriz. Espalhe cada protuberância com zelo árido!"

Simon deslizou em sua cadeira. "Por favor não diga a ninguém que eu conheço ele."

Clary riu. "Quem utiliza a palavra geratriz?"

"Eric," Simon disse horrivelmente. "Em todos os seus poemas tem geratriz neles."

"Bombástico em meu tormento!"

Eric lamentou. "Agonia incha dentro!"

"Pode apostar que sim," Clary disse. Ela deslizou para o lado do banco de Simon. "À propósito, sobre a garota que acha você bonitinho..."

"Isso não importa, por agora," Simon disse. Clary piscou para ele com surpresa. "Tem uma coisa que eu precisava falar com você."

"Furious Mole⁸ não é um bom nome para uma banda," Clary disse imediatamente.

"Não isso," Simon disse. "É sobre o que nós falamos antes. Sobre eu não ter uma namorada."

"Oh." Clary levantou um ombro em uma encolhida. "Ah, eu não sei. Convide Jaida Jones," ela sugeriu, nomeando uma das poucas garotas de St. Xavier que ele realmente gostava. "Ela é legal, e ela gosta de você."

"Eu não quero chamar Jaida Jones para sair."

"Porque não?" Clary se encontrou tomada por um súbito, inespecífico ressentimento. "Você não gosta de garotas inteligentes? Ainda buscando um corpo perfeito?"

"Nem um, nem outro," Simon disse, parecendo agitado. "Eu não quero convidá-la para sair, porque realmente não seria justo com ela que eu tivesse..."

⁸ Pode ter alguns significados aqui, toupeira furiosa, verruga irada...enfim, não dá pra traduzir certos nomes próprios...



Ele pulou fora. Clary se inclinou para frente. Pelo canto do seu olho ela podia ver que a garota loira se inclinou para frente também, claramente escutando. “Porque não?”

“Porque eu gosto de alguém,” Simon disse.

“Ok.” Simon parecia vagamente esverdeado, como da vez quando ele quebrou seu tornozelo jogando futebol no parque e teve que sair mancando para casa. Ela se perguntou o que na terra sobre estar gostando de alguém poderia possivelmente dar a ele esse tanto de ansiedade. “Você não é gay, é?”

“A cor esverdeada de Simon ficou mais profunda. “Se eu fosse, eu me vestiria melhor.”

“Então, quem é ela?” Clary perguntou. Ela estava prestes a acrescentar que se ele estivesse apaixonado por Sheila Barbarino, Eric iria dar um chute em seu rabo, quando ela ouviu alguém tossir alto atrás dela. Era um ridículo tipo de tosse, o tipo do ruído em que alguém poderia fazer tentando não rir alto.

Ela virou ao redor.

Sentado sobre um desbotado sofá verde a poucos metros de distância estava Jace. Ele usava as mesmas roupas escuras que ele tinha usado na noite anterior no clube. Seus braços estavam nus e coberto com fracas linhas brancas como antigas cicatrizes. Seus punhos envolvidos em largos braceletes de metal; ela podia ver a protuberância do cabo de uma faca no lado esquerdo. Ele estava olhando direto para ela, o canto de sua estreita boca curvado em diversão. Pior do que estar sendo gozada era a absoluta convicção de Clary que ele não estava ali há cinco minutos atrás.

“O que é?” Simon seguiu o olhar dela, mas era óbvio pela expressão em seu rosto que ele não podia ver Jace.

Mas eu vejo você.

Ela encarou Jace enquanto ela pensava nele, e ele levantou sua mão esquerda para acenar para ela. Um anel brilhou em seu longo dedo. Ele ficou em seus pés e começou a andar, despreocupadamente, em direção a porta. Os lábios de Clary se separaram em surpresa. Ele estava saindo, desse jeito.

Ela sentiu a mão de Simon em seu braço. Ele estava falando seu nome, perguntando a ela se tinha algo errado. Ela vagamente ouviu ele. “Eu vou estar de volta,” ela ouviu a si mesma dizer, enquanto ela saía do sofá, quase se esquecendo de colocar seu copo de café para baixo. Ela correu em direção a porta, deixando Simon olhando após ela.

Clary rompeu através das portas, apavorada de que Jace teria desaparecido nas sombras do beco como um fantasma. Mas ele estava lá, relaxado contra a parede. Ele tinha acabado de pegar algo de seu bolso e estava empurrando os botões naquilo. Ele olhou com surpresa quando as portas da cafeteria se fecharam atrás dela.

No rapidamente fim do crepúsculo, seu cabelo parecia cobre dourado. “A poesia do seu amigo é terrível,” ele disse.

Clary piscou, pega momentaneamente fora de guarda. “O que?”



“Eu disse que a poesia era terrível. Aquilo parece como se ele comesse um dicionário e começasse a vomitar as palavras aleatoriamente.”

“Eu não me importo com a poesia de Eric.” Clary estava furiosa. “Eu preciso saber do porque você está me seguindo.”

“Quem disse que eu estava seguindo você?”

“Boa tentativa. E você estava escutando também. Você não quer me dizer sobre o que isso se trata, ou eu deveria apenas chamar a polícia?”

“E dizer a eles o que?” Jace disse intimidando. “Que pessoas invisíveis estão aborrecendo você? Acredite-me, garotinha, a polícia não vai prender alguém que não pode ver.”

“Eu te disse antes, meu nome não é garotinha,” ela disse entre seus dentes. “É Clary.”

“Eu sei,” ele disse. “Lindo nome. Com a erva, clary sage⁹. Nos velhos tempos as pessoas pensavam que comendo suas sementes elas poderiam ver a tribo das fadas. Você sabia disso?”

“Eu não tenho idéia de sobre o que você está falando.”

“Você não sabe muito, não é?” ele disse. Havia um preguiçoso desprezo em seus olhos de ouro. “Você parece ser um mundano, como qualquer outro mundano, mas você pode me ver. Isso é um enigma.”

“O que é um mundano?”

“Alguém do mundo humano. Alguém como você.”

“Mas você é humano.” Clary disse.

“Eu sou,” ele disse. “Mas eu não sou como você.” Não havia nenhuma defensiva em seu tom. Ele soava como se ele não se importasse se ela acreditava ou não.

“Você pensa que é melhor. É por isso que você estava rindo de nós.”

“Eu estava rindo de você porque declarações de amor me divertem, especialmente quando não são correspondidas,” ele disse. “E porque Simon é o mais mundano dos mundanos que eu já encontrei. E porque Hodge acha que você pode ser perigosa, mas se você for, você certamente não sabe disso.”

“Eu sou perigosa?” Clary ecoou atônita. “Eu vi você matar alguém na última noite. Eu vi você direcionar uma faca embaixo de suas costelas e...” e eu vi ele retalhar você com dedos como lâminas de gilete. Eu vi você cortado e sangrando, e agora você parece como se nada nunca tivesse tocado você.

“Eu posso ser um assassino,” Jace disse, “mas eu sei quem eu sou. Você pode dizer o mesmo?”

“Eu sou um ser humano comum, do jeito como você disse. Quem é Hodge?”

“Meu tutor. E eu não seria tão rápido para marcar a mim mesmo como comum, se eu fosse você.” Ele se inclinou para frente. “Deixe-me ver sua mão direita”.

⁹ Sálvia.



“Minha mão direita?” Clary repetiu. Ele concordou. “Se eu te mostrar minha mão, você vai me deixar em paz?”

“Certamente.” Sua voz tinha uma ponta de divertimento.

Ela segurou sua mão com má vontade. Ela parecia pálida na meia-luz que saia das janelas, os nós dos dedos com leve restos de sardas. De alguma forma ela se sentiu exposta como se ele tivesse puxado sua blusa e mostrado seu peito nu. Ele tomou a mão na sua e a virou. “Nada.” Ele soou quase desapontado. “Você não é canhota, é?”

“Não. Por que?”

Ele soltou sua mão com um encolher de ombros. “A maioria das crianças caçadoras de sombras são marcadas em suas mãos direitas ou esquerda, se elas são canhotas como eu sou – então elas ainda são jovens. É uma permanente runa que dá uma extra habilidade com armas.” Ele mostrou a palma de sua mão esquerda, ela parecia perfeitamente normal para ela.

“Eu não vejo nada,” ela disse.

“Deixe sua mente relaxar,” ele sugeriu. “Espere isso vir até você. Como se esperasse por alguma coisa que elevasse na superfície da água.”

“Você é maluco.” Mas ela relaxou, olhando para sua mão, vendo as pequenas linhas atravessando os nós dos dedos, as longas articulações dos dedos...

Aquilo pulou para fora tão subitamente, piscando como um sinal de pare. Um desenho negro como um olho na parte de trás de sua mão. Ela piscou, e ele desapareceu. “Uma tatuagem?”

Ele sorriu convencido e recolheu sua mão. “Eu pensei que você pudesse fazer isso. E isso não é uma tatuagem, é uma marca. São runas, queimadas em nossa pele.”

“Elas fazem com que você lide com armas melhor?” Clary achou isso difícil de acreditar, mas talvez não mais difícil do que acreditar na existência de zumbis.

“Diferentes marcas fazem diferentes coisas. Algumas são permanentes mas a maioria some quando elas não são utilizadas.”

“Esse é o porque de seus braços não estarem todos marcados hoje?” ela perguntou. “Mesmo quando eu me concentrar?”

“É exatamente por isso.” Ele soou satisfeito consigo mesmo. “Eu sabia que você tinha a Visão, pelo menos.” Ele olhou para o céu. “Está quase completamente escuro. Nós temos que ir.”

“Nós? Eu pensei que você estava indo me deixar sozinha.”

“Eu menti,” Jace disse sem uma centelha de vergonha. “Hodge disse que tenho que trazê-la ao Instituto comigo. Ele quer falar com você.”

“Por que ele precisa falar comigo?”

“Porque você sabe a verdade agora,” ele disse. “Não tem havido um mundano que saiba sobre nós pelos últimos cem anos.”



“Sobre nós?” ela repetiu. “Você quer dizer pessoas como você. Pessoas que acreditam em demônios.”

“Pessoas que matam eles,” Jace disse. “Somos chamados de Caçadores de Sombras. Pelo menos é isso o que chamamos a nós mesmos. Os Downworlders tem nomes menos elogiosos para nós.”

“Downworlders?”

“As crianças da noite. Bruxos. Visões. Os mágicos moradores desta dimensão.”

Clary balançou sua cabeça. “E não para por aí. Eu suponho que também existem, o que, vampiros e zumbis?”

“Claro que eles existem,” Jace informou a ela. “Apesar de você encontrar mais zumbis principalmente no sul, onde os sacerdotes são voodus.”

“E sobre múmias? Elas só ficam no Egito?”

“Não seja ridícula. Ninguém acredita em múmias.”

“Elas não?”

“Claro que não,” Jace disse. “Olhe Hodge vai explicar tudo isso quando você vê-lo.”

Clary cruzou seus braços sobre seu peito. “E se eu não quiser ver ele?”

“Problema seu. Você pode vir por bem ou por mal.”

Clary não acreditava em seus ouvidos. “Você está ameaçando me seqüestrar?”

“Se você quer olhar isso desse modo,” Jace disse, “sim.”

Clary abriu sua boca para protestar raivosamente, mas ela foi interrompida por um estridente e buzinate barulho. Seu telefone estava tocando novamente.

“Vá em frente e atenda isso se você quiser,” Jace disse generosamente.

O telefone parou de tocar, então começou a tocar de novo, alto e insistente. Clary fechou a cara, sua mãe estava realmente surtando. Ela meio que virou para longe de Jace e começou a escavar sua sacola. Até o momento que ela encontrou o telefone, ele estava no terceiro toque. Ela o levantou até sua orelha.

“Mãe?”

“Ah, Clary. Ah, graças a Deus.” Uma ponta afiada de alarme correu pela espinha de Clary. A mãe dela soava em pânico. “Me escute...”

“Está tudo bem, mãe. Eu estou bem. Eu estou a caminho de casa...”

“Não!” Terror fragmentava a voz apressada de Jocely. “Não venha para casa! Você está me entendendo, Clary? Não se atreva a vir para casa. Vá para casa de Simon. Vá direto para casa de Simon e fique lá até que eu possa...” Um barulho no fundo interrompeu ela: o som era de alguma coisa caindo, estilhaçando, algo pesado acertando o chão...



“Mãe!” Clary gritou ao telefone. “Mãe, você está bem?”

Um estridente e alto barulho veio pelo telefone. A voz da mãe de Clary atravessou a estática. “Apenas me prometa que você não virá para casa. Vá para a de Simon e ligue para Luke – diga a ele para ele me encontrar...” Suas palavras foram abafadas por uma queda pesada como um desmoronamento de madeira.

“Quem achou você? Mãe você chamou a polícia? Você...”

Sua pergunta frenética foi cortada por um ruído que Clary jamais se esqueceria – um duro, resvalado ruído, seguido de um golpe surdo. Clary ouviu sua mãe puxar um forte suspiro antes de falar, sua voz misteriosamente calma: “Eu te amo, Clary.”

O telefone ficou mudo.

“Mãe!”

Clary gritou ao telefone. “Mãe, você está aí?” *Fim da chamada*, a tela dizia. Mas por que a mãe dela teve que desligar assim?

“Clary,” Jace disse. Foi a primeira vez que ela tinha ouvido ele dizer o nome dela. “O que houve?”

Clary ignorou ele. Febrilmente ela apertava o botão que ligava para o número de sua casa. Não havia resposta exceto um duplo sinal de ocupado.

As mãos de Clary começaram a tremer incontrolavelmente. Quando ela tentou rediscar, o telefone escorregou fora do alcance de sua agitação. Ela caiu de joelhos para recuperá-lo, mas ele estava quebrado, uma longa rachadura visível através da sua frente. “Merda!” Quase em lágrimas, ela jogou o telefone para baixo.

“Pare com isso.” Ele levantou ela sob seus pés, a mão dele segurando seu pulso. “Alguma coisa aconteceu?”

“Me dá o seu telefone,” Clary disse, pegando o retangular metal preto fora do bolso de sua camisa. “Eu tenho que...”

“Isso não é um telefone,” Jace disse, fazendo nenhum movimento para pegá-lo de volta. “Isso é um sensor. Você não será capaz de utilizá-lo.”

“Mas eu preciso chamar a polícia!”

“Me diga o que aconteceu primeiro.” Ela tentava empurrar seu pulso de volta, mas a mão dele era incrivelmente forte. “Eu posso te ajudar.”

A raiva inundou através de Clary, uma maré quente através de suas veias. Sem sequer pensar nisso, ela golpeou o rosto dele, suas unhas arranhando sua bochecha. Ele se afastou em surpresa. Movimentando-se livre, Clary correu em direção das luzes da sétima avenida.



Quando ela chegou na rua, ela girou ao redor, meio que esperando ver Jace em seus calcanhares. Mas o beco estava vazio. Por um momento ela olhou com incerteza para dentro das sombras. Nada se movia dentro delas. Ela girou os seus calcanhares e correu para casa.



4 – O Ravener¹⁰

A noite tinha se tornado mais quente e ela correndo para casa se sentiu como se estivesse nadando tão rápido, como se ela atravessasse uma sopa fervendo. Na esquina do seu bloco ela ficou presa em um sinal de pare. Ela agitou-se para cima e para baixo impacientemente nos calcanhares de seus pés enquanto o tráfego zumbia por um borrão de faróis. Ela tentou ligar para casa de novo. Mas Jace não estava mentindo; seu telefone não era um telefone. Pelo menos ele não se parecia com qualquer telefone que Clary tinha visto antes. Os botões do sensor não tinham números neles, apenas mais daqueles bizarros símbolos, e ali não havia nenhuma tela.

Correndo pela rua em direção a casa dela, ela viu que as janelas do segundo andar estavam acesas, o sinal de sempre que sua mãe estava em casa. *Ok* ela disse para si mesma. *Tá tudo bem.* Mas seu estômago apertou no momento em que ela passou pela entrada. As luzes acima estavam queimadas, e o saguão estava na escuridão. As sombras pareciam cheias de movimentos secretos. Tremendo ela subiu as escadas.

“E aonde você pensa que está indo?” disse uma voz.

Clary girou. “O que...”

Ela se afastou. Seus olhos estavam se ajustando à obscuridade, e ela podia ver uma forma em uma grande poltrona, desenhada em frente a porta fechada de Madame Dorothea. A velha estava encravada nela como uma almofada estufada. No escuro Clary podia ver apenas ao redor de seu poroso rosto, um leque de rendas em sua mão, no escuro, abrindo um buraco em sua boca quando ela começou a falar. “Sua mãe,” Dorothea disse, “estava fazendo um terrível barulho lá em cima. O que ela está fazendo? Movendo a mobília?”

“Eu não acho que...”

“E as luzes da escadaria queimaram, você não notou?” Dorothea bateu seu leque contra o braço da cadeira. “Sua mãe não pode chamar seu namorado para trocar isso?”

“Luke não é...”

“A clarabóia precisa ser lavada também. Está imunda. Não me surpreende que está quase um breu aqui.”

Luke NÃO é um senhorio Clary queria dizer, mas não disse. Aquilo era típico de sua vizinha mais velha. Uma vez ela pegou Luke para entrar e mudar uma lâmpada, ela pedia a ele para fazer uma centena de outras coisas – pegar suas compras, rebocar seu chuveiro. Uma vez ela fez ele cortar em pedaços um velho sofá com um machado, para que ela pudesse colocá-lo fora do apartamento, sem ter que tirar a porta das dobradiças.

¹⁰ Ravener possui o significado de rapinante, espoliador ou glutão. Muitas das imagens que peguei disso demonstra um monstro nojentinho e iguais a esse: <http://www.tmcgames.com/files/games/eq/1/FamishedRavener.jpg> ou <http://hem.spray.se/kendoka/arachnoids/images/ravener.gif>



Clary suspirou. "Eu vou pedir."

"Seria melhor você ir." Dorothea bateu seu leque fechado em seu pulso.

O sentimento de Clary que algo estava errado só aumentou quando ela chegou a porta do apartamento. Estava destrancada, pendurada ligeiramente aberta, derramando um feixe de luz vertical para a entrada. Com um crescente sentimento de pânico ela empurrou a porta aberta.

Dentro do apartamento as luzes estavam ligadas, todas as lâmpadas, tudo tornou-se pleno de luminosidade. O brilho golpeava seus olhos.

As chaves de sua mãe e a bolsa de mão rosa estavam na pequena prateleira de ferro forjado ao lado da porta, onde ela sempre deixava elas. "Mãe? Clary chamou. "Mãe, eu estou em casa."

Não houve nenhuma resposta. Ela foi para a sala de estar. Ambas as janelas estavam abertas, a área das cortinas de gaze branca sopravam como inquietos fantasmas. Só quando o vento parou, as cortinas se assentaram fazendo Clary ver que as almofadas foram arrancadas do sofá e espalhadas ao redor da sala. Algumas foram arrancadas longitudinalmente, as entranhas de algodão se espalhando no chão. A estante de livros havia sido derrubada, seu conteúdo disperso. A banqueta do piano posicionada no seu lado, aberta escancarada como uma ferida, os adorados livros de música de Jocelyn botados para fora.

O mais apavorante eram as pinturas. Cada uma tinha sido cortada de sua moldura e rasgada em tiras, que estavam espalhadas pelo chão. Isso deveria ter sido feito com uma faca – tela era quase impossível de se rasgar com as mãos. As molduras vazias pareciam ossos secos. Clary sentiu um grito se elevando em seu peito: "Mãe!" ela gritou. "Onde você está? Mamãe!"

Ela não chamava Jocelyn de "Mamãe" desde que ela tinha oito.

Coração pulando, ela correu para a cozinha. Ela estava vazia, as portas das prateleiras abertas, uma garrafa esmagada de Tabasco derramando o molho vermelho picante sobre o linóleo. Ela sentiu seus joelhos ficarem como sacos de água. Ela sabia que tinha que fugir do apartamento, chegar a um telefone, chamar a polícia. Mas todas as coisas pareciam distantes – ela precisava achar sua mãe primeiro, precisava ver que ela estava bem. Se os ladrões tinham vindo, o que sua mãe tinha utilizado em uma luta...?

Que tipo de ladrões não levam uma carteira com eles, ou uma Tv, o aparelho de DVD, ou o caro notebook?

Ela foi até a porta do quarto de sua mãe agora. Por um momento ali pareceu como se aquele quarto, tivesse sido deixado intocado. A colcha florida feita à mão estava dobrada cuidadosamente sobre o edredon. O próprio rosto de Clary sorrindo de volta para ela acima da mesa de cabeceira, cinco anos de idade, a lacuna dos dentes sorrindo emoldurado por um cabelo ruivo. Um súbito soluço no peito de Clary. *Mãe*, ela chorou por dentro, *o que aconteceu com você?*



Um silêncio respondeu a ela. Não, não um silêncio – um ruído soou através do apartamento, arrepiando os cabelos da nuca de seu pescoço. Como alguma coisa sendo batida forte – um objeto pesado encontrando o chão com uma batida vagarosa. O baque era seguido por um arrastar, um barulho deslizante – e ele estava vindo em direção ao quarto. O estômago se contraindo em terror, Clary mexeu seus pés e virou lentamente.

Por um momento ela pensou que a entrada estava vazia, e ela sentiu uma onda de alívio. Então ela olhou para baixo.

Aquilo estava curvado contra o chão, uma longa, e extensa criatura com um aglomerado de olhos pretos planos fixados no final do centro em frente a parte superior do seu crânio. Alguma coisa como o cruzamento entre um jacaré e uma centopéia, tinha um espesso e plano focinho e uma cauda farpada que balançava ameaçadoramente de um lado para o outro. Múltiplas pernas agrupadas debaixo dele como se aquilo fosse arranjado para saltar.

Um guincho se soltou da garganta de Clary. Ela cambaleou para trás, tropeçou e caiu, enquanto a criatura se aproximou até ela. Ela rolou para o lado e aquilo não acertou ela por alguns centímetros, deslizando ao longo do assoalho de madeira, as suas garras cinzelaram profundos sulcos. Um baixo rosar borbulhou de sua garganta.

Ela mexeu os seus pés e correu em direção ao corredor, mas a coisa era muito mais rápida do que ela. Ela saltou de novo, logo acima da porta, onde se agarrou como uma gigantesca aranha maligna, olhando abaixo para ela com seu nicho de olhos. Sua boca abriu lentamente, mostrando uma fileira de dentes pontudos derramando uma baba esverdeada. Sua longa língua preta chicoteou entre sua mandíbula enquanto aquilo gorgolejava e sibilava. Para seu horror Clary notou que aqueles barulhos estava formando palavras.

"Garota" aquilo sibilou. "Carne. Sangue. Para comer, ah, para comer."

Aquilo começou a se arrastar lentamente para baixo da parede. Algumas partes de Clary tinha passado para além do terror para um tipo de silêncio gelado. A coisa já estava a seus pés, rastejando em direção a ela. Se afastando para trás. Ela aproveitou uma pesada foto emoldurada da mesa ao lado dela, ela, sua mãe e Luke em Coney Island, nos carrinhos de bate-bate, e arremessou aquilo no monstro.

A fotografia acertou o seu meio e rebateu fora, atingindo o chão com o som de vidro estilhaçando. A criatura não pareceu perceber. Aquilo vinha em direção a ela, os vidros quebrados fragmentando debaixo de seus pés. *"Ossos para mastigar, medula para sugar, veias para beber..."*

Clary bateu as costas na parede. Ela não podia ir se afastar mais. Ela sentiu um movimento contra seu quadril e quase pulou fora de sua pele. Seu bolso. Mergulhando a mão dentro, ela retirou a coisa de plástico que tinha pego de Jace. O sensor estava tremendo, como um celular ajustado para vibrar. O material duro era quase dolorosamente quente contra sua palma. Ela fechou sua mão sobre o sensor justo quando a criatura saltou.



A criatura colidiu com ela, golpeando ela ao chão, a sua cabeça e seus ombros bateram contra o chão. Ela retorceu para o lado, mas ele era muito pesado também. Ele estava em cima dela, opressor, o viscoso peso daquilo fez ela querer fechar a boca. *"Para comer, para comer,"* aquilo gemia. *"Mas não é permitido, para engolir, para saborear."*

A respiração quente em seu rosto exalava sangue. Ela não conseguia respirar. Suas costelas pareciam que iam se quebrar. Seus braço colocado entre seu corpo e o do monstro, o sensor enbutido em sua palma. Ela retorceu, tentando mover sua mão livre. *"Valentine nunca saberá. Ele não disse nada sobre uma garota. Valentine não vai ficar zangado."* Sua boca sem lábios contraia-se quando sua goela se abriu, lentamente, um onda de ar quente pútrido em seu rosto.

A mão de Clary se libertou. Com um grito ela acertou a coisa, esperando esmagá-la, cegá-la. Ela quase tinha se esquecido do sensor. Quando a criatura deu o bote em seu rosto, a mandíbula larga, ela socou o sensor entre os seus dentes e sentiu o calor, o babar ácido cobriu seu punho que derramou, queimando em sua pele do seu rosto e pescoço. Como se estivesse a distância ela pode ouvir a si mesma gritando.

Parecendo quase surpresa, a criatura pulou para trás, o sensor entre dois dentes. Aquilo rosnou, um forte zumbido zangado, e jogou sua cabeça para trás. Clary viu aquilo engolir, viu o movimento de sua garganta. *Eu sou a próxima, ela pensou, em pânico. Eu estou...*

De repente a coisa começou a se contorcer. Espasmando incontrolavelmente, aquilo rolou para fora de Clary e ficou sobre suas costas, as múltiplas pernas agitando no ar. Um fluido negro derramando-se de sua boca.

Sugando por ar, Clary rolou e começou a se arrastar para longe da coisa. Ela chegou perto da porta quando ela ouviu algo assobiando através do ar perto de sua cabeça. Ela tentou levantar, mas era tarde demais. Um objeto bateu fortemente na parte de trás do seu crânio, e ela desabou em direção a escuridão.

Luz apunhalava através de suas pálpebras, azul, branca e vermelha. Havia um ruído alto de sirene, aumentando como um grito de uma criança assustada. Clary engasgou e abriu os olhos.

Ela estava deitada na grama fria e úmida. O céu noturno agitando-se sobre sua cabeça. As centelhas prateadas das estrelas removidas pelas luzes da cidade. Jace ajoelhado ao seu lado, seus braceletes de prata em seus pulsos jogando centelhas de luz enquanto ele rasgava um pedaço de roupa que ele segurava em tiras. *"Não se mova."*

Um gemido ameaçador dividiu suas orelhas ao meio. Clary virou sua cabeça para o lado, desobedientemente, e foi recompensada com uma aguçada punhalada de dor que acertou suas costas. Ela estava deitada sobre um pedaço de grama atrás do cuidadosamente delicado arbusto de rosas de Jocelyn. A folhagem parcialmente escondia sua visão da rua, onde um carro da polícia, com sua barra de luzes azuis e brancas piscando, estava empurrando uma restrição, a sirene soando. Já um pequeno grupo de vizinhos se reuniram, olhando enquanto a porta do carro se abria e dois oficiais em uniformes azuis emergiam.



A polícia. Ela tentou se sentar, e falar de novo, contraindo seus dedos na terra úmida. "Eu disse para você não se mover," Jace sibilou. "Aquele demônio rapinante pegou você atrás de seu pescoço. Está meio morto então isso não é muito mais do que uma picada, mas nós temos que levar você para o Instituto. Fique quieta."

"Aquela coisa, o monstro, aquilo falava." Clary estava tremendo incontrolavelmente.

"Você tinha ouvido um demônio falar antes." As mãos de Jace eram gentis enquanto ele escorregava uma tira de pano debaixo de seu pescoço, e amarrava. Aquilo estava manchado com alguma coisa encerada, como a pomada de jardineiro que sua mãe utilizava para manter suas suaves mãos do excesso de tinta – e terebintina.

"O demônio no Pandemonium – ele parecia com uma pessoa."

"Aquilo era um demônio Eidolon. Um transmorfo. Rapinantes parecem como eles são. Não muito atrativo, mas eles são muito estúpidos para ligar."

"Ele dizia que iria me comer."

"Mas ele não comeu. Você matou ele." Jace terminou o laço e sentou.

Para alívio de Clary a dor em volta de seu pescoço estava sumindo. Ela se arrastou a si mesma em uma posição sentada. "A polícia está aqui." Sua voz saiu como um coxo de um sapo. "Nós deveríamos..."

"Lá não há nada que eles possam fazer. Alguém provavelmente ouviu você gritando e reportou a eles. Dez a um que eles não são policiais de verdade. Demônios tem um jeito de esconder seus rastros.

"Minha mãe," Clary disse, forçando as palavras através de sua garganta inchada.

"Tem veneno do Ravener correndo por suas veias agora mesmo. Você morrerá em uma hora se você não vier comigo." Ele a levantou em seus pés e segurou uma mão nela. Ela levantou e ele a puxou para cima. "Vamos."

O mundo girou. Jace deslizou uma mão através de suas costas, mantendo ela estável. Ele cheirava a sujeira, sangue e metal. "Você pode caminhar?"

"Eu acho que sim." Ela olhou através da densa massa de arbustos. Ela podia ver o policial vindo em direção. Um deles, uma esguia mulher loira, que segurava uma lanterna em uma mão. Quando ela a levantou, Clary pode ver sua mão descarnada, uma mão esquelética afiada com pontos de ossos nas pontas dos dedos. "Sua mão..."

"Eu disse que eles poderiam ser demônios." Jace olhou para a parte de trás da casa. "Nós temos que sair daqui. Nós podemos ir através do beco?"

Clary balançou sua cabeça. "Está pavimentada. Não tem saída..." Suas palavras se dissolveram em uma forma de tosse. Ela levantou sua mão para cobrir sua boca. Ela ficou vermelha. Ela choramingou.



Ele agarrou seu pulso, virando-o para cima assim que a branca, a carne vulnerável do interior de seu braço nu sob o luar. As veias tracejadas de azul mapeavam o interior de sua pele, transportando o sangue envenenado para o coração dela, o seu cérebro. Clary sentiu seus joelhos lutarem. Havia alguma coisa na mão de Jace, algo afiado e prata. Ela tentou puxar a mão dela de volta, mas o seu aperto era muito forte: Ela sentiu uma ferroada beijar contra sua pele. Quando ele soltou, ela viu um símbolo pintado de preto como uns que cobriam sua pele, logo abaixo da dobra do seu pulso. Este parecia como um conjunto de círculos sobrepostos.

“O que é que vai se fazer?”

“Eu vou esconder você,” ele disse. “Temporariamente.” Ele guardou a coisa que Clary pensou que era uma faca de volta no seu cinto. Era um longo e luminoso cilindro, da espessura de um dedo indicador e afinando até sua ponta. “Minha estela¹¹, ele disse.”

Clary não perguntou o que era. Ela estava muito ocupada tentando não cair. O chão estava subindo e descendo sob os seus pés. “Jace,” ela disse, e ela caiu em cima dele. Ele segurou ela como se ele estivesse pegando garotas desmaiadas, como se ele fizesse isso todos os dias. Talvez ele fizesse.

Ele a colocou em seus braços, dizendo alguma coisa em seus ouvidos que soava como uma promessa. Clary virou sua cabeça para trás para olhar para ele mas viu apenas as estrelas girando através do céu escuro sob sua cabeça. Então a resistência caiu em tudo, e mesmo os braços de Jace em torno dela não foram o suficiente para seu desmaio.

¹¹ Também chamado monólito(placa de pedra com inscrição).



5 – A Chave e o Pacto

“Você acha que ela vai acordar? Já se passaram três dias.”

“Você tem que dar a ela tempo. O veneno do demônio é uma coisa forte, e ela é uma mundana. Ela não tem as runas para mantê-la forte como nós podemos ser.”

“Mundanos morrem tremendamente fácil, não é?”

“Isabelle, você sabe que dá má sorte falar sobre isso na enfermaria.”

Três dias, Clary pensou lentamente. Todos os seus pensamentos corriam tão espessos e lentos como sangue e mel.

Eu tenho que acordar

Mas ela não conseguia.

Ela tinha sonhos, um após o outro, um rio de imagens que abriam um caminho ao longo dela como uma folha jogada em uma correnteza. Ela viu sua mãe deitada em uma cama de hospital, seus olhos com contusões em seu rosto branco. Ela viu Luke, em pé em cima de uma pilha de ossos. Jace com asas de penas brancas brotando em suas costas, Isabelle sentada nua com seu chicote enrolado como uma rede de anéis de ouro, Simon com cruzes queimadas nas palmas de suas mãos. Anjos, caindo e queimando, caindo do céu.

“Eu disse a você que era a mesma garota.”

“Eu sei, uma coisinha, ela não é? Jace disse que ela matou um Ravener.”

“Yeah. Eu pensei que ela era uma fada na primeira vez que eu vi ela. Ela não é bonita o suficiente para ser uma fada, eu acho.”

“Bom, ninguém parece o seu melhor com veneno de demônio em suas veias. E Hodge vai chamar os Irmãos?”

“Eu espero que não. Eles me dão arrepios. Ninguém que se mutila a si mesmo como aquilo...”

“Nós mutilamos a nós mesmos.”

“Eu sei Alec, mas quando nós fazemos isso, não é permanente. E isso nem sempre machuca...”

“Se você for velho o suficiente. Falando nisso, onde está Jace? Ele salvou ela, não foi? Eu pensei que ele iria mostrar algum interesse em sua recuperação.”

“Hodge disse que ele não veio vê-la desde que ele a trouxe aqui. Acho que ele não se importa.”

“Algumas vezes eu me pergunto se ele... Olhe! Ela se moveu!”

“Eu acho que ela está viva depois de tudo.” Um suspiro. “Eu vou dizer ao Hodge.”



Clary sentiu seus cílios como se estivessem sidos costurados. Ela imaginou se ela podia sentir rasgando a pele enquanto eles se levantavam lentamente e piscava pela primeira vez em três dias.

Ela viu acima dela um céu azul claro, fofas nuvens brancas e anjos gordinhos com fitas douradas arrastando-se pelos seus punhos. *Eu estou morta?* Ela imaginou. *O céu realmente poderia parecer como isso?* Ela apertou os olhos, fechou e abriu eles de novo. Dessa vez ela percebeu que aquilo que ela estava olhando era um teto abobado de madeira, pintado com motivos em rococó de nuvens e querubins.

Dolorosamente ela se rebocou em uma posição sentada. Cada parte de sua cabeça, especialmente a parte detrás de seu pescoço. Ela olhou ao redor. Ela estava em uma cama pregueada em linho, uma de uma longa fila de semelhantes camas com cabeceira de metal. Sua cama tinha uma pequena cômoda ao lado com um jarro branco e um copo sobre ela. Cortinas de rendas estavam puxadas sobre as janelas, bloqueando a luz, entretanto ela podia ouvir um distante, e sempre presente som do tráfego de Nova York vindo do lado de fora.

"Então, você finalmente acordou." Disse uma voz seca. "Hodge vai ficar satisfeito. Nós todos pensamos que provavelmente você morreria em seu sono."

Clary se virou. Isabelle estava empoleirada na próxima cama, o seu longo cabelo preto enrolado em duas grossas tranças que caíam passando pela cintura dela. Seu vestido branco tinha sido substituído por jeans azul apertado e um top sem mangas azul, embora o pingente vermelho ainda estivesse piscando em sua garganta. Suas espiraladas tatuagens se foram; sua pele era tão limpa quanto uma tigela de creme.

"Desculpe por desapontá-la." A voz de Clary raspava como lixa. "É esse o Instituto?"

Isabelle rolou seus olhos. "Existe alguma coisa que Jace não lhe disse?"

Clary tossiu. "Este é o Instituto, certo?"

"Sim. Você está na enfermaria, não que você já não tenha percebido isso."

Uma súbita punhalada de dor fez Clary apertar seu estômago. Ela ofegou.

Isabelle olhou para ela em alarme. "Você está bem?"

A dor estava sumindo, mas Clary estava consciente da sensação de ácido por trás de sua garganta e uma estranha sensação de cabeça vazia. "Meu estômago."

"Ah, certo. Eu quase me esqueci. Hodge disse para dar isso quando você acordasse." Isabelle agarrou o jarro de cerâmica e derramou parte do seu conteúdo em seu correspondente copo, que ela entregou para Clary. Ele estava cheio de um líquido turvo que ligeiramente vaporizava. Aquilo cheirava como ervas e algo mais rico e escuro. "Você não comeu nada em três dias," Isabelle salientou. "Isso é provavelmente porque você estava doente."

Clary delicadamente tomou um gole. Era delicioso, rico e saciante com um sabor amanteigado. "O que é isso?"

Isabelle balançou os ombros. "Um dos chás medicinais de Hodge. Eles sempre funcionam." Ela deslizou fora da cama, descendo ao chão como um felino arqueando em suas costas. "Eu sou Isabelle Lightwood, à propósito. Eu moro aqui."



“Eu sei seu nome. Eu sou Clary. Clary Fray. Jace me trouxe para cá?”

Isabelle concordou. “Hodge ficou furioso. Você largou serosidade e sangue em todo o carpete da entrada. Se ele tivesse feito isso enquanto meus pais estivessem aqui, ele teria sido enterrado com certeza.” Ela olhou Clary mais minunciosamente. “Jace disse que você matou aquele demônio Ravener sozinha.”

Uma imagem da coisa escorpião com suas garras, a face malvada relampejou atravessando a mente de Clary, ela estremeceu e ela agarrou o copo mais apertado. “Acho que sim.”

“Mas você é uma mundana.”

“Incrível, não é?” Clary disse, saboreando o olhar superficialmente dissimulado de espanto sobre o rosto de Isabelle. “Onde está Jace? Ele está por aqui?”

Isabelle deu de ombros. “Em algum lugar,” ela disse. “Eu deveria dizer a todos que você se levantou. Hodge quer falar com você.”

“Hodge é o tutor de Jace, certo?”

“Hodge é o tutor de todos nós.” Ela assinalou. “O banheiro é por ali, e eu pendurei algumas das minhas roupas velhas e uma toalha no caso de você querer se trocar.”

Clary passou a tomar outro gole do copo e constatou que ele estava vazio. Ela já não sentia fome ou a cabeça oca, o que era um alívio. Ela colocou o copo para baixo e amarrou o lençol em torno de si mesma. “O que aconteceu com minhas roupas?”

“Elas estavam cobertas de sangue e veneno. Jace queimou elas.”

“Ele queimou?” Clary perguntou? “Diga-me ele é sempre realmente grosso, ou ele guarda isso para os mundanos?”

“Ah, ele é mal educado com todo mundo,” Isabelle disse alegremente. “É o que faz dele tão sexy. Isso, e que ele matou mais demônios do que alguém de sua idade.”

Clary olhou para ela, perplexa. “Ele não é seu irmão?”

Aquilo pegou a atenção de Isabelle. Ela riu alto. “Jace? Meu irmão? Não. De onde você tirou essa idéia?”

“Bom, ele mora aqui com você,” Clary apontou “Não mora?”

Isabelle concordou. “Bem, sim, mas...”

“Por que ele não mora com seus próprios pais?”

Por um fugaz momento Isabelle pareceu desconfortável. “Porque eles estão mortos.”

A boca de Clary abriu em surpresa. “Eles morreram em um acidente?”

“Não.” Isabelle inquietou-se, empurrando uma mecha escura atrás de sua orelha esquerda. “Sua mãe morreu quando ele nasceu. Seu pai foi assassinado quando ele tinha dez. Jace viu a coisa toda.”

“Ah,” Clary disse, sua voz pequena. “Foi um... demônio?”



Isabelle ficou em seus pés. "Olha, eu vou deixar todo mundo saber que você acordou. Eles estão esperando por você abrir seus olhos por três dias. Ah, e há sabonete no banheiro," ela adicionou. "Você precisa se limpar um pouco. Você fede." Clary olhou para ela. "Muito obrigada."

"A qualquer hora."

As roupas de Isabelle pareciam ridículas. Clary teve que enrolar as pernas dos jeans para cima várias vezes antes de para de tropeçar nelas, e o decote profundo do top vermelho só enfatizava sua falta do que Eric poderia chamar de "suporte".

Ela se limpou no pequeno banheiro, usando uma barra dura de sabonete lavanda. Secando a si mesma com um branca toalha de mão, deixando seu úmido cabelo disperso em torno de seu rosto em um flagrante emaranhado. Ela espiou seu reflexo no espelho. Ela tinha uma contusão arroxeadada em sua bochecha esquerda, e seus lábios estavam secos e inchados.

Eu tenho que ligar para Luke, ela pensou. Seguramente teria um telefone em algum lugar por aqui. Talvez eles deixassem ela usá-lo depois que ela falasse com Hodge.

Ela encontrou seus tênis colocados proximamente aos pés da cama da enfermaria, suas chaves presas em um laço. Deslizando seus pés para eles, ela tomou uma respiração profunda e os deixou para encontrar Isabelle.

O corredor do lado de fora da enfermaria estava vazio. Clary olhou para baixo, perplexa. Aquilo parecia algum tipo de hall de entrada que ela, as vezes, se achava correndo em seus pesadelos, sombrios e infinitos. Lâmpadas de vidro sopravam em suas formas de rosas penduradas em intervalos nas paredes, e o ar cheirava a poeira e cera de vela.

A distância ela podia ouvir um ruído fraco e delicado, como o repicar do vento balançando em uma tempestade. Ela se moveu pelo corredor lentamente, alisando com a mão ao longo da parede. O papel de parede parecia Vitoriano, parecendo desbotado com a idade, cor de vinho e cinza pálido. Cada lado do corredor estava alinhado com portas fechadas.

O som que ela estava seguindo aumentou mais. Agora ela podia identificá-lo como o som de um piano sendo tocado com uma volúvel, mas inegável habilidade, embora ela não pudesse identificar a melodia.

Virando a esquina, ela chegou a uma porta, a porta deslizou totalmente aberta. Espiando lá dentro ela viu que era claramente uma sala de música. Um piano de cauda ficava no canto, e fileiras de cadeiras estavam arranjadas contra a parede distante. Uma harpa coberta ocupava o centro da sala.

Jace estava sentado no piano de cauda, suas delgadas mãos movendo-se rapidamente sobre as teclas. Ele estava descalço, vestindo um jeans e uma camiseta cinza, seu cabelo dourado bagunçado ao redor de sua cabeça como se ele tivesse acabado de acordar. Olhando a rapidez evidente dos movimentos de suas mãos através das teclas, Clary se lembrou de aquilo que ela sentiu quando foi levantada por aquelas mãos, os braços segurando ela e as estrelas movendo-se ao redor de sua cabeça como uma chuva de lantejoulas prata.

Ela deve ter feito algum barulho, porque ele se voltou em torno do banquinho, piscando para as sombras. "Alec?" ele disse. "É você?"



“Não é Alec. Sou eu.” Ela entrou mais dentro da sala. “Clary.”

As teclas do piano dissonaram enquanto ele ficava em seus pés. “Nossa própria Bela Adormecida. Quem finalmente beijou você te acordando?”

“Ninguém. Eu acordei por conta própria.”

“Não tinha ninguém com você?”

“Isabelle, mas ela foi atrás de alguém – Hodge, eu acho. Ela me disse para esperar, mas...”

“Eu deveria ter alertado ela sobre seus hábitos de nunca fazer o que lhe dizem.” Ele olhou ela de soslaio. “Essas roupas são de Isabelle? Elas estão ridículas em você.”

“Eu poderia apontar que você queimou as minhas roupas.”

“Foi por pura precaução.” Ele deslizou a reluzente cobertura do piano preto fechando-o. “Vamos, eu vou te levar até Hodge.”

O Instituto era enorme, um vasto e cavernoso espaço que parecia menos com que tinha sido concebido de acordo com o piso plano e mais como se fosse naturalmente engolido fora da parede, como uma passagem de águas por anos. Através das portas semi-abertas Clary pode vislumbrar inúmeras pequenas salas idênticas, cada uma com uma cama despojada, uma mesa de cabeceira e um grande guarda-roupa de madeira mantido aberto. Pálidos arcos de pedra seguros no tetos alto, muitos dos arcos intrincadamente esculpidos com pequenas imagens. Ela notou que os motivos eram repetitivos: anjos e espadas, sóis e rosas.

“Por que este lugar tem tantos quartos?” Clary perguntou, “Eu pensei que você disse que era um instituto de investigação.”

“Esta é a ala residencial. Estamos prontos para oferecer segurança e hospedagem para qualquer Caçador de Sombras que precisar disso. Nós podemos acomodar até duzentas pessoas aqui.”

“Mas a maioria desses quartos estão vazios.”

“As pessoas vem e vão. Ninguém fica por muito tempo. Normalmente só nós – Alec, Isabelle, Max e seus pais – e eu e Hodge,”

“Max?”

“Você se encontrou com o belo de Isabelle? Alec é seu irmão mais velho. Max é o mais novo, mas ele está no exterior com seus pais.”

“De férias?”

“Não exatamente.” Jace hesitou. “Você pode pensar neles como eles são – diplomatas estrangeiros, e de que se trata em uma embaixada, desse tipo. Agora eles estão no país dos Caçadores de Sombras, trabalhando em uma delicada negociação de paz. Eles levaram Max com eles por que ele é muito jovem.

“País dos Caçadores de Sombras?” A cabeça de Clary estava transbordando. “Como se chama?

“Idris.”



“Eu nunca ouvi falar disso.”

“Você não deveria.” A irritante superioridade estava de volta em sua voz. “Mundanos não sabem sobre isso. Existem vigilância – feitiços por cima de toda fronteira. Se você tentar atravessar Idris, você pode simplesmente se encontrar imediatamente transportado para a fronteira próxima. Você nunca saberá o que aconteceu.”

“Então ela não está em nenhum mapa?”

“Não no dos mundanos. Para nossos propósitos você pode considerá-lo um pequeno país entre a Alemanha e a França.”

“Mas não há nada entre a Alemanha e a França. Exceto a Suíça.”

“Precisamente,” Jace disse.

“Eu acho que você esteve por lá. Em Idris, eu quero dizer.”

“Eu cresci lá.” A voz de Jace estava neutra, mas algo em seu tom deixou ela saber que mais perguntas naquele sentido não eram bem vindas. “A maioria de nós. Existe, é claro, Caçadores de Sombras por todo o mundo. Nós estamos em toda parte, por que há atividade demoníaca em toda parte. Mas para os Caçadores de Sombras, Idris será sempre um lar.

“Como Meca ou Jerusalém,” Clary disse, pensativamente. “Então a maioria de vocês é levada para lá, e então quando vocês crescem...”

“Nós somos mandados onde somos necessários,” Jace disse curtamente. “E há alguns, como Isabelle e Alec que crescem fora do país de origem porque é onde estão seus pais. Com todos os recursos do Instituto aqui, com o treinamento de Hodge...” Ele parou. “Essa é a biblioteca.”

Eles haviam chegado a um arco em forma de um conjunto de portas de madeira. Um gato persa com olhos amarelos enrolado em frente a elas. Ele levantou sua cabeça e se aproximou ronronando. “Ei, Church,” Jace disse, acariciando o gato de volta com o pé descalço. O gato fechou seus olhos com prazer.

“Espere,” Clary disse. “Alec, Isabelle e Max – eles são os únicos Caçadores de Sombras com sua idade que você conhece, e como você passa o tempo?”

Jace parou de acariciar o gato. “Sim.”

“Isso parece um tipo de solidão”

“Eu tenho tudo o que preciso.” Ele empurrou a porta aberta. Depois de um momento de hesitação, ela o seguiu para dentro.

A biblioteca era circular, com um teto que afilava para um ponto, como se tivesse sido construído no interior de uma torre. As paredes estavam alinhadas com livros, as prateleiras eram tão altas que escadas com rodinhas estavam colocadas em intervalos. Aqueles livros não eram comuns – estes livros eram encadernados em couro e veludo, fechados com segurança – com fechaduras e dobradiças feitas de bronze e prata. Suas espinhas¹² estavam cravados com jóias brilhantes e manuscritos

¹² Espinha ou o chamado cabeçote, onde é a parte lateral do livro onde se tem escrito o título, o logotipo, etc.



em ouro. Eles pareciam gastos de um jeito que deixava claro que aqueles livros não eram apenas velhos, mas estiveram sendo bem utilizados, e também bem cuidados.

O piso era de madeira polida, incrustada com pastilhas de vidro e pedaços de mármore e pedra semipreciosas. A incrustação formava um padrão que Clary não conseguia decifrar – aquilo podia ser constelações, ou mesmo um mapa do mundo, ela suspeitou que teria que subir no alto da torre a fim de ver corretamente.

No centro da sala estava uma magnífica mesa. Era esculpida em uma única placa de madeira, uma grande, peça pesada de carvalho que brilhava com o embotamento dos anos. A tábua repousava sobre as costas de dois anjos, esculpidos a partir da mesma madeira, suas asas douradas e suas faces gravadas com um olhar de sofrimento, como se o peso da tábua estivesse quebrando suas costas. Atrás da mesa havia um homem magro com cabelo riscado de cinza –

“Uma amante de livros, eu vejo,” ele disse, sorrindo para Clary. “Você não me disse isso, Jace.”

Jace deu uma risada. Clary podia dizer que ele tinha ido atrás dela e estava parado com as mãos nos seus bolsos. “Nós não estivemos falando muito durante nosso curto conhecimento,” ele disse. “Eu temo que nossos hábitos de leitura não se parecem.”

Clary se virou e lhe atirou um encarada.

“Como você sabe?” Ela perguntou ao homem atrás da mesa. “Quero dizer, meu gosto por livros.”

“O olhar em seu rosto quando você entrava,” ele disse, ficando de pé e vindo por trás da mesa ao redor dela. “De algum modo, eu duvido que você tenha se impressionado *comigo*.”

Clary abafou um suspiro enquanto ele se levantava. Por um momento ele lhe pareceu estranhamente disforme, seu ombro esquerdo era encorcovado e alto. Enquanto ele se aproximava, ela viu o que a seu palpite era realmente um pássaro, empoleirado em seu ombro – uma criatura de penas brilhantes com brilhosos olhos negros.

“Este é Hugo,” o homem disse, tocando a ave em seu ombo. “Hugo é um corvo e, como tal, ele sabe muitas coisas. Eu, entretanto, sou Stakweather, um professor de história, e, como tal, eu não sei quase o suficiente.”

Clary riu um pouco, apesar dela mesma, e apertou sua mão. “Clary Fray.”

“Honrado em conhecê-la,” ele disse. “Eu ficaria honrado em conhecer alguém que pode matar um Ravener com suas mãos desarmadas.”

“Não foi com minhas mãos desarmadas.” Ela se sentiu estranha em ser felicitada por matar alguma coisa. “Era de Jace, bem eu não me lembro do que ele chamou, mas...”

“Ela quer dizer o meu sensor,” Jace disse, “Ela o enviou dentro da garganta da coisa. As runas devem ter bloqueado ele. Eu aposto que vou precisar de outro,” ele acrescentou, quase como uma reflexão.

“Existem várias armas extras na sala de armas,” Hodge disse. Quando ele sorriu para Clary, mil pequenas linhas irradiaram ao redor de seus olhos, como fissuras em uma pintura antiga. “Isso foi pensar rápido. O que te deu a idéia de usar o sensor como uma arma?”



Antes que ela pudesse responder, uma forte gargalhada soou através da sala. Clary tinha ficado tão extasiada com os livros e distraída por Hodge que ela não tinha visto Alec esparramado em uma poltrona vermelha confortável ao lado de uma lareira vazia. “Eu não acredito que você comprou essa história, Hodge,” ele disse

Pela primeira vez Clary não tinha registrado suas palavras. Ela estava tão ocupada encarando ele. Como muitos filhos únicos, ela estava fascinada com a semelhança entre irmãos, e agora, em plena luz do dia, ela podia ver exatamente o quanto Alec parecia com sua irmã. Eles tinham o mesmo cabelo preto azeviche, as mesmas delicadas sobrancelhas apontando acima nos cantos, a mesma palidez, da cor da pele. Mas onde Isabelle era toda arrogância, Alec saía de sua cadeira como se ele esperasse que ninguém notasse ele. Seus cílios eram longos e escuros como os de Isabelle, mas onde os olhos dela eram negros, os olhos dele eram de um azul escuro de garrafa de vidro. Ele olhou para Clary com uma hostilidade tão pura e concentrada quanto ácido.

“Eu não tenho certeza do que você quer dizer, Alec.” A sobrancelha de Hodge se levantou. Clary se perguntou quão velho ele era; era um tipo de sem idade, apesar de seu cabelo cinza. Ele usava um elegante terno cinza de tweed, perfeitamente passado. Ele parecia como um gentil professor universitário se não fosse pela espessa cicatriz desenhada no lado direito de seu rosto. Ela se perguntou como ele tinha ganhado aquilo. “Você está sugerindo que ela não matou aquele demônio afinal?”

“É claro que ela não matou. Olhe para ela – ela é uma mundana, Hodge, é uma criancinha, é isso. Não tem como ela ter pego um Ravener.”

“Eu não sou uma criancinha,” Clary interrompeu. “Eu tenho dezesseis anos – bom, eu vou fazer no Domingo.”

“A mesma idade de Isabelle,” Hodge disse. “Você pode chamar ela de criança?”

“Isabelle vem de uma das maiores dinastias de Caçadores de Sombras na história,” Alec disse secamente. “Esta garota, por outro lado, vem de Nova Jersey.”

“Eu sou do Brooklyn!” Clary ficou indignada. “E o quê é que tem? Eu apenas matei um demônio em minha própria casa, e você fica sendo um babaca sobre isso porque eu não sou uma pirralha podre de rica como você e sua irmã?”

Alec olhou atônito. “Do que você me chamou?”

Jace riu. “Ela tem um ponto, Alec.” Jace disse. “Isso é aqueles demônios de ponte-e-túnel que você realmente tem que ficar alerta para...”

“Não é engraçado, Jace,” Alec interrompeu, ficando de pé. “Você vai apenas deixar ela aí me pondo nomes?”

“Sim,” Jace disse gentilmente. “Vai fazer bem a você – tente pensar nela como um treinamento de paciência.”

“Nós podemos ser guerreiros¹³,” Alec disse firmemente. “Mas a sua petulância está cansando minha paciência.”

¹³ Parabatai(original) que significa transgressor, infrator, aqueles que se rebeliam contra Deus. Na trilogia o significa é: Um par de guerreiros que combatem em conjunto. A sua ligação é mais estreita do que a de dois irmãos.



"E sua obstinação está abusando da minha. Quando eu achei ela, ela estava deitada no chão em uma piscina de sangue com um demônio morrendo praticamente em cima dela. Eu vi quando aquilo desapareceu. Se ela não matou ele, quem matou?"

"Raveners são estúpidos. Talvez aquilo acertou a si mesmo no pescoço com o ferrão. Isso já aconteceu antes..."

"Agora você está sugerindo que eu estava cometendo suicídio?"

A boca de Alec se apertou. "Não é certo para ela estar aqui. Mundanos não são permitidos no Instituto, e há boas razões para isso. Se alguém souber sobre isso, nós podemos ser reportados para a Clave¹⁴."

"Isso não é inteiramente a verdade," Hodge disse. "A Lei nos permite oferecer um santuário para os mundanos em determinadas circunstâncias. O Ravener já atacou a mãe de Clary – ela poderia ser a próxima."

Atacou.

Clary se perguntou se isso era um eufemismo para "assassinou". O corvo sobre o ombro de Hodge crocitou suavemente.

"Raveners são máquinas que procuram e destroem," Alec disse. "Eles agem sob as ordens de bruxos e poderosos senhores de demônios. Agora, o que interessaria a um bruxo ou a um senhor de demônios um lar mundano comum?" Os olhos deles quando olharam para Clary estavam brilhantes com antipatia. "Alguma idéia?"

Clary disse, "Deve ter sido um engano."

"Demônios não cometem esse tipo de engano. Se eles foram atrás de sua mãe, deve ter sido por um motivo. Se ela era inocente..."

"O que você quer dizer com 'inocente'?" Clary disse com a voz baixa.

Alec pareceu surpreendido. "Eu..."

"O que ele quis dizer," disse Hodge, "é que é extremamente raro para um poderoso demônio, o tipo que comanda um grupo de demônios inferiores, ter interesses em assuntos dos seres humanos. Nenhum mundano pode invocar um demônio – eles não tem esse poder – mas, se houver algum em desespero ou insensatez, ele pode encontrar uma bruxa ou um bruxo que possa fazer isso por eles."

"Minha mãe não conhece nenhum bruxo. Ela não acredita em mágica." Um pensamento ocorreu a Clary. "Madame Dorothea – ela vive no andar de baixo – ela é uma bruxa. Talvez os demônios vieram atrás dela e pegaram a minha mãe por engano?"

As sobrelhas de Hodge subiu até o seus cabelos. "Uma bruxa vive no seu andar de baixo?"

"Ela é uma bruxa picareta – uma farsa," disse Jace. "Eu já olhei ali. Não há razão para qualquer bruxo estar interessado nela a menos que ele esteja no mercado para bolas de cristal disfuncionais."

¹⁴ Clave: órgão que faz decisões e dá as regras dos Caçadores de Sombras e os Downworlders (vampiros, lobisomens...)



“E estamos de volta onde nós começamos.” Hodge alcançou o pássaro para afagá-lo em seu ombro. “Parece que chegou o momento de notificarmos a Clave.”

“Não!” Jace disse. “Nós não podemos...”

“Fazia sentido nós mantermos a presença de Clary aqui em segredo enquanto nós não tínhamos certeza se ela iria se recuperar,” Hodge disse. “Mas agora ela está, e ela é a primeira mundana a passar pelas portas do Instituto, em mais de cem anos. Você conhece as regras sobre um mundano ter o conhecimento dos Caçadores de Sombras, Jace. A Clave precisa ser informada.”

“Absolutamente,” Alec concordou. “Eu posso enviar uma mensagem para o meu pai...”

“Ela não é uma mundana,” Jace disse quietamente.

As sobrancelhas de Hodge se jogaram para trás até sua linha do cabelo e permaneceram lá. Alec, apanhado no meio da frase, chocado com a surpresa. Em meio ao silêncio Clary podia ouvir o som das asas de Hugo agitando.

“Mas eu sou,” ela disse.

“Não,” Jace disse. “Você não é.” Ele se virou para Hodge e Clary viu o ligeiro movimento de sua garganta quando ele engoliu. Ela achou um vislumbre de nervosismo, estranhamente tranquilizador. “Naquela noite – havia demônios Dusien, vestidos como policiais. Nós tivemos que passar por eles. Clary estava muito fraca para correr e não havia tempo para se esconder – ela poderia ter morrido. Então eu usei minha estela – coloquei uma runa mendelin dentro do seu braço. Eu pensei...”

“Você perdeu a cabeça?” Hodge bateu sua mão sobre a mesa tão duramente que Clary pensou que a madeira iria rachar. “Você sabe o que a Lei diz sobre colocar marcas em mundanos! Você, você de todas as pessoas que deve saber melhor que isso!”

“Mas funcionou,” Jace disse. “Clary mostre para eles o seu braço.”

Com um olhar confuso na direção de Jace, ela segurou seu braço. Ela lembrou olhando para ele que naquela noite no beco, pensando no quanto ele parecia. Agora, logo abaixo do vinco do seu pulso, ela podia ver três círculos sobrepostos desaparecendo, as linhas como fracas memórias de uma cicatriz que tinha desbotado com o passar dos anos. “Vê, está quase desaparecendo.” Jace disse. “Não machucou ela de forma alguma.”

“Esse não é o ponto.” Hodge mal conseguia controlar sua raiva. “Você poderia ter tornado ela em um Esquecido.”

Duas manchas brilhantes de cor queimaram as bochechas de Alec. “Eu não posso acreditar em você, Jace. Apenas Caçadores de Sombras podem receber a Marca do Pacto – elas matam os mundanos...”

“Ela não é uma mundana. Você está escutando? Isso explica o porque de ela poder nos ver. Ela deve ter o sangue da Clave.”

Clary baixou seu braço, sentindo-se subitamente gelada. “Mas eu não. Eu não poderia.”



“Você deve,” Jace disse, sem olhar para ela. “Se não, essa marca que fiz em seu braço...”

“Já chega, Jace,” Hodge disse, o descontentamento evidente em sua voz. “Não há necessidade de assustá-la ainda mais.”

“Mas eu estava certo, não estava? Isso explica o porque aconteceu com sua mãe, também. Se ela era uma Caçadora de Sombras no exílio, ela poderia muito bem ter inimigos no Downworld.”

“Minha mãe não era uma Caçadora de Sombras!”

“Seu pai, então,” Jace disse. “E sobre ele?”

Clary retornou seu olhar com um olhar plano. “Ele morreu. Antes que eu nascesse.”

Jace vacilou, quase que imperceptivelmente. Foi Alec que falou. “Isso é possível,” ele disse com incerteza. “Se seu pai era um Caçador de Sombras, e sua mãe uma mundana, bem, nós todos sabemos que é contra a Lei se casar com um mundano. Talvez eles estivessem se escondendo.”

“Minha mãe teria me dito,” Clary disse, embora ela pensava na falta de mais do que uma foto de seu pai, o jeito como ela nunca falava sobre ele, e sabia que aquilo não era verdade.

“Não necessariamente,” Jace disse. “Todos nós temos segredos.”

“Luke,” Clary disse. “Nosso amigo. Ele deve saber.” Com a lembrança de Luke veio um flash de culpa e terror. “Já se foram três dias – ele deve estar em pânico. Eu posso ligar para ele? Onde tem um telefone?” Ela virou-se para Jace. “Por favor.”

Jace hesitou, olhando para Hodge, que concordou e se moveu para o lado da mesa. Atrás dele havia um globo, feito de latão batido, aquilo não parecia muito com outros globos que ela já tinha visto, havia algo sutilmente estranho na forma dos países e continentes. Próximo ao globo estava um arcaico telefone preto com números rotativos prata. Clary o levantou a sua orelha, o familiar sinal do tom de discagem lavando ela como uma água calmante.

Luke atendeu ao terceiro toque. “Alô?”

“Luke!” Ela vergou sobre a mesa. “Sou eu. Clary.”

“Clary.” Ela podia ouvir o som de alívio em sua voz, juntamente com outra coisa que ela não conseguia identificar. “Você está bem?”

“Eu estou bem,” ela disse. “Me desculpe por não ter te ligado antes. Luke, minha mãe...”

“Eu sei. A polícia esteve aqui.”

“Então você não ouviu falar dela.” Qualquer vestígio de esperança que ela tivesse de sua mãe ter fugido de casa e se escondido em algum lugar, desapareceu. Não tinha como ela não ter contactado com Luke.

“O que a polícia disse?”



"Só que ela está desaparecida." Clary pensou na policial com sua mão esquelética, e tremeu. "Onde você está?"

"Eu estou na cidade," Clary disse. "Eu não sei onde exatamente. Com alguns amigos. Minha carteira sumiu, acho. Se você tiver algum dinheiro, eu poderia pegar um taxi até a sua casa..."

"Não," Ele disse breve.

O telefone escorregou em sua mão suada. Ela pegou ele. "O que?"

"Não," ele disse. "É muito perigoso. Você não pode vir até aqui."

"Nós poderíamos chamar..."

"Olhe." Sua voz estava dura. "Seja lá em que problema sua mãe se meteu, isso não tem nada haver comigo. É melhor você ficar onde você está."

"Mas eu não quero ficar aqui." Ela ouviu a queixa em sua voz, como uma criança. "Eu não conheço essas pessoas. Você..."

"Eu não sou o seu pai, Clary. Eu já te disse isso antes."

Lágrimas queimaram dentro de seus olhos. "Me desculpe. É só que..."

"Não me ligue por favores novamente," ele disse, "Eu tenho meus próprios problemas, eu não preciso ser incomodado com os seus," ele adicionou, e desligou o telefone.

Ela parou e olhou para o aparelho, o toque de discagem soando em seu ouvido como uma grande e feia vespa. Ela ligou para o número de Luke de novo, esperando. Desta vez caiu no correio de voz.

Ela bateu o telefone, suas mãos tremendo.

Jace estava inclinado contra o braço da cadeira de Alec, olhando ela. "Acho que ele não ficou feliz ao ouvir você?"

O coração de Clary sentiu como se ele tivesse encolhido para o tamanho de uma noz: uma pequena, dura pedra em seu peito. *Eu não vou chorar*, ela pensou. Não na frente dessas pessoas.

"Eu acho que gostaria de ter uma conversa com Clary," Hodge disse, "Sozinho," acrescentou firmemente, vendo a expressão de Jace.

Alec se levantou. "Tudo bem, nós vamos deixar isso com você."

"Isso é dificilmente justo," Jace opôs. "Eu sou o único que encontrei ela. Sou o único que salvou sua vida! Você me quer aqui, não quer?" Ele apelou, virando-se para Clary.

Clary olhava para longe, sabendo que, se ela abrisse a boca, ela ia começar a chorar. Enquanto a uma certa distância, ela pode ouvir Alec rir.

"Nem todo mundo quer você o tempo todo Jace," ele disse.

"Não seja ridículo," ela ouviu Jace dizer, mas ele soou desapontado. "Tudo bem então. Nós estaremos na sala de armas."



A porta se fechou atrás deles com um clique definitivo. Os olhos de Clary estavam ardendo enquanto ela tentava segurar as lágrimas para dentro por tanto tempo. Hodge estava indistinto em frente a ela, um irrequieto borrão cinza. "Sente-se," ele disse. "Aqui, no sofá."

Ela sentou cheia de gratidão nas almofadas macias. Suas bochechas estavam molhadas. Ela chegou a limpar algumas lágrimas do caminho, piscando. "Eu não choro muito, geralmente," ela se encontrou dizendo. "Isso não significa nada. Eu vou ficar bem em um minuto."

"A maioria das pessoas não choram quando estão chateadas ou amedrontadas, mas sim quando estão frustradas. Sua frustração é compreensível. Você esteve tentando por muito tempo."

"Tentando?" Clary limpou os olhos na gola da camisa de Isabelle. "Você pode dizer isso."

Hodge puxou sua cadeira para trás da mesa, arrastando ela para que pudesse sentar em frente a ela. Seus olhos, ela viu, eram cinza, como seu cabelo e o casaco de tweed, mas ele tinha bondade neles. "Há alguma coisa que eu possa fazer por você?" ele perguntou. "Algo para beber? Chá?"

"Eu não quero chá," Clary disse, com uma abafada força. "Quero encontrar minha mãe. E então eu quero saber quem a levou em primeiro lugar, e eu quero matar eles."

"Infelizmente," Hodge disse, "nós todos estamos fora da amarga vingança neste momento, por isso é chá ou nada."

Clary deixou cair a gola da camisa, agora toda molhada com manchas, e disse, "o que eu devo fazer, então?"

"Você poderia começar me contando um pouco sobre o que aconteceu," Hodge disse, inspecionando o seu bolso. Ele conseguiu um lenço de mão – metodicamente dobrado – e entregou a ela. Ela o pegou em um silêncio atônito. Ela nunca conheceu antes alguém que carregasse um lenço de mão. "O demônio que você viu em seu apartamento – era a primeira criatura que você já tinha visto? Você antes não tinha idéia que tais criaturas existiam?"

Clary balançou sua cabeça, depois pausou. "Uma antes, mas eu não percebi o que era. A primeira vez que eu vi Jace..."

"Certo, é claro, que tolo eu sou de esquecer." Hodge concordou. "No Pandemonium. Aquela foi a primeira vez?"

"Sim."

"E sua mãe nunca mencionou eles para você – nada sobre outro mundo, talvez aquilo que a maioria das pessoas não vê? Ela parecia ter particularmente interesse em mitos, contos de fadas, lendas do fantástico..."

"Não. Ela odiava todas essas coisas. Ele odiava até os filmes da Disney. Ela não gostava quando eu lia mangá. Ela dizia que aquilo era infantil."

Hodge coçou sua cabeça. Seu cabelo não se moveu. "Muito peculiar," ele murmurou.



“Não realmente,” Clary disse. “Minha mãe não era peculiar. Ela era a pessoa mais normal do mundo.”

“Pessoas normais geralmente não acham suas casas saqueadas por demônios,” Hodge disse, não sem ser gentil.

“Isso não pode ter sido um engano?”

“Se tivesse sido um erro,” disse Hodge, “e você fosse um garota normal, você não teria visto o demônio que te atacou, ou se tivesse, sua mente teria processado outro tipo de coisa: como um cão raivoso, até mesmo outro ser humano. Você pode ver ele, e ele falou com você...”

“Como você sabe que ele falou comigo?”

“Jace relatou que você disse ‘ele falou’.”

“Aquilo sibilou.” Clary tremeu lembrando. “Aquilo falava sobre querer me comer, mas eu acho que não podia.”

“Raveners estão geralmente sob o controle de um forte demônio. Eles não são muito inteligentes ou capazes por conta própria,” Hodge explicou. “Aquilo disse o que o seu mestre estava procurando?”

Clary pensou. “Ele disse algo sobre Valentine, mas...”

Hodge se moveu ereto, tão abruptamente que Hugo, que estava descansando confortavelmente em seu ombro, lançou-se no ar com um crocitar irritado. “Valentine?”

“Sim,” Clary disse. “Eu ouvi o mesmo nome no Pandemonium pelo garoto – quer dizer, do demônio...”

“É o nome todos nós conhecemos,” Hodge disse curtamente. Sua voz era firme, mas ela pode ver um ligeiro tremor nas mãos dele. Hugo, de volta ao ombro, esticando suas penas inquietamente.

“Um demônio?”

“Não. Valentine é – era um Caçador de Sombras.”

“Um Caçador de Sombras? Por que você disse que era?”

“Porque ele está morto,” Hodge disse amortecido. “Ele foi morto há quinze anos.”

Clary afundou contra as almofadas do sofá. Sua cabeça estava latejando. Talvez ela devesse ter o chá depois de tudo. “Poderia ser outra pessoa? Alguém com o mesmo nome?”

Hodge riu sem uma ponta de humor. “Não. Mas pode ter sido alguém usando seu nome para enviar uma mensagem.” Ele se levantou e andou ao redor de sua mesa, suas mãos fechadas atrás de suas costas. “E esse seria o momento para fazê-lo.”

“Por que agora?”

“Por causa do Acordo.”

“As negociações de paz? Jace mencionou eles. Paz com quem?”



“Com os Downwolders,” Hodge murmurou. Ele olhou abaixo para Clary. Sua boca era uma linha apertada. “Desculpe-me,” ele disse. “Isso deve ser confuso para você.”

“Você acha?”

Ele inclinou contra a mesa, acariciando distraidamente as penas de Hugo. “Downworlders são aqueles que partilham conosco o Mundo das Sombras. Temos sempre vivido em uma desconfortável paz com eles.”

“Como vampiros, lobisomens, e...”

“E reino das fadas,” Hodge disse. “Fadas. Os filhos de Lilith, sendo semi-demônios, são bruxas.”

“Então o que são vocês Caçadores das Sombras?”

“Nós às vezes somos chamados de Nephilim,” Hodge disse. “Na Bíblia eram os descendentes dos seres humanos e dos anjos. A lenda da origem dos Caçadores de Sombras é que eles foram criados há mais de mil anos atrás, quando os seres humanos estavam sendo superados pelas invasões dos demônios e de outros mundos. Um bruxo convocou o Anjo Raziel, que misturou seu próprio sangue com o sangue dos homens, em uma taça, e deu aos homens para beber. Aqueles que bebessem do sangue do anjo tornariam-se um Caçador de Sombras, como fizeram a seus filhos e aos filhos de seus filhos. A taça ficou posteriormente conhecida como a Taça Mortal. Apesar da lenda pode não ser verdade, a verdade é que, através dos anos, quando as fileiras dos Caçadores de Sombras são diminuídas, sempre é possível criar mais Caçadores de Sombras utilizando a taça.”

“Sempre foi possível?”

“A taça se foi,” Hodge disse. “Destruída por Valentine, pouco antes de morrer. Ele lançou ela ao incêndio e queimou a si mesmo até a morte com toda a sua família, sua esposa, e seu filho. Chamuscando a terra negra. Ninguém vai construir nada lá. Eles dizem que a terra está amaldiçoada.”

“E está?”

“Possivelmente. Ficou nas mãos da Clave as maldições na ocasião como o punição pela quebra da lei. Valentine quebrou a maior das leis de todas – ele usou as armas contras seus próprios companheiros Caçadores de Sombras e os matou. Ele e seu grupo, o Círculo, mataram dezenas de seus irmãos, juntamente com centenas de Downworlders durante o últimos Acordos. Eles foram apenas abertamente derrotados.”

“Por que ele iria querer criar outros Caçadores de Sombras.”

“Ele não aprovava os Acordos. Ele desprezava os Downworlders e achava que eles deveriam ser abatidos, indiscriminadamente, para manter este mundo puro para os seres humanos. Embora os Downworlders não sejam demônios, nem invasores, ele achava que eles tinham a natureza demoníaca, e isso foi o suficiente. A Clave não concordou – eles achavam que a ajuda dos Downwolders era necessária se tivéssemos que expulsar um tipo de demônio para o bem. E quem poderia argumentar, realmente, que o reino folclórico não pertencia a este mundo, quando eles tem estado aqui a mais tempo do que nós?”



“Os acordos chegaram a ser assinados?”

“Sim, eles foram assinados. Os Downworlders viram que a Clave tornou Valentine e seu Circulo, em sua defesa, eles perceberam que os Caçadores das Sombras não eram seus inimigos. Ironicamente, com a insurreição de Valentine o Acordo foi possível.” Hodge sentou em sua cadeira novamente. “Me desculpe, isso deve ser uma lição aborrecida de história para você. Esse era Valentine. Um agitador, um visionário, um homem com grande charme pessoal e convicção. E um assassino. Agora alguém está invocando o seu nome...”

“Mas quem?” Clary perguntou. “E o que é que a minha mãe tem a ver com isso?”

Hodge se levantou novamente. “Eu não sei. Mas farei o possível para descobrir. Vou enviar mensagens para a Clave e também para os Irmãos do Silêncio. Eles podem querer falar com você.”

Clary não perguntou quem eram os Irmãos do Silêncio. Ela estava cansada demais para fazer perguntas cujas respostas apenas a deixavam mais confusa. Ele se levantou.

“Existe alguma chance de eu poder ir para casa?”

Hodge pareceu preocupado. “Não, eu, eu não acho que seria sábio.”

“Tem coisas que eu preciso, mesmo que eu vá ficar por aqui. Roupas...”

“Nós podemos lhe dar dinheiro para comprar roupas novas.”

“Por favor,” Clary disse. “Eu tenho que ver se... eu tenho que ver o que restou.”

Hodge hesitou, então lhe ofereceu um curto e invertido concordar. “Se Jace concordar com isso, ambos podem ir.” Ele virou para sua mesa, inspecionando entre os papéis. Ele olhou por cima dos seus ombros como se notasse que ela ainda estava lá. “Ele está na sala de armas.”

“Eu não sei onde é.”

Hodge sorriu torto. “Church irá levar você.”

Ela olhou em direção a porta onde um gordo azul Persa estava enrolado como um pequeno otomano. Ele se levantou quando ela vinha em direção, o pêlo ondulando como líquido. Com um imperioso *meow* ele levou ela para o saguão. Quando ela olhou por cima de seu ombro, ela viu Hodge já rabiscando em um pedaço de papel. Enviando uma mensagem para a misteriosa Clave, ela apostou. Eles não soavam como pessoas muito legais. Ela se perguntou qual seria sua resposta.

A tinta vermelha parecia sangue contra o papel branco. Franzindo, Hodge Starkweather enrolou a carta, cuidadosamente e meticulosamente, em uma forma de tubo assobiou para Hugo. O pássaro, crocitou suavemente, assentando em seu punho. Hodge piscou. Anos atrás, na insurreição, ele tinha sofrido um ferimento no ombro, e mesmo com o suave peso de Hugo – ou em uma determinada época do ano, uma mudança de temperatura ou umidade, com um súbito movimento de seu braço, despertava dores agudas antigas e memórias dolorosas que eram melhor serem esquecidas.



Havia algumas memórias porém que nunca eram apagadas. Imagens repentinas como flashes atrás de suas pálpebras quando ele fechava seus olhos. Sangue e corpos, terra esmagada, um pódio branco manchado de vermelho. O choro da morte. O verde e os campos ondulantes de Idris e o céu azul infinito, perfurados pelas torres da Cidade de Vidro. A dor da perda subiu dentro dele como uma onda; e ele apertou seu punho, Hugo, tremulando as asas picou raivosamente sem dedos, tirando sangue. Abrindo sua mão, Hodge libertou a ave, que circulou acima de sua cabeça até a clarabóia e então desapareceu.

Retirando seu senso de presságio, Hodge pegou outro pedaço de papel, não percebendo as gotas escarlates manchando o papel enquanto ele escrevia.



6 – Esquecido

A sala das armas parecia exatamente do jeito que alguma coisa era chamada *'sala das armas'*, e soava como aquilo que se via. Paredes de metal escovado onde estavam pendurados todo tipo de espada, punhal, lança, bastão, baioneta, açoite, clava, gancho e arco. Sacos de couro macio cheios de flechas balançavam nos ganchos, e havia pilhas de botas, couraças para pernas, luvas metálicas para punhos e braços. O lugar cheirava a metal, couro e aço polido. Alec e Jace, já não descalços, estavam sentados ao longo de uma mesa no centro da sala, suas cabeças curvadas sobre um objeto entre eles. Jace olhou para porta fechada atrás de Clary. "Onde está Hodge?" ele disse.

"Escrevendo para os Irmãos do Silêncio."

Alec reprimiu um estremecimento. "Ugh."

Ela se aproximou da mesa lentamente, consciente do olhar de Alec. "O que vocês estão fazendo?"

"Pondo os últimos toques nisso" Jace se moveu para o lado então ela pode ver o que estava sobre a mesa: três longas e finas varinhas de um brilho pesadamente prateado. Elas não pareciam afiadas ou particularmente perigosas. "Sanvi, Sansanvi e Semangelaf. Elas são lâminas serafim."

"Elas não se parecem com facas. O que elas fazem? Mágica?"

Alec olhou horrorizado, como se ela tivesse pedido a ele para colocar um frufu e executar uma perfeita pirueta. "A coisa engraçada sobre os mundanos," Jace disse, para ninguém em particular, "é como são obcecados com mágica que eles que são por um punhado de pessoas que nunca souberam o que a palavra significa."

"Eu sei o que significa." Clary rebateu.

"Não, você não sabe, você apenas pensa que sabe. Mágica é uma escura e elemental força, e não apenas um monte de varinhas de condão, bolas de cristal e peixes dourados falando."

"Eu nunca disse que era um monte de peixe dourado falando, eu..."

Jace balançou uma mão, cortando ela. "Só porque você chama uma enguia elétrica de patinho de borracha isso não faz dele um patinho de borracha, não é? E Deus ajude o pobre coitado que decidir que eles precisam tomar banho com um patinho."

"Você está viajando," Clary observou.

"Eu não estou," Jace disse, com grande dignidade.

"Sim, você está," Alec disse, bastante inesperadamente. "Olha, nós não fazemos mágica, ok?" ele adicionou, sem olhar para Clary. "Isso é tudo o que você precisa saber sobre isso."



Clary queria dar um fora nele, mas conteve-se. Alec já não parecia gostar dela, não havia nenhum ponto em agravar sua hostilidade.

Ela se virou para Jace. "Hodge disse que eu posso ir para casa."

Jace quase largou a lâmina serafim que ele estava segurando. "Ele disse o quê?"

"Para dar uma olhada nas coisas da minha mãe," ela emendou. "Se você vier comigo."

"Jace," Alec exalou, mas Jace ignorou ele.

"Se você realmente quer provar que minha mãe ou pai era um Caçador de Sombras, nós deveríamos olhar as coisas da minha mãe. O que restou delas."

"Descer a toca do coelho," Jace sorriu torto. "Boa idéia. Se nós formos agora, nós devemos ter outras três, quatro horas de luz do dia."

"Você quer que eu vá com vocês?" Alec perguntou, enquanto Clary e Jace se moviam em direção a porta. Clary olhou de volta para ele. Ele estava meio fora da cadeira, os olhos em expectativa.

"Não." Jace não se virou. "Está tudo bem. Clary e eu podemos lidar com isso por nossa conta."

O olhar que Alec atirou para Clary era tão amargo quanto veneno. Ela estava feliz quando a porta se fechou atrás dela.

Jace liderou o caminho pelo saguão, Clary meio correndo para se manter com os longos passos largos dele. "Você tem as chaves de sua casa?"

Clary olhou abaixo para seus sapatos. "Yeah."

"Bom. Não que nós não possamos arrombar, mas nós corremos uma grande chance de perturbar qualquer vigilância que possa haver se nós fizermos isso."

"Se você diz." O saguão ampliou-se em um foyer de piso de mármore, um portão de metal preto afixado em uma parede. Foi só quando Jace empurrou um botão perto do portão que ele acendeu e que ela percebeu que era um elevador. Aquilo rangia e gemia enquanto subia até chegar a eles. "Jace?"

"Sim?"

"Como você sabia que eu tinha sangue de Caçador de Sombras? Havia algum jeito de você poder dizer?"

O elevador chegou com um gemido final. Jace moveu o portão deslizando-o aberto. O interior lembrava a Clary uma gaiola, todo em metal negro e decorado com pedaços de dourado. "Eu chutei," ele disse, fechando a porta atrás deles. "Parecia a explicação mais provável."



“Você adivinhou? Você deveria ter tido mais certeza, considerando que você podia ter me matado.”

Ele pressionou o botão na parede, e o elevador solavancou em uma ação com um vibrante gemido enquanto ela sentia tudo ao longo dos ossos de seus pés. “Eu tinha noventa por cento de certeza.”

“Sei,” Clary disse.

Deve ter havido alguma coisa em sua voz, porque ele se virou para olhar para ela. Sua mão estalou no rosto dele, uma bofetada que balançou ele em seus calcanhares. Ele pôs a mão em sua bochecha, mais com surpresa do que por dor. “O que diabos foi isso?”

“Os outros dez por cento,” ela disse, e eles andaram o resto do caminho para a rua em silêncio.

Jace passou a viagem de trem para o Brooklyn envolto em um irritado silêncio. Clary prosseguiu perto dele mesmo assim, sentindo um pouco culpada, especialmente quando ela olhou a marca vermelha do tapa que ela deixou em sua bochecha.

Ela realmente não se importava com o silêncio, aquilo lhe dava a chance de pensar. Ela se manteve revivendo a conversa com Luke, de novo e de novo em sua cabeça. Doía pensar sobre aquilo, como se estivesse mordendo com um dente quebrado, mas ela não podia parar de fazer isso.

Mais abaixo no trem, duas garotas adolescentes sentadas em um banco laranja estavam rindo juntas. O tipo de garotas que Clary nunca havia gostado na St. Xavier, mostrando sapatilhas de mule rosa e falso bronzeado. Clary por um momento se perguntou se elas estavam rindo dela, antes que ela percebesse que elas estavam olhando para Jace.

Ela se lembrou da garota na cafeteria que estava encarando Simon. Garotas sempre olham em seus rostos quando elas acham alguém bonitinho. Ela quase tinha se esquecido que Jace era fofo, dado a tudo o que tinha acontecido. Ele não tinha a aparência delicada de camafeu como Alec, mas o rosto de Jace era mais interessante. À luz do dia os seus olhos eram da cor de xarope dourado e estavam... olhando direto para ela. Ele levantou uma sobrancelha. “Posso te ajudar com alguma coisa?”

Clary se virou instantaneamente contra as traidoras do seu gênero. “Aqueles garotas do outro lado do carro estão olhando para você.”

Jace assumiu um ar jovial de gratificação. “É claro que estão,” ele disse. “Eu sou terrivelmente atraente.”

“Alguma vez você já ouviu que modéstia é uma característica atraente?”

“Apenas vindo das pessoas feias,” Jace confidenciou. “Os mansos herdarão a terra, mas no momento ela pertence aos vaidosos. Como eu.” Ele piscou para as garotas, que riram e se esconderam atrás de seus cabelos.



Clary suspirou. “Como elas podem ver você?”

“Glamours são dolorosos de se usar. Às vezes nós não nos incomodamos.” O incidente com as meninas no trem pareceu deixá-lo em um melhor estado de espírito. Quando eles deixaram a estação e se direcionaram da colina para o apartamento de Clary, ele pegou uma das lâminas serafim de seu bolso e começou a lançá-la para frente e para trás entre os dedos e através de suas juntas, sussurrando para si mesmo.

“Você tem que fazer isso?” Clary perguntou. “É irritante.”

Jace zumbiu mais alto. Aquilo estava alto, um melódico zumbir, em algum lugar entre ‘Feliz Aniversário’ e ‘O Hino da Batalha da República’.

“Sinto muito ter te batido,” ela disse.

Ele parou o zumbido. “Fique feliz por você ter me acertado e não ao Alec. Ele teria te batido de volta.”

“Ele parece estar se coçando pela chance,” Clary disse. “Do que foi que você chamou Alec? Para-alguma coisa?”

“Parabatai.” Jace disse. “Isso significa um par de guerreiros que lutam juntos – que são próximos mais do que irmãos. Alec é mais do que meu melhor amigo. Meu pai e seu pai eram parabatai quando eles eram mais jovens. Seu pai era meu padrinho – esse é o porquê eu vivo com eles. Eles são minha família adotiva.

“Mas seu último nome não é Lightwood.”

“Não,” Jace disse, e ela teria perguntado o que era, mas eles haviam chegado a sua casa, e seu coração começou a bater tão alto que ela tinha certeza de que poderia estar audível a milhas. Houve um zumbido em seus ouvidos, e as palmas de suas mãos estavam úmidas com o suor. Ele parou em frente a cerca viva, e levantou os olhos devagar, esperando ver a fita amarela do cordão de isolamento da polícia em frente a porta, vidros quebrados espalhados pelo gramado, a coisa toda reduzida a escombros.

Mas não havia sinais de destruição.

Banhada com a luz agradável da tarde, o triplex parecia brilhar. Abelhas zumbiam preguiçosamente ao redor dos buquês de flores debaixo da janela de Madame Dorothea.

“Parece o mesmo,” Clary disse.

“Do lado de fora.” Jace alcançou o bolso de seu jeans outro dispositivo de metal e plástico que ela tinha confundido com um celular.

“Então, isso é um sensor? O que ele faz?” ela perguntou.



“Ele pega frequências, como um rádio faz, mas essas frequências são de origem demoníacas.”

“Ondas curtas de demônio?”

“Algo como isso.” Jace segurou o sensor em frente a ele enquanto se aproximava da casa. Ele clicou ligeiramente enquanto ele subia as escadas, então parou. Jace ficou carrancudo. “Está pegando alguns vestígios de atividade, mas podem ter sido deixados para trás naquela noite. Não estou recebendo nada suficientemente forte para que haja demônios presentes agora.”

Clary deixou sair um suspiro, quando ela não tinha notado que estava segurando. “Bom.” Ela se curvou para recuperar suas chaves. Quando ela se endireitou, ela viu os arranhões na porta da frente. Devia estar muito escuro para que ela tivesse visto elas da última vez. Eles pareciam marcas de garra, longas e paralelas, enfiado profundamente na madeira.

Jace tocou seu braço. “Eu vou primeiro,” ele disse. Clary queria dizer a ele que ela não precisava ficar se escondendo atrás dele, mas as palavras não vieram. Ela pode sentir o gosto do terror que ela sentiu quando ela viu pela primeira vez o Ravener. O sabor era ácido e como cobre na sua língua como moedas velhas.

Ele empurrou a porta com uma mão, acenando para ela após ele, com a mão, que ele segurava o sensor. Uma vez na entrada, Clary piscou, ajustando seus olhos para a falta de claridade. A lâmpada acima estava desligada, a clarabóia muito suja não passava nenhuma luz, e lançava sombras finas através do chão estragado. A porta de Madame Dorothea estava firmemente fechada. Nenhuma luz mostrava-se através da fenda abaixo dela. Clary imaginou preocupadamente se alguma coisa tinha acontecido a ela.

Jace levantou sua mão e correu ao longo do corrimão. Ele parecia molhado, listrado com alguma coisa que parecia vermelha escura na luz fraca. “Sangue.”

“Talvez o meu.” Sua voz soou pequena. “Da outra noite.”

“Já estaria seco agora se fosse,” Jace disse, “Vamos.”

Ele foi a frente subindo as escadas, Clary próxima atrás dele. As escadas estavam escuras, e ela tentou apalpar suas chaves três vezes antes de ela conseguir deslizar a certa dentro da fechadura. Jace se inclinou sobre ela, assistindo impientemente. “Não respire no meu pescoço,” ela assobiou; sua mão estava tremendo. Finalmente alcançou a tranca da fechadura.

Jace empurrou ela para trás. “Eu vou primeiro.”

Ela hesitou, então foi para o lado para deixá-lo passar. Suas mãos estavam pegajosas, e não eram pelo calor. Na verdade, estava frio no interior do apartamento, quase um ar friorento penetrava pela entrada, picando sua pele. Ela sentia o impacto da expectativa subindo enquanto ela seguia Jace pelo curto corredor e entrava na sala.



Ela estava vazia. Surpreendentemente, completamente vazia, do jeito que tinha sido quando elas tinham se mudado pela primeira vez – as paredes e o chão nus, os móveis se foram, até mesmo as cortinas rasgadas das janelas. Apenas o leve apagado quadrado da pintura na parede onde mostrava onde as pinturas de sua mãe tinham sido penduradas. Como se num sonho, Clary se virou e caminhou em direção à cozinha, Jace seguindo ela, seus olhos estreitaram-se.

A cozinha estava apenas vazia, até mesmo a geladeira se foi, as cadeiras, a mesa – os armários da cozinha abertos, suas prateleiras vazias lembrando-a de uma canção de ninar. Ela limpou sua garganta. “O que os demônios,” ela disse, “querem com nosso microondas?”

Jace balançou sua cabeça, a boca curvando debaixo dos cantos. “Eu não sei, mas eu não estou sensoriando nenhuma presença demoníaca agora. Eu diria que eles estão muito longe.”

Ela olhou ao redor mais uma vez. Alguém tinha limpado o molho derramado de Tabasco, ela notou distantemente.

“Você está satisfeita?” Jace perguntou. “Não há nada aqui.”

Ela balançou sua cabeça. “Eu preciso ver o meu quarto.” Ele olhou para ela como se fosse dizer algo, então pensou melhor sobre isso.

“Se tem o que pegar,” disse ele, deslizando a lâmina serafim em seu bolso.

A luz do corredor estava apagada, mas Clary não precisava de muita luz para andar dentro de sua própria casa. Com Jace logo atrás dela, ela achou a porta de seu quarto e chegou a maçaneta. Ela estava fria em sua mão – tão fria que chegou a doer, como estar tocando em um pingente de gelo com sua pele nua. Ela viu Jace olhar para ela rapidamente, mas ela já estava virando a maçaneta, ou tentando fazê-lo. Ela moveu lentamente, quase pegajosa, como se o outro lado estivesse embebido em alguma coisa viscosa e melosa.

A porta explodiu para fora, batendo em seus pés. Ela escorregou pelo chão do corredor e bateu na parede, rolando em seu estômago. Houve um rugido morto em suas orelhas enquanto ela empurrava a si mesma em seus joelhos.

Jace, ereto contra a parede, estava tateando seu bolso, seu rosto uma máscara de surpresa. Iminente a ele, como um gigante de contos de fadas, estava um homem enorme, grande como um carvalho, uma larga lâmina de um machado apertado em uma gigantesca branca e morta mão. Esfarrapados e imundos trapos estavam vestindo sua encardida pele, e seu cabelo era um único emaranhado confuso, com sujeira grossa.

Ele fedia a suor venenoso e carne podre. Clary estava feliz por não poder ver seu rosto, as costas dele eram suficientemente ruins.

Jace tinha a lâmina serafim em sua mão. Ele a levantou, chamando: “Sansanvi!”



A lâmina atirou do tubo. Clary pensou nos velhos filmes onde baionetas eram escondidas dentro de bengalas, soltando um estalido de um interruptor. Mas ela nunca tinha visto uma lâmina como aquela antes: clara como o vidro, com um cabo brilhante, perigosamente afiada e quase tão longa quanto o antebraço de Jace. Ele o golpeou, acertando o homem gigante, que cambaleou para trás com um urro.

Jace girou ao redor, correndo na direção dela. Ele pegou o seu braço, puxando ela para os pés dela, empurrando ela à frente dele pelo corredor. Ela podia ouvir alguma coisa atrás deles, seguindo; seus passos soavam como pesos de chumbo batendo no chão, mas ele estava vindo rápido.

Eles se apressaram através da entrada e saíram para a escada, Jace virou-se para bater a porta fechando-a. Ela ouviu o clique automático da fechadura e segurou sua respiração. A porta balançou em suas dobradiças com um tremendo golpe contra elas dentro do apartamento. Clary se apoiou a distância para as escadas. Jace olhou para ela. Seus olhos estavam brilhando com uma excitação maníaca. "Vá para as escadas! Saia do..."

Outro golpe veio e dessa vez as dobradiças saíram do caminho e a porta voou para fora. Ela teria batido em Jace se ele não tivesse se movido tão rápido que mal Clary viu; de repente ele estava no topo da escada, sua lâmina queimando em sua mão como uma estrela cadente. Ele viu Jace olhar para ela e gritar algo, mas ela não pôde ouvir ele acima do rugido da gigante criatura que arrebentava a porta quebrada, indo direto para ele. Ela mesma achatada contra a parede enquanto passava uma onda de calor e mau cheiro – e então o seu machado estava voando, chicoteando através do ar, cortando em direção a cabeça de Jace. Ele se abaixou e aquilo acertou o corrimão, cravando profundamente.

Jace riu. O riso pareceu irritar a criatura; abandonando o machado, ele se jogou para Jace com seus enormes punhos levantados. Jace trouxe a lâmina serafim movendo-a ao redor em um giro de arco, enterrando ela até o cabo no ombro do gigante. Por um momento o gigante pareceu oscilar. Então ele se jogou para frente, suas mãos estendidas e tentando agarrar. Jace andou para o lado apressadamente, mas a pressa não foi suficiente: os enormes punhos seguraram abraçando ele enquanto o gigante cambaleava e caía, arrastando Jace em sua queda. Jace gritou uma vez, houve uma série de pesados baques quebrando, e então o silêncio.

Clary mexeu seus pés e correu escada abaixo. Jace estava esparramado aos pés dos degraus, curvado sobre o seu braço em um ângulo estranho. Atravessando suas pernas estava o gigante, o cabo da lâmina de Jace saliente vinda do ombro. Ele não estava morto, mas fracamente mole, uma sangrenta espuma vazando de sua boca. Clary pôde ver o seu rosto agora – ele tinha uma cor branca morta como papel, intrincado com uma rede preta de horríveis cicatrizes que quase suprimia suas feições. A cavidade de seus olhos estavam vermelhos, supurando nas covas. Lutando contra o desejo de ofegar, Clary tropeçou nos últimos degraus, se aproximando acima do contorcendo gigante, e se ajoelhou próxima a Jace.

Ele ainda estava quieto. Ela pôs sua mão em seu ombro, sentiu sua camisa grudada com sangue – o sangue dele ou do gigante, ela não podia dizer. "Jace?"

Ele abriu os olhos. "Essa é a morte?"



“Quase,” Clary disse horivelmente.

“Inferno.” Ele piscou. “Minhas pernas...”

“Fique quieto.” Rastejando ao redor da cabeça dele, Clary escorregou suas mãos embaixo dos braços dele e o puxou. Ele grunhiu com a dor enquanto suas pernas escorregaram debaixo da carcaça contraindo da criatura. Clary soltou e ele lutou com os seus pés, seu braço esquerdo através de seu peito. Ela se levantou. “Seu braço está bem?”

“Não. Quebrado,” ele disse. “Você pode alcançar o meu bolso?”

Ela hesitou, concordando. “Qual deles?”

“Dentro da jaqueta, do lado direito. Tire uma das lâminas serafim e dê ela para mim.” Ele se manteve parado enquanto ela nervosamente escorregava seus dedos dentro de seu bolso. Ela estava tão perto que ela podia sentir o perfume dele, suor, sabonete e sangue. Sua respiração difícil em volta em seu pescoço. Seus dedos se fecharam em um tubo e ela trouxe-o para fora, sem olhar para ele.

“Obrigado,” ele disse. Seus dedos traçaram aquilo brevemente antes de ele chamar: “Sanvi.” Como sua antecessora, o tubo cresceu em um punhal, de aparência perigosa, aquilo brilhou iluminando seu rosto. “Não olhe,” ele disse, mantendo acima do corpo alarmado da coisa. Ele levantou a espada sobre a cabeça dele e a trouxe para baixo. Sangue jorrou pela garganta do gigante, projetando-se nas botas de Jace.

Ela meio que esperava que o gigante sumisse, dobrando sobre si do mesmo modo que fez o garoto no Pandemonium. Mas não. O ar estava cheio com o cheiro de sangue: pesado e metálico. Jace fez um som baixo em sua garganta. Ele estava com o rosto branco, se com dor ou nojo ela não sabia dizer. “Eu disse para você não olhar,” ele disse.

“Eu pensei que ele ia desaparecer,” ela disse. “De volta a sua própria dimensão – você disse.”

“Eu disse que é o que acontece quando os demônios morrem.” Balançando, ele retirou sua jaqueta de seus ombros, descobrindo a parte de cima de seu braço esquerdo. “Isso não era um demônio.” Com a mão direita ele pegou alguma coisa de seu cinto. Era um objeto em forma de vara lisa que ele tinha usado para esculpir os círculos sobrepostos na pele de Clary. Olhando para aquilo, ela sentiu seu antebraço começar a queimar.

Jace viu o seu olhar e abriu um fantasma de um sorriso. “Isto,” ele disse, “é minha estela.” Ele tocou aquilo em uma das marcas pintadas abaixo de seu ombro, uma curiosa forma quase como uma estrela. Os dois braços da estrela se projetaram do resto da marca, desconectando. “E isso,” ele disse, “é o que acontece quando os Caçadores de Sombras estão feridos.”

Com a ponta da estela, ele traçou uma linha ligando os dois braços da estrela. Quando ele abaixou sua mão, a marca estava brilhando como se tivesse sido gravada



com tinta fosforescente. Enquanto Clary assistia, aquilo afundou dentro de sua pele, como um objeto pesado afundando dentro água. Ela deixou para trás uma fantasmagórica lembrança: uma pálida, fina cicatriz, quase invisível.

Uma imagem subiu a mente de Clary. Das costas de sua mãe, não completamente coberta pela parte de cima de seu maiô, as cicatrizes nos seus ombros e curvas de sua coluna manchada com estreitas marcas brancas. Foi como algo que ela havia visto em um sonho. As costas de sua mãe realmente não se pareciam com aquilo, ela sabia. Mas a imagem importunou ela.

Jace deixou sair um suspiro, o olhar tenso de dor deixando o seu rosto. Ele moveu o braço, primeiro lentamente, depois com mais facilidade, o levantando para cima e para baixo, apertando seu punho. Claramente não estava mais quebrado.

“Isso é incrível,” Clary disse. “Como é que você...?”

“Isso foi uma iratze - uma runa curadora,” Jace disse. “Tocando a runa com minha estela ela é ativada.” Ele meteu a fina varinha dentro de seu cinto e colocou de volta sua jaqueta. Com a ponta de sua bota ele cutucou o corpo do gigante. “Nós teremos que relatar isso a Hodge,” ele disse. “Ele vai surtar,” ele acrescentou, como se o pensamento de alarmar Hodge desse a ele alguma satisfação. Jace, Clary pensou, era o tipo de pessoa que gostava quando as coisas aconteciam, mesmo que as coisas fossem ruins.

“Por que ele vai ficar maluco?” Clary disse. “E eu imagino que essa coisa não é um demônio, e é por isso que o sensor não o registrou, certo?”

Jace concordou. “Você vê as cicatrizes em todo o seu rosto?”

“Sim.”

“Aqueles foram feitas com uma estela. Tal como esta.” Ele deu um tapa na varinha em seu cinto. “Você me perguntou o que acontece quando eu esculpo marcas em alguém que não tem sangue de um Caçador de Sombras. Apenas uma marca irá queimar você, mas um monte de marcas, mais poderosas? Esculpir na carne de um ser humano totalmente comum com nenhum traço ancestral de Caçador de Sombras? Você tem isso.” Ele apontou seu queixo para o cadáver. “As runas são agonizantemente dolorosas. A marca é insana – a dor deixa eles fora de si. Eles se tornam ferozes, estúpidos assassinos. Eles não dormem ou comem a menos que você faça eles, e eles morrem, geralmente rapidamente. Runas tem um grande poder e podem ser usadas para um grande bem – mas elas também podem ser usadas para o mal. Os esquecidos são maus.

Clary olhou para ele em horror. “Mas porque alguém faria isso com si mesmo?”

“Ninguém faria. Isso é alguma coisa que foi feita com eles. Por um bruxo, talvez, algum Downwolder que ficou mal. Os Esquecidos são leais para quem marca eles, e eles são ferozes assassinos. Eles podem obedecer a simples ordens, também. É como ter um – um escravo armado.” Ele andou por cima do Esquecido morto, e olhou sobre seu ombro para ela. “Vou voltar lá em cima.”



“Mas não há nada lá.”

“Pode haver mais deles aqui.” Ele disse começando a subir os degraus.

“Eu não faria isso se fosse você,” disse uma estridente e familiar voz. “Há mais de um deles de onde o primeiro veio.”

Jace, que estava quase no topo da escada, girou e olhou. Então Clary disse, embora ela soubesse imediatamente quem havia falado. Seu sotaque endurecido era inconfundível.

“Madame Dorothea?”

A anciã com sua cabeça inclinada regamente. Ela estava na porta de seu apartamento, vestida em algo que parecia uma tenda feita de seda crua roxa. Correntes de ouro brilhavam sobre seus punhos e enfileirados em seu pescoço. Seu longo cabelo separado por mechas vinham do topo de sua cabeça.

Jace estava ainda olhando. “Mas...”

“Mais o que?” Clary disse.

“Mais esquecidos,” Dorothea respondeu com uma alegria que, Clary sentiu, não se encaixava as circunstâncias. Ele olhou ao redor da entrada. “Vocês fizeram uma bagunça, não é mesmo? Tenho certeza que vocês não estavam planejando limpar tão pouco. Típico.”

“Mas você é uma mundana,” Jace disse, finalmente terminando sua sentença.

“Tão observador,” Dorothea disse, seus olhos brilhando. “A Clave realmente quebrou o molde com você.”

A perplexidade no rosto de Jace foi diminuindo, substituído por uma raiva crescente. “Você sabe sobre a Clave?” Ele exigiu. “Você sabia sobre eles, e você sabia que havia um Esquecido nesta casa, e você não relatou a eles? Só a existência de um Esquecido é um crime contra o Pacto...”

“Nem a Clave ou o Pacto nunca fizeram nada por mim,” Madame Dorothea disse, seus olhos faiscaram raivosamente... “Eu não devo a eles nada.” Por um momento seu sotaque duro de Nova York desapareceu, sendo substituído por outra coisa, mais pesada, um profundo sotaque que Clary não reconheceu.

“Jace, pare com isso,” Clary disse. Ela se virou para Madame Dorothea. “Se você sabe sobre a Clave e o Esquecido,” ela disse, “então talvez você saiba o que aconteceu com minha mãe?”

Dorothea balançou sua cabeça, seus brincos oscilando. Havia algo parecido com pena em seu rosto. “Meu conselho a você,” ela disse, “é que esqueça sua mãe. Ela se foi...”

O chão sob Clary pareceu se inclinar. “Você quer dizer que ela está morta?”



“Não.” Dorothea falou a palavra quase relutantemente. “Eu tenho certeza que ela ainda está viva. Por agora.”

“Então eu tenho que achar ela,” Clary disse. O mundo tinha parado de se inclinar. Jace estava parado atrás dela, sua mão em seu cotovelo, como se fosse um apoio dela, mas ela quase não notou. “Você entendeu? Eu tenho que encontrar ela antes...”

Madame Dorothea levantou sua mão. “Eu não quero me envolver nos negócios dos Caçadores de Sombras.”

“Mas você sabia sobre minha mãe. Ela era sua vizinha...”

“Isso é uma investigação oficial da Clave.” Jace a cortou. “Eu sempre posso voltar com os Irmãos do Silêncio.”

“Oh, para o...” Dorothea olhou para sua porta e, em seguida, para Jace e Clary. “Eu suponho que vocês poderiam também entrar,” ela disse, finalmente. “Eu vou lhes dizer o que eu posso.” Ela foi em direção a porta, então parou no limiar, com olhar fixo. “Mas se você disser a alguém que eu ajudei vocês, Caçador de Sombras, você vai acordar amanhã com cobras no lugar dos cabelos e um par extra de braços.”

“Isso poderia ser bom, um par extra de braços.” Jace disse. “Destreza em uma luta.”

“Não se elas crescerem no seu... Dorothea pausou e sorriu para ele, não sem malícia. “Pescoço.”

“Caramba,” Jace disse suavemente.

“Caramba está certo, Jace Wayland.” Dorothea marchou para dentro de seu apartamento; já com o cheiro pesado de incenso que estava flutuando pela entrada, misturando desagradavelmente como o fedor de sangue.

“Ainda assim, Eu acho que nós poderíamos tentar falar com ela. O que nós temos a perder?”

“Uma vez que você passar um pouco mais tempo em nosso mundo,” Jace disse, “você não me pedirá isso novamente.”



7 – A porta das 5 dimensões

O apartamento de Madame Dorothea parecia ter grosseiramente o mesmo layout do de Clary, apesar dela ter feito um uso muito diferente do espaço. A entrada impregnada de incenso, tinha pendurada uma cortina com miçangas e cartazes astrológicos. Um mostrava as constelações do zodíaco, um outro um guia de símbolos mágicos chineses, e outro mostrava uma mão com dedos estendidos. Acima da mão estava escrito em latim as palavras 'Em Fortuna Manibus'. Acima, prateleiras segurando livros empilhados correndo ao longo da parede ao lado da porta. Uma das cortinas de miçangas chacoalhou.

Madame Dorothea balançou sua cabeça através dela. "Interessada em quiromancia?" Ela disse, observando o olhar de Clary, "ou apenas xeretando?"

"Nem um, nem outro," Clary disse. "Você pode realmente chamar fortunas?"

"Minha mãe tinha um grande talento. Ela podia ver o futuro de um homem em sua mão ou nas folhas no fundo de uma xícara de chá. Ela me ensinou alguns truques." Ela transferiu seu olhar para Jace. "Falando em chá, joventinho, você quer algum?"

"O que?" Jace disse, parecendo afobado.

"Chá. Eu acho que tanto sacia o estômago, quanto concentra a mente. Bebida maravilhosa, chá."

"Eu vou querer tomar chá." Clary disse, notando o tempo que havia sido desde que ela tinha comido ou bebido alguma coisa. Ela sentia como se ela estivesse correndo em pura adrenalina desde que ela acordou.

Jace concordou. "Tudo bem. Desde que isso não seja chá-preto," ele adicionou, enrugando seu afilado nariz. "Eu odeio bergamota."

Madame Dorothea gargalhou alto e desapareceu através das cortinas de contas, deixando um suave remelexo atrás dela.

Clary levantou suas sobrancelhas para Jace. "Você odeia bergamota?"

Jace tinha vagueado para a estreita estante de livro e estava examinando o seu conteúdo. "Você tem um problema com isso?"

"Você deve ser o único cara da minha idade que eu já conheci que sabe o que é bergamota, muito menos que ela está no chá preto."

"Sim, bem," Jace disse, com um olhar super-arrogante, "Eu não sou como os outros caras. Além disso," ele acrescentou, retirando um livro da prateleira, "no Instituto temos de tomar aulas de usos básicos medicinais de plantas. É necessário."

"Eu achava que suas aulas eram sobre coisas como Massacre 101 e Decapitação para principiantes."



Jace virou uma página. "Muito engraçado, Fray."

Clary que tinha estado estudando o cartaz de quiromancia, virou-se para ele, "Não me chame assim."

Ele olhou para cima, surpreso. "Por que não? É o seu último nome não é?"

A imagem de Simon levantou-se atrás de seus olhos. Simon, a última vez que ela o tinha visto, ele fitava-a enquanto ela fugia do Java Jones. Ela virou-se novamente para o cartaz, piscando. "Sem motivo."

"Sei," Jace disse, e ela podia dizer pela sua voz que ele sabia, mais do que ela queria que ele soubesse. Ela ouviu ele largar o livro de volta na prateleira. "Esse deve ser o lixo que ela mantém à frente para impressionar os mundanos," ele disse, soando enojado. "Não há um texto sério aqui."

"Só porque não é o tipo de magia que você faz..." Clary começou com mau humor.

Ele franziu a testa furiosamente, silenciando ela. "Eu não faço magia," ele disse. "Ponha isso na sua cabeça: Seres humanos não são usuários de mágica. Faz parte do que os torna humanos. Bruxas e bruxos somente podem usar mágica porque eles tem sangue de demônio."

Clary levou um momento para processar isso. "Mas eu já vi você usar magia. Você utiliza armas encantadas..."

"Eu uso ferramentas que são mágicas. É só por ser capaz de fazer isso, eu tenho que sofrer um rigoroso treinamento. As tatuagens de runa na minha pele me protegem também. Se você tentar usar uma das lâminas serafins, por exemplo, pode provavelmente queimar sua pele, talvez mate você."

"E se eu tivesse as tatuagens?" Clary perguntou. "Eu poderia usar elas então?"

"Não," Jace disse zangadamente. "As marcas são apenas parte disso. Existem testes, provas, e níveis de treinamento – olhe, apenas esqueça isso, ok? Fique longe das minhas lâminas. Na verdade, não toque em nenhuma das minhas armas sem minha permissão."

"Bem, lá se vai o meu plano de vender todas elas no eBay," Clary murmurou.

"Vender elas onde?"

Clary sorriu maliciosamente para ele. "Um lugar místico com um grande poder mágico."

Jace pareceu confuso, então deu de ombros. "A maioria dos mitos são verdade, pelo menos em parte."

"Estou começando a achar isso."

A cortina de miçangas agitou-se novamente, e Madame Dorothea e a cabeça



apareceram. "O chá está na da mesa," ela disse. "Não há nenhuma necessidade de vocês dois se manterem de pé aí como burros. Venham para a sala de estar."

"Há uma sala de estar?" Clary disse.

"É claro que há uma sala de estar," disse Dorothea. "Onde eu iria me distrair?"

"Vou deixar o meu chapéu com o lacaio," disse Jace.

Madame Dorothea lhe atirou um olhar sombrio. "Se você foi metade engraçado do que eu pensava que você era, meu menino, você terá que ser duas vezes mais engraçado do que você é." Ela desapareceu através da cortina, seu alto "Hmph" quase abafado pelas miçangas chacoalhando.

Jace amarrou a cara. "Eu não tenho certeza do que ela quis dizer com isso."

"Realmente," Clary disse. "Isso fez perfeito sentido para mim." Ela marchou através da cortina de contas antes que ele pudesse responder.

A sala de estar era palidamente iluminada, o que tomou vários piscares dos olhos de Clary para se ajustar. A tênue luz delineada pelas cortinas de veludo negro atravessava toda a parede à esquerda. Bugigangas de pássaros e morcegos dependurados vindos do teto por finas cordas, brilhantes esferas negras onde seus olhos deveriam ter sido. O chão era assentado por desgastados tapetes persas que cuspiam até flocos de poeira debaixo de seus pés. Um grupo de poltronas macias rosa estavam reunidas ao redor de uma mesa baixa: Uma pilha de cartas de tarô presa com um fita de seda, ocupava uma extremidade da mesa, uma bola de cristal em um estande de ouro na outra. No meio da mesa estava um serviço de chá prata, e colocado para sua companhia: um prato limpo de empilhados sanduíches, um bule azul expandindo uma fina corrente de fumaça branca, e duas xícaras de chá combinando com os pires cuidadosamente a frente de duas das poltronas.

"Uau," Clary disse baixo. "Isso parece ótimo." Ela pegou um assento em uma das poltronas. Ela se sentiu bem em se sentar.

Dorothea sorriu, seus olhos refletindo com um humor astuto. "Pegue o chá," ela disse, levantando o pote. "Leite? Açúcar?"

Clary olhou ao lado para Jace, que estava sentado ao lado dela e que tinha tomado posse de um sanduíche do prato. Ele estava examinando ele de perto. "Açúcar," ela disse.

Jace deu de ombros, tomou o sanduíche e o pôs no prato. Clary assistia a ele cuidadosamente enquanto ele mastigava aquilo. Ele encolheu os ombros de novo. "Pepino," ele disse, em resposta ao seu olhar.

"Eu sempre achei que sanduíches de pepino são coisas oportunas para o chá, não é?" Madame Dorothea perguntou, a ninguém em particular.

"Eu odeio pepino," Jace disse, e entregou o resto de seu sanduíche para Clary. Ela mordeu ele – ele estava temperado com a pitada certa de maionese e pimenta. Seu



estômago assentou em grata apreciação pela primeira comida que ela tinha provado desde que tinha comido nachos com Simon.

“Pepino e bergamota,” Clary disse. “Existe mais alguma coisa que você odeia que eu deva saber?”

Jace olhou para Dorothea sobre o aro de sua xícara de chá. “Mentirosos,” ele disse.

Calmamente a anciã pôs seu bule para baixo. “Você pode me chamar de mentirosa e tudo o que você quiser. É verdade. Eu não sou uma bruxa. Mas minha mãe era.”

Jace abafou o seu chá. “Isso é impossível.”

“Porque impossível?” Clary perguntou curiosamente. Ela tomou um gole de seu chá. Era amargo, um forte sabor com um envelhecido esfumaçado.

Jace soltou um suspiro. “Porque eles são meio-humanos, meio-demônios. Todas as bruxas e bruxos são mestiços. E porque eles são mestiços, eles não podem ter filhos. Eles são estéreis.”

“Como mulas,” Clary disse pensativamente, lembrando de algo da aula de biologia. “Mulas são mestiços estéreis.”

“Seu conhecimento de animais é surpreendente,” Jace disse, “Todos os Downwolders são parte demônio, mas apenas bruxos são os filhos de pais demônios. É por isso que os seus poderes são mais fortes.”

“Vampiros e lobisomens – são parte demônios também? E o reino das fadas?”

“Vampiros e lobisomens são o resultado de doenças trazidas pelos demônios vindos de suas dimensões. A maioria das doenças dos demônios são mortais para os humanos, mas há casos que eles fazem estranhas mudanças no infectado, sem realmente matar eles. E o reino das fadas – fadas são anjos caídos,” Dorothea disse, “expulsos do céu por causa do seu orgulho.”

“Essa é a lenda,” Jace disse. “É também dito que eles são os filhos dos anjos e demônios, o que sempre pareceu mais provável para mim. Bem e mal, misturando-se juntos. Fadas são tão bonitas quanto anjos são supostos ser, mas eles tem muito de maldade e crueldade neles. E você nota que a maioria deles evita a luz do meio-dia...”

“Para que o mal não tenha poder,” Dorothea disse suavemente, como se ela estivesse recitando uma antiga rima. “Exceto no escuro.”

Jace ficou carrancudo para ela. Clary disse, “Era para ser? Você quer dizer que os anjos não...”

“Basta de anjos,” Dorothea disse, subitamente prática. “É verdade que bruxos não podem ter filhos. A minha mãe me adotou, porque ela queria ter a certeza que alguém tomaria conta deste lugar depois que ela se fosse. Eu não tenho que dominar mágica por mim mesma. Tenho apenas que assistir e guardar.”



"Guardar o quê?" Clary perguntou.

"Que verdade?" Com um piscar a mulher mais velha alcançou um sanduíche do prato, mas estava vazio. Clary tinha comido todos eles. Dorothea gargalhou. "É bom ver uma jovem mulher comer se enchendo. Em meus dias, as garotas eram robustas, criaturas acinturadas, e não os galhos que são hoje."

"Obrigada," disse Clary. Ela pensou na cintura fina de Isabelle e de repente se sentiu gigantesca. Ela pôs abaixo a xícara vazia com um tinido.

Instantaneamente, Madame Dorothea agarrou a xícara e olhou dentro dela atentamente, uma linha apareceu entre suas sobrancelhas desenhadas à lápis.

"O quê?" Clary disse nervosamente. "Fiz a xícara rachar ou algo assim?"

"Ela está lendo as folhas do seu chá," Jace disse, soando aborrecido, mas ele se inclinou em frente junto com Clary enquanto Dorothea virava a xícara ao redor e em torno dos dedos grossos dela, juntos.

"É ruim?" Clary perguntou.

"Não é bom, nem ruim, é confuso." Dorothea olhou para Jace. "Me dê sua xícara," ela comandou.

Jace olhou para ela afrontado. "Mas eu não terminei com o meu..."

"A velha mulher arrebatou a xícara para fora de sua mão e derramou o excesso de chá de volta ao bule. Carrancuda ela olhou para o que restou. "Vejo violência em seu futuro, uma grande quantidade de sangue derramado por você e por outros... Você vai se apaixonar pela pessoa errada. Além disso, você tem um inimigo."

"Só um? Isso é uma boa notícia." Jace se inclinou para trás de sua cadeira enquanto Dorothea colocava abaixo sua xícara e pegava a de Clary novamente. Ela balançou a cabeça.

"Não há nada para eu ler aqui. As imagens são atrapalhadas e sem sentido." Ela olhou para Clary. "Há um bloqueio em sua mente?"

Clary ficou perplexa. "Um o quê?"

"Como um feitiço que possa esconder sua memória, ou deve haver algo bloqueando o seu sinal."

Clary balançou sua cabeça. "Não, é claro que não."

Jace se inclinou a frente alerta. "Não seja tão apressada," ele disse. "É verdade que ela afirma não se lembrar de alguma vez ter tido uma visão antes desta semana. Talvez..."



"Talvez eu sou apenas atrasada no desenvolvimento." Clary disse ríspida. "E não me olhe atravessado só porque eu disse isso."

Jace assumiu um ar ofendido. "Eu não ia."

"Você estava fazendo um olhar atravessado, eu posso dizer."

"Talvez," Jace reconheceu, "mas isso não significa que eu não esteja certo. Algo está bloqueando suas memórias, eu tenho quase certeza disso."

"Muito bem, vamos tentar outra coisa." Dorothea colocou as xícaras para baixo, e se aproximou das cartas enroladas em seda. Ela moveu como leque as cartas e as segurou para Clary. "Deslize sua mão sobre elas até que você toque uma que sinta quente ou fria, ou pareça estar se agarrando aos dedos. Em seguida, puxe ela e a mostre para mim."

Obedientemente Clary correu seus dedos sobre as cartas. Ela sentiu-as frias ao toque e escorregadias, mas nada parecia particularmente quente ou frio, e nenhuma prendia aos dedos. Finalmente ela selecionou uma aleatoriamente, e a segurou.

"O Ás de Copas," disse Dorothea, soando confusa. "A carta do amor."

Clary a virou para cima e olhou para ela. A carta ficou pesada em sua mão, a imagem na parte frontal espessa com uma verdadeira pintura. Mostrava uma mão segurando um copo na frente de um sol raiante pintados com um brilho dourado. A taça era feita de ouro, gravada com um padrão de pequenos sóis e incrustada com rubis. O estilo da arte era tão familiar para ela quanto a sua própria respiração. "Esta é uma boa carta, certo?"

"Não necessariamente. A maioria das terríveis coisas que os homens fazem, eles fazem em nome do amor," disse Madame Dorothea, os olhos dela reluzentes. "Mas é uma poderosa carta. O que ela significa para você?"

"Que a minha mãe a pintou," Clary disse, e colocou a carta sob a mesa. "Ela a pintou, não pintou?"

Dorothea concordou, um olhar de prazerosa satisfação em seu rosto. "Ela pintou todo o pacote. Um presente para mim."

"Então diga." Jace se levantou, seus olhos frios. "Quão bem você conhecia a mãe de Clary?"

Clary girou sua cabeça para olhar acima para ele. "Jace, você não tem que..."

Dorothea sentou de volta na sua cadeira, as cartas espalhadas por todo seu vasto peito. "Jocelyn sabia quem eu era, e eu sabia quem ela era. Nós não falávamos muito nisso. Às vezes, ela fazia para mim favores – como pintar este baralho de cartas, e em troca eu dizia a ela um ocasional pedaço de fofoca no Downworld. Houve um nome que ela me pediu para manter uma orelha em pé, e foi o que eu fiz."

A expressão de Jace era ilegível. "Qual era o nome?"



"Valentine."

"Clary sentou ereta em sua cadeira. "Mas este é..."

"E quando você disse que sabia o que Jocelyn era, o que você quis dizer? Quem era ela?" Jace perguntou.

"Jocelyn era o que ela foi," Dorothea disse. "Mas em seu passado ela era como você. Uma Caçadora de Sombras. Uma das da Clave."

"Não," Clary sussurrou.

Dorothea olhou para ela com olhos tristes quase gentilmente. "É verdade. Ela escolheu viver nesta casa, precisamente porque..."

"Porque este é um Santuário." Jace disse a Dorothea. "Não é? Sua mãe era uma Controle. Ela fez este espaço, escondido, protegido, é um local perfeito para Downworlders fugir e se esconderem. Isso é o que você faz, não é? Você esconde criminosos aqui."

"Você poderia chamar eles disso," disse Dorothea. "Você está familiarizado com o lema do Pacto?"

"Dura Lex, sed Lex," disse Jace automaticamente. "A Lei é dura, mas é a lei."

"Às vezes a lei é muito dura. Eu sei que a Clave teria me levado para longe da minha mãe se pudessem. Você queria que eu deixasse eles fazerem o mesmo aos outros?"

"Então você é um filantropa." O lábio de Jace encurvou. "Eu suponho que você espera que eu acredite que Downworlders não pagam a você generosamente pelo privilégio do seu Santuário?"

Dorothea sorriu, amplo o suficiente para mostrar um flash de ouro nos seus molares. "Nós não podemos ficar com essa aparência, como você."

Jace olhou impassível pela lisonja. "Eu deveria dizer a Clave sobre você."

"Você não pode!" Clary estava sobre os pés dela agora. "Você prometeu."

"Eu nunca prometi nada." Jace olhou em rebeldia. Ele andou para a parede e rasgou um lado do veludo pendurado. "Você quer me dizer o que é isto?" Ele exigiu.

"É uma porta, Jace," Clary disse. Era uma porta, estranhamente fixada na parede entre as duas janelas com reentrâncias. É evidente que não poderia ser uma porta que conduzia a algum lugar, ou ela seria visível do lado de fora da casa. Parecia como se fosse feita de algum suave metal brilhante, mais cremoso do que de latão, mas tão pesada como de ferro. A maçaneta tinha sido impressa na forma de um olho.

"Cale a boca," disse Jace raivosamente. "Isso é um Portal. Não é?"



"É uma porta para cinco dimensões," disse Dorothea, deixando as cartas de tarô de volta na mesa. "Dimensões não são todas linhas retas, você sabe," ela acrescentou, em resposta ao olhar em branco de Clary. "Há depressões, dobras, recantos e fendas todas recolhidas. É um pouco difícil de explicar quando você nunca estudou teoria dimensional, mas, na essência, esta porta pode levá-lo em qualquer lugar nesta dimensão que você pretende ir. É..."

"Uma saída de emergência," Jace disse. "É por isso que sua mãe queria viver aqui. Então, ela poderia sempre fugir num momento com antecedência."

"Então por que ela não...," Clary começou, e rompeu, subitamente horrorizada. "Por minha causa," ela disse. "Ela não sairia sem mim naquela noite. Então, ela ficou."

Jace estava balançando sua cabeça. "Você não pode se culpar."

Sentindo as lágrimas se juntarem debaixo de suas pálpebras, Clary empurrou passando Jace para a porta. "Quero ver para onde ela teria ido," ela disse, alcançando a porta. "Eu preciso ver se ela estava indo escapar para..."

"Clary, não!" Jace alcançou ela, mas ela já tinha fechado seus dedos ao redor da maçaneta. Aquilo girou rapidamente debaixo de sua mão, a porta voou aberta como se ela tivesse empurrado ela. Dorothea moveu-se em seus pés com um grito, mas era tarde demais. Antes que ela pudesse terminar a sua frase, Clary encontrou a si mesma dando cambalhotas para frente e através do espaço vazio.



8– Arma da Escolha

Ela estava muito surpresa para gritar. A sensação de queda era a pior parte, seu coração flutuou até sua garganta e seu estômago virou água. Ela arremessou suas mãos para fora, tentando pegar em qualquer coisa, qualquer coisa que pudesse diminuir sua queda.

Suas mãos fecharam sobre ramos. Folhas rasgaram na sua mão. Ela baqueou no chão duro, seu quadril e ombro acertando envolvidos por terra. Ela rolou, sugando o ar de volta a seus pulmões. Ela estava apenas começando a se sentar quando alguém pousou em cima dela.

Ela foi derrubada para trás. Uma testa bateu contra a dela, seus joelhos batendo contra o da outra pessoa. Se enroscando em braços e pernas, Clary tossiu cabelo (não o seu próprio) para fora de sua boca e tentou lutar abaixo do peso que sentiu como se a estivesse esmagando.

"Ouch," Jace disse em seu ouvido, o seu tom indignado. "Você me empurrou."

"Bem, você aterrizou em cima de mim."

Ele elevou a si mesmo nos seus braços e olhou para ela serenamente. Clary podia ver o céu azul acima da sua cabeça, um pedaço de ramo de árvore, e no canto uma ripa de revestimento cinza de casa. "Bem, você não me deixou muita escolha, não é?" ele perguntou. "Não depois que você decidiu dar um salto alegremente através daquele portal como se você estivesse pulando do trem F¹⁵. Você teve apenas sorte de isso não nos despejar no East River¹⁶."

"Você não tinha que vir atrás de mim."

"Sim, eu tinha," ele disse. "Você é muito inexperiente para proteger a si mesma em uma situação hostil sem mim."

"Que doce. Talvez eu te perdoe."

"Me perdoar? Pelo quê?"

"Por me dizer para calar a boca."

Seus olhos se estreitaram: "Eu não mandei..., bem, eu mandei, mas você estava..."

"Esquece." Seu braço, pregado debaixo das costas dele, estava começando a dar câibras. Rolando para o lado para libertá-lo, ela viu a grama marrom de um gramado morto, uma cerca de grade, e mais das ripas de madeira cinza, dolorosamente familiar.

Ela congelou. "Eu sei onde nós estamos."

¹⁵ Linha de trem.

¹⁶ Nome de um rio americano.



Jace parou, gaguejando. "O que?"

"Está é a casa de Luke." Ela sentou, lançando Jace para o lado. Ele rolou graciosamente para seus pés e deu a mão a ela ajudando-a a se levantar. Ela ignorou ele e se levantou direto, balançando seu braço adormecido.

Eles estava na frente de uma pequena casa cinza enfileirada, alinhada entre as outras casas que estavam às margens d'água de Williamsburg. Uma brisa soprou vinda do East River, acertando um pequeno sinal balançando acima dos tijolos em frente aos degraus. Clary viu Jace enquanto ele lia as palavras em blocos em voz alta, "Garroway Livros. Semi-novos, novos e edições esgotadas. Fechado aos sábados." Ele olhou para a porta escura à frente, sua maçaneta com um pesado cadeado, uma quantidade de correspondência de poucos dias descansando sobre o capacho, intocada. Ele olhou para Clary. "Ele mora em uma livraria?"

"Ele mora atrás da loja." Clary olhou para cima e para baixo da rua vazia, que era delimitada em um dos finais à distância pela arqueada ponte de Williamsburg, e por uma fábrica de açúcar no outro lado. Atravessando lentamente o constante rio, o sol estava atrás dos arranha-céus da baixa Manhattan, delineando eles em ouro, "Jace, como nós chegamos aqui?"

"Através do portal," Jace disse, examinando o cadeado. "Ele leva você a qualquer lugar em que você estiver pensando."

"Mas eu não estava pensando em aqui," Clary se opôs. "Eu não estava pensando em lugar nenhum."

"Você deve ter pensado." Ele largou o assunto, parecendo desinteressado. "Então, uma vez que estamos aqui mesmo assim..."

"Sim?"

"O que você quer fazer?"

"Ir embora, eu acho," Clary disse amargamente. "Luke me disse para não vir aqui."

Jace balançou a cabeça. "E você apenas vai aceitar isso?"

Clary colocou seus braços em torno de si mesma. Apesar do calor do dia, ela sentiu frio. "Eu tenho uma escolha?"

"Nós sempre temos escolhas," Jace disse, "se eu fosse você, eu estaria muito curioso sobre Luke agora. Você tem as chaves da casa?"

Clary balançou sua cabeça. "Não, mas às vezes ele deixa a porta de trás aberta." Ela apontou para o beco estreito entre a fileira da casa de Luke e a próxima. Latas de lixo de plástico estavam assentadas em fila ao lado de pilhas de jornais dobrados e um balde de plástico com garrafas de soda vazias. Pelo menos Luke ainda era um reciclador responsável.

"Tem certeza que ele não está em casa?" Jace perguntou.



Ela olhou para a vaga vazia. “Bem, seu caminhão se foi, sua loja está fechada, e todas as luzes estão apagadas. Eu diria que provavelmente não está.”

“Então mostre o caminho.”

O estreito corredor entre a fileira das casas terminava em uma alta grade de cerca. Ela cercava o pequeno jardim de Luke, onde as únicas plantas florescendo pareciam ser a erva daninha que surgiam através das pedras do pavimento, quebrando elas em cacos empoeirados.

“Subir e mais,” Jace disse, botando a ponta de sua bota dentro de uma lacuna na cerca. Ele começou a subir. A cerca agitou-se tão alto que Clary olhou ao redor nervosamente, mas não havia luzes acesas nas casas dos vizinhos. Jace chegou o topo do muro e saltou para baixo do outro lado, a aterrissagem nos arbustos foi acompanhada de um audível uivo.

Por um momento Clary pensou que ele tivesse aterrizado em um gato de rua. Ela ouviu Jace gritar em surpresa quando ele caiu para trás. Uma sombra negra, muito grande para ser um felino – explodiu fora do arbusto e se moveu pelo jardim, mantendo-se baixa. Se pondo em seus pés, Jace se arremessou após ele, parecendo assassino.

Clary começou a subir. Quando ela jogou sua perna por cima do topo da cerca, o jeans de Isabelle pegou um fio torcido e rasgou-se na lateral. Ela caiu no chão, os sapatos se arrastando na sujeira suave, ela ouviu Jace gritar em triunfo. “Peguei ele!” Clary virou-se para ver Jace sentando no topo do debruçado intruso, cujos braços estavam acima de sua cabeça. Jace pegou ele pelos seus pulsos. “Vamos lá, vamos ver a sua cara...”

“Tira esse inferno de cima de mim, seu idiota pretensioso,” o intruso rosnou, empurrando Jace. Ele se contorceu em meio a uma posição sentada, seus óculos quebrados entortados.

Clary parou estarecida em seu caminho. “Simon?”

“Oh, Deus,” Jace disse, soando resignado. “E eu aqui realmente esperando ter pego alguma coisa interessante.”

“Mas o que você estava fazendo se escondendo nos arbustos de Luke?” Clary perguntou, retirando as folhas do cabelo de Simon. Ele suportou seu auxílio com um olhar sem graça. De algum jeito quando ela imaginou se encontrando com Simon, quando tudo isso estivesse acabado, ele estaria com um humor melhor. “Essa parte eu não entendi.”

“Tudo bem, já chega. Eu posso arrumar o meu próprio cabelo, Fray,” Simon disse, se afastando do toque dela. Eles estavam sentados nos degraus da varanda de trás de Luke. Jace tinha se apoiado no corrimão da varanda e estava fingindo ignorá-los, enquanto ele usava a estela para limpar os cantos de suas unhas. Clary imaginou se a Clave aprovaria.



“Quero dizer, Luke sabe que você está aqui?” ela perguntou.

“É claro que ele não sabe que eu estou aqui,” Simon disse irritado. “Eu nunca lhe perguntaria, mas eu tenho certeza que ele tem uma distintamente rigorosa política sobre ocasionais adolescentes se ocultando em seus arbustos.”

“Você não é ocasional; ele conhece você.” Ela queria se aproximar e tocar seu rosto, que ainda sangrava ligeiramente onde um galho tinha arranhado ele. “A coisa principal é que você está bem.”

“Que eu estou bem?” Simon riu, um afiado, som infeliz, “Clary você tem idéia do que eu passei nestes últimos dias? A última vez que eu vi você, você estava correndo para fora do Java Jones como um morcego saindo do inferno, e então você apenas... desapareceu. Você nunca atendia o seu celular – então o telefone da sua casa foi desligado – então Luke me disse que você estava ficando com alguns parentes no interior, quando eu sei que você não tem nenhum outro parente. Eu pensei que eu havia feito algo que chateou você.

“O que você poderia possivelmente ter feito?” Clary alcançou a sua mão, mas ele a puxou de volta sem olhar para ela.

“Eu não sei,” ele disse. “Alguma coisa.”

Jace, ainda ocupado com sua estela, riu baixo sob sua respiração.

“Você é o meu melhor amigo,” Clary disse. “Eu não estava brava com você.”

“Yeah, bem, você claramente também não poderia ser incomodada para me ligar e me dizer que você estava dormindo com algum loiro tingido querendo ser gótico, que você provavelmente conheceu no Pandemonium.” Simon apontou acidamente. “Depois que eu passei os últimos três dias me perguntando se você estava morta.”

“Eu não estava dormindo,” Clary disse, agradecida pela escuridão enquanto o sangue corria para o seu rosto.

“E o meu cabelo é naturalmente loiro,” Jace disse. “Só para o registro.”

“Então o que você estava fazendo nesses últimos três dias?” Simon disse, seus olhos escuros com suspeita. “Você realmente tem uma tia avó que contraiu uma gripe aviária e precisava ser cuidada até ficar saudável?”

“Luke realmente disse isso?”

“Não. Ele apenas disse que você tinha ido visitar um parente doente, e que seu telefone provavelmente não funcionaria fora do país. Não que eu tenha acreditado nele. Depois dele ter me enxotado da sua entrada, eu fui ao redor de sua casa e olhei pela janela detrás. Olhando ele fazer uma mala de viagem verde como se ele estivesse saindo para um fim de semana. Foi quando eu decidi ficar por aqui e manter um olho nas coisas.”

“Porque? Por que ele estava fazendo uma mala?”



"Ele estava embalando um monte de armas," Simon disse, esfregando o sangue do rosto na manga de sua camiseta. "Facas, um par de adagas, até mesmo uma espada. Engraçado isso, algumas das armas pareciam como se estivessem brilhando." Ele olhou de Clary para Jace, e de volta. Seu tom estava aguçado como uma das facas de Luke. "Agora, você vai me dizer que eu estava imaginando isso?"

"Não," disse Clary. "Não vou dizer isso." Ela olhou para Jace. A última luz do entardecer arremessou faíscas douradas nos seus olhos. Ela disse, "eu vou dizer a ele a verdade."

"Eu sei."

"Você vai tentar me impedir?"

Ele olhou para baixo na estela em sua mão. "O meu juramento ao Pacto me obriga," disse ele. "Nenhum desses juramentos obriga você."

Ela virou-se de volta a Simon, tomando um profundo fôlego. "Tudo bem," disse ela. "Aqui está o que você tem que saber."

O sol tinha escorregado inteiramente passando no horizonte, e a varanda estava na escuridão na hora em que Clary parou de falar. Simon tinha ouvido dela uma longa explicação com a expressão quase impassível, piscando só um pouco quando ela chegou à parte sobre o demônio Ravener. Quando ela terminou de falar, ela limpou sua garganta seca, de repente morrendo por um copo de água. "Então," ela disse, "alguma pergunta?"

Simon levantou a mão dele. "Oh, eu tenho perguntas. Várias."

Clary exalou cuidadosamente. "Ok, manda."

Ele apontou para Jace. "Agora, ele é um... de novo do que você chama as pessoas como ele?"

"Ele é um Caçador de Sombras," Clary disse.

"Um caçador de demônios," Jace esclareceu. "Eu mato demônios. Isso não é realmente complicado."

Simon olhou para Clary novamente. "Sério?" Seus olhos estavam apertados, como se ele meio que esperasse que dissessem a ele que nada daquilo era verdade e que Jace na verdade era um perigoso lunático fugitivo que ela tinha decidido ajudar por razões humanitárias.

"Na real."

Havia uma intenção no olhar no rosto de Simon. "E há vampiros, também? Lobisomens, bruxos, todas essas coisas?"

Clary mordeu seu lábio inferior. "Foi o que ouvi."



"E você mata eles também?" Simon perguntou, dirigindo a pergunta a Jace, que tinha posto sua estela de volta no seu bolso e estava examinando suas impecáveis unhas por defeitos.

"Só quando eles estão sendo desobedientes."

Por um momento Simon meramente ficou sentado e encarando seus pés. Clary se perguntou se sobrecarregar ele com este tipo de informação tinha sido a coisa errada a fazer. Ele tinha um forte traço prático do que qualquer outra pessoa que ela conhecia, ele poderia odiar saber algo como isto, algo para o qual não havia qualquer explicação lógica. Ela inclinou ansiosamente em frente, justo quando Simon levantou a cabeça. "Isso é fantástico," ele disse.

Jace parecia tão estarrecido quanto Clary se sentiu.

"Fantástico?"

Simon concordou entusiasticamente o suficiente para fazer os cachos escuros balançarem em sua testa. "Totalmente. É como Dungeons e Dragons, mas real."

Jace estava olhando para Simon como se ele fosse alguma espécie bizarra de inseto. "Como o quê?"

"É um jogo," Clary explicou. Ela se sentiu vagamente embaraçada. "Pessoas que simulam ser magos e elfos e que matam monstros e outras coisas."

Jace pareceu estupefato.

Simon sorriu. "Você nunca ouviu falar de Dungeons e Dragons?"

"Eu já ouvi sobre calabouços¹⁷," Jace disse. "Também sobre dragões. Embora a maioria deles esteja instinta."

Simon pareceu desapontado. "Você nunca matou um dragão?"

"Ele também provavelmente nunca conheceu uma mulher-elfa de 1 metro e 82, em um biquini de pele." Clary disse irritada. "Saí fora, Simon."

"Elfos de verdade tem 20 centímetros de altura," Jace apontou. "E também eles mordem."

"Mas vampiros são quentes, certo?" Simon disse. "Eu quero dizer, alguma das vampiras são gatas, não são?"

Clary se preocupou por um momento que Jace pudesse dar um bote, atravessando a varanda e estrangulasse Simon pela falta de senso. Ao invés disso ele considerou a questão. "Algumas delas, talvez."

¹⁷ Dungeons e Dragons.



"Fantástico," Simon repetiu. Clary decidiu que ela preferia quando eles estavam lutando.

Jace deslizou do corrimão da varanda. "Então, nós vamos vasculhar dentro da casa ou não?"

Simon se mexeu sobre seus pés. "Eu estou no jogo. O que estamos procurando?"

"Nós?" Jace disse, com uma sinistra delicadeza. "Eu não me lembro de ter convidado você."

"Jace," Clary disse com raiva.

O canto direito da boca dele se curvou para cima. "Só brincando." Ele andou para o lado para deixar o caminho livre para ela até a porta. "Vamos?"

Clary bateu pela maçaneta no escuro. Ela se abriu, em resposta ligando a luz da varanda, que iluminou a entrada. A porta que levava para dentro da livraria estava fechada; Clary forçou a maçaneta. "Está fechada."

"Permita-me, mundanos," Jace disse, retirando ela suavemente para o lado. Ele pegou sua estela do seu bolso e a pôs na porta. Simon olhava com algum ressentimento. Não por causa das vampiras gatas, Clary suspeitou, era por ele nunca ter feito algo como Jace.

"Ele é um saco, não é?" Simon disse. "Como você consegue ficar com ele?"

"Ele salvou minha vida."

Simon olhou para ele rapidamente. "Como..."

Com um clique a porta se moveu aberta. "Aqui vamos nós," Jace disse, deslizando sua estela de volta ao seu bolso. Clary viu a marca na porta – acima de sua cabeça – sumindo enquanto eles passavam através dela. A porta de trás abria-se para um pequeno quarto de depósito, as paredes nuas descascando a tinta. Caixas de papelão estavam amontoadas por toda parte, seus conteúdos identificados com marcas rabiscadas: "Ficção", "Poesia", "Locais de Interesse", "Romance".

"O apartamento dele é por ali," Clary foi a frente em direção a porta que ela tinha indicado, na extremidade da sala.

Jace pegou o braço dela. "Espere."

Ela olhou para ele nervosamente. "Tem alguma coisa errada?"

"Eu não sei." Ele estava no estreito entre duas pilhas de caixas, e sibilou. "Clary, você precisa vir até aqui e ver isso."

Ela olhou ao redor. A iluminação fraca no depósito, a única iluminação vinha da luz da varanda brilhando através da janela. "Está tão escuro..."



Uma luz incendiou, banhando o quarto em um brilhante cintilar. Simon virou sua cabeça de lado, piscando. "Ouch."

Jace riu. Ele estava em pé em cima de uma caixa selada, sua mão levantada. Alguma coisa cintilava em sua palma, a luz escapava através dos seus dedos fechados. "Luz de bruxa," ele disse.

Simon murmurou algo sob sua respiração. Clary já estava escalando por meio das caixas, indo até Jace. Ele estava em pé atrás de uma pilha oscilante de livros de mistérios, a luz de bruxa lançando uma misteriosa luz no rosto dele. "Olhe isso," ele disse, indicando um espaço mais alto em cima da parede. Inicialmente ela pensou que ele estava apontando para o que parecia ser um par de castiçais ornamentais. Enquanto os olhos dela se ajustavam, ela notou o que eram, na realidade, alças de metal presas por correntes curtas, as quais suas extremidades estavam afundadas na parede. "Aquilo são..."

"Algemas," Simon disse, escolhendo seu caminho através das caixas. "Isso é, ah..."

"Não diga 'pervertido'." Clary lhe atirou um olhar de advertência. "É do Luke que estamos falando."

Jace se aproximou para correr sua mão por dentro de uma das alças de metal. Quando ele abaixou-a, seus dedos estavam empoeirados com pó vermelho e marrom. "Sangue. E olhe." Ele apontou para parede direita onde as correntes estavam presas; o gesso parecia se salientar para fora. "Alguém tentou arrancar essas coisas da parede. E tentou bastante, dá pra se ver isso."

O coração de Clary começou a bater forte dentro de seu peito. "Você acha que Luke está bem?"

Jace abaixou a luz de bruxa. "Acho que seria melhor nós descobrirmos."

A porta do apartamento de Luke estava destrancada. Ela levava a sala de estar de Luke. Apesar das centenas de livros na própria loja, lá havia mais outras centenas no apartamento. Prateleiras de livros cresciam até o teto, os volumes sobre eles dobravam acima do outro, uma fileira bloqueando a outra. A maioria era poesia e ficção, com abundância de fantasia e mistério intercalados. Clary se lembrou de navegar no conjunto das Crônicas de Prydain aqui, enrolada no assento da janela de Luke enquanto o sol se punha sobre o East River.

"Eu acho que ele ainda está por aqui," Simon chamou em pé na entrada da pequena cozinha. "O coador de café está ligado e tem café aqui. Ainda quente."

Clary olhou ao redor da porta da cozinha. Pratos estavam empilhados na pia. As jaquetas de Luke foram penduradas ordenadamente em ganchos dentro do armário. Ela andou pelo corredor e abriu a porta do seu pequeno quarto. Parecia o mesmo como sempre, a cama com um cobertor cinza e travesseiros desfeitos, o topo da escrivaninha coberta frouxamente. Ela se afastou. Alguma parte dela tinha certeza absoluta que quando eles entrassem, eles encontrariam o lugar feito em pedaços, e Luke amarrado, ferido ou pior. Agora, ela não sabia o que pensar.



Entorpecida ela cruzou a sala até o pequeno quarto de hóspedes que ela tinha ficado com tanta frequência quando sua mãe estava fora da cidade em negócios. Eles ficavam até tarde assistindo velhos filmes de terror na TV, em cintilante preto e branco. Ela sempre mantinha uma mochila cheia com coisas extras aqui então ela não tinha que ficar levando suas coisas de volta para casa.

Ajoelhada, Clary puxou aquilo debaixo da cama pela sua correia verde oliva. Estava coberta com broches, a maioria dos quais Simon deu a ela. Jogadores faziam isso melhor, garota otaku, ainda não rei¹⁸. No interior tinha algumas roupas dobradas, alguns pares de calcinhas, uma escova de cabelo, e um xampu. *Obrigada Deus*, ela pensou, e chutou a porta do quarto fechando. Ela rapidamente se trocou, tirando as roupas grandes demais de Isabelle agora cheia de grama e suor, e pondo um par de suas próprias calças com cordão, macias como papel desgastado, e um top azul com um desenho de caracteres chineses em sua frente. Ela jogou as roupas de Isabelle em sua mochila, fechando a ponta da corda, e deixou o quarto, a carga se movendo familiarmente entre as omoplatas de seu ombro. Ela encontrou Jace no escritório alinhado de livros de Luke, examinando uma mala verde que descansava aberta em cima da mesa. Aquilo estava, como Simon tinha dito, cheia de armas, facas embainhadas, um chicote enrolado, e algo que parecia como uma navalha afiada em forma de disco.

"Isso é um chakram," Jace disse, olhando para Clary quando ela entrou na sala. "Uma arma hindu. Você gira ela ao redor do seu dedo indicador antes de soltá-la. Elas são raras e difíceis de usar. É estranho que Luke possua uma. Elas costumavam ser uma arma da escolha de Hodge, nos velhos tempos. Ou assim ele me disse."

"Luke coleciona coisas. Objetos de arte. Você sabe," Clary disse, indicando um balcão atrás da mesa, que estava alinhado com ícones de bronze indianos e russos. Sua favorita era uma estatueta de uma deusa indiana da destruição, Kali, brandindo uma espada e uma cabeça cortada, enquanto ela dançava com sua cabeça atirada para trás e os olhos semi-cerrados. Do lado da mesa estava uma antiga tela chinesa, cinzelada em um brilhoso pau-rosa¹⁹.

"Coisas lindas". Jace moveu o chakram para o lado delicadamente. Um punhado de roupas soltas no fundo da mala, como se estivesse postas de última hora. "À propósito, eu acho que isso é seu."

Ele pegou um objeto retangular escondido entre as roupas: uma fotografia emoldurada em madeira com um longo e vertical rachado atravessando o vidro. Os rostos sorridentes de Clary, Luke e de sua mãe. "Isso é meu," Clary disse, pegando-o de sua mão.

"Está rachado," Jace observou.

"Eu sei. Eu fiz isso. Eu joguei ela. Quando eu a atirei no demônio Ravener." Ela olhou para ele, vendo uma evidente compreensão no rosto dele.

"Isso significa que Luke deve ter voltado ao apartamento desde o ataque. Talvez até hoje."

¹⁸ Otakus - pessoas que curtem anime, manga. O restante é confuso.

¹⁹ Pau Rosa - um tipo de madeira.



"Ele deve ter sido a última pessoa a entrar através do Portal," Jace disse. "É por isso que ele nos levou até aqui. Você não estava pensando em nada, por isso ele nos enviou para o último lugar que tinha ido."

"Legal da parte de Dorothea nos dizer que ele estava lá," Clary disse.

"Ele provavelmente pagou para ela ficar calada. Ou isso, ou ela confia nele mais do que ela confia em nós. O que significa que ele pode não ser..."

"Gente!" Era Simon, precipitando-se no escritório em pânico. "Alguém está chegando."

Clary soltou a foto. "É Luke?"

Simon olhou de volta para o muro, então concordou. "É. Mas ele não está sozinho – há dois homens com ele."

"Homens?" Jace cruzou a sala em poucas passadas, olhando através da porta, e cuspiu uma maldição debaixo de sua respiração. "Bruxos."

Balançando sua cabeça, Jace se afastou para longe da porta. "Há algum outro caminho para fora daqui? Uma porta dos fundos?"

Clary balançou sua cabeça. O som de passos no corredor era audível agora, dando pontadas de medo em seu peito.

Jace olhou ao redor desesperadamente. Os olhos deles descansaram na tela. "Vão para trás daquilo," ele disse, apontando. "Agora."

Clary largou a foto fraturada sobre a mesa e escorregou para trás da tela, puxando Simon depois dela. Jace ficou atrás deles, sua estela em sua mão. Ele mal tinha escondido a si mesmo quando Clary ouviu a porta oscilando aberta, o som de pessoas andando dentro do escritório de Luke, e então vozes. Três homens falando. Ela olhava nervosamente para Simon, que estava muito pálido e então para Jace, que tinha levantado a estela em sua mão e estava movendo a ponta levemente, em uma espécie de forma quadrada, em toda a parte de trás da tela. Enquanto Clary olhava, o quadrado ia ficando claro, como um painel de vidro. Ela ouviu Simon sugar sua respiração, um pequeno som, meramente audível – e Jace batendo sua cabeça na de ambos, movimentou com os lábios as palavras: "Eles não podem nos ver através dela, mas nós podemos ver eles."

Mordendo seu lábio, Clary se deslocou para a outra extremidade do quadrado e olhou através dele, consciente da respiração de Simon em seu pescoço. Ela podia ver além da sala perfeitamente: as prateleiras, a mesa com a mala atirada sobre ela – e Luke, parecendo áspero e ligeiramente humilhado, seus óculos no topo de sua cabeça, de pé perto da porta. Era assustador ela nunca soube que ele pudesse enxergar sem eles, a janela que Jace fez era como um vidro na sala de investigação de uma delegacia: estritamente só de um lado.



Luke se virou, olhando para trás através da entrada. “Sim, fiquem à vontade para olharem ao redor,” ele disse, seu tom fortemente pesado com sarcasmo. “Legal da parte de vocês mostrarem algum interesse.”

Um baixo sorriso veio do canto do escritório. Com uma impaciente pincelada do punho, Jace tocou o quadro de sua ‘janela’, e a abriu alargando, mostrando mais da sala. Havia dois homens com Luke, ambos em longos mantos avermelhados, seus capuzes empurrados para trás. Um era magro, com um elegante bigode cinza e uma barba pontuda. Quando ele sorriu, ele mostrou ofuscantes dentes brancos. O outro era robusto, atarracado como um lutador, com cabelos avermelhados cortados. Sua pele era um roxo escuro e parecia brilhante acima de suas bochechas, como se ele as tivesse esticado muito.

“Aqueles são bruxos?” Clary sussurrou suavemente.

Jace não respondeu. Ele ficou todo rígido como uma barra de ferro. *Ele está com medo que eu corra e tente pegar Luke*, Clary pensou. Ela desejou poder assegurar a ele que ela não faria isso.

Havia alguma coisa sobre aqueles dois homens, em seus espessos mantos da cor de sangue arterial, que era assustador.

“Considere isso uma amigável companhia, Graymark,” disse o homem com o bigode cinza. Seu sorriso mostrou dentes tão afiados que eles pareciam pontiagudos como se eles tivessem sido mostrados de um canibal.

“Não há nada de amigável sobre você, Pangborn.” Luke disse se sentando na ponta da mesa, angulando seu corpo então ele bloqueou a vista dos homens em sua mala e seu conteúdo. Agora ele estava mais perto, Clary podia ver seu rosto e suas mãos que estavam muito machucadas, seus dedos arranhados e sangrentos. Um longo corte em seu pescoço desaparecendo abaixo de seu colarinho. *O que diabos tinha acontecido com ele?*

“Blackwell, não toque nisso, é valioso,” Luke disse ríspidamente.

O grande homem ruivo, que tinha pegado a estátua de Kali em cima da estante correu seus dedos fortes nela, considerando. “Legal,” ele disse.

“Ah,” disse Pangborn, pegando a estátua de seu companheiro. “Ela, que foi criada para lutar com um demônio que não podia ser morto por nenhum deus ou homem. ‘Oh, Kali, minha mãe cheia de felicidade! Feiticeira da onipotente Shiva, em tua alegria delirante tu dançastes, batendo tuas mãos juntas. Tua arte de mover tudo o que se move, e nós somos apenas teus impotentes brinquedos’.”

“Muito bem,” disse Luke. “Eu não sabia que você era um estudante de mitos indianos.”

“Todos os mitos são verdadeiros,” Pangborn disse, e Clary sentiu um calafrio subir na sua espinha. “Ou você esqueceu até isso?”



"Eu não esqueci nada," Luke disse. Embora ele parecesse relaxado, Clary podia ver a tensão nas linhas de seus ombros e boca. "Suponho que Valentine enviou vocês?"

"Ele mandou," Pangborn disse. "Ele pensou que você tivesse mudado de idéia."

"Não há nada para mudar minha opinião sobre isso. Eu já disse a vocês que eu não sei de nada. À propósito, belos mantos."

"Obrigado," disse Blackwell com um sorriso astuto. "Tiramos eles de um par de bruxos mortos."

"Esses são os mantos oficiais do Acordo, não são?" Luke perguntou. "Eles vêm da revolta?"

Pangborn sorriu suavemente. "Espólios de batalha."

"Vocês não tem medo que alguém possa confundir vocês pela coisa verdadeira?"

"Não," disse Blackwell, "desde que eles não se aproximem."

Pangborn acariciou a borda do seu manto. "Você se lembra da revolta, Lucian?" ele disse suavemente. "Aquele foi um grande e terrível dia. Você se lembra que nós treinamos juntos para a batalha?"

O rosto de Luke retorceu. "O passado é o passado. Não sei o que dizer a vocês senhores. Eu não posso ajudá-los agora. Eu não sei de nada."

"'Nada', é um tipo de palavra usual, tão não específica," disse Pangborn, soando melancolicamente, "Certamente alguém que possui uma grande quantidade de livros deve saber alguma coisa."

"Se você quiser saber onde achar um lugar para descansar na primavera, eu poderia te direcionar para o correto título de referência. Mas se você quer saber sobre a Taça Mortal que desapareceu para..."

"Desaparecida pode não ser a palavra correta," Pangborn murmurou. "Escondida, é melhor. Escondida por Jocelyn."

"O que pode ser," Luke disse, "então, ela ainda não disse onde está?"

"Ela ainda não recobrou a consciência," Pangborn disse, entalhando o ar com os longos dedos da mão. "Valentine está desapontado. Ele estava ansioso pela sua reunião."

"Eu tenho certeza que ela não retribuiu o sentimento," Luke murmurou.

Pangborn gargalhou. "Com ciúme, Graymark? Talvez você já não se sinta sobre ela do jeito que você costumava sentir."

Um tremor começou nos dedos de Clary, tão pronunciado que ela teve que unir suas mãos para impedi-las de tremerem. *Jocelyn? Eles estavam falando sobre sua mãe?*



“Eu nunca senti nada sobre ela, particularmente,” Luke disse. “Dois Caçadores de Sombras, exilados pelos de sua própria espécie, você pode ver a razão de nós termos estado juntos. Mas eu não vou tentar interferir com os planos de Valentine para ela, se é isso que está preocupando ele.”

“Eu não diria que ele está preocupado,” Pangborn disse. “Mais curioso. Nós todos nos perguntamos se vocês ainda estavam vivos. Ainda reconhecidamente humanos.”

Luke arqueou suas sobrancelhas. “E?”

“Vocês parecem bem o suficiente,” Pangborn disse mesquinhamente. Ele colocou a estatueta de Kali para baixo na prateleira. “Havia uma criança, não havia? Uma garota.”

Luke pareceu surpreso. “O que?”

“Não se faça de bobo,” disse Blackweel rosnando com sua voz. “Sabemos que a cadela tinha uma filha. Eles encontraram fotos dela no apartamento, um quarto...”

“Eu pensei que vocês estavam perguntando sobre filhos meus,” Luke interrompeu suavemente. “Sim, Jocelyn tinha uma filha. Clarissa. Eu pressumo que ela fugiu. Valentine mandou vocês para achá-la?”

“Não nós,” Pangborn disse. “Mas ele está procurando.”

“Nós podíamos procurar neste lugar,” Blackwell adicionou.

“Eu não aconselharia vocês a isso,” Luke disse, e deslizou para fora da mesa. Havia uma certa ameaça fria em seu olhar enquanto ele olhava para os dois homens, embora sua expressão não tivesse mudado. “O que os fazem pensar que ela ainda está viva? Eu pensei que Valentine enviou Raveners para explorar o lugar. Venenos de Ravener são o suficiente, e a maioria das pessoas desintegram-se em cinzas, sem deixar nenhum rastro para trás.”

“Houve um Ravener morto,” Pangborn disse. “Isso fez Valentine ter suspeitas.”

“Tudo faz Valentine ter suspeitas,” Luke disse. “Talvez Jocelyn o tenha matado. Ela era realmente capaz.”

Blackwell grunhiu. “Talvez.”

Luke deu de ombros. “Olhe, eu não tenho a idéia de onde a garota está, mas se isso vale alguma coisa, eu apostaria que ela está morta. Ela teria voltado agora, por outro lado. De qualquer maneira, ela não era um perigo. Ela tem quinze anos, ela nunca ouviu falar de Valentine, e ela não acredita em demônios.”

Pangborn sorriu. “Uma criança afortunada.”

“Não mais,” Luke disse.



Blackwell levantou suas sobrancelhas. “Você soou com raiva Lucian.”

“Eu não estou com raiva, estou exasperado. Eu não estou planejando interferir com os planos de Valentine, vocês entendem isso? Eu não sou um tolo.”

“Realmente?” Blackwell disse. “É bom ver que você desenvolveu um saudável respeito pela sua própria pele através dos anos, Lucian. Você não era sempre tão pragmático.”

“Você sabe,” Pangborn disse, seu tom sociável, “que nós trocaremos ela, Jocelyn, pela taça? Seguramente entregue, direto em sua porta. Essa é uma promessa do próprio Valentine.”

“Eu sei,” Luke disse. “Eu não estou interessado. Não sei onde sua preciosa taça está, e eu não quero me envolver em suas políticas. Eu odeio Valentine,” ele adicionou, “mas eu respeito ele. Eu sei que ele vai matar qualquer um que estiver em seu caminho. Eu tenciono estar fora do seu caminho quando isso acontecer. Ele é um monstro, uma máquina assassina.”

“Olha quem está falando,” rosnou Blackwell.

“Acho que esses são seus preparativos para se remover do caminho de Valentine?” Pangborn disse, apontando o longo dedo para a mala semi-oculta sobre a mesa. “Saindo da cidade, Lucian?”

Luke concordou lentamente. “Indo para fora do país. Pretendo ficar por lá por enquanto.”

“Nós podíamos parar você,” Blackwell disse. “Fazer você ficar.”

Luke sorriu. Ele transformou o seu rosto. De repente ele não era nem de longe o tipo de homem acadêmico que empurrava Clary nos balanços do parque e a ensinou a andar em um velocípede. Subitamente havia algo feroz por trás de seus olhos, algo odioso e frio. “Vocês poderiam tentar.”

Fangborn olhou para Blackwell, que balançou sua cabeça uma vez, lentamente. Pangborn se virou para Luke. “Você vai nos informar se você experimentar qualquer repentina restauração da memória?”

Luke ainda estava sorrindo. “Vocês serão os primeiros da minha lista de chamada.”

Pangborn concordou brevemente. “Eu suponho que tenhamos que ir. Que o Anjo o guarde, Lucian.”

“O Anjo não guarda aqueles como eu,” Luke disse. Ele apanhou a mala da mesa, fechando ela acima. “De saída, senhores?”

Levantando seus capuzes para cobrir seus rostos novamente, os dois homens deixaram o quarto, seguido em um momento posterior por Luke. Ele pausou um momento à porta, seus olhos giraram em torno como se ele se perguntasse se havia esquecido algo. Então ele a fechou com cuidado atrás dele.



Clary permaneceu onde ela estava, congelada, ouvindo a porta da frente bater fechada e os distantes tilintarem de correntes e a chaves enquanto Luke firmava o cadeado. Ela continuou vendo o olhar na cara de Luke, mais e mais, quando ele disse que não estava interessado no que aconteceu com sua mãe.

Ela sentiu uma mão sobre seu ombro. "Clary?" Era Simon, sua voz hesitante, quase gentil. "Você está bem?"

Ela balançou a cabeça, mudamente. Ela se sentia bem longe de estar ok. Na verdade, ela sentia como se ela nunca mais fosse ficar bem novamente.

"É claro que ela não está." Era Jace, sua voz acentuada e fria como cacos de gelo. Ele segurou a tela e a moveu para o lado acentuadamente. "Pelo menos sabemos que eles enviaram um demônio atrás de sua mãe. Aqueles homens pensam que ela tem a Taça Mortal."

Clary sentiu seu lábios finos em uma linha reta. "Isso é totalmente ridículo e impossível."

"Talvez," Jace disse, inclinando-se contra a mesa de Luke. Ele fixou seus olhos tão opacos quanto vidro esfumado. "Você já viu esses homens antes?"

"Não." Ela balançou a cabeça dela. "Nunca."

"Lucian pareceu os conhecer. Para ser amigável com eles."

"Eu não diria amigável," Simon disse. "Eu diria que eles estavam suprimindo sua hostilidade."

"Eles não iriam matá-lo imediatamente," Jace disse. "Eles acham que ele sabe mais do que ele está dizendo."

"Talvez," Clary disse, "Ou talvez eles apenas estejam relutantes em matar outro Caçador de Sombras."

Jace riu, um duro, e quase vicioso barulho que levantou os cabelos dos braços de Clary. "Eu duvido disso."

Ela olhou para ele rígida. "O que faz você pensar com tanta certeza? Você conhece eles?"

O sorriso se foi de sua voz inteiramente quando ele respondeu. "Se eu conheço eles?" ele repetiu. "Você pode dizer isso. Eles são os mesmos homens que mataram meu pai."



9 - O Círculo e a Irmandade

Clary caminhou em direção para tocar o braço de Jace, dizer alguma coisa, qualquer coisa – o que se diria a alguém que tinha acabado de ver os assassinos de seu pai? Ela hesitando, percebeu que não importava; Jace afastou o toque dela como se tivesse picado. “Nós temos que ir,” ele disse, saindo do escritório e indo para a sala de estar. Clary e Simon se apressaram atrás dele. “Nós não sabemos quando Luke pode voltar.”

Eles saíram pela porta de trás, Jace usando sua estela para trancar atrás deles, e fizeram seu caminho para rua silenciosa. A lua acima como um medalhão pendurado sobre a cidade, lançando reflexos perolados nas águas do East River. Um distante zumbido de carros passando pela ponte Williamsburg enchia o úmido ar com um som como de asas batendo. Simon disse, “Alguém quer me dizer para onde estamos indo?”

“Para o trem L,” Jace disse calmamente.

“Vocês devem estar brincando comigo,” Simon disse, piscando. “Caçadores de demônio tomam o metrô?”

“É mais rápido do que ir dirigindo.”

“Eu pensei que seria algo mais legal, como uma van com ‘Morte aos Demônios’ pintado do lado de fora, ou...”

Jace nem sequer se incomodou em interromper. Clary olhou Jace com o canto dos olhos. Às vezes, quando Jocelyn estava realmente com raiva por alguma coisa ou estava em um de seus humores ruins, ela fazia o que Clary chamava de ‘a calma assustadora’. Era uma calma que fazia Clary pensar no enganoso reflexo duro de gelo apenas antes que ele rachasse sob seu peso. Jace estava assustadoramente calmo. Seu rosto era inexpressivo, mas algo queimava atrás de seus olhos dourados.

"Simon," disse ela. "Chega."

Simon lhe lançou um olhar como se para dizer, *De que lado você está?* mas Clary ignorou ele. Ela ainda estava olhando Jace enquanto eles se viravam para a Avenida Kent. As luzes da ponte atrás deles iluminava seu cabelo para um improvável halo. Ela imaginou se era errado que ela estivesse feliz de algum jeito por os homens que levaram sua mãe serem os mesmos homens que tinham matado o pai de Jace há anos atrás. Por agora, pelo menos, ele teria que ajudá-la a encontrar Jocelyn, se ele quisesse ou não. Por agora, pelo menos, ele não deixaria ela sozinha.

"Você mora aqui?" Simon parou, olhando para a velha catedral, com as suas janelas quebradas e portas seladas com fita amarela da polícia. "Mas é uma igreja".

Jace alcançou o pescoço de sua camisa e puxou uma chave de bronze no final de uma corrente. Parecia o tipo de chave para abrir um velho baú em um porão. Clary o olhou curiosamente – ele não tinha trancado a porta atrás dele quando tinham deixado o



Instituto antes, apenas deixou ela bater fechada. "Achamos que seria útil habitar em terreno sagrado."

"Saqueei isso mas, sem ofensa, este lugar é um lixo," Simon disse, olhando duvidosamente para a cerca dobrada de ferro que rodeava o antigo edifício, um lixo empilhado ao lado dos degraus.

Clary deixou sua mente relaxar. Ele imaginou a si mesma tomando uma dos trapos de terebentina de sua mãe e dando pancadinhas na vista em frente a ela, limpando o caminho do glamour como se aquilo fosse tinta velha.

Ali estava: a verdadeira visão, brilhando através da falsa, como luz através do vidro escuro. Ela viu os elevados pináculos da catedral, o embrutecido brilho das janelas chumbadas, a placa de bronze fixada em uma parede de pedra ao lado da porta, o nome do Instituto gravado nela. Ela segurou a visão por um momento antes de deixá-la ir quase com um suspiro.

"Isso é fascinante, Simon," ela disse. "Realmente não é o que parece."

Jace colocou a chave na fechadura, olhando sobre o ombro para Simon. "Não tenho certeza se você é suficiente sensível para ter a honra do que estou fazendo por você. Você será o primeiro mundano a ter entrado dentro do Instituto."

"Provavelmente o cheiro mantém o resto deles a distância."

"Ignore ele," Clary disse a Jace, e acotovelou Simon de lado. "Ele sempre diz exatamente o que está dentro de sua cabeça. Sem filtrar."

"Filtros são para cigarros e café," Simon murmurou sob sua respiração, quando eles iam para dentro. "Duas coisas que eu poderia usar agora mesmo, aliás."

Clary pensou ardentemente em café, enquanto eles faziam seu caminho acima até um conjunto de pedra, cada uma entalhada com hieróglifo. Ela estava começando a reconhecer alguns deles, eles provocavam sua vista e maneira que ela meio que ouvia as palavras em uma língua estrangeira, por vezes provocando sua audição, como se apenas se concentrando mais fortemente ela pudesse forçar alguns significados fora delas.

Clary pensou ardentemente no café enquanto eles faziam seu caminho até um conjunto de escadas de pedra, cada uma entalhada com um hieróglifo. Ela estava começando a reconhecer alguns deles – eles provocavam sua vista de um jeito meio que ouvir as palavras em uma língua estrangeira, as vezes provocando sua audição, como se por apenas concentrando duramente ela pudesse forçar alguns significados para eles.

Clary e os dois garotos atingiram o elevador e andaram em silêncio. Ela ainda estava pensando sobre café, grandes canecas de café que estavam com metade de leite, do jeito que sua mãe fazia para elas de manhã. As vezes Luke trazia para eles sacos de rolos doces vindos da padaria Carruagem Dourada em Chinatown. Ao pensar em Luke, o estômago de Clary apertou, seu apetite foi embora.



O elevador chegou em uma sibilante parada, e eles foram novamente para a entrada, Clary se lembrou. Jace retirou sua jaqueta e a jogou sobre as costas de uma cadeira próxima, e assobiou entre os dentes. Em poucos segundos Church apareceu, furtivamente lento pelo chão, seus olhos amarelos reluzindo no ar poeirento. "Church," Jace disse, ajoelhando para tocar a cabeça do gato. "Onde está Alec, Church? Onde está Hodge?"

Church arqueou suas costas e miou. Jace enrugou seu nariz, o que Clary teria achado bonitinho em outras circunstâncias. "Eles estão na biblioteca?" Ele se levantou, e Church se balançou, trotando um pequeno caminho pelo corredor, e olhou por sobre seus ombros. Jace seguiu o gato como se isso fosse a coisa mais natural do mundo, indicando com aceno de sua mão que Clary e Simon eram para seguir atrás dele.

"Eu não gosto de gatos," Simon disse, seu ombro esbarrando no de Clary enquanto eles manobravam no corredor estreito.

"Isso é pouco provável," Jace disse, "conhecendo Church, ele gosta de você também."

Eles passaram através de um dos corredores que eram revestidos por quartos. As sobancelhas de Simon se levantaram. "Quantas pessoas moram aqui, exatamente?"

"Isso é um Instituto," Clary disse. "Um lugar onde Caçadores de Sombras podem ficar quando eles estão na cidade. Como uma espécie de refúgio e a facilidade de investigação."

"Eu pensei que era uma igreja."

"É dentro de uma igreja."

"Porque isso não é confuso." Ela podia ouvir os nervos debaixo do tom irreverente. Em vez de silenciar ele, Clary se aproximou e tomou sua mão, segurando seus dedos através dos dedos gelados dele. As mãos dele estavam frias, mas ele retornou a pressão com um aperto grato.

"Eu sei que é estranho," ela disse calmamente, "mas você só tem que ir junto com ele. Confie em mim."

Os olhos escuros de Simon estavam sérios. "Eu confio em você," ele disse. "Eu não confio nele." Ele cortou seu olhar em direção a Jace, que estava andando alguns passos a frente deles, aparentemente, falando com o gato. Política? Ópera? O preço elevado do atum?

"Bem, tente," ela disse. "Agora ele é a melhor chance que eu tenho de encontrar minha mãe."

Um pequeno estremecimento passou por Simon. "Este lugar não parece certo para mim," ele sussurrou.

Clary se lembrou de como ela se sentiu acordando aqui naquela manhã – como se tudo fosse estranho e familiar ao mesmo tempo. Para Simon, claramente, não havia nada de familiaridade, apenas o senso do estranho, o hostil, o adverso. "Você não



tem que ficar comigo,” ela disse, embora ela tenha lutado com Jace no trem para ter certeza de manter Simon com ela, ressaltando que depois de seus três dias vigiando Luke, ele poderia conhecer bem algo que poderia ser útil para eles uma vez que eles tinham a chance de saber em detalhes.

“Sim,” Simon disse, “Eu vou.” E ele largou sua mão quando eles viraram para uma porta e se encontraram dentro de uma cozinha. Era uma enorme cozinha e, ao contrário do resto do Instituto, ela era toda moderna, com bancadas de aço e prateleiras em vidro apoiando filas de louça. Próximo a um conjunto vermelho – de uma fornalha de ferro, estava Isabelle, uma colher em torno de sua mão, seu cabelo preto enrolado no alto de sua cabeça. Vapor estava subindo vindo de um panela, e ingredientes espalhados em todos os lugares, tomate, alho e cebola picada, linhas escuras – parecendo ervas, montes de queijo ralado, alguns amendoins sem casca, um punhado de azeitonas e um peixe inteiro, seu olho arregalado vidrado olhando para cima.

“Eu estou fazendo uma sopa,” Isabelle disse, balançando a colher para Jace. “Você está com fome?” Ela olhou para trás dela então, seu olhar escureceu pegando em Simon como também em Clary. “Oh, meu Deus,” ela disse finalmente. “Você trouxe outro mundano aqui? Hodge vai matar você.”

Simon limpou a garganta. “Eu sou Simon,” ele disse.

Isabelle ignorou ele. “JACE WAYLAND,” ela disse, “Explique-se.”

Jace estava olhando para o gato. “Eu disse a você para me levar até Alec! Para trás Judas apunhalador.”

Church rolou em suas costas, ronronado contentemente.

“Não culpe Church,” Isabelle disse, “Não é culpa dele Hodge matar você.” Ela mergulhou a colher de volta na panela. Clary se perguntou que gosto teria exatamente amendoim, peixe, azeite e sopa de tomate.

“Eu tive que trazer ele,” Jace disse. “Isabelle, hoje eu vi os dois homens que mataram o meu pai.”

Os ombros de Isabelle se esticaram, mas quando ela se virou ela parecia mais chateada do que surpresa. “Eu suponho que ele não seja um deles?” ela perguntou, Simon não disse nada sobre isso. Ele estava ocupado demais encarando Isabelle, extasiado e de boca aberta. É claro, Clary notou uma forte punhalada de aborrecimento. Isabelle era exatamente o tipo de Simon – alta, atraente e bonita. Pensando sobre isso, talvez era o tipo de todo mundo. Clary parou de imaginar sobre o amendoim-peixe-azeite-sopa de tomate e começou se perguntando o que aconteceria se ela despesasse o conteúdo da panela em cima da cabeça de Isabelle.

“Claro que não,” Jace disse, “você acha que ele estaria vivo agora se fosse ele?”

Isabelle lançou um olhar diferente para Simon. “Acho que não,” ela disse, soltando distraidamente um pedaço de peixe no chão. Church caiu sobre ele vorazmente.



"Não me admira que ele nos trouxe aqui," Jace disse com desgosto. "Eu não acredito que você está enchendo ele de peixe de novo. Ele está ficando distintamente rechonchudo."

"Ele não parece rechonchudo. Além disso, nenhum de vocês nunca come nada. Eu peguei esta receita de uma Sprite no Mercado Chelsea. Ela dizia que era deliciosa..."

"Se você soubesse cozinhar, talvez eu comesse," Jace murmurou.

Isabelle congelou, ela preparou a colher perigosamente. "O que você disse?"

Jace foi ao canto em direção à geladeira. "Eu disse que estou indo buscar um lanche para comer."

"Isso é o que eu pensei que você disse." Isabelle retornou a sua atenção para a sopa. Simon continuou a cravar Isabelle. Clary, inexplicavelmente furiosa, baixou a sua mochila no chão e seguiu Jace à geladeira.

"Eu não posso acreditar que você está comendo," ela assobiou.

"O que eu deveria estar fazendo então?" ele perguntou com uma enlouquecedora calma. O interior da geladeira estava cheio de caixas de leite cuja expiração datava de várias semanas atrás, e recipientes de plástico Tupperware rotulados com fita adesiva escrita em tinta vermelha: Do Hodge. Não comer.

"Nossa, ele é como um companheiro de quarto louco," Clary observou, momentaneamente desviada.

"O que, Hodge? Ele só gosta das coisas em ordem." Jace pegou um dos recipientes para fora da geladeira e o abriu. "Hmmm. Espaguete."

"Não arruíne seu apetite," Isabelle falou.

"Isso," Jace disse, chutando a porta da geladeira e abrindo uma gaveta do armário. "É exatamente o que eu pretendo fazer." Ele olhou para Clary. "Quer?"

Ela balançou a cabeça dela.

"Claro que não," ele disse de boca cheia, "você comeu todos aqueles sanduíches."

"Não eram tantos sanduíches." Ela olhou para Simon, que parecia ter conseguido envolver Isabelle em uma conversa. "Nós podemos encontrar Hodge agora?"

"Você parece terrivelmente ansiosa para sair daqui."

"Você não quer contar a ele o que nós vimos?" Ela balançou sua cabeça.

"Eu não decidi ainda." Jace colocou o recipiente para baixo e pensou, completamente lambido de molho de espaguete nos seus dedos. "Mas se você quer ir tão mal..."

"Eu vou."



“Ótimo,” Ele pareceu muito calmo, ela pensou, não uma assustadora calma, tal como havia sido antes, mas mais contida do que deveria ser. Ela se perguntou com que frequência ele deixava transparecer seu real jeito através da fachada que era tão dura e brilhante, como um escudo de verniz em uma das caixas japonesas de sua mãe.

“Aonde vocês vão?” Simon olhou para cima quando eles chegaram até a porta. Pedacos pequenos de cabelo escuro caíam sobre seus olhos, ele parecia estupidamente deslumbrado, Clary pensou insensivelmente, como se alguém tivesse acertado ele na parte de trás da cabeça com um dois-por-quatro²⁰.

“Achar Hodge,” ela disse, “eu preciso dizer para ele sobre o que aconteceu com Luke.”

Isabelle olhou para cima, “você vai dizer a ele que você viu aquele homens Jace? Os que...”

“Eu não sei.” Ele cortou ela. “Só mantenha isso para si mesma por agora.”

Ela deu de ombros. “Tudo bem. Vocês vão voltar? Vocês querem sopa?”

“Não,” Jace disse.

“Você acha que Hodge vai querer sopa?”

“Ninguém vai querer nenhuma sopa.”

“Eu quero sopa,” Simon disse.

“Não, você não quer,” Jace disse. “Você quer apenas dormir com Isabelle.”

Simon ficou pálido. “Isso não é verdade.”

“Que lisonjeiro,” Isabelle murmurou para a sopa, mas ela estava sorrindo presumida.

“Ah, sim quer,” Jace disse. “Vá em frente e lhe pergunte – então ela pode te virar as costas e o resto de nós pode ter a sua própria vida enquanto você se putrefaz em uma miserável humilhação.” Ele bateu seus dedos. “Se apresse, garoto mundano, nós temos trabalho a fazer.”

Simon olhou para longe, enrubescendo com embaraço. Clary que a um momento atrás tinha sentido um significativo prazer, sentiu uma precipitada raiva em direção a Jace. “Deixe ele em paz,” ela rebateu. “Não há necessidade de ser sádico só porque ele não é um de vocês.”

“Um de nós,” Jace disse, com um afiado olhar que saía de seus olhos. “Eu estou indo procurar Hodge. Venha atrás ou não, é sua escolha.” A porta de cozinha se fechou, batendo atrás dele, deixando Clary sozinha com Simon e Isabelle.

²⁰ Golpe de luta.



Isabelle derramou a sopa dentro de uma tigela e a empurrou através do balcão em direção a Simon, sem olhar para ele. Ela ainda estava sorrindo, Clary pensou, podendo sentir isso. A sopa era de um verde escuro, espalhados na superfície coisas marrons flutuando.

“Eu estou indo com Jace,” Clary disse. “Simon...?”

“Uoucarqui,” ele murmurou, olhando para seus pés.

“O quê?”

“Eu vou ficar aqui.” Simon estacionou a si mesmo em um banquinho. “Estou com fome.”

“Tudo bem.” Clary sentiu a garganta apertada, como se ela tivesse engolido algo ou muito quente ou muito frio. Ela andou para fora da cozinha, Church furtivo a seus pés como uma sombra de nuvem cinza.

No corredor Jace estava girando uma das espadas serafim entre seus dedos. Ele a guardou quando ele a viu. “Amável da sua parte deixar os pombinhos.”

Clary amarrou a cara para ele. “Porque você sempre tem que ser um estúpido?”

“Um estúpido?” Jace olhou para ela como se ele fosse rir.

“O que você disse a Simon...”

“Eu estava tentando poupar ele da dor. Isabelle vai cortar o coração dele e andar por cima com botas de salto alto. É isso o que ela faz com garotos como aquele.”

“Foi isso o que ela fez com você?” Clary disse, mas Jace só balançou a cabeça antes de se virar para Church.

“Hodge,” ele disse. “E é realmente Hodge dessa vez. Leve-nos a qualquer outro lugar e eu vou usá-lo em uma raquete de tênis.”

O Persa bufou e retirou-se abaixo no salão a frente deles. Clary, rastejando um pouco atrás de Jace, podia ver o stress e o cansaço na linha dos ombros de Jace. Ela se perguntou se a tensão realmente nunca o deixou. “Jace.”

Ele olhou para ela. “O que?”

“Me desculpe. Por ser ríspida com você.”

Ele sorriu. “Que vez?”

“Você me corta também, você sabe.”

“Eu sei,” ele disse, surpreendendo ela. “É que há algo em você que é tão...”

“Irritante?”



“Inquietante.”

Ela queria perguntar a ele se ele queria dizer aquilo de um bom ou um mau jeito, mas ela não o fez. Ela estava também com medo de ele fazer uma piada da resposta. Ela quis saber de uma outra coisa. “Isabelle sempre faz o jantar para vocês?” Ela perguntou.

“Não, graças a Deus. Na maioria das vezes os Lightwoods estão aqui e Maryse – que é a mãe de Isabelle – ela cozinha para nós. Ela é uma maravilhosa cozinheira.” Ele parecia sonhador, do jeito que Simon estava olhando para Isabelle acima da sopa.

“Então, como ela nunca ensinou Isabelle?” Eles estavam passando pela sala de música agora, onde ela tinha encontrado Jace tocando o piano de manhã. Sombras se encontravam densamente em seus cantos.

“Porque”, disse Jace lentamente, “é apenas recentemente que as mulheres têm sido Caçadoras de Sombras junto com os homens. Quero dizer, sempre houve mulheres na Clave – dominando as Runas, criando armas, ensinando a arte de matar, mas só poucas eram guerreiras, aquelas com habilidades excepcionais. Elas tinham de lutar para serem treinadas. Maryse fez parte da primeira geração de mulheres da Clave que foram treinadas para este propósito, e eu acho que ela nunca ensinou Isabelle como cozinhar, porque ela estava com medo que, se ela fizesse isso, Isabelle iria relegar a cozinha permanentemente.”

“Ela teria feito isso?” Clary perguntou curiosamente. Ela pensou em Isabelle no Pandemonium, o quão confiante ela tinha sido e como seguramente ela tinha usado seu chicote que respingava sangue.

Jace riu suavemente. “Não Isabelle. Ela é uma das melhores Caçadoras de Sombras que eu já vi.”

“Melhor do que Alec?”

Church, riscando silencioso diante deles através da escuridão, veio com um súbito travar e miou. Ele estava curvado ao pé de uma escada espiral metálica que torcia até uma nebulosa meia-luz acima. “Então ele está na estufa,” Jace disse. Levou a Clary um momento antes que ela percebe-se que ele estava falando com o gato. “Nenhuma surpresa aqui.”

“A estufa?” Clary disse.

Jace se colocou no primeiro degrau. “Hodge gosta de ir lá. Ele cultiva plantas medicinais, coisas que podemos usar. A maioria delas só crescem em Idris. Acho que isso o faz lembrar de casa.”

Clary seguiu ele. Seus sapatos ecoavam nos degraus de metal; os de Jace não. “Ele é melhor do que Isabelle?” Ela perguntou novamente. “Alec, eu quero dizer.”

Ele pausou e olhou para baixo para ela, se inclinando nos degraus de baixo como se ele estivesse se preparando para cair. Ela se lembrou de seu sonho: anjos, caindo e



queimando. “Melhor?” ele disse. “Caçando demônios? Não, não realmente. Ele nunca matou um demônio.”

“Sério?”

“Eu não sei porque não. Talvez por que ele sempre está protegendo Izzy e eu.” Eles haviam chegado ao topo das escadas. Um conjunto de portas duplas saudavam eles, esculpido com padrões de folhas e vinhas. Jace empurrou elas com os ombros abrindo.

O cheiro acertou Clary no momento que ela passou através das portas: um verde, acentuado cheiro, o cheiro de vida e coisas crescendo, de terra e de raízes que cresceram na sujeira. Ela tinha esperado algo muito menor, algo do tamanho da pequena estufa por detrás de St. Xavier, onde os estudantes AP de biologia clonavam vagens de ervilha, ou seja lá o que era que eles faziam. Este era um enorme recinto murado de vidro, revestido com árvores frondosas cujos ramos as folhas sopravam ar fresco, cheirando a verde. Havia arbustos pendurados com brilhante bagas, vermelha, roxa e preta, e pequenas árvores com estranhas formas de frutos que ela nunca tinha visto antes.

Clary exalou. “Aqui cheira como...” Primavera, ela pensou primeiro, antes do calor que vinha e esmagava as folhas em polpa e murchava pétalas caídas de flores.

“Casa,” Jace disse, “para mim.” Ele empurrou para o lado uma folhagem e mergulhou passando ela. Clary o seguiu.

A estufa tinha sulcos ao que parecia, para o não treinado olho de Clary, nenhum padrão em particular, mas por toda parte que ela olhava havia um tumulto de cores: azul, roxo, flores derramando para baixo e ao lado, uma cobertura de verde brilhante, como uma vinha rasteira que transbordavam como jóias – gomos de tons laranja. Elas surgiam em um limpo espaço onde uma baixa bancada de granito descansava contra o tronco de uma árvore inclinando com folhas verdes prateadas. Água luzia fracamente saltando em uma piscina de pedra. Hodge estava sentando em um banco, seu pássaro preto empoleirado em seu ombro. Ele tinha olhado pensativamente para baixo na água, mas olhou em direção ao céu com a nossa aproximação. Clary seguiu seu olhar e viu o brilhante telhado de vidro da estufa acima deles, como a superfície de um lago invertido.

“Você parece como se estivesse esperando por alguma coisa,” Jace observou, quebrando uma folha de um galho próximo e a torcendo entre os seus dedos. Para alguém que parecia contido, ele tinha um monte de hábitos nervosos. Talvez ele apenas gostasse de estar constantemente se movimentando.

“Eu estava perdido em pensamentos.” Hodge se levantou do banco, esticando seu braço para Hugo. O sorriso sumiu de seu rosto quando ele olhou para eles. “O que aconteceu? Você parece como se...”

“Nós fomos atacados,” Jace disse curtamente. “Esquecido.”

“Guerreiros Esquecidos? Aqui?”



"Guerreiro," Jace disse. "Nós vimos apenas um."

"Mas Dorothea disse que havia mais," Clary acrescentou.

"Dorothea?" Hodge segurou uma mão para cima. "Isto poderia ser mais fácil se vocês colocassem os eventos em ordem."

"Certo." Jace deu a Clary uma olhada advertência, cortando ela antes que ela pudesse começar a falar. Em seguida, ele se lançou em um recital dos eventos da tarde, deixando de fora apenas um pormenor, que os homens no apartamento de Luke tinham sido os mesmos homens que mataram seu pai há sete anos atrás. "O amigo da mãe de Clary, ou seja lá o que ele é, realmente, vai além do nome Luke Garroway," Jace finalmente acabou. "Mas enquanto nós estávamos na casa dele, os dois homens que alegaram terem sido emissários de Valentine referiram-se a ele como Lucian Graymark."

"E os seus nomes eram..."

"Pangborn," disse Jace. "E Blackwell."

Hodge tinha ficado muito pálido. Contra sua pele cinza da longa cicatriz em sua bochecha se destacou um fio vermelho torcido. "Era isso que eu temia," ele disse, meio para si mesmo. "O Círculo está surgindo de novo."

Clary olhou para Jace por esclarecimento, mas ele parecia tão perplexo como ela estava. "O Círculo?" ele disse.

Hodge estava balançando a cabeça dele como se tentasse limpar as teias de aranha de seu cérebro. "Venham comigo," ele disse. "É hora de eu lhes mostrar uma coisa."

As lâmpadas à gás estavam acesas na biblioteca, e as superfícies polidas de carvalho dos móveis pareciam estar latentes como sombrias jóias. Riscadas com sombras, as severas faces dos anjos segurando a enorme mesa pareciam com dor mais ainda. Clary sentou sobre o sofá vermelho, pernas cruzadas, Jace se inclinou impacientemente contra o braço do sofá ao lado dela. "Hodge, se você precisar de ajuda procurando..."

"De forma alguma." Hodge surgiu por trás da mesa, limpando a poeira dos joelhos de suas calças. "Eu a encontrei."

Ele estava carregando um grande livro encadernado em couro marrom. Ele passava as páginas nele com um ansioso dedo, piscando como uma coruja atrás de seu óculos e murmurando: "Onde... onde ... ah, aqui está!" Ele limpou a garganta antes de ele ler em voz alta: *"Venho por tornar obediência incondicional ao Círculo e os seus princípios... Vou estar pronto para arriscar a minha vida, a qualquer momento, pelo Círculo, a fim de preservar a pureza da linhagem de sangue de Idris, e para o mundo mortal por cuja segurança, nós somos cobrados."*

Jace fez uma cara. "De onde era isso?"



"Era o juramento de lealdade ao Círculo de Raziel, vinte anos atrás," Hodge disse, soando estranhamente cansado.

"Parece assustador," disse Clary. "Como uma organização fascista ou algo assim."

Hodge colocou o livro para baixo. Ele parecia tão triste e grave como a estatueta dos anjos sob a mesa. "Eles eram um grupo," ele disse lentamente, "de Caçadores de Sombras, liderados por Valentine, dedicado a limpeza de todos os Downworlders e devolver o mundo a um estado 'puro'. Seu plano era esperar que os Downworlders chegassem em Idris para assinar o Acordos. Deveriam ser assinados novamente a cada quinze anos, para manter a sua magia potente," ele acrescentou, para auxiliar Clary. "Então, eles planejaram a matança de todos eles, desarmados e indefesos. Esse ato terrível, eles pensaram, iria desencadear uma guerra entre os humanos e os Downworlders – um deles tencionava vencer."

"Essa foi a Revolta," Jace disse, finalmente, reconhecendo a história de Hodge que já era familiar para ele. "Eu não sabia que Valentine e seus seguidores tinham um nome."

"O nome não é falado com frequência atualmente", Hodge disse. "A sua existência continua a ser um embaraço para a Clave. A maioria dos documentos pertinente a eles foi destruído."

"Então porque você tem uma cópia do tal juramento?" Jace perguntou.

Hodge hesitou, apenas por um momento, mas Clary viu, e sentiu um pequeno e inexplicável tremor que corria por sua espinha. "Porque," ele disse finalmente, "Eu ajudei a escrevê-lo."

Jace olhou para isso. "Você estava no Círculo."

"Eu estava. Muitos de nós." Hodge estava olhando para a frente. "A mãe de Clary também."

Clary pulou para trás, como se ele tivesse batido nela. "O quê?"

"Eu disse..."

"Eu sei o que você disse! Minha mãe nunca teria pertencido a algo como isso. Algum tipo de... algum tipo de grupo odioso."

"Ele não era..." Jace começou, mas Hodge cortou ele.

"Eu duvido," ele disse lentamente, como se as palavras pesassem nele, "que ela tivesse muita escolha."

Clary olhou. "Do que você está falando? Por que ela não teve uma escolha?"

"Porque," disse Hodge, "ela era a mulher de Valentine".



Parte Dois

Fácil é a descida

*"Facilis descensus Averno;
Noctes atque dies patet atri ianua Ditis;
Sed revocare gradum superasque evadere ad auras,
Hoc opus, hic labor est."*

*"É fácil a descida ao inferno
A porta do tenebroso inferno fica aberta noite e dia.
Todavia, o regresso até acima, à atmosfera clara do céu,
passa por um caminho duro e penoso."*

A Eneida, de Virgílio



10 – Cidade dos Ossos

Houve um momento de atônito silêncio antes de ambos, Clary e Jace, começarem a falar de uma só vez. "Valentine tinha uma esposa? Ele era casado? Eu pensei..."

"Isso é impossível! Minha mãe nunca, ela sempre foi casada somente com o meu pai! Ela não tinha um ex-marido!"

Hodge levantou as mãos exaustivamente. "Crianças..."

"Eu não sou uma criança." Clary girou para longe da mesa. "E eu não quero ouvir mais nada."

"Clary," Hodge disse. A bondade em sua voz machucava; ela se virou lentamente, e olhou para ela através da sala. Ela pensou em como era estranho que, com seu cabelo cinza e o rosto amargurado, ele parecia muito mais velho que a mãe dela. E ainda que tivessem sido "jovens" juntos, eles tinham aderido ao Círculo juntos, tinham conhecido Valentine juntos. "Minha mãe não faria..." ela começou, e diminuiu sua voz. Ela já não estava certa do quanto ela conhecia bem Jocelyn. Sua mãe tinha se tornado uma estranha para ela, uma mentirosa, uma guardadora de segredos. O que ela não teria feito?

"Sua mãe deixou o círculo," Hodge disse. Ele não se moveu na direção dela, mas assistia ela através da sala com o olhar brilhante de um pássaro calmo. "Depois que percebeu o que as visões extremas de Valentine tinham se tornado – uma vez que nós sabíamos o que ele estava preparado para fazer – umitos de nós saíram. Lucian foi o primeiro a sair. Esse foi um duro golpe para Valentine. Eles tinham sido muito próximos." Hodge balançou a cabeça. "Então, Michael Wayland. Seu pai, Jace."

Jace levantou suas sobrancelhas, mas não disse nada.

"Houve aqueles que permaneceram fiéis. Pangborn. Blackwell. Os Lightwoods..."

"Os Lightwoods? Você quer dizer, Robert e Maryse?" Jace pareceu fulminado. "O que me diz de você? Quando você saiu?"

"Eu não sei," Hodge disse suavemente. "Nem eles... Nós estávamos com medo, muito medo do que ele poderia fazer. Após a Revolta, os leais como Blackwell e Pangborn fugiram. Nós ficamos e cooperamos com a Clave. Demos a eles nomes. Ajudamos eles a perseguir os que tinham fugido. Por isso, nós recebemos clemência".

"Clemência?" O olhar de Jace foi rápido, mas Hodge viu.

Ele disse: "Você está pensando na maldição que me segura aqui, não é mesmo? Você sempre supôs que era uma vingança mágica expressa por um furioso demônio ou bruxo. Eu deixei você achar isso. Mas não é a verdade. A maldição que me obriga foi lançada pela Clave."

"Por ter sido do Círculo?" Jace perguntou, seu rosto uma máscara de espanto.

"Para não ter saído antes da Revolta."



"Mas o Lightwoods não foram punidos," Clary disse. "Porque não? Eles haviam feito a mesma coisa que você fez."

"Houve circunstâncias atenuantes em seu caso, eles eram casados, tinham um filho. Embora isso não é como se eles residissem neste posto, longe de casa, pela sua própria escolha. Fomos banidos para cá, nós três, os quatro de nós, devo dizer, Alec era um bebê chorão quando saímos da Cidade de Vidro. Eles podem regressar à Idris apenas em caráter oficial, e apenas por curto período. Eu nunca poderei voltar. Nunca vou ver a Cidade de Vidro novamente."

Jace o olhou. Era como se estivesse olhando para o seu tutor com novos olhos, Clary pensou, porém, não era Jace que tinha mudado. Ele disse, "A lei é dura, mas é a lei."

"Eu lhe ensinei isso," Hodge disse, securo na diversão em sua voz. "E agora você torna minhas lições de volta para mim. Corretamente também." Ele pareceu como se ele quisesse se afundar na cadeira mais próxima, mas, no entanto, continuou de pé. Na sua postura rígida, havia alguma coisa do soldado que ele tinha sido, Clary pensou.

"Por que você não me disse antes?" ela disse. "Que minha mãe era casada com Valentine. Você sabia o nome dela..."

"Eu conheci ela como Jocelyn Fairchild, não Jocelyn Fray," Hodge disse. "E você era tão insistente em sua ignorância sobre o Mundo das Sombras, que me convenceu que ela não poderia ser a Jocelyn que eu conhecia – e talvez eu não quisesse acreditar nisso. Ninguém deseja o retorno de Valentine." Ele balançou sua cabeça de novo. "Quando eu enviei para os irmãos da Cidade do Osso esta manhã, eu não tinha idéia que teríamos notícia deles," ele disse. "Quando a Clave souber que Valentine pode ter retornado, que ele está procurando pela Taça, haverá um alvoroço. Só espero que não perturbe os Acordos."

"Eu aposto que Valentine gostaria disso," Jace disse. "Mas por que ele quer a Taça é tão ruim?"

O rosto de Hodge ficou cinza. "Isso não é óbvio?" ele disse. "Então ele pode construir para si um exército."

Jace pareceu assustado. "Mas isso nunca..."

"Hora do jantar!" Era Isabelle, parada na moldura da porta da biblioteca. Ela ainda estava com a colher em sua mão, embora o cabelo tenha escapado do coque e estivesse espalhado em seu pescoço. "Desculpe se eu estou interrompendo," ela adicionou, enquanto refletia.

"Querido Deus," Jace disse, "a hora tenebrosa está perto."

Hodge pareceu alarmado, "Eu, eu, eu tive um café da manhã muito reforçado," ele gaguejou. "Eu quero dizer almoço. Um almoço reforçado. Eu possivelmente não poderia comer..."



"Eu joguei fora a sopa," Isabelle disse. "E fiz um pedido ao Chinês daquele lugar no centro da cidade."

Jace soltou-se da mesa e se esticou. "Ótimo. Estou faminto."

"Eu poderia ser capaz de comer um pedaço," Hodge admitiu brandamente.

"Vocês dois são terríveis mentirosos," disse Isabelle sombriamente. "Olha, eu sei que vocês não gostam de eu cozinhando..."

"Então, pare de fazer isso," Jace avisou a ela razoavelmente. "Você pediu porco mu shu? Você sabe que eu amo porco mu shu."

Isabelle lançou os olhos em direção ao céu. "Sim. Está na cozinha."

"Fantástico." Jace deslizou até ela com uma afetuosa agitação no seu cabelo. Hodge foi atrás dele, parando apenas perto de Isabelle dando um tapinha no seu ombro, então, ele foi embora, com um engraçado inclinar de desculpas em sua cabeça. Clary tinha realmente, a apenas alguns minutos atrás, ter sido capaz de ver nele o fantasma do seu antigo eu guerreiro?

Isabelle estava olhando após Jace e Hodge, rodando a colher em seus cicatrizados dedos pálidos. Clary disse, "Ele é realmente?"

Isabelle, não olhou para ela. "E quem é realmente o quê?"

"Jace. Ele é realmente um péssimo mentiroso?"

Agora Isabelle se virou para olhar nos olhos de Clary, e eles eram grandes e escuros e inesperadamente pensativos. "Ele não é um mentiroso em tudo. Não sobre coisas importantes. Ele vai lhe dizer verdades horríveis, mas ele não vai mentir." Ela pausou, antes acrescentou calmamente: "É por isso que é melhor geralmente não lhe perguntar nada, a menos que você saiba que possa ficar para ouvir a resposta."

A cozinha estava quente e cheia de luz e do agridoce cheiro de comida chinesa comprada. O cheiro recordou Clary de casa; sentada e olhando para o seu brilhante prato de macarrão, brincando com seu garfo, e tentando não olhar para Simon, que estava olhando para Isabelle com uma expressão mais vidrada do que o público do Mergulhante Tso.

"Bem, eu acho que isso é tipo romântico," Isabelle disse, sugando os grãos da tapioca através de uma enorme palha rosa.

"O que é?" perguntou Simon, instantaneamente alerta.

"Todo esse negócio sobre a mãe de Clary sendo casada com Valentine," disse Isabelle. Jace e Hodge tinham a informado, embora Clary notou que ambos tinham deixado de fora a parte sobre os Lightwoods terem sido do Círculo, e as maldições



que a Clave tinha pronunciado. "Portanto, agora ele está de volta dos mortos e ele veio procurando por ela. Talvez ele queira que eles fiquem juntos."

"Eu tipo duvido que ele enviou um demônio Ravener para a casa dela, porque ele quer que 'eles voltem juntos'," Alec disse, que tinha se virado quando a comida era servida. Ninguém perguntou a ele onde ele tinha estado, e ele não ofereceu a informação. Ele estava sentado ao lado de Jace, em frente a Clary, e estava evitando olhar para ela.

"Este não seria meu modo," Jace concordou. "Primeiro doces e flores, então uma carta com desculpas, então um demônio devorador de hordas. Nesta ordem."

"Ele poderia ter enviado a ela doces e flores," Isabelle disse. "Nós não sabemos."

"Isabelle," disse Hodge pacientemente, "este é o homem que espalhou destruição em Idris, como eu nunca tinha visto, que colocou Caçadores de Sombras contra Downworlder e fez as ruas da Cidade de Vidro escoarem com sangue."

"Isso é tipo sexy," Isabelle argumentou, "de um jeito ruim."

Simon tentou olhar ameaçador, mas desistiu quando viu Clary olhando para ele. "Então, por que Valentine quer esta Taça é tão ruim, e por que ele acha que a mãe Clary tem isso?" ele perguntou.

"Você disse que era assim que ele poderia fazer um exército," Clary disse, se virando para Hodge. "Você quis dizer, porque vocês podem usar a Taça para fazer Caçadores de Sombras?"

"Sim."

"Então Valentine apenas caminha até qualquer cara na rua e faz uma Caçador de Sombras dele? Só com a Taça?" Simon inclinou para a frente. "Será que isso funcionaria em mim?"

Hodge deu a ele um longo e mensurado olhar. "Possivelmente," ele disse. "Mas o mais provável é que, você esteja muito velho. A Taça funciona em crianças. Um adulto seria ou não, afetado pelo processo totalmente, ou o mataria em definitivo."

"Um exército de crianças," Isabelle disse suavemente.

"Apenas por alguns anos," disse Jace. "Crianças crescem rápido. Não seria tão longo antes que elas fossem uma força para se combater."

"Não sei," disse Simon. "Transformar um bando de meninos em guerreiros, tenho ouvido falar de coisas piores acontecendo. Eu não vejo grande coisa manter a Taça longe dele."

"Deixar que ele inevitavelmente utilize este exército para lançar um ataque à Clave," Hodge disse secamente, "a razão por que só alguns seres humanos são selecionados para ser convertidos em Nephilim é que a maioria pode nunca sobreviver à transição. Isso necessita de uma especial força e resistência. Antes deles poderem ser



convertidos, eles devem ser testados exaustivamente – mas Valentine nunca se incomodaria com isso. Ele iria usar a Taça em qualquer criança que ele capturasse, e utilizando os vinte por cento que sobrevivessem para ser o seu exército."

Alec estava olhando Hodge com o mesmo horror que Clary sentia. "Como você sabe que ele iria fazer isso?"

"Porque," disse Hodge, "quando ele estava no Círculo, esse era o seu plano. Ele disse que era a única forma de construir o tipo de força que era necessária para defender o nosso mundo."

"Mas isso é assassinato," disse Isabelle, que parecia um pouco verde. "Ele estava falando de matar crianças."

"Ele disse que tinha feito o mundo seguro para os seres humanos por mil anos," disse Hodge, "e agora era a vez de nos reembolsar com o seu próprio sacrifício."

"Seus filhos?" Jace protestou, suas bochechas coradas. "Isso vai contra tudo o que nós supomos ser. Proteger os indefesos, salvar, guardar a humanidade"

Hodge empurrou seu prato para longe. "Valentine estava louco," ele disse. "Brilhante, mas louco. Ele se preocupava com nada além de matar demônios e Downworlders. Nada além de tornar o mundo puro. Ele teria sacrificado seu próprio filho para a causa e não podia entender como alguém não o faria".

"Ele tinha um filho?" Alec disse.

"Eu estava falando figurativamente," Hodge disse, alcançando o seu lenço. Ele o usou para esfregar na sua testa antes de retorná-lo para o seu bolso. Sua mão, Clary viu, estava tremendo ligeiramente. "Quando sua terra foi queimada, quando sua casa foi destruída, se presumiu que ele tinha se incendiado e a Taça feita em cinzas, melhor do que renunciar um ao outro a Clave. Seus ossos foram encontrados nas cinzas, juntamente com os ossos de sua esposa."

"Mas a minha mãe sobreviveu," disse Clary. "Ela não morreu naquele incêndio."

"E nem, ao que parece agora, Valentine," Hodge disse. "A Clave não ficará satisfeita de ter sido enganada. Porém, mais importante, eles vão querer possuir a Taça. E mais importante do que isso, eles vão querer ter certeza que Valentine não."

"Me parece que a primeira coisa que nós devemos fazer é achar a mãe de Clary," disse Jace. "Encontrando ela, se encontrará a Taça, temos que conseguir isso antes que Valentine o faça."

Isto soou ótimo para Clary, mas Hodge olhou para Jace como se ele tivesse proposto fazer malabarismos com nitroglicerina em uma solução. "Absolutamente não."

"Então o que vamos fazer?"

"Nada," disse Hodge. "É melhor deixar tudo isso para os qualificados e experientes Caçadores de Sombras."



"Eu estou qualificado," Jace protestou. "Eu sou experiente."

O tom de Hodge era firme, quase paternal. "Eu sei que você é, mas você ainda é uma criança, ou quase uma."

Jace olhou para Hodge através dos olhos semicerrados. Seus cílios eram longos, lançando sombras sobre os seus angulares ossos do rosto. Em outro alguém teria sido um olhar tímido, até mesmo um de pesar, mas em Jace parecia restrito e ameaçador. "Eu não sou uma criança."

"Hodge está certo," Alec disse. Ele estava olhando para Jace, e Clary pensou que ele deveria ser uma das poucas pessoas no mundo que não olhava para Jace como se estivesse com medo dele, mas como se ele estivesse com medo por ele. "Valentine é perigoso. Sei que você é um bom Caçador de Sombras. Você é provavelmente o melhor da nossa idade. Mas Valentine é o melhor que alguma vez já existiu. Precisou de uma enorme batalha para abatê-lo."

"E ele não ficou exatamente derrotado," Isabelle disse, examinando os dentes de seu garfo. "Aparentemente."

"Mas nós estamos aqui," disse Jace. "Nós estamos aqui, e em virtude do Acordo, ninguém mais está. Se não fizermos algo..."

"Nós vamos fazer alguma coisa," disse Hodge. "Eu vou enviar uma mensagem a Clave esta noite. Eles podem ter uma força de Nephilim por aqui amanhã, se eles precisarem. Eles vão cuidar disso. Você já fez mais do que o suficiente."

Jace acalmou-se, mas seus olhos estavam ainda brilhantes. "Eu não gosto disso."

"Você não tem que gostar disso," disse Alec. "Você só tem que calar a boca e não fazer nada estúpido."

"Mas e sobre a minha mãe?" Clary exigiu. "Ela não pode esperar por algum representante da Clave aparecer. Valentine tem ela agora mesmo, e Pangborn e Blackwell disseram então... e ele poderia..." Ela não conseguia se fazer dizer a palavra tortura, mas Clary sabia que ela não era a única a pensar aquilo. De repente, ninguém na mesa conseguia encontrar os olhos dela.

Exceto Simon. "Machucar ela," ele disse, terminando a sua frase. "Exceto Clary, eles também disseram que ela estava inconsciente e que Valentine não estava feliz com isso. Ele parece estar esperando que ela acorde."

"Eu ficaria inconsciente se eu fosse ela," Isabelle murmurou.

"Mas isso pode ser a qualquer momento," Clary disse, ignorando Isabelle. "Eu pensei que a Clave tinha prometido proteger as pessoas. Eles não poderiam já ter mandado Caçadores de Sombras aqui agora? Eles não poderiam já estar procurando por ela?"

"Isso seria mais fácil," rebateu Alec, "se tivéssemos a menor idéia onde procurar."



"Mas nós temos," disse Jace.

"Nós temos?" Clary olhou para ele, assustada e ansiosa. "Onde?"

"Aqui." Jace se inclinou para frente e tocou seus dedos ao lado de sua têmpora, tão suavemente que um rubor penetrou até o rosto dela. "Tudo que precisamos saber está trancado na sua cabeça, debaixo desses lindos cachos vermelhos."

Clary chegou até a tocar o cabelo dela protetivamente. "Eu não acho que..."

"Então o que você vai fazer?" Simon perguntou rispidamente. "Cortar a cabeça dela, abrir para chegar a isso?"

Os olhos de Jace faíscaram, mas ele disse calmamente, "De modo nenhum. Os Irmãos do Silêncio podem ajudá-la a recuperar a sua memória."

"Você odeia os Irmãos do Silêncio," protestou Isabelle.

"Eu não odeio eles," Jace disse candidamente. "Eu tenho medo deles. Não é a mesma coisa."

"Eu pensei que você tinha dito que eles eram bibliotecários," Clary disse.

"Eles são bibliotecários."

Simon silvou. "Aqueles que devem ser assassinos com remuneração atrasada."

"O Irmãos do Silêncio são arquivistas, mas isso não é tudo o que eles são," interrompeu Hodge, soando como se ele estivesse esgotando a paciência. "A fim de reforçar as suas mentes, eles optaram por tomar sobre si algumas das mais poderosas Runas jamais criadas. O poder dessas Runas é tão grande que a utilização delas por eles..." Ele se interrompeu e Clary ouviu a voz de Alec em sua cabeça, dizendo: Eles se mutilam a si mesmo. "Bem, eles deformam e alteram suas formas físicas. Eles não são guerreiros, no sentido que outros Caçadores de Sombras são guerreiros. Seus poderes são da mente, e não do corpo."

"Eles podem ler mentes?" Clary disse em uma pequena voz.

"Entre outras coisas. Eles estão entre os mais temidos de todos os caçadores de demônios."

"Não sei," Simon disse, "isso não parece tão ruim para mim. Eu prefiro ter alguém bagunçando dentro da minha cabeça do que cortando ela em pedaços."

"Então você é um idiota maior do que você parece," disse Jace, cumprimentando ele com desprezo.

"Jace está certo," disse Isabelle, ignorando Simon. "Os Irmãos do Silêncio são realmente assustadores."



As mãos de Hodge apertaram-se em cima da mesa. "Eles são muito poderosos," ele disse, "Eles andam na escuridão e não falam, mas eles podem abrir uma fenda na mente de um homem, da mesma forma que você pode abrir uma fenda em uma noz e deixar ele gritando sozinho no escuro, se for isso que eles desejam."

Clary olhou para Jace, horrorizada. "Você quer me dar a eles?"

"E quero que eles ajudem você." Jace se inclinou em toda a mesa, tão perto que ela podia ver o âmbar escuro salpicando luz nos seus olhos. "Talvez nós não precisemos procurar pela Taça," ele disse suavemente. "Talvez a Clave faça isso. Mas o que está em sua mente pertence a você. Alguém escondeu segredos aí, segredos que você não pode ver. Você não quer saber a verdade sobre sua própria vida?"

"Eu não quero alguém dentro da minha cabeça," ela disse fracamente. Ela sabia que ele estava certo, mas a idéia de levar a si mesma a seres que até os Caçadores de Sombras achavam assustadores enviava um resfriamento através de seu sangue.

"Eu vou com você," Jace disse. "Eu vou ficar com você enquanto eles fazem isso."

"Já chega." Simon tinha se levantado da mesa, vermelho com raiva. "Deixe-a em paz."

Alec olhou acima para Simon, como se só agora ele tivesse reparado nele, limpando o cabelo preto bagunçado para fora de seus olhos e piscando. "O que você ainda está fazendo aqui, mundano?"

Simon ignorou ele. "Eu disse, deixe ela em paz."

Jace olhou acima para ele, um lento, olhar docemente venenoso. "Alec está certo," disse ele. "O Instituto está ligado por juramento a abrigar Caçadores de Sombras, não seus amigos mundanos. Especialmente quando eles exaurem sua recepção."

Isabelle se levantou e tomou o braço de Simon. "Eu vou mostrar a ele a saída."

Por um momento parecia que ele iria resistir, mas ele apanhou o olhar de Clary através da mesa, enquanto ela balançava a cabeça ligeiramente. Ele se acalmou. Cabeça levantada, ele deixou Isabelle levá-lo do salão.

Clary se levantou. "Estou cansada," ela disse. "Eu quero ir dormir."

"Você não comeu quase nada...", Jace protestou.

Ela colocou para o lado a mão dele que a alcançava. "Não estou com fome." Estava mais frio no corredor do que tinha estado na cozinha. Clary se inclinou contra a parede, puxando a sua camisa, que foi aderindo ao suor frio em seu peito. Longe do salão, ela podia ver as figuras de Isabelle e Simon se afastando, tragados pelas sombras. Ela olhou eles irem silenciosamente, um estranho tiritante sentimento crescendo no fundo do seu estômago. Quando Simon se tornou responsabilidade de Isabelle, em vez dela? Se havia uma coisa que ela estava aprendendo com tudo isso, era como era fácil perder tudo o que sempre tinha pensado que teria para sempre.



A sala toda dourada e branco, com paredes altas que cintilavam como esmalte, e um telhado, acima, claro e brilhante como diamantes. Clary usava um vestido verde de veludo e carregava um leque dourado na mão. Seus cabelos, torcidos em um laço que derramavam em cachos, fazia a cabeça dela sentir estranhamente pesada cada vez que ela se virava para olhar para trás dela.

"Você vê alguém mais interessante do que eu?" Simon perguntou. No sonho ele era misteriosamente um expert dançarino. Ele dirigia ela, através da multidão, como se ela fosse uma folha capturada em um correnteza do rio. Ele estava vestido todo de preto, como um Caçador de Sombras, e aquilo demonstrava sua cor com uma boa vantagem: cabelo escuro, pele ligeiramente dourada, dentes brancos. Ele é lindo, Clary pensou, com um choque de surpresa.

"Não há ninguém mais interessante do que você," Clary disse. "É só esse lugar. Eu nunca tinha visto nada assim." Ela se virou novamente, enquanto eles passavam por uma fonte de taças de champanhe: uma enorme recipiente de prata, o centro da peça era uma sereia com um jarro de vinho espumante derramando abaixo das costas nuas dela. As pessoas estavam enchendo seus copos na fonte, rindo e conversando. A sereia virou a cabeça dela enquanto Clary passava, e sorriu. O sorriso de dentes brancos mostraram tão afiados quanto os de um vampiro.

"Bem-vinda à Cidade de Vidro," disse uma voz que não era a de Simon. Clary descobriu que Simon tinha desaparecido, e ela já estava dançando com Jace, que estava vestido de branco, o material de sua camisa um fino algodão; ela podia ver as marcas pretas através dela. Havia uma corrente de bronze em torno de sua garganta, e os seus cabelos e olhos pareciam mais dourados do que nunca, ela pensou em como ela gostaria de pintar o seu retrato com o embotado ouro das pinturas que as vezes ela via nos ícones Russos.

"Onde está o Simon?" Ela perguntou enquanto eles giravam novamente em torno da fonte de champanhe. Clary viu Isabelle ali, com Alec, ambos em azul real. Eles estavam segurando suas mãos como Hansel e Gretel na floresta escura.

"Este lugar é para a vida," Jace disse. Suas mãos estavam frias sobre as delas, e ela estava consciente delas de uma maneira que ela não tinha estado com as de Simon.

Ela apertou seus olhos para ele. "O que você quer dizer?"

Ele se inclinou para perto. Ela podia sentir seus lábios contra a sua orelha. Eles não estavam frios. "Acorde, Clary," ele sussurrou. "Acorde. Acorde."

Ela ficou ereta na cama, ofegando, o cabelo pregado no pescoço com o suor frio. Seus punhos estavam seguros em um forte aperto; ela tentava se distanciar, então percebeu quem estava retendo ela. "Jace?"

"Sim." Ele estava sentado à beira da cama, como ela tinha chegado a uma cama? Parecendo desganhada e meio acordada, de manhã cedo com cabelos e olhos sonolentos.

"Me larga."



"Desculpe." Seus dedos escorregaram dos pulsos dela. "Você tentou me bater no segundo que eu disse o seu nome."

"Estou um pouco nervosa, eu acho." Ela olhou ao redor. Ela estava em um quarto pequeno decorado em madeira escura. Pela qualidade da luz desmaiada proveniente da janela semi-aberta, ela adivinhou que era madrugada, ou logo depois. Sua mochila estava encostada contra uma parede. "Como eu vim parar aqui? Não me lembro..."

"Eu achei você dormindo no chão do corredor." Jace soou divertido. "Hodge me ajudou a colocar você na cama. Pensei que seria mais confortável em um quarto do que na enfermaria."

"Uau. Não me lembro de nada." Ela correu as mãos através de seus cabelos, empurrando os bagunçados cachos fora de seus olhos. "Que horas são, afinal?"

"Cerca de cinco".

"Da manhã?" Ela olhou para ele. "É melhor você ter um bom motivo para me acordar."

"Porque, você estava tendo um bom sonho?"

Ela podia ainda ouvir música em suas orelhas, sentir as pesadas jóias tocando suas bochechas. "Não me lembro."

Ele se levantou. "Um dos Irmãos do Silêncio está aqui para ver você. Hodge me enviou para te acordar. Na verdade, ele se ofereceu para te acordar sozinho, mas, uma vez que é cinco horas, pensei que você ia querer alguém menos esquisito, se você quisesse algo bonito para olhar."

"Quer dizer você?"

"Quem mais?"

"Eu não concordo com isso, você sabe," ela rebateu. "Essa coisa de Irmão do Silêncio."

"Você quer encontrar a sua mãe," ele disse, "ou não?"

Ela olhou para ele.

"Você apenas tem que encontrar com o Irmão Jeremiah. Só isso. Você pode até gostar dele. Ele tem um grande senso de humor para um cara que nunca disse nada."

Ela colocou sua cabeça em suas mãos. "Sai daqui. Saia para que eu possa me trocar."

Ela colocou suas pernas para fora da cama no momento em que a porta fechou atrás dele. Apesar de ser apenas madrugada, o calor úmido já estava começando a se reunir no quarto. Ela empurrou a janela fechada e foi para o banheiro para lavar o rosto e lavar a sua boca, a qual tinha gosto de papel velho.



Cinco minutos mais tarde ela estava deslizando os pés dela em seu tênis verde. Ela se trocou pondo shorts cortados e uma camiseta preta comum. Se apenas suas magras e sardentas pernas parecessem mais como as malhadas e esguias pernas de Isabelle. Mas isso não poderia ajudar. Ela puxou o cabelo para trás em um rabo de cavalo e foi se encontrar com Jace no corredor.

Church estava lá com ele, resmungando e circulando inquietamente.

"O que é que há com o gato?" Clary perguntou.

"Os Irmãos do Silêncio deixam ele nervoso."

"Parece que eles deixam todos nervosos."

Jace sorriu fracamente. Church miou enquanto ele ia para o fundo do corredor, mas não seguiu eles. Pelo menos as pedras grossas das paredes da catedral ainda detinham algumas horas do frio da noite: Os corredores eram escuros e frios.

Quando eles chegaram a biblioteca, Clary ficou surpresa por ver que as lâmpadas estavam apagadas. A biblioteca era apenas iluminada pelo brilho leitoso que era filtrado através das janelas elevadas que ficavam no telhado abobado. Hodge sentado atrás da enorme mesa em um terno, seus cabelo listrado de cinza, prateado pela luz da madrugada. Por um momento ela pensou que ele estava sozinho no salão: que Jace tinha ido fazer uma brincadeira em cima dela. Depois, ela viu uma figura sair da obscuridade, e ela percebeu que tinha pensado que era uma mancha escura da sombra, era um homem. Um homem alto, em um manto pesado que caia do pescoço ao pé, cobrindo-o completamente. A capa do manto estava levantada, escondendo seu rosto. O roupão em si era da cor de pergaminho, e os intrincados desenhos rúnicos ao longo da orla e das mangas pareciam como se tivessem sido tingidas em sangue seco. O cabelo se levantou ao longo dos braços de Clary e na parte de trás do pescoço dela, formigando quase dolorosamente.

"Este," disse Hodge, "é Irmão Jeremiah da Cidade do Silêncio."

O homem veio em direção a eles, o pesado manto agitando enquanto ele se movia, e Clary notou que aquilo era algo sobre ele que era estranho: Ele não fez qualquer som enquanto ele andou, nem a mais leve pegada. Mesmo o seu manto, que deveria ter ruído, era silencioso. Ela quase se perguntou se ele era um fantasma, mas não, ela pensou enquanto ele parou em frente a eles, havia um estranho, doce cheiro sobre ele, como incenso e sangue, o cheiro de algo vivo.

"E esta, Jeremiah," Hodge disse, levantando-se de sua mesa, "é a garota sobre a qual eu escrevi para você. Clarissa Fray."

O rosto encapuzado virou lentamente na direção dela. Clary sentiu frio na ponta de seus dedos. "Oi," ela disse.

Não houve resposta.

"Eu decidi que você estava certo, Jace," disse Hodge.



"Eu *estava* certo," Jace disse. "Eu normalmente estou."

Hodge ignorou isso. "Eu enviei uma carta a Clave sobre tudo na noite passada, mas as memórias de Clary são dela mesma. Só ela pode decidir como ela pretende lidar com o conteúdo de sua própria cabeça. Se ela quer a ajuda dos Irmãos do Silêncio, é ela que deve ter essa escolha."

Clary não disse nada. Dorothea havia dito que havia um bloqueio em sua mente, escondendo alguma coisa. É claro que ela precisava saber o que era. Mas a figura tão sombria do Irmão do Silêncio era tão... bem, silenciosa. Silêncio por si mesmo parecia flutuar vindo dele como uma escura maré, preta e grossa como tinta. Aquilo gelava seus ossos.

O rosto do irmão Jeremiah ainda estava voltado para ela, nada mas que a escuridão visível debaixo de seu capuz. *Esta é a filha de Jocelyn?*

Clary deu um pequeno suspiro, dando um passo para atrás. As palavras tiveram um eco dentro da cabeça, como se ela própria tivesse pensado nelas, mas ela não tinha.

"Sim," Hodge disse, e acrescentou rapidamente, "mas o pai dela era um mundano."

Isso não importa, Jeremiah disse. *O sangue da Clave é dominante.*

"Porque você chama a minha mãe de Jocelyn?" Clary disse, procurando em vão por algum sinal de um rosto debaixo do capuz. "Você a conhece?"

"Os Irmãos mantêm registros sobre todos os membros da Clave," Hodge explicou. "Registros completos."

"Não tão completos," disse Jace, "se eles nem sequer sabiam que ela ainda estava viva."

É provável porque ela tinha o apoio de um bruxo em seu desaparecimento. A maioria dos Caçadores de Sombras não podem escapar tão facilmente da Clave.

Não havia nenhuma emoção na voz do Jeremiah, ele pareceu que nem aprovava, nem desaprovava as ações da Jocelyn.

"Há algo que eu não entendo," disse Clary. "Porque Valentine acha que minha mãe tem a Taça Mortal? Se ela passou por tantos problemas para desaparecer, como você disse, então porque é que ela iria levá-la?"

"Para manter ele longe tomando-a em suas mãos," disse Hodge. "Ela acima de todas as pessoas teria sabido o que aconteceria se Valentine tivesse a Taça. E eu imagino que ela não confiava na Clave para guardá-la. Não depois de Valentine tê-los afastado em primeiro lugar."

"Acho que sim." Clary não podia manter a dúvida de sua voz. A coisa toda parecia tão improvável. Ela tentou imaginar a mãe dela fugindo coberta pela escuridão, com uma grande taça de ouro escondida no bolso de seu macacão, e falhou.



"Jocelyn se voltou contra o seu marido, quando ela descobriu o que ele pretendia fazer com a Taça," Hodge disse. "Não é razoável assumir que ela iria fazer tudo o que estivesse em seu poder para manter a Taça não saindo de suas mãos. A Clave por si mesma teria procurado primeiro por ela se eles pensassem que ela ainda estivesse viva."

"O que me parece," Clary disse com uma ponta da sua voz, "que ninguém que a Clave pensa que está morto, nunca está realmente morto. Talvez eles devessem investir em registros odontológicos."

"Meu pai morreu," disse Jace, a mesma ponta em sua voz. "Eu não preciso de registros odontológicos para me dizer isso."

Clary virou para ele com alguma exasperação. "Olha, eu não quis dizer..."

Isso é o suficiente, interrompeu Irmão Jeremiah. *Há verdade suficiente para ser aprendida aqui, se você tiver paciência suficiente para escutá-la.*

Com um gesto rápido ele levantou as mãos e retirou o capuz para trás do seu rosto. Esquecendo Jace, Clary lutou com o desejo de gritar. A cabeça do arquivista era careca, lisa e branca como um ovo, sombriamente indentados onde os seus olhos haviam sido. Eles já tinham desaparecido. Seus lábios foram costurados cruzados com um padrão de linhas escuras semelhante a suturas cirúrgicas. Ela então compreendeu o que Isabelle quis dizer com mutilação.

Os Irmãos da Cidade do Silêncio não mentem, Jeremiah disse. *Se você quiser a verdade de mim, você a terá, mas vou lhe pedir o mesmo em troca.*

Clary levantou seu queixo. "Eu também não sou uma mentirosa."

A mente não pode mentir.

Jeremiah moveu-se em direção a ela. *É as suas memórias que eu quero.*

O cheiro de sangue e tinta era sufocante. Clary sentiu uma onda de pânico. "Espera..."

"Clary." Era Hodge, o seu tom suave. "É inteiramente possível que haja memórias enterradas ou reprimidas, memórias formadas quando você era jovem demais para ter uma recordação consciente delas, Irmão Jeremiah pode alcançá-las. Isso pode nos ajudar em um grande plano."

Ela não disse nada, mordendo o interior de seu lábio. Ela odiava a idéia de alguém vasculhando dentro da cabeça, tocando memórias tão privadas e escondidas que mesmo ela não poderia alcançá-las.

"Ela não tem que fazer nada que ela não queira fazer," Jace disse repentinamente. "Não é?"



Clary interrompeu Hodge antes que ele pudesse responder. "Está tudo bem. Vou fazer isso."

Irmão Jeremiah concordou brevemente, e se moveu em direção a ela com a falta de som que enviou arrepios até a sua coluna vertebral. "Vai doer?" ela sussurrou.

Ele não respondeu, mas suas estreitas mãos brancas vieram para tocar seu rosto. A pele dos dedos era fina como papel de pergaminho, toda ela pintada com runas. Ela podia sentir o poder nelas, saltando como eletricidade estática para picar sua pele. Ela fechou os olhos dela, mas não antes que ela visse a ansiosa expressão que atravessou o rosto de Hodge.

Cores giravam contra a escuridão atrás das pálpebras dela. Ela sentiu uma pressão, uma tração puxar em sua cabeça, mãos e pés. Ela prendeu suas mãos, contra o esforço excessivo do peso, da escuridão. Ela sentia como se ela fosse pressionada contra algo duro e inflexível, sendo lentamente esmagada. Ela ouviu a si mesma suspirar e estava de repente tudo frio, frio como no inverno. Em um flash ela viu ruas geladas, edifícios cinzentos assomando sobre a cabeça, uma explosão de brancura acertando seu rosto em partículas congelando...

"Já chega." A voz de Jace cortou o inverno frio, e a neve caindo desapareceu, uma ducha de branco. Os olhos de Clary saltaram abertos.

Lentamente, a biblioteca voltou ao foco, os livros alinhados nas paredes, os rostos ansiosos de Hodge e Jace. Irmão Jeremiah ficou imóvel, um ídolo de marfim esculpido em tinta vermelha. Clary tomou conhecimento da acentuada dor nas mãos, e olhou para baixo para ver as linhas vermelhas pontuadas em toda a sua pele onde suas unhas tinham cravado.

"Jace," Hodge disse em reprovação.

"Olhe para as mãos dela." Jace gesticulou sinais em direção a Clary, que curvou seus dedos para cobrir as feridas em suas palmas.

Hodge pôs uma mão larga sobre seu ombro. "Você está bem?"

Lentamente, ela moveu a cabeça em um aceno. O peso esmagador tinha ido, mas ela podia sentir que o suor encharcou o cabelo dela, colando sua camisa nas suas costas como fita adesiva.

Há um bloqueio na sua mente, Irmão Jeremiah disse. *Sua memória não pôde ser alcançada.*

"Um bloqueio?" Jace perguntou. "Você quer dizer, ela reprimiu as suas memórias?"

Não. Eu quero dizer que foram bloqueadas de sua mente consciente por um feitiço. Eu não posso quebrá-lo aqui. Ela terá de vir para a Cidade do Osso e ficar diante da Irmandade.

"Um feitiço?" disse Clary incredulamente. "Quem teria posto um feitiço em mim?"



Ninguém respondeu ela. Jace olhava para seu tutor. Ele estava surpreendentemente pálido, Clary pensou, considerando que esta tinha sido a idéia dele. "Hodge, ela não deveria ter de ir se ela não quisesse..."

"Está tudo bem." Clary deu um profundo suspiro. Sua palmas doeram onde suas unhas tinham cortado, e ela precisava terrivelmente deitar em algum lugar escuro e tranquilo. "Eu vou. Eu quero saber a verdade. Quero saber o que está na minha cabeça."

Jace acenou uma vez. "Muito bem. Então eu vou com você."

Deixar o Instituto era como estar subindo em um molhado, saco de lona quente. O ar úmido pressionava sobre a cidade, transformando o ar em sopa encardida. "Não vejo por que razão temos de ir separadamente do Irmão Jeremiah," Clary rosnou. Eles estavam de pé na esquina fora do Instituto. As ruas estavam desertas, à exceção de um caminhão de lixo movendo-se lentamente para baixo da quadra. "O quê, ele está envergonhado de ser visto com Caçadores de Sombras ou algo assim?"

"A Irmandade são Caçadores de Sombras," Jace salientou. De alguma maneira ele conseguia aparentar refrescado, apesar do calor. Isso fez Clary querer acertá-lo.²¹

"Eu suponho que ele foi em seu carro?" Ela perguntou sarcasticamente.

Jace sorriu. "Algo como isso."

Ela balançou a cabeça dela. "Você sabe, eu me sentiria muito melhor sobre isso se Hodge tivesse vindo com a gente."

"O quê, eu não sou proteção suficiente para você?"

"Não se trata de proteção que eu preciso agora, é de alguém que pode me ajudar a pensar." De repente, lembrou, ela bateu com uma mão sobre a sua boca. "Oh, Simon!"

"Não, eu sou Jace," Jace disse pacientemente. "Simon é doninhamente pequeno com um corte de cabelo ruim e um horrendo senso de moda."

"Ah, cala a boca," ela respondeu, mas foi mais automático do que sincero. "Eu quis dizer ligar, antes que eu fosse dormir. Ver se ele chegou em casa bem."

Balançando sua cabeça, Jace contemplava os céus como se eles estivessem prestes a abrir-se e revelar os segredos do universo. "Com tudo o que está acontecendo, você está preocupado com o cara de doninha?"

"Não chame ele disso. Ele não se parece com uma doninha."

"Você pode estar certa," Jace disse. "Eu conheci uma doninha atraente ou duas, quando era novo. Ele se parece mais com um rato."

²¹ To smack pode significar: dar um beijo, beijoca, provar, acertar... e, onde está escrito refrescado a tradução ao pé da letra seria fresco, mas...



"Ele não é..."

"Ele está provavelmente em casa descansando em uma poça de sua própria saliva. Apenas espere até que Isabelle fique entediada com ele e você tenha que juntar as peças."

"É provável que Isabelle fique entediada com ele?" Clary perguntou.

Jace pensou nisso. "Sim," disse ele.

Clary se perguntou se talvez Isabelle era mais esperta do que Jace lhe dava crédito. Talvez ela iria perceber que maravilhoso cara era Simon: quão engraçado, quão inteligente, quão legal. Talvez eles tenham iniciado o namoro. A idéia encheu ela com um horror inominável.

Perdida em pensamentos, o que levou alguns instantes para perceber que Jace estava dizendo alguma coisa para ela. Quando ela piscou para ele, ela viu um sorriso torcido espalhado no seu rosto. "O quê?" ela perguntou, brutalmente.

"Eu gostaria que você parasse desesperadamente de tentar conseguir a minha atenção com isso," disse ele. "Está ficando embaraçoso."

"Sarcasmo é o último refúgio da falência imaginativa" ela disse a ele.

"Eu não posso ajudar nisso. Eu uso minha aguçada capacidade mental para esconder a minha dor interior."

"Sua dor será exterior em breve, se você não sair de circulação. Está tentando ser atropelado por um táxi?"

"Não seja ridícula," ele disse. "Nós nunca poderíamos conseguir um táxi facilmente neste bairro."

Como se em uma sugestão, um estreito carro preto com vidros coloridos veio roncando até frear e parar na frente de Jace, o motor rosnando. Era longo e lustroso e baixo até o solo como uma limusine, os vidros curvados para fora.

Jace olhou para ela de soslaio; havia diversão no seu olhar, mas também uma certa urgência. Ela olhou para o carro novamente, deixando o seu olhar relaxar, deixar a força de que era real furar o véu de glamour.

Agora, o carro parecia com a carruagem da Cinderela, exceto que em vez de ser rosa e azul e ouro como um ovo da páscoa, ele era negro como veludo, suas janelas sombriamente pintadas. As rodas eram negras, o couro adornando tudo de preto. Sobre o metalizado banco preto do motorista sentava-se o Irmão Jeremiah, que segurava um conjunto de rédeas em suas mãos enluvadas. Seu rosto estava escondido sob o capuz de seu manto cor de pergaminho. Na outra extremidade das rédeas haviam dois cavalos, negros como fumaça, rosnando e batendo as patas para o céu.



"Entre," Jace disse. Quando ela continuava lá em pé boquiaberta, ele pegou o seu braço e a empurrou através da porta semi-aberta do carro, impulsionando-se a si mesmo depois dela. A carruagem começou a se mover antes que ele tivesse fechado a porta atrás deles. Ele caiu de volta no seu assento estofado lustroso, e olhou para ela. "A escolta pessoal para a Cidade do Osso não é nada para se torcer o seu nariz."

"Eu não estou torcendo o meu nariz. Eu só estava surpresa. Eu não esperava... Quer dizer, eu pensei que era um carro."

"Relaxa," Jace disse. "Aproveite esse cheiro de carruagem nova."

Clary rolou seus olhos e virou para olhar para fora das janelas. Ela teria pensado que aqueles cavalos e a carruagem não teriam chance no tráfego de Manhattan, mas eles estavam se movendo facilmente, a sua silenciosa progressão despercebida pelo barulho de táxis, ônibus e SUVs que sufocavam na avenida. Na frente deles um táxi amarelo com faixas, cortava a direção do seu progresso. Clary ficou tensa, preocupada com os cavalos, então a carruagem se levantou como se os cavalos tivessem ligeiramente ido para o topo da cabine. Ela segurou um suspiro. A carruagem, em vez de se arrastar ao longo do chão, levada por detrás dos cavalos, rolou suavemente e sem som sobre os tetos dos táxis para baixo do outro lado. Clary olhou para trás enquanto o carro batia no chão novamente com um movimento brusco, o taxista estava fumando e olhando em frente, absolutamente absorto. "Eu sempre achei que os motoristas de taxi não prestavam atenção ao tráfego, mas isso é ridículo," ela disse fracamente.

"Só porque você pode ver através do glamour agora..." Jace deixou o final da frase pendurar delicadamente no ar entre eles.

"Só posso ver através dele quando me concentro," ela disse. "E a minha cabeça dói um pouco."

"Aposto que é por causa do bloqueio em sua mente. Os Irmãos vão cuidar disso."

"Então o quê?"

"Então, você verá o mundo como ele é, infinito," disse Jace com um sorriso seco.

"Não cite Blake para mim."

O sorriso ficou menos seco. "Eu não achei que você poderia reconhecê-lo. Você não me parece como alguém que lê um monte de poesia."

"Todo mundo sabe da citação por causa do The Doors."

Jace olhou para ela inexpressivamente.

"The Doors. Era uma banda."

"Se você está dizendo," disse ele.



"Eu suponho que você não tem muito tempo para desfrutar de música," disse Clary, pensando em Simon, para quem a música era toda a sua vida, "em sua linha de trabalho."

Ele deu de ombros. "Talvez o ocasional lamento do coro dos malditos."

Clary olhou para ele rapidamente, para ver se ele estava brincando, mas ele estava inexpressivo.

"Mas você estava tocando piano, ontem," ela começou, "no Instituto. Então você deve..."

A carruagem balançou bruscamente para cima de novo. Clary se agarrou na borda do seu banco e eles rolaram para um ônibus M1 para o centro da cidade. Desse ponto de vantagem ela podia ver os andares superiores dos prédios antigos alinhados na avenida, esculpidos com elaboradas gárgulas e cornijas ornamentais.

"Eu estava só brincando," Jace disse, sem olhar para ela. "Meu pai insistiu que eu aprendesse a tocar um instrumento."

"Ele parecia rigoroso, o seu pai."

O tom de Jace era cortante. "De forma alguma. Ele era indulgente comigo. Ele me ensinou tudo sobre armas de treinamento, demonologia, erudição arcanas, línguas antigas. Ele me dava qualquer coisa que eu queria. Cavalos, armas, livros, e até mesmo um falcão de caça."

Mas armas e livros não são exatamente o que a maioria dos meninos querem no Natal, Clary pensou enquanto a carruagem se alinhava atrás para a calçada. "Por que você não mencionou a Hodge que você sabia quem eram os homens com quem Luke estava falando? Que foram eles os que mataram o seu pai?"

Jace olhou para baixo em suas mãos. Eles eram finas e mãos bem cuidadas, as mãos de um artista, não de um guerreiro. O anel que ela havia notado anteriormente brilhou em seu dedo. Ela teria pensado, que poderia haver alguma coisa feminina sobre um rapaz usando um anel, mas não havia. O anel em si era sólido e parecia pesado, feito em um cinza-queimado parecendo prata com um padrão de estrelas em torno do anel. A letra W estava esculpida. "Porque, se eu dissesse," ele disse, "ele iria saber que eu iria querer matar Valentine sozinho. E ele nunca me deixaria tentar."

"Quer dizer que você quer matar ele por vingança?"

"Por justiça," Jace disse. "Eu nunca soube quem matou o meu pai. Agora eu sei. Essa é minha chance de fazer isso certo."

Jace não estava olhando para ela, então Clary deixou a voz dela sumir. Eles estavam passando através do Astor Place agora, estreitamente evitando um bonde elétrico roxo da Universidade de Nova York, uma vez que atravessavam o tráfego. Pedestres transitando esmagados pela atmosfera pesada, como insetos depositados debaixo de um copo. Alguns grupos de crianças desabrigadas estavam reunidas na base de uma grande estátua de metal, caixinhas de papelão dobradas assinalava o pedido de



dinheiro apoiadas em frente delas. Clary viu uma garota com cerca de sua própria idade, com uma polida cabeça raspada careca, inclinada contra um rapaz de pele castanha com Dreadlocks, seu rosto adornado com uma dúzia de piercings. Ele virou a cabeça enquanto a carruagem passava por ele como se ele pudesse vê-la, e ela pegou o brilho dos seus olhos. Um deles estava encoberto, como se não tivesse nenhuma pupila.

"Eu tinha dez," Jace disse. Ela se virou para olhar para ele. Ele estava sem expressão. E sempre parecia que a cor era drenada dele quando ele falava sobre seu pai. "Nós morávamos em um sobrado, fora do país. Meu pai sempre dizia que era mais seguro se manter longe das pessoas. Eu ouvi eles chegando pela estrada e irem falar com ele. Ele me disse para me esconder, então eu me escondi. Debaixo das escadas. Eu vi aqueles homens chegarem. Eles tinham outros com eles. Não homens. Esquecidos. Eles dominaram meu pai e cortaram sua garganta. O sangue correu através do chão. E ensopou meus sapatos. Eu não me movi."

Levou um momento para Clary perceber que ele tinha acabado de falar, e outro para encontrar a sua voz. "Eu sinto muito, Jace."

Seus olhos cintilaram na escuridão. "Eu não entendo porque mundanos sempre se desculpam por coisas que não são culpa deles."

"Não estou me desculpando. É uma maneira de enfatizar. De dizer que eu estou pesarosa por você estar infeliz."

"Eu não estou infeliz," ele disse. "Somente as pessoas com nenhum propósito são infelizes. Eu tenho um propósito."

"Você quer dizer matar demônios, ou ter a vingança pela morte do seu pai?"

"Ambos."

"Você acha que seu pai iria realmente querer que você matasse aqueles homens? Só por vingança?"

"Um Caçador de Sombras que mata outro de seus irmãos é pior do que um demônio e deve ser colocado abaixo como um," Jace disse, soando como se estivesse recitando as palavras de um livro.

"Mas se todos os demônios são maus?" disse ela. "Quero dizer, se todos os vampiros não são maus, e todos os lobisomens não são maus, talvez..."

Jace se virou para ela, parecendo exasperado. "Não é a mesma coisa. Vampiros, lobisomens, mesmo bruxos, eles são parte humanos. Parte deste mundo, nascidos nele. Pertencem aqui. Mas demônios vêm de outros mundos. Eles são parasitas interdimensionais. Eles chegam a um mundo e o utilizam. Eles não podem construir, apenas destruir, eles não podem fazer, apenas usar. Eles drenam um lugar até as cinzas e quando ele está morto, eles se deslocam para o próximo. É a vida que eles querem, e não apenas a sua vida ou a minha, mas toda a vida deste mundo, seus rios e cidades, os seus oceanos, o seu tudo. E a única coisa que está entre eles e a destruição de tudo isto..." ele apontou para fora da janela da carruagem, acenando a



mão dele como se ele pretendesse indicar tudo na cidade, dos arranha-céus nas torres ao tráfego obstruído em Houston Street – "é o Nephilim."

"Ah," Clary disse. Não parecia que se havia muito mais a se dizer. "Quantos outros mundos existem?"

"Ninguém sabe. Centenas? Milhões, talvez."

"E todos eles matam mundos? Os usando?" Clary sentiu seu estômago cair, ainda que possa ter sido apenas um abalo, pois mudaram para um mini roxo. "Isso parece tão triste."

"Eu não diria isso." A luz alaranjada escura da névoa da cidade se derramava através da janela, delineando o seu perfil afilado. "Há provavelmente vida em outros mundos como o nosso. Mas só demônios podem viajar entre eles. Porque eles são principalmente não-corpóreos, em parte, mas ninguém sabe exatamente porquê. Muitos bruxos tentaram isso, e nunca funcionou. Nada vindo da Terra pode passar através da proteção entre os mundos. Se nós conseguíssemos," ele disse acrescentando, "poderíamos ser capazes de bloqueá-los de vir aqui, mas ninguém foi capaz de descobrir como fazer isso. Na verdade, mais e mais deles estão vindo. Costumava ser apenas pequenas invasões de demônio neste mundo, facilmente contidas. Mas, mesmo em minha época, mais e mais deles têm se espalhado através da vigilância. A Clave está sempre tendo que despachar Caçadores de Sombras, e muitas vezes eles não voltam."

"Mas se vocês tivessem a Taça Mortal, vocês poderiam fazer mais, certo? Mais caçadores de demônios?" Clary perguntou tentadoramente.

"Claro," Jace disse, "mas não temos a Taça há anos, e muitos de nós morrem jovens. Então nossos números lentamente abaixaram."

"Vocês não, uhhh..." Clary procurou pela palavra certa. "Reproduzem?"

Jace caiu na gargalhada, de tal maneira que a carruagem deu uma repentina tombada acentuada para a direita. Ele se manteve no seu lugar, mas Clary foi atirada contra ele. Ele a apanhou, suas mãos abraçando ela suavemente mas firmemente longe dele. Ela sentiu o frio da impressão do anel dele como uma lasca de gelo contra sua pele suada. "Claro," ele disse. "Nós amamos nos reproduzir. Essa é uma das nossas coisas favoritas."

Clary se empurrou para longe dele, seu rosto queimando na escuridão, e se virou para olhar a janela. Eles estavam indo na direção de um pesado portão de ferro forjado, treliçado com trepadeiras escuras.

"Aqui estamos nós." Anunciou Jace enquanto as rodas rolavam suaves sobre o pavimento e virava para se sacudir nas pedras pavimentadas. Clary vislumbrou as palavras no arco enquanto eles passavam por debaixo delas: Cemitério de Mármore de Nova York.



"Mas eles pararam de enterrar as pessoas de Manhattan a séculos atrás, porque não cabia mais no espaço – não é?" Ela disse. Eles estavam se movendo em um estreito beco com paredes altas de ambos os lados.

"A Cidade do Osso tem estado aqui há mais tempo do que isso." O carro chegou em uma parada estremecida. Clary levantou enquanto Jace esticava seu braço para fora, mas ele estava apenas passando para alcançar e abrir a porta do lado dela. O braço dele ligeiramente musculoso e coberto por finos pêlos dourados, como pólen.

"Você não teve escolha, não é?" ela perguntou. "Sobre ser um Caçador de Sombras. Você não podia simplesmente optar por sair."

"Não," disse ele. A porta bateu aberta, trazendo um sopro de ar quente e úmido. A carruagem tinha parado em um vasta praça verde cercada por musguntos muros de mármore. "Mas se eu tivesse uma escolha, isso é ainda o que eu iria escolher."

"Porquê?" ela perguntou.

Ele levantou uma sobrancelha, o que fez Clary instantaneamente ter ciúmes. Ela sempre quis ser capaz de fazer isso. "Porque," ele disse. "É aquilo em que eu sou bom."

Ele saltou para fora da carruagem. Clary deslizou para a borda de seu assento, balançando suas pernas. Era uma longa queda até o pavimento. Ela pulou. O impacto fez doer os pés dela, mas ela não caiu. Ela oscilou ao redor em triunfo para encontrar Jace observando ela. "Eu deveria ter te ajudado a descer," ele disse.

Ela piscou. "Tudo bem. Não precisava." Ele olhou para trás dela. Irmão Jeremiah estava descendo do seu poleiro atrás dos cavalos, em um silencioso cair de manto. Ele não projetava sua sombra abaixo do sol – na grama endurecida.

Venham, ele disse. Ele deslizou para longe da carruagem e das confortantes luzes da Segunda Avenida, se movendo em direção ao centro escuro do jardim. Estava claro que ele esperava que eles o seguissem.

A grama estava seca e estalante sob os pés, as paredes de mármore eram, de ambos os lados, lisas e peroladas. Havia nomes esculpidos nas paredes de pedra, os nomes e datas. Clary demorou um pouco para perceber que aquelas eram marcas dos sepulcros. Um arrepio raspou até sua coluna vertebral. Onde estavam os corpos? Nas paredes, enterrados na posição vertical, como se eles tivessem sido emparedados em vida...?

Ela tinha esquecido de olhar para onde ela estava indo. Quando ela colidiu com algo inequivocadamente vivo, ela gritou em voz alta.

Era Jace. "Não grite desse jeito. Você vai acordar os mortos."

Ela fez uma careta para ele. "Por que estamos parando?"

Ele apontou para Irmão Jeremiah, que tinha chegado a um ponto na frente de uma estátua apenas ligeiramente mais alta do que ele era, sua base coberta com musgo.



A estátua era de um anjo. O mármore da estátua era tão bom que era quase translúcido. O rosto do anjo era impetuoso, bonito e triste. Ao longo das mãos brancas, o anjo segurava uma taça, sua borda ornamentada com jóias no mármore. Algo sobre a estátua coçou as memórias de Clary com uma familiaridade desconfortável. Havia uma data inscrita na base, 1234, e as palavras inscritas em torno dela: Nephilim: facilis descensus averni.

"Isso significa a Taça Mortal?" ela perguntou.

Jace concordou. "E esse é o lema dos Nephilim – dos Caçadores de Sombras – na sua base."

"E o que significa?"

O sorriso branco de Jace era um flash na escuridão. "Isso significa 'Caçadores das Sombras: Ficam Melhor em Preto Do Que Viúvos dos seus Inimigos Desde 1234...'"

"Jace..."

Significa, disse Jeremiah, A descida ao inferno é fácil.

"Bonito e jovial," Clary disse, mas um arrepio passou por sua pele, apesar do calor.

"Essa é uma piadinha dos Irmãos, que eles tem aqui." Jace disse. "Você vai ver."

Ela olhou para o Irmão Jeremiah. Ele tinha puxado uma estela, ligeiramente brilhante, de algum bolso interno do seu manto, e com a ponta ele traçou o padrão de uma runa na base da estátua. A boca do anjo da pedra de repente fez uma abertura ampla em um grito silencioso, e abriu um enorme buraco negro no gramado aos pés de Jeremiah. Parecia uma sepultura aberta.

Lentamente Clary se aproximou da borda daquilo e perscrutou lá dentro. Um conjunto de degraus de granito levavam para dentro do buraco, suas macias bordas desgastadas por anos de uso. Tochas estavam ao longo dos degraus em intervalos, ofuscando um verde quente e um azul gelado. A parte inferior da escada estava perdida na escuridão.

Jace tomou as escadas com a facilidade de alguém que encontra uma situação familiar, se não, exatamente confortável. Na metade da primeira tocha, ele parou e olhou para ela. "Vamos," disse impacientemente.

Clary tinha apenas colocado o seu pé no primeiro degrau, quando ela sentiu o braço apanhado num frio aperto. Ela olhou para cima com espanto. Irmão Jeremiah estava segurando seu punho, seus gelados dedos brancos cavando na pele. Ela podia ver o brilho ósseo de seu cicatrizado rosto abaixo da ponta do seu capuz.

Não tema, disse sua voz dentro da cabeça. Isso levaria mais do que um simples chorar humano para despertar esses mortos.

Quando ele soltou seu braço, ela deslizou pelas escadas após Jace, o coração dela batendo contra suas costelas. Ele estava esperando por ela no sopé dos degraus. Ele



tinha tomado uma das tochas queimando esverdeado fora do seu suporte e a segurou no nível dos olhos. Ela emprestou um verde pálido expresso na sua pele. "Você está bem?"

Ela concordou, não confiando em si mesma para falar. As escadas terminavam em um raso desembarcadouro, à frente deles se esticava um túnel, longo e escuro, sulcado com encurvadas raízes de árvores. Uma tênue luz azulada era visível no final do túnel. "É tão... escuro," ela disse balbuciando.

"Você quer que eu segure sua mão."

Clary colocou ambas as mãos atrás de suas costas como uma criança pequena. "Não fale com superioridade comigo."

"Bem, eu dificilmente poderia falar acima com você. Você é muito pequena." Jace olhou passando por ela, a tocha chovendo faíscas enquanto ele se movia. "Não há necessidade de ficar com cerimônia, Irmão Jeremiah," Jace arrastou as palavras. "Vá em frente. Nós estaremos bem atrás de você."

Clary pulou. Ela ainda não estava acostumada com o ir e vir silencioso do arquivista. Ele se moveu silenciosamente de onde ele tinha estado de pé atrás dela e liderou adentro da entrada do túnel. Após um momento, ela seguiu batendo na mão esticada de Jace enquanto ela ia.

À primeira vista de Clary da Cidade do Silêncio foi de linha após a linha de altos arcos em mármore que subiam acima, desaparecendo à distância como ordenadas fileiras de árvores em um pomar. O mármore em si era um puro, pálido marfim, duro e parecendo polido, inseridos em locais com estreitas faixas de ônix, jaspe, e jade. Enquanto eles se moviam no túnel em direção a floresta de arcos, Clary viu que o chão estava inscrito com o mesmas runas que, às vezes, decoravam a pele de Jace com linhas, espirais e padrões trançados.

Quando os três deles atravessaram o primeiro arco, alguma coisa grande e branca assomou acima e no lado esquerdo dela, como um iceberg ao largo da proa do Titanic. Era um bloco de pedra branca, macia e quadrada, com uma espécie de porta inserida na frente. Aquilo lembrava a ela uma casa de brinquedo do tamanho de uma criança, quase, mas não muito grande o suficiente para que ela ficasse de pé lá dentro.

"É um mausoléu," disse Jace, dirigindo um flash de tocha naquilo. Clary podia ver que aquela runa foi esculpida na porta, que foi selada com parafusos de ferro. "Um túmulo. Nós enterramos os nossos mortos aqui."

"Todos seus mortos?" ela disse, meio que esperando perguntar a ele se seu pai estava enterrado lá, mas ele moveu a cabeça, fora do alcance da voz. Ela se apressou atrás dele, não desejando ficar sozinha com o Irmão Jeremiah em seu lugar assustador. "Eu pensei que você havia dito que isso era uma biblioteca."

Há muitos níveis na Cidade do Silêncio, inseriu Jeremiah. Aqueles que morrem em batalhas são cremados, suas cinzas usadas para fazer esses arcos de mármore que



você vê aqui. O sangue e ossos dos caçadores de demônios são por si mesmos uma proteção poderosa contra o mal. Mesmo na morte, a Clave serve a causa.

Que exaustivo, Clary pensou, lutar toda sua vida e então a expectativa de continuar aquela luta quando sua vida tiver acabado. Nos cantos de sua visão ela podia ver o quadrado branco das catacumbas aumentando em ambos os lados em ordenada filas de túmulos, todas as portas trancadas pelo lado de fora. Ela compreendeu agora por que aquilo era chamado de Cidade do Silêncio: Seus únicos habitantes eram os Irmãos mudos e os mortos que eram tão zelosamente guardados.

Eles haviam chegado a uma outra escada elevando-se em mais uma luz fraca; Jace impulsionou a tocha em frente a ele, estriando as paredes com sombras. "Estamos indo para o segundo nível, onde os arquivos e a salas do conselho estão," ele disse, como se para tranquilizá-la.

"Onde estão os alojamentos?" Clary perguntou, em parte para ser educada, em parte, por uma verdadeira curiosidade. "Onde é que os Irmãos dormem?"

Dormir.

O silêncio da palavra perdurou na escuridão entre eles. Jace riu, e a chama da tocha que segurava se agitaram. "Você tinha de perguntar."

Ao pé da escada havia outro túnel, que ampliava no final em um pavilhão quadrado, cada canto do qual era marcado por um pináculo de osso entalhado. Lanternas queimavam em longos suportes de ônix dos lados do quadrado, e o ar cheirava a cinzas e fumaça. No centro do pavilhão havia uma longa mesa de basalto preto com nervuras brancas. Por trás da mesa, contra a parede escura, havia pendurada uma enorme espada de prata, na ponta, seu cabo esculpido em forma de asas estendidas. Sentados à mesa havia uma fila de Irmãos do Silêncio, cada um envolvido e encapuzado com as mesmas vestes de pergaminho colorido como Jeremiah.

Jeremiah não perdeu tempo. "*Nós chegamos. Clarissa, fique perante o Conselho.*"

Clary olhou para Jace, mas ele estava piscando, claramente confuso. Irmão Jeremiah deve ter falado apenas na cabeça dela. Ela olhou para cima da mesa, para a longa fila de figuras silenciosas, agasalhados em seus pesados robes. Quadrados alternando compunham o piso do pavilhão: bronze dourado e um vermelho mais escuro. Só na frente da mesa havia um grande quadrado, feito de mármore preto e estampados com um parabólico desenho de estrelas prateadas.

Clary andou até o centro do quadrado preto, como se ela estivesse na frente de um esquadrão de fuzilamento. Ela levantou sua cabeça. "Tudo bem," disse ela. "Agora o quê?"

Os Irmãos fizeram então um som, um som que levantou todos os pêlos do pescoço de Clary e ao longo das costas dos braços dela. Era um som como um suspiro ou um gemido. Em uníssono eles levantaram suas mãos e empurraram seus capuzes para trás, descobrindo seus rostos com cicatrizes e as covas de seus olhos vazios.

Embora ela já tivesse visto o rosto descoberto do Irmão Jeremiah, o estômago de



Clary deu um nó. Foi como olhar para uma fila de esqueletos, como uma daquelas xilografuras medievais onde os mortos caminhavam, dançavam e conversavam sobre uma pilha de corpos dos vivos. Suas bocas costuradas pareciam sorrir para ela.

O Conselho saúda você, Clarissa Fray.

Ela escutou, e não foi apenas uma voz silenciosa dentro de sua cabeça, mas uma dúzia, algumas baixas e ásperas, algumas suaves e monótonas, mas todos eram exigentes, insistentes, empurrando a frágil barreira em torno de sua mente.

"Pare," ela disse, e para espanto dela a voz dela saiu firme e forte. O barulho dentro de sua mente cessou subitamente como uma gravação que tinha parado de rodar. "Vocês podem entrar dentro da minha cabeça," ela disse, "mas só quando eu estiver pronta."

Se você não quiser a nossa ajuda, não há necessidade para isso. Você são os que pediram por nossa assistência, depois de tudo.

"Vocês querem saber o que está em minha mente, assim como eu quero," ela disse. "Isso não significa que vocês não precisam ser cuidadosos com isso."

O Irmão que estava sentado na cadeira central colocou seus finos dedos brancos debaixo de seu queixo, *isso é reconhecidamente um interessante quebra-cabeça*, ele disse, e dentro de sua mente a voz era seca e neutra. *Mas não há nenhuma necessidade para o uso da força, se você não resistir.*

Ela rangeu os dentes. Ela queria resistir a eles, esperando extrair aquelas vozes intrusivas fora de sua cabeça. Para estarem tão perto e permitir tal violação do seu mais íntimo e pessoal eu...

Mas lá estava toda a chance que isso já tinha acontecido, ela se lembrou. Isso não era nada mais do que a escavação de um crime passado, o roubo de sua memória. Se isso funcionasse, o que tinha sido retirado dela seria restaurado. Ela fechou seus olhos.

"Vá em frente," ela disse.

O primeiro contato veio em um sussurro dentro de sua mente, delicado quanto um roçar de uma folha caindo. *Declare seu nome para o Conselho.*

Clarissa Fray.

A primeira voz se reuniu a outras. *Quem é você?*

Eu sou Clary. Minha mãe é Jocelyn Fray. Eu moro na Berkeley Place, 807 no Brooklin. Eu tenho 15 anos. Meu pai se chamava..

Sua mente parecia acertar ela mesma, como um elástico, e ela cambaleou em um silencioso turbilhão de imagens expressas contra o interior de suas pálpebras fechadas. Sua mãe se apressando em uma noite – a rua escura entre pilhas amontoadas de neve suja. Em seguida, uma descida do céu, cinzento e pesado,



fileiras de árvores negras desfolhadas. Um quadrado vazio cortado na terra, um caixão simples baixou nele. Cinzas a cinzas. Jocelyn envolta em sua colcha de patchwork, lágrimas derramando por suas bochechas, rapidamente fechando uma caixa e colocando-a sob uma almofada enquanto Clary entrava na sala. Ela viu as iniciais na caixa novamente: J.C.

As imagens vinham mais rápidas agora, como páginas de um daqueles livros com figuras que parecem se mover quando você passa elas.

Clary estava no topo de uma escada elevada, olhando para baixo para um corredor estreito, e lá estava novamente Luke, sua mala verde aos seus pés. Jocelyn ficava na frente dele, agitando a cabeça dela. "Por que agora, Lucian? Pensei que você estivesse morto..." Clary piscou; Luke parecia diferente, quase um estranho, barbudo, seu cabelo longo e emaranhado – ramificações desciam para bloquear a sua visão, ela estava no parque novamente, e fadas verdes, minúsculas como palitos, zumbiam entre as flores vermelhas. Ela pegou uma delas em deleite, e sua mãe colocou em seus braços com um grito de terror. Depois estava inverno na rua escura novamente, e elas estava correndo, encolhidas sob um guarda-chuva, Jocelyn meio empurrando e meio arrastando Clary entre os eventuais bancos de neve. Um portal de granito surgiu para compensar a queda da brancura; haviam palavras esculpidas acima da porta, era magnífico. Então ela estava em pé dentro de uma entrada que cheirava a ferro e neve derretida. Seus dedos ficaram dormentes com frio. Uma mão sob seu queixo dirigiu seu olhar para cima, e ela viu uma fileira de palavras rabiscadas ao longo da parede. Duas palavras saltaram para ela, queimando em seus olhos: "MAGNUS BANE".

Uma súbita dor a acertou através de seu braço direito. Ela gritou enquanto as imagens caíam e ela girava acima, rompendo a superfície da consciência como um mergulhador rompia através de uma onda. Havia algo frio pressionado contra a sua bochecha. Ela ergueu seus olhos abrindo e viu estrelas prateadas. Ela piscou duas vezes antes que ela percebesse que ela estava deitada no chão em mármore, seus joelhos curvados até o seu peito. Quando ela se moveu, uma dor quente subiu pelo seu braço.

Ela delicadamente se sentou. A pele ao longo do seu cotovelo esquerdo estava machucada e sangrando. Ela deve ter batido nele quando ela caiu. Havia sangue em sua camisa. Ela olhou ao redor, desorientada, e viu Jace olhando para ela, imóvel, mas muito tenso ao redor da boca.

Magnus Bane.

A palavra significava alguma coisa, mas o quê? Antes que ela pudesse fazer a pergunta em voz alta, Irmão Jeremiah interrompeu ela.

O bloqueio dentro de sua mente é mais forte do que tínhamos previsto, ele disse. Ele só pode ser seguramente desfeito apenas por quem o colocou lá. Para nós removermos, isso poderia matar você.

Ela se levantou sob seus pés, embalando seu braço ferido. "Mas eu não sei quem o colocou lá. Se eu soubesse, eu não teria vindo aqui."



A resposta para isso está tecida no filamento de seus pensamentos, Irmão Jeremiah disse. Em seu sonho acordado você viu escrito.

"Magnus Bane? Mas... isso nem sequer é um nome!"

Isso é suficiente. Irmão Jeremiah chegou a seus pés. Como se isso fosse um sinal, o resto dos Irmãos se levantaram ao lado dele. Eles inclinaram a cabeça em direção a Jace, um gesto de silencioso reconhecimento, depois eles se enfileiraram entre os pilares e desapareceram. Apenas Irmão Jeremiah permaneceu. Ele assistiu impassivamente enquanto Jace se apressou sobre Clary.

"Seu braço está bem? Me deixe ver," ele exigiu, agarrando seu pulso.

"Ouch! Tudo bem. Não faça isso, você está deixando ele pior," Clary disse tentando puxar de volta.

"Você sangrou sobre as Estrelas Falantes," ele disse. Clary olhou e viu que ele estava certo: Havia uma mancha do sangue dela sobre o mármore branco e prata. "Aposto que há uma lei sobre isso em algum lugar." Ele virou o braço dela para cima, mais gentilmente do que ela teria pensado que ele era capaz. Ele botou seu lábio inferior entre seus dentes e assobiou; ela olhou para baixo e viu o sangue que a cobria como uma luva seu braço, abaixo do cotovelo até o punho. O braço estava latejante, rígido, e doloroso.

"Isso é quando você começa a cortar em tiras sua camiseta para amarrar em meu machucado?" ela brincou. Ela odiava a visão de sangue, especialmente o seu próprio.

"Se você queria que eu rasgasse minhas roupas, você só precisava ter me pedido." Ele cavou em seu bolso e trouxe a sua estela. "Teria sido muito menos doloroso."

Lembrando da sensação de ardor quando a estela tinha tocado seu punho, ela se retesou, mas tudo o que ela sentiu enquanto o brilhante instrumento deslizava levemente sobre seu ferimento era um vago calor. "Aí está," ele disse, endireitando-se. Clary flexionou seu braço se admirando – o sangue ainda estava lá, a ferida tinha sumido, assim como a dor e a rigidez. "E da próxima vez que você estiver planejando se ferir para chamar a minha atenção, basta lembrar que um pouco de palavras gentis fazem maravilhas."

Clary sentiu sua boca torcer em um sorriso. "Vou manter isso em mente," ela disse, e enquanto ele se afastava, ela acrescentou, "obrigada."

Ele mergulhou a estela em seu bolso, sem virar as costas para olhar para ela, mas ela pensou ter visto uma certa gratificação acertar seus ombros. "Irmão Jeremiah," ele disse, esfregando as mãos juntas, "você esteve muito quieto todo este tempo. Certamente você tem alguns pensamentos que você gostaria de compartilhar?"

Estou encarregado de os conduzir pela Cidade do Silêncio, e isso é tudo, disse o arquivista. Clary se perguntou se ela estava imaginando isso, ou se houve realmente um tom ligeiramente insultado em sua "voz".



"Nós podemos sempre achar a saída por nós mesmos," Jace sugeriu esperançosamente. "Eu tenho certeza que me lembro do caminho..."

As maravilhas da Cidade do Silêncio não são para os olhos dos não experientes, Jeremiah disse, e virou suas costas para eles com um farfalhar de vestes sem som. *Por aqui.*

Quando eles emergiram na abertura, Clary tomou profundas respirações do ar espesso da manhã, a cidade rescendia ao cheiro de fumaça, sujeira e humanidade. Jace olhou ao redor cuidadosamente. "Vai chover," ele disse.

Ele estava certo, Clary pensou, acima o céu cinza-ferro. "Nós vamos tomar a carruagem de volta para o Instituto?"

Jace olhou para o Irmão Jeremiah, ainda como uma estátua, para a carruagem, parecendo uma sombra negra na passagem de arco que dava para a rua. Então ele se quebrou em um sorriso.

"De jeito nenhum," ele disse. "Eu odeio essas coisas. Vamos chamar um táxi."



11 – Magnus Bane

Jace se inclinou para frente e bateu a mão contra a partição que nos separavam do taxista. "Vire à esquerda! Esquerda! Eu disse para tomar a Broadway, seu cérebro-morto idiota!"

O taxista respondeu por vibrações no volante tão difíceis para a esquerda que Clary foi atirada contra Jace. Ela deixou sair um uivo de ressentimento. "Porque é que estamos indo para Broadway, afinal?"

"Estou com fome," Jace disse. "E não há nada em casa, exceto sobras do chinês." Ele pegou o seu telefone fora do seu bolso e começou a digitar.

"Alec! Acorda!" ele gritou. Clary pode ouvir um irritado zumbido na outra extremidade. "Nos encontre no Taki. Café da manhã. Sim, você me ouviu. Café da manhã. O quê? É apenas a poucos quarteirões de distância. Vem logo."

Ele desligou e meteu o telefone em um de seus muitos bolsos, enquanto eles eram empurrados para um meio fio. Entregando ao motorista um punhado de notas, Jace empurrou Clary para fora do carro. Quando ele saiu na calçada atrás dela, ele se espreguiçou como um gato e esticou os braços amplamente. "Bem-vindo ao maior restaurante de Nova York."

Não pareceu muito, um baixo edifício de tijolo que arqueava no meio como um suflê arruinado. Um inclinado letreiro em néon proclamando o nome do restaurante estava pendurado lateralmente e estava estalando. Dois homens em longos casacos e chapéus de feltro se inclinaram em frente da porta estreita. Não havia janelas.

"Isso parece como uma prisão," Clary disse.

Ele apontou para ela. "Mas em uma prisão você poderia pedir um espaguete fra diavolo que faria você querer beijar seus dedos? Eu acho que não."

"Eu não preciso de espaguete. Eu preciso saber o que um Magnus Bane é."

"Isso não é um o quê? É um quem," Jace disse, "isso é um nome."

"Você sabe quem ele é?"

"Ele é um bruxo," Jace disse, em sua mais moderada voz. "Apenas um bruxo poderia por um bloqueio em sua mente como este. Ou talvez um dos Irmãos do Silêncio, mas claramente não foi um deles."

"Você ouviu falar desse bruxo?" Clary exigiu, já que estava rapidamente cansando da moderada voz de Jace.

"O nome soa familiar -"

"Ei!" Era Alec, parecendo como se ele tivesse rolado fora da cama e colocado jeans em cima do seu pijama. Seu cabelo despenteado, arrepiado selvagememente em torno



de sua cabeça. Ele galopou em direção a eles, os olhos sobre Jace, ignorando Clary, como de costume. "Izzy está a caminho," ele disse. "Ela está trazendo o mundano."

"Simon? De onde é que ele veio?" Jace perguntou.

"Ele foi a primeira coisa que apareceu esta manhã. Não podia ficar longe de Izzy, eu acho. Patético." Alec pareceu divertido. Clary queria chutar ele. "De qualquer maneira, nós vamos entrar ou o quê? Estou morrendo de fome."

"Eu também," disse Jace. "Eu poderia realmente ir por algumas caudas fritas de rato."

"Algumas o quê?" Clary perguntou, certa de ter ouvido errado.

Jace riu para ela. "Relaxe," ele disse. "É apenas uma refeição."

Eles foram parados na porta da frente por um homem empertigado. Enquanto ele se endireitava. Clary pegou um vislumbre do seu rosto sob o chapéu. Sua pele era vermelha escura, suas mãos quadradas terminavam em unhas azuis empretecidas. Clary se sentiu endurecer, mas Jace e Alec pareceram despreocupados. Eles disseram algo para o homem, que acenou e deu um passo atrás, permitindo a passagem deles.

"Jace," Clary assobiou enquanto a porta fechava atrás deles. "Quem era aquele?"

"Você quer dizer o Clancy?" Jace perguntou, olhando ao redor da iluminação brilhante do restaurante. Era agradável no interior, apesar da falta de janelas. Aconchegantes cabines aninhadas uma contra outras, cada uma enfileirada com brilhantes estofados coloridos. Adoravelmente não combinando, louças de barro estava alinhados no balcão, atrás do qual ficava uma garota loira em um avental de garçonne rosa e branco, agilmente contando o troco para um homem atarracado em uma camisa de flanela. Ela viu Jace, acenou e gesticulou para que eles sentassem aonde eles quisessem. "Clancy mantém fora os indesejáveis," Jace disse, juntando-se a ela para uma das cabines.

"Ele é um demônio," ela sibilou. Vários freqüentadores se viraram para olhar para ela – um garoto com dreads pontudos azuis estava sentando próximo a uma bonita garota indígena com longo cabelo preto e asas douradas como neblina brotando de suas costas. O garoto ficou obscuramente carrancudo. Clary ficou feliz por o restaurante estar quase vazio.

"Não, ele não é," Jace disse, deslizando em uma cabine. Clary mudou-se para se sentar ao lado dele, mas Alec já estava lá. Ela sentou delicadamente no banco da cabine oposta a eles, seu braço ainda rígido, apesar da ajuda de Jace. Ela se sentia oca por dentro, como se os Irmãos do Silêncio tivessem chegado em seu interior e escavado para fora dela, deixando ela leve e tonta. "Ele é um ifrit," Jace explicou. "Eles são bruxos sem magia. Metade demônios que não podem lançar feitiços por qualquer razão."

"Pobres bastardos," Alec disse, pegando seu menu. Clary pegou seu menu também, e olhou. Gafanhotos e mel eram retratados como o especial do dia, tal como pratos de carne crua, todo os peixes crus, e algo chamado como um sanduíche de morcego



tostado. Uma página da seção de bebidas era devotada a diferentes tipos de sangue que eles tinham no bar – para o alívio de Clary, eles eram diferentes tipos de sangue animal, classificado como tipo A, tipo O, ou tipo B negativo. “Quem come peixe cru inteiro?” ela perguntou em voz alta.

“Kelpies,” Alec disse. “Selkies. Talvez ocasionalmente o nixie.”

“Não peça nenhuma comida de fada,” Jace disse, olhando para ela por cima do seu menu. “Ela tende a deixar os humanos um pouco loucos. Um minuto você está mastigando uma ameixa de fada, no próximo minuto você estará correndo nu pela Avenida Madison com galhos em sua cabeça. Não,” ele adicionou apressadamente, “que isso alguma vez tenha acontecido comigo.”

Alec riu. “Você se lembra...,” ele começou, e se lançou em uma história que continha muitos nomes misteriosos e nomes próprios que Clary nem sequer se incomodou em tentar seguir. Em vez disso ela estava olhando para Alec, o observando enquanto ele estava falando para Jace. Havia uma cinética, uma energia quase febril nele que não tinha estado lá antes. Alguma coisa sobre Jace que estimulava ele, trazendo ele em foco. Se ela estivesse desenhando eles juntos, ela pensou, ela poderia fazer Jace um pouco embaçado, quanto a Alec se destacaria, todo acentuado, planos e ângulos claros.

Jace estava olhando para baixo enquanto Alec falava, sorrindo um pouco e tocando seu copo de água com uma unha. Ela sentiu que ele estava pensando em outras coisas. Ela sentiu um súbito flash de simpatia por Alec. Jace poderia não ser uma pessoa fácil de se lidar. *Eu estava rindo de você porque declarações de amor me divertem, especialmente quando não são correspondidas.*

Jace olhou enquanto a garçonete passava. “Nós nunca vamos ter um café?” ele disse em voz alta, interrompendo Alec no meio da frase.

Alec cessou, a sua energia sumindo. “Eu...”

Clary disse apressadamente. “Para o que são todas essas carnes cruas?” ela perguntou, indicando a terceira página de seu menu.

“Lobisomens,” disse Jace. “Embora não me importe com um bife sangrento de vez em quando.” Ele se inclinou sobre a mesa e virou as páginas do menu de Clary. “Comida humana está na parte de trás.”

Ela examinou as perfeitamente normais seleções do menu com uma sensação de entorpecimento. Era tudo demais. “Eles têm smoothies aqui?”

“Eles tem esse smoothie²² de damasco e ameixa - com mel de flor selvagem que é simplesmente divino,” Isabelle disse, aparecendo com Simon a seu lado. “Chega pra lá,” ela disse a Clary, que ficou tão perto da parede que ela podia sentir o frio dos tijolos pressionando em seu braço. Simon, deslizou próximo a Isabelle, lhe oferecendo um meio-sorriso envergonhado que ela não retornou. “Você deveria pegar um.”

²² Smoothie = tipo de Milk Shake.



Clary não tinha certeza se Isabelle estava falando com ela ou para Simon, então ela não disse nada. O cabelo de Isabelle fazia cócegas em seu rosto, cheirando a algum tipo de perfume de baunilha. Ela odiava perfume de baunilha. Ela nunca conseguiu entender porque algumas garotas sentiam a necessidade de cheirar como uma sobremesa.

"Então, como foi na Cidade do Osso?" Isabelle perguntou, folheando seu menu aberto. "Você achou o que tinha na cabeça de Clary?"

"Nós conseguimos um nome," Jace disse. "Magnus..."

"Cala a boca," Alec sibilou, dando um golpe em Jace com o menu fechado.

Jace olhou ofendido. "Jesus." Ele esfregou seu braço. "Qual é o seu problema?"

"Este lugar está cheio de Downworlders. Você sabe disso. Eu pensei que você quisesse manter os detalhes da investigação em segredo."

"Investigação?" Isabelle gargalhou. "Agora nós somos detetives? Talvez nós devêssemos ter codinomes."

"Boa idéia," Jace disse. "Eu posso ser o Barão Hotschaft Von Hugenstein."

Alec cuspiu sua água de volta em seu copo. Nesse momento a garçonete voltou para pegar seus pedidos. De perto ela ainda era uma linda garota loira, mas seus olhos eram totalmente inquietantes – inteiramente azuis, sem nenhum branco ou qualquer pupila neles. Ela sorriu com afiados dentinhos. "Sabem o que você querem?"

Jace sorriu. "O de sempre," ele disse, e recebeu um sorriso da garçonete em troca.

"Eu também," Alec em concordância, embora ele não chegasse a sorrir. Isabelle fastidiosamente ordenou um smoothie de frutas, Simon pediu para tomar um café, e Clary, após um momento de hesitação, escolheu um copo de café grande e panquecas de côco. A garçonete piscou um olho azul para ela e saiu em disparada.

"Ela é uma ifrit também?" Clary perguntou, a olhando.

"Kaelie? Não. Parte-fey, eu acho," disse Jace.

"Ela tem olhos de nixie," disse Isabelle pensativamente.

"Você realmente não sabe o que ela é?" perguntou Simon.

Jace balançou sua cabeça. "Eu respeito a privacidade dela." Ele cutucou Alec. "Hey, me deixe sair por um segundo."

Zangado, Alec se deslocou de lado. Clary olhava Jace enquanto ele avançava até Kaelie, que estava inclinada contra o bar, falando com o cozinheiro através de uma passagem para a cozinha. Tudo que Clary pôde ver do cozinheiro era uma cabeça inclinada em um chapéu branco de chef. Altas e peludas orelhas apareciam através dos buracos cortados em ambos os lados do chapéu.



Kaelie virou-se para sorrir para Jace, que colocou um braço em torno dela. Ela se aconchegou nele. Clary se perguntou se isso era o que Jace entendia por respeitando a sua privacidade.

Isabelle rolou seus olhos. "Ele realmente não deveria importunar a garçonete – pessoal com isso."

Alec olhou para ela. "Você não acha que ele quer dizer isso? Digo, que ele gosta dela."

Isabelle deu de ombros. "Ela é uma Downworlder," ela disse, como se isso explicasse tudo.

"Eu não entendi." Clary disse.

Isabelle olhou para ela sem interesse. "Entendeu o quê?"

"Toda essa coisa de Downworlder. Vocês não caçam eles, porque eles não são exatamente demônios, mas eles não são exatamente pessoas, também. Vampiros matam, eles bebem sangue..."

"Apenas vampiros nocivos bebem sangue humano vindo de pessoas vivas," inseriu Jace. "E estes, nós temos permissão para matar."

"E lobisomens são o quê? Apenas filhotes que cresceram demais?"

"Eles matam demônios," Isabelle disse. "Então se eles não nos incomodam, nós não incomodamos eles."

Como deixar aranhas vivas porque elas matam mosquitos. Clary pensou. "Então eles são bons o suficiente para se deixar viver, bons o suficiente para fazer a comida para vocês, bons o suficiente para flertar – mas não realmente bons o suficiente? Quero dizer, não tão bons como as pessoas."

Isabelle e Alec olharam para ela como se ela estivesse falando Urdu. "Diferente das pessoas." Alec disse finalmente.

"Melhor do que os mundanos?" Simon disse.

"Não," Isabelle disse decididamente. "Você poderia tornar um mundano em um Caçador de Sombras. Quero dizer, nós viemos dos mundanos. Mas você nunca poderia tornar um Downworlder em um dos da Clave. Eles não podem suportar as Runas."

"Então eles são fracos?" Clary perguntou.

"Eu não diria isso," Jace disse, deslizando para seu assento próximo a Alec. Seu cabelo estava bagunçado e havia uma marca de batom em sua bochecha. "Pelo menos não como um peri, um djinn, um ifrit, e Deus sabe o que está escutando." Ele sorriu quando Kaelie apareceu e distribuiu a comida.



Clary julgou suas panquecas consideravelmente. Elas pareciam fantásticas: marrom dourado, encharcado com mel. Ela deu uma mordida enquanto Kaelie se afastava sobre os saltos altos dela.

Elas eram deliciosas.

"Eu disse que era o melhor restaurante de Manhattan," disse Jace, comendo suas batatas fritas com os dedos.

Ela olhou para Simon, que estava mexendo seu café, de cabeça para baixa.

"Mmmf," disse Alec, cuja boca estava cheia.

"Certo," Jace disse. Ele olhou para Clary. "Não é uma via de mão única," ele disse. "Podemos não gostar sempre de Downworlders, mas eles não gostam de nós sempre, também. Uns cem anos de Acordos não pode acabar com um milhão de anos de hostilidade."

"Tenho certeza que ela não sabe o que os Acordos são, Jace," Isabelle disse em torno da colher dela.

"Não, na verdade," Clary disse.

"Eu não," disse Simon.

"Sim, mas ninguém se importa o que você sabe." Jace disse examinado uma batata frita antes de dar uma mordida nela.

"Eu gosto da companhia de certos Downworlders em certas horas e lugares. Mas nós realmente não somos convidados para as mesmas festas."

"Espere." Isabelle disse de repente sentando-se ereta. "Que nome você disse que se chamava?" Ela exigiu, virando-se para Jace. "O nome na cabeça de Clary."

"Eu não disse," disse Jace. "Pelo menos, eu não acabei. É Magnus Bane." Ele sorriu para Alec zombeteiramente. "Rima com 'extracuidadoso com a dor em seu traseiro'."

Alec murmurou uma réplica em seu café. É aquilo rimava com algo que soava muito mais como "chovendo no molhado". Clary sorriu interiormente.

"Não pode ser, mas estou quase certa..." Isabelle cavucou em sua bolsa e puxou um pedaço de papel azul dobrado. Ela sacudiu ele entre os dedos. "Olhe para isso."

Alec pegou em sua mão o papel, olhou-o com um encolher de ombros, e o entregou a Jace. "É um convite para uma festa. Em algum lugar no Brooklyn," ele disse. "Eu odeio Brooklyn."

"Não seja um esnobe," disse Jace. Então, tal como Isabelle fez, ele se sentou ereto e fixou o olhar. "Onde você conseguiu isso, Izzy?"



Ela flutuou sua mão pelo ar. "Foi daquele kelpie no Pandemonium. Ele disse que seria fantástico. Ele tinha uma pilha deles."

"O que é isso?" Clary demandou impacientemente. "Vocês vão mostrar para o resto de nós ou não?"

Jace girou o convite ao redor para que eles todos pudessem ler. Estava impresso em um papel fino, quase um pergaminho, em uma fina, elegante, com forma de aranha escrita. Ele anunciava uma reunião na humilde casa de Magnus, o Magnífico Bruxo, e prometia aos participantes *"Uma noite de delícias extasiadas além de suas selvagens imaginações"*.

"Magnus," Simon disse. "Magnus como Magnus Bane."

"Eu duvido que haja muitos bruxos chamados Magnus na Area Tristate," Jace disse.

Alec piscou com isso. "Isso significa que nós vamos a essa festa?" Ele perguntou para ninguém em particular.

"Nós não temos que fazer nada," Jace disse, estava lendo a fina impressão no convite. "Mas de acordo com isso, Magnus Bane é o Alto Bruxo do Brooklyn." Ele olhou para Clary. "Eu mesmo, estou um pouco curioso do porquê o nome do Maior Bruxo do Brooklyn está fazendo dentro da sua cabeça."

A festa não iria começar até a meia-noite, então com o dia inteiro para matar, Jace e Alec desapareceram na sala de armas e Isabelle e Simon anunciaram a sua intenção de caminhar no Central Park então ela poderia mostrar a ele os círculos de fadas. Simon perguntou a Clary se ela queria vir junto. Asfixiando uma fúria assassina, ela recusou por motivo de exaustão.

Que não era exatamente uma mentira – ela estava exausta, seu corpo continuava enfraquecido pelos pós-efeitos do veneno e também por ter acordado cedo demais. Ela deitou em sua cama no Instituto, chutando seus sapatos, disposta a se por para dormir, mas o sono não veio. A cafeína em suas veias efervescia como água gaseificada, e sua mente estava cheia de imagens se movimentando. Ela continuava vendo o rosto de sua mãe olhando para ela, sua expressão de pânico. Continuava vendo as Estrelas Falantes, ouvindo as vozes dos Irmãos do Silêncio em sua cabeça. Porque havia um bloqueio em sua mente? Porque haveria de um poderoso bruxo ter posto aquilo, e qual o propósito? Ela se perguntou que memórias ela poderia ter perdido, quais experiências ela teve que ela não podia agora evocar. Ou talvez todas as coisas que ela pensava que se lembrava eram uma mentira...?

Ela se sentou, já não capaz de suportar seus pensamentos que a tomavam. Pés descalços, ela percorreu o corredor em direção à biblioteca. Talvez Hodge pudesse ajudar ela.

Mas a biblioteca estava vazia. A luz da tarde se inclinava entre as cortinas separadas, despejando barras douradas através do piso. Sobre a mesa descansava o livro que



Hodge estava lendo mais cedo, sua capa coberta de couro reluzindo. Ao lado estava Hugo dormindo em seu poleiro, o bico guardado debaixo da asa.

Minha mãe conhecia esse livro, Clary pensou. Ela tocou ele, lendo do lado de fora. A dor por segurar algo que era uma parte da vida de sua mãe foi como um corroer no buraco do seu estômago. Ela cruzou a sala rapidamente, posicionando suas mãos no livro. Ele estava morno, o couro aquecido pelo sol. Ela levantou a capa.

Algo dobrado deslizou para fora entre as páginas e flutuou para o chão aos seus pés. Ela se curvou para recuperá-lo, colocando ele aberto em reflexo.

Era uma fotografia de um grupo de jovens, nenhum muito mais velho do que a própria Clary. Ela sabia que estava segurando algo de vinte anos atrás, não por causa das roupas que eles estavam usando – que, como a maioria do vestuário dos Caçadores de Sombras, estavam indefinidos em preto – mas por que ela reconheceu sua mãe instantaneamente: Jocelyn não mais do que dezessete ou dezoito, seu cabelo partido ao meio para trás e seu rosto um pouco arredondado, o queixo e a boca eram menos definidas. *Ela se parece comigo*, Clary pensou desorientadamente.

O braço de Jocelyn estava ao redor de um garoto que Clary não reconheceu. Isso lhe deu um sobressalto. Ela nunca pensou em sua mãe se envolvendo com alguém que não fosse seu pai, desde que Jocelyn nunca tinha tido um encontro ou se interessado em romance. Ela não era como a maioria das mães solteiras, que perambulavam na Associação dos Pais e Mestres se encontrando para provavelmente – procurar por pais, ou a mãe de Simon, que estava sempre checando seu perfil no JDate²³. O garoto era bonito, com cabelos tão loiros que parecia quase brancos, e olhos negros.

“Este é Valentine,” disse uma voz no seu cotovelo, “quando ele tinha dezessete.”

Ela deu um pulo para trás, quase derrubando a foto. Hugo deu um assustado e infeliz grasnado antes de voltar para baixo em seu poleiro, penas agitadas.

Era Hodge, olhando para ela com olhos curiosos.

“Me desculpe,” ela disse, colocando a fotografia sobre a mesa e indo rapidamente para trás. “Eu não queria bisbilhotar suas coisas.”

“Está tudo bem,” ele tocou a fotografia com uma cicatrizada e descorada mão – um estranho contraste com a limpa pureza do tweed do punho de sua manga. “É um pedaço de seu passado, depois de tudo.”

Clary se impulsionou de volta em direção a mesa como se a foto exercesse uma atração magnética. O garoto de cabelo branco na foto estava sorrindo para Jocelyn, seus olhos apertados em um jeito que os garotos apertam os olhos quando eles realmente gostam de você. Ninguém, Clary pensou, tinha olhado ela daquele jeito. Valentine, com sua frieza, as feições do rosto finas, parecendo absolutamente o contrário do seu próprio pai, com seu sorriso aberto e os cabelos brilhantes que ela tinha herdado. “Valentine parece... bem legal.”

²³ Site de relacionamentos.



"Legal, ele não era," Hodge disse, com um sorriso torto, "mas ele era charmoso, inteligente e muito convincente. Você reconhece mais alguém?"

Ela olhou novamente. Parado em pé atrás de Valentine, um pouco a esquerda, estava um garoto magro com um espetado cabelo castanho claro. Ele tinha grandes ombros e punhos, para alguém que não tinha crescido em sua altura ainda. "É você?"

Hodge concordou. "E...?"

Ela teve que olhar duas vezes antes que ela identificasse alguém que ela conhecia: tão jovem que era quase irreconhecível. No fim de seus óculos que davam a ele distância, e os olhos por trás deles, azul claro como água do mar. "Luke," ela disse.

"Lucian. E aqui." Inclinando sobre a foto, Hodge indicou um casal adolescente parecendo elegante, ambos de cabelos escuros, a garota era meia cabeça mais alta que o rapaz. Suas características eram estreitas e predatórias, quase cruéis. "O Lightwoods," ele disse. "E ali," ele indicou um rapaz muito bonito com ondulados cabelos escuros, cor forte no queixo quadrado em seu rosto. "É Michael Wayland."

"Ele não se parece nada com Jace."

"Jace lembra sua mãe."

"E isso, é como uma foto de turma?" Clary perguntou.

"Não é bem assim. Este é um retrato do Círculo, tirada no ano que foi formado. É por isso que Valentine, o líder, está na frente, e Luke está em seu lado direito, ele era o segundo de Valentine no comando."

Clary virou seu olhar para longe. "Eu ainda não entendo porque minha mãe iria se a juntar algo como isso."

"Você precisa entender..."

"Você continua dizendo," Clary disse zangada. "Eu não vejo por que eu preciso entender nada. Você me diz a verdade, e eu vou compreender isso ou não."

O canto da boca de Hodge contraiu. "Como você quiser." Ele pausou para alcançar uma mão e afastar Hugo, que estava se empertigando ao longo da borda da importante mesa. "Os Acordos nunca tiveram o apoio de toda a Clave. Quanto mais veneráveis as famílias, especialmente, apegados aos velhos tempos, quando Downworlders eram assassinados. Não apenas pelo ódio, mas porque isso os faziam se sentir mais seguros. É mais fácil para enfrentar uma ameaça como um grande número, um grupo, não individual que precisam ser avaliados um a um... e a grande maioria de nós conhecia alguém que tinha sido ferido ou morto por um Downworlder. Não há nada," ele acrescentou, "nada como o absolutismo moral dos jovens. É fácil, enquanto se é criança, acreditar em bons e maus, em claro e escuro. Valentine, nunca perdeu isso – nem seu idealismo destrutivo, nem sua apaixonada aversão a qualquer coisa que ele considerava 'não humano'."

"Mas ele amava a minha mãe," disse Clary.



“Sim,” Hodge disse. “Ele amava sua mãe. E ele amava Idris...”

“O que há de tão grande sobre Idris?” Clary perguntou, ouvindo a irritabilidade em sua própria voz.

“Ela era,” Hodge começou, e corrigiu a si mesmo, “ela é, o lar para os Nephilim, onde eles podem ser verdadeiramente eles mesmos, um lugar onde não há necessidade de se esconder ou do glamour. Um lugar abençoado pelo Anjo. Você nunca terá visto uma cidade até que você veja Alicante das torres de vidro. É mais linda do que você pode imaginar.” Havia um rasgo de dor em sua voz.

Clary pensou subitamente em seu sonho. “Lá eles sempre... dançam na Cidade de Vidro?”

Hodge piscou para ela como se estivesse despertando de um sonho. “Toda semana. Eu nunca participei, mas sua mãe sim, e Valentine.” Ele riu suavemente. “Eu era mais um estudioso. Eu passava meus dias na biblioteca, em Alicante. Os livros que você vê aqui são apenas uma fração dos tesouros que eles possuem. Eu achei que talvez eu pudesse me juntar a Irmandade algum dia, mas depois do que eu fiz, é claro, eles não me quiseram.”

“Sinto muito,” Clary disse desajeitadamente. Sua mente ainda cheia das memórias de seu sonho. Havia uma fonte de sereia onde eles dançaram? Valentine usava branco, de modo que sua mãe podia ver as marcas em sua pele, mesmo através de sua camisa?

“Eu posso ficar com isso?” Ela disse, indicando a fotografia.

Um cintilar de hesitação passou pelo rosto de Hodge. “Eu preferia que você não mostrasse isso a Jace,” ele disse. “Ele já tem o suficiente a lidar, sem fotos de seu pai morto vindo à tona.”

“É claro.” Ela a abraçou em seu peito. “Obrigada.”

“Não é nada.” Ele olhou para ela questionadoramente. “Você veio a biblioteca para me ver, ou por algum outro motivo?”

“Eu estava me perguntando se você tinha ouvido a resposta da Clave. Sobre a taça. E... minha mãe.”

“Eu tive uma resposta curta esta manhã.”

Ela podia ouvir o entusiasmo em sua própria voz. “Eles vão enviar pessoas? Caçadores de Sombras?”

Hodge pareceu afastar-se dela. “Sim, eles vão.”

“Porque eles não ficam aqui?” ela perguntou.



"Existe uma certa preocupação que o Instituto esteja sendo vigiado por Valentine. Quanto menos ele souber, melhor." Ele viu a sua miserável expressão, e suspirou. "Sinto muito eu não poder dizer mais, Clarissa. Eu não sou muito confiável para a Clave, mesmo agora. Me disseram muito pouco. Eu gostaria de poder te ajudar."

Houve alguma coisa na tristeza em sua voz que fez ela relutar em empurrá-lo para obter mais informações. "Você pode," ela disse. "Eu não consigo dormir. Estou me mantendo pensando muito. Você poderia..."

"Ah, uma mente inquieta." Sua voz estava cheia de compaixão. "Posso te dar alguma coisa para isso. Espere aqui."

A poção que Hodge lhe deu cheirava agradavelmente a zimbro e a folhas. Clary mantinha aberto o frasco e cheirava ele em seu caminho de volta para o corredor. Foi, infelizmente que, ainda em aberto, quando ela entrou seu quarto e encontrou Jace estirado em sua cama, olhando para seu caderno de esboços. Com um pequeno guincho de surpresa, ela largou o frasco, ele estornou ao longo do chão, derramando o líquido verde pálido na madeira.

"Oh, querida," Jace disse, se sentando, o caderno de esboços abandonado. "Espero que não seja nada importante."

"Era uma poção para dormir," disse ela com raiva, tocando o frasco com a ponta de um tênis. "E agora já era."

"Se pelo menos Simon estivesse aqui. Ele provavelmente poderia aborrecê-la até você dormir."

Clary não estava com humor para defender Simon. Em vez disso ela pegou o caderno de esboços. "Eu geralmente não deixo as pessoas olharem isso."

"Por que não?" Jace parecia desganhado, como se ele próprio estivesse dormindo. "Você é uma artista muito boa. Às vezes, excelente."

"Bom, porque isso é como um diário. Exceto que eu não penso em palavras, eu penso em imagens, por isso eu desenho tudo. Mas ainda é muito privado." Ela se perguntou se ela soava tão louca quanto ela suspeitava.

Jace pareceu ferido. "Um diário sem nenhum desenho meu nele? Onde estão as fantasias tórridas? As capas de novela de romance? O..."

"Todas as garotas que você conhece se apaixonam por você?" Clary perguntou quietamente.

A pergunta pareceu murchar ele, como um alfinete furando um balão. "Não é amor," ele disse, depois de uma pausa. "Pelo menos..."

"Você podia tentar não ser encantador o tempo todo," Clary disse. "Poderia ser uma alívio para todos."



Ele olhou para baixo em suas mãos. Elas já eram como as mãos de Hodge, flocos de neve branco minúsculos como cicatrizes, mas a pele era jovem e sem linhas. "Se você está realmente cansada, eu poderia te colocar para dormir," ele disse. "Te contar história para dormir."

Ela olhou para ele. "Você está falando sério?"

"Estou sempre sério."

Ela se perguntou se foi o cansaço que fez ambos ficarem um pouco loucos. Mas Jace não parecia cansado. Ele parecia quase triste. Ela colocou o caderno de esboços na mesa de cabeceira, se curvando lateralmente sobre o travesseiro. "Ok."

"Feche os olhos."

Ela fechou eles. Ela podia ver a imagem depois da luz da lâmpada refletida contra suas pálpebras, como minúsculos prismas.

"Havia uma vez um menino," Jace disse.

Clary interrompeu imediatamente. "Um menino Caçador de sombras?"

"É claro." Por um momento um pouco de divertimento coloriu sua voz. Então, ele tinha ido embora. "Quando o menino tinha seis anos, seu pai lhe deu um falcão para treinar. Falcões são aves de rapina – matam aves, seu pai lhe disse, um Caçador de Sombras no céu.

O falcão não gostava do menino, e o menino não gostava dele, também. Seu bico afiado fazia ele ficar nervoso, e seus olhos brilhantes sempre pareciam estar observando ele. Aquilo podia cortar ele com o bico e as garras quando ele se aproximava: Por semanas seus pulsos e mãos estavam sempre sangrando. Ele não sabia, mas o seu pai tinha selecionado um falcão que tinha vivido na selva há mais de um ano, e, portanto, era quase impossível de domar. Porém, o garoto tentou, porque o seu pai tinha dito a ele para fazer o falcão ser obediente, e ele queria agradar a seu pai.

Ele ficou com o falcão constantemente, mantendo ele acordado e falando com ele e até mesmo tocando música para ele, porque um pássaro cansado está destinado a ser mais fácil de domar. Ele aprendeu o equipamento: a cinta das pernas, o capuz para vedar os olhos, o cabo, a trela que limitam o pássaro ao seu pulso. Ele estava mantendo o falcão cego, mas ele não podia continuar a fazer isso, em vez disso ele tentou se sentar onde a ave pudesse vê-lo enquanto ele tocava e alisava suas asas, disposto a confiar nele. Ele a alimentava na sua mão, e de primeira ela não quis comer. Mais tarde ela comeu tão selvagem que o seu bico cortou a pele da sua palma. Mas o menino estava satisfeito, porque eram progressos, e porque ele queria que a ave o conhecesse, mesmo que a ave tivesse que consumir o seu sangue para que isso acontecesse.

Ele começou a ver que aquele falcão era bonito, que as asas finas foram construídas para a velocidade de vôo, que era forte e rápida, feroz e suave. Quando mergulhava



no chão, era como se movido como a luz. Quando ele aprendeu a circular e chegar ao seu pulso, ele quase gritou com alegria.

Às vezes o pássaro pulava para o seu ombro e colocava o seu bico no seu cabelo. Ele sabia que a falcão o amava, e quando ele estava certo que não foi apenas domesticado, mas perfeitamente domesticado, ele foi até seu pai e lhe mostrou o que ele tinha feito, esperando que ele se mostrasse orgulhoso.

Em vez disso o seu pai pegou o pássaro, agora manso e de confiança, nas suas mãos e quebrou o seu pescoço. 'Eu lhe disse para torná-lo obediente,' seu pai disse, e largou o corpo sem vida do falcão no chão. 'Ao invés disso, você ensinou ele a amar você. Falcões não devem ser carinhosos animais de estimação: Eles são ferozes e violentos, selvagens e cruéis. Este pássaro não foi domado; ele foi arruinado.'

Mais tarde, quando seu pai deixou ele, o garoto chorou em cima do seu animal, até que eventualmente seu pai enviou um empregado para pegar o corpo da ave e enterrá-la. O menino nunca chorou novamente, e ele nunca esqueceu o que ele aprendeu: que o amor é para destruir, e ser amado é ser o que vai ser destruído."

Clary, que tinha estado ainda deitada, respirando com dificuldade, rolou em suas costas e abriu os olhos dela. "Essa é uma história horrível," ela disse indignadamente.

Jace tinha puxado para cima as pernas dele, o queixo nos joelhos. "Ela é?" ele disse pensativamente.

"O pai do menino é horrível. Essa é uma história de abuso infantil. Eu deveria saber o quê os Caçadores de Sombras pensam ser uma história para dormir. Tudo o que dá é pesadelos para se acordar gritando..."

"As vezes as Marcas podem dar a você pesadelos para se acordar gritando," Jace disse, "se você tivê-las quando for muito jovem." Ele olhou para ela cuidadosamente. A tarde trouxe à luz através das cortinas e fez seu rosto um estudo de contrastes. Contraste, ela pensou. A arte das sombras e luz. "É uma boa história, se você pensar sobre isso," disse ele. "O pai do menino estava apenas tentando torná-lo mais forte. Inflexível."

"Mas você tem que aprender a se subjugar um pouco," Clary disse com um bocejo. Apesar do conteúdo da história, o ritmo da voz de Jace fez ela se sentir com sono. "Ou você irá se quebrar."

"Não, se você for forte o suficiente," Jace disse com firmeza. Ele se afastou, e ela sentiu as costas da mão dele alisar a bochecha dela, ela percebeu que os olhos dela estavam escorregando fechados. A exaustão fez seus ossos ficarem líquidos; ela sentiu como se ela pudesse ser varrida e desaparecer. Quando ela caiu no sono, ela ouviu o eco das palavras em sua mente. *Ele me deu tudo o que eu queria. Cavalos, armas, livros, inclusive um falcão de caça.*

"Jace," ela tentou dizer. Mas o sono pegou ela em suas garras, levando ela, e ela ficou em silêncio.

Ela acordou com uma voz urgente. "Levante-se!"



Clary abriu os olhos lentamente. Eles pareciam gelatinosos, colados uns nos outros. Algo fez cócegas em seu rosto. Era o cabelo de alguém. Ela se sentou rapidamente e acertou a sua cabeça em algo duro.

"Uau! Você acertou minha cabeça." Era uma voz de garota. Isabelle. Ela ligou a luz próxima a cama e olhou Clary com ressentimento, esfregando seu couro cabeludo. Ela parecia brilhar à luz da lâmpada – ela estava usando uma saia longa prateada e um top enfeitado com lantejoulas, e suas unhas estavam pintadas como moedas brilhantes. Fios de contas prateadas estavam presos em seu cabelo escuro. Ela parecia como uma deusa da lua. Clary odiou ela.

"Bem, ninguém disse para você estar inclinada sobre mim desse jeito. Você praticamente me assustou até a morte." Clary friccionou sua própria cabeça. Havia uma ferida no local um pouco acima da sobrancelha. "O que é que você quer afinal?"

Isabele indicou o céu escuro da noite do lado de fora. "É quase meia-noite. Nós temos que ir para a festa, e você ainda não está vestida."

"Eu só tenho isso para usar," Clary disse, indicando seu conjunto de jeans e camiseta. "Isso é um problema?"

"Se isso é um problema?" Isabelle olhou como se ela fosse desmaiar. "É claro que é um problema! Nenhum Downworlder iria usar essas roupas. E é uma festa. Você vai ficar esquisita como uma ferida no polegar se você estiver vestida... informal," ela terminou, parecendo como se a palavra que ela desejasse usar fosse muito pior do que "informal".

"Eu não sabia que estávamos vestindo para sair," Clary disse acidamente. "Eu não tenho nenhuma roupa de festa comigo."

"Você só tem que pegar emprestada uma minha."

"Ah, não." Clary pensou na camiseta grande demais e nos jeans. "Quero dizer, eu não poderia. Realmente."

O sorriso de Isabelle era tão brilhante quanto pregos. "Eu insisto."

"Eu realmente prefiro vestir minhas próprias roupas," Clary protestou, se contorcendo desconfortavelmente enquanto Isabelle posicionava ela em frente ao espelho que ia até o chão em seu quarto.

"Bem, você não pode," Isabelle disse. "Você parece como se tivesse oito anos, e pior, você parece como uma mundana."

Clary apertou sua mandíbula rebeldemente. "Nenhuma de suas roupas vão caber em mim,"

"Nós vamos ver isso."



Clary assistiu Isabelle pelo espelho enquanto ela saqueava dentro de seu armário. Seu quarto parecia como se uma bola de discoteca tivesse explodido dentro dele. As paredes eram negras e eram fracamente iluminadas com redemoinhos de pontos – em tinta dourada. Havia roupas em todos os lugares, pendendo nas costas das cadeiras de madeira e se derramando para fora do armário e o alto guarda-roupa encostado contra uma parede. Sua penteadeira, com um espelho com bordas de pele cor de rosa, estava coberto por gliter, lantejoulas e potes de blush e pó.

“Quarto legal,” Clary disse, pensando longinquamente nas paredes cor de laranja de sua casa.

“Obrigada, eu mesma pintei.” Isabelle emergiu de seu armário, segurando algo preto e provocante. Ela o jogou para Clary.

Clary segurou a roupa, deixando ela se desdobrar. “Parece muito pequena.”

“É stretch,” Isabelle disse, “agora coloque ela.”

Rapidamente, Clary recuou para o pequeno banheiro, que estava pintado de azul brilhante. Ela se retorceu no vestido por cima de sua cabeça, ele era apertado, com minúsculas alças finas. Tentando não inalar muito profundamente, ela retornou para o quarto, onde Isabelle estava sentada na cama, deslizando um conjunto de anéis nos dedos dos pés em sua sandália. “Você é tão sortuda por ter pouco peito,” Isabelle disse. “Eu nunca poderia vesti-lo sem um sutiã.”

Clary fez uma careta. “É muito curto.”

“Não é curto. Está ótimo,” Isabelle disse, tocando com os dedos dos pés em volta e debaixo da cama. Ela chutou para fora um par de botas pretas e algumas meias-calças. “Aqui, você pode usar essas com ele. Elas vão fazer você parecer mais alta.”

“Claro, porque eu tenho peito pequeno e sou uma anã.” Clary puxou a borda do vestido para baixo. Aquilo só tocava o topo de suas coxas. Ela quase nunca usava saias, muito menos as mini-saias, então ela estar vendo grande parte das suas próprias pernas, era alarmante. “Se isso é curto em mim, como ela deve ser em você?” ela meditou em voz alta para Isabelle.

Isabelle sorriu. “Em mim é uma camiseta.”

Clary se deixou cair em cima da cama e puxou as meias e as botas. Os sapatos ficaram um pouco frouxos ao redor de suas batatas das pernas, mas eles não escorregavam em seus pés. Lançando-se em seus pés, ela olhou para si mesma no espelho. Ela tinha que admitir que a combinação do vestido preto curto, meia-calças e as botas altas eram bastante fera. A única coisa que estragava era...

“Seu cabelo,” Isabelle disse. “Eu preciso prendê-los. Desesperadamente. Sente-se.” Ela apontou imperiosamente em direção a penteadeira. Clary se sentou e arqueava seus olhos fechados enquanto Isabelle puxava seu cabelo fora da trança – não muito gentilmente – escovando eles e empurrando grampos dentro dele. Ela abriu seus olhos justo quando uma esponja de pó estalou em seu rosto, soltando uma densa nuvem de gliter. Clary tossiu e olhou para Isabelle acusadoramente.



A outra garota riu. “Não olhe para mim. Olhe para si mesma.”

Olhando para o espelho. Clary viu que Isabelle tinha puxado seu cabelo em uma elegante trança no topo de sua cabeça, segurando ela no lugar com grampos brilhantes. Clary se lembrou de repente do seu sonho, o denso cabelo pesando em sua cabeça, dançando com Simon... ela se mexeu impacientemente.

“Não se levante ainda,” Isabelle disse, “nós não terminamos.” Ela agarrou uma caneta de delineador. “Abra seus olhos.”

Clary ampliou seus olhos, o que foi bom para manter ela mesma longe de chorar. “Isabelle, eu posso te perguntar uma coisa?”

“Claro,” Isabelle disse, empunhando o delineador com perícia.

“Alec é gay?”

O punho de Isabelle contraiu. O delineador escorregou, pintando uma longa linha preta do canto do olho de Clary até sua linha do cabelo. “Oh, inferno,” Isabelle disse, colocando a caneta para baixo.

“Tá tudo bem,” Clary começou, colocando sua mão em cima de seu olho.

“Não, não está.” Isabelle soou próxima às lágrimas enquanto ela se arrastava entre os montes de lixo no topo da penteadeira. Eventualmente ela veio com uma bola de algodão, que ela entregou para Clary. “Aqui. Use isso.” Ela sentou na beira de sua cama, as pulseiras em seus tornozelos tinindo, e olhou para Clary através de seu cabelo. “Como você adivinhou?” Ela disse finalmente. “Você não pode dizer absolutamente para ninguém,” Isabelle disse.

“Nem mesmo Jace?”

“Especialmente não para Jace!”

“Tudo bem.” Clary ouviu a rigidez em sua própria voz. “Eu acho que eu percebi por não ser lá grande coisa.”

“Seria para os meus pais,” Isabelle disse quietamente. “Eles rejeitariam ele e o colocariam para fora da Clave...”

“O que, você não pode ser gay e um Caçador de Sombras?”

“Não há nenhuma regra oficial sobre isso. Mas as pessoas não gostam disso. Quero dizer, menos as pessoas com nossa idade, eu acho,” ela adicionou, sem certeza, e Clary se lembrou como algumas outras pessoas da idade dela e de Isabelle que ela realmente tinha conhecido. “Mas a geração mais velha, não. Se isso acontecer, não fale sobre isso.”

“Ah,” Clary disse, desejando que ela nunca tivesse mencionado isso.



“Eu amo meu irmão,” Isabelle disse, “e faria qualquer coisa por ele. Mas não há nada que eu possa fazer quanto a isso.”

“Pelo menos ele tem você,” Clary disse embarçada, e ela pensou por um momento em Jace, que achava que o amor era algo que te fazia em pedaços. “Você realmente acha que Jace... se importaria?”

“Eu não sei,” Isabelle disse, em um tom que indicava que o tema da conversa era o suficiente. “Mas não é minha escolha a fazer.”

“Eu acho que não,” Clary disse. Ela se inclinou no espelho, usando o algodão que Isabelle tinha dado a ela para tirar o excesso de maquiagem do olho. Quando ela se sentou de volta, ela derrubou a bola de algodão com surpresa: O que Isabelle tinha feito com ela? Suas bochechas pareciam afiladas e angulares, seus olhos profundos, misteriosos, e em um luminoso verde.

“Eu pareço com minha mãe,” ela disse em surpresa.

Isabelle levantou suas sobrancelhas. “O que? Tão meia idade? Talvez um pouco mais de glitter...”

“Chega de glitter,” Clary disse apressadamente. “Não, está bom. Eu gostei disso.”

“Ótimo,” Isabelle saltou fora de sua cama, seus tornozelos tocando. “Vamos lá.”

“Eu preciso parar no meu quarto e pegar uma coisa.” Clary disse, se levantando. “Além disso, eu preciso de alguma arma? E você?”

“Eu tenho muitas.” Isabelle sorriu, chutando seus pés a fim de que seus tornozelos retinissessem como sinos de Natal. “Estes, por exemplo. O esquerdo é ouro, que é venenoso para os demônios, e o direito é um ferro abençoado, no caso de eu correr atrás de algum vampiro não amigável ou mesmo fadas – fadas odeiam ferro. Ambos têm força das runas esculpidas neles, então eu posso abalar um inferno com um chute.”

“Caçando demônios e na moda,” Clary disse. “Eu nunca teria pensado que isso pudesse andar junto.”

Isabelle gargalhou alto. “Você ficaria surpreendida.”

Os garotos estavam esperando por elas na entrada. Eles estavam usando preto, até mesmo Simon, em que ficou um pouco demais – um grande par de calças pretas e sua própria camisa virada de dentro para fora para esconder o logotipo da banda. Ele estava em pé desconfortavelmente ao lado, enquanto Jace e Alec encostados relaxadamente contra a parede, parecendo aborrecidos. Simon olhou para Isabelle enquanto caminhava dentro da entrada, seu chicote dourado enrolado em seu punho, suas correntes de metal vibrando como sinos. Clary esperou que ele olhasse pasmado – Isabelle parecia incrível – mas seus olhos deslizaram para ela, onde eles ficaram com um olhar de espanto.

“O que é isso?” ele exigiu, se endireitando. “O que você está usando, eu quero dizer.”



Clary olhou para baixo, para si mesma. Ela tinha colocado um casaco leve para fazê-la se sentir menos nua e agarrou sua mochila do seu quarto. Ela a lançou sobre o seu ombro, tocando familiarmente entre as omoplatas de seus ombros. Mas Simon não estava olhando para sua mochila, ele estava olhando para suas pernas, como se ele nunca as tivesse visto antes.

"Isso é um vestido, Simon," Clary disse secamente. "Eu sei que eu não uso muito, mas realmente."

"É tão curto," ele disse em confusão. Mesmo em metade de roupas de caçador de demônio, Clary pensou, ele parecia ser o tipo de rapaz que iria até sua casa para buscá-la para um encontro e seria educado com seus pais e legal com seus animais de estimação.

Jace, por outro lado, parecia o tipo do rapaz que iria até a sua casa, a queimaria e a poria abaixo com chutes. "Eu gosto do vestido," ele disse, desprendendo-se a si mesmo da parede. Seus olhos corriam de cima para baixo dela, preguiçosamente, como o acariciar de patas de um gato. "Isso precisa de uma coisinha extra, apesar de tudo."

"Então, agora você é um expert em moda?" A voz dela saiu desigualmente – ele estava muito perto dela, perto o suficiente para que ela pudesse sentir o calor dele, cheirar o leve e quente perfume recentemente aplicado nas Marcas.

Ele tirou algo para fora da sua jaqueta e entregou a ela. Era um longo e fino punhal em uma bainha de couro. O cabo da adaga era engastado com uma única pedra vermelha esculpida em forma de rosa.

Ela balançou a cabeça dela. "Eu nem sequer sei como usar isso..."

Ele a pressionou em sua mão, ondulando os dedos em torno dos dela. "Você irá aprender." Ele baixou a voz dele. "Está no seu sangue."

Ela puxou sua mão para trás lentamente. "Tudo bem".

"Eu poderia lhe dar uma bainha de coxa para colocar ela," Isabelle ofereceu. "Eu tenho toneladas."

"CERTAMENTE QUE NÃO!" Simon disse.

Clary deu a ele um olhar irritado. "Obrigada, mas eu não sou o tipo de garota que usa uma bainha na coxa." Ela mergulhou a adaga no bolso do lado de fora de sua mochila.

Ela olhou para cima enquanto fechava ela, para encontrar Jace olhando ela através dos olhos semicerrados. "É uma última coisa," ele disse. Ele se aproximou e puxou os grampos de brilhantes do cabelo dela, a fim de que eles caíssem em quentes e pesados cachos em seu pescoço. A sensação do cabelo dela fazendo cócegas em sua pele nua era desconhecido e estranhamente prazeroso.



"Muito melhor," ele disse, e desta vez ela pensou que talvez a voz dele estava levemente desigual também.



12 - A festa do homem morto

As instruções no convite levaram eles para uma vizinhança largamente industrial no bairro Brooklyn, cujas ruas estavam alinhadas com fábricas e armazéns. Algumas, Clary podia ver, tinham sido convertidas em lofts e galerias, mas havia ainda alguma coisa proibidas sobre suas iminentes formas quadradas, ostentando apenas algumas janelas cobertas de grades de ferro.

Eles fizeram o seu caminho pela estação de metro, Isabelle navegando com o sensor, que parecia ter uma espécie de sistema de mapeamento construída. Simon, que amava dispositivos eletrônicos, estava fascinado – ou, pelo menos, ele estava fingindo que era pelo sensor que ele estava fascinado. Na esperança de evitar eles, Clary ficou para trás se retardando enquanto eles cruzavam através de um parque horroroso, com sua grama mal conservada, queimada marrom pelo calor do Verão. No lado direito, os pináculos de uma igreja lampejavam cinza e preto contra o céu sem estrelas.

"Continue," disse uma voz irritada em seu ouvido. Era Jace, que tinha se deixado ficar para trás para caminhar ao lado dela. "Eu não quero ter que continuar olhando para trás de mim para ter certeza de que nada aconteceu com você."

"Então não se incomode."

"A última vez que te deixei sozinha, um demônio atacou você," ele apontou.

"Bom, eu certamente odiaria ter que interromper sua agradável noite à toa, com minha súbita morte."

Ele piscou. "Existe uma linha fina entre sarcasmo e a sincera hostilidade, e você parece ter atravessado ela. O que há?"

Ela mordeu seu lábio. "Esta manhã, os caras esquisitos cavaram ao redor do meu cérebro. Agora eu estou indo me encontrar com o cara esquisito que originalmente cavou ao redor do meu cérebro. E se eu não gostar do que ele achar?"

"O que te faz pensar que você não vai gostar?"

Clary puxou o cabelo dela longe de sua pele grudenta. "Eu odeio quando você responde a uma pergunta com uma pergunta."

"Não você não odeia, você acha que isso é encantador. Enfim, não seria melhor você saber a verdade?"

"Não. Eu quero dizer, talvez. Eu não sei." Ela suspirou. "E você?"

"Esta é a rua certa!" chamou Isabelle, um quarto de um bloco à frente. Eles estavam em uma estreita avenida alinhada com antigos armazéns, embora a maioria agora tinha sinais de residência humana: canteiros cheios de flores, cortinas de rendas sopradas pela úmida brisa da noite, latas de lixo numeradas colocadas sobre a calçada. Clary olhou com atenção, mas não tinha como saber se esta era a rua que



ela tinha visto na Cidade do Osso – na sua visão, ela tinha sido quase suprimida pela neve.

Ela sentiu os dedos de Jace tocarem seu ombro. “Absolutamente. Sempre,” ele murmurou.

Ela olhou de lado para ele, não entendendo. “O quê?”

“A verdade,” ele disse. “Eu gostaria...”

“Jace!” Era Alec. Ele estava em pé na calçada, não muito longe; Clary se perguntou por que sua voz tinha soado tão alto.

Jace se virou, sua mão caindo do seu ombro. “Sim?”

“Você acha que estamos no lugar certo?” Alec estava apontando para algo que Clary não pode ver; ela estava escondida atrás da maior parte de um grande carro preto.

“O que é isso?” Jace se juntou a Alec; Clary pode ouvi-lo rir. Chegando ao redor do carro, ela pode ver o que eles estavam olhando: várias motocicletas, elegantes e prateadas, com baixos chassis pretos. Oleosamente – parecendo tubos e canos serpenteando em torno deles, filamentos como veias. Havia uma sensação desconfortável de algo orgânico sobre as motos, como as bio-criaturas em uma pintura de Giger.

“Vampiros,” Jace disse.

“Elas se parecem como motocicletas para mim,” Simon disse, se juntando a eles com Isabelle a seu lado. Ela fez uma careta para as motos.

“Elas são, mas elas foram alteradas para correrem com energia demoníaca,” ele explicou. “Vampiros utilizam elas – para se locomoverem rápido durante a noite. Isso não está estritamente no Pacto, mas...”

“Eu ouvi dizer que algumas motos podem voar,” Alec disse ansiosamente. Ele soou como Simon com um novo vídeo game. “Ou ficam invisíveis com um piscar de um interruptor. Ou funcionam debaixo d’água.”

Jace tinha saltado para baixo do meio fio e estava circulando as motos, as examinando. Ele aproximou uma mão e bateu em uma das motos, ao longo do lustroso chassis. Tinha palavras pintadas ao longo da lateral, em prata: Nox Invictus. “Noite Vitoriosa,” ele traduziu.

Alec estava olhando para ele estranhamente. “O que você está fazendo?”

Clary pensou ver Jace deslizar sua mão de volta para dentro de sua jaqueta. “Nada.”

“Bem, se apresse,” Isabelle disse. “Eu não peguei esse vestido para ver você fazer bagunçar na sarjeta com um monte de motocicletas.”



"Elas são bonitas de se olhar," Jace disse, saltando para cima da calçada. "Você tem que admitir isso."

"Então eu admito," Isabelle disse, que não parecia inclinada a admitir nada. "Agora, se apresse."

Jace estava olhando Clary. "Este edifício," ele disse, apontando para o armazém de tijolo vermelho. "É este?"

Clary exalou. "Eu acho que sim," ela disse incerta. "Todos eles se parecem o mesmo."

"Uma maneira de descobrir," Isabelle disse, subindo os degraus com um passo determinado. O resto deles a seguiram, agrupando perto de uma outra entrada com mau-cheiro. Uma simples lâmpada pendurada por um cordão acima, iluminando uma grande porta de metal – e uma fila de campainhas de apartamento à esquerda ao longo da parede. Apenas uma tinha um nome escrito sobre ela: bane. (perdição)

Isabelle pressionou a campainha. Nada aconteceu. Ela pressionou novamente. Ela estava quase para pressionar pela terceira vez quando Alec pegou seu pulso. "Não seja rude," ele disse.

Ela olhou para ele. "Alec..."

A porta se abriu.

Um homem esbelto parado na entrada os olhou curiosamente. E foi Isabelle que se recobrou primeiro, mostrando um brilhante sorriso. "Magnus? Magnus Bane?"

"Esse seria eu." O homem bloqueando a porta era tão alto e magro quanto um muro. O cabelo dele era uma coroa densa de espinhos pretos. Clary pensou que pela forma da curva dos olhos sonolentos e o tom dourado de sua pele bronzeada uniformemente, ele vinha da Ásia. Ele usava jeans e camisa preta coberta com dezenas de fivetas de metal. Seus olhos estavam encrostados como uma máscara de guaxinim em carvão de gliter, seus lábios estavam pintados com uma sombra azul escura. Ele inclinou uma mão que carregava um anel através de seus cabelos espetados e os olhou pensativamente. "Crianças de Nephilim," ele disse. "Bem, bem. Não me lembro de ter convidado vocês."

Isabelle tirou o convite e o acenou como se fosse uma bandeira branca. "Eu tenho um convite. E estes..." ela indicou o resto do grupo com um grande acenar de seu braço – "são meus amigos."

Magnus arrancou o convite de sua mão e olhou para ele com um monótono desgosto. "Eu devia estar bêbado," ele disse. Ele escancarou a porta. "Entrem. E tentem não matar nenhum dos meus convidados."

Isabelle pegou o seu convite e Jace foi para a extremidade da entrada, medindo Magnus com seus olhos. "Mesmo se um deles derramarem bebida em meus sapatos novos?"



“Mesmo isso.” A mão de Magnus balançou, tão rápida que era apenas um borrão. Ele pegou a estela da mão de Jace – Clary não tinha sequer percebido que ele a estava segurando – e tirou ela. Jace pareceu ligeiramente envergonhado. “E quanto a isso,” Magnus disse, deslizando ela para o bolso do jeans de Jace, “mantenha ela em suas calças, Caçador de Sombras.”

Magnus sorriu e começou a subir as escadas, deixando um parecendo surpreso – Jace segurando a porta. “Vamos,” ele disse, acenando para o resto deles lá dentro. “Antes que ninguém pense que é minha festa.”

Eles se empurraram passando por Jace, rindo nervosamente. Apenas Isabelle parou e balançou sua cabeça. “Tente não chatear ele, por favor. Senão ele não vai nos ajudar.”

Jace pareceu aborrecido. “Eu sei o que eu estou fazendo.”

“Eu espero que sim.” Isabelle passou rapidamente por ele em um redemoinho de saias.

O apartamento de Magnus era no topo de uma longa e raquítica escada. Simon se apressou para acompanhar Clary, que estava se lamentando de ter posto sua mão no corrimão estável. Aquilo estava colante com algo que brilhava em um apagado verde pálido.

“Eca,” Simon disse, e ofereceu o canto de sua camiseta para ela limpar sua mão. Ela limpou. “Está tudo bem? Você parece distraída.”

“É só que ele me parece familiar. Magnus, eu quero dizer...”

“Você acha que ele foi para St. Xavier.”

“Muito engraçado.” Ela olhou para ele acidamente.

“Você está certa. Ele parece muito velho para ser um estudante. Eu pensei ter tido química com ele no ano passado.”

Clary gargalhou alto. Imediatamente Isabelle estava atrás dela, respirando em seu pescoço. “Eu estou perdendo algo engraçado? Simon?”

Simon ficou uma graça olhando embaraçado, mas não disse nada. Clary murmurou, “Você não perdeu nada,” e ficou atrás deles. As solas das botas se arrastando estavam começando a doer nos seus pés. No momento que ela chegou ao topo das escadas ela estava mancando, mas ela esqueceu a dor enquanto atravessava a porta da frente de Magnus.

O loft era enorme e quase totalmente sem mobília. Janelas do chão ao teto estavam manchadas com uma espessa película de sujeira e tinta, bloqueando a maior parte da luz ambiente que vinha da rua. Grandes pilares de metal cravados com luzes coloridas presas em um arco, o teto coberto de fuligem. Portas arrancadas para fora das suas dobradiças e descansavam sob lixeiras em metal dentado, fazendo um bar improvisado em uma ponta da sala. Uma mulher de pele lilás em um bustiê metálico



estava misturando as bebidas ao longo do balcão alto, copos fortemente coloridos, pintados com o fluído no interior deles: vermelho sangue, azul cianótico, verde veneno. Mesmo para uma bartender de Nova York, ela trabalhava com uma surpreendentemente rápida eficiência – provavelmente ajudava o fato de que ela tinha um segundo conjunto de longos e graciosos braços para ajudarem com os primeiros. Clary lembrou da estátua da deusa indiana de Luke.

O resto da multidão era tão estranho. Um lindo rapaz com cabelo molhado preto esverdeado sorriu para ela sobre um prato com o que parecia ser de peixe cru. Seus dentes eram afiados e serrilhados, como de um tubarão. Ao lado dele estava uma garota com longos cabelos loiros sujos, trançado com flores. Sob a saia de seu curto vestido verde, os pés dela eram espalmados como os de um sapo. Um grupo de mulheres jovens tão pálidas que Clary se perguntou se elas estavam usando maquiagem branca de palco, bebericavam um líquido escarlate, espesso demais para ser vinho que flutuava nos copos de cristal. O centro da sala estava lotado por corpos dançando a batida que vibrava das paredes, embora Clary não pudesse ver a banda em nenhum lugar.

"Está gostando da festa?"

Clary tentou sorrir. "É em comemoração de alguma coisa?"

"O aniversário do meu gato."

"Ah." Ela olhou ao redor. "Onde está seu gato?"

Ele se soltou do pilar, procurando solenemente. "Eu não sei. Ele fugiu."

Clary se poupou de responder aquilo com o reaparecimento de Jace e Alec. Alec parecia intratável, como de costume. Jace usava um cordão com minúsculas flores brilhando ao redor do seu pescoço e parecia contente com ele mesmo. "Onde estão Simon e Isabelle?" Clary disse.

"Na pista de dança." Ele apontou. Ela podia vê-los no canto da pista cheia de corpos. Simon estava fazendo o que ele fazia geralmente em vez de dançar, que era se levantar para cima e para baixo ao redor de seus calcanhares, parecendo desconfortável. Isabelle estava furtivamente em um círculo ao redor dele, sinuosa como uma cobra, trilhando seus dedos em todo o seu peito. Ela estava olhando para ele como se ela estivesse planejando arrastá-lo em um canto para fazer sexo. Clary colocou seus braços em torno de si mesma, suas pulseiras retinindo juntas. *Se eles dançarem mais perto, eles não terão de sair para um canto para fazer sexo.*

"Olha," Jace disse, se dirigindo à Magnus, "nós realmente precisamos falar com..."

"MAGNUS BANE!" Uma profunda, e crescente voz pertencia a um homem surpreendentemente baixo que parecia estar perto dos seus trinta. Ele era compactamente musculoso, com uma cabeça careca raspada suave e um apontado cavanhaque. Ele nivelou um dedo tremendo em Magnus. "Alguém derramou água benta no tanque de gasolina da minha moto. Está arruinada. Destruída. Todos os tubos estão derretidos".



"Derretidos?" murmurou Magnus. "Que terrível."

"Eu quero saber quem fez isso." O homem descobriu seus dentes, mostrando longos e afiados caninos. Clary olhou com fascinação. Elas não se pareciam do jeito que ela imaginava as presas de vampiro: Estas eram tão finas e afiadas como agulhas. "Eu pensei que você tinha jurado que não haveria homens-lobo aqui à noite, Bane."

"Eu não convidei nenhuma das Crianças da Lua," Magnus disse, examinando suas unhas brilhosas. "Precisamente por causa da sua estúpida pequena inimizade. Se algum deles decidiram sabotar sua moto, eles não foram convidados meus, e por esta razão..." ele ofereceu um singelo sorriso. "Não é minha responsabilidade."

O vampiro rugiu com raiva, apontando seu dedo em direção a Magnus. "Você está tentando me dizer que..."

O dedo indicador coberto de glitter de Magnus moveu apenas uma fração, tão levemente que Clary quase pensou que ele não tinha o movido de forma alguma. O meio do rosnar do vampiro ficou impedido e preso em sua garganta. Sua boca mexia mas som nenhum saiu.

"Você abusou da minha cordialidade," Magnus disse preguiçosamente, abrindo os olhos bem amplos. Clary viu, com um movimento brusco de surpresa, que tinham verticais fendas nas pupilas, como um felino. "Agora vai." Ele alargou os dedos de sua mão, e o vampiro se virou tão fortemente como se alguém tivesse agarrado seus ombros e o girado em torno dele. Ele marchou de volta, entre a multidão e em direção à porta.

Jace assobiou sob a sua respiração. "Isso foi impressionante."

"Você quer dizer ajustar esse assobio?" Magnus lançou os olhos em direção ao teto. "Eu sei. Qual é o seu problema?"

Alec fez um ruído sufocado. Após um momento Clary reconheceu aquilo como uma risada. *Ele devia fazer isso mais vezes.*

"Nós colocamos a água benta em seu tanque de gasolina, você sabe," ele disse.

"ALEC," disse Jace. "Cale a boca."

"Eu imaginava isso," Magnus disse, parecendo divertido. "Pequenos bastardos vingativos, vocês não? Vocês sabiam que suas motos corriam com energia demoníaca. Eu duvido que ele será capaz de consertá-la."

"Um sanguessuga a menos com um transporte extravagante," Jace disse. "Meu coração sangra."

"Ouvi dizer que alguns deles podem fazer suas motos voarem," colocou Alec, que parecia animado mais uma vez. Ele estava quase sorrindo.



"Meramente uma história de bruxa velha," disse Magnus, seus olhos de gato piscando. "Então é por isso que vocês precisavam estragar a minha festa? Só para arruinar as motos de alguns sugadores de sangue?"

"Não," Jace era agora todo negócios novamente. "Nós precisamos falar com você. Preferivelmente em algum lugar privado."

Magnus levantou uma sobrancelha. *Droga*, Clary pensou, *mais um*.

"Eu estou com problemas com a Clave?"

"Não," Jace disse.

"Provavelmente não," Alec disse. "Owou!" Ele olhou para Jace, que o tinha chutado fortemente no tornozelo.

"Não," Jace repetiu. "Podemos falar com você sob o selo do Pacto. Se você nos ajudar, qualquer coisa que diga será confidencial."

"E se eu não ajudá-lo?"

Jace estendeu suas mãos largamente. As tatuagens de runas em suas palmas se destacaram totalmente pretas. "Talvez nada. Talvez uma visita da Cidade do Silêncio."

A voz de Magnus estava como mel derramado sobre cacos de gelo. "Essa é a escolha que você está me oferecendo, pequeno Caçador de Sombras."

"Isso de forma alguma é uma escolha," Jace disse.

"Sim," disse o bruxo. "Isso é exatamente o que eu quis dizer."

O quarto de Magnus era uma confusão de cores: amarelo canário, lençóis e colchas cobriam um colchão até o chão, a penteadeira em azul elétrico estava cheia com mais potes de pintura e maquiagem do que a de Isabelle. Cortinas de veludo cor de arco-íris escondiam do chão ao teto as janelas, e um emaranhado tapete de lã cobria o chão.

"Lugar legal," Jace disse, tirando um lado da cortina pesada presa. "Acha que paga bem, sendo o Alto Bruxo de Brooklyn?"

"Paga isso," disse Magnus. "Não tem muito benefícios no pacote, apesar de tudo. Não tem plano dentário." Ele fechou a porta atrás dele e se inclinou contra ela. Quando ele cruzou os braços, a sua camiseta levantou-se, mostrando uma faixa de ouro no estômago plano, demarcado por um umbigo. "Então," ele disse. "O que tem em suas desonestas mentes pequeninas?"

"Não são eles, na verdade," disse Clary, encontrando a sua voz antes de Jace poder responder. "Sou eu quem queria falar com você."



Magnus virou seus olhos desumanos sobre ela. "Você não é um deles," ele disse. "Nem da Clave. Mas você pode ver o mundo invisível."

"Minha mãe era uma da Clave," Clary disse. Esta era a primeira vez que ela tinha dito isso em voz alta e sabia que era verdade. "Mas ela nunca me contou. Ela o manteve em segredo. Não sei porquê."

"Então, lhe pergunte."

"Eu não posso. Ela..." Clary hesitou. "Ela se foi."

"E o seu pai?"

"Ele morreu antes de eu nascer."

Magnus exalou irritadamente. "Tal como Oscar Wilde disse uma vez, 'Perder um dos pais pode ser considerado uma desgraça. Perder ambos, parece descuido'."

Clary ouviu Jace fazer um pequeno som sibilante, como o ar sendo sugado através de seus dentes. Ela disse, "eu não perdi a minha mãe. Ela foi tirada de mim. Por Valentine."

"Eu não conheço nenhum Valentine," Magnus disse, mas seus olhos piscaram como chamas de velas ondulando, e Clary soube que ele estava mentindo. "Sinto muito por sua trágica circunstância, mas não consigo ver o que quer seja que tenha haver comigo. Se você pudesse me dizer..."

"Ela não pode te dizer, porque ela não se lembra," Jace disse acentuadamente. "Alguém apagou suas memórias. Então fomos para a Cidade do Silêncio para ver o que os Irmãos podiam tirar de sua cabeça. Havia duas palavras. Acho que você pode adivinhar quais elas eram."

Houve um breve silêncio. Finalmente, Magnus deixou sua boca virar no canto. Seu sorriso era amargo. "A minha assinatura," ele disse. "Eu sabia que era loucura, quando eu fiz isso. Um ato de arrogância..."

"Você assinou a minha mente?" Clary disse em descrença.

Magnus levantou suas mãos, traçando flamejantes contornos de letras contra o ar. Quando ele baixou sua mão, elas se penduraram ali, quentes e douradas, fazendo as linhas pintadas de seus olhos e boca queimarem com a luz refletida, magnus bane.

"Eu estou orgulhoso do meu trabalho em você," ele disse devagar, olhando Clary. "Tão limpo. Tão perfeito. O que você visse, você iria esquecer, mesmo que você as visse. Nenhuma imagem de fadas ou gnomos ou de bestas com longas pernas permaneceria para dificultar seu inocente sono mortal. Foi do jeito que ela queria que fosse."

A voz de Clary era fina com a tensão. "Do jeito de quem queria?"



Magnus suspirou, e com o toque de seu hálito, as letras de fogo engolidas para longe em brilhante cinzas. Finalmente ele falou, e ela não estava surpreendida, embora ela soubesse exatamente o que ele iria dizer, ainda que ela sentisse as palavras como um golpe contra o seu coração.

"Sua mãe," ele disse.



13 – A memória da brancura

"Minha mãe fez isso comigo?" Clary exigiu, mas sua surpresa indignação não soava convincente, nem mesmo para as suas próprias orelhas. Olhando em volta, ela viu pena nos olhos de Jace, e mesmo Alec que tinha adivinhado e parecia lamentar por ela. "Por que?"

"Eu não sei." Magnus esticou suas longas e brancas mãos. "Não é o meu trabalho fazer perguntas. Eu faço o que eu sou pago para fazer."

"Dentro dos limites do Pacto," Jace lembrou ele, sua voz suave como pêlo de gato.

Magnus inclinou sua cabeça. "Dentro dos limites do Pacto, é claro."

"Então o Pacto está em concordância com isso – esta violação mental?" Clary perguntou amargamente. Quando ninguém respondeu, ela afundou na ponta da cama de Magnus. "Foi só uma vez? Havia algo específico que ela queria que eu esquecesse? Você sabe o que era?"

Magnus andou inquietamente até a janela. "Eu não acho que você entenda. A primeira vez que te vi, você devia ter cerca de dois anos. Eu estava olhando dessa janela," ele bateu no vidro, libertando uma ducha de poeira e restos de tinta, "e eu a vi apressada pela rua, segurando algo embrulhado em um cobertor. Fiquei surpreso quando ela parou na minha porta. Ela parecia tão normal, tão jovem."

A luz da lua tocou seu perfil falconizado com prata. "Ela desenrolou o cobertor quando ela chegou a minha porta. Você estava lá dentro. Ela te sentou no chão e você começou circulando por ali, pegando coisas, puxando o rabo do meu gato – você gritou como um espírito quando o gato arranhou você, então eu perguntei a sua mãe se você era parte espírito²⁴." Ela não riu. Ele pausou. Todos eles estavam olhando ele intensamente agora, mesmo Alec. "Ela me disse que era uma Caçadora de Sombras. Que não havia nenhum interesse nela mentir sobre isso; as Marcas do Pacto apareciam, mesmo quando elas se desbotam com o tempo, como prateada cicatrizes apagadas contra a pele. Elas piscaram quando ela se moveu." Ele esfregou a maquiagem de gliter ao redor de seus olhos. "Ela me disse que esperava que você tivesse nascido com o olho cego para o Circulo – alguns Caçadores de Sombras tem que ser ensinados a ver o Mundo das Sombras. Mas ela pegou você naquela tarde, provocando uma fada presa em uma cerca. Ela sabia que você podia ver. Então ela me perguntou se era possível ocultar você da Visão."

Clary fez um pequeno barulho, uma dolorosa exalação de ar, mas Magnus continuou sem remorso.

"Eu disse a ela que incapacitar aquela parte de sua mente poderia deixar você danificada, possivelmente louca. Ela não chorou. Ela não era o tipo de mulher que chora com facilidade, sua mãe. Ela me perguntou se não havia outro jeito, e eu falei para ela que você poderia esquecer aquelas partes do Mundo das Sombras que você podia ver, mesmo que você visse elas. A única ressalva era que ela teria que vir a mim a cada dois anos, quando os resultados do feitiço começariam a desaparecer."

²⁴ Onde se lê espírito é a palavra banshee que significa um espírito de mulher que chora antes da eminência da morte de alguém.



“E ela veio?” Clary perguntou.

Magnus acenou. “Eu vi você a cada dois anos desde a primeira vez... eu vi você crescer. Você foi a única criança que eu vi crescer desse jeito, você sabe. Em meu negócio não é geralmente bem vindo estar em torno de crianças humanas.”

“Então você reconheceu Clary quando nós entramos,” Jace disse. “Você deve ter reconhecido.”

“Claro que reconheci.” Magnus soou exasperado. “E foi um choque, também. Mas o que eu poderia fazer? Ela não me reconheceu. E era suposto que não me reconhecesse. Só o fato dela estar aqui significava que o feitiço tinha começado a desaparecer – e de fato, nós tínhamos um contrato para outra visita a um mês atrás. Eu mesmo passei na sua casa quando eu voltei da Tanzânia, mas Jocelyn disse que vocês duas tiveram uma briga e você saiu. Ela disse que ia ligar quando você voltasse, mas” – em um elegante encolher de ombros – “mas ela nunca ligou.”

Um frio apagar da lembrança formigou a pele de Clary. Ela lembrava de estar em pé no saguão próxima a Simon, esforçando para lembrar de algo que dançava a apenas um canto de sua visão... *Eu pensei ter visto o gato de Dorothea, mas era apenas um truque de luz.*

Mas Dorothea não tinha um gato. “Era você lá, naquele dia!” Clary disse: “Eu vi você saindo do apartamento de Dorothea. Eu lembro dos seus olhos.”

Magnus pareceu como se ele pudesse ronronar. “Eu sou memorável, é verdade,” ele exultou. Então ele balançou a cabeça. “Você não deveria se lembrar de mim,” ele disse. “Eu lancei um glamour tão forte quanto uma parede, logo que vi você. Você deveria estar indo direto para ele, primeiro de cara – pisquicamente falando. ”

Se você topar com uma parede psíquica na cara –em primeiro lugar, você se livrará das contusões psíquicas? Clary disse, “Se você tirar o feitiço de mim, eu serei capaz de me lembrar de todas as coisas que eu esqueci? Todas as memórias que você roubou?”

“Eu não posso tirar isso de você.” Magnus parecia desconfortável.

“O que?” Jace soou furioso. “Por que não? A Clave exige que você...”

Magnus olhou para ele friamente. “Eu não gosto de quando dizem o que devo fazer, pequeno Caçador de Sombras.”

Clary podia ver o quanto Jace não gostava de ser referido como “pequeno”, mas antes que ele pudesse lançar uma resposta, Alec falou. Sua voz estava suave, pensativa. “Você não sabe como reverter isso?” ele perguntou. “O feitiço, eu quero dizer.”

Magnus suspirou. “Anular um feitiço é muito mais difícil do que criá-lo em primeiro lugar. A complexidade desse, o cuidado que eu coloquei tecendo ele – se eu fizesse mesmo um pequeno erro em desembaraçar isso, sua mente poderia ser danificada



para sempre. Além disso," ele adicionou, "ele já começou a sumir. Os efeitos serão varridos com o tempo por conta própria."

Clary olhou para ele severamente. "Vou receber todas as minhas memórias de volta, então? Sejam quais foram levadas para fora da minha cabeça?"

"Eu não sei. Elas podem voltar tudo de uma só vez ou em etapas. Ou talvez você nunca se lembre do que você tenha esquecido, ao longo dos anos. O que a sua mãe me pediu para fazer era único, em minha experiência. Eu não tenho nenhuma idéia do que vai acontecer. "

"Mas eu não quero esperar." Clary fechou firmemente suas mãos em seu colo, seus dedos apertados tão juntos que as pontas ficaram brancas. "Toda a minha vida eu senti que havia algo errado comigo. Algo faltando ou danificado. Agora eu sei..."

"Eu não vou te prejudicar." Era a vez de Magnus interromper, seus lábios enrolaram atrás raivosamente para mostrar nítidos dentes brancos. "Todo adolescente no mundo se sente assim, sente quebrado ou fora de lugar, de alguma maneira diferente, a realeza nascida por engano em uma família de camponeses. A diferença no seu caso é que é verdade. Você é diferente. Talvez não melhor, mas diferente. E não é nenhum piquenique ser diferente. Você quer saber o que é quando seus pais são do bom povo religioso e você aparece e nasce com a marca do diabo?" Ele apontou para os seus olhos, dedos estirados. "Quando seu pai recua a visão de você e sua mãe se esconde a si mesma no celeiro, ficando louca por aquilo que ela tinha feito? Quando eu tinha dez, meu pai tentou me afogar no riacho. Eu bati nele com tudo o que eu tinha, incendiando ele, onde ele estava. Fui aos padres da igreja, eventualmente, para o santuário. Eles me esconderam. Eles disseram que a piedade era uma coisa amarga, mas é melhor do que o ódio. Quando eu descobri o que eu era realmente, apenas um meio ser humano, eu me odiei. Qualquer coisa é melhor do que aquilo."

Houve um silêncio quando Magnus terminou de falar. Para surpresa de Clary, foi Alec quem quebrou ele. "Não foi culpa sua," ele disse. "Você não pode fazer nada por ser como você nasceu."

A expressão de Magnus estava fechada. "Eu estou acima disso," ele disse. "Eu acho que queria dar meu ponto de vista. Diferente não é melhor, Clarissa. Sua mãe estava tentando proteger você. Não jogue isso na sua cara."

As mãos de Clary relaxaram seu aperto em cada uma. "Eu não me importo se sou diferente," ela disse. "Eu só queria saber quem eu realmente sou."

Magnus jurou, numa língua que ela não conhecia. Soava como chamuscas estalando. "Tudo bem. Escute. Não posso desfazer o que eu fiz, mas posso lhe dar algo mais. Um pedaço do que teria sido seu caso você tivesse sido levantada como uma verdadeira criança de Nephilim." Ele andou largamente através do quarto para a estante de livros e arrastou para baixo um pesado volume encapado em um veludo verde apodrecido. Ele se lançou através das páginas, derramando poeira e pedaços de panos empretecidos. As páginas eram finas, quase um translúcido pergaminho como casca de ovo, cada uma marcada com uma gritante runa preta. A sobrelha de Jace subiu.



"Essa é uma cópia do Livro Cinza?" Magnus, febrilmente passando as páginas, não disse nada.

"Hodge tem um," Alec observou. "Ele mostrou para mim uma vez."

"Ele não é cinza," Clary sentiu compelida a apontar isso. "É verde."

"Se houve semelhante coisa quanto expressão literal, você morreria na infância," disse Jace, limpando a poeira ao largo do umbral da janela e olhando como se considerando se ela estava limpa o suficiente para se sentar. "Gray (cinza) é a abreviatura para 'Gramarye'. Que significa 'mágico, sabedoria escondida'. Em que é copiada cada runa que o Anjo Raziel escreveu no livro original do Pacto. Não há muitos exemplares, pois cada um tem de ser especialmente feito. Alguns das Runas são tão poderosas que elas queimam através das páginas regulares."

Alec parecia impressionado. "Eu não sabia disso tudo."

Jace saltou para o assento na janela e juntou suas pernas. "Nem todos nós dormimos durante as lições de história."

"Eu não..."

"Ah, sim você dorme, e além disso, baba em cima da mesa."

"Calem a boca," Magnus disse, mas ele disse bem suavemente. Ele enganchou seus dedos entre duas páginas do livro e veio para cima de Clary, fixando-o com cuidado em seu colo. "Agora, quando eu abrir o livro, eu quero que você estude a página. Olhe para ela até que você sinta alguma coisa mudar dentro da sua mente."

"Isso vai doer?" Clary perguntou nervosamente.

"Todo conhecimento machuca." Ele replicou, e ficou parado, deixando o livro cair aberto em seu colo. Clary olhou abaixo para a página branca com uma marca de runa preta derramada sobre ela. Ela parecia alguma coisa como um espiral alado, até que ela inclinou sua cabeça, e então pareceu como um grupo de curvas ao redor com uma videira. Os mutáveis cantos do padrão fizeram cócegas em sua mente como penas roçando contra a pele sensível. Ela sentiu o tiritante cintilar da reação, fazendo ela querer fechar seus olhos, mas ela segurou eles abertos até eles picarem e desfocarem. Ela estava prestes a piscar quando ela sentiu aquilo: um clique dentro de sua cabeça, como uma chave girando em uma fechadura.

A runa na página parecia saltar dentro em um acentuado foco, e ela pensou, involuntariamente, Recordar. Se a runa era uma palavra, teria sido esta, mas não havia ali mais sentido do que qualquer palavra que ela pudesse imaginar. Era uma primeira memória de criança, da luz caindo através das barras do berço, lembrou o cheiro da chuva e das ruas da cidade, a dor da perda não esquecida, a dor aguda da humilhação relembrada, e dos cruéis esquecimentos dos velhos, quando a mais antiga das memórias aparece com agonizante e clara precisão, e a aproximação de incidentes são perdidos além das lembranças.



Com um pequeno suspiro ela virou a próxima página, e a outra, deixando as imagens e as sensações fluírem sobre ela. *Tristeza. Pensamento. Força. Proteção. Graça* – e então ela lamentou em surpresa repreensão quando Magnus arrebatou o livro do seu colo.

“Já chega,” ele disse, deslizando ele de volta a prateleira. Ele limpou a poeira de suas mãos sobre suas calças coloridas, deixando estrias de cinza. “Se você ler todas as Runas de uma só vez, você vai ter dor de cabeça.”

“Mas...”

“A maioria das crianças Caçadoras de Sombras crescem aprendendo uma runa ao final de um tempo, a cada período de anos,” Jace disse. “O Livro Cinza contém runas que mesmo eu não conheço.”

“Imagine só isso,” Magnus disse.

Jace ignorou ele. “Magnus mostrou a você a runa do entendimento e da recordação. Ela abrirá sua mente para ler e reconhecer o resto das Marcas.”

“Também pode servir como um gatilho para ativar as memórias latentes,” Magnus disse. “Elas podem retornar a você mais rapidamente do que seria de outra forma. Isso é o melhor que eu posso fazer.”

Clary olhou para o seu colo. “Eu ainda não me lembro nada sobre a Taça mortal.”

“Então isto é sobre isso?” Magnus soou realmente atônito. “Vocês estão atrás da Taça do Anjo? Olhe, eu já olhei através de suas memórias. Lá não há nada nelas sobre os Instrumentos Mortais.”

“Instrumentos Mortais?” Clary repetiu, confusa. “Eu pensei...”

“O Anjo deu três itens para o primeiro dos Caçadores de Sombras. Uma taça, uma espada e um espelho. Os Irmãos do Silêncio têm a espada, a taça e o espelho estavam em Idris, pelo menos até Valentine aparecer.”

“Ninguém sabe onde o espelho está,” Alec disse. “Ninguém sabe a anos.”

“É a Taça que nos preocupa,” Jace disse. “Valentine está procurando por ela.”

“E vocês querem chegar a ela antes que ele o faça?” Magnus perguntou, suas sobrancelhas levantando acima.

“Você não tinha dito que não sabia quem era Valentine?” Clary apontou.

“Eu menti,” Magnus admitiu candidamente. “Eu não sou bobo, você sabe. Eu não sou obrigado a ser sincero. E só um idiota iria ficar entre Valentine e sua vingança.”

“É disso que você acha que ele está atrás? Vingança?” Jace disse.



"Eu acho que sim. Ele sofreu uma séria derrota e ele dificilmente parecia... parece... o tipo de homem que sofre uma derrota graciosamente."

Alec olhou duramente para Magnus. "Você estava no Revolta?"

Os olhos de Magnus se prenderam aos de Alec. "Eu estava. Eu matei um número de seu povo."

"Membros do Circulo." Jace disse rapidamente. "Não nossos..."

"Se você insiste em negar aquilo que é, ser horrível sobre o que você faz," Magnus disse, olhando ainda para Alec, "você nunca vai aprender com os seus erros."

Alec, puxando a coberta com uma mão, enrubesceu em um vermelho infeliz. "Você não parece surpreso ao ouvir falar que Valentine está vivo," ele disse, evitando o olhar de Magnus.

Magnus esticou suas mãos. "E você?"

Jace abriu sua boca, e então a fechou novamente. Ele parecia realmente confuso. Eventualmente ele disse: "Então você não vai nos ajudar a achar a Taça Mortal?"

"Eu não iria, se eu pudesse," Magnus disse, "o que, a propósito, eu não posso. Eu não tenho idéia de onde ela está, e eu não quero saber. Apenas um tolo, como eu disse."

Alec sentou ereto. "Mas sem a Taça, nós não podemos..."

"Fazer mais de vocês. Eu sei," Magnus disse. "Talvez nem todo mundo considere semelhante a catástrofe aquilo que você faz. Veja bem," ele acrescentou, "se eu tivesse que escolher entre a Clave e Valentine, eu iria escolher a Clave. Pelo menos não estão realmente jurados de extinguir a minha espécie. Mas nada que a Clave fez ganhou minha inabalável lealdade. Então não, eu vou sentar do lado de fora. Agora, se nós terminamos aqui, eu gostaria de voltar para a minha festa antes que qualquer um dos convidados comam um ao outro."

Jace, que estava abrindo e fechando suas mãos, parecia estar prestes a dizer algo furioso, mas Alec, ficando de pé, colocou uma mão sobre seu ombro. Clary não poderia realmente dizer pela falta de clareza, mas parecia como se Alec estivesse espremendo bastante apertado. "E isso é provável?" ele perguntou.

Magnus estava olhando para ele com algum divertimento. "Isso aconteceu antes."

Jace murmurou algo para Alec, que se foi. Desligando-se de si mesmo, ele veio para perto de Clary. "Você está bem?" ele perguntou em uma voz baixa.

"Eu acho que sim. Eu não sinto nada diferente..." Magnus, de pé junto a porta, bateu seus dedos impacientemente. "Mexam-se adolescentes. A única pessoa que pode ter afagos em meu quarto é meu magnífico eu."

"Afago?" repetiu Clary, nunca tendo ouvido essa palavra antes.



"Magnífico?" repetiu Jace, que estava apenas sendo desagradável. Magnus rosnou. O rosnoar soou como um "Sai".

Eles saíram, Magnus trilhando atrás deles enquanto ele parava para fechar a porta de seu quarto. O tenor da festa pareceu sutilmente diferente para Clary. Talvez era apenas sua ligeiramente visão alterada: Tudo parecia mais claro, bordas cristalinas acentuadamente definidas. Ela olhou um grupo de músicos tomarem o pequeno palco no centro da sala. Eles usavam roupas fluidas em profundas cores de ouro, roxo e verde e suas vozes eram acentuadamente altas e etéreas.

"Eu odeio bandas de fadas," Magnus murmurou enquanto os músicos seguiam em uma outra música espiritual, a melodia tão delicada e translúcida quanto pedras de cristal. "Tudo o que eles tocam são baladas deprimentes."

Jace, olhou ao redor da sala, rindo. "Onde está Isabelle?"

Uma torrente de culpa acertou Clary. Ela se esqueceu de Simon. Ela girou ao redor, procurando os familiares ombros magros e a massa de cabelos escuros. "Eu não vejo ele. Eles, quero dizer."

"Lá está ela." Alec avistou sua irmã e acenou acima dele, parecendo aliviado. "Aqui. E cuidado com o phouka."

"Cuidado com o phouka?" Jace repetiu, olhando na direção de um magro homem com pele castanha em um colete verde estampado que olhou Isabelle pensativamente enquanto ela caminhava perto dele.

"Ele me deu um beliscão quando passei por ele mais cedo," Alec disse duramente. "Em uma área grandemente pessoal."

"Eu odeio cortar você, mas se ele estava interessado em sua área grandemente pessoal, ele provavelmente não estará interessado na da sua irmã."

"Não necessariamente," Magnus disse. "Povo das fadas não são específicos."

Jace curvou seu lábio desdenhosamente na direção do bruxo. "Você ainda está aqui?"

Antes que Magnus pudesse responder, Isabelle estava em cima deles, parecendo com o rosto rosado e manchado, cheirando fortemente a álcool. "Jace! Alec! Onde vocês estavam? Eu estava procurando por todo..."

"Onde está Simon?" Clary interrompeu.

Isabelle cambaleou. "Ele é um rato," ela disse sombriamente.

"Ele fez alguma coisa com você?" Alec estava cheio de preocupação fraternal. "Ele tocou em você? Se ele tentou alguma coisa..."

"Não, Alec," Isabelle disse com irritação. "Não desse jeito. Ele é um *rato*."

"Ela está bêbada," Jace disse, começando a se virar para longe com desgosto.



"Eu não estou," Isabelle disse indignada. "Bem, talvez um pouco, mas esse não é o ponto. O ponto é, Simon bebeu um daqueles drinks azuis... eu disse para ele não beber, mas ele não me escutou... e ele virou um rato."

"Um rato?" Clary repetiu incredulamente. "Você não quer dizer..."

"Eu quero dizer um rato," Isabelle disse. "Pequeno, Marron, Cauda escamosa."

"A Clave não vai gostar disso," Alec disse incerto. "Eu tenho certeza que mundanos tornarem-se em ratos é contra a Lei."

"Tecnicamente ela não virou ele em um rato," Jace apontou. "A pior coisa que ela poderia ser acusada seria por negligência."

"Quem *se importa* com a estúpida Lei?" Clary gritou, segurando os pulsos de Isabelle. "Meu melhor amigo é um rato!"

"Aiii!" Isabelle tentou puxar seus pulsos de volta. "Me deixe ir!"

"Não até que você me diga onde ele está." Ela nunca precisou bater em ninguém como agora ela queria acertar Isabelle naquele exato momento. "Eu não acredito que você largou ele – provavelmente ele está aterrorizado..."

"Se ele não foi pisoteado," Jace apontou inutilmente.

"Eu não deixei ele. Ele correu para debaixo do bar," Isabelle protestou, apontando. "Vamos lá! Você está amassando a minha pulseira."

"Cadela," Clary disse selvagememente, e lançando a mão de Isabelle de volta a ela – parecendo surpresa, duramente. Ela não esperou por uma reação; ela foi correndo em direção ao bar. Dobrando seus joelhos, ela perscrutou no espaço escuro embaixo dele. No cheiro bolorento na escuridão, ela pensou ter detectado um par de reluzentes olhos redondos.

"Simon?" Ela disse, sua voz chocada. "É você?"

Simon o rato, penetrou a frente ligeiramente, seus bigodes tremendo. Ela podia ver a forma de suas pequenas orelhas arredondadas, planas contra sua cabeça, e o ponto afinado de seu nariz. Ela lutou com o sentimento de repugnância – ela nunca gostou de ratos, com seus quadrados dentes amarelados, todos prontos para morder. Ela desejou que ele tivesse se tornado um hamster.

"Sou eu, Clary," ela disse lentamente. "Você está bem?"

Jace e os outros chegaram atrás dela, Isabelle parecendo mais irritada agora do que chorosa. "Ele está aí embaixo?" Jace perguntou curiosamente.

Clary, ainda em suas mãos e joelhos, concordou. "Shh. Vocês vão assustar ele." Ela empurrou os dedos delicadamente sob a borda do balcão, e meneou eles. "Por favor saia, Simon. Nós vamos pedir para Magnus reverter o feitiço. Vai ficar tudo bem."



Ela ouviu um guincho, e o rato botou o nariz cor de rosa para fora de debaixo do balcão. Com uma exclamação de alívio, Clary apanhou o rato em suas mãos. "Simon! Você me entendeu!"

O rato, se aconchegou na concavidade das palmas das mãos, guinchando carrancudo. Encantada, ela o abraçou em seu peito. "Oh, pobre querido," ela murmurou sentimentalmente, quase como se ele fosse um animal de estimação. "Pobre Simon, vai ficar tudo bem, eu prometo..."

"Eu não lamento muito por ele," Jace disse. "Esse provavelmente é o mais próximo que ele jamais chegou da segunda base."

"Cala a boca!" Clary olhou para Jace furiosamente, mas ela afrouxou seu aperto sobre o rato. Seus bigodes estavam tremendo, quer por raiva ou agitação ou simples terror, ela não podia dizer. "Me leve ao Magnus," ela disse rispidamente. "Nós temos que transformá-lo de volta."

"Não vamos ser precipitados." Jace estava realmente sorrindo, o bastardo. Ele se aproximou em direção a Simon como se ele fosse um animalzinho de estimação para ele. "Ele é bonitinho desse jeito. Olha esse seu narizinho rosa."

Simon descobriu seus longos dentes amarelos para Jace e fez um movimento de dentada. Jace puxou sua mão de volta. "Izzy, vá buscar nosso magnífico anfitrião."

"Por que eu?" Isabelle pareceu petulante.

"Por que é sua culpa o mundano ser um rato, idiota," ele disse, e Clary ficou perplexa como raramente nenhum deles, exceto Isabelle, dizer alguma vez o real nome de Simon. "E nós não podemos deixar ele aqui."

"Você ficaria feliz em deixá-lo se não fosse por ela," Isabelle disse, administrando para injetar em cada sílaba da palavra com veneno suficiente para envenenar um elefante. Ela andou com arrogância, sua saia sacudindo em torno de seu quadril.

"Eu não posso acreditar que ela deixou você beber aquele drink azul," Clary disse a Simon, o rato. "Agora você viu o que você consegue sendo tão superficial."

Simon guinchou irritado. Clary ouviu alguém rir e olhou por cima para ver Magnus se inclinando sobre ela. Isabelle parada atrás dele, sua expressão furiosa. "*Rattus norvegicus*," Magnus disse, olhando para Simon. "Um rato comum marrom, nada de exótico."

"Eu não me importo com que tipo de rato ele é," Clary disse rabugenta. "Eu quero ele de volta."

Magnus coçou sua cabeça pensativamente, derramando gliter. "Não precisa," ele disse.

"Foi isso que eu disse," Jace pareceu satisfeito.



“NÃO PRECISA?” Clary gritou, tão alto que Simon escondeu sua cabeça debaixo de seu polegar. “COMO VOCÊ PODE DIZER QUE NÃO PRECISA?”

“Por que ele se transformará de volta em si mesmo em umas poucas horas,” Magnus disse. “O efeito do coquetel é temporário. Não preciso trabalhar em um feitiço de transformação; isso vai apenas traumatizar ele. Muita mágica é difícil nos mundanos, seus sistemas não estão acostumados a isso.”

“Dúvido que seu sistema está acostumado a ser um rato, também.” Clary salientou. “Você é um bruxo, você não pode simplesmente reverter o feitiço?”

Magnus considerou. “Não,” ele disse.

“Você quer dizer que não quer.”

“Não de graça querida, e você não pode me pagar.”

“Eu não posso levar para casa um rato pelo metrô também,” Clary disse melancolicamente. “Eu posso derrubar ele, ou um da polícia MTA (Mail Transfer Agent) pode me prender por transportar animais nocivos no sistema de trânsito.” Simon esganiçou seu aborrecimento. “Não que você seja uma peste, é claro.”

Uma garota que estava chamando pela porta, estava agora unida a seis ou sete outros. O som de vozes iradas subiu acima do zumbido da festa e da pressão da música. Magnus rolou seus olhos. “Desculpem-me,” ele disse, voltando para dentro da multidão, que se fechou atrás dele instantaneamente.

Isabelle, oscilando em suas sandálias, expulsou um suspiro tempestuoso. “Tanto por sua ajuda.”

“Você sabe,” Alec disse, “você pode sempre colocar o rato em sua mochila.”

Clary olhou duramente para ele, mas não pode achar nada de errado com a idéia. Não era como se ela tivesse um bolso e pudesse envolver ele dentro. As roupas de Isabelle não tinham bolsos; elas eram muito apertadas. Clary estava espantada delas pertencerem a Isabelle.

Recolhendo sua mochila, ela encontrou um lugar escondido para um pequeno rato marrom que era Simon, aninhado entre seu suéter enrolado e seu caderno de esboços. Ele se enrolou em cima da carteira, parecendo cheio de acusação. “Me desculpe,” ela disse miseravelmente.

“Não se incomode,” Jace disse, “por que os mundanos sempre insistem em assumir a responsabilidade de coisas que não são sua culpa é um mistério para mim. Você não forçou aquele coquetel abaixo de sua garganta idiota.”

“Se não fosse por mim, ele não teria vindo aqui de jeito nenhum,” Clary disse em uma voz pequena.

“Não se lisonjeie. Ele veio por causa de Isabelle.”



Enraivecida Clary sacudiu o topo de sua sacola fechando e se levantou. "Vamos sair daqui. Eu estou cansada desse lugar."

O apertado nó de pessoas gritando pela porta eram mais vampiros, facilmente reconhecíveis pela palidez da pele e da negridão morta de seus cabelos. *Devem ser pintados*, Clary pensou, eles não podiam ser todos naturalmente de cabelos escuros, e além disso, alguns deles tinham sobrelanceiras loiras. Eles estavam se queixando de suas motos vandalizadas e com o fato de alguns dos seus amigos estarem faltando e desaparecidos. "Eles provavelmente estão bêbados e desmaiados em algum lugar," Magnus disse, acenando longos dedos brancos de uma forma entediada. "Você sabe que muitos tendem a se transformar em morcegos e montes de poeira, quando vocês vão um pouco demais com os Bloody Marys."

"Eles misturam sua vodka com sangue de verdade," Jace disse no ouvido do Clary.

A pressão de sua respiração fez Clary tremer. "Sim, eu saquei isso, obrigada."

"Nós não podemos ir por aí pegando cada pilha de poeira do lugar em caso de ela se transformar em Gregor pela manhã." A garota disse com uma irritada boca e pintada acima das sobrelanceiras.

"Gregor vai ficar bem. Eu raramente faço limpeza," Magnus acalmou. "Eu vou ficar feliz em enviar qualquer dos extraviados de volta ao hotel amanhã – em um carro de janelas escuras, é claro."

"Mas e sobre nossas motos?" disse um garoto magro de raízes loiras que mostravam o péssimo trabalho da tintura. Um brinco dourado em forma de uma estaca estava em sua orelha esquerda. "Vai levar horas para eu consertá-las."

"Você tem até o amanhecer," Magnus disse, o temperamento visivelmente se desgastando. "Eu sugiro que você comece." Ele levantou sua voz. "Tudo bem, é isso! A festa acabou! Todos pra fora!" Ele balançou seus braços, derramando glitter.

Com um simples e alto arranhado a banda parou de tocar. Um zumbido mais alto de queixa cresceu entre os frequentadores da festa, mas eles se moveram obedientemente em direção a entrada. Nenhum deles parou para agradecer a Magnus pela festa.

"Vamos." Jace empurrou Clary em direção a saída. A multidão era densa. Ela segurou sua mochila na frente dela, as mãos protetoramente em volta dela. Alguém bateu em seu ombro, forte, e ela gritou e se moveu para o lado, afastando-se de Jace. Uma mão tocou sua mochila. Ela olhou para cima e viu o vampiro com a estaca na orelha sorrindo para ela. "Hei, coisinha linda," ele disse. "O que tem na sacola?"

"Água benta," Jace disse, reaparecendo ao seu lado como se ele tivesse sido evocado como um gênio. Um gênio loiro sarcástico com uma má atitude.

"Oooh, um Caçador de Sombras," disse o vampiro. "Assustador." Com um piscar, ele se misturou de volta na multidão.



"Os vampiros são tão prima donnas." Magnus suspirou da entrada. "Honestamente, eu não sei por que eu tenho essas festas."

"Por causa do seu gato," Clary lembrou ele.

Magnus se empertigou. "É verdade. Presidente Miau merece cada esforço meu." Ele olhou para ela e se comprimiu junto dos Caçadores de Sombras, bem atrás dela. "Vocês já vão sair?"

Jace concordou. "Não queremos demorar em nossa hospitalidade."

"Que hospitalidade?" Magnus perguntou. "Eu diria que foi um prazer conhecer vocês, mas não foi. Não que vocês todos sejam bastante encantadores, e quanto a você..." Ele deixou cair um piscar cheio de brilho para Alec, que pareceu atônito. "Me liga?"

Alec enrubesceu e gaguejou e provavelmente teria ficado ali a noite toda se Jace não tivesse segurado seu cotovelo e rebocado ele em direção a porta, Isabelle em seus calcanhares. Clary estava prestes a segui-los quando ela sentiu um leve toque em seu braço, era Magnus. "Tenho uma mensagem para você," ele disse. "Vem de sua mãe."

Clary estava tão surpresa que ela quase deixou cair a mochila. "Da minha mãe? Você quer dizer, ela pediu para você me dizer alguma coisa?"

"Não exatamente," Magnus disse. Seus olhos felinos, por sua única fenda vertical na pupila como fissuras em uma parede verde-dourada, estavam sérios dessa vez. "Mas eu a conhecia de uma forma que você não conheceu. Ela fez o que fez para mantê-la fora de um mundo que ela odiava. De toda sua existência, o funcionamento, os esconderijos – as mentiras, como ela chamava eles – para mantê-la segura. Não desperdice o sacrifício dela arriscando sua vida. Ela não iria querer isso."

"Ela não iria querer que eu salvasse ela?"

"Não se significasse você colocar a si mesma em perigo."

"Mas eu sou a única pessoa que se importa com o que acontecer com ela..."

"Não," Magnus disse. "Você não é."

Clary piscou. "Eu não entendo. Existe... Magnus, se você sabe alguma coisa..."

Ele cortou ela com brutal precisão. "E uma última coisa." Seus olhos lançaram-se em direção a porta, através da qual Jace, Alec, e Isabelle tinham desaparecido. "Tenha em mente que, quando sua mãe fugiu do Mundo das Sombras, não era dos monstros que ela estava escondendo. Nem dos bruxos, dos homens lobo, do povo das fadas, nem mesmo dos próprios demônios. Era deles. Era dos Caçadores de Sombras."

Eles estavam esperando por ela do lado de fora do estabelecimento. Jace, mãos nos bolsos, estava inclinado contra a escada gradeada, observando enquanto os vampiros espalhavam-se em torno de suas motocicletas quebradas, amaldiçoando e



blasfemando. Ele tinha um ligeiro sorriso em seu rosto. Alec e Isabelle estavam um pouco afastados. Isabelle estava limpando os seus olhos, e Clary sentiu uma onda de fúria irracional – Isabelle mal conhecia Simon. Esta não era a sua desgraça. Clary era a única que tinha o direito de se importar, não a garota Caçadora de Sombras.

Jace se desprende das grades quando Clary apareceu. Ele andou ao lado dela, sem falar. Ele parecia perdido em pensamentos. Isabelle e Alec, apressando-se adiante, soavam como se estivessem discutindo um com o outro. Clary apressou um pouco mais o passo, levantando seu pescoço para ouvir eles melhor.

"Não é sua culpa", Alec estava dizendo. Ele soou cansado, como se ele tivesse passado através deste tipo de coisa com sua irmã antes. Clary quis saber quantos namorados que ela tinha transformado em ratos por acidente. "Mas isso deveria te ensinar a não ir a tantas festas de Downworld," ele acrescentou. "Elas são sempre mais problemas do que elas valem a pena".

Isabelle fungou ruidosamente. "Se alguma coisa tivesse acontecido com ele, eu... eu não sei o que eu teria feito."

"Provavelmente qualquer coisa que você já fez antes," Alec disse em uma voz entediada. "Não é como você conhecesse ele tão bem."

"Isso não significa que eu não..."

"O que? Ama ele?" Alec zombou, aumentando sua voz. "Você precisa conhecer alguém para amar ele."

"Mas isso não é tudo." Isabelle pareceu quase triste. "Você não teve nenhuma diversão na festa, Alec?"

"Não."

"Eu achei que você iria gostar de Magnus. Ele é legal, não é?"

"Legal?" Alec olhou para ela como se ela estivesse louca. "Gatos são legais. Bruxos são..." Ele hesitou. "Não," ele terminou, sem jeito.

"Eu achei que você concordasse." Os olhos maquiados de Isabelle brilharam tão brilhantes quanto lágrimas quando ela olhou para seu irmão. "Fazer amigos."

"Eu tenho amigos," Alec disse, e olhou acima do seu ombro, quase como se ele não pudesse ajudar ela, para Jace.

Mas Jace, sua cabeça dourada abaixada, perdido em pensamentos, não notou.

Em um impulso Clary chegou a abrir a mochila e olhar para ela e franziu a sobrancelha. A mochila estava aberta. Ela memorizou a festa – ela tinha levantado a sacola, puxado o zíper fechado. Ela tinha certeza disso. Ela sacudiu a mochila aberta, o seu coração batendo.



Ela lembrou da vez que teve sua carteira roubada no metrô. Ela se lembrou que abrindo sua bolsa, não tinha nada lá, sua boca seca em surpresa – Eu deixei ela cair? Eu perdi ela? E percebendo: Ela se foi. Isto foi como aquilo, apenas um milhão de vezes pior. A boca seca como osso, Clary apalpou através da sacola, empurrando de lado as roupas e o caderno de esboços, suas unhas juntando os grãosinhos. Nada.

Ela parou de andar. Jace estava pairando à frente dela, parecendo impaciente, Alec e Isabelle já estavam a um bloco a frente. "O que há de errado?" Jace perguntou, e ela poderia dizer que ele estava prestes a acrescentar algo sarcástico. Ele deve ter visto o olhar na cara dela, porque ele não disse. "Clary?"

"Ele se foi," ela sussurrou "Simon... ele estava em minha mochila."

"Será que ele saiu?"

Aquilo não era uma questão não razoável, mas Clary, exausta e afetada pelo pânico, reagiu exageradamente. "*Claro que não iria sair!*" ela gritou. "O quê, você acha que ele iria querer ser esmagado debaixo do carro de alguém, morto por um gato..."

"Clary..."

"Cala a boca!" ela gritou, sacudindo a mochila para ele. "Você é o único que disse não se incomodar em torná-lo de volta..."

Destramente ele apanhou a sacola quando ela balançou-a. Tirando ela de sua mão, ele examinou. "O zíper foi rasgado," ele disse. "Do lado de fora. Alguém rasgou essa sacola para abrir."

Balançando sua cabeça entorpecidamente, Clary podia só sussurrar, "Eu não..."

"Eu sei." Sua voz era suave. Ele fechou suas mãos em torno de sua boca. "Alec! Isabelle! Vão em frente! Nós te alcançamos."

As duas figuras, já muito à frente, pausaram. Alec hesitou, mas sua irmã pegou o seu braço e o empurrou firmemente em direção a entrada do metrô. Algo pressionou Clary contra suas costas: Era a mão de Jace, girando em torno dela suavemente. Ela deixou ele a conduzir para frente, ao longo das rachaduras na calçada, até que eles estavam lá na entrada do edifício de Magnus. O cheiro de álcool insípido e doce, um sinistro cheiro que Clary tinha associado aos Downworlders enchiam o pequeno espaço. Levando sua mão longe da dela de volta, Jace pressionou a campainha acima do nome de Magnus.

"Jace," disse ela.

Ele olhou abaixo para ela. "O que?"

Ela procurou as palavras. "Você acha que ele está bem?"

"Simon?" Ele então hesitou, e ela lembrou das palavras de Isabelle: "*Não lhe faça uma pergunta a menos que você possa agüentar ouvir a resposta.*" Ao invés de



responder alguma coisa, ele pressionou a campainha novamente, mais forte dessa vez.

Dessa vez Magnus respondeu, em sua voz se expandindo através da pequena entrada, "QUEM OUSA PERTURBAR MEU DESCANSO?"

Jace pareceu quase nervoso. "Jace Wayland. Se lembra? Eu sou da Clave."

"Ah, sim." Magnus pareceu recuperar-se. "Você é aquele de olhos azuis?"

"Ele quer dizer o Alec," Clary disse utilmente.

"Não, os meus olhos são geralmente descritos como dourados," Jace disse pelo interfone. "E luminosos."

"Ah, você é aquele." Magnus soou desapontado. Se Clary não estivesse tão chateada, ela poderia ter rido. "Eu suponho que você queira entrar."

O bruxo apareceu em sua porta usando um quimono de seda pintado com dragões, um turbante dourado, e uma expressão abertamente de aborrecimento.

"Eu estava dormindo," ele disse grandiosamente.

Jace olhou como se ele estivesse prestes a dizer algo rude, possivelmente sobre o turbante, então Clary interrompeu ele. "Desculpe incomodá-lo..."

Algo pequeno e branco surgiu em torno dos tornozelos do bruxo. Ele tinha listras em zigue-zague em cinza e tufoas orelhas rosa que fazia ele parecer mais com um grande rato do que com um pequeno gato.

"Presidente Miau?" Clary adivinhou.

Magnus concordou. "Ele voltou."

Jace observou o pequeno gatinho com algum desprezo. "Não é um gato," ele observou. "É do tamanho de um hamster."

"Eu vou gentilmente esquecer que você disse isso," Magnus disse, usando o pé para cutucar Presidente Miau para trás dele. "Agora, exatamente o que você veio fazer aqui?"

Clary segurou sua sacola rasgada. "É Simon. Ele está sumido."

"Ah," disse Magnus, delicadamente, "sumido o quê, exatamente?"

"Sumido," Jace repetiu, "ele se foi, é notável a falta de sua presença, desapareceu."

"Talvez ele tenha se escondido debaixo de alguma coisa," Magnus sugeriu. "Pode não ser fácil se acostumar a ser um rato, principalmente para alguém tão estúpido, em primeiro lugar."



"Simon não é estúpido," protestou Clary com raiva.

"É verdade," Jace concordou. "Ele parece estúpido. Realmente sua inteligência é bastante média." Seu tom era leve, mas seus ombros estavam tensos quando ele se virou para Magnus. "Quando estávamos saindo, um de seus convidados esbarrou em Clary. Acho que ele rasgou abrindo sua bolsa e pegou o rato. Simon, quero dizer."

Magnus olhou para ele. "E?"

"E eu preciso descobrir quem foi," Jace disse progressivamente. "E eu adivinho que você sabe. Você é o Alto Bruxo do Brooklyn. Eu estou imaginando que não há muito coisa que aconteça em seu próprio apartamento que você não saiba."

Magnus inspecionou uma unha brilhante. "Você não está errado."

"Por favor, nos diga," Clary disse. Jace apertou a mão em seu pulso. Ela sabia que ele queria que ela ficasse calma, mas era impossível. "Por favor."

Magnus desceu a mão com um suspiro. "Tudo bem. Eu vi um dos garotos vampiros de moto vindo do covil na cidade, sair com um rato marrom em suas mãos. Sinceramente, eu pensei que era um dos seus. Crianças da Noite às vezes se transformam em ratos ou morcegos quando estão bêbados."

As mãos de Clary estavam tremendo. "Mas agora você acha que era Simon?"

"É só um palpite, mas parece provável."

"Há mais uma coisa." Jace falou calmo o suficiente, mas ele não estava alerta agora, da forma como ele tinha estado antes no apartamento quando eles encontraram o Esquecido. "Onde é o covil deles?"

"Deles o que?"

"O covil dos vampiros. Esse é o lugar para onde eles foram, não é?"

"Eu imagino que sim." Magnus pareceu como se ele preferisse estar em outro lugar.

"Você precisa me dizer onde é isso."

Magnus sacudiu sua cabeça com turbante. "Não estou certo sobre o lado ruim das Crianças da Noite para um mundano, eu nunca vou saber."

"Espera." Clary interrompeu. "O que eles querem com Simon? Eu pensei que não estavam autorizados a machucar as pessoas..."

"Meu palpite?" disse Magnus, não cruelmente. "Eles presumiram que ele era um rato domesticado e pensaram que seria divertido matar um animal de estimação dos Caçadores de Sombras. Eles não gostam muito que vocês, seja lá o que o Acordo pode dizer – e não há nada no Pacto de não matar animais."



"Eles vão matar ele?" Clary disse, o fitando.

"Não necessariamente", Magnus disse rapidamente. "Eles podem pensar que ele é um dos seus."

"Neste caso, o que vai acontecer com ele?" Clary disse.

"Bem, quando ele se tornar de volta em um humano, eles ainda vão matá-lo. Mas você pode ter algumas horas a mais".

"Então você tem que nos ajudar," Clary disse ao bruxo. "Caso contrário, Simon irá morrer."

Magnus olhou para ela de cima a baixo com um tipo de compaixão clínica.

"Todos eles morrem querida," ele disse. "Você precisa se acostumar a isso."

Ele começou a fechar a porta. Jace colocou seu pé, firmando ela aberta. Magnus suspirou. "O que é agora?"

"Você ainda não nos disse onde é o covil," Jace disse.

"E eu não estou indo dizer. Eu te disse..."

Era Clary quem cortou ele, colocando a si mesma em frente a Jace. "Você bagunçou com meu cérebro," ela disse. "Tirou minhas memórias. Você não pode fazer só isso por mim?"

Magnus rolou seus olhos brilhantes de gato. Em algum lugar a distância, Presidente Miau estava chorando. Lentamente o bruxo baixou sua cabeça e a atingiu uma vez, não muito suavemente, contra a parede. "O velho Hotel Dumont," ele disse. "Na parte de cima da cidade."

"Eu sei onde é." Jace parecia satisfeito.

"Precisamos chegar logo. Você tem um Portal?" Clary exigiu, abordando Magnus.

"Não." Ele pareceu irritado. "Os portais são bastante difíceis de se construir e representam um pequeno risco para os seus proprietários. Coisas horróricas podem vir através deles, se eles não são guardados corretamente. Os únicos que eu conheço, em Nova York são o de Dorothea, em um de Renwick, mas ambos são muito longe para valer o incômodo de se tentar chegar lá, mesmo se você tiver certeza que seus proprietários deixariam vocês usá-lo, o que provavelmente não iriam. Sacaram essa? Agora, vão embora." Magnus encarou mordazmente o pé de Jace, continuando a bloquear a porta. Jace não se moveu.

"Mais uma coisa," Jace disse. "Existe um lugar sagrado por aqui?"

"Boa idéia. Se vocês estão indo para um covil de vampiros por si mesmos, é bom fazer orações em primeiro lugar."



"Precisamos de armas," disse Jace sintetizou. "Mais do que as que temos com a gente."

Magnus apontou. "Tem uma igreja católica, na rua Diamond. Essa serve?"

Jace concordou, voltando-se atrás. "Essa é..."

A porta bateu em suas caras. Clary, respirando como se ela estivesse correndo, olhou aquilo até que Jace tomou seu braço e lhe dirigiu os passos para baixo e para a noite.



14 – Hotel Dumort

À noite na rua Diamond, a igreja parecia espectral, suas janelas em arcos góticos refletindo o luar prateado como espelhos. Uma cerca de ferro forjado rodeava o prédio que era pintado em um preto fosco. Clary agitou o portão da frente, mas um robusto cadeado o mantinha fechado.

"Está trancado," ela disse, olhando para Jace por sobre seu ombro.

Ele brandiu sua estela. "Me deixa com ele."

Ela o olhava enquanto ele trabalhava na fechadura, olhando as magras curvas de suas costas, o crescer de músculos sob as mangas curtas de sua camiseta. O luar limpava a cor do seu cabelo, tornando-o mais prateado do que dourado.

O cadeado bateu no chão com um som estridente, um pedaço de metal retorcido. Jace parecia contente com ele mesmo. "Como sempre," ele disse, "eu sou incrivelmente bom nisso."

Clary de repente se sentiu incomodada. "Quando a parte do seu alto-me-parabenizo da noite tiver acabado, talvez pudéssemos voltar a salvar o meu melhor amigo de ser dessangrado até a morte?"

"Dessangrado," Jace disse, impressionado. "Essa é uma palavra grande."

"E você é um grande..."

"Tsk, ts," ele interrompeu. "Não xingue na igreja."

"Não estamos na igreja ainda," Clary murmurou, seguindo ele acima no caminho de pedra para as portas duplas frontais. O arco de pedra acima das portas era lindamente esculpido, uma anjo olhando para baixo a partir do seu ponto mais alto. Acentuadamente os pináculos apontavam suas silhuetas escuras contra o céu noturno, e Clary notou que esta era a igreja que tinha anteriormente vislumbrado a noite no Parque McCarren. Ela mordeu seu lábio. "Parece errado de alguma forma quebrar a fechadura da porta de uma igreja."

O perfil de Jace sob o luar estava sereno. "Não estamos fazendo isso," ele disse, deslizando sua estela em seu bolso. Ele colocou uma fina mão bronzada, marcada acima com delicadas cicatrizes brancas, como um disfarce de renda, contra a madeira da porta, um pouco acima do trinco. "Em nome do Clave," ele disse, "eu peço entrada para este lugar sagrado. Em nome da batalha que nunca acaba, peço o uso de suas armas. E em nome do Anjo Raziel, peço suas bênçãos sobre a minha missão contra a escuridão." Clary olhou para ele. Ele não se moveu, embora o vento da noite soprasse os cabelos dele nos seus olhos, ele piscou, e quando ela estava prestes a falar, a porta se abriu com um clique e um ranger de dobradiças. E se colocou para dentro suavemente ante eles, abrindo para um frio espaço vazio, iluminado por pontos de fogo. Jace deu um passo para trás. "Depois de você."

Quando Clary entrou no interior, uma onda de ar frio envolveu ela, juntamente com o



cheiro de pedra e velas de cera. Tênuas fileiras de banco de igreja se esticavam em direção ao altar, e um banco de velas brilhavam como uma cama de faíscas contra a parede distante. Ela notou que, além do Instituto, o que realmente não contava, na verdade ela nunca esteve dentro de uma igreja antes. Ela tinha visto fotos, e visto o interior das igrejas, em filmes e shows de anime, onde eles apareciam regularmente. Uma cena em uma de suas séries de anime favoritas tinha como lugar uma igreja, e com um monstruoso vampiro como sacerdote. Era suposto que se devia se sentir segura dentro de uma igreja, mas ela não se sentia. Estranhas formas pareciam se elevar sobre ela para fora das sombras. Ela estremeceu.

"As paredes de pedra mantêm o calor," Jace disse, percebendo.

"Não é isso," disse ela. "Você sabe, eu nunca estive em uma igreja antes."

"Você esteve no Instituto."

"Quero dizer, em uma verdadeira igreja. Com serviços. Esse tipo de coisa."

"É verdade. Bem, esta é a nave, onde os bancos estão. É onde as pessoas se sentam durante a missa." Eles se moveram a frente, sua voz ecoando nas paredes de pedra. "Aqui em cima está a cúpula. É onde nós estamos de pé. E este é o altar, onde o padre realiza a Eucaristia. É sempre no lado leste da igreja." Ele se ajoelhou na frente do altar, e ela pensou por um momento que ele estava rezando. O altar em si era alto, feito de granito negro, e coberto com um pano vermelho. Atrás aparecia uma tela ornada em ouro, pintada com figuras de santos e mártires, cada uma com um disco plano de ouro atrás de sua cabeça representando uma auréola.

"Jace," ela sussurrou. "O que você está fazendo?"

Ele colocou suas mãos sobre o chão de pedra e estava movimentando elas para frente e para trás rapidamente, como se estivesse procurando algo, os seus dedos mexendo na poeira. "Procurando por armas."

"Aqui?"

"Elas ficam escondidas, normalmente em torno do altar. Mantido para nosso uso em caso de emergência."

"E isto é o quê, algum tipo de trato que vocês tem com a Igreja Católica?"

"Não especificamente. Demônios tem estado na Terra, a tanto tempo quanto nós temos. Estão em todo o mundo, nas suas diferentes formas – demônios gregos, daevas persa, asuras hindus, oni japoneses. A maioria dos sistemas de crença têm algum método de incorporar tanto a sua existência quanto a luta contra eles. Caçadores de sombras não estão ligados a nenhuma religião, e, por sua vez, todas as religiões nos ajudam em nossa batalha. Eu poderia facilmente ter ido procurar ajuda em uma sinagoga judaica ou um templo Shinto, ou... Ah. Aqui está." Ele limpou a poeira de lado, enquanto ela se ajoelhava ao lado dele. Esculpida em uma das pedras octogonais antes do altar estava uma runa. Clary a reconheceu, quase tão facilmente quanto se ela fosse ler uma palavra em Inglês. Era a runa que significava "Nephilim."



Jace tirou sua estela e a tocou na pedra. Com um alto som ela se deslocou para trás, revelando um compartimento escuro embaixo. Dentro do compartimento havia uma caixa de madeira longa; Jace levantou a tampa, e olhou com satisfação os objetos dispostos no interior.

"O que é tudo isso?" Clary perguntou.

"Frascos de água benta, facas abençoadas, lâminas de aço e prata," Jace disse, empilhando as armas no chão ao lado dele, "fio de electrum²⁵ não é muito útil no momento, mas é sempre bom ter balas de prata sobressalentes, encantos de proteção, crucifixos, estrelas de David..."

"Jesus," disse Clary.

"Duvido que ele usaria."

"Jace."

Clary ficou horrorizada.

"O quê?"

"Eu não sei, parece errado fazer piadas como essa em uma igreja."

Ele deu de ombros. "Eu não sou realmente um cristão."

Clary olhou para ele surpreendida. "Você não é?"

Ele agitou sua cabeça. Seu cabelo caiu sobre o seu rosto, mas ele estava examinando um frasco de líquido claro e não chegou a empurrá-lo de volta. Os dedos de Clary coçaram com a vontade de fazer isso para ele. "Você pensou que eu era religioso?" ele disse.

"Bem." Ela hesitou. "Se há demônios, então deve haver..."

"Deve haver o quê?" Jace deslizou o frasco em seu bolso. "Ah," ele disse. "Você quer dizer, se houver isso" – ele apontou para baixo, em direção ao chão, "então deve haver aquilo." Ele apontou para cima, em direção ao teto.

"Isso faz sentido. Não faz?"

Jace baixou sua mão e pegou uma espada, e examinou o cabo. "Eu vou te dizer," disse ele. "Venho matando demônios há um terço da minha vida. Devo ter enviado quinhentos deles de volta a qualquer que seja a dimensão infernal em que eles se dissolvem. E em *todo* esse tempo, eu nunca vi um anjo. Nunca sequer ouvi falar de alguém que tenha visto. "

²⁵ Electrum é uma liga natural de ouro e prata, utilizada nos fins dos tempos pré-históricos e clássicos para a fabricação de pratos e moedas.



"Mas foi um anjo que criou os Caçadores de Sombras em primeiro lugar," disse Clary. "Foi o que Hodge disse."

"Isso faz uma boa história." Jace olhou para ela através das fendas de seus olhos como um felino. "Meu pai acreditava em Deus," ele disse. "Eu não."

"De jeito nenhum?" Ela não tinha certeza do porquê é que ela estava alfinetando ele, ela nunca recebeu qualquer orientação para saber se ela acreditava ou não em Deus e em anjos, e se perguntada, ela teria dito que ela não acreditava. Havia alguma coisa sobre Jace, porém, que a fazia querer pressioná-lo, quebrar aquela casca de cinismo e admitir que ele acreditava em algo, sentia alguma coisa, preocupava-se com alguma coisa.

"Me deixe colocar dessa maneira," ele disse, deslizando um par de facas em seu cinto. A luz tênue era filtrada através das janelas de vidro colorido e jogava quadrados de cor em todo o seu rosto. "Meu pai acreditava em um Deus justo. '*Volts Deus*', este era seu lema, 'porque é a vontade de Deus'. Era o lema dos Cruzados, e eles saíram para batalha e foram abatidos, tal como o meu pai. E quando eu o vi deitado morto em uma piscina de seu próprio sangue, então eu sabia que eu não tinha parado de acreditar em Deus. Eu só parei de acreditar que Deus se importasse. Pode haver um Deus, Clary, e pode ser que não, mas acho que não interessa. De qualquer forma, nós estamos por nossa própria conta."

Eles eram os únicos passageiros no carro do metrô voltando para a zona residencial. Clary sentou-se sem falar, pensando em Simon. De vez em quando Jace olhava acima para ela como se estivesse prestes a dizer algo, antes de voltar a se perder em um não característico silêncio.

Quando eles subiram para fora da estação de metrô, as ruas estavam desertas, o ar pesado e com gosto de metal, as lojinhas, lavanderias e os centros de troca estavam em silêncio atrás de suas portas de aço ondulado para a hora noturna. Eles encontraram o hotel, finalmente, depois de uma hora de procura, em uma rua lateral ao longo da 116. Eles caminharam passando ele por duas vezes, pensando que era apenas mais um edifício abandonado, antes de Clary ver o sinal. Ele estava impreciso como feito à unha e pendurado escondido atrás de uma árvore atrofiada, Hotel Dumont, deveria ser dito, mas alguém tinha pintado o N e substituído com um R.

"Hotel Dumort," Jace disse quando ela apontou aquilo para ele. "Lindo."

Clary tinha só tinha dois anos de francês, mas foi o suficiente para entender a piada. "Du mort," ela disse. "É a morte."

Jace acenou. Ele tinha ficado todo alerta, como um gato que vê um rato se movendo atrás de um sofá.

"Mas não pode ser o hotel," disse Clary. "As janelas são todas tampadas, e a porta foi emparedada... Ah," ela terminou, sacando o olhar dele. "Certo. Vampiros. Mas como eles vão para dentro?"



"Eles voam," disse Jace, e indicou os andares superiores do edifício. Em uma vez, claramente, deveria ter sido um elegante e luxuoso hotel. A fachada de pedra era elegantemente decorado com cacheados esculpidos e flores-de-lis, escuras e corroídas pelos anos de exposição ao ar poluído e a chuva ácida.

"Nós não voamos," Clary se sentiu impelida a chamar atenção pra isso.

"Não," Jace concordou. "Nós não voamos. Nós quebramos e entramos." Ele começou a atravessar a rua em direção ao hotel.

"Voando parece mais divertido," Clary disse, correndo para alcançar ele.

"Agora tudo parece mais divertido." Ela se perguntou o que ele quis dizer com isso. Havia um entusiasmo sobre ele, uma antecipação da caçada que não parecia a ela o quanto ele estava tão infeliz quanto ele alegava. *Ele matou mais demônios do que alguém de sua idade.* Você não mataria aquele tanto de demônios voltando atrás relutantemente de uma luta.

Um vento quente tinha vindo para cima, agitando as folhas das árvores raquíticas de fora do hotel, enviando o lixo nas sarjetas e na calçada agitando o pavimento quebrado. A área estava estranhamente deserta, Clary pensou, geralmente, em Manhattan, havia sempre alguém na rua, mesmo as quatro da manhã. Várias das luzes da cidade alinhadas na calçada estavam desligadas, embora a de um hotel mais próximo soltava uma turvo brilho amarelo em todo o percurso rachado que levava ao que tinha sido a porta da frente.

"Fique fora da luz," Jace disse, puxando ela em direção a ele através de sua manga. "Eles podem estar vendo das janelas. E não olhe para cima," ele acrescentou, mas era tarde demais. Clary já tinha olhado acima para as janelas quebradas dos pisos superiores. Por um momento ela meio que pensou ter vislumbrado uma cintilação de movimento em uma das janelas, um flash de brancura que poderia ter sido um rosto, ou um uma mão puxando de volta uma pesada cortina...

"Vamos lá." Jace puxou ela para evaporarem-se nas sombras mais próximas do hotel. Ela sentiu seu crescente nervosismo em sua espinha, na batida de seu pulso, no forte batimento do sangue em suas orelhas. O distante zumbido de carros parecia muito mais distante, o único som de triturar de seus próprios sapatos sobre o lixo em plena calçada. Ela desejou poder andar silenciosamente, como um Caçador de Sombras. Talvez algum dia ela pediria para Jace ensinar ela.

Ele escorregou ao virar a esquina do hotel em um beco que tinha provavelmente sido uma faixa de serviço para as entregas. Ele era estreito, bloqueado com o lixo: bolorentas caixas de papelão, garrafas de vidro vazias, plástico rasgado, espalhando coisas que Clary pensou que era a primeira vista palitos, mas de perto pareciam como...

"Ossos," Jace disse sem rodeios. "Ossos de cachorro, ossos de gato. Não olhe muito de perto, passar pelo lixo dos vampiros, é raramente é uma imagem bonita."

Ela engoliu suas náuseas. "Bem," ela disse, "pelo menos sabemos que estamos no



lugar certo," e foi recompensada pelo brilho de respeito que foi mostrado, brevemente, nos olhos de Jace.

"Oh, nós estamos no lugar certo," disse ele. "Agora só temos que descobrir como chegar lá dentro."

Havia existido claramente janelas aqui uma vez, agora emparedada. Não havia nenhum sinal de porta e escada de incêndio. "Quando isso era um hotel," Jace disse devagar, "eles devem ter recebido suas entregas aqui. Quero dizer, eles não teriam trazido suas coisas pela porta da frente, e não há nenhum lugar para caminhões desembarcarem. Então, deve haver uma maneira de entrar."

Clary pensou nas pequenas lojas e armazéns perto de sua casa no Brooklyn. Ela tinha visto eles receberem suas entregas, de manhã cedo, enquanto ela estava caminhando para a escola, visto os proprietários coreanos de comida abrirem suas portas de metal fixadas na calçada do lado de fora, em frente a sua porta, então eles podiam carregar as caixas de toalhas e de comida de gato em seu porão de estoque. "Aposto que as portas estão no chão. Provavelmente enterradas embaixo de todo esse lixo."

Jace, um passo atrás dela, concordou. "Era isso o que eu estava pensando." Ele suspirou. "Acho que seria melhor mover o lixo. Podemos começar com a lixeira." Ele apontou para ela, parecendo distintamente não entusiasmado.

"Você preferia enfrentar uma horda de demônios vorazes, não é?" Clary disse.

"Pelo menos eles não estariam rastejando com os vermes. Bem," ele acrescentou pensativamente, "não a maioria deles, de qualquer maneira. Havia este demônio, uma vez, que eu segui debaixo dos esgotos do Grande Central..."

"Não." Clary levantou uma mão em alerta. "Eu realmente não estou de bom humor no momento."

"Essa deve ser a primeira vez que uma garota diz não para mim," Jace meditou.

"Meta-se comigo e não será a última."

O canto da boca de Jace se contorceu. "Essa dificilmente é hora para brincadeiras. Nós temos lixo para fuçar." Ele foi na ponta dos pés até a lixeira e pegou um lado dela. "Você pega o outro. Nós vamos incliná-la."

"Virá-la vai fazer muito barulho," Clary argumentou, segurando sua ponta do outro lado do enorme container. Era uma caçamba de lixo padrão da cidade, pintada em verde escuro, marcada com estranhas manchas. É empestuada, ainda mais que a maioria das lixeiras, de lixo e outra coisa, algo espesso e doce que enchia sua garganta e fez ela querer vomitar. "Devemos empurrá-la."

"Agora, olha...," Jace começou, quando uma voz falou, subitamente, saindo das sombras atrás deles.

"Vocês realmente estão pensando que deveriam estar fazendo isso?" aquilo perguntou.



Clary congelou, olhando para as sombras na boca do beco. Em um momento de pânico ela perguntou se ela tinha imaginado a voz, mas Jace estava também congelado, o espanto em seu rosto. Era raro alguém surpreendê-lo, raro que alguém escapasse dele. Ele andou se afastando da lixeira, deslizando sua mão em direção a sua cintura, sua voz plana.

"Tem alguém aí?"

"Dios mio."

A voz era masculina, divertida, falando um líquido espanhol. "Você não é desta vizinhança, é?"

Ele pisou à frente, fora das pesadas sombras. A forma dele desenvolvendo-se lentamente: um rapaz, pouco mais velho do que Jace e provavelmente 15 centímetros mais baixo. Ele era magro sem parecer os ossos, com os grandes olhos escuros e pele cor de mel de uma pintura de Diego Rivera. Ele vestia calças pretas e uma camisa branca aberta no pescoço, e uma corrente de ouro em volta do pescoço que brilhava ligeiramente quando ele se moveu para mais perto da luz.

"Você poderia dizer isso," Jace disse cuidadosamente, não deslocando sua mão para longe do seu cinto.

"Você não deveria estar aqui." O rapaz limpou para um lado os espessos cachos negros que se derramavam sobre sua testa. "Este lugar é perigoso."

Ele quer dizer que essa é uma má vizinhança. Clary quase quis rir, mesmo que tudo aquilo não fosse nada engraçado. "Nós sabemos," ela disse. "Nós só estamos um pouco perdidos, isso é tudo."

O rapaz fez um gesto para a lixeira. "O que vocês estavam fazendo com isso?"

Não sou boa em mentiras rápidas, Clary pensou, e olhou para Jace, que ela esperava, seria excelente nisso.

Ele decepcionou ela imediatamente. "Nós estávamos tentando entrar no hotel. Pensávamos que poderia haver uma porta de porão por baixo da caçamba de lixo."

Os olhos do menino cresceram em descrença. "Putá Madre – por que você iria querer fazer algo parecido com isso?"

Jace deu de ombros. "Para uma brincadeira, você sabe. Apenas por um pouco de diversão."

"Vocês não entendem. Este lugar é mal assombrado, amaldiçoado. Má sorte." Ele balançou a cabeça energicamente e disse várias coisas em espanhol que Clary suspeitou que tinha a ver com a estupidez mostrada pelas crianças brancas em geral, e a estupidez deles, em particular. "Vamos comigo, eu vou levá-los até o metrô."

"Sabemos onde é o metrô," Jace disse.



O garoto riu um suave, e vibrante sorriso. "Claro. Claro que sim, mas se vocês vierem comigo, ninguém vai incomodar vocês. Vocês não querem problemas, querem?"

"Isso depende," Jace disse, e se moveu para que o seu casaco ficasse ligeiramente aberto, mostrando o brilho das armas atravessadas em seu cinto. "Quanto é que eles estão te pagando para manter as pessoas longe do hotel?"

O rapaz olhou para atrás de Jace, os nervos de Clary vibraram enquanto ela imaginava a entrada do beco estreito se enchendo de outras figuras sombrias, faces brancas, bocas vermelhas, o brilho das presas tão repentino quanto metal soltando faíscas no pavimento. Quando ele olhou de volta para Jace, sua boca era uma linha fina. "Quanto é que você me paga, chico?"

"Os vampiros. Quanto é que eles estão pagando a você? Ou é outra coisa – eles te disseram que vão tornar você um deles, ofereceram a você vida eterna, sem dor, sem doença, você quer viver para sempre? Porque não vale a pena. A vida se estica por muito tempo quando você nunca vê a luz do sol, *Chico*," Jace disse.

O rapaz estava inexpressivo. "Meu nome é Raphael. Não, Chico."

"Mas você sabe do que estamos falando. Você sabe sobre os vampiros?" Clary disse.

Raphael virou o rosto para o lado e cuspiu. Quando ele olhou atrás deles, seus olhos estavam cheios de um reluzente ódio. "Los vampiros, sí, os bebedores de sangue animal. Mesmo antes do hotel ser bloqueado, haviam estórias, o riso tarde da noite, os pequenos animais desaparecendo, os sons..." Ele parou, balançando sua cabeça. "Todo mundo no bairro sabe que tem que ficar longe, mas o que você pode fazer? Você não pode ligar para polícia e dizer a eles que o seu problema são os vampiros."

"Você já viu eles?" Jace perguntou. "Ou você conhece alguém que viu?"

Raphael falou lentamente. "Havia alguns garotos, uma vez, um grupo de amigos. Eles pensaram que era uma boa idéia, ir para dentro do hotel e matar os monstros no interior. Eles levaram armas com eles, facas também, todas abençoadas por um sacerdote. Eles nunca saíram. Minha tia, ela encontrou suas roupas mais tarde, em frente da casa."

"Na casa de sua tia?" Jace disse.

"Sí. Um dos garotos era meu irmão," Raphael disse sem rodeios. "Então, agora você sabe por que eu ando por aqui no meio da noite, às vezes, no caminho da minha casa para a casa da minha tia, e por isso que eu alerto vocês. Se vocês entrarem lá dentro, você não vão sair de novo."

"Meu amigo está lá dentro", Clary disse. "Nós viemos buscá-lo."

"Ah," disse Raphael, "então talvez eu não possa te prevenir para irem embora."

"Não," disse Jace. "Mas não se preocupe. O que aconteceu com seus amigos não vai acontecer com a gente." Ele tirou uma das lâminas de anjo de sua cintura e a



segurou, a fraca luz vinda dela iluminou as cavidades dos ossos de sua face, sombreando os olhos dele. "Eu matei muitos vampiros antes. Seus corações não batem, mas eles ainda podem morrer."

Raphael inalou bruscamente e disse algo em espanhol muito baixo e rápido para Clary compreender. Ele veio em direção a eles, quase tropeçando sobre uma pilha de plásticos amarrotados em sua pressa. "Eu sei o que você é – eu já tinha ouvido falar sobre sua espécie, de um antigo padre em Santa Cecilia. Eu pensei que era apenas uma história."

"Todas as histórias são verdadeiras," Clary disse, mas tão quietamente que ele não pareceu ouvir ela. Ele estava olhando Jace, seus punhos trincados.

"Eu quero ir com você," ele disse.

Jace balançou a cabeça. "Não. Absolutamente não."

"Eu posso te mostrar como chegar lá dentro," Raphael disse.

Jace oscilou, a tentação clara em seu rosto. "Nós não podemos levar você."

"Ótimo." Raphael andou até ele e chutou para o lado um amontoado de lixo empilhado contra um muro. Havia uma grade de metal lá, barras finas cobertas com um revestimento vermelho acastanhado de ferrugem. Ele se ajoelhou, segurou as barras, e levantou a grade do caminho. "Assim é como meu irmão e seus amigos entraram. Ela desce até o porão, eu acho." Ele olhou acima para Jace e Clary se juntou a ele. Clary mal podia segurar sua respiração, o cheiro do lixo era esmagador e, mesmo na escuridão ela podia ver as formas em movimento das baratas rastejando acima das pilhas.

Um fino sorriso tinha formado, apenas nos cantos da boca de Jace. Ele ainda estava segurando a lâmina do anjo em sua mão. A luz de bruxa que veio dele emprestou a seu rosto um molde espectral, lembrando a ela o jeito que Simon segurava uma lanterna em seu queixo enquanto contava a ela histórias de terror, quando ambos tinham onze. "Obrigado," disse a Raphael. "Isso vai servir muito bem."

O rosto do outro garoto estava pálido. "Você vai lá dentro e faz pelo seu amigo o que eu não pude fazer pelo meu irmão."

Jace escorregou a lâmina serafim para trás em seu cinto e olhou para Clary. "Siga-me," ele disse, e deslizou através da grade em um único movimento suave, os pés primeiro. Ela segurou sua respiração, esperando por um grito de agonia ou espanto, mas houve apenas um baque de aterrissagem suave dos pés em terra firme. "Está tudo bem," ele chamou, sua voz abafada. "Pule e eu pego você."

Ela olhou para Raphael. "Obrigada por sua ajuda."

Ele não disse nada, apenas segurou suas mãos. Ela as usou para firmar a si mesma, enquanto ela manobrava sua posição. Os dedos dele estavam frios. Ele a deixou ir enquanto ela se desprendia e descia através da grade. Foi apenas um segundo de queda e Jace segurou ela, seu vestido encolheu ao redor de suas coxas e as mãos



dele roçaram suas pernas enquanto ela mergulhava em seus braços. Ele soltou ela quase que imediatamente. "Você está bem?"

Ela puxou seu vestido para baixo, satisfeita por ele não poder vê-la no escuro. "Estou bem."

Jace puxou a lâmina de anjo brilhando turvamente de sua cintura e a levantou, deixando a sua crescente iluminação banhar sobre seus arredores. Eles estavam de pé em uma superfície, um espaço de teto e debaixo com piso de concreto rachado. Espaços de sujeira mostravam onde o piso estava quebrado, e Clary pode ver as estrias pretas que tinham começado a se contorcer nas paredes. Uma passagem, faltando a sua porta, aberta para outro quarto.

Um baque forte fez ela se sobressaltar, e ela se virou para ver Raphael aterrizando, joelhos dobrados, a poucos metros dela. Ele os seguiu através da grade. Ele se endireitou e sorriu maniacamente.

Jace parecia furioso. "Eu disse para você..."

"E eu te ouvi." Raphael acenou a mão desprezando. "O que você vai fazer sobre isso? Eu não posso voltar da forma como entrei, e você não pode simplesmente me deixar aqui para a morte me encontrar... ou pode?"

"Estou pensando nisso," Jace disse. Ele parecia cansado, Clary viu com alguma surpresa, as sombras sob os olhos mais pronunciada.

Raphael apontou. "Temos de ir por aquele caminho, em direção à escada. Eles estão lá em cima nos andares superiores do hotel. Você vai ver." Ele empurrou, passando Jace e indo através da passagem estreita. Jace olhou para ele, balançando sua cabeça.

"Estou realmente começando a odiar os mundanos," ele disse.

O piso inferior do hotel era uma colônia de corredores como labirintos que iam para salas de armazenamento, uma lavandaria deserta, bolorentas pilhas de toalhas de linho acumulavam em cima de cestas de vime – mesmo uma fantasmagórica cozinha, com bancos de aço inoxidável e uma bancada se alongando para dentro das sombras. A maioria dos degraus para subir tinham desaparecido; não apodrecendo mas deliberadamente cortada em pedaços, reduzidos a pilhas de gravetos empurrados contra a parede, pedaços do que uma vez foi um luxuoso tapete persa agarrava-se a eles como flores cobertas pelo molde.

A falta de escadas confundiu Clary. O que os vampiros tinham contra as escadas? Eles finalmente encontraram uma não danificada, enfiada atrás da lavanderia. Os empregados devem ter usado ela para transportar as roupas de cama para cima e para baixo das escadas, no tempo anterior aos elevadores. Uma poeira espessa descansava sobre os degraus agora, como uma camada de neve empoeirada cinza, que fez Clary tossir.

"Shh," assobiou Raphael. "Eles vão ouvi-la. Estamos perto de onde eles dormem."



"Como você sabe?" ela sussurrou de volta. Ele nem sequer era supostamente para *estar* lá. O que lhe dava o direito à sua palestra sobre o ruído?

"Eu posso sentir." O canto do seu olho estremeceu, e ela viu que ele estava tão assustado quanto ela. "Você não?"

Ela balançou a cabeça dela. Ela não sentia nada, exceto o estranho frio; após o calor sufocante da noite lá fora, o frio no interior do hotel, era intenso.

No topo das escadas havia uma porta sobre a qual estava pintada a palavra "Saguão" que era pouco legível abaixo dos anos de sujeira acumulada. A porta gotejou ferrugem quando Jace empurrou ela aberta. Clary abraçou a si mesma...

Mas a sala além estava vazia. Eles estavam em um grande saguão, o apodrecido carpete rasgado mostrava as placas de piso despedaçadas abaixo. Houve uma vez que a peça central desta sala havia sido uma grande escadaria, graciosamente curvando, alinhando um corrimão coberto de dourado e ricamente acarpetado em ouro e escarlate. Agora tudo o que restava eram os degraus mais elevados, se levando para dentro da escuridão. O restante da escada terminava logo acima de suas cabeças, suspensa no ar. A visão era tão surreal quanto uma das pinturas abstratas Magritte que JoceIyn tinha amado. Esta é uma, Clary pensou, que poderia ser chamada de *escada para nenhum lugar*.

A voz dela soou tão seca quanto a poeira que revestia tudo. "O que os vampiros têm contra as escadas?"

"Nada," disse Jace. "Eles simplesmente não precisam de usá-las."

"É uma maneira de mostrar que este lugar é deles." Os olhos de Raphael estavam brilhantes. Ele parecia quase animado. Jace olhou para ele de lado.

"Você alguma vez viu um vampiro, Raphael?" ele perguntou.

Raphael olhou para ele quase distraído. "Eu sei como eles se parecem. Eles são pálidos, mais magros do que os seres humanos, mas muito fortes. Andam como gatos e movem-se com a rapidez das serpentes. Eles são bonitos e terríveis. Como este hotel."

"Você acha que isso é bonito?" Clary perguntou, surpresa.

"Você poderia ver como ele era, anos atrás. Como uma anciã, que foi uma vez linda, mas o tempo tirou sua beleza. Você precisa imaginar esta escadaria da forma como ela foi uma vez, com as lâmpadas a gás iluminando tudo acima e abaixo dos degraus, como vagalumes no escuro, e os balcões cheios de pessoas. Não do jeito que é agora, tão..." Ele interrompeu, em busca de uma palavra.

"Quebrado?" Jace sugeriu secamente.

Raphael olhou quase assustado, como se Jace tivesse interrompido ele de seu devaneio. Ele riu tremulamente e se afastou.



Clary se virou para Jace. "Onde eles estão afinal? Os vampiros, eu quero dizer."

"Lá em cima, provavelmente. Eles gostam de estar no alto quando eles dormem, como os morcegos. E está quase amanhecendo."

Como fantoches com suas cabeças presas a cordas, ambos Clary e Raphael olharam para cima ao mesmo tempo. Não havia nada acima deles, mas o teto de afrescos, rachados e negros em alguns lugares como se tivesse sido queimado em um incêndio. Uma passagem arqueada a sua esquerda levava mais adentro da escuridão; os pilares em cada lado era gravado com motivos de folhas e flores. Quando Raphael olhou de volta para baixo, uma cicatriz na base de sua garganta, muito branca contra a sua pele marrom, cintilou como o piscar de um olho. Ela se perguntou como foi que ele conseguiu ela.

"Eu acho que devemos voltar para a escada dos empregados," ela sussurrou. "Eu me sinto muito exposta aqui."

Jace concordou. "Você percebe, que quando chegarmos lá, você vai ter que gritar por Simon e esperar que ele possa ouvi-la?"

Ela se perguntou se o medo que ela sentia aparecia em seu rosto. "Eu..."

Suas palavras foram cortadas por um curto grito descomunal. Clary girou.

Raphael.

Ele se foi, sem marcas na poeira mostrando onde ele teria caminhado, ou sido arrastado. Ela se aproximou de Jace, em reflexo, mas ele já estava em movimento, correndo em direção ao arco escancarado na parede e até as sombras mais além. Ela não podia vê-lo, mas seguiu o lampejo da luz de bruxa que ele carregava, como uma viajante sendo conduzida no meio de um pântano por um traíçoeiro fogo fátuo.

Além do arco havia o que tinha sido um grande salão de baile. O arruinado chão era de mármore branco, agora tão pessimamente quebrado que se assemelhava a um mar de um ártico gelo flutuante. Balcões curvados corriam ao longo das paredes, seus parapeitos cobertos por ferrugem. Espelhos emoldurados dourados estava pendurados em intervalos entre eles, cada um ornado com uma cabeça dourada de cupido. Teias de aranha eram levadas pelas correntes de ar úmido como antigos véus de casamento.

Raphael estava em pé no centro da sala, os braços a seu lado. Clary correu até ele, Jace seguiu mais lentamente atrás dela. "Você está bem?" ela perguntou sem fôlego.

Ele concordou lentamente. "Eu pensei ter visto um movimento nas sombras. Não era nada."

"Nós decidimos voltar a escada de empregados," Jace disse. "Não há nada neste andar."

Raphael acenou a cabeça. "Boa idéia."



Ele foi a frente para a porta, não olhando para ver se eles o seguiam. Ele tinha dado apenas alguns passos quando Jace disse, "Raphael?"

Rafael se virou, ampliando os olhos inquisitivamente, e Jace jogou sua faca.

O reflexos de Raphael foram rápidos, mas não rápidos o bastante. A lâmina acertou o alvo, a força do impacto golpeando ele com força. Seus pés moveram-se para baixo, e ele caiu pesadamente no chão de mármore rachado. Na turva luz de bruxa seu sangue parecia preto.

"Jace."

Clary sibilou em descrença, o choque esmagando através dela. Ele tinha dito que odiava os mundanos, mas ele nunca iria...

Quando ela se virou para ir até Raphael, Jace brutalmente a empurrou de lado. Ele próprio se jogou sobre o outro garoto e agarrou a faca acertando o peito de Raphael.

Mas Raphael foi mais rápido. Ele segurou a faca, e então gritou quando a mão dele entrou em contato com a cruz em forma de cabo. Esse fez barulho caindo no piso em mármore, a lâmina manchada de preto. Jace tinha uma mão cerrada no material da camisa de Raphael, a Sanvi na outra. Ela estava cintilando com uma luz brilhante que Clary poderia ver as cores novamente: o azul royal do papel de parede se descancando, as manchas de ouro no mármore no chão, a mancha vermelha difusa no peito de Raphael.

Mas Rafael estava rindo. "Você perdeu," ele disse, e sorrindo pela primeira vez, mostrando afiados incisivos brancos. "Você perdeu o meu coração."

Jace reforçou seu aperto. "Você se moveu no último minuto," disse. "Isso foi muito imprudente."

Raphael de cara amarrada cuspiu, vermelho. Clary andou para trás, olhando em crescente horror.

"Quando você descobriu?" Ele exigiu. Seu sotaque tinha sumido, suas palavras mais precisas e juntas agora.

"Eu acho que no beco," Jace disse. "Mas eu pensei que você nos levando até o interior do hotel, então se viraria contra nós. Uma vez que infringimos o limite, estaríamos fora da proteção do Pacto. Jogo justo. Quando não, eu pensei que poderia estar enganado. Então eu vi a cicatriz na sua garganta." Sentando um pouco para trás, ainda mantendo a lâmina na garganta de Raphael. "Eu pensei que quando a vi pela primeira vez, que sua corrente parecia do tipo que não reagiria a proximidade de uma cruz. E o que você fez, não você, quando você saiu para ver a sua família? O que é a cicatriz de uma pequena queimadura, quando seu tipo cicatriza tão rápido?"

Raphael riu. "Era só isso? Minha cicatriz?"



"Quando você deixou o saguão, seus pés não deixaram marcas na poeira. Então eu soube."

"Não foi o seu irmão que passou por aqui à procura de monstros e nunca saiu, não é?" Clary disse, percebendo. "Foi você."

"Vocês são ambos muito inteligentes," disse Raphael. "Apesar de não serem inteligentes o suficiente. Olhem para cima," ele disse, e levantou uma mão para o ponto no teto.

Jace golpeou sua mão sem mover o seu olhar de Raphael. "Clary. O que você vê?"

Ela levantou a cabeça lentamente, o pavor coalhando no poço de seu estômago.

Você precisa imaginar esta escadaria da forma como ela foi uma vez, com as lâmpadas a gás iluminando tudo acima e abaixo dos degraus, como vagalumes no escuro, e os balcões cheios de pessoas.

Eles estavam cheios de pessoas agora, fileiras e fileiras de vampiros com suas faces brancas de mortos, suas bocas vermelhas esticadas, fitando perplexos para baixo.

Jace ainda estava olhando para Raphael. "Você os chamou, não foi?"

Raphael ainda estava sorrindo. O sangue tinha parado de ser expelido da ferida em seu peito. "Isso importa? Existem muitos deles, até mesmo para você, Wayland."

Jace não disse nada. Embora ele não tivesse se deslocado, ele estava respirando curto e rápido, e Clary quase podia sentir a força do seu desejo de matar o garoto vampiro, de enfiar a faca no seu coração, e limpar aquele largo sorriso do seu rosto de sempre.

"Jace," ela disse advertindo. "Não o mate."

"Porque não?"

"Talvez possamos usá-lo como um refém."

Os olhos de Jace se ampliaram. "Um refém?"

Ela podia ver eles, muito deles, preenchendo a passagem arqueada, movimentando-se tão silenciosamente quanto os Irmãos da Cidade do Osso. Mas os irmãos não tinham a pele tão branca e incolor, nem as mãos que se curvavam em garras nas pontas...

Clary lambeu seus lábios secos. "Sei o que estou fazendo. Segure-o a seus pés, Jace."

Jace olhou para ela, então deu de ombros. "Tudo bem."

Raphael rebateu, "Isto não é engraçado."



"É por isso que ninguém está rindo." Jace levantou Raphael o deixando ereto, pressionando a ponta de sua faca entre as omoplatas de Raphael. "Eu posso furar o seu coração tão facilmente através das suas costas," ele disse. "Eu não me moveria se eu fosse você."

Clary se afastou deles, para enfrentar as formas escuras se aproximando. Ela elevou uma mão. "Parem bem aí," ela disse. "Ou ele vai colocar essa lâmina através do coração de Raphael."

Uma espécie de murmúrio correu através da multidão que poderia ser sussurros ou risadas. "Pare," Clary disse novamente, e desta vez Jace fez alguma coisa, que ela não viu o quê, que fez Raphael chorar surpreendido pela dor.

Um dos vampiros levantou um braço para segurar seus companheiros. Clary reconheceu ele como o rapaz magro e loiro com o brinco que ela tinha visto na festa de Magnus. "Ela quer dizer que," ele disse. "Eles são Caçadores de Sombras."

Outro vampiro empurrou seu caminho através da multidão para repousar ao seu lado, uma linda garota asiática com cabelo azul em uma saia de prata drapeada. Clary se perguntou se havia algum vampiro feio, ou talvez algum gordo. Talvez eles não faziam vampiros de pessoas feias. Ou talvez pessoas feias simplesmente não quisessem viver para sempre. "Caçadores de Sombras invadindo o nosso território," ela disse para ela. "Eles estão fora da proteção do Pacto. Eu digo para matar eles – eles tem matado o suficiente da nossa espécie."

"Qual de vocês é o mestre deste lugar?" Jace disse, sua voz muito superficial. "Deixe ele dar um passo a frente."

A garota expôs seus dentes afiados. "Não use a linguagem da Clave em nós, Caçador de Sombras. Você quebrou o seu precioso Pacto, vindo até aqui. A lei não irá protegê-lo."

"Isso é o suficiente, Lily," o garoto loiro disse acentuadamente. "A nossa mestre não está aqui. Ela está em Idris."

"Alguém deve manter as regras em seu lugar," observou Jace.

Houve um silêncio. Os vampiros nas varandas estavam dependurados ao longo dos parapeitos, inclinados para baixo para ouvir o que era dito. Finalmente, "Raphael nos lidera," disse o vampiro loiro.

A garota de cabelo azul, Lily, deu um silvo de desaprovação. "Jacob."

"Eu proponho uma troca," Clary disse rapidamente, cortando o discurso de Lily e a réplica de Jacob. "Mesmo agora vocês devem saber que vocês levaram para casa algumas pessoas da festa esta noite. Uma delas era o meu amigo Simon."

Jacob levantou suas sobrancelhas. "Você é amiga de um vampiro?"



"Ele não é um vampiro. E não é um Caçador de Sombras também," ela acrescentou, vendo os olhos estreitos de Lily. "Apenas um simples humano."

"Nós não trouxemos para casa nenhum garoto humano da festa de Magnus. Isso teria sido uma violação do Pacto."

"Ele tinha sido transformado em um rato. Um pequeno rato marrom," Clary disse. "Alguém pode ter pensado que ele era um animal de estimação, ou..."

Sua voz falhando. Eles estavam olhando para ela como se ela estivesse louca. Um frio desespero penetrou em seus ossos.

"Deixa ver se eu entendi," Lily disse. "Você está oferecendo a troca de Raphael pela vida de um rato?"

Clary olhou de volta sem resposta para Jace. Ele deu um olhar que dizia, *Esta idéia foi sua. Você está por sua conta.*

"Sim," ela disse, virando de volta para os vampiros. "Essa é a troca que estamos oferecendo."

Eles olharam para ela, suas faces brancas quase inexpressivas. Em outro contexto Clary teria dito que eles pareciam desconcertados.

Ela podia sentir Jace em pé atrás dela, ouvindo sua respiração irritada. Ela se perguntou se ele estava procurando em seu cérebro tentando descobrir o porquê ela deixou ele ser arrastado até aqui, em primeiro lugar. Ela se perguntou se ele estava começando a odiar ela.

"Você quer dizer este rato?"

Clary piscou. Outro vampiro, um rapaz magro com tranças pretas, tinha empurrado seu caminho para a frente da multidão. Ele estava segurando algo em suas mãos, algo marrom que contorcia-se com delicadeza. "Simon?" ela sussurrou.

O rato guinchou e começou a se rebater selvagememente no aperto do garoto. Ele olhou para baixo no cativeiro do roedor com uma expressão de desagrado. "Cara, eu pensei que ele era Zeke. Eu estava me perguntando o porquê dele estar se esquivando com tanta atitude." Ele balançou a cabeça, suas tranças balançando. "Cara, eu digo que ela pode pegar ele. Ele já me mordeu umas cinco vezes."

Clary se aproximou de Simon, suas mãos ansiosas para abraçá-lo. Mas Lily deu um passo a frente dela antes que ela pudesse dar mais um passo em sua direção. "Espere," Lily disse. "Como saberemos que você não vai simplesmente pegar o rato e matar Raphael afinal?"

"Nós vamos dar a nossa palavra," Clary disse imediatamente, então ficou tensa, esperando que eles rissem.



Ninguém riu. Raphael xingou suavemente em espanhol. Lily olhou curiosamente para Jace.

"Clary," ele disse. Havia ali corrente desespero exasperado oculto em sua voz. "Isso é realmente um... "

"Sem juramento, sem troca," Lily disse imediatamente, apreensão em seu tom incerto. "Elliott, segure o rato."

O garoto com tranças reforçou o seu controle sobre Simon, que afundou os dentes selvagemmente na mão de Elliott. "Cara," ele disse com mal humor. "Isso dói."

Clary aproveitou a oportunidade para sussurrar para Jace. "Só jure! Isso não vai machucar?"

"Juramento para nós não é como para vocês mundanos," ele respondeu de volta com raiva. "Eu sempre vou estar preso a qualquer juramento que eu faça."

"Ah, é? O que aconteceria se você quebrasse ele?"

"Eu não iria quebrá-lo, esse é o ponto..."

"Lily está certa," disse Jacob. "Um juramento é exigido. Jure que não vai machucar Raphael. Mesmo quando nós dermos o rato de volta."

"Não vou machucar Raphael," Clary disse imediatamente. "Não importa o quê."

Lily sorriu para ela tolerantemente. "Não é com você que estamos preocupados." Ela apontou um tiro de olhar para Jace, que estava segurando Raphael tão apertadamente que os nós de seus dedos estavam brancos. Uma mancha de suor escureceu o pano de sua camisa, entre seus ombros.

Ele disse, "Tudo bem. Eu vou jurar."

"Fale o juramento," Lily disse rapidamente. "Jure sobre o Anjo. Diga tudo."

Jace balançou a cabeça. "Você jura primeiro."

Suas palavras caíram em silêncio como pedras, enviando uma onda de murmúrios através da multidão. Jacob pareceu preocupado; Lily furiosa. "Sem chance, Caçador de Sombras."

"Temos o seu líder." A ponta da faca de Jace escavou mais fundo a garganta de Raphael. "E o que você tem aí? Um rato."

Simon, preso nas mãos de Elliott, guinchou furiosamente. Clary desejou poder tentar agarrá-lo, mas se segurou a si mesma. "Jace..."

Lily olhou para Raphael. "Mestre?"



Raphael tinha sua cabeça inclinada para baixo, seus cachos escuros caídos escondiam seu rosto. Sangue corava o colarinho de sua camisa, escorrendo por baixo de sua nua pele marrom. "Um rato muito importante," ele disse, "para você vir aqui por todo esse caminho para ele. É você, Caçador de Sombras, eu penso, que irá jurar primeiro."

A contenção de Jace sobre ele apertando convulsivamente. Clary viu o aperto da musculatura sob a pele, o branqueamento de seus dedos e nas laterais da boca dele enquanto ele lutava com sua raiva.

"O rato é um mundano," ele disse abruptamente. "Se você matar ele, você estará sujeito à Lei..."

"Ele está no nosso território. Invasores não são protegidos pelo Pacto, você sabe que..."

"Vocês o trouxeram para cá," Clary interrompeu. "Ele não invadiu."

"Tecnicamente," Rafael disse, sorrindo para ela, não obstante a faca na garganta dele. "Além disso. Você acha que nós não ouvimos os rumores, a notícia que está correndo através do Downworld, como sangue através das veias? Valentine está de volta. Não haverá nenhum Acordo e nenhum Pacto em breve."

Jace sacudiu sua cabeça acima. "Onde você ouviu isso?"

Raphael franziu as sobrancelhas com desdém. "Todo Downworld sabe. Ele pagou um bruxo para levantar um bando de Raveners apenas uma semana atrás. Ele enviou seus Esquecidos para procurar a Taça Mortal. Quando ele encontrá-la, não haverá mais a falsa paz entre nós, só a guerra. Nenhuma Lei me impedirá de jogar o seu coração lá fora nas ruas, Caçador de Sombras..."

Isso foi o suficiente para Clary. Ela pulou em cima de Simon, jogando Lily de lado, e arrebatou o rato para fora das mãos de Elliott. Simon subiu em seu braço, agarrando-se em sua manga com patas frenéticas.

"Está tudo ok," ela sussurrou, "Está tudo ok." Embora ela soubesse que não. Ela se virou para correr, e sentiu mãos segurando sua jaqueta, prendendo ela. Ela lutou, mas seus esforços para se libertar, livre das mãos que a seguravam – Lily, estreitas e ósseas com unhas pretas, estava a atrasando em seu medo de desalojar Simon, que aderiria à sua jaqueta com patas e dentes. "Me solte!" ela gritou, chutando a garota vampiro. Ela chutou o dedo do pé dela, forte, e Lily gritou com dor e raiva. Ela moveu sua mão com rapidez a frente, acertando Clary na bochecha com força suficiente para jogar a cabeça dela para trás.

Clary oscilou e quase caiu. Ela ouviu Jace gritar seu nome, e se virou para ver que ele tinha largado Raphael e estava correndo na direção dela. Clary tentou ir para ele, mas seus ombros foram agarrados por Jacob, seus dedos cavando em sua pele.

Clary gritou, o som se perdeu no ruído do grito elevado de Jace, apanhando um dos frascos de vidro de sua jaqueta, e jogando o seu conteúdo na direção dela. Ela sentiu



o úmido frio respingar em seu rosto, e ouviu Jacob gritar quando a água tocou sua pele. Fumaça subiu de seus dedos e ele libertou Clary, uivando como um grande animal. Lily se arremessou sobre ele, chamando o seu nome e, no tumulto, Clary sentiu alguém agarrar seu pulso. Ela lutou para manter a distância.

"Pare sua idiota, sou eu," Jace ofegou em sua orelha.

"Oh!" Ela relaxou momentaneamente, em seguida, ficou tensa novamente, vendo uma familiar forma surgir atrás Jace. Ela gritou e Jace mergulhou e se virou apenas quando Raphael saltou em cima dele, dentes à mostra, rápido como um gato. Seus dentes pegaram a camisa de Jace perto do ombro e rasgou o tecido longitudinalmente enquanto Jace ficava chocado. Raphael se agarrou como um aperto de uma aranha, os dentes próximos à garganta de Jace. Clary tateou em sua mochila pela adaga que Jace lhe deu...

Uma pequena forma marrom cruzou o chão, acertando os pés de Clary, e lançando-se sobre Raphael.

Raphael gritou. Simon se pendurou violentamente no seu antebraço, os seus acentuados dentes de rato afundaram profundamente na carne. Raphael largou Jace, debatendo-se para trás, sangue esguinchava enquanto um fluxo de obscenidades em espanhol vertiam de sua boca.

Jace interrompeu, sua boca aberta. "Filho da..."

Recuperando seu equilíbrio, Raphael arrancou o rato libertando seu braço e o lançou no chão em mármore. Simon guinchou uma vez com dor e, então foi para Clary. Ela se abaixou e o arrebatou, segurando ele contra o peito dela tão apertado quanto ela poderia, sem machucar ele. Ela poderia sentir o ritmo do seu minúsculo batimento cardíaco contra seus dedos. "Simon," ela sussurrou. "Simon..."

"Não há tempo para isso. Segure ele." Jace tinha segurado ela pelo seu braço direito, pressionando com uma força dolorosa. Na outra mão ele segurava uma reluzente lâmina serafim. "Ande."

Ele começou meio que empurrando e puxando ela até o canto da multidão. Os vampiros piscaram se afastando da luz da lâmina serafim que se arremessava sobre eles, todos eles sibilaram como gatos escaldados.

"Chega de ficar ao redor deles!" Era Raphael. O braço dele estava fluindo sangue, os lábios curvados sobre seus incisores afiados. Ele olhou para a apinhada massa de vampiros rondando em confusão. "Ataquem os invasores," ele gritou. "Matem eles, o rato também!"

Os vampiros começaram a ir em direção de Jace e Clary, alguns deles caminhando, outros deslizando, outros se lançando das varandas acima como oscilantes morcegos preto. Jace aumentou seu passo enquanto eles se livravam do grupo, indo em direção à parede mais distante. Clary se contorceu, girando em volta para olhar para ele. "Nós não deveríamos ir mais e mais para trás, ou algo assim?"

"O que? Por que?"



"Eu não sei. No cinema é o que eles fazem neste tipo de situação..."

Ela sentiu ele estremecer. Ele estava assustado? Não, ele estava rindo. "Você," ele respirou. "Você é a mais..."

"A mais o quê?" ela exigiu indignadamente. Eles ainda estavam se apoiando, andando cuidadosamente para evitar os pedaços de móveis quebrados e os pedaços de mármore que descansavam sobre o piso. Jace levantou a lâmina do anjo acima das suas cabeças. Ela podia ver a forma como os vampiros circulavam ao redor das bordas do brilhante círculo que se lançava. Ela se perguntou por quanto tempo aquilo os manteria fora.

"Nada," ele disse. "Esta não é uma situação, ok? Eu guardei esta palavra para quando as coisas estão realmente ruins."

"*Realmente* ruim? Isto não é realmente ruim? O que você quer, uma bomba nuclear..."

Ela rompeu com um grito quando Lily, desafiando a luz, se lançou em Jace, dentes a mostra em um rosnar insensível. Jace puxou a segunda lâmina do seu cinto e a lançou através do ar; Lily gritando alto caiu para trás, um longo corte profundo fritando seu braço. Enquanto ela cambaleava, os outros vampiros adiantaram-se ao seu redor. *Havia tantos deles*, Clary pensou, *tantos...*

Ela bateu no seu cinto, fechando os dedos em torno do cabo da adaga. Ela sentia fria e diferente, em sua mão. Ela não sabia como usar uma faca. Ela nunca bateu em ninguém, muito menos, esfaqueou. Ela mesmo escapou da aula de ginástica no dia em que eles ensinaram como repelir ladrões e estupradores com objetos comuns como chaves de carro e lápis. Ela puxou a adaga a libertando, a levantou com uma mão trêmula...

As janelas explodiram para dentro em um chuveiro de vidros quebrados. Ela se ouviu gritar, viu os vampiros – a apenas um braço de distância dela e de Jace – girando atônitos, o choque confundindo com o terror em seus rostos. Através das janelas destroçadas vieram dezenas de formas lustrosas, quadrúpedes e mais próximas ao chão, suas peles de animal espalhando a luz da lua e pedaços de vidro quebrado. Seus olhos eram azuis como o azul do fogo, e a partir de suas gargantas veio um combinado rosnar baixo que soou como um agitar da queda de uma cachoeira.

Lobisomens.

"Agora isso," Jace disse, "esta é uma situação."



15 – Alto e Seco

Os lobos encurvados, abaixo e raivosos, e os vampiros, parecendo espantados, se afastaram. Apenas Raphael permaneceu onde estava. Ele ainda segurava seu braço ferido, sua camisa uma bagunça manchada de sangue e sujeira. "Los Niños de la Luna," ele sibilou. Mesmo Clary, cujo espanhol era quase inexistente, sabia que ele tinha dito. *As crianças da lua - lobisomens*. "Eu achei que eles se odiavam um ou outro," ela sussurrou para Jace. "Vampiros e lobisomens."

"Eles se odeiam. Eles nunca vão ao covil um do outro. Nunca. O Pacto proíbe isso." Ele parecia quase indignado. "Algo deve ter acontecido. Isto é ruim. Muito ruim."

"Como é que pode ser pior do que era antes?"

"Porque," ele disse, "estamos prestes a estar no meio de uma guerra."

"COMO VOCÊS SE ATREVEM A ENTRAR EM NOSSO LUGAR?" Raphael gritou. O rosto estava muito vermelho, coberto com sangue.

O maior dos lobos, um monstro listrado de cinza com dentes como os de um tubarão, deu uma ofegada como um cachorro rindo. Enquanto ele avançava, entre um passo e o próximo, ele pareceu deslocar e mudar como uma onda crescente se encurvando. Agora, ele era um homem alto e fortemente musculoso, com cabelos longos que estavam presos em um cordão cinza – como uma trança. Ele usava jeans e uma jaqueta de couro grosso, e ainda havia algo de lobo no conjunto de seu esguio rosto resistente ao tempo. "Não viemos para um banho de sangue," ele disse. "Nós viemos pela garota."

Raphael conseguiu parecer furioso e atônito de uma só vez. "Quem?"

"A garota humana." O lobisomem estendeu um braço rígido, apontando Clary.

Ela estava muito chocada para se mover. Simon, que tinha estado se contorcendo tentando se segurar, ficou imóvel. Atrás dela, Jace murmurou algo que soou distintamente blasfemante. "Não me diga que você conhece alguns lobisomens." Ela podia ouvir o ligeiro desprezo em seu tom superficial, ele estava tão surpreso quanto ela estava.

"Eu não," ela disse.

"Isso é ruim," Jace disse.

"Você disse isso antes."

"Parece que vale a pena repetir."

"Bem, não vale." Clary encolheu-se contra ele. "Jace. Estão todos olhando para mim."

Cada rosto estava voltado para ela; a maioria parecia espantada. Os olhos de Raphael estavam estreitos. Ele virou as costas para o lobisomem, lentamente. "Você não pode ter ela," ele disse. "Ela passou os limites de nossa terra, ela é nossa."



O lobisomem riu. "Estou tão feliz por você ter dito isso," ele disse, e se lançou em frente. Em meio ao ar, seu corpo ondulou, e ele era novamente um lobo, a cobertura de seus pêlos se eriçando, os maxilares escancarados, prontos para rasgar. Ele atingiu Raphael no nível do peito, e os dois foram um para cima do outro se contorcendo, os rosnados se confundindo. Como se respondendo aos uivos de raiva, os vampiros enfrentaram os lobisomens, se encontrando com eles no centro do salão.

O barulho era como algo que nunca Clary tinha ouvido. Se a pintura do inferno de Bosch tivesse uma trilha sonora, ela teria soado como isto.

Jace assobiava. "Raphael está realmente tendo uma excepcional noite ruim."

"Então o quê?" Clary não tinha qualquer simpatia para com o vampiro. "O que é que vamos fazer?"

Ele olhou ao redor. Eles estavam presos em um canto da barulhenta massa de corpos; e eles estavam sendo ignorados por agora, e não seria por muito tempo. Antes de Clary poder dizer esse pensamento, Simon subitamente guinchou violentamente, livre do seu aperto e saltou para o chão. "Simon!" Ela gritou enquanto ele se lançava para o canto em uma pilha apodrecida de cortinas de veludo. "Simon, pare!"

As sobrelhas de Jace se eleveram inquisitivamente. "O que é que ele..." Ele agarrou o seu braço, sacudindo ela de volta. "Clary, não siga o rato. Ele está fugindo. Isso é o que os ratos fazem."

Ela lhe atirou um olhar furioso. "Ele não é um rato. Ele é Simon. E ele mordeu Raphael por você, seu cretino ingrato." Ela puxou com força seu braço livre e se atirou após Simon, que estava encolhido nas pregas da cortina, tremendo com entusiasmo e mexendo as patas para eles. Tardiamente, percebendo o que ele estava tentando dizer a ela, ela puxou as cortinas de lado. Elas estavam pegajosas com o bolor, mas por detrás delas havia...

"Uma porta," ela respirava. "Você é um rato gênio."

Simon chiou modestamente enquanto ela o levantava. Jace foi logo atrás dela. "Uma porta, hein? Bem, ela está aberta?"

Ela agarrou a maçaneta e se virou para ele, cabisbaixa. "Está fechada. Ou bloqueada."

Jace se atirou contra a porta. Ela não se moveu. Ele xingou. "Meu ombro nunca mais será o mesmo. Eu espero que você cuide de mim até eu voltar a ter saúde."

"Apenas quebre a porta, você vai?"

Ele olhou atrás dela, com os olhos bem abertos. "Clary..."

Ela se virou. Um enorme lobo tinha se afastado da briga e estava correndo na direção dela, orelhas achatadas em sua estreita cabeça. Era enorme, cinza, preto e listrado,



com uma longa e vermelha língua para fora. Clary gritou. Jace se atirou contra a porta novamente, ainda praguejando. Ela alcançou o seu cinto, agarrando o punhal, e o atirou.

Ela nunca tinha jogado uma arma antes, nunca pensou sequer em jogar uma. O mais próximo que ela tinha chegado de armamento antes desta semana, era para tirar fotos delas, por isso que Clary estava mais surpresa do que quem quer que fosse, ela suspeitou, quando a adaga voou, vacilante mas de verdade, e se afundou no lado do lobisomem.

Ele ganiu, vagarosamente, mas três de seus companheiros já estavam correndo na direção dele. Um parou ao lado do lobo ferido, mas os outros se lançaram para a porta. Clary gritou novamente, enquanto Jace arremessava seu corpo contra a porta uma terceira vez. Deu com um explosivo barulho agudo de trituração da ferrugem e de madeira estilhaçando. "Três vezes o encanto," ele ofegou, segurando seu ombro. Ele mergulhou no escuro abrindo espaço para além da porta quebrada, e se virou para segurar uma impaciente mão. "Clary, vamos lá."

Com um suspiro ela se arremessou após ele e se atirou na porta fechada, justo quando dois corpos estrondaram pesados contra ela. Ela tateou pela maçaneta, mas tinha desaparecido, despedaçada para longe onde Jace tinham quebrado através dela.

"Se abaixe," ele disse, e enquanto ela fazia, a estela chicoteou sobre sua cabeça, cortando linhas escuras na pulverizada madeira da porta. Ela suspendeu o pescoço para ver o que ele tinha esculpido: uma curva como uma foice, três linhas paralelas, uma estrela emitindo raios: *Para segurar contra a perseguição*.

"Eu perdi a sua adaga," ela confessou. "Me desculpe."

"Isso acontece." Ele guardou sua estela. Ela podia ouvir os baques indistintos enquanto os lobos se lançavam contra a porta de novo e de novo, mas eram detidos. "A runa irá mantê-los para trás, mas não por muito tempo. É melhor nos apressarmos."

Ela olhou para cima. Eles estavam em uma passagem úmida; um estreito conjunto de escadas subiam para escuridão. Os degraus eram de madeira, o corrimão membranoso com poeira. Simon impulsionou seu nariz para fora do bolso de sua jaqueta, seus olhos de botão preto brilharam na luz fraca. "Tudo bem," ela acenou para Jace. "Você vai primeiro."

Jace pareceu como se quisesse sorrir, mas estava muito cansado. "Você sabe como eu gosto de ser o primeiro. Mas lentamente," ele acrescentou. "Não estou certo de que a escada possa manter o nosso peso."

Clary também não tinha certeza. Os degraus rangiam e gemiam enquanto eles subiam, como uma anciã reclamando de suas dores e sofrimentos. Clary apertou o corrimão para ter equilíbrio, e um pedaço dele se quebrou caindo de sua mão, fazendo ela guinchar e forçando um exausto sorriso de Jace. Ele tomou a mão dela. "Aqui. Se firme".

Simon fez um som que, para um rato, soou muito parecido com um bufar. Jace



pareceu não ter ouvido. Eles estavam tropeçando nos degraus tão rapidamente quando eles avançavam. A passagem subia em uma grande espiral, pelo meio do edifício. Eles passaram andar após andar, mas sem portas. Eles tinham chegado ao quarto sem nenhum sinal distintivo, quando uma explosão abafada balançou as escadas, e uma nuvem de poeira rolou para cima.

"Eles conseguiram passar pela a porta," disse Jace violentamente. "Maldição, eu pensei que daria para deter por mais tempo."

"Vamos correr agora?" Clary indagou.

"Agora vamos correr," ele disse, e eles ribombaram subindo as escadas, que choramingava e gemia sob seu peso, os pregos estalando como tiros. Eles estavam no quinto andar agora – ela podia ouvir o suave baque-baque das patas dos lobos sobre os degraus inferiores agora, ou talvez tenha sido apenas a sua imaginação. Ela sabia que não havia realmente ar quente na parte de trás do pescoço dela, mas os rosnados e uivos, ficaram mais altos quanto mais perto eles estavam, eram reais e aterradores.

O sexto andar passou na frente deles e eles meio quase continuaram se lançando a si mesmos. Clary estava arfando, sua respiração passando dolorosamente em seus pulmões, mas ela exprimiu um fraca animação quando ela viu uma porta. Era de aço pesado, rebitado com pregos, e apoiada aberta com um tijolo. Ela quase não teve tempo para perguntar por que razão, quando Jace chutou ela aberta, empurrando ela através, e, depois, batendo ela fechada. Ela ouviu um definitivo clique, uma vez que ficou trancada atrás deles. *Graças a Deus*, ela pensou.

Então ela olhou ao redor.

O céu noturno rodava acima dela, espalhado com estrelas como um punhado de diamantes soltos. Não estava negro, mas um claro azul escuro, a cor próxima do amanhecer. Eles estavam em pé em um telhado de ardósia em forma de torre com chaminés de tijolos. Uma velha torre de água, preta pela negligência, foi levantada sobre uma plataforma de uma das pontas; uma pesada lona ocultava uma pilha cheia de pedaços de sucata uma sobre a outra. "Ali deve ser o modo como eles entram e saem," Jace disse, olhos de volta na porta. Clary podia vê-lo propriamente agora na luz pálida, as linhas de tensão em torno de seus olhos como cortes superficiais. O sangue em suas roupas, principalmente o de Raphael, parecia preto. "Eles voam até aqui. Não é que isso nos faça muita coisa boa."

"Deve haver um escada de incêndio," Clary sugeriu. Juntos, eles escolheram cuidadosamente o seu caminho à beira do telhado. Clary nunca tinha gostado de altura, e o décimo andar em relação a rua, fez o estômago dela rodar. Então havia um sinal de escada de incêndio, um retorcido, e inutilizável pedaço de metal ainda agarrado ao lado da pedra fachada do hotel. "Ou não," ela disse. Ela olhou de volta à porta em que eles haviam emergido. Foi fundada em uma estrutura como uma cabine no centro do telhado. Estava vibrando, a maçaneta sacudindo selvagememente. É só iria segurar por mais alguns minutos, talvez menos.

Jace pressionou as costas das mãos contra os olhos dele. O ar pesado descia sobre eles, fazendo a parte de trás do pescoço de Clary espetar. Ela podia ver o suor



escorrendo em seu colarinho. Ela desejou, irrelevantemente, que estivesse chovendo. A chuva iria estourar essa bolha de calor como uma bolha furada.

Jace balbuciava para si mesmo. "Pense, Wayland, pense..."

Alguma coisa começou a tomar forma dentro da mente de Clary. Uma runa dançava contra o interior das pálpebras dela: dois triângulos descendente, ligados por uma única barra – uma runa como um par de asas...

"É isso," Jace respirou, soltando suas mãos, e por um atemorizado momento Clary se perguntou se ele tinha lido a sua mente. Ele parecia febril, os seus olhos dourados cobriam-se com manchas muito brilhantes. "Eu não posso acreditar que eu não pensei nisso antes." Ele se lançou na extremidade no fim do telhado e, então parou e olhou de volta para ela. Ela ainda estava de pé confusa, seu pensamento cheio do brilho fraco de formas. "Vamos, Clary."

Ela o seguiu, empurrando os pensamentos de runas de sua mente. Ele tinha chegado à lona e estava puxando a borda da mesma. Ela se afastou, revelando não lixo, mas brilhantes cromados, couro trabalhado, e pintura reluzente. "Motocicletas?"

Jace chegou a uma mais próxima, uma enorme Harley vermelha escura com chamas douradas no tanque e no pará-choque. Ele colocou uma perna por cima e olhou sobre seu ombro para ela. "Suba."

Clary o encarou. "Você está brincando? Você nem sabe como dirigir essa coisa? Você tem as chaves?"

"Eu não preciso de chaves," ele explicou com paciência infinita. "Ele roda em energias demoníacas. Agora, você vai subir, ou você quer montar em uma só para você?"

Entorpecida Clary deslizou na moto atrás dele. Em algum lugar, em alguma parte do seu cérebro, uma pequena voz estava gritando sobre aquilo ser uma péssima idéia.

"Bom," Jace disse. "Agora, ponha seus braços em volta de mim." Ela o fez, sentindo a musculatura rígida do seu abdômen contraído, enquanto ele se inclinava para frente e encravava a ponta da estela dentro da ignição. Para o seu espanto, ela sentiu o moto estremecer com vida sob ela. Em seu bolso Simon guinchou ruidosamente.

"Está tudo bem," ela disse, tão tranquilizante quanto ela podia. "Jace!" ela gritou, acima do som do motor da motocicleta. "O que você está fazendo?"

Ele gritou de volta algo que soava como "Pressionando o afogador!"

Clary piscou. "Bem, se apresse! A porta..."

Nesse momento, a porta do telhado explodiu aberta com um estalar, arrancada de suas dobradiças. Lobisomens fluíam através da lacuna, correndo pelo telhado em direção a eles. Acima deles, voavam os vampiros, sibiliando e guinchando, enchendo a noite com choros predatórios.

Ela sentiu o braço de Jace virar a guinada brusca a frente da moto, enviando o seu



estômago para trás em sua coluna. Ela agarrou com força, convulsivamente a cintura de Jace enquanto eles se atiravam à frente, os pneus patinando ao longo das ardósias, dispersando os lobos, que latiam enquanto eles saltavam de lado. Ela ouviu Jace gritar alguma coisa, suas palavras se despedaçaram se afastando pelo barulho das rodas, do vento e do motor. A borda do telhado estava vindo rápido, tão rápido, e Clary quis fechar seus olhos, mas algo segurou eles abertos enquanto a motocicleta esbarrava sobre o parapeito e mergulhava como uma pedra em direção ao solo, dez andares para baixo.

Se Clary gritou, ela não conseguiu lembrar mais tarde. Aquela foi como a primeira queda em uma montanha russa, onde a trilha cai e você se sente sozinho empurrado através do espaço, inutilmente acenando as mãos no ar e seu estômago comprimido ao redor de suas orelhas. Quando a moto se endireitou com um crepitar e uma sacudida, ela quase não ficou surpresa. Em vez de mergulharem descendo, eles estavam agora sendo empurrados em direção ao céu cheio de diamantes.

Clary olhou para trás e viu um grupo de vampiros de pé sobre o telhado do hotel, rodeado por lobos. Ela olhou para longe, se ela nunca mais visse o hotel novamente, que fosse bem breve.

Jace estava gritando, altos berros agudos de entusiasmo e alívio. Clary se inclinou para frente, braços apertados em volta dele. "Minha mãe sempre me disse que se eu andasse numa motocicleta com um garoto, ela iria me matar," ela falou acima do ruído do vento chicoteando passando em suas orelhas e o ensurdecido estrondo do motor.

Ela não podia ouvir ele rir, mas ela sentiu seu corpo tremer. "Ela não diria isso se ela me conhecesse," ele falou de volta para ela, confiantemente. "Eu sou um excelente motorista."

Tardiamente, Clary se lembrou de algo. "Eu pensei que vocês rapazes disseram que apenas *algumas* das motos dos vampiros podiam voar?"

Com habilidade, Jace virou eles em torno de um sinal de trânsito no processo de se tornar de vermelho para o verde. Abaixo, Clary podia ouvir as buzinas dos carros, as sirenes de ambulância lamentando, os ônibus bafejando em suas paradas, mas não ousava olhar para baixo. "Apenas algumas delas podem!"

"Como você sabia que esta era um delas?"

"Eu não sabia!" Ele pôs pra fora alegremente, e fez uma coisa que fez com que a moto subisse quase verticalmente no ar. Clary gritou e agarrou a sua cintura novamente.

"Você devia olhar para baixo!" Jace gritou. "É impressionante!"

A completa curiosidade forçou seu caminho passando pelo terror e pela vertigem. Engolindo com dificuldade, Clary abriu os olhos dela.

Eles estavam mais acima do que ela tinha notado, e por um momento a terra girou vertiginosamente debaixo dela, uma paisagem embaçada de sombra e luz. Eles



estavam voando para o leste, longe do parque, em direção à estrada que serpenteava ao longo da margem direita da cidade.

Houve uma dormência nas mãos de Clary, uma dura pressão em seu peito. Era ótimo, ela podia ver aquilo: a cidade subindo ao seu lado como uma violenta floresta de vidro e prata, o embotado tremular cinza do East River, cortando entre Manhattan e os municípios, como uma cicatriz. O vento estava frio em seus cabelos, em sua pele, delicioso depois de tantos dias de calor e pegajosidade. Ainda assim, ela nunca voou, nem sequer em um avião, e o grande espaço vazio entre eles e a terra aterrorizou ela. Ela não podia manter arqueado seus olhos, quase fechados, enquanto eles se atiraram ao longo do rio. Bastava seguir a ponte de Queensboro, Jace virou a moto para o sul se dirigindo aos pés da ilha. O céu tinha começado a clarear, e a distância Clary podia ver o arco brilhante da ponte do Brooklyn, e para além disso, uma mancha no horizonte, a Estátua da Liberdade.

"Você está bem?" Jace gritou.

Clary não disse nada, apenas o agarrou mais vigorosamente. Ele inclinou a moto e, em seguida, eles estavam navegando em direção à ponte, Clary podia ver estrelas através dos cabos de suspensão. Um trem de manhã cedo foi chacoalhando acima da Q, transportando um carregamento de sonolentos passageiros da madrugada. Ela pensou em quantas vezes ela tinha ido nesse trem. Uma onda de vertigem inundou ela, e ela fechou os olhos apertado, arfando com as náuseas.

"Clary?" Jace chamou. "Clary, você está bem?"

Ela balançou a cabeça, os olhos ainda fechados, sozinha no escuro e no rasgante vento, com apenas o arranhar de seu coração. Alguma coisa distinta arranhou contra seu peito. Ela a ignorou até que aquilo veio de novo, mais insistente. Fracamente abrindo um olho, ela viu que era Simon, cutucando sua cabeça para fora do seu bolso, puxando seu casaco com uma pata urgente. "Está tudo bem, Simon," ela disse com esforço, não olhando para baixo. "Foi apenas a ponte..."

Ele arranhou ela novamente, e então apontou uma pata urgente para a zona ribeirinha de Brooklyn, elevando-se sobre a sua esquerda. Tonta e doente, ela olhou e viu, além dos contornos dos armazéns e fábricas, uma faixa dourada do nascer do sol apenas visível, como a borda de uma pálida moeda coberta de ouro. "Sim, muito bonito," Clary disse, fechando os olhos dela novamente. "Lindo amanhecer."

Jace ficou todo rígido, como se ele tivesse sido baleado.

"Amanhecer?" gritou, então a moto sacudiu violentamente para a direita. Os olhos de Clary saltaram abertos enquanto eles mergulhavam em direção à água, que tinha começado a cintilar com o azul da aproximação do amanhecer.

Clary se inclinou tão perto de Jace quanto ela poderia ficar sem esmagar Simon entre eles. "O que há de tão ruim com o amanhecer?"

"Eu te falei! A bicicleta funciona com energias demoníacas!" Ele puxou para trás de modo que eles estavam no nível do rio, apenas deslizando ao longo da superfície com



as rodas jogando salpicos de água. A água do rio respingando no rosto de Clary. "Logo que o sol surge..."

A moto começou a travar. Jace xingando vivamente, batendo seu punho no acelerador. A moto se arremessou a frente uma vez e, em seguida, engasgou, vibrando debaixo deles como um cavalo empinando. Jace ainda estava praguejando enquanto o sol espreitava o esfacelado cais do Brooklyn, iluminando o mundo com clareza devastadora. Clary podia ver cada pedra, cada seixo embaixo dele enquanto eles transpunham o rio e ao longo do estreito banco. Abaixo deles estava a rodovia, já com o fluxo de tráfego da manhã. Eles apenas passaram aquilo, as rodas arranhando o teto de um caminhão passando. Além, estava o lixo espalhado no terreno do estacionamento de um enorme supermercado.

"Segurem-se em mim!" Jace estava gritando, enquanto a moto sacudia e estremecia debaixo deles. "Segurem-se em mim, Clary, e não deixe..."

A moto inclinou e atingiu o asfalto do estacionamento, a roda da frente primeiro. Ela se atirou em frente, balançando violentamente, e foi em um longo derrapar, saltando e batendo sobre o terreno irregular, lançando a cabeça de Clary para frente e para trás forçando o pescoço. O ar empestou de borracha queimada. Mas a moto estava diminuindo, derrapando em uma travada, e então eles atingiram uma barreira de concreto com tal força que ela foi levantada ao ar e arremessada de lado, a mão livre do aperto na cintura de Jace. Ela quase não teve tempo para se curvar em si mesma em uma bola de proteção, segurando seus braços tão fortes quanto possível e rezando para que Simon não fosse esmagado, quando eles atingiram o solo.

Ela bateu forte, a agonia gritando em seu braço. Algo molhou em seu rosto, e ela estava tossindo enquanto rebatia sobre ela, rolando sobre suas costas. Ela agarrou o seu bolso. Ele estava vazio. Ela tentou dizer o nome de Simon, mas o ar tinha sido nocauteado dela. Ela ofegou enquanto ela respirava o ar. Seu rosto estava molhado e a umidade estava correndo para sua gola.

Isso é sangue? Ela abriu seus olhos nubladamente. Ela sentiu seu rosto com um grande hematoma, seus braços, sentindo dor e picando, como carne crua. Ela tinha rolado para o seu lado e estava deitada meio dentro e meio fora de uma poça de água suja. O amanhecer tinha realmente vindo – ela podia ver os restos da moto, afundada em um amontoado de cinzas irreconhecível enquanto os raios de sol golpeavam ela.

E lá estava Jace, ficando dolorosamente nos pés dele. Ele começou a se apressar na direção dela, então diminui enquanto se aproximava. A manga de sua camisa estava rasgada fora e havia um longo arranhado sangrento ao longo de seu braço esquerdo. Seu rosto, sob a coberta dos cachos dourados escuros estavam emaranhados com suor, poeira e sangue, estava branco como um lençol. Ela se perguntou por que ele estava olhando daquele jeito.

Sua perna foi rasgada fora na área do estacionamento em algum lugar numa piscina de sangue?

Ela começou a lutar para cima e sentiu uma mão sobre seu ombro. "Clary?"



"Simon!"

Ele estava ajoelhado próximo a ela, piscando, como se ele não pudesse acreditar naquilo também. Suas roupas estavam amassadas e sujas, e ele havia perdido seus óculos em algum lugar, mas ele parecia, fora isso, ileso. Sem os óculos ele parecia mais jovem, indefeso, e um pouco ofuscado. Ele chegou a tocar seu rosto, mas ela hesitou para trás. "Ai!"

"Você está bem? Você parece ótima," ele disse, com uma surpresa em sua voz. "A melhor coisa que eu já vi..."

"Isso é porque você não tem os seus óculos," ela disse fracamente, mas se ela tinha esperado por uma resposta espertinha, ela não teve uma. Em vez disso ele jogou os braços em torno dela, segurando ela firmemente junto a ele. Suas roupas cheiravam a sangue, suor e sujeira, e seu coração estava batendo um milhão por um minuto e ele pressionava suas contusões, mas era um alívio, no entanto, ser abraçada por ele e saber, realmente saber, que estava tudo bem com ele. "Clary," ele disse asperamente. "Eu pensei, eu pensei que você..."

"Não voltaria para você? Mas é claro que eu iria," ela disse. "Claro que iria."

Ela colocou seus braços em volta dele. Tudo sobre ele era familiar, do tecido manchado de sua camiseta ao acentuado ângulo da clavícula que repousava sob seu queixo. Ele disse o nome dela, e ela o acalmou de volta reassegurando. Quando ela olhou de volta por apenas um momento, ela viu Jace desviar-se como se o brilho do sol nascente machucasse seus olhos.



16 – Anjos caídos

Hodge estava furioso. Ele tinha estado em pé no saguão, Isabelle e Alec ocultos por trás dele, quando os rapazes e Clary avançavam com dificuldade, imundos e cobertos de sangue, e ele tinha imediatamente se lançado em uma palestra que teria feito a mãe de Clary ficar orgulhosa. Ele não se esqueceu de incluir a parte sobre mentirem para ele sobre o local onde eles estavam indo – que Jace, aparentemente, tinha ido – ou sobre a parte de nunca confiar em Jace novamente, e mesmo acrescentado informações extras, como alguns detalhes sobre a quebra da Lei, sendo atirados para fora da Clave, e trazer vergonha sobre o orgulho e o antigo nome de Wayland. Se curvando para baixo, ele fixou Jace com um brilho intenso no olhar. "Você colocou em perigo outras pessoas com sua teimosia. Este é um incidente que eu não permitirei que você dê de ombros!"

"Eu não estava planejando," Jace disse. "Eu não posso encolher meus ombros. Meu ombro está deslocado."

"Se eu apenas pensasse que a dor física estivesse realmente intimidando você," Hodge disse com fúria sinistra. "Mas você vai apenas passar os próximos dias na enfermaria com Alec e Isabelle paparicando em torno de você. Você provavelmente ainda vai se divertir."

Hodge estava 66% correto: Ambos, Jace e Simon precisaram ficar na enfermaria, mas apenas Isabelle estava paparicando eles quando Clary – que tinha ido se limpar, veio algumas horas mais tarde. Hodge tinha cuidado do machucado que estava inchado em seu braço, e vinte minutos no chuveiro tinha retirado a maior parte da terra do asfalto para fora de sua pele, mas ela ainda se sentia esfolada e com dores.

Alec, sentado no assento da janela estava parecendo como uma nuvem negra de trovoadas, e fechou a cara quanto ela fechou a porta atrás dela. "Ah. É você."

Ela o ignorou. "Hodge disse que ele está a caminho e ele espera que vocês possam ambos se controlar se agarrando as suas cintilantes faíscas de vida até que ele chegue aqui," ela disse a Simon e a Jace. "Ou algo assim."

"Eu queria que ele se apressasse," Jace disse zangado. Ele estava sentado na cama contra um par de fofos travesseiros brancos, ainda vestindo sua roupa suja.

"Por quê? Dói?" Clary perguntou.

"Não. Eu tenho uma grande dor na soleira. Na verdade, é menos de uma soleira, e mais como um largo saguão decorado com bom gosto. Mas eu chego a ficar facilmente entediado." Ele deu uma olhada nela. "Você se lembra que no hotel você prometeu que se nós sobrevivêssemos, você iria se vestir em um uniforme de enfermeira e me daria um banho de esponja?"

"Na verdade, eu acho que você escutou errado," Clary disse. "Foi você que prometeu a Simon um banho de esponja."

Jace olhou involuntariamente para Simon, que sorriu para ele amplamente.



"Tão logo que eu estiver de pé, bonito."

"Eu sabia que deveria ter deixado você um rato," Jace disse.

Clary riu e foi ao encontro de Simon, que parecia profundamente desconfortável rodeado por dezenas de travesseiros e com cobertores sobre as suas pernas.

Clary se sentou na beira da cama de Simon. "Como você está se sentindo?"

"Como se alguém tivesse me massageado com um ralador de queijo," disse Simon, retrocendo enquanto ele puxava as suas pernas para cima. "Eu quebrei um osso do meu pé. Estava tão inchado que Isabelle teve que cortar o meu sapato fora."

"Fico feliz por ela estar cuidando bem de você." Clary deixou uma pequena quantidade de ácido arrastar em sua voz.

Simon se inclinou em frente, não tirando os seus olhos de Clary. "Eu quero falar com você."

Clary acenou em um meio-relutante consentimento. "Eu estou indo para o meu quarto. Venha me ver depois que Hodge cuidar de você, ok?"

"Claro." Para sua surpresa, ele se inclinou para frente e a beijou no rosto. Era um beijo de borboleta, um rápido tocar de lábios em sua pele, mas enquanto ela se afastava para longe, ela sabia que ela estava enrubescendo. Provavelmente, ela pensou, de pé, porque no momento todos estavam olhando para eles.

Fora no corredor, ela tocou sua bochecha, confundida. Um beijinho na bochecha não significa muito, mas era tão fora do caráter para Simon. Talvez ele estivesse tentando marcar um ponto com Isabelle? Homens, Clary pensou, eles eram tão confusos. E Jace, fazendo seu papel de príncipe ferido pela rotina. Ela saiu antes que ele pudesse começar a se queixar da quantidade de seus lençóis.

"Clary!"

Ela se virou em surpresa. Alec estava vindo a passos largos pelo corredor atrás dela, apressando em alcançá-la. Ele parou quando ela o fez. "Preciso falar com você."

Ela olhou para ele surpreendida. "Sobre o quê?"

Ele hesitou. Com a sua pele pálida e olhos azuis escuros, ele era tão impressionante quanto sua irmã, mas, ao contrário de Isabelle, ele fazia tudo que podia para minimizar sua aparência. As blusas gastas e os cabelos que parecia como se ele próprio tivesse cortado eles no escuro, eram apenas uma parte disso. Ele parecia desconfortável em sua própria pele. "Eu acho que você deveria ir embora. Vá para casa," ele disse.

Ela sabia que ele não gostava dela, mas aquilo ainda a fazia sentir como se levasse uma bofetada. "Alec, a última vez que fui para casa, ela estava infestada com o



Esquecido. E Raveners. Com presas. Ninguém quer ir para casa mais do que eu, mas..."

"Você deve ter parentes com quem você possa ficar?" Havia uma matiz de desespero em sua voz.

"Não. Além disso, Hodge quer que eu fique," ela disse curtamente.

"Ele não pode. Quero dizer, não depois do que você fez..."

"O que eu fiz?"

Ele engoliu áspero. "Você quase conseguiu que Jace fosse morto."

"Eu quase... do que é que você está falando?"

"Correndo atrás de seu amigo desse jeito, você sabe o quanto você colocou ele em perigo? Você sabe..."

"Ele? Você quer dizer Jace?" Clary cortou ele no meio da frase. "Para sua informação a coisa toda foi idéia dele. Ele perguntou a Magnus onde era o covil. Ele correu para a igreja para pegar armas. Se eu não tivesse ido com ele, ele mesmo assim teria ido."

"Você não entende," Alec disse. "Você não conhece ele. Eu o conheço. Ele acha que ele tem que salvar o mundo, ele ficaria feliz em matar a si mesmo tentando. Às vezes eu acho que ele quer mesmo morrer, mas isso não significa que você deva encorajar ele a fazê-lo."

"Eu não fiz isso," ela disse. "Jace é um Nephilim. Isto é o que vocês fazem, vocês salvam as pessoas, vocês matam demônios, vocês se colocam em perigo. Como a noite passada foi diferente?"

O controle de Alec se despedaçou. "Porque ele me deixou para trás!" ele gritou. "Normalmente eu fico com ele, dando cobertura, olhando a sua volta, mantendo ele a salvo. Mas você – você é um peso morto, uma mundana." Ele cuspiu para fora a palavra como se fosse uma obscenidade.

"Não," Clary disse. "Eu não sou. Eu sou uma Nephilim – assim como você."

Seus lábios se curvaram no canto. "Talvez," ele disse. "Mas sem treinamento, não há nada, você ainda não é muito útil, não é? Sua mãe a trouxe para o mundo mundano, e é onde você pertence. Não aqui, fazendo Jace agir como – como se ele não fosse um de nós. Fazendo ele quebrar seu juramento à Clave, fazendo ele quebrar a lei."

"Notícias rápidas," Clary respondeu. "Eu não fiz Jace fazer nada. Ele fez o que ele quis. Você deveria saber disso."

Ele olhou para ela como se ela fosse uma espécie nojenta do tipo de demônio que ele nunca tinha visto antes. "Vocês mundanos são completamente egoístas, não é mesmo? Você não tem nenhuma idéia do que ele fez por você, que tipo de riscos pessoais ele tomou? Eu não estou apenas falando de sua segurança. Ele podia perder



tudo. Ele já perdeu seu pai e mãe, você quer ter a certeza que ele perca a família que ele deixou para trás?"

Clary recuou. A raiva subiu sobre ela como uma onda negra contra Alec, porque ele estava parcialmente certo, e raiva contra tudo e todos: contra a estrada gelada que tinha tomado o pai dela para longe, antes dela nascer, contra Simon por quase ele próprio ter sido morto, contra Jace por ser um mártir e não se importar em viver ou morrer. Contra Luke por fingir que ele se preocupava com ela quando era tudo uma mentira. E contra a mãe dela por não ser a chata, normal, e casual mãe que ela tinha sempre pretendido ser, mas alguém completamente diferente: alguém corajoso e heróico, espetacular e a quem Clary não conhecia de forma nenhuma. Alguém que não estava lá agora, quando precisava dela desesperadamente.

"Você deve estar falando de egoísmo," ela sibilou, tão cruelmente que ele deu um passo para trás. "Você não pode cuidar de ninguém menos neste mundo, exceto de si próprio, Alec Lightwood. Não me admira que você nunca matou um único demônio, porque você tem muito medo."

Alec pareceu espantado. "Quem te disse isso?"

"Jace."

Ele olhou como se ela tivesse batido nele. "Ele não. Ele não diria isso."

"Ele disse." Ela podia ver como ela estava machucando ele, e isso fez ela ficar contente. Alguém deveria passar pela dor por uma mudança. "Você pode falar toda besteira que você quiser sobre honra e honestidade e como os mundanos não têm qualquer uma delas, mas se você fosse honesto, você poderia admitir que este ataque é apenas porque você está apaixonado por ele. Não tem nada a ver com..."

Alec se moveu, cegantemente rápido. Um acentuado estalo ressoou através da sua cabeça. Ele tinha empurrado ela contra a parede tão fortemente que a parte detrás de seu crânio tinha atingido os painéis de madeira. O rosto estava há centímetros do dela, os olhos grandes e negros. "Você nunca," ele sussurrou, a boca uma linha empalidecida, "nunca, dirá nada disso para ele ou eu vou matar você. Eu juro pelo Anjo, eu vou matar você."

A dor em seus braços, onde ele apertou era intensa. Contra a sua vontade, ela arfou. Ele piscou – como se ele estivesse despertado de um sonho e a soltou, agitando suas mãos para longe como se a pele dela tivesse queimado ele. Sem nenhuma palavra ele se virou e se apressou em direção à enfermaria. Ele estava se inclinando para o lado enquanto ele andavam como alguém bêbado ou com tonturas.

Clary esfregou a dor em seus braços, olhando após ele, horrorizada com o que ela tinha feito. *Bom trabalho, Clary. Agora você realmente fez ele odiar você.*

Ela deve ter caído instantaneamente na cama, mas apesar da sua exaustão, o sono permaneceu fora do seu alcance. Eventualmente, ela puxou o seu caderno de desenho e começou desenhando, apoiando o bloco contra seus joelhos. Ociosos rabiscos primeiro – um detalhe da fachada desmoronada do hotel vampiro: uma gárgula cheia de dentes com olhos salientes. Uma rua vazia, um único poste



derramando uma piscina amarela de iluminação, uma figura sombria posicionada no canto da luz. Ela desenhou Raphael em sua sangrenta camisa branca com a cicatriz da cruz em sua garganta. E então ela desenhou Jace em pé em cima do telhado, olhando dos 10 andares abaixo. Sem medo, mas como se a queda desafiasse ele – como se não houvesse espaço vazio que ele não pudesse preencher com a sua crença na sua própria invencibilidade. Como no sonho dela, ela desenhou ele com asas que curvavam por detrás de seus ombros em um arco, como as asas da estátua do anjo na Cidade do Osso.

Ela tentou desenhar sua mãe, por último. Ela tinha dito a Jace que ela não sentiu qualquer diferença após a leitura do livro Cinza, e foi a maior parte verdade. Agora, porém, enquanto ela tentava visualizar o rosto de sua mãe, ela percebeu que havia uma coisa que estava diferente em suas memórias de Jocelyn: Ela podia ver na mãe as cicatrizes dela, as pequenas marcas brancas que cobriam suas costas e nos ombros como se ela tivesse estado em pé em uma nevasca.

Aquilo doeu, sabendo que aquele jeito como ela sempre tinha visto a mãe, durante toda a sua vida, tinha sido uma mentira. Ela mergulhou o caderno sob seu travesseiro, seus olhos queimando.

Houve uma batida na porta – suave, hesitante. Ela limpou depressa seus olhos. "Entre."

Era Simon. Ela não tinha focado o quanto bagunçado ele estava. Ele não tinha tomado banho, e suas roupas estavam rasgadas e manchadas, o cabelo emaranhado. Ele hesitou na porta, estranhamente formal.

Ela deslizou para o lado, abrindo espaço para ele na cama. Não havia nada de estranho sobre se sentar na cama com Simon; eles tinham dormido na casa um do outro durante anos; faziam tendas fortes com os cobertores quando eles eram pequenos, ficavam lendo quadrinhos quando eles eram mais velhos.

"Você achou os seus óculos," ela disse. Uma lente estava rachada.

"Eles estavam no meu bolso. Eles estavam bem melhor do que eu tinha esperado. Vou ter que escrever um bilhete agradecido para LensCrafters." Ele se sentou ao lado cuidadosamente.

"Hodge cuidou de você?"

Ele acenou. "Sim. Eu ainda me sinto como se tivesse trabalhado com uma chave de roda, mas nada está quebrado, não mais." Ele se virou para olhar para ela. Seus olhos por detrás dos óculos arruinados eram os olhos que ela se lembrava: escuros e sérios, rodeados pelo tipo de sarcasmo dos garotos que não se importavam com isso e garotas que poderiam matar por isso. "Clary, a forma que você veio por mim – que você arriscaria tudo o que..."

"Não." Ela levantou uma mão sem jeito. "Você teria feito isso por mim."

"É claro," ele disse, sem arrogância ou pretensão, "mas eu sempre pensei que essa era a forma como as coisas eram, com a gente. Você sabe."



Ela se mexeu em torno para encarar ele, perplexa. "O que você quer dizer?"

"Eu quero dizer," Simon disse, como se ele estivesse surpreso em se encontrar tendo que explicar algo que devia ter sido óbvio, "Eu sempre fui quem precisava de você, mais do que você precisava de mim."

"Isso não é verdade." Clary estava horrorizada.

"É," disse Simon com a mesma enervante calma. "Você nunca pareceu realmente precisar de ninguém, Clary. Você sempre foi assim tão... contida. Tudo o que você sempre precisou foram seus lápis e seus mundos imaginários. Tantas vezes eu tive que te dizer coisas seis, sete vezes antes que você mesmo respondesse, você estava tão longe. E depois você se virava para mim e sorria um sorriso engraçado, e eu sei que você esquecia tudo sobre mim e apenas se recordava, mas eu nunca fiquei bravo com você. Metade da sua atenção era melhor do que tudo de qualquer um."

Ela tentou pegar a mão dele, mas pegou os seus pulsos. Ela podia sentir o pulso sob sua pele. "Eu apenas amei três pessoas na minha vida," ela disse. "Minha mãe, Luke, e você. E eu perdi todos eles, exceto você. Jamais pense que você não é importante para mim, nunca pense isso."

"Minha mãe diz que você só precisa de três pessoas que você possa contar para alcançar a auto-realização," Simon disse. Seu tom era leve, mas a sua voz meio que quebrou no meio de "realização".

"Ela disse que você parece bastante auto-realizada."

Clary sorriu para ele com tristeza. "Será que a sua mãe tem outras palavras de sabedoria sobre mim?"

"Sim." Ele retornou seu sorriso um, só que torto. "Mas não vou dizer a você quais elas eram."

"Não vale guardar segredos!"

"Quem nunca disse que o mundo era justo?"

No final, eles deitaram um contra o outro como eles faziam quando eram crianças: ombro a ombro, a perna de Clary atirada sobre a de Simon. Seus dedos vieram para debaixo de seu joelho. Deitados em suas costas, eles olhavam para cima no teto enquanto eles conversavam, um hábito que sobrou do tempo em que o teto de Clary tinham sido coberto com cola e estrelas que emitiam luz no escuro. Enquanto Jace cheirava a sabonete e limões, Simon cheirava a alguém que tinha rolado em torno da área do estacionamento de um supermercado, mas para Clary não importava.

"A coisa estranha é," Simon girou um cacho de cabelos em torno do seu dedo – "Eu estava brincando com Isabelle sobre vampiros justo antes de tudo acontecer. Só tentando fazê-la rir, sabe? O que dos judeus deixam loucos os vampiros? Estrelas prateadas de David? Figado picado? Trocos de dezoito dólares?"



Clary riu.

Simon pareceu satisfeito. "Isabelle não riu."

Clary pensou em um certo número de coisas que ela queria dizer, e não disse. "Não estou certa de que Isabelle tem esse tipo de humor."

Simon cortou um olhar de lado para ela debaixo de seus cílios. "Ela está dormindo com Jace?"

Clary esquinçou de surpresa virando uma tosse. Ela olhou para ele. "Eww, não. Eles são praticamente parentes. Eles não fariam isso." Ela interrompeu. "Eu acho que não, de qualquer maneira."

Simon deu de ombros. "Não que eu me importe," disse firmemente.

"Claro que você se importa."

"Eu não!" Ele rolou para o lado dele. "Sabe, eu pensei que Isabelle parecia, eu não sei – legal. Emocionante. Diferente. Então, na festa, eu percebi que ela era realmente louca."

Clary franziu seus olhos para ele. "Ela disse para você beber o coquetel azul?"

Ele balançou sua cabeça. "Isso tudo fui eu. Eu vi você ir embora com Jace e Alec, e eu não sei... Você estava tão diferente do habitual. Você *parecia* tão diferente. Eu não podia ajudar pensando que você já tinha mudado, e neste novo mundo de vocês, me deixariam de fora. Eu queria fazer alguma coisa que iria me tornar mais parte dele. Então, quando um pequeno cara verde veio com a bandeja de bebidas..."

Clary rosnou. "Você é um idiota."

"Eu nunca teria reclamado, fora isso."

"Desculpe. Foi horrível?"

"Ser um rato? Não. Em primeiro lugar, foi desorientador. De repente eu estava no nível do tornozelo de todos. Pensei que tinha bebido uma poção encolhedora, mas eu não notei o por que eu tinha essa urgência de mastigar embalagem de chicletes mascados."

Clary sorriu. "Não. Eu quero dizer o hotel vampiro – o que foi horrível?"

Algo vacilou atrás dos olhos dele. Ele parecia distante. "Não. Eu realmente não lembro muito entre a festa e a chegada no estacionamento."

"Provavelmente é melhor desse jeito."

Ele começou a dizer algo, mas foi detido no meio de um bocejo. A luz no quarto tinha lentamente desbotado. Desembaraçando a si mesma de Simon e os lençóis da cama,



Clary se levantou e empurrou de lado as cortinas da janela. No exterior, a cidade estava banhada pelo brilho do pôr do sol avermelhado. O prateado telhado do prédio da Chrysler, cinquenta quadras abaixo, brilhava como um atizador longo na fogueira. "O sol está se pondo. Talvez devêssemos procurar por jantar."

Não houve resposta. Voltando, ela viu que Simon estava dormindo, os braços dobrados em sua cabeça, as pernas esparramadas. Ela suspirou, foi até a cama, tirando seus óculos, e colocando eles na cabeceira. Ela não podia contar quantas vezes ele adormeceu com eles, e era acordado pelo som das lentes quebrando.

Agora, onde eu vou dormir?

Não que ela tinha em mente em compartilhar a cama com Simon, mas ele não tinha exatamente deixado qualquer espaço. Ela considerou cutucá-lo para o acordar, mas ele parecia tão tranquilo. Além disso, ela não estava com sono. Ela estava apenas alcançando seu bloco de desenho debaixo do travesseiro quando uma batida soou à porta.

Ela caminhou descalça pelo quarto e girou a maçaneta calmamente. Era Jace. Limpo, em jeans e uma camisa cinza, o cabelo lavado em um halo de úmido ouro. As contusões em seu rosto já estavam desvanecendo de púrpura a um cinza apagado, e suas mãos estavam atrás de suas costas.

"Estava indo dormir?" ele perguntou. Não havia pesar em sua voz, só curiosidade.

"Não." Clary andou fora para o corredor, puxando a porta fechada atrás dela. "Por que você acha isso?"

Ele olhou seu conjunto de top de algodão azul-bebê e os shorts de dormir. "Por nada."

"Eu estive na cama a maior parte do dia," disse ela, o que era tecnicamente verdade. Vendo ele, seu nível de nervosismo subiu cerca de mil por cento, mas ela não viu qualquer razão para partilhar essa informação. "E você? Você não está esgotado?"

Ele agitou sua cabeça. "Tal como o serviço postal, caçadores de demônios nunca dormem. Nem a neve, nem chuva, nem calor, nem a sombria noite deixam estes..."

"Você ficaria em grandes apuros se a sombria noite ficasse em você," ela lembrou.

Ele sorriu. Ao contrário do seu cabelo, seus dentes não eram perfeitos. Um canino superior era ligeiramente, quebrado.

Ela segurou seus cotovelos. Estava frio no corredor e ela podia sentir os arrepios começando em seus braços. "O que você está fazendo aqui, afinal?"

"'Aqui', como no seu quarto ou 'aqui', como na grande questão espiritual do nosso propósito neste planeta? Se você perguntar se tudo é apenas uma coincidência cósmica ou há um maior propósito meta-ético de vida, bem, o que é um enigma a anos. Quero dizer, simples reducionismo ontológico é claramente um argumento falacioso, mas..."



"Vou voltar para a cama." Clary se aproximou da maçaneta.

Ele deslizou agilmente entre ela e a porta. "Eu estou aqui," ele disse, "porque Hodge me lembrou que era o seu aniversário."

Clary exalou com exasperação. "Não, até amanhã."

"Não há nenhum motivo para começar a comemorar agora."

Ela olhou para ele. "Você está evitando Alec e Isabelle."

Ele acenou. "Ambos estão tentando brigar comigo."

"Pela mesma razão?"

"Eu não sei dizer." Ele olhou furtivamente para cima e para baixo do corredor. "Hodge, também. Todo mundo quer falar comigo. Exceto você. Aposto que você não quer falar comigo."

"Não," disse Clary. "Eu quero comer. Estou morrendo de fome."

Ele trouxe sua mão para fora, atrás de suas costas. Era um saco de papel levemente amassado. "Eu roubei comida da cozinha, quando Isabelle não estava olhando."

Clary sorriu. "Um piquenique? É um pouco tarde para o Central Park, não acha? E é cheio de..."

Ele acenou uma mão. "Fadas. Eu sei."

"Eu ia dizer assaltantes," disse Clary. "Embora eu tenha pena do assaltante que fosse atrás de você."

"Essa é uma atitude sábia, e eu a elogio por isso," Jace disse, parecendo satisfeito. "Mas eu não estava pensando no Central Park. Que tal a estufa?"

"Agora? À noite? Não estará... escuro?"

Ele sorriu, como se tendo um segredo. "Vamos lá. Vou te mostrar."



17 – A flor da meia noite

Na meia-luz das grandes salas vazias, eles fizeram o seu caminho para o telhado que parecia deserto como um cenário, os móveis guarnecidos de branco agigantavam-se na escuridão como icebergs através do nevoeiro.

Quando Jace abriu a porta da estufa, o cheiro acertou Clary, suave como o afogado golpear de uma pata de gato: o rico cheiro da terra escura e o mais forte, luxurioso aroma da noite – flores se abrindo – flores da lua, trombetas brancas de anjo (brugmasia), quatro horas e algumas que ela não reconheceu, como uma planta que ostentava um formato de estrela amarela florindo, cujas pétalas estavam com medalhões de pólen dourado. Através das paredes de vidro da área delimitada, ela podia ver as luzes de Manhattan ardendo como jóias frias.

"Uau." Ela se virou lentamente, entrando "É tão bonito aqui à noite."

Jace sorriu. "E nós temos o lugar para nós. Alec e Isabelle odeiam aqui em cima. Eles têm alergia."

Clary estremeceu, embora ela não estivesse com frio. "Que tipo de flores são essas?"

Jace encolheu os ombros e sentou, cuidadosamente, ao lado de um brilhoso arbusto verde todo pontilhado por botões de flores fechadas. "Não faço idéia. Você acha que eu presto atenção na aula de botânica? Eu não vou ser um arquivista. Eu não preciso saber sobre essas coisas."

"Você só precisa saber como matar coisas?"

Ele olhou para ela e sorriu. Ele parecia um anjo louro de uma pintura de Rembrandt, exceto pela boca diabólica. "Isso mesmo." Ele pegou um guardanapo embrulhado em um pacote o pondo fora do saco e ofereceu a ela. "Além disso," ele acrescentou, "eu faço sanduíche de queijo. Experimente um."

Clary sorriu relutantemente e sentou em frente a ele. O chão de pedra da casa da estufa estava frio contra as pernas nuas dela, mas estava agradável depois de tantos dias de calor implacável. Fora do saco de papel Jace pegou algumas maçãs, uma barra de frutas, chocolate e nozes, e uma garrafa de água. "Nada mal a apreensão," ela disse admirando.

O sanduíche de queijo estava quente e um pouco mole, mas estava ótimo. Vindo de um de seus inúmeros bolsos dentro de sua jaqueta, Jace apresentou uma faca com cabo de osso que parecia capaz de estripar um urso-pardo. Ele começou a trabalhar sobre as maçãs, talhando elas em meticulosos oitavos. "Bem, não é bolo de aniversário," ele disse, entregando a ela uma fatia, "mas espero que seja melhor do que nada."

"Nada é como eu esperava, então obrigada." Ela deu uma mordida. A maçã parecia verde e fria.

"Ninguém deve ficar sem ganhar nada em seu aniversário." Ele estava descascando a



segunda maçã, a pele vindo em longas tiras curvadas. "Aniversários devem ser especiais. Meu aniversário era sempre o dia em que o meu pai me dizia que eu poderia fazer ou ter qualquer coisa que eu quisesse."

"Qualquer coisa?" Ela riu. "Que tipo de coisa que você queria?"

"Bem, quando eu tinha cinco, eu queria tomar um banho de espaguete."

"Mas ele não deixou, certo?"

"Não, essa é a coisa. Ele fez. Ele disse que não era caro, e porque não, se era isso o que eu queria? Ele mandou os servos encherem uma banheira com água fervendo e macarrão, e quando ela esfriou..." Ele encolheu os ombros. "Tomei um banho nela."

Servos? Clary pensou. Em voz alta ela disse, "Como foi isso?"

"Escorregadio."

"Eu aposto que sim." Ela tentou pensar na imagem dele como um menino, rindo até suas orelhas, na massa. A imagem não se formou. Certamente Jace nunca sorria, nem mesmo na idade de cinco. "O que mais você pediu?"

"Armas, na maioria," ele disse, "eu tenho certeza que isso não surpreende você. Livros. Leio muito por minha conta."

"Vocês não vão para a escola?"

"Não," ele disse, e agora ele falou devagar, quase como se fossem aproximando de um tópico que ele não queria discutir.

"Mas os seus amigos..."

"Eu não tenho amigos," ele disse. "Além de meu pai. Ele era tudo que eu precisava."

Ela olhou para ele. "Sem amigos de jeito nenhum?"

Ele encontrou seu olhar firmemente. "A primeira vez que eu vi Alec," ele disse, "quando eu tinha dez anos, foi a primeira vez que eu conheci outra criança da minha idade. A primeira vez que eu tinha um amigo."

Ela baixou o seu olhar. Agora uma imagem foi se formando, indesejável, em sua cabeça: Ela pensou em Alec, o modo como ele tinha olhado para ela. *Ele não diria isso.*

"Não sinta pena de mim," Jace disse, como se adivinhando os seus pensamentos, embora não tivesse sido por ele que ela tinha sentido pena. "Ele me deu a melhor educação, o melhor treinamento. Ele me levou por todo o mundo. Londres. São Petersburgo. Egito. Nós adorávamos viajar." Seus olhos eram escuros. "Não tenho ido a nenhum lugar desde que ele morreu. Em parte alguma, apenas Nova York."

"Você tem sorte," Clary disse. "Eu nunca fui para fora deste Estado na minha vida."



Minha mãe não iria me deixar ir, mesmo em viagens de campo para capital. Eu acho que sei o porquê agora," acrescentou com tristeza.

"Ela tinha medo que você surtasse? Começasse a ver demônios na Casa Branca?"

Ela mordiscou um pedaço de chocolate. "Há demônios na Casa Branca?"

"Eu estava brincando," Jace disse. "Eu acho." Ele duvidou filosoficamente. "Eu tenho certeza que alguém teria mencionado isso."

"Eu acho que ela apenas não queria que eu ficasse muito longe dela. Minha mãe, eu quero dizer. Depois que o meu pai morreu, ela se mudou muito." A voz de Luke ecoou em sua mente. *Você nunca mais foi a mesma desde o que aconteceu, mas Clary, não é Jonathan.*

Jace levantou uma sobrancelha para ela. "Você se lembra de seu pai?"

Ela balançou a cabeça dela. "Não. Ele morreu antes de eu nascer."

"Você tem sorte," disse ele. "Desse jeito, você não sente a falta dele."

Vindo de qualquer pessoa aquilo teria sido uma coisa terrível de se dizer, mas não havia amargura em sua voz para variar, apenas uma dor da solidão pelo seu próprio pai. "Será que isso vai passar?" ela perguntou. "Sentir a falta dele, eu quero dizer?"

Ele olhou para ela de soslaio, mas não respondeu. "Você está pensando em sua mãe?"

Não. Ela não estava pensando na mãe daquele jeito. "Em Luke, na verdade."

"Não que esse seja realmente o seu nome." Ele deu uma mordida na maçã, pensativo e disse, "Eu estive pensando sobre ele. Algo sobre seu comportamento, não se juntando..."

"Ele foi um covarde." A voz de Clary estava amarga. "Você ouviu. Ele não vai contra Valentine. Nem mesmo pela minha mãe."

"Mas isso exatamente..." Uma longa reverberação tinindo interrompeu ele. Em algum lugar, um sino estava tocando. "Meia-noite," Jace disse, fixando a faca para baixo. Ele ficou de pé, segurando sua mão para puxá-la ao lado dele. Seus dedos estavam ligeiramente pegajosos com o sumo da maçã. "Agora, olhe."

Seu olhar estava fixo sobre o arbusto verde que eles tinham sentado ao lado, com suas dezenas de brilhantes botões fechados. Ela começou a perguntar a ele o que era que supostamente ela tinha que estar olhando, mas ele levantou uma mão para interromper ela. Seus olhos estavam brilhando. "Espere," disse ele.

As folhas no arbusto ainda permaneciam sem movimento. De repente um dos botões bem fechado começou a agitar e tremer. Ele cresceu duas vezes o seu tamanho e brotou aberto. Era como ver em velocidade o filme de uma flor florescendo: o



delicado verde das sépalas abrindo-se para fora, liberando um cacho de pétalas lá dentro. Elas estavam empoeiradas com um pálido pólen dourado tão leve como talco.

"Oh!" Clary disse, e olhou para cima para encontrar Jace olhando para ela. "Eles florescem toda noite?"

"Só à meia-noite," ele disse. "Feliz aniversário, Clarissa Fray".

Ela estava estranhamente tocada. "Obrigada."

"Eu tenho uma coisa para você," ele disse. Ele cavou em seu bolso e trouxe uma coisa, que ele pressionava em sua mão. Era uma pedra cinza, ligeiramente irregular, suavemente desgastada com manchas.

"Huh," Clary disse, girando ela em seus dedos. "Você sabe, quando a maioria das garotas dizem que querem uma grande rocha, elas não querem dizer, você sabe, literalmente, uma *grande rocha*."

"Muito divertido, minha sarcástica amiga. Não se trata de uma rocha, precisamente. Todos os Caçadores de Sombras têm uma runa de luz de bruxa – uma pedra."

"Ah." Ela a olhou com um renovado interesse, fechando os dedos em torno dela como ela tinha visto Jace fazer no porão. Ela não estava certa, mas ela pensou ter podido ver um brilho de luz se espreitar através dos dedos dela.

"Ela vai lhe trazer luz," Jace disse, "mesmo entre as mais escuras sombras deste mundo e nos outros."

Ela a escorregou em seu bolso. "Bem, obrigada. Foi legal da sua parte me dar alguma coisa." A tensão entre eles parecia se pressionar sobre ela como ar úmido. "Melhor do que qualquer dia de banho de espaguete."

Ele disse sombriamente, "Se você compartilhar essa pequena informação pessoal com alguém, eu posso ter que te matar."

"Bem, quando eu tinha cinco, eu queria que a minha mãe me deixasse ir girando e girando dentro do secador de roupas," Clary disse. "A diferença é que ela não me deixou."

"Provavelmente porque sair girando e girando dentro de um secador pode ser fatal," Jace salientou, "enquanto que massa raramente é fatal. A não ser que seja Isabelle que faça."

As flores da meia-noite já estava derramando pétalas. Elas se inclinaram em direção ao chão, refletindo como fendas de luz das estrelas. "Quando eu tinha doze, eu queria uma tatuagem," Clary disse. "Minha mãe não iria me deixar fazer, de qualquer jeito."

Jace não riu. "A maioria dos Caçadores de Sombras ganham suas primeiras marcas aos doze. Deve ter estado no seu sangue."



"Talvez. Embora eu duvide que os Caçadores de Sombras recebam uma tatuagem do Donatello das Tartarugas Ninjas sobre seu ombro esquerdo."

Jace pareceu confuso. "Você queria uma tartaruga em seu ombro?"

"Eu queria cobrir minha cicatriz de catapora." Ela puxou levemente a alça do seu top de lado, mostrando a marca branca em forma de estrela, na parte superior do seu ombro. "Vê?"

Ele olhou para longe. "Está ficando tarde," ele disse. "Nós devemos voltar lá para baixo."

Clary puxou sua alça de volta, sem jeito. *Como se ele quisesse ver suas estúpidas cicatrizes.*

As próximas palavras tropeçaram para fora da sua boca, sem qualquer vontade de sua parte. "Alguma vez você e Isabelle ficaram juntos?"

Agora ele olhou para ela. A luz do luar limpava a cor dos seus olhos. Eles agora eram mais prateados do que dourados. "Isabelle?" ele disse inexpressivamente.

"Eu pensei..." Agora ela sentia ainda mais embaraçada. "Simon estava pensando..."

"Talvez ele devesse perguntar a ela."

"Não tenho certeza se ele quer," Clary disse. "De qualquer forma, não importa. Não é problema meu."

Ele sorriu inquietamente. "A resposta é não. Quero dizer, pode ter havido um momento em que um ou o outro considerou isso, mas ela é quase uma irmã para mim. Seria estranho."

"Quer dizer que Isabelle e você nunca..."

"Nunca," Jace disse.

"Ela me odeia," observou Clary.

"Não, não odeia," ele disse, para sua surpresa. "Você apenas deixa ela nervosa, porque ela sempre foi a única garota em uma multidão de garotos admiradores, e agora ela não é mais."

"Mas ela é tão linda."

"E você também é," Jace disse, "e muito diferente de como ela é, e não ajudou ela perceber isso. Ela sempre quis ser baixa e delicada, você sabe. Ela odeia ser mais alta do que a maioria dos caras."

Clary não disse nada sobre isso, porque ela não tinha nada a dizer. Linda. Ele falou



que ela era linda. Ninguém nunca tinha chamado ela disso antes, exceto sua mãe, que não conta. As mães são obrigadas a pensar que você é linda. Ela olhou para ele.

"Nós provavelmente devemos descer," ele disse de novo. Ela tinha certeza que ela estava fazendo ele ficar desconfortável com seu olhar, mas ela não pareceu ser capaz de parar.

"Tudo bem," ela disse finalmente. Para seu alívio, a voz dela soou normal. Foi um alívio olhar para longe dele quando ela se virou.

A lua, estava diretamente acima de suas cabeças agora, iluminava cada coisa próxima como a luz do dia. Entre um passo e outro ela viu uma brilho branco atingindo alguma coisa no chão: Era a faca de Jace que ele tinha usado para cortar as maçãs, deitada de lado. Ela se jogou às pressas para evitar pisar sobre ela, e seu ombro bateu no dele – ele colocou uma mão para firmar ela, enquanto ela se virava para pedir desculpas e, então, ela estava de alguma forma no círculo do seu braço e ele estava beijando ela.

Foi de primeira, quase como se ele não quisesse beijar ela: Sua boca estava dura na dela, firme e, depois, ele colocou ambos os braços em torno dela, e ela se puxou contra ele. Seus lábios ficaram suaves. Ela podia sentir o rápido ritmo do seu coração, saborear a doçura das maçãs ainda em sua boca. Ela enrolou suas mãos em seus cabelos, como ela tinha desejado fazer desde a primeira vez que ela tinha visto ele. Seus cabelos enrolados em torno dos dedos dela, sedosos e suaves. Seu coração estava martelando, e havia um som correndo em seus ouvidos, como o bater de asas...

Jace se afastou para longe dela com uma exclamação abafada, mas seus braços ainda estavam ao seu redor. "Não entre em pânico, mas nós temos uma audiência."

Clary virou sua cabeça. Empoleirado no galho de uma árvore próxima estava Hugo, os observando com seus brilhantes olhos negros. Então, o som que ela tinha ouvido tinha sido asas ao invés de louca paixão. Isso foi decepcionante.

"Se ele está aqui, Hodge não está muito para trás," Jace disse sob a sua respiração. "Devemos ir."

"Ele está espionando você?" Clary sibilou. "Hodge, eu quero dizer."

"Não. Ele só gosta de vir até aqui para pensar. Que pena – estávamos tendo essa faísicante conversa." Ele riu silencioso.

Eles fizeram o seu caminho de volta para baixo do jeito que tinham chegado, mas sentia como um caminho totalmente diferente para Clary. Jace manteve a sua mão na dela, enviando pequenos choques elétricos viajando para cima e para baixo de suas veias em cada ponto em que ele tocava ela: os dedos, o seu pulso, a palma da sua mão. Sua mente estava zunindo com perguntas, mas ela estava com muito medo de quebrar o momento para perguntar qualquer uma delas. Ele disse "que pena", então ela adivinhou que sua noite tinha terminado, pelo menos a parte do beijo.

Eles atingiram a sua porta. Ela se inclinou contra a parede ao lado dele, olhando



acima para ele. "Obrigada pelo piquenique de aniversário," ela disse, tentando manter seu tom neutro.

Ele parecia relutante em soltar sua mão. "Você vai dormir?"

Ele está apenas sendo educado, ela disse para si mesma. Então, novamente, aquele era Jace. Ele nunca foi educado. Ela decidiu responder à pergunta com uma pergunta. "Você está cansado?"

Sua voz era baixa. "Eu nunca estive mais desperto."

Ele se curvou para beijá-la, trazendo seu rosto com sua mão livre. Seus lábios tocaram levemente primeiro, e depois com uma pressão mais forte. Foi precisamente neste momento em que Simon abriu a porta do quarto e caminhou para fora no corredor.

Ele estava piscando, os cabelos eriçados e sem seus óculos, mas ele podia ver bem o suficiente. "Que inferno?" Ele exigiu, tão alto que Clary se afastou de Jace como se seu toque tivesse queimado ela.

"Simon! O que você... eu quero dizer, eu pensei que você estava..."

"Dormindo? Eu estava," ele disse. A parte de cima de suas bochechas estavam coradas num vermelho escuro através do seu bronzeado, do jeito como elas sempre ficavam quando ele estava envergonhado ou chateado. "Então me levantei, e você não estava lá, então pensei..."

Clary não conseguia pensar em nada para dizer. Porque não ocorreu a ela que isso poderia acontecer? Porque ela não disse que deveriam ir para o quarto de Jace? A resposta era tão simples quanto era terrível: Ela tinha esquecido de Simon completamente.

"Sinto muito," ela disse, não certa do que ela estava falando. Pelo canto do olho ela pensou ter visto Jace lhe atirar um olhar branco de fúria, mas quando ela olhou para ele, ele parecia como ele sempre fora: fácil, confiante, um pouco entediado.

"No futuro, Clarissa," ele disse, "é aconselhável mencionar que você já tem um homem na sua cama, para evitar tais situações chatas."

"Você o convidou para cama?" Simon exigiu, parecendo tremer.

"Ridículo, não é?" Jace disse. "Nunca caberíamos nós todos."

"Eu não o convidei para cama," Clary rebateu. "Nós estávamos apenas nos beijando."

"Só beijando?" O tom de Jace escarnecia ela com sua falsa dor. "Quão rapidamente você descarta o nosso amor."

"Jace..."

Ela viu o brilho nos olhos dele de malícia e diminuiu. Não havia nenhum ponto. Seu



estômago pareceu subitamente pesado. "Simon, é tarde," ela disse de modo cansado. "Eu lamento ter te acordado."

"Eu também." Ele andou de volta para o quarto, fechando a porta atrás dele.

O sorriso de Jace estava tão suave quanto manteiga derretida. "Vá em frente, vá atrás dele. Afague a cabeça dele e lhe diga que ele é ainda o seu super especial garotinho. Não é isso o que você quer fazer?"

"Pare com isso," ela disse. "Pare de ser assim."

Seu sorriso se alargou. "Como o quê?"

"Se você está zangado, apenas diga. Não haja como se nada tocasse você. É como se você nunca sentisse absolutamente nada."

"Talvez você devesse ter pensado nisso antes de você me beijar," ele disse.

Ela olhou para ele incredulamente. "Eu beijei você?"

Ele olhou para ela com uma brilhante malícia. "Não se preocupe," ele disse, "aquilo não foi memorável para mim, também."

Ela olhou ele se afastando, e sentiu uma mistura urgente do desejo de chorar e de correr atrás dele com o único objetivo de chutar ele no tornozelo. Sabendo que aquela ação o iria encher de satisfação, ela não o fez, mas foi cautelosamente de volta para o quarto.

Simon estava em pé no meio do quarto, parecendo perdido. Ele tinha colocado os seus óculos de volta. Ela ouvia a voz de Jace na cabeça dela, dizendo suamente: *Afague a cabeça dele e lhe diga que ele é ainda o seu super especial garotinho.*

Ela tomou um passo em direção a ele e, em seguida parou quando ela percebeu o que ele estava segurando em sua mão. Seu bloco de desenhos, aberto no desenho que estava fazendo, um Jace com asas de anjo. "Legal," ele disse. "Todas essas aulas em Tisch²⁶ devem ter sido bem remuneradas."

Normalmente, Clary teria dito a ele para parar de olhar seu caderno de esboços, mas agora não era a hora. "Simon, olha..."

"Eu reconheço que sair daqui emburrado do seu quarto pode não ter sido o mais suave dos movimentos," ele interrompeu duramente, arremessando o caderno de esboço na cama. "Mas eu tinha que buscar as minhas coisas."

"Aonde você vai?" ela perguntou.

"Casa. Eu tenho estado aqui por muito tempo, eu acho. Mundanos como eu, não pertencem a um lugar como este."

²⁶ Tisch é uma escola de artes.



Ela suspirou. "Olha, me desculpe, ok? Eu não tinha intenção de beijar ele, mas apenas aconteceu. Eu sei que você não gosta dele."

"Não," Simon disse com mais rigor ainda. "Eu não gosto de refrigerante sem gás. Eu não gosto de bandas pop de garotos, de má qualidade. Eu não gosto de estar preso no trânsito. Eu não gosto de dever de casa de matemática. Eu odeio o Jace. Viu a diferença?"

"Ele salvou sua vida," salientou Clary, se sentindo como uma fraude, afinal, Jace tinha ido ao Dumort apenas porque ele ficou preocupado em ele se meter em problemas se ela fosse morta.

"Detalhes," Simon disse desprezando. "Ele é um babaca. Eu pensei que você era melhor que isso."

O temperamento de Clary inflamou. "Oh, e agora você está dando uma lição de moral em mim?" ela rebateu. "Você que estava perguntando pela garota com o corpo mais legal para o Fall Fling." Ela imitou o tom preguiçoso de Eric. A boca de Simon apertava raivosamente. "Então, e se Jace é um babaca às vezes? Você não é meu irmão, você não é o meu pai, você não tem que gostar dele. Eu nunca gostei de nenhuma de suas namoradas, mas pelo menos eu tive a decência de manter isso para mim."

"Isso," disse Simon, entre seus dentes, "é diferente".

"Como? Como é que é diferente?"

"Porque eu vejo o jeito como você olha para ele!" ele gritou. "E eu nunca olhei para nenhuma daquelas garotas assim! Era só uma coisa para se fazer, uma forma de praticar, até..."

"Até o quê?" Clary palidamente sabia que ela estava horrível, que a coisa toda era horrível, pois eles nunca tinham sequer brigado antes, era mais grave do que uma discussão sobre quem tinha comido o último Pop-Tart da caixa na casa da árvore, mas ela não parecia ser capaz de parar. "Até Isabelle aparecer? Eu não posso acreditar que você está me dando palestras sobre Jace quando você fez um completo otário de si mesmo por dela!" Sua voz subiu para um grito.

"Eu estava tentando te fazer ficar com ciúme!" Simon gritou, direto de volta. Suas mãos estavam em seus punhos dos lados. "Você é tão estúpida, Clary. Você é tão idiota, você não consegue ver nada?"

Ela olhou para ele desnorteada. O que na terra que ele queria dizer? "Tentando me fazer ciúmes? Por que você tentaria fazer isso?"

Ela viu imediatamente que esta era a pior coisa que ela poderia ter lhe perguntado.

"Porque," ele disse, tão amargamente que chocou ela, "eu tenho estado apaixonado por você a dez anos, então eu pensei que parecia ser a hora de descobrir se você sentia o mesmo sobre mim. Que, eu acho, você não sente."



Teria sido melhor ele ter dado um chute no estômago dela. Ela não conseguia falar, o ar tinha sido sugado para fora dos seus pulmões. Ela olhou para ele, tentando formar uma resposta, qualquer resposta.

Ele cortou ela drasticamente. "Não. Não há nada que você possa dizer." Ela assistiu ele andar até a porta como se paralisada, não podia se mover para abraçá-lo de volta, tanto quanto ela queria. O que ela poderia dizer? 'Eu amo você também'? Mas ela não podia... ela podia?

Ele parou na porta, a mão na maçaneta, e se virou para olhar para ela. Seus olhos, por trás dos óculos, pareciam mais cansados do que com raiva agora. "Você realmente quer saber o que mais a minha mãe disse sobre você?" ele perguntou.

Ela balançou a cabeça dela.

Ele não pareceu notar. "Ela disse que você iria quebrar o meu coração," ele disse a ela, e saiu. A porta fechou atrás dele com um clique decidido, e Clary estava sozinha.

Depois que ele tinha ido embora, ela afundou sob sua cama e pegou seu caderno de esboços. Ela embalou ele no peito, não querendo desenhar nele, apenas o desejo de sentir o cheiro de coisas familiares: tinta, papel, giz.

Ela pensou em correr atrás de Simon, tentando alcançar ele. Mas o que ela poderia disse? O que ela poderia *possivelmente* dizer? *Você é tão estúpida, Clary, ele disse a ela. Você não consegue ver nada?*

Ela pensou em uma centena de coisas que ele disse ou fez, piadas do Eric e dos outros que tinham feito sobre eles, conversas silenciadas quando ela caminhou para o quarto. Jace sabia desde o início. *Eu estava rindo de você porque declarações de amor me divertem, especialmente quando não são correspondidas.* Ela não parou para se perguntar sobre o que ele estava falando, mas agora ela sabia.

Ela tinha dito anteriormente a Simon que ela sempre tinha amado apenas três pessoas: sua mãe, Luke, e ele. Ela se perguntou se era realmente possível, no espaço de uma semana, perder todos a quem você amava. Ela se perguntou se aquilo era o tipo de coisa que você sobreviveria ou não. E ainda, por aqueles breves momentos, no telhado com Jace, que ela tinha esquecido a mãe dela. Ela tinha esquecido de Luke. Ela tinha esquecido de Simon. E ela tinha sido feliz. Essa foi a pior parte, que ela tinha sido feliz.

Talvez isso, ela pensava, perdendo Simon, talvez este seja o meu castigo pelo egoísmo de ser feliz, mesmo por apenas um momento, quando a minha mãe ainda está faltando. Nenhum deles tinha sido real, de qualquer maneira. Jace pode ser um excepcional beijador, mas ele não se importa comigo de forma nenhuma. Ele disse tanta coisa.

Ela baixou seu bloco lentamente em seu colo. Simon estava certo, aquilo era uma boa imagem de Jace. Ela pegou a linha dura de sua boca, os olhos vulneráveis não harmônicos. As asas pareciam tão reais que ela imaginava que, se ela passasse os



dedos entre elas, elas seriam suaves. Ela deixou a mão dela em toda a extensão da página, sua mente vagando...

Ela retirou a mão dela de volta, encarando. Seus dedos tinham tocado não o papel seco, mas o suave das penas. Seus olhos brilharam em cima das Runas que ela havia rabiscado no canto da página. Elas estavam brilhando, do modo que ela tinha visto as runas quando Jace desenhou com sua estela o brilho.

Seu coração tinha começado a bater com uma rápida e firme nitidez. Se uma runa pode trazer uma pintura a vida, então talvez...

Não tirando os olhos dela fora do desenho, ela tateou a procura de seu lápis. Sem fôlego, ela virou uma nova, e limpa página e apressadamente começou a desenhar a primeira coisa que veio à mente. Foi a caneca de café assentada na mesa de cabeceira ao lado de sua cama. Desenhando nas suas memórias da posição continua da vida, ela a desenhou em cada detalhe: a borda manchada, a rachadura na alça. Quando ela terminou, ela estava tão exata quanto ela poderia ter feito. Guiada por algum instinto que ela não entendeu muito bem, ela alcançou a caneca e a colocou no topo do papel. Então, muito cuidadosamente, ela começou a esboçar as runas ao lado dela.



18 - A taça mortal

Jace estava deitado na sua cama, fingindo estar dormindo – para seu próprio bem, e de ninguém mais, se as batidas na porta finalmente comessem a ser demais para ele. Ele se rebocou ao largo da cama, recuando. Por mais que ele fingisse estar bem lá na estufa, o seu corpo inteiro ainda estava dolorido do espancamento que ele levou na noite passada.

Ele sabia quem era antes dele abrir a porta. Talvez Simon tivesse cuidado de se transformar a si mesmo em um rato novamente. Dessa vez Simon podia ficar um maldito rato para sempre, por tudo o que ele, Jace Wayland, estava disposto a fazer sobre isso.

Ela estava se agarrando a seu bloco de esboços, seu cabelo brilhoso escapando para fora de suas tranças. Ele tinha se inclinado contra a porta, ignorando o pontapé de adrenalina à vista de sua imagem. Ele se perguntou por que, não pela primeira vez. Isabelle usava sua beleza como ela usava seu chicote, mas Clary não sabia que ela era linda de forma alguma. Talvez aquele era o porquê.

Ele poderia pensar sobre qual a única razão para ela estar lá, embora isso não fizesse sentido, depois do que ele disse a ela. Palavras eram armas, seu pai tinha lhe ensinado, e ele queria magoar Clary mais do que ele quis magoar qualquer garota. Na verdade, ele não estava certo de que ele jamais quisera machucar uma garota antes. Normalmente, ele só precisava delas, e então precisava que elas o deixassem sozinho.

"Não me diga," ele disse, trazendo suas palavras do jeito que ele sabia que ela odiava. "Simon se transformou em uma onça pintada e você quer que eu faça alguma coisa sobre isso antes que Isabelle faça dele uma echarpe. Bem, você terá que esperar até amanhã. Estou fora do grupo." Ele apontou para si mesmo – ele estava usando um pijama azul com um buraco na manga. "Olha. Pijama."

Clary mal pareceu ter ouvido ele. Ele percebeu que ela estava agarrando algo em suas mãos, seu bloco de esboços. "Jace," ela disse. "Isso é importante."

"Não me diga," disse ele. "Você quer um desenho de emergência. Você precisa de um modelo nu. Bem, eu não estou de bom humor. Você poderia perguntar a Hodge," ele acrescentou, falando sem pensar. "Eu ouvi dizer que ele faria qualquer coisa por um..."

"JACE!" Ela o interrompeu, aumentando a sua voz para um grito. "APENAS CALE A BOCA POR UM SEGUNDO E ME ESCUTE, VOCÊ PODE?"

Ele piscou.

Ela deu um profundo suspiro e olhou para ele. Os olhos dela estavam cheios de incerteza. Uma não familiar urgência cresceu dentro dele: o desejo de colocar os braços em torno dela e dizer que estava tudo bem. Ele não o fez. Em sua experiência, as coisas estavam raramente 'tudo bem'. "Jace," ela disse, tão suavemente, que ele teve que se inclinar pra frente para pegar suas palavras, "eu acho que sei onde minha



mãe escondeu a taça mortal. Está dentro de uma pintura."

"O quê?" Jace ainda estava olhando para ela, como se ela fosse dizer a ele que encontrou um dos Irmãos do Silêncio fazendo movimentos acrobáticos no corredor. "Você quer dizer que ela a escondeu atrás de uma pintura? Todas as pinturas em seu apartamento foram arrancadas de suas molduras."

"Eu sei." Clary olhou além dele para dentro do seu quarto. Não parecia que havia mais ninguém lá dentro, para seu alívio. "Olha, eu posso entrar? Eu quero te mostrar uma coisa."

Ele foi preguiçosamente para trás da porta. "Se você precisa."

Ela sentou na cama, equilibrando o seu caderno em seus joelhos. As roupas que ele estava usando anteriormente foram lançadas acima das cobertas, mas o resto do quarto estava tão arrumado quanto um cômodo de um monge. Não havia pinturas nas paredes, nem posters ou fotografias de amigos ou família. Os cobertores eram brancos e puxados apertados e planos em toda a cama. Não era exatamente um típico quarto de garoto adolescente. "Aqui," ela disse, virando as páginas até que ela encontrou um desenho de uma caneca de café. "Olhe para isso."

Jace sentou ao lado dela, empurrando sua descartada camiseta para fora do caminho. "É uma caneca de café."

Ela podia ouvir a irritação na sua própria voz. "Eu sei que é uma caneca de café."

"Eu mal posso esperar até que você desenhe alguma coisa realmente complicada, como a ponte do Brooklyn ou uma lagosta. Você provavelmente poderia me enviar um telegrama cantado."

Ela o ignorou. "Olha. Isto é o que eu queria que você visse." Ela passou sua mão sobre o desenho e, em seguida, com um rápido lance de movimento, a alcançou dentro do papel. Quando ela puxou a mão dela de volta um pouco depois, ali estava uma caneca de café, pendendo em seus dedos.

Ela tinha imaginado Jace pulando da cama em espanto e falando de modo ofegante algo como "Por Deus!" Isso não aconteceu – obviamente, como ela suspeitou, porque Jace tinha visto muitas coisas estranhas em sua vida, e também porque ninguém usava o termo "Por Deus!" mais. Seus olhos se alargaram, no entanto. "Você fez isso?"

Ela acenou.

"Quando?"

"Só agora, no meu quarto, depois... depois que Simon saiu."

Seu olhar ficou afiado, mas ele não insistiu nisso. "Você usou as runas? Quais?"

Ela balançou a cabeça, tocando a agora página em branco. "Eu não sei. Elas vieram na minha cabeça e eu desenhei elas exatamente como eu as vi."



"Uma que você viu anteriormente, no Livro Cinza?"

"Eu não sei." Ela ainda estava balançando sua cabeça. "Eu não saberia dizer."

"E ninguém lhe mostrou como fazer isso? Sua mãe, por exemplo?"

"Não. Eu te disse antes, minha mãe sempre me disse que não havia qualquer coisa como mágico..."

"Eu aposto que ela deve ter te ensinado," ele interrompeu. "E fez você esquecer depois. Magnus disse que suas memórias iriam voltar lentamente."

"Talvez."

"Claro." Jace ficou sobre seus pés e começou andar para lá e para cá. "É provavelmente contra a lei utilizar as runas desse jeito, a menos que você tenha sido licenciado. Mas isso não importa agora. Você acha que sua mãe colocou a Taça dentro de uma pintura? Como você fez com a caneca?"

Clary acenou. "Mas não em uma das pinturas no apartamento."

"Onde mais? Uma galeria? Poderia ser em qualquer lugar..."

"Não em uma pintura," disse Clary. "Em uma carta."

Jace pausou, girando na direção dela. "Uma carta?"

"Você se lembra do baralho de tarô de Madame Dorothea? O que minha mãe pintou para ela?"

Ele acenou.

"E lembra quando eu puxei o Ás de Copas? Mais tarde, quando eu vi a estátua do Anjo, a Taça parecia familiar para mim. Era porque eu tinha visto isso antes, sobre o Ás. Minha mãe pintou a Taça Mortal dentro do baralho de tarô de madame Dorothea."

Jace estava um passo atrás dela. "Porque ela sabia que não seria seguro com um Controle, e foi uma maneira que ela pudesse dar a Dorothea, sem realmente estar dizendo a ela o que era ou porque é que ela tinha, para mantê-la escondida."

"Ou até mesmo ela a tivesse mantido em segredo. Dorothea nunca sai, ela nunca a daria..."

"E sua mãe estava na posição ideal para manter um olho em ambas." Jace pareceu quase impressionado. "Não é uma má jogada."

"Eu acho que sim." Clary lutou para controlar o tremor em sua voz. "Eu queria que ela não tivesse sido tão boa em escondê-la."

"O que você quer dizer?"



"Quero dizer, se eles a encontrassem, talvez eles tivessem deixado ela em paz. Se tudo que eles queriam era a Taça..."

"Eles teriam matado ela, Clary," Jace disse. Ela sabia que ele estava dizendo a verdade. "Estes são os mesmos homens que mataram meu pai. A única razão pela qual ela pode ainda estar viva agora é que eles não podem encontrar a Taça. Fique feliz por ela a ter escondido muito bem."

"Eu realmente não vejo o que isso tem haver com a gente," Alec disse, olhando obscuramente através de seu cabelo. Jace tinham acordado o resto dos residentes do Instituto no final da madrugada e os arrastou para a biblioteca para, como ele disse, 'planejar estratégias de batalha'. Alec ainda estava em seu pijama, Isabelle num conjunto de penhoar rosa. Hodge, no seu habitual e distinto terno tweed, estava bebendo café em uma caneca azul de cerâmica rachada. Apenas Jace, de olhos brilhantes, apesar das contusões desbotadas, parecia realmente acordado. "Eu pensei que a procura pela Taça estava nas mãos da Clave agora."

"É apenas melhor se fizermos isso por nós mesmos," Jace disse impientemente. "Hodge e eu já discutimos isso e foi o que nós decidimos."

"Bem." Isabelle enfiou uma trança entrelaçada com fita rosa atrás de sua orelha. "Eu estou dentro."

"Eu não estou," disse Alec. "Há pessoal da Clave nesta cidade agora, procurando pela Taça. Passe as informações para eles e deixe eles pegarem ela."

"Não é tão simples quanto isso," disse Jace.

"É simples." Alec sentou de frente, carrancudo. "Isso não tem nada haver conosco e com tudo haver com o seu, o seu vício pelo perigo."

Jace balançou a cabeça, claramente exasperado. "Eu não entendo por que você está brigando comigo sobre isso."

Porque ele não quer que você se machuque, Clary pensou, e se perguntou sobre à total incapacidade dele para ver o que estava realmente acontecendo com Alec. Mais uma vez, ela que tinha perdido a mesma coisa em Simon. Quem era ela para falar? "Olha, Dorothea – a proprietária do Santuário – não confia na Clave. Ela odeia eles, na verdade. Ela confia em nós."

"Ela confia em mim," Clary disse. "Eu não sei sobre você. Não tenho certeza que ela goste de você."

Jace ignorou ela. "Vamos, Alec. Vai ser divertido. E pense na glória se trazemos de volta a Taça Mortal para Idris! Nossos nomes nunca serão esquecidos."

"Eu não me importo com a glória," disse Alec, seus olhos nunca deixando o rosto de Jace. "Eu me importo sobre não fazermos nada estúpido."



"Neste caso, porém, Jace está certo," disse Hodge. "Se a Clave entrasse no Santuário, isso seria um desastre. Dorothea poderia fugir com a Taça e provavelmente nunca seriam encontrados. Não, Jocelyn claramente queria apenas que uma pessoa fosse capaz de encontrar a Taça, e esta é Clary, e Clary sozinha."

"Então deixe ela ir sozinha," Alec disse.

Mesmo Isabelle deu um pequeno suspiro com isso. Jace, que tinha se inclinado para a frente com as mãos pousadas sobre a mesa, levantou-se ereto e olhou para Alec friamente. Só Jace, Clary pensou, poderia parecer legal em calças de pijamas e uma camiseta velha, mas ele as puxou, provavelmente através de pura força. "Se você está com medo de alguns Esquecidos, fique em casa," ele disse suavemente.

Alec ficou branco. "Não estou com medo," ele disse.

"Bom," Jace disse. "Então não tem problema, não é?" Ele olhou ao redor da sala. "Estamos todos juntos nessa."

Alec murmurou uma afirmativa, enquanto Isabelle balançava sua cabeça em um vigoroso concordar. "Claro," ela disse. "Parece divertido."

"Eu não sei sobre a diversão," Clary disse. "Mas eu estou dentro, é claro."

"Mas Clary," Hodge disse rapidamente. "Se você estiver preocupada com o perigo, você não precisa ir. Nós podemos notificar a Clave..."

"Não," Clary disse, surpreendendo a si mesma. "Minha mãe queria que eu a encontrasse. Nem Valentine, e nem eles, tão pouco." *Não era de monstros que ela estava se escondendo*, Magnus tinha dito. "Se ela realmente passou sua vida inteira tentando manter Valentine afastado desta coisa, este é o mínimo que posso fazer."

Hodge sorriu para ela. "Eu acho que ela sabia que você diria isso," ele disse.

"Não se preocupe, de qualquer maneira," Isabelle disse. "Você vai ficar bem. Podemos lidar com um par de Esquecidos. Eles são loucos, mas não muito inteligentes."

"E muito mais fácil do que lidar com demônios," Jace disse. "Não tão espertos. Ah, e vamos precisar de um carro," ele acrescentou. "Preferencialmente um grande."

"Porquê?" Isabelle disse. "Nós nunca precisamos de um carro antes."

"Nós nunca tivemos de nos preocupar com um objeto imensamente precioso com a gente antes. Não quero pegar a linha L de trem," Jace explicou.

"Há táxis," disse Isabelle. "E vans de aluguel."

Jace balançou a cabeça. "Quero um ambiente que nós controlemos. Eu não quero lidar com motoristas de táxi ou empresas mundanas de aluguel quando estamos fazendo algo tão importante."



"Você não tem uma carteira de motorista ou um carro?" Alec perguntou para Clary, olhando para ela com um véu de tédio. "Eu pensei que todos os mundanos tinham."

"Não quando eles tem quinze," Clary disse zangada. "Eu achava que eu iria ganhar uma este ano, mas ainda não."

"Você é de enorme utilidade."

"Pelo menos os meus amigos podem dirigir," ela disparou de volta. "Simon tem uma licença."

Ela instantaneamente lamentou dizer isso.

"Ele tem?" Jace disse, em um tom agravadamente pensativo.

"Mas ele não tem carro," ela adicionou rapidamente.

"Então ele dirige o carro de seus pais?" Jace perguntou.

Clary suspirou, encostando de volta contra a mesa. "Não. Normalmente ele dirige a van de Eric. Como para shows e materiais. Às vezes Eric deixa ele pegar emprestado para outras coisas. Como quando ele tem um encontro."

Jace bufou. "Ele pega seus encontros em uma van? Não é de admirar que ele é popular com as mulheres."

"É um carro," Clary disse. "Você está apenas bravo porque Simon tem algo que você não tem."

"Ele tem muitas coisas que eu não tenho," Jace disse. "Tal como miopia, má postura, e uma terrível falta de coordenação".

"Você sabe," disse Clary, "a maioria dos psicólogos concorda que a hostilidade é realmente apenas atração sexual sublimada."

"Ah," disse Jace alegremente, "o que poderia explicar o porquê eu, tão frequentemente, corro em direção a pessoas que parecem ter aversão a mim."

"Eu não tenho aversão a você," disse Alec rapidamente.

"Isso é porque nós compartilhamos uma afeição de irmãos," Jace disse, caminhando para a mesa. Ele pegou o telefone preto e o segurou para Clary. "Ligue para ele."

"Ligar para quem?" Clary disse, encurralada por um momento. "Eric? Ele nunca vai me emprestar seu carro."

"Simon," disse Jace. "Ligue para Simon e pergunte se ele pode nos levar até a sua casa."



Clary fez um último esforço. "Você não conhece nenhum Caçador de Sombras que têm carros?"

"Em Nova York?" O sorriso de Jace murchou. "Olha, todo mundo está em Idris para os Acordos e, mesmo assim, eles insistiriam em vir com a gente. É isto ou nada".

Ela encontrou seus olhos por um instante. Havia um desafio neles, e algo mais, como se ele estivesse desafiando ela a explicar a sua relutância. Com uma carranca ela inclinou sobre a mesa e arrebatou o telefone fora da sua mão.

Ela não teve que pensar antes de discar. O número de Simon era tão familiar para ela como o seu próprio. Ela preparou a si mesma para lidar com a mãe ou a irmã dele, mas ele atendeu no segundo toque. "Alô?"

"Simon?"

Silêncio.

Jace estava olhando para ela. Clary apertou seus olhos fechados, tentando fingir que ele não estava lá. "Sou eu," ela disse. "Clary."

"Eu sei quem é." Ele pareceu irritado. "Eu estava dormindo."

"Eu sei. É cedo. Me desculpe." Ela enrolou o cordão do telefone ao redor de seu dedo. "Eu preciso te pedir um favor."

Houve outro silêncio antes que ele risse friamente. "Você está brincando."

"Eu não estou brincando," ela disse. "Nós sabemos onde a Taça Mortal está, e estamos preparados para ir buscá-la. A única coisa é que precisamos de um carro."

Ele riu de novo. "Desculpe, você está me dizendo que seus amigos matadores de demônio precisam ser conduzidos ao seu próximo encontro marcado com as forças das trevas pela minha mãe?"

"Na verdade, eu pensei que você poderia pedir ao Eric para pegar a van emprestada."

"Clary, se você acha que eu..."

"Se chegarmos e pegarmos a Taça Mortal, eu terei uma forma de conseguir a minha mãe de volta. É a única razão para Valentine não ter matado ela ou não deixá-la ir."

Simon deixou sair uma longa respiração sibilante. "Você acha que vai ser tão fácil fazer uma troca? Clary, eu não sei."

"Eu não sei também. Eu só sei que é uma chance."

"Esta coisa é poderosa, certo? Em Dungeons e Dragons normalmente é melhor não se mexer com objetos poderosos até que você saiba o que fazer."



"Não vou mexer com ele. Eu vou apenas utilizar ele para pegar a minha mãe de volta."

"Isso não faz qualquer sentido, Clary."

"Isto não é Dungeons e Dragons, Simon!" ela meio que gritou. "Não é um jogo divertido em que a pior coisa que acontece é você conseguir um rolar de dados ruim. É da minha mãe que estamos falando, e Valentine pode estar torturando ela. Ele pode matá-la. Eu tenho que fazer qualquer coisa ao meu alcance para trazê-la de volta, exatamente como eu fiz para você."

Pausa. "Talvez você esteja certa. Não sei, este não é realmente o meu mundo. Olha, onde nós estamos indo, exatamente? Então eu posso dizer ao Eric."

"Não traga ele," ela disse rapidamente.

"Eu sei," ele respondeu com exagerada paciência. "Eu não sou estúpido."

"Nós estamos indo para a minha casa. Está na minha casa."

Houve um breve silêncio – espanto desta vez. "Na sua *casa*? Pensei que sua casa estava cheia de zumbis."

"Guerreiros Esquecidos. Eles não são zumbis. Enfim, Jace e os outros podem cuidar deles enquanto eu pego a Taça."

"Por que você tem que pegar a Taça?" Ele parecia alarmado.

"Porque eu sou a única que pode," ela disse. "Nos pegue na esquina tão logo quando você puder."

Ele murmurou algo quase inaudível, e então: "Ótimo."

Ela abriu os olhos dela. O mundo nadou ante ela, em uma névoa de lágrimas. "Obrigada, Simon," ela disse. "Você é..."

Mas ele tinha desligado.

"Isso me ocorreu," Hodge disse, "que os dilemas de poder são sempre os mesmos." Clary olhou para ele de lado.

"O que você quer dizer?" Ela estava sentada no banco da janela da biblioteca, Hodge em sua cadeira com Hugo sobre o encosto do braço. Os restos do café da manhã – geléia pegajosa, migalhas de torradas, e manchas de manteiga – grudados em uma pilha de pratos sobre a mesa, que ninguém parecia inclinado a limpá-los. Depois do café da manhã eles tinham se dispersado para se prepararem, e Clary tinha sido a primeira a voltar. Isso era dificilmente surpreendente, considerando que tudo o que ela tinha que fazer era colocar um jeans, uma camisa e passar uma escova no seu



cabelo, enquanto todos eles tinham que estar fortemente armados. Tendo perdido a adaga de Jace no hotel, o único objeto remotamente sobrenatural que ela tinha era a pedra de luz de bruxa em seu bolso.

"Eu estava pensando em seu Simon," Hodge disse, "e em Alec e Jace, entre outros."

Ela olhou para fora pela janela. Estava chovendo, espessas e grossas gotas salpicando contra as vidraças. O céu era de um impenetrável cinza. "O que eles têm a ver uns com os outros?"

"Onde há o sentimento de que não é correspondido," Hodge disse, "há um desequilíbrio de poder. Trata-se de um desequilíbrio que é fácil de se utilizar, mas não é um curso sábio. Onde existe amor, existe muitas vezes também o ódio. Eles podem existir lado a lado."

"Simon não me odeia."

"Ele pode aumentar, ao longo do tempo, se ele sentir que você está usando ele." Hodge levantou uma mão. "Sei que você não pretende, em alguns casos a necessidade vence o sentimento de escrúpulo. Porém, a situação me põe na mente outra coisa. Você ainda tem aquela fotografia que eu te dei?"

Clary balançou a cabeça dela. "Não comigo. Está no meu quarto. Eu poderia ir buscá-la..."

"Não." Hodge alisou as penas de ébano de Hugo. "Quando a sua mãe era jovem, ela teve um melhor amigo, como você tem em Simon. Eles eram tão próximos como irmãos. Na verdade, eles eram muitas vezes confundidos com irmão e irmã. Enquanto eles ficavam mais velhos, se tornou claro para todos à sua volta que ele estava apaixonado por ela, mas ela nunca viu isso. Ela sempre chamava ele como um "amigo".

Clary olhou para Hodge. "Você quer dizer Luke?"

"Sim," Hodge disse. "Lucian sempre pensou que ele e JoceIyn iam ficar juntos. Quando ela conheceu e se apaixonou por Valentine, ele não pôde suportar isso. Depois que eles se casaram, ele deixou o Círculo, desapareceu, e deixou todos nós pensando que ele estava morto."

"Ele nunca disse, nem sequer insinuou nada sobre isso," Clary disse. "Todos estes anos, ele poderia ter perguntado a ela..."

"Ele sabia qual seria a resposta," Hodge disse, olhando além dela em direção da chuva – para a janela respingada. "Lucian nunca foi o tipo de homem que teria iludido a si mesmo. Não, ele se contentou em estar próximo dela, talvez, por seus sentimentos que ao longo do tempo poderiam mudar."

"Mas se ele a amava, porque ele disse àqueles homens que não se importava com o que aconteceu com ela? Porque ele se recusou a deixar eles dizerem onde ela estava?"



"Como eu disse antes, onde existe amor, existe também o ódio," Hodge disse. "Ela feriu ele horivelmente todos aqueles anos atrás. Ela virou suas costas para ele. E ele ainda desempenhou ser seu fiel cachorrinho desde então, nunca cobrando, nunca acusando, nunca confrontando ela com seus sentimentos. Talvez ele viu uma oportunidade de virar a mesa. Machucar ela, assim como ele se machucou. "

"Luke não faria isso." Mas Clary estava lembrando do seu tom gelado quando ele disse a ela para não pedir a ele por favores. Ela viu o duro olhar nos olhos dele quando ele enfrentou os homens de Valentine. Esse não era o Luke que ela tinha conhecido, o Luke com quem ela cresceu. Aquele Luke nunca teria desejado punir sua mãe por não o amar o suficiente ou do jeito certo. "Mas ela tinha amado ele," Clary disse, falando em voz alta sem perceber. "Só não era do mesmo jeito que ele a amava. Não é o suficiente?"

"Talvez ele não pensasse assim."

"O que vai acontecer depois que pegarmos a Taça?" ela disse. "Como é que vamos achar Valentine e deixá-lo saber que nós a temos?"

"Hugo irá encontrá-lo."

A chuva esmagava contra as janelas. Clary estremeceu. "Eu estou indo pegar um casaco," ela disse, escorregando para fora do assento na janela.

Ela encontrou o seu casaco verde de capuz entulhado no fundo de sua mochila. Quando ela o puxou, ela viu algo enrugado. Era a fotografia do Círculo, a mãe dela e Valentine. Ela olhou para ele por um longo momento antes de escorregar ela de volta a mochila.

Quando ela voltou para a biblioteca, todos os outros estavam reunidos lá: Hodge sentado em prontidão à mesa com Hugo sobre seu ombro, Jace todo em preto, Isabelle com suas botas de chutar demônios e chicote dourado, e Alec com uma aljava de setas presa em seu braço direito vinda do pulso até o cotovelo. Todos, menos Hodge estavam cobertos em recém aplicadas marcas, cada centímetro da pele desnuda pintada com padrões serpenteados. Jace tinha sua manga esquerda puxada para cima, o queixo no seu ombro, e estava franzindo as sobrancelhas enquanto ele rabiscava uma marca octogonal na pele de seu braço.

Alec olhou mais para ele. "Você está bagunçando isso," ele disse. "Me deixe fazer isso."

"Eu sou canhoto," Jace apontou, mas ele falou levemente e retirou a sua estela. Alec pareceu aliviado enquanto ele pegava ela, como se não tivesse tido certeza até agora, que ele estava perdoado pelo seu comportamento anterior. "É uma iratze²⁷ básica," Jace disse enquanto Alec curvava sua cabeça escura sobre o braço de Jace, cuidadosamente traçando as linhas da runa. Jace estremeceu enquanto a estela deslizava sobre sua pele, os olhos semi-fechados e sua mão apertada até os músculos do seu braço esquerdo se destacarem como cordas. "Pelo Anjo, Alec..."

²⁷ Iratze: nome de origem basca.



"Estou tentando ser cuidadoso," Alec disse. Ele soltou o braço de Jace e andou para trás para admirar o seu trabalho manual. "Aí está."

Jace abriu seu punho cerrado, baixando o braço dele. "Obrigado." Então ele pareceu ter sentido a presença de Clary, os olhos colocados nela, seus olhos dourados se estreitaram. "Clary."

"Vocês parecem prontos," ela disse enquanto Alec, de repente ruborizava, se afastando de Jace e ocupando-se com suas setas.

"Estamos," Jace disse. "Você ainda tem a adaga que eu te dei?"

"Não. Eu a perdi no Dumort, lembra-se?"

"Isso mesmo." Jace olhou para ela, satisfeito. "Quase matou um lobisomem com ela. Eu me lembro."

Isabelle, que tinha estado de pé na janela, rolou seus olhos. "Me esqueci que é o que deixa você todo quente e preocupado, Jace. Garotas matando coisas".

"Eu gosto de qualquer um matando coisas," ele disse uniformemente. "Especialmente eu."

Clary olhou ansiosamente para o relógio sobre a mesa. "Devemos ir lá para baixo. Simon estará aqui a qualquer minuto."

Hodge se levantou de sua cadeira. *Ele parece muito cansado*, Clary pensou, como se ele não tivesse dormido a dias.

"Que o Anjo proteja todos vocês," ele disse, e Hugo se levantou de seu ombro para o ar, grasnando alto, quando os sinos do meio-dia começaram a tocar.

Ainda estava chovendo quando Simon estacionou a van na esquina e buzinou duas vezes. O coração de Clary saltou – alguma parte dela tinha estado preocupada com que ele não fosse aparecer.

Jace olhou torto através da chuva gotejando. Os quatro deles tinham tomado abrigo sob uma cornija de pedra entalhada. "Essa é a van? Parece uma banana podre."

Isso era inegável – Eric tinha pintado a van em uma tonalidade néon de amarelo, e estava manchada com toques de ferrugem como manchas de decomposição. Simon buzinou novamente. Clary podia vê-lo, uma desfocada forma através das janelas molhadas. Ela suspirou e puxou seu capuz para cobrir o cabelo dela. "Vamos."

Eles chapinharam através das poças sujas que haviam se formado sobre a calçada, as enormes botas de Isabelle fazendo um satisfeito ruído todas as vezes que ela botava os pés para baixo. Simon, deixando o motor em marcha lenta, se moveu para a traseira para puxar a porta ao lado, revelando assentos cujos estofados tinham meio



apodrecido no meio. Molas parecendo perigosas espetando através das fendas. Isabelle enrugou seu nariz. "É seguro se sentar?"

"Mais seguro do que estar indo preso em correias no teto," Simon disse agradavelmente, "que é a outra opção." Ele acenou uma saudação para Jace e Alec, ignorando Clary completamente. "Ei."

"Ei, de fato," Jace disse, e suspendeu a chacoalhante mochila de lona que continha as suas armas. "Onde é que podemos colocar isso?"

Simon o direcionou a parte de trás, onde os garotos geralmente mantinham seus instrumentos musicais, enquanto que Alec e Isabelle subiam no interior da van e se empoleiravam sobre os bancos. "Vou na frente!" Clary anunciou enquanto Jace voltava ao redor, pelo lado da van.

Alec agarrou seu arco, preso através de suas costas. "Onde?"

"Ela quer dizer que ela quer ir no banco da frente²⁸," Jace disse, empurrando o cabelo molhado para fora de seus olhos.

"É um belo arco," Simon disse, com um aceno com a cabeça em direção a Alec.

Alec piscou, a chuva escorrendo pelos seus cílios. "Você conhece algo sobre arco e flecha?" ele perguntou, em um tom que sugeria que ele duvidava.

"Eu fiz arco e flecha no acampamento," Simon disse. "Seis anos praticando."

A resposta a isso foram três fitadas em branco e um sorriso de apoio de Clary, que Simon ignorou. Ele olhou acima para o céu ficando baixo. "Devemos ir antes que comece a chover novamente."

O banco da frente do carro estava coberto de invólucros de Doritos e migalhas de Pop-Tart. Clary afastou para longe o que pode. Simon começou a movimentar o carro antes que ela tivesse acabado, lançando ela de volta contra o banco. "Ouch," ela disse, censurando.

"Desculpe." Ele não olhou para ela.

Clary podia ouvir os outros falando suavemente no fundo, entre si, provavelmente discutindo estratégias de batalha e a melhor maneira de decapitar um demônio sem conseguir nódoas de sangue sobre suas novas botas de couro. Embora não houvesse nada que separasse o banco da frente do resto da van, Clary sentia o embaraçoso silêncio entre ela e Simon como se eles estivessem sozinhos.

"Então o que é essa coisa de 'ei'?" Ela perguntou enquanto Simon manobrava o carro para a alameda FDR, a estrada que corria ao lado do East River.

"Que coisa de 'ei'?" ele respondeu, cortando uma SUV preta cujo ocupante, um

²⁸ No original Clary diz: Shotgun, que significa também um tiro de espingarda, mas usualmente quer dizer a pessoa que vai no banco da frente. A piada se perdeu com a tradução...



homem engravatado com um celular em sua mão, fez um gesto obsceno para eles através dos vidros embaçados.

"A coisa do 'ei' que os caras sempre fazem. Como quando você viu Jace e Alec, você disse 'ei', e eles disseram 'ei' de volta. O que há de errado com um 'oi'?"

Ela pensou ter visto um músculo torcer em sua bochecha. "'Oi' é muito feminino," ele informou a ela. "Homens de verdade são resumidos. Lacônicos."

"Então quanto mais homem você é, menos você diz?"

"Exato." Simon concordou. Passando por ele, ela podia ver a névoa úmida rebaixada sobre o East River, ocultando a margem do rio em uma leve cinza névoa. A água em si era da cor de chumbo, desnatando para uma consistência de creme pelo vento estável. "É por isso que quando grandes sacanas ao se cumprimentarem uns aos outros nos filmes, eles não dizem nada, eles apenas acenam. O acenar significa, 'eu sou um sacana, e eu reconheço que você também é um sacana', mas eles não dizem nada, porque eles são Wolverine e Magneto e mexeria com suas vibrações se eles se explicassem."

"Eu não tenho a menor idéia do que você está falando," Jace disse, do banco traseiro.

"Ótimo," Clary disse, e foi recompensada pelo pequenino sorriso de Simon enquanto ele virava a van para a ponte de Manhattan, levando em direção ao Brooklyn e para casa.

No momento em que eles chegaram a casa de Clary, tinha finalmente parado de chover. Feixes da luz solar queimava os restos de neblina, e as poças na calçada estavam secando. Jace, Alec, e Isabelle fizeram Simon e Clary esperar na van enquanto eles saíam para verificar, como Jace disse, os "níveis de atividade demoníaca".

Simon assistiu enquanto os três caçadores de sombras se direcionavam a passagem alinhada de rosas para a casa. "Níveis de atividade demoníaca? Será que eles têm um dispositivo que mede se os demônios dentro de casa estão fazendo yoga power?"

"Não," Clary disse, puxando seu capuz úmido para trás de modo que ela pudesse desfrutar a sensação da luz solar em seu cabelo preso. "O Sensor lhes indica o quanto poderosos os demônios são, se houver algum demônio." Simon pareceu impressionado.

"Isso é útil."

Ela se virou para ele. "Simon, sobre a noite passada..."

Ele levantou uma mão. "Nós não temos que falar sobre isso. Na verdade, eu prefiro que não."

"Apenas me deixe dizer uma coisa." Ela falou rapidamente. "Eu sei que quando você disse que me amava, o que eu disse de volta não era o que você queria ouvir."



"Verdade. Eu sempre esperei que, quando finalmente dissesse: 'Eu te amo' para uma garota, ela iria dizer 'eu sei' de volta, como Leia disse para Han em o Retorno do Jedi."

"Isso é tão Geeky²⁹," disse Clary, incapaz de ajudar a si mesma.

Ele olhou para ela.

"Desculpe," disse ela. "Olha, Simon, eu..."

"Não," ele disse. "Olhe você, Clary. Olhe para mim, e realmente me veja. Você pode fazer isso?"

Ela olhou para ele. Olhou para os olhos escuros, manchas iluminadas com cor em direção à borda exterior da íris, com a familiar sobrancelhas ligeiramente irregulares, os longos cílios, o cabelo escuro e o hesitante sorriso, as graciosas mãos musicais que faziam parte de Simon, que era parte delas. Se ela tinha de dizer a verdade, o que ela realmente diria se ela nunca soube que ele a amava? Ou apenas que ela nunca soube o que faria se ele a amasse?

Ela suspirou. "Olhando através do encantamento é fácil. São as pessoas que são difíceis."

"Nós todos vemos o nós queremos ver," ele disse calmamente.

"Não Jace," ela disse, incapaz de parar a si mesma, pensando naqueles claros olhos impassíveis.

"Ele mais do que ninguém."

Ela cerrou as sobrancelhas. "O que você..."

"Tudo bem," veio a voz de Jace, os interrompendo. Clary se virou apressadamente. "Nós checamos todos os quatro cantos da casa – e nada. Atividade baixa. Provavelmente apenas os Esquecidos, e eles podem até não nos incomodar, se tentarmos ficar longe do apartamento de cima."

"E se eles aparecerem," Isabelle disse, seu sorriso tão reluzente quanto o seu chicote, "vamos estar prontos para eles."

Alec arrastou a pesada mochila de lona para fora da traseira da van, largando-a na calçada. "Pronto para ir," ele anunciou. "Vamos chutar algumas bundas de demônio!"

Jace olhou para ele um pouco estranho. "Você está bem?"

"Ótimo." Não olhando para ele, Alec descartou seu arco e flecha dando preferência a um bastão de madeira polida, com duas brilhantes lâminas que apareceram em um leve toque de seus dedos. "Isto é melhor."

²⁹ Geek é uma nova geração de nerds, mais descolados.



Isabelle olhou para seu irmão com preocupação. "Mas o arco..."

Alec a cortou. "Eu sei o que estou fazendo, Isabelle."

O arco estava repousado no assento traseiro, reluzente ao sol. Simon alcançou ele e, em seguida, puxou sua mão para trás, enquanto um sorridente grupo de jovens mulheres empurravam os carrinhos de bebê pela rua acima, na direção do parque. Elas não notaram os três adolescentes fortemente armados curvados na van amarela. "Como é que eu posso ver vocês?" Simon perguntou. "O que aconteceu com aquela sua magia de invisibilidade?"

"Você pode nos ver," Jace disse, "porque agora você sabe a verdade do quê você está olhando."

"Yeah," Simon disse. "Eu acho que sim."

Ele protestou um pouco quando eles pediram para ele ficar na van, mas Jace lhe pressionou sobre a importância de haver um veículo de fuga em marcha. "A luz solar é fatal para demônios, mas não irá machucar os Esquecidos. E se eles nos perseguirem? E se o carro for rebocado?"

A última coisa que Clary viu de Simon, enquanto ela se virava para acenar da frente da varanda, foram suas longas pernas apoiarem-se sobre o painel enquanto ele punha em ordem a coleção de cds de Eric. Ela soltou um suspiro de alívio. Pelo menos Simon estaria seguro.

O cheiro acertou ela no momento em que atravessou a porta da frente. Era quase indescritível, como ovos podres, carne estragada e algas apodrecendo em uma praia quente.

Isabelle enrugou seu nariz e Alec ficou esverdeado, mas Jace parecia como se ele tivesse inalado um perfume raro. "Demônios estiveram aqui," ele anunciou, com frio deleite. "Bem recentemente."

Clary olhou para ele ansiosa. "Mas eles ainda não..."

"Não." Ele balançou sua cabeça. "Nós teríamos sentido. Ainda." Ele acenou seu queixo para a porta de Dorothea, fortemente fechada, sem nenhum fragmento de luz espreitando debaixo dela. "Ela poderá ter que responder a algumas perguntas se a Clave ouvir que ela tem entretido os demônios."

"Duvido que a Clave fique muito contente com qualquer coisa sobre isso," disse Isabelle. "Em suma, ela provavelmente vai se sair dessa melhor do que nós."

"Eles não vão se importar tanto se conseguirmos a Taça no final." Alec estava olhando ao redor, os olhos azuis no saguão de bom tamanho, a curvada escadaria conduzindo para cima, as manchas nas paredes. "Especialmente se tivermos que abater alguns Esquecidos enquanto fazemos isso."



Jace balançou a cabeça. "Eles estão no apartamento de cima. Meu palpite é que eles não vão nos incomodar, se não tentarmos entrar nele."

Isabelle soprou um fio de cabelo esvoaçando para fora do seu rosto e amarrou a cara para Clary. "O que você está esperando?"

Clary olhou involuntariamente para Jace, que lhe deu um sorriso de lado. *Vá em frente*, diziam os seus olhos.

Ela se moveu pelo saguão em direção da porta de Dorothea, andando cuidadosamente. Com a clarabóia escurecida pela sujeira, a lâmpada da entrada ainda estava desligada, a única iluminação provinha da luz de bruxa de Jace. O ar estava quente e fechado, e as sombras pareciam subir ante ela magicamente rápidas – plantas crescendo em uma floresta de um pesadelo. Ela chegou até a bater na porta da Dorothea, uma vez levemente e, em seguida, novamente com mais força.

Ela balançou aberta, derramando uma grande luz dourada banhando o saguão. Dorothea ficou ali, enorme e imponente em bandagens verde e laranja. Hoje, ela estava com um turbante amarelo néon, adornado com um canário empalhado e adornado por viês. Brincos com pingentes surgiam contra seus cabelos, e os seus grandes pés estavam descalços. Clary ficou surpresa – ela nunca tinha visto antes Dorothea descalça, ou usando outra coisa do que seus chinelos desbotados.

Suas unhas estavam num pálido, e de muito bom gosto, rosa.

"Clary!" ela exclamou, e arrastou Clary em um esmagador abraço. Por um momento Clary lutou, envolvida em um mar de carne perfumada, bandagens de veludo, e as extremidades das franjas do xale de Dorothea. "Bom Deus, garota," disse a bruxa, agitando a cabeça dela até que seus brincos balançassem como sinos ao léu em uma tempestade. "A última vez que te vi, você estava desaparecendo através do meu Portal. Onde você foi parar?"

"Williamsburg," disse Clary, segurando sua respiração.

As sobrancelhas de Dorothea foram em direção ao céu. "E eles dizem que não há nenhum transporte público conveniente no Brooklyn." Ela colocou a porta aberta e gesticulou para que eles entrassem.

O lugar parecia inalterado desde a última vez que Clary tinha visto: Eram as mesmas cartas tarô e a bola de cristal espalhados sobre a mesa. Seus dedos coçaram pelas cartas, coçaram para arrebatá-las e ver o que poderia caber escondidos dentro de suas espertamente pintadas superfícies.

Dorothea gratamente mergulhou em uma poltrona e saudou os Caçadores de Sombras com um olhar tão esbugalhado quanto os olhos do canário empalhado em seu turbante. Velas perfumadas rescendiam nos pratos de cada lado da mesa, que pouco faziam para dissipar o mau cheiro espesso em cada centímetro da casa. "Acho que você não localizou a sua mãe?" ela perguntou a Clary.

Clary balançou a cabeça dela. "Não. Mas eu sei quem a levou."



Os olhos de Dorothea se arremessaram passando de Clary para Alec e Isabelle, que estavam analisando as mãos do destino, na parede. Jace, parecendo extremamente tranquilo no seu papel de guarda-costas, descansava contra o braço de uma cadeira. Satisfeita por nenhum de seus pertences estar sendo destruídos, Dorothea retornou o seu olhar para Clary. "Foi..."

"Valentine," confirmou Clary. "Sim."

Dorothea suspirou. "Eu temia tanto." Ela resolveu encostar-se contra as almofadas. "Você sabe o que ele quer com ela?"

"Eu sei que ela era casada com ele..."

A bruxa grunhiu. "Um amor que deu errado. O pior."

Jace fez um suave, e quase inaudível ruído para aquilo – uma risadinha. As orelhas de Dorothea aguçaram como as de um felino. "O que é tão engraçado, rapaz?"

"O que você sabe sobre isso?" disse ele. "Amor, eu quero dizer."

Dorothea cruzou suas suaves mãos brancas em seu colo. "Mais do que você possa pensar," ela disse. "Não li as folhas do seu chá, Caçador de sombras? Não se apaixonou pela pessoa errada ainda?"

Jace disse: "Infelizmente, Senhora do Refúgio, meu único e verdadeiro amor permanece eu mesmo."

Dorothea rosnou para aquilo. "Pelo menos," disse ela, "você não tem que se preocupar com a rejeição, Jace Wayland."

"Não necessariamente. Eu me dispenso ocasionalmente, só para o manter interessante."

Dorothea rosnou novamente. Clary interrompeu ela. "Você deve estar se perguntando por que estamos aqui, Madame Dorothea."

Dorothea se acalmou, limpando seus olhos. "Por favor," ela disse, "sinta-se livre para me chamar pelo meu apropriado título, como o garoto fez. Você pode me chamar de senhora. E eu presumo," ela acrescentou, "que você veio pelo prazer da minha companhia. Eu estou errada?"

"Eu não tenho tempo para o prazer da companhia de ninguém. Tenho que ajudar minha mãe, e para isso há algo que eu preciso."

"E o que é?"

"É algo chamado de Taça Mortal," disse Clary, "e Valentine pensou que minha mãe a tinha. É por isso que ele a levou."

Dorothea pareceu bem e verdadeiramente espantada. "A Taça do Anjo?" ela disse, a



descrença colorindo sua voz. "A Taça de Raziél, na qual ele mistura o sangue dos anjos e o sangue dos homens e dá a mistura a um homem para beber, e criar o primeiro Caçador de Sombras?"

"Este seria o primeiro," disse Jace, um pouco de secura no seu tom.

"Porque na terra que ele pensaria que ela a tinha?" Dorothea exigiu. "Jocelyn, de todas as pessoas?" A compreensão nascendo sobre seu rosto antes que Clary pudesse falar. "Porque ela não era Jocelyn Fray, é claro," ela disse. "Ela era Jocelyn Fairchild, sua esposa. E todos pensavam que tinha morrido. Ela pegou a Taça e fugiu, não é?"

Algo flutuou na parte de trás dos olhos da bruxa, mas, ela baixou suas pálpebras tão rápido que Clary pensou que ela pode ter imaginado isso. "Então," Dorothea disse, "você sabe o que você vai fazer agora? Onde quer que ela a escondeu, pode não ser fácil de encontrar – se ele precisa achá-la. Valentine poderia fazer coisas terríveis com suas mãos sobre a Taça."

"Eu quero achá-la," disse Clary. "Nós queremos..."

Jace cortou ela sem problemas. "Sabemos onde ela está," ele disse. "É só uma questão de recuperá-la."

O olhos de Dorothea se alargaram. "Bem, onde está?"

"Aqui," Jace disse, em um tom tão presunçoso que Isabelle e Alec desviaram da sua leitura dos livros, para ver o que estava acontecendo.

"Aqui? Você quer dizer que você a tem com você?"

"Não exatamente, querida senhora," Jace disse, que estava, Clary sentiu, se desfrutando, de um modo verdadeiramente revoltante. "Eu quis dizer que você a tem."

A boca de Dorothea estalou fechada. "Isso não tem graça", ela disse, tão drasticamente que Clary ficou preocupada que aquilo tudo estava indo terrivelmente errado. Porque é que Jace tinha sempre que opor-se a qualquer um?

"Você tem que tê-la," Clary interrompeu apressadamente, "mas não..."

Dorothea levantou-se do sofá para a sua plena e magnífica altura, fixando seus olhos sobre eles. "Vocês estão enganados," disse friamente. "Ambos estão imaginando que eu tenho a Taça, e se atrevem a vir aqui e me chamar de mentirosa."

As mãos de Alec passaram pelo seu bastão. "Oh, garoto," ele disse debaixo da sua respiração.

Confusa, Clary sacudiu a cabeça dela. "Não," ela disse rapidamente, "Eu não estou te chamando de mentirosa, eu prometo. Estou dizendo que a Taça está aqui, mas você nunca soube disso."



Madame Dorothea olhou para ela. Seus olhos, quase escondidos nas dobras de seu rosto, estavam duros como mármore. "Explique-se," ela disse.

"Eu estou dizendo que a minha mãe a escondeu aqui," Clary disse. "Anos atrás. Ela nunca te disse porque ela não quis envolver você."

"Então, ela a deu disfarçada para você," Jace explicou, "sob a forma de um presente."

Dorothea olhou para ele inexpressivamente.

Será que ela não se lembra? Clary pensou, perplexa. "O baralho de tarô," ela disse. "As cartas que ela pintou para você."

O olhar fixo da bruxa foi para as cartas, descansando em seu embrulho de seda, em cima da mesa. "As cartas?" Enquanto ela olhava pasma, Clary caminhou até a mesa e pegou o baralho. Elas estavam quentes ao toque, quase escorregadias. Agora, como não tinha sido capaz antes, ela sentiu o poder das Runas pintadas em suas costas pulsando através das pontas de seus dedos. Ela encontrou o Ás de Copas pelo toque e a puxou, colocando o resto das cartas para baixo, sobre a mesa.

"Aqui está," disse ela.

Eles estavam todos olhando para ela, expectantes, perfeitamente parados. Lentamente, ela virou a carta e olhou ao longo da arte de sua mãe novamente: uma fina e pintada a mão, os dedos se envolviam em torno da haste de ouro da Taça Mortal.

"Jace," ela disse. "Me dê a sua estela."

Ele a pressionou, quente e viva, dentro da palma dela. Ela virou a carta para cima e traçou por cima as Runas pintadas em suas costas, um girar aqui e uma linha ali, e elas significaram algo totalmente diferente. Quando ela virou as costas da carta de novo, a figura sutilmente tinha mudado: Os dedos tinham liberado seu aperto da haste da Taça, e a mão parecia quase que oferecendo a Taça para ela como se dissesse, *aqui, pegue-a*.

Ela mergulhou a estela em seu bolso. Então, embora o quadrado pintado não era maior do que a sua mão, ela atingiu dentro dela como se através de uma grande lacuna. Sua mão se envolveu em torno da base da Taça – os dedos fechados sobre ela e enquanto ela trazia sua mão de volta, a Taça firmemente agarrada nela, ela pensou que ouviu o menor dos suspiros ante a carta, agora em branco e vazia, tornando-se em cinzas que espalharam-se para longe entre os dedos dela para o chão acarpetado.



19 – Abbadon

Clary não tinha certeza do que ela esperava – exclamações de deleite, talvez um pouco de aplausos. Ao contrário disso houve silêncio, quebrado apenas quando Jace disse, "De algum modo, eu pensei que ela era maior."

Clary olhou para a Taça em sua mão. Ela tinha o tamanho, talvez, de uma taça comum de vinho, apenas mais pesada. Poder vibrava através dela, como o sangue vivo através das veias. "É um tamanho perfeitamente legal," ela disse indignada.

"Oh, não é grande o suficiente," ele disse concedentemente, "mas eu estava esperando alguma coisa... você sabe." Ele fez sinais com as mãos, indicando algo aproximadamente do tamanho de um gato caseiro.

"É a Taça Mortal, Jace, e não o Vaso Sanitário Mortal," Isabelle disse. "Já terminamos agora? Podemos ir?"

Dorothea tinha levantado a cabeça para um lado, os seus redondos olhos brilhantes e interessados. "Mas está danificada!" ela exclamou. "Como isso aconteceu?"

"Danificada?" Clary olhou para a Taça em confusão. Parecia perfeita para ela.

"Aqui," disse a bruxa, "me deixe te mostrar," e ela deu um passo em direção a Clary, mantendo suas mãos – com unhas pintadas de vermelho – estendidas para a Taça. Clary, sem saber porquê, recuou. De repente Jace estava entre eles, a mão dele flutuando perto da espada em sua cintura.

"Sem ofensa," ele disse calmamente, "mas ninguém toca na Taça Mortal, exceto nós."

Dorothea olhou para ele por um momento, e a mesma estranha monotonia regressou aos olhos dela. "Agora," ela disse, "não vamos ser apressados. Valentine ficaria irritado se algo acontecesse com a Taça."

Com um suave arranhar, a espada na cintura de Jace ficou livre. A ponta pairou logo abaixo do queixo de Dorothea. O olhar de Jace estava fixo. "Eu não sei o que isso tem a ver," ele disse. "Mas nós estamos indo."

Os olhos da velha mulher cintilaram. "Claro, Caçador de Sombras," ela disse, se apoiando no cortinado da parede. "Gostaria de usar o Portal?"

A ponta da espada de Jace oscilou enquanto ele pareceu momentaneamente em confusão. Em seguida, Clary viu a sua mandíbula apertar. "Não toque nisso..."

Dorothea deu uma risada, e rápida como um flash ela puxou as cortinas penduradas ao longo da parede. Elas caíram com um som macio de queda. O Portal atrás deles estava aberto.

Clary ouviu Alec, atrás dela, sugar sua respiração. "O que é isso?" Clary havia capturado apenas um vislumbre do que era visível através da porta – turvas nuvens vermelhas se atiravam através dela com relâmpagos negros, e numa terrível



escuridão, uma forma correndo trôpega em direção a eles, quando Jace gritou para que eles se abaixassem. Ele se jogou no chão, puxando Clary para baixo junto com ele. Deitada com seu estômago no tapete, ela levantou a cabeça dela na hora de ver a coisa veloz escura acertar Madame Dorothea, que gritava, empurrando seus braços para cima. Ao invés de jogar ela no chão, a coisa escura envolveu ela como uma mortalha, a sua negritude pareceu se infiltrar dentro dela como tinta em papel. Suas costas dobravam-se monstruosamente, toda a sua forma alongando enquanto ela crescia e crescia para o ar, o seu volume se esticando e reformando. Um acentuado chacoalhar de objetos batendo no chão fez Clary olhar para baixo: Eram as pulseiras de Dorothea, torcidas e quebradas. Dispersas entre as jóias que eram o que parecia ser pequenas pedras brancas. Clary demorou um pouco para perceber que elas eram os dentes.

A seu lado Jace sussurrou algo. Parecia uma exclamação de incredulidade. Próximo a ele, Alec em uma voz chocada disse: "Mas você disse que não havia muita atividade demoníaca – você disse que o nível estava baixo!"

"Elas *estavam* baixas," Jace grunhiu.

"Sua versão de baixa deve ser diferente da minha!" Alec gritou, enquanto a coisa que tinha sido Dorothea uivava e girava. Ela parecia estar se dilatando, dobrando e girando grotescamente deformada...

Os olhos de Clary lacrimejavam enquanto Jace se punha em pé, puxando ela depois dele. Isabelle e Alec tropeçaram nos seus pés, apertando suas armas. A mão segurando o chicote de Isabelle estava ligeiramente tremendo.

"Mexam-se!"

Jace empurrou Clary em direção a porta do apartamento. Quando ela tentou olhar para trás sobre seu ombro, ela viu apenas um espesso redemoinho cinzento, como nuvens, uma forma escura em seu centro...

Os quatro irromperam dentro do saguão, Isabelle na liderança. Ela correu em direção à porta da frente, forçou, e se virou com um rosto chocado: "Está resistente. Deve ser um feitiço..."

Jace xingou e bateu sua jaqueta. "Onde diabos está minha estela?"

"Está comigo," Clary disse, lembrando. Enquanto ela alcançava seu bolso, um ruído como um trovão explodiu através do quarto. O piso tremeu sob seus pés. Ela tropeçou e quase caiu, segurando o corrimão para se apoiar. Quando ela olhou para cima, ela viu um escancarado novo buraco na parede que separava o saguão do apartamento de Dorothea, todo ladeado por grosseiras bordas de madeira e escombros de gesso, através da qual algo estava escalando – quase se revelando...

"Alec!" Era Jace, gritando: Alec estava em pé na frente do buraco, o rosto branco e parecendo horrorizado. Xingando, Jace correu e o agarrou, arrastando ele de volta, justo quando a coisa que se revelava, se pôs a si mesma livre da parede e dentro do saguão.



Clary ouviu sua respiração se prender. A carne da criatura era arroxeadada e parecendo em carne viva. Através da pele se infiltravam ossos projetados, não ossos brancos e novos, mas os ossos que pareciam como se tivessem estado na terra por mil anos, pretos, rachados e imundos. Seus dedos eram descarnados e esqueléticos, os finos e descarnados braços marcados com purulentas feridas pretas através das quais mais ossos amarelado eram visíveis. Seu rosto era um crânio, o nariz e os olhos encovados nos buracos. As garras nos dedos arranhavam o chão. Emaranhadas em torno de seus punhos e ombros estavam as brilhantes bandagens de pano: tudo o que restou de Madame Dorothea eram os lenços de seda e o turbante. Eram, pelo menos, a nove metros de altura.

Ele olhou abaixo para os quatro adolescentes com os vazios buracos nos olhos. "Me dê." aquilo disse, em uma voz como o vento soprando lixo em todo pavimento vazio, "a Taça Mortal. Me dê, e eu vou deixá-los viver."

Em pânico, Clary olhou para os outros. Isabelle parecia como se a visão da coisa tivesse atingido ela com um murro no estômago. Alec estava imóvel. Foi Jace, como sempre, quem falou. "O que você é?" Perguntou, a voz firme, mas ele parecia mais agitado do que Clary tinha visto ele antes.

A coisa inclinou sua cabeça. "Eu sou Abbadon. Sou o demônio do abismo. Meus são os lugares vazios entre os mundos. Meus são o vento e as trevas vociferantes. Sou como o contrário daquelas coisas choramingantes que vocês chamam de demônios, como uma águia é o contrário de uma mosca. Vocês não podem ter esperança em me derrotar. Me dê a Taça ou morram."

O chicote de Isabelle tremeu. "É um Grande Demônio," ela disse. "Jace, se nós..."

"E sobre Dorothea?" A voz de Clary veio aguda para fora de sua boca, antes que ela pudesse parar com isso. "O que aconteceu com ela?"

Os olhos vazios do demônio moveram-se para encontrar ela. "Ela era apenas um veículo," ele disse. "Ela abriu o Portal e tomei posse dela. Sua morte foi rápida." O seu olhar mudou-se para a Taça em sua mão. "A sua, não será."

Ele começou a se mover em direção a ela. Jace bloqueou o seu caminho, a brilhante espada em uma mão, uma lâmina serafim aparecendo na outra. Alec estava observando ele, a sua expressão doente com o horror.

"Pelo Anjo," Jace disse, olhando o demônio de cima abaixo. "Eu sabia que os Grandes Demônios foram destinados a serem feios, mas ninguém nunca me alertou sobre o cheiro."

Abbadon abriu sua boca e sibilou. Dentro de sua boca haviam duas fileiras irregulares, em forma de dentes afiados.

"Não tenho tanta certeza sobre esse negócio de vento e vociferante escuridão," Jace foi para cima, "cheira mais como depósito de lixo para mim. Você tem certeza que não é do Distrito de Richmond?"



O demônio saltou nele. Jace movimentou suas lâminas para cima e para fora com uma velocidade quase assustadora; ambas afundaram na parte encarnada do demônio, no seu abdômen. Aquilo rugiu e golpeou ele, acertando ele de lado o afastando, da forma como um gato poderia bater em um gatinho. Jace rolou e ficou de pé, mas Clary pode ver da maneira como ele estava segurando seu braço que ele tinha sido machucado.

Isso foi o suficiente para Isabelle. Lançando-se a frente, ela enlaçou o demônio com o seu chicote. Ele atingiu a pele cinza do demônio, e um vergão vermelho apareceu, escavando sangue. Abbadon ignorou ela, se movendo em direção a Jace.

Com sua mão não ferida Jace puxou a segunda lâmina serafim. Ele sussurrou para ela e ela saltou livre, brilhante e reluzente. Ele a levantou enquanto o demônio se aproximava perante ele, ela pareceu possivelmente pequena na frente daquilo, uma criança diante de um monstro. E ele estava sorrindo, mesmo quando o demônio o alcançou. Isabelle, gritando, fustigando aquilo, enviando sangue em um espesso salpicar através do chão...

O demônio o agarrou, a sua mão em garra acertando abaixo Jace. Jace oscilou para trás, mas ele estava ileso. Algo tinha se atirado entre ele e o demônio, uma esguia sombra preta com uma reluzente lâmina em sua mão. Alec. O demônio gritou – o bastão de Alec tinha perfurado a sua pele. Com um rosnar ele golpeou novamente, garras com ossos capturaram Alec, um violento golpe que levantaram ele de seus pés e o arremessaram contra a parede. Ele a atingiu com um ruído doentio e deslizou até o chão.

Isabelle gritou o nome do seu irmão. Ele não se moveu. Baixando o chicote, ela começou a correr para ele. O demônio, girando, acertou ela com as costas de suas mãos que a enviou girando pelo chão. Tossindo sangue, Isabelle começou a ficar de pé; Abbadon jogou ela no chão novamente, e desta vez ela permaneceu deitada.

O demônio se moveu em direção a Clary.

Jace ficou congelado, olhando para o corpo amassado de Alec como alguém capturado em um sonho. Clary gritou enquanto Abbadon se aproximava dela. Ela começou a voltar pelas escadas, tropeçando nos degraus quebrados. A estela queimava contra a sua pele. Se ela só tivesse uma arma, qualquer coisa...

Isabelle arrastou seu caminho em uma posição sentada. Empurrando seu cabelo ensanguentado para trás, ela gritou para Jace. Clary ouviu seu próprio nome nos gritos de Isabelle e viu Jace, piscando como se tivesse acordado, virando em direção a ela. Ele começou a correr. O demônio estava perto o suficiente, agora Clary podia ver as feridas pretas em sua pele, podia ver que haviam coisas espalhando-se dentro delas. Ele alcançando ela...

Mas ali estava Jace, atirando a mão de Abbadon de lado. Ele arremessou a lâmina serafim no demônio, que ficou presa no peito da criatura, próximo às duas lâminas que já estavam ali. O demônio rosnou como se as lâminas não fossem mais do que um aborrecimento. "Caçador de Sombras," ele rugiu. "Vou ter o prazer de te matar, em ouvir os seus ossos esmagados como eu fiz com seu amigo..."



Se impulsionando no corrimão, Jace lançou a si mesmo em Abbadon. A força do salto jogou o demônio para trás; que cambaleou, Jace agarrou em suas costas. Ele arrancou uma lâmina serafim para fora do seu peito, enviando um spray de fluido, e trouxe a lâmina para baixo, repetidas vezes, nas costas do demônio, seus ombros escorrendo com o fluido preto.

Rosnando, Abbadon de costas foi em direção à parede. Jace tinha que se soltar ou ser esmagado. Ele caiu ao chão, aterrissando levemente, e levantou a lâmina novamente. Mas Abbadon era muito rápido para ele, suas mãos o atacaram, jogando Jace na escada. Jace caiu, um círculo de garras em sua garganta.

"Diga a eles que me dê a Taça," Abbadon rugiu, as garras pairando um pouco acima da pele de Jace. "Diga a eles para a dar para mim e eu vou deixá-los vivos."

Jace engoliu. "Clary..."

Mas Clary nunca soube o que ele teria dito, porque nesse momento a porta da frente voou aberta. Por um momento tudo que ela viu estava brilhando. Então, piscando e afastando o esplendor da imagem refletida, ela viu Simon de pé na soleira da porta aberta. *Simon*. Ela tinha se esquecido que ele estava lá fora, tinha quase esquecido que ele existia.

Ele viu ela, encolhida nas escadas, e seu olhar se moveu passando ela para estar no Abbadon e em Jace. Ele recuou para trás o seu ombro. Ele estava segurando o arco de Alec, ela percebeu, a aljava estava presa em toda a sua volta. Ele puxou uma seta vinda dela, ajustando ela na mira, e levantou o arco habilmente, como se ele houvesse feito a mesma coisa uma centena de vezes antes.

A seta foi disparada. Fez um som quente vibrante, como uma enorme abelha, enquanto ela acertava acima da cabeça do Abbadon, mergulhando em direção ao teto...

E quebrando a clarabóia. O sujo vidro preto caiu como chuva, e através da vidraça jorrou a luz do sol, uma quantidade de luz solar, grande barras douradas agudamente em direção ao chão e inundando o saguão com a luz.

Abbadon gritou e cambaleou para trás, cobrindo a sua cabeça deformada com as mãos. Jace colocou uma mão em sua garganta ilesa, olhando em descrença enquanto o demônio amassava-se, uivando, para o chão. Clary meio que esperou que ele explodisse em chamas, mas em vez disso, começou a se dobrar sobre si mesmo. Suas pernas desabaram voltadas para seu tronco, seu crânio enrugando como papel queimando, e dentro do espaço de um minuto, tinha desaparecido completamente, deixando para trás apenas marcas chamuscadas.

Simon baixou o arco. Ele estava piscando atrás de seus óculos, sua boca ligeiramente aberta. Ele parecia tão espantado quanto Clary se sentia.

Jace deitado sobre as escadas onde o demônio havia atirado ele. Ele estava lutando para se sentar enquanto Clary deslizava descendo as escadas para se ajoelhar ao lado dele. "Jace..."



"Eu estou bem." Ele se sentou, limpando o sangue de sua boca. Ele tossiu e cuspiu vermelho. "Alec..."

"Sua estela," ela interrompeu, alcançando o seu bolso. "Do que você precisa para se curar?"

Ele olhou para ela. A luz do sol se derramando através da clarabóia iluminava o rosto dele. Ele parecia como se ele estivesse se segurando a si mesmo para trás de algo, com um terrível esforço. "Eu estou bem," ele disse, de novo, e a empurrou de lado, não muito gentil. Ele ficou de pé, cambaleando, e quase caiu, a primeira coisa não graciosa que ela o viu fazer. "Alec?"

Clary observou enquanto ele mancava através do saguão para o seu amigo inconsciente. Então ela fechou a Taça Mortal no bolso do seu agasalho e ficou em seus pés. Isabelle tinha se arrastado ao lado do seu irmão e estava deitando sua cabeça em seu colo, acariciando seu cabelo. Seu peito subia e descia lentamente, mas ele estava respirando. Simon, inclinado contra a parede estava olhando para eles, parecia totalmente exaurido. Clary apertou a mão dele enquanto passava por ele. "Obrigada," ela sussurrou. "Aquilo foi incrível."

"Não me agradeça," ele disse, " agradeça ao programa de arco e flecha do acampamento B'nai B'rith."

"Simon, eu não..."

"Clary!" Era Jace, a chamando. "Traga a minha estela."

Simon soltou ela com relutância. Ela se ajoelhou ao lado do Caçador de sombras, a Taça Mortal batendo fortemente contra seu lado. O rosto de Alec estava branco, sardento com as gotas de sangue, os olhos dele de um azul não natural. Seu aperto sobre o pulso esquerdo manchado de sangue de Jace. "Será que eu..." ele começou, então pareceu ao ver de Clary, como se fosse pela primeira vez. Havia algo em seu olhar que ela não tinha esperado. Triunfo. "Eu o matei?"

O rosto de Jace torceu dolorosamente. "Você..."

"Sim," disse Clary. "Ele está morto."

Alec olhou para ela e riu. Sangue borbulhou em sua boca. Jace puxou seu pulso livre, tocando seus dedos em cada lado do rosto de Alec. "Não," ele disse. "Fique imóvel, apenas fique imóvel."

Alec fechou os olhos. "Faça o que você precisa," ele sussurrou.

Isabelle segurou sua estela para Jace. "Pegue-a."

Ele acenou, e colocou a ponta da estela na frente da camisa de Alec. O tecido cortou como se ele tivesse sido cortado com uma faca. Isabelle olhava ele através de olhos frenéticos enquanto ele puxava a camisa aberta, deixando o peito de Alec nu. Sua pele era muito branca, marcada aqui e ali com antigas cicatrizes transluzentes. Havia



outras lesões ali também: umas marcas escurecendo de arranhar de garras, cada buraco vermelho despontando. Jace traçou a estela na pele de Alec, movendo-a para frente e para trás com a facilidade da longa prática. Mas havia algo de errado. Mesmo quando ele desenhava as marcas de cura, elas pareciam desaparecer, como se ele estivesse escrevendo sobre a água.

Jace jogou a estela de lado. "Maldição."

A voz de Isabelle era estridente. "O que houve?"

"Ele o arranhou com as suas garras," Jace disse. "Há veneno de demônio nele. As marcas não podem trabalhar." Ele tocou o rosto de Alec outra vez, suavemente. "Alec," ele disse. "Você pode me ouvir?"

Alec não se moveu. As sombras abaixo de seus olhos azuis pareciam tão escuras quanto contusões. Se não fosse pela sua respiração, Clary pensaria que ele já estava morto.

Isabelle inclinou sua cabeça, o cabelo dela cobrindo o rosto de Alec. Seus braços estavam ao seu redor. "Talvez," ela sussurrou, "nós pudéssemos..."

"Levem-no para o hospital." Era Simon, de pé sobre eles, o arco pendendo na sua mão. "Eu vou ajudá-lo a carregá-lo para a van. Há o Metodista abaixo na Sétima Avenida"

"Sem hospitais," disse Isabelle. "Temos que levá-lo para o Instituto."

"Mas."

"Eles não saberiam como tratar ele em um hospital," Jace disse. "Ele foi cortado por um Grande Demônio. Nenhum médico mundano saberia como curar essas feridas."

Simon concordou. "Tudo bem. Vamos levá-lo para o carro."

Em um golpe de sorte, a van não tinha sido rebocada. Isabelle cobriu um cobertor sujo em todo o assento traseiro e eles deitaram Alec sobre ele, sua cabeça no colo de Isabelle. Jace se encurvou no chão ao lado de seu amigo. Sua camisa estava com manchas escuras em todo o peito e mangas, com sangue do demônio e de humanos. Quando ele olhou para Simon, Clary viu que todo o dourado parecia ter sido lavado para fora de seus olhos por algo que ela nunca tinha visto antes nos mesmos. Pânico.

"Dirija rápido, mundano," disse ele. "Dirija como se o inferno estivesse seguindo você."

E Simon dirigiu.

Eles se direcionaram abaixo da avenida Flatbush e para a ponte, mantendo o ritmo com o trem Q enquanto ele rugia sobre a água azul. O sol estava dolorosamente brilhante nos olhos de Clary, lampejando quentes faíscas sobre o rio. Ela se agarrou em seu assento enquanto Simon pegava a rampa elevada ao largo da ponte a oitenta quilômetros por hora.



Ela pensou sobre as coisas horríveis que tinha dito a Alec, a maneira como ele próprio tinha se atirado em Abbadon, o olhar de triunfo sobre o seu rosto. Quando ela virou a cabeça agora, ela viu Jace ajoelhado próximo ao seu amigo enquanto o sangue infiltrava através do cobertor. Ela pensou no menino com o falcão morto. *Amar é destruir.*

Clary girou de volta, um pedaço duro alojado na parte de trás de sua garganta. Isabelle estava visível no espelho retrovisor mal angulado, envolvendo o cobertor em torno da garganta de Alec. Ela olhou para cima e encontrou os olhos de Clary. "Quão distantes estamos?"

"Talvez dez minutos. Simon está dirigindo o mais rápido que pode."

"Eu sei," Isabelle disse. "Simon, o que você fez, aquilo foi incrível. Você agiu tão rápido. Eu não teria pensado que um mundano poderia ter pensado em algo como aquilo."

Simon não pareceu intimidado por um inesperado elogio, os olhos dele estavam na estrada. "Você quer dizer, o tiro na clarabóia? Aquilo me veio, depois que vocês foram para dentro. Eu estava pensando sobre a clarabóia e como você disse que os demônios não suportavam luz direta do sol. Então, na verdade, eu demorei um tempo para agir sobre isso. Não se sinta mal," ele acrescentou, "você não pode ver mesmo a clarabóia, a menos que você saiba que está ali."

Eu sabia que ela estava lá, Clary pensou. *Eu deveria ter feito algo sobre isso. Mesmo se eu não tivesse um arco e flecha como Simon, eu poderia ter jogado algo ou ter dito a Jace sobre ela.* Ela se sentiu estúpida, inútil e grosseira, como se a cabeça dela estivesse cheia de algodão. A verdade era que ela tinha estado assustada. Demasiadamente assustada para pensar direito. Ela sentiu uma brilhante onda de vergonha que arrebentou atrás das pálpebras dela como um pequeno sol.

Jace falou então. "Foi bem feito," ele disse.

Os olhos de Simon rolaram. "Então, se você não se importa em me dizer – aquela coisa, o demônio, – de onde ele veio?"

"Era Madame Dorothea," Clary disse. "Quero dizer, era tipo ela."

"Ela nunca foi exatamente atraente, mas não me lembro dela parecendo assim tão mau."

"Eu acho que ela estava possuída," Clary disse lentamente, tentando colocar as peças juntas em sua própria mente. "Ela queria que eu lhe desse a Taça. Então ela abriu o Portal..."

"Aquilo foi inteligente," Jace disse. "O demônio possuía ela, então escondeu a maioria da sua forma etérea fora do Portal, onde o sensor não podia registrá-lo. Então, nós fomos esperando por luta com alguns Esquecidos... Em vez disso, nos encontramos confrontados com um Grande Demônio. Abbadon – um dos antigos. O Senhor dos Caídos."



"Bem, parece que os Caídos terão apenas que aprender a se virar sem ele a partir de agora," Simon disse, virando para a rua.

"Ele não está morto," Isabelle disse. "Difícilmente alguém mata um Grande Demônio. Você tem que matar eles em seu físico e na forma etérea antes de eles morrerem. Nós apenas assustamos ele."

"Ah." Simon pareceu desapontado. "E Madame Dorothea? Ela vai estar bem agora que..."

Ele se interrompeu, porque Alec tinha começado a sufocar, sua respiração agitando em seu peito. Jace xingou sob sua respiração com precisão violenta. *"Por que não estamos lá ainda?"*

"Nós *estamos* aqui. Eu só não quero bater dentro de uma parede." Enquanto Simon virava cuidadosamente a esquina, Clary viu que a porta do Instituto estava aberta, Hodge em pé na moldura do arco. A van sacudiu até frear e Jace saltou para fora, voltando-se para suspender Alec como se ele não pesasse mais que uma criança. Isabelle o seguiu pela calçada, segurando o bastão ensangüentado do irmão. A porta do Instituto se fechou atrás deles.

O cansaço percorreu ao longo dela, Clary olhou para Simon. "Sinto muito. Não sei como você vai explicar todo esse sangue para Eric."

"Eric vai surtar," ele disse com convicção. "Você está bem?"

"Nem um arranhão. Todo mundo se machucou, menos eu."

"É o trabalho deles, Clary," ele disse suavemente. "Lutar contra demônios, é o que eles fazem. Não é o que você faz."

"O que devo fazer, Simon?" ela perguntou, procurando em seu rosto por uma resposta. "O que eu faço?"

"Bem, você tem a Taça," ele disse. "Não tem?"

Ela concordou, e tateou o seu bolso. "Sim."

Ele pareceu aliviado. "Eu quase não quis perguntar," ele disse. "Isso é bom, certo?"

"É," ela disse. Ela pensou em sua mãe, e a sua mão apertou sobre a Taça. "Eu sei que é."

Church encontrou ela no topo da escadaria, miando como uma buzina, e a levou para a enfermaria. As portas duplas estavam abertas, e através delas que ela pôde ver a figura de Alec imóvel, sem se mexer em uma das camas brancas. Hodge estava encurvado sobre ele; Isabelle, ao lado do homem mais velho, segurava uma bandeja de prata em suas mãos.



Jace não estava com eles. Ele não estava com eles, porque ele estava de pé do lado de fora da enfermaria, inclinado contra a parede, suas vazias e ensangüentadas mãos curvadas no seu lado. Quando Clary parou em frente a ele, suas pálpebras se alargaram, e ela viu que as pupilas dos seus olhos estavam dilatadas, todo o ouro tragado em preto.

"Como ele está?" ela perguntou, tão gentilmente quanto ela podia.

"Ele perdeu muito sangue. Venenos de demônio são comuns, mas uma vez que era de um Grande Demônio, Hodge não está certo se os antídotos que ele geralmente emprega serão viáveis."

Ela o alcançou para tocar o braço dele. "Jace..."

Ele se afastou. "Não."

Ela sugou sua respiração. "Eu nunca quis que nada acontecesse com Alec. Eu realmente sinto muito."

Ele olhou para ela como se estivesse vendo ela lá pela primeira vez. "Não é sua culpa," ele disse. "É minha."

"Sua? Jace, não, isso não é..."

"Ah, mas é," ele disse, sua voz tão frágil quanto uma lasca de gelo. "Mea culpa, mea maxima culpa."

"O que significa isso?"

"Minha culpa," disse ele, "minha própria culpa, minha mais grave culpa. É latim." Ele limpou distraidamente um cacho de seu cabelo que caía sobre sua testa, como se inconsciente de que ele estava fazendo isso. "Parte da liturgia"

"Eu pensei que você não acreditasse em religião."

"Eu posso não acreditar em pecado," ele disse, "mas eu sinto culpa. Nós Caçadores de sombras vivemos por um código, e este código não é flexível. Honra, culpa, penitência, isso são reais para nós, e eles não têm nada a ver com religião, e tudo a ver com quem nós somos. Esse é quem eu sou, Clary," ele disse desesperadamente. "Eu sou um da Clave. Está no meu sangue e ossos. Então me diga, se você está tão certa de que isso não foi minha culpa, porque é que o primeiro pensamento que passou em minha mente quando vi Abbadon não era para meus companheiros guerreiros, mas para você?" Sua outra mão surgiu, ele estava segurando seu rosto, cativo entre as suas palmas. "Eu sei... eu sabia... que Alec não estava agindo como ele mesmo. Eu sabia que algo estava errado. Mas tudo que eu podia pensar era em você..."

Ele inclinou sua cabeça para frente, então suas testas se tocaram. Ela podia sentir a respiração dele mover seus cílios. Ela fechou seus olhos, deixando a proximidade dele mover sobre ela como uma maré. "Se ele morrer, será como se eu tivesse matado



ele," disse ele. "Eu deixei o meu pai morrer, e agora eu matei o único irmão que eu nunca tive."

"Isso não é verdade," ela sussurrou.

"Sim, é." Eles estavam perto o suficiente para se beijarem. E ainda ele segurava ela fortemente, como se nada o pudesse assegurar a ele que ela era real. "Clary," ele disse. "O que está acontecendo comigo?"

Ela procurou em sua mente por uma resposta clara até que ouviu alguém limpando sua garganta. Ela abriu os olhos dela. Hodge estava na porta da enfermaria, o seu elegante terno manchado com manchas de ferrugem. "Eu fiz tudo o que eu pude. Ele está sedado, sem dor, mas..." Ele balançou a cabeça. "Devo entrar em contato com os Irmãos do Silêncio. Isso está além das minhas habilidades."

Jace se afastou lentamente de Clary. "Quanto tempo vai demorar para eles chegarem aqui?"

"Eu não sei." Hodge começou a descer pelo corredor, agitando sua cabeça. "Eu vou enviar Hugo imediatamente, mas os Irmãos virão a seus próprios critérios."

"Mas sendo assim," mesmo Jace lutava para acompanhar os largos passos de Hodge; Clary descia desesperadamente atrás dos dois, e ela teve que se esforçar para ouvir o que ele estava dizendo. "Ele pode morrer de outra forma."

"Ele pode," foi tudo que Hodge disse em resposta.

A biblioteca estava escura e cheirava a chuva: Uma das janelas tinha sido deixada aberta, e uma poça de água havia formado sob as cortinas. Hugo gorjeou e saltou em seu poleiro enquanto Hodge caminhava em direção a ele, parando apenas para acender a luz na sua mesa. "É uma pena," Hodge disse, alcançando o papel e uma caneta, "que vocês não recuperaram a Taça. Poderia, eu acho, trazer algum conforto para Alec e certamente para o seu..."

"Mas eu recuperei a Taça," disse Clary, espantada. "Você não disse a ele, Jace?"

Jace estava pestanejando, embora se era por causa da surpresa ou da súbita lembrança, Clary não pode dizer. "Não houve tempo, eu estava trazendo Alec para cima..."

Hodge ainda permanecia muito parado, a caneta sem movimento entre seus dedos. "Você tem a Taça?"

"Sim." Clary trouxe a Taça para fora de seu bolso: Ela ainda estava fria, como se o contato com o seu corpo não pudesse aquecer o metal. Os rubis piscaram como olhos vermelhos. "Eu a tenho aqui."

A caneta de Hodge escorregou inteiramente de sua mão e atingiu o chão a seus pés. A luz da lâmpada, lançada para cima, não era do tipo para devastar o rosto: ela mostrou cada agravada linha de aspereza, preocupação e desespero. "Esta é a Taça do Anjo?"



"A própria," disse Jace. "Ela estava..."

"Não importa isso agora," disse Hodge. Ele largou o papel sobre a mesa e se moveu em direção a Jace, segurando seu estudante pelos ombros. "Jace Wayland, sabe o que você fez?"

Jace olhou para Hodge, surpreso. Clary notou o contraste: o rosto devastado do homem mais velho e o sem rugas do menino, os pálidos cachos de cabelo caindo nos olhos de Jace fazendo ele parecer ainda mais jovem. "Não tenho certeza do que quer dizer," disse Jace.

Hodge respirou o ar sibilando através de seus dentes. "Você parece tanto com ele."

"Como quem?" Jace disse em espanto, ele claramente nunca tinha ouvido Hodge falar daquela maneira antes.

"Tal como o seu pai," disse Hodge, e levantou os olhos para onde Hugo, asas pretas agitando o ar úmido, pairava sobre a cabeça.

Hodge estreitou seus olhos. "Hugin," ele disse, e com um sublime crocitar o pássaro mergulhou direto para o rosto de Clary, garras estendidas.

Clary ouviu Jace gritar, e então o mundo estava girando com penas e bico e garras. Uma agonizante dor cresceu ao longo de sua bochecha e ela gritou, instintivamente jogando suas mãos para cobrir seu rosto.

Ela sentiu a Taça Mortal ser arrancada de seu aperto. "Não!" Ela chorou, agarrando-se a ela. Uma angustiante dor subiu pelo seu braço. Suas pernas pareceram sair debaixo dela. Ela escorregou e caiu, atingindo seus joelhos dolorosamente contra o chão duro. Garras atacavam sua testa.

"Isso é o suficiente, Hugo," disse Hodge em sua voz calma.

Obedientemente o pássaro virou e se afastou de Clary. Com esforço ela piscou sangue para fora de seus olhos. Ela sentiu ele retalhado.

Hodge não tinha se movido; ele ficou onde estava, segurando a Taça Mortal. Hugo estava circulando ele largamente, rondas agitadas, grasnando suavemente. E Jace – Jace deitado no chão aos pés de Hodge, muito imóvel, como se ele tivesse caído, de repente, dormindo.

Todos os outros pensamentos foram expulsos de sua mente. "Jace!" Falar machucou – a dor em sua bochecha era surpreendente e ela pode sentir o gosto de sangue na sua boca. Jace não se moveu.

"Ele não está machucado," disse Hodge. Clary começou a ficar em pé, significando se lançar a si mesma para ele, então cambaleou de volta quando ela atingiu algo invisível, mas tão duro e forte quanto vidro. Furiosa, ela golpeou contra o ar com o seu punho.



"Hodge!" ela gritou. Ela chutou, quase contundindo seus pés na mesma parede invisível. "Não seja estúpido. Quando a Clave descobrir o que você fez..."

"Eu vou estar muito longe até então," ele disse, ajoelhando sobre Jace.

"Mas," um choque correu através dela, uma sacudida elétrica de percepção. "Você nunca enviou uma mensagem para a Clave, não é? É por isso que você estava tão estranho quando eu lhe perguntei sobre isso. Você queria a Taça para si mesmo."

"Não," disse Hodge, "por mim mesmo."

A garganta de Clary estava seca como poeira. "Você trabalha para Valentine," ela sussurrou.

"Eu não trabalho para Valentine," Hodge disse. Ele levantou a mão de Jace e puxou algo dela. Aquilo era o anel gravado que Jace sempre usava. Hodge escorregou ele em seu próprio dedo. "Mas eu sou homem de Valentine, é verdade."

Com um rápido movimento ele torceu o anel em torno do seu dedo três vezes. Por um momento nada aconteceu; em seguida Clary ouviu o som de uma porta se abrindo e virou instintivamente para ver quem estava chegando na biblioteca. Quando ela virou para trás, ela viu que o ar ao lado de Hodge estava tremulando, como a superfície de um lago visto a distância. A parede de ar ondulante se dividiu como uma cortina de prata e, em seguida, um homem alto estava em pé ao lado de Hodge, como se ele tivesse juntado fora do ar úmido.

"Starkweather," ele disse. "Você tem a Taça?"

Hodge levantou a Taça em suas mãos, mas não disse nada. Ele pareceu paralisado, quer com medo ou espanto, era impossível se dizer. Ele tinha sempre parecido alto para Clary, mas agora ele parecia arqueado e pequeno. "Meu senhor Valentine," ele disse, finalmente. "Eu não esperava que você viesse tão rapidamente."

Valentine. Ele entediado pouco se assemelhava com o menino bonito na foto, porém seus olhos ainda eram negros. Seu rosto não era nada o que ela tinha esperado: Ele era um contido, fechado, interior rosto, o rosto de um sacerdote, com olhos tristes. Deslizando fora por baixo do punho de seu terno preto estavam os sulcos de cicatrizes brancas que falavam de anos de estela. "Eu te disse que eu viria até você através de um portal," ele disse. Sua voz era ressonante, e estranhamente familiar. "Você não acredita em mim?"

"Sim. Eu apenas – eu pensei que você enviaria Pangborn ou Blackwell, não vindo você mesmo."

"Você acha que eu mandaria eles para recolher a Taça? Eu não sou um tolo. Eu conheço esta atração." Valentine soltou a mão dele, e Clary viu, reluzindo no dedo dele, um anel que era igual ao de Jace. "Me dê."

Mas Hodge segurou a Taça rápido. "Quero que você me prometa primeiro."



"Em primeiro lugar? Você não confia em mim, Starkweather?" Valentine sorriu, um sorriso não sem humor nele. "Vou fazer o que você pediu. Um acordo é um acordo. Embora devo dizer que fiquei espantado ao receber sua mensagem. Eu não tinha pensado que você se importava com uma vida oculta de contemplação, por assim dizer. Você nunca foi muito para o campo de batalha."

"Você não sabe como é que isso é," disse Hodge, deixando a sua respiração sair com um sibilante suspiro. "Estar com medo o tempo todo..."

"Isso é verdade. Eu não." A voz de Valentine era tão triste quanto os olhos, como se ele tivesse pena de Hodge. Mas havia antipatia nos olhos dele também, um traço de desprezo. "Se você não tinha a intenção de dar a Taça para mim," ele disse, "você não deveria ter me chamado aqui."

O rosto de Hodge trabalhou. "Não é fácil trair o que você acredita – naqueles que confiam em você."

"Você quer dizer os Lightwoods, ou seus filhos?"

"Ambos," Hodge disse.

"Ah, o Lightwoods." Valentine se afastou, e com uma mão acariciou o globo de bronze que ficava sobre a mesa, os seus longos dedos traçando os contornos dos continentes e mares. "Mas o que é que devemos a eles, realmente? Seu é o castigo que deveria ter sido deles. Se eles não tivessem tão altas conexões na Clave, eles teriam sido amaldiçoados junto com você. Sendo assim, eles estão livres para ir e vir, para andar na luz do sol como homens normais. Eles estão livres para ir para casa." Sua voz quando ele disse "casa" tremeu com todo o significado da palavra. Seu dedo tinha parado de mover o globo; Clary tinha certeza que estava tocando no local onde seria Idris.

Os olhos de Hodge afastaram-se para longe. "Eles fizeram o que qualquer um faria."

"Você não teria feito isso. Eu não teria feito isso. Deixar um amigo sofrer no meu lugar? E certamente o que deve gerar alguma amargura em você, Starkweather, por saber que eles tão facilmente deixaram esta sorte para você..."

Os ombros de Hodge tremeram. "Mas não é culpa das crianças. Elas não fizeram nada..."

"Eu nunca soube que você era tão afeiçoado a crianças, Starkweather," Valentine disse, como se a idéia divertisse ele.

A respiração difícil no peito de Hodge. "Jace..."

"Você não vai falar de Jace." Pela primeira vez Valentine soou irritado. Ele olhou para a figura ainda no chão. "Ele está sangrando," ele observou. "Porquê?"

Hodge segurou a Taça contra o seu coração. Seus nós dos dedos estavam, brancos. "Não é o sangue dele. Ele está inconsciente, mas não ferido."



Valentine levantou a cabeça dele com um sorriso agradável. "Me pergunto," ele disse, "o que ele vai pensar de você quando ele acordar. Traição nunca é bonito, mas trair uma criança – é uma dupla traição, não acha?"

"Você não vai machucá-lo," sussurrou Hodge. "Você jurou que não iria machucá-lo."

"Eu nunca fiz isso," Valentine disse. "Vamos, agora." Ele se afastou da mesa, em direção a Hodge, que vacilou para longe como um pequeno e preso animal. Clary podia ver sua tristeza. "E o que você faria se eu dissesse que tinha planos para machucar ele? Será que você lutaria comigo? Manteria a Taça longe de mim? Mesmo se você pudesse me matar, a Clave jamais retiraria sua maldição. Você se esconderia aqui até que você morresse, aterrorizado em fazer, tanto quanto abrir uma janela muito largamente. O que você não trocaria, para não ter mais medo? O que você não daria, para ir para casa outra vez?"

Clary rompeu seus olhos para longe. Ela já não podia suportar o olhar no rosto da Hodge. Em uma sufocada voz ele disse. "Diga-me você não vai machucá-lo, e eu a darei para você."

"Não," disse Valentine, ainda mais suavemente. "Você a dará a mim de qualquer jeito." E ele aproximou-se de sua mão.

Hodge fechou os olhos. Por um instante o seu rosto era o rosto de um dos anjos mármore sob a mesa, triste e grave e esmagado sob um terrível peso. Então ele xingou, pateticamente, sob a sua respiração, e segurou a Taça Mortal para Valentine a tomar, apesar de sua mão tremer como uma folha em um forte vento.

"Obrigado," disse Valentine. Ele pegou a Taça, e a olhou pensativamente. "Creio que você denteou a borda."

Hodge nada disse. Seu rosto estava cinza. Valentine se curvou para baixo e se reuniu a Jace; enquanto levantava ele levemente, Clary viu o corte impecável do casaco apertar sobre seus braços e costas, e ela percebeu que ele era um homem enganosamente forte, com um tronco como o tronco de um carvalho. Jace, mole em seus braços, parecia ser uma criança em comparação.

"Ele vai estar com seu pai em breve," Valentine disse, olhando abaixo para o rosto branco de Jace. "Onde ele pertence."

Hodge vacilou. Valentine se afastou dele e caminhou para trás em direção da ondulante cortina de ar que ele tinha vindo. Ele deve ter deixado a porta do Portal aberta atrás dele, Clary percebeu. Olhando para ele era como olhar para a luz do sol na superfície de um espelho.

Hodge chegou uma mão implorante. "Espere!" Ele chorou. "E a sua promessa a mim? Você jurou acabar com a minha maldição."

"É verdade," Valentine disse. Ele pausou, e olhou duro para Hodge, que arfou e andou para trás, a mão dele voando para o seu peito como se algo o tivesse atingido no coração. Fluído preto infiltrou para fora em torno de seu dedos estendidos e escorria



para o chão. Hodge levantou sua cicatriz facial para Valentine. "Foi feito?" ele perguntou desordenadamente. "A maldição, acabou?"

"Sim," disse Valentine. "E pode sua liberdade comprada, trazer alegria." E com aquilo ele andou através da cortina de ar incandescente. Por um momento ele pareceu tremular, como se ele ficasse submerso. Então ele desapareceu, levando Jace com ele.



20 – Ratos no beco

Hodge, arfando, olhou após dele, seus punhos apertando e fechando a seu lado. Sua mão esquerda estava enluvada, molhada com o líquido escuro que tinha ensopado em seu peito. O olhar no seu rosto era uma mistura de júbilo e de auto-aversão.

"Hodge!" Clary bateu a mão na parede invisível entre eles. Dor acertava o seu braço, mas não era nada comparada a abrasadora dor dentro do peito dela. Ela sentiu como se seu coração fosse bater de um jeito como se saindo da gaiola das costelas. *Jace, Jace, Jace* as palavras ecoaram em sua mente, querendo ser gritadas em voz alta. Ela mordeu ela de volta. "Hodge, me deixe sair!"

Hodge virou, agitando sua cabeça. "Eu não posso," ele disse, usando o lenço imaculadamente dobrado para esfregar em suas mãos manchadas. Ele parecia genuinamente arrependido. "Você apenas irá tentar me matar."

"Não vou," ela disse. "Eu prometo."

"Mas você não foi levantada uma Caçadora de Sombra," ele disse, "e suas promessas não significam nada." A borda de seu lenço estava fumaçando agora, como se ele o tivesse mergulhado em ácido, e sua mão não estava menos enegrecida. Franzindo as sobrancelhas, ele abandonou o projeto.

"Mas Hodge," ela disse desesperadamente, "você ouviu ele? Ele vai matar Jace."

"Ele não disse isso." Hodge estava na mesa agora, abrindo uma gaveta, tirando um pedaço de papel. Ele puxou uma caneta do bolso dele, tocando-a fortemente contra a borda do balcão para fazer a tinta fluir. Clary olhou para ele. Ele estava escrevendo uma *carta*?

"Hodge," ela disse cuidadosamente, "Valentine disse que Jace estaria com seu pai em breve. O pai de Jace está morto. O que mais ele poderia querer dizer?"

Hodge não olhou para cima do papel que estava rabiscando. "É complicado. Você não iria entender."

"Eu entendo o suficiente." Ela sentiu sua amargura como se aquilo pudesse queimar através da sua língua. "Eu entendo que Jace confiou em você e você negociou ele para um homem que odiava o pai e provavelmente odeia Jace, também, só porque você é muito covarde para viver com uma maldição que você merecia."

A cabeça de Hodge jogou-se para cima. "É isso o que você acha?"

"É o que eu sei."

Ele colocou a sua caneta para baixo, agitando sua cabeça. Ele parecia cansado e tão velho, muito mais velho do que Valentine tinha parecido, apesar de serem da mesma idade. "Você só sabe pedaços e fragmentos, Clary. E você está em melhor situação desse jeito." Ele dobrou o papel que tinha sido escrito em um elegante e limpo



quadrado e o jogou no fogo, que chamejou num brilhante e verde ácido antes de diminuir.

"O que você está fazendo?" Clary exigiu.

"Enviando uma mensagem." Hodge se afastou do fogo. Ele estava em pé perto dela, separados apenas pelo muro invisível. Ela pressionou os dedos contra ela, desejando que ela pudesse escavar dentro dos olhos dele – apesar deles estarem tão tristes quanto os de Valentine tinha estado irritados. "Vocês são jovens," ele disse. "O passado não é nada para você, nem mesmo um outro país como é para o velho, ou um pesadelo como é para o culpado. A Clave lançou esta maldição sobre mim, porque eu auxiliei Valentine. Mas eu dificilmente era o único membro do Círculo a servir ele – os Lightwoods não eram tão culpados quanto eu era? Não eram os Waylands? Porém, eu fui o único amaldiçoado a viver a minha vida sem poder ser capaz de colocar um pé fora das portas, tanto quanto uma mão através da janela."

"Não é minha culpa," afirmou Clary. "Não é culpa de Jace. Porque punir ele por aquilo que a Clave fez? Eu posso compreender você ter dado a Valentine a Taça, mas Jace? Ele vai matar Jace, tal como ele matou o pai de dele..."

"Valentine," disse Hodge, "ele não matou o pai de Jace."

Um soluço se quebrou livre no peito de Clary. "Eu não acredito em você! Tudo que você fala são mentiras! Tudo que você disse é uma mentira!"

"Ah," disse ele, "o absolutismo moral dos jovens, que não permite concessões. Você não pode ver, Clary, que da minha própria maneira eu estou tentando ser um bom homem?"

Ela sacudiu a cabeça dela. "Isso não funciona dessa forma. As coisas boas que você faz não anula as más. Mas..." Ela mordeu seu lábio. "Se você me disser onde Valentine está..."

"Não."

Ele respirou a palavra. "É dito que os Nephilim são os filhos dos homens e dos anjos. Todo este patrimônio Angelical que tem dado para nós é uma longa distância da queda." Ele tocou a superfície da parede invisível com suas mãos. "Você não foi levantada como um de nós. Você não tem nenhuma parte nesta vida de cicatrizes e assassinatos. Você ainda pode fugir. Deixar o Instituto, Clary, o mais breve que você puder. Sair, e nunca mais voltar."

Ela sacudiu sua cabeça. "Eu não posso," ela disse. "Eu não posso fazer isso."

"Então, você tem as minhas condolências," ele disse, e saiu da sala.

A porta se fechou atrás de Hodge, deixando Clary em silêncio. Havia apenas a sua própria respiração e o arranhar da ponta de seus dedos contra a dura barreira transparente entre ela e a porta. Ela fez exatamente o que ela disse a si mesma que ela não faria, e se jogou contra si mesma naquilo, uma e outra vez, até que ela



estivesse exausta e seu lados doloridos. Então ela se afundou no chão e tentou não chorar.

Em algum lugar do outro lado desta barreira Alec estava morrendo, enquanto Isabelle aguardava por Hodge vir e salvá-lo. Em algum lugar fora desta sala Jace estava sendo rudemente sacudido para acordar, por Valentine. Em algum lugar as chances de sua mãe estavam declinando para longe, momento a momento, segundo a segundo. E ela estava presa aqui, tão inútil e indefesa quanto uma criança que ela era.

Ela então se pressionou sentada, lembrando do momento em Madame Dorothea em que Jace tinha pressionado a estela em sua mão. Ela nunca tinha dado a ele de volta? Segurando seu fôlego, ela a sentiu em seu bolso esquerdo do casaco, que estava vazio. Lentamente, sua mão penetrou no bolso direito, os seus suados dedos tocando o tecido e em seguida, escorregando através de algo duro, suave, e esférico – a estela.

Ela limitou-se aos pés dela, seu coração batendo, e sentiu com a mão esquerda a parede invisível. Encontrando-a, ela abraçou a si mesma, avançando devagar a ponta da estela em frente com a sua outra mão até que descansou contra o suave nível do ar. Já havia uma imagem se formando em sua mente, como um peixe elevando-se através da água turva, o padrão de suas escamas crescendo mais claro e mais claro enquanto se aproximava da superfície. Lentamente da primeira vez, e então mais confiante, ela moveu a estela em toda a parede, deixando queimaduras brilhantes cinza – linhas brancas pairando no ar após ela.

Ela sentiu quando a runa estava pronta, e abaixou sua mão, respirando difícil. Por um momento tudo estava imóvel e silencioso e a runa pendurada como um néon brilhante, queimando seus olhos. Depois, veio um som como o estilhaçar mais alto que ela tinha ouvido, como se ela estivesse de pé em uma cachoeira de pedras ouvindo a colisão delas para o chão em tudo ao seu redor. A runa que ela tinha desenhado tornou-se preta e evaporou-se para longe como cinzas, o chão tremeu sob seus pés e, então tinha acabado, e ela sabia que, sem sombra de dúvida, ela estava livre.

Ainda segurando a estela, ela correu para a janela e empurrou a cortina de lado. O crepúsculo estava caindo e as ruas abaixo estavam banhadas em um brilho avermelhado roxo.

Ela pegou uma clara visão de Hodge atravessando uma rua, a sua cabeça cinza surgindo acima da multidão.

Ela se lançou para fora da biblioteca e desceu as escadas, parando apenas para empurrar a estela de volta no bolso de sua jaqueta. Ela tomou as escadas correndo, alcançando a rua, com um golpe acertando em sua face. Pessoas andando com seus cães no úmido crepúsculo, saltavam de lado enquanto ela se movimentava na passagem ao lado do East River. Ela capturou a visão de si mesma numa janela escura de um edifício de apartamentos quando ela virava ao redor de uma esquina. Seu suado cabelo estava emplastrado em sua testa, o rosto dela com crostas de sangue seco.



Ela chegou a intersecção onde ela tinha visto Hodge. Por um momento ela pensou que tinha perdido ele. Ela se arremessou através da multidão perto da entrada do metrô, tomando de lado as pessoas, utilizando o seu joelho e cotovelos como armas. Suada e machucada, Clary se empurrou livre da multidão apenas a tempo de ver um flash do terno de tweed desaparecer ao virar a esquina de um beco estreito de serviço entre dois edifícios.

Ela contornou ao redor de uma lixeira e entrou na boca do beco. A parte de trás da garganta ela sentia como se queimasse a cada vez que ela respirava. Embora tivesse estado crepúsculo na rua, aqui no beco estava tão escuro quanto o anoitecer. Ela apenas pode ver Hodge, de pé na extremidade final do beco, onde ele acabava, terminava na parte de trás de um restaurante fast-food. O lixo do restaurante estava empilhado no exterior: amontoados sacos de comida, pratos de papel sujos, talheres de plástico que se quebravam desagradavelmente debaixo de suas botas enquanto ele se virava para olhar para ela. Ela lembrou de um poema que ela leu na aula de Inglês: Eu acho que nós somos ratos no beco / Onde os homens mortos perderam seus ossos.

"Você me seguiu," ele disse. "Você não deveria."

"Eu vou te deixar sozinho, se você só me disser onde Valentine está."

"Eu não posso fazer isso," ele disse. "Ele saberá que eu te disse, e minha liberdade será tão curta quanto a minha vida."

"Vai ser do mesmo jeito, quando a Clave descobrir que você deu a Taça Mortal para Valentine," Clary apontou. "Depois de nos enganar para encontrar ela para você. Como você pode viver consigo mesmo, sabendo o que ele planeja fazer com isso?"

Ele cortou ela com um curta gargalhada. "Eu temo mais Valentine do que a Clave, e mesmo você, se você fosse sábia," ele disse. "Ele teria encontrado a Taça eventualmente, quer eu ajudasse ele ou não."

"E você não se importa de que ele estará a utilizando para matar crianças?"

Um espasmo atravessou seu rosto quando ele dava um passo em frente, ela viu alguma coisa brilhar em sua mão. "Será que tudo isso realmente importa tanto assim para você?"

"Eu te disse antes," disse ela. "Eu não posso simplesmente me afastar."

"Isso é muito ruim," ele disse, e ela viu ele levantar seu braço e se lembrou, de repente, de Jace dizendo que a arma de Hodge era o chakram, o disco voador. Ela abaixou a cabeça antes mesmo de ela ver o brilhante círculo de metal girar cantando em direção a sua cabeça, que passou, sussurrante, a centímetros de seu rosto e embutindo-se na escada de incêndio de metal a sua esquerda.

Ela olhou para cima. Hodge estava encarando ela, o segundo disco metálico seguro levemente em sua mão direita. "Você ainda pode correr," ele disse.



Instintivamente ela levantou as mãos, mas a lógica disse a ela que apenas um chakram a fatiaria em pedaços. "Hodge..."

Alguma coisa se arremessou na frente dela, uma coisa grande, cinza-negra, e viva. Ela ouviu Hodge gritar de horror. Tropeçando para trás, Clary viu a coisa mais claramente enquanto ela passava entre ela e Hodge. Era um lobo, 1 metro e oitenta de comprimento, a pele de animal cor de azeviche com um único ponto através da listra cinza.

Hodge, o disco de metal agarrado em sua mão, estava branco quanto um osso. "Você," ele respirou e, com um senso de distante admiração, Clary percebeu que ele estava falando com o lobo. "Eu pensei que você tinha fugido..."

Os lábios do lobo puxaram-se para trás de seus dentes, e ela viu a sua língua vermelha estendida. Havia ódio em seus olhos enquanto ele olhava para Hodge, um puro e ódio humano.

"Você vem por mim, ou pela garota?" Hodge disse. O suor correndo de suas têmporas, mas a mão dele era estável.

O lobo andou na direção dele, rosnando baixo em sua garganta.

"Ainda há tempo," disse Hodge. "Valentine iria querer você de volta..."

Com um uivo o lobo saltou. Hodge gritou novamente e, em seguida, houve um flash de prata, e um doentio ruído enquanto o chakram embutia a si mesmo na lateral do lobo. O lobo suspendeu-se nas patas traseiras, e Clary viu a borda do disco sobressaindo na pele do lobo, o sangue fluindo, enquanto ele atingia Hodge.

Hodge gritou uma vez enquanto ele caía, as mandíbulas do lobo segurando sobre o seu ombro. Sangue voou para o ar como um spray de tinta vindo de uma lata quebrada, respingando na parede de cimento com vermelho. O lobo levantou a cabeça do corpo amolecido do professor e voltou sua cabeça cinza, o olhar de lobo sobre Clary, dentes pingando escarlate.

Ela não gritou. Não havia ar em seus pulmões que ela pudesse arrastar para fazer um som; ela lutou com os pés dela e correu, correu para a boca do beco e as familiares luzes de néon da rua, correu para a segurança do mundo real. Ela podia ouvir o lobo rosnando atrás dela, sentindo o seu hálito quente sobre as costas de suas pernas nuas. Ela se colocou em um último esforço de velocidade, arremessando a si mesma em direção à rua...

A boca do lobo se fechou na sua perna, jogando ela para trás. Mesmo antes de sua cabeça atingir o chão duro, ela mergulhou na escuridão, ela descobriu que ela tinha ar suficiente para gritar, depois de tudo.

O som das gotas de água acordaram ela. Lentamente Clary abriu os olhos. Não havia muito para se ver. Ela estava deitada, sobre um grande beliche que havia sido



colocado sobre o chão de uma pequena sala de paredes sujas. Havia uma raquítica mesa apoiada contra uma parede. Sobre ela tinha um, parecendo barato, castiçal de metal, ostentando uma pesada vela vermelha que lançava a única luz no quarto. O teto era rachado e úmido, água escorria para baixo através das fissuras na rocha. Clary sentiu um vago sentimento de que algo estava faltando naquele quarto, mas essa preocupação foi sobrepujada pelo forte cheiro de cachorro molhado.

Ela se sentou e, imediatamente quis que não tivesse. A dor quente atravessava sua cabeça como um espinho, seguido por uma onda de náusea em resposta. Se tivesse havido alguma coisa em seu estômago, ela teria posto pra fora.

Um espelho pendurado sobre a beliche, pendia de um prego colocado entre duas pedras. Ela olhou nele e estava chocada. Não se admirava de seu rosto machucado – longos arranhões corriam paralelos a partir do canto direito de seu olho até a borda da sua boca. Sua bochecha direita estava encrustada com sangue, o sangue estava manchando seu pescoço e toda a frente de sua camisa e jaqueta. Em um súbito pânico ela agarrou o seu bolso, então relaxou. A estela ainda estava lá.

Foi então que ela percebeu o que era curioso sobre o quarto. Uma parede era de barras: espessas barras de ferro do piso ao teto. Ela estava presa em uma cela.

As veias ondulando com a adrenalina, Clary cambaleou em seus pés. Uma onda de tontura correu através dela, e ela segurou a mesa para se apoiar a si mesma. *Eu não vou desmaiar*, ela disse com raiva. E então, ela ouviu os passos.

Alguém estava descendo o corredor do lado de fora da cela. Clary afastou-se contra a mesa.

Era um homem. Ele estava carregando uma lanterna, a sua luz mais brilhante do que a vela, o que a fez piscar e tornar ele dentro de uma sombra iluminada. Ela viu a altura, os ombros quadrados, o cabelo bagunçado, e foi só quando ele empurrou a porta da cela aberta e entrou dentro que ela percebeu quem ele era.

Ele parecia o mesmo: jeans usados, camisa de brim, botas de trabalho, o mesmo cabelo irregular, os mesmos óculos empurrados para baixo para o meio do seu nariz. As cicatrizes que ela tinha notado, ao longo do lado de sua garganta, da última vez que tinha visto ele estavam se curando do remendo na pele brilhante agora.

Luke.

Aquilo tudo foi demais para Clary. Exaustão, falta de sono e alimentação, terror e perda de sangue, apanharam ela em uma onda corrente. Ela sentiu seu joelhos resistirem enquanto ela mergulhava em direção ao chão.

Em segundos Luke estava atravessando a sala. Ele se moveu tão rápido, que ela não teve tempo para acertar o chão antes dele apanhá-la, balançando ela da maneira que ele havia feito quando ela era uma garotinha. Ele a colocou sobre a cama e se afastou, os olhos ansiosos. "Clary?" ele disse, segurando ela. "Você está bem?"

Ela recuou, atirando suas mãos se defendendo dele. "Não me toque."



Uma expressão de profunda dor atravessou seu rosto. Com cansaço, ele passou uma mão sobre sua testa. "Eu acho que eu mereço isso."

"Sim. Você merece."

O olhar no rosto dele estava preocupado. "Eu não espero que você acredite em mim..."

"Isso é bom. Porque eu não vou."

"Clary..." Ele começou a andar longamente pela cela. "O que eu fiz... eu não espero que você entenda. Eu sei que você sente que eu abandonei você..."

"Você me abandonou," ela disse. "Você disse para nunca mais ligar para você novamente. Você nunca se importou comigo. Nunca se importou com a minha mãe. Você mentiu sobre tudo."

"Não," disse ele, "sobre tudo."

"Então, seu verdadeiro nome é Luke Garroway?"

Seus ombros se baixaram perceptivelmente. "Não," ele disse, e depois olhou para baixo. Uma mancha vermelha escura estava se espalhando em toda a frente de sua camisa do macacão azul.

Clary sentou ereta. "Isso é sangue?" ela exigiu. Ela se esqueceu por um momento de ser furiosa.

"Sim," Luke declarou, sua mão contra o seu lado. "A ferida deve ter se aberto quando eu levantei você."

"Que ferida?" Clary não podia ajudar perguntando.

Ele disse com deliberação: "Os discos de Hodge ainda são afiados, embora seu braço de lançamento não é o que era antes. Acho que ele pode ter pegado uma costela."

"Hodge?" Clary disse. "Quando você...?"

Ele olhou para ela, não dizendo nada, de repente ela lembrou do lobo no beco, todo negro exceto uma única risca cinza ao seu lado, e ela lembrava do disco o acertando, e ela entendeu.

"Você é um *lobisomem*."

Ele levou a mão fora da sua camisa, seus dedos estavam manchados de vermelho. "Sim," ele disse laconicamente. Ele se moveu para a parede e bateu fortemente nela: uma, duas, três vezes. Aí ele se virou de volta para ela. "Eu sou."

"Você matou Hodge," ela disse, se lembrando.



"Não." Ele balançou a cabeça. "Eu feri ele realmente forte, eu acho, mas quando eu voltei para o corpo, ele tinha ido embora. Ele deve ter se arrastado para longe."

"Você rasgou o seu ombro," ela disse. "Eu vi você."

"Sim. Embora vale lembrar que ele estava tentando matar você naquele momento. Ele machucou mais alguém?"

Clary afundou os dentes em seu lábio. Ela sentiu o gosto do sangue, mas era sangue velho de onde Hugo tinha atacado ela. "Jace," ela disse em um sussurro. "Hodge golpeou ele e o entregou para... Valentine."

"Para Valentine?" Luke disse, parecendo espantado. "Eu sabia que Hodge tinha dado a Valentine a Taça Mortal, mas eu não tinha percebido..."

"Como você sabe disso?" Clary começou, antes se lembrando. "Você me ouviu falando com Hodge no beco," ela disse, "antes de você pular nele."

"Eu pulei nele, como você diz, porque ele estava prestes a cortar sua cabeça fora," Luke disse, em seguida, olhou para cima enquanto a porta da cela se abria novamente, e um homem alto veio em, seguida com uma pequena mulher, ela parecia tão baixa quanto uma criança. Ambos se vestiam simples, roupas casuais: jeans e camisetas de algodão, e ambos tinham o mesmo desordenado cabelo claro, apesar da mulher ser loira e o do homem ser de um distinto cinza e preto. Ambos tinham os mesmos jovens e antigos rostos, sem linhas, mas com olhos cansados. "Clary," Luke disse, "conheça o meu segundo e terceiro, Gretel e Alaric."

Alaric inclinou sua enorme cabeça para ela. "Nós tínhamos nos conhecido."

Clary o encarou, alarmada. "Nós tínhamos?"

"No Hotel Dumort," ele disse. "Você colocou sua faca nas minhas costelas."

Ela se contraiu contra a parede. "Eu, ah... me desculpe?"

"Não precisa," afirmou. "Foi um excelente arremesso." Ele mergulhou uma mão em seu bolso no peito e removeu a adaga de Jace, com o seu piscar de olho vermelho. Ele a segurou para ela. "Eu acho que isso é seu?"

Clary o fitou. "Mas..."

"Não se preocupe," ele garantiu ela. "Eu limpei a lâmina."

Sem palavras, ela ficou com a adaga. Luke estava rindo debaixo de sua respiração. "Em retrospecto," disse ele, "talvez o ataque ao Dumort não foi tão bem planejado, como poderia ter sido. Eu tinha destacado um grupo de lobos para vigiar você, e ir atrás de você, se você parecesse estar em qualquer perigo. Quando você entrou no Dumort..."

"Jace e eu podíamos ter lidado com isso." Clary deslizou a adaga em sua cintura.



Gretel apontou um sorriso tolerante para ela. "É para isso que nos convocou, senhor?"

"Não," Luke disse. Ele tocou seu lado. "Minha ferida se abriu, e Clary aqui tem algumas lesões que ela própria poderia melhorar com um pouco de cuidados. Se você não se importar em pegar alguns suprimentos..."

Gretel inclinou a cabeça dela. "Eu vou voltar com o kit de cura," ela disse, e saiu, Alaric seguiu ela como uma sombra de tamanho fora do normal.

"Ela te chamou de 'senhor'," Clary disse, no momento em que a porta da cela foi fechada atrás deles. "E o que você quer dizer com o seu segundo e o terceiro? Segundo e terceiro do que?"

"No comando," Luke disse lentamente. "Eu sou o líder deste bando de lobos. Este é o porquê Gretel me chama de 'senhor'. Acredite em mim, isso levou um belo trabalho para quebrar o hábito dela de me chamar de 'mestre'."

"A minha mãe sabe?"

"Sabe o quê?"

"Que você é um lobisomem."

"Sim. Ela soube desde que aconteceu."

"Nenhum de vocês, naturalmente, pensou em mencionar isso para mim."

"Eu teria dito a você," Luke afirmou. "Mas sua mãe era inflexível que você não soubesse nada sobre os Caçadores de Sombras ou do Mundo das Sombras. Eu não poderia explicar o meu ser como lobisomem como algum tipo de incidente isolado, Clary. Tudo isso fazia parte do padrão maior que sua mãe não queria que você visse. Eu não sei o que você aprendeu..."

"Muita coisa," disse Clary sem rodeios. "Sei que minha mãe era uma Caçadora de Sombras. Eu sei que ela era casada com Valentine e que ela roubou a Taça Mortal dele e fugiu para se esconder. Sei que depois que ela me teve, ela me levou a Magnus Bane a cada dois anos para minha Visão ser tirada. Sei que quando Valentine tentou fazer você dizer aonde estava a Taça, era em troca da vida da minha mãe, que você disse a ele que ela não importava para você."

Luke olhou para a parede. "Eu não sabia onde a Taça estava," ele disse. "Ela nunca me disse."

"Você poderia ter tentado negociar..."

"Valentine não negocia. Ele nunca faria. Se a vantagem não é dele, ele nem mesmo vem à mesa. Ele é completamente de idéias fixas e totalmente sem compaixão, e apesar dele ter amado sua mãe uma vez, ele não iria hesitar em matá-la. Não, eu não iria negociar com Valentine."



"Então, você apenas decidiu abandonar ela?" Clary exigiu furiosamente. "Você é o líder de toda uma matilha de lobisomens e você apenas decidiu que ela nem sequer precisava realmente de sua ajuda? Sabe, era ruim o bastante quando eu pensei que você era outro Caçador de Sombras que virou as costas para ela por causa de algum juramento estúpido dos Caçadores de Sombras, ou algo parecido, mas agora eu sei que você é apenas um nojento Downworlder que nem sequer se importa que em todos esses anos, ela o tratou como um amigo, como um igual, e é assim que você paga a ela de volta!"

"Ouça você mesma," Luke disse quietamente. "Você parece um Lightwood".

Ela estreitou seus olhos. "Não fale sobre Alec e Isabelle como você conhecesse eles."

"Eu quis dizer seus pais," Luke declarou. "Quem eu conheço, muito bem, de fato, quando nós todos éramos Caçadores de Sombras juntos."

Ela sentiu seus lábios abertos em surpresa. "Eu sei que você estava no Círculo, mas como você manteve eles sem descobrir que você era um lobisomem? Eles não sabiam?"

"Não," Luke disse. "Porque eu não nasci um lobisomem. Eu fui feito um. E eu já posso ver que se você está inclinada a ouvir qualquer coisa que eu tenha a dizer, você vai ter que ouvir toda a história. É um longo conto, mas eu acho que nós temos tempo para isso."



Parte Três

A Descida acena

*A descida acena
como a ascensão acenou.*

William Carlos Williams, The Descent



21 - O Conto do lobisomem

“A verdade é que eu tinha conhecido a sua mãe desde que éramos crianças. Nós crescemos em Idris. É um lugar bonito, e eu sempre lamentei que você nunca tivesse visto: Você adoraria os brilhantes pinheiros no Inverno, a terra escura e os frios rios de cristal. Há uma pequena rede de cidades e uma única cidade, Alicante, onde a Clave se reúne. Eles chamam ela de Cidade de Vidro porque suas torres são modeladas a partir da mesma substância que repele os demônios, como nossas estelas, na luz do sol elas cintilam como vidro.

Quando Jocelyn e eu éramos velhos o suficiente, fomos enviados a Alicante para a escola. Foi lá que eu conheci Valentine.

Ele era mais velho do que eu era, por um ano. De longe o garoto mais popular na escola. Ele era bonito, inteligente, rico, dedicado, um incrível guerreiro. Eu não era nada, nem rico nem brilhante, vindo de um pouco notável país. E eu me esforçava nos meus estudos. Jocelyn era uma natural Caçadora de Sombras; eu não era. Eu não podia suportar a mais leve das Marcas ou aprender as técnicas mais simples. Pensei algumas vezes em fugir, retornando para casa em desonra. Mesmo me tornando um mundano. Eu estava infeliz.

E foi Valentine que me salvou. Ele veio até o meu quarto – eu nunca imaginei que ele soubesse o meu nome. Ele se ofereceu para me treinar. Ele disse que sabia que eu estava me esforçando, mas ele viu em mim as sementes de um grande Caçador de Sombras. E sob a sua tutela eu me aperfeiçoei. Eu passei em meus exames, perfurei a minha primeira Marca, matei o meu primeiro demônio.

Eu adorava ele. Eu pensei que o sol nasceu e definiu sobre Valentine Morgenstern. Não fui o único desajustado que ele tinha resgatado, é claro. Houve outros. Hodge Starkweather, que se dava melhor junto com os livros do que ele era com as pessoas; Maryse Trueblood, cujo irmão tinha casado com uma mundana; Robert Lightwood, que estava aterrorizado pelas Marcas – Valentine trouxe todos sob as suas asas. Eu pensei que era bondade, então; agora não estou tão certo. Agora eu acho que ele estava construindo para si mesmo um culto.

Valentine estava obcecado com a idéia de que em cada geração, havia cada vez menos Caçadores de Sombras – que nós éramos uma raça em extinção. Ele tinha certeza de que, se apenas a Clave utilizasse mais livremente a Taça de Raziel, mais Caçadores de Sombras poderiam ser feitos. Para os professores esta idéia era um sacrilégio, aquilo não era apenas para alguém selecionar quem poderia ou não se tornar um Caçador de Sombras. Irreverentemente, Valentine perguntou, ‘Por que não fazer todos os homens Caçadores de Sombras, então? Por que não dar a todos eles a capacidade de ver o Mundo das Sombras? Por que manter esse poder egoistamente para nós mesmos?’

Quando os professores responderam que a maioria dos seres humanos não podiam sobreviver à transição, Valentine alegou que eles estavam mentindo, tentando manter o poder do Nephilim limitado a uma elite de poucos. Essa era a sua alegação, na época, agora eu acho, que ele provavelmente percebeu que os danos colaterais



valiam o resultado final. Em todo caso, ele convenceu nosso pequeno grupo de sua justiça. Formamos o Círculo, com a nossa expressa intenção de salvar a raça dos Caçadores de Sombras da extinção. Claro que, tendo dezessete, nós não tínhamos a certeza de como é que iríamos fazer isso, mas nós tínhamos a certeza de que eventualmente iríamos realizar algo significativo.

Então veio a noite em que o pai de Valentine foi assassinado em um ataque de rotina no acampamento dos lobisomens. Quando Valentine retornou para a escola, após o enterro, ele usou as marcas vermelhas de luto. Ele estava diferente de outras formas. Sua bondade era agora intercalada com flashes de raiva que chegavam a crueldade. Eu coloquei este novo comportamento para longe, para sofrer e me esforçar mais duramente do que nunca para agradar a ele. Eu nunca respondia a sua raiva com a minha própria raiva. Eu sentia apenas a doentia sensação que eu tinha decepcionado ele.

A única que poderia acalmar sua raiva era sua mãe. Ela sempre tinha estado um pouco à parte do nosso grupo, às vezes zombando, nos chamando de fã clube de Valentine. Isso mudou quando seu pai morreu. Sua dor despertou sua simpatia. Eles se apaixonaram.

Eu também a amava muito: Ele era meu melhor amigo, e eu estava feliz em ver Jocelyn com ele. Quando nós deixamos a escola, eles se casaram e foram viver na propriedade da família dela. Eu também voltei para casa, mas o Círculo continuou. Ele tinha começado como uma espécie de aventura na escola, mas ele cresceu em importância e poder, e Valentine cresceu com ele.

Seus ideais mudaram também. O Círculo ainda clamava pela Taça Mortal, mas desde a morte de seu pai, Valentine tinha se tornado um sincero defensor da guerra contra todos os Downworlders, e não apenas aqueles que quebravam os Acordos. 'Este mundo era para os humanos,' ele alegou, 'não meio-demônios. Demônios nunca poderiam ser inteiramente confiáveis.'

Eu estava desconfortável com a nova direção do Círculo, mas estava preso a ele, em parte porque eu ainda não podia suportar deixar Valentine sozinho, e em parte porque Jocelyn tinha me pedido para continuar. Ela tinha alguma esperança de que eu seria capaz de trazer moderação para o Círculo, mas isso era impossível. Não havia moderação em Valentine, e Robert e Maryse Lightwood – agora casados – era quase tão ruim. Apenas Michael Wayland estava incerto, como eu estava, mas apesar da nossa relutância nós ainda seguíamos, como um grupo nós caçávamos Downworlders incansavelmente, buscando aqueles que tinham cometido mesmo a menor infração. Valentine nunca matou uma criatura que não tivesse quebrado os Acordos, mas ele fez outras coisas. Eu o vi apertar rapidamente moedas de prata nos olhos de uma criança lobisomem, cegando ela, em uma tentativa de pegar uma garota para dizer a ele onde o seu irmão estava... Eu o vi, mas você não precisa ouvir isso. Não. Me desculpe.

O que aconteceu em seguida era que JoceIyn tinha engravidado. No dia em que ela me disse isso, ela também confessou que ela tinha aumentado o medo por seu marido. Seu comportamento tinha se tornado estranho, errático. Ele desaparecia dentro de seus porões por noites em alguns momentos. Às vezes ela podia ouvir gritos através das paredes...



Eu fui até ele. Ele riu, atribuindo os medos dela com o nervosismo de uma mulher carregando seu primeiro filho. Ele me convidou para caçar com ele naquela noite. Nós ainda estávamos tentar limpar o ninho de lobisomens que tinham matado seu pai anos antes. Éramos parabatai, uma perfeita equipe de caça de dois, guerreiros que iriam morrer um pelo outro. Então, Valentine me disse que ele iria guardar minhas costas aquela noite, eu acreditei nele. Eu não vi o lobo até que ele estava sobre mim. Me lembro de seus dentes apertados no meu ombro, e nada mais naquela noite. Quando acordei, eu estava deitado na casa de Valentine, meu ombro enfaixado, e Jocelyn estava lá.

Nem todas as mordidas de lobisomem podem resultar em licantropia³⁰. Eu me curei dos ferimentos e passei as próximas semanas em um tormento de espera. Esperando a lua cheia. A Clave teria me trancado em uma cela de observação, se eles soubessem. Mas Valentine e Jocelyn se mantiveram em silêncio. Três semanas mais tarde a lua apareceu, cheia e brilhante, e eu comecei a mudar. A primeira mudança é sempre a mais difícil. Me lembro do espanto da agonia, uma escuridão, e despertar horas mais tarde em uma campina a quilômetros da cidade. Eu estava coberto de sangue, os corpos dilacerados de alguns pequenos animais do bosque aos meus pés.

Fiz meu caminho de volta para a casa de campo, e eles se encontraram comigo na porta. Jocelyn caiu sobre mim chorando, mas Valentine puxou ela para longe. Eu estava, sangrento e tremendo sob meus pés. Eu mal podia pensar, e o sabor da carne crua ainda estava na minha boca. Eu não sei o que eu esperava, mas eu suponho que eu deveria ter sabido.

Valentine me arrastou degraus abaixo e para dentro da floresta com ele. Ele me disse que ele mesmo deveria me matar, mas me vendo, então, ele não pode se colocar a si mesmo em fazer aquilo. Ele me deu um punhal que tinha pertencido ao seu pai. Ele disse que eu deveria fazer a coisa mais digna e terminar com a minha própria vida. Ele beijou a adaga quando ele a entregou para mim, e voltou para dentro da casa, e trancou as portas.

Corri através da noite, às vezes como um homem, às vezes como um lobo, até que eu cruzei a fronteira. Eu invadi no meio do acampamento lobisomem, brandindo minha adaga, e exigindo me encontrar em combate com o licantropo que tinha me mordido e me transformado em um deles. Rindo, eles apontaram em direção ao líder do clã. Mãos e dentes ainda sangrentos desde a caçada, ele se levantou para me olhar.

Eu nunca tinha sido muito bom em simples combates. A besta era a minha arma, eu tinha excelente visão e alvo. Mas eu nunca fui bom em lutar à queima roupa; era Valentine, que era qualificado no combate de corpo a corpo. Mas eu queria apenas morrer, e era para ser feito pela criatura que havia me arruinado. Eu pensava que se eu pudesse vingar a mim mesmo, e matar os lobos que tinham assassinado o pai dele, Valentine iria estar em luto por mim. À medida que lutávamos, às vezes, como homens, às vezes, como lobos, eu vi que ele estava surpreso com a minha fúria. Enquanto a noite se tornava em dia, ele começou a cansar, mas a minha raiva nunca diminuiu. E quando o sol começou a definir novamente, eu afundei a minha adaga em seu pescoço e ele morreu, encharcando-me com o seu sangue.

³⁰ Licantropia: doença mental que se manifesta através do fato de o doente ver a si mesmo como um homem-lobo.



Eu esperava que o bando me pegasse e me rasgasse em pedaços. Mas eles se ajoelharam aos meus pés e desnudaram suas gargantas em submissão. Os lobos têm uma lei: Quem mata o líder do clã toma o seu lugar. Eu tinha chegado ao local dos lobos e, em vez de encontrar a morte e vingança lá, eu descobri uma nova vida.

Deixei o meu velho eu para trás e quase esqueci como era ser um Caçador de Sombras. Mas eu não esqueci Jocelyn. O pensamento nela era um companheiro constante. Eu temia por ela na companhia de Valentine, mas eu sabia que se eu me aproximasse perto da mansão, o Círculo iria me caçar e matar.

No final, ela veio a mim. Eu estava dormindo no acampamento quando o meu segundo no comando veio me dizer que havia uma jovem mulher Caçadora de Sombras esperando para me ver. Eu soube imediatamente quem deveria ser. Eu podia ver a reprovação nos olhos dele quando eu corri para encontrar ela. Eles todos sabiam que eu tinha sido um Caçador de Sombras, é claro, mas era considerado um vergonhoso segredo, que nunca era falado. Valentine teria rido.

Ela estava esperando por mim do lado de fora do acampamento. Ela já não estava grávida, e parecia tensa e pálida. Ela havia tido seu filho, ela disse, um menino, e tinha chamado ele de Jonathan Christopher. Ela chorou quando ela me viu. Ela estava zangada por que eu não tinha deixado ela saber que eu ainda estava vivo. Valentine tinha dito ao Círculo que eu tinha tirado a minha própria vida, mas ela não tinha acreditado. Ela sabia que eu nunca faria uma coisa dessas. Eu senti que a fé dela em mim não era injustificada, mas eu estava tão aliviado em vê-la novamente que eu não contradisse ela.

Eu perguntei a ela como ela tinha me encontrado. Ela disse que havia rumores em Alicante de um lobisomem que tinha sido um Caçador de Sombras. Valentine tinha ouvido os rumores também, e ela tinha vindo me procurar para me alertar. Ele veio logo depois, mas eu me escondi dele, como os lobisomens podem, e ele saiu sem derramamento de sangue.

Depois daquilo eu comecei a me encontrar com Jocelyn em segredo. Era o ano dos Acordos, e todos do Downworld estavam murmurando sobre eles e os prováveis planos de Valentine para atrapalhá-los. Eu ouvi dizer que ele tinha argumentado entusiasmadamente na Clave contra os Acordos, mas sem sucesso. Assim, o Círculo tinha feito um novo plano, mergulhados em segredo. Eles próprios se aliariam com os demônios, os maiores inimigos dos Caçadores de Sombras, a fim de adquirir armas contrabandeadas que não poderiam ser detectadas no Grande Salão do Anjo, onde os Acordos seriam assinados. E com a ajuda de um demônio, Valentine roubou a Taça Mortal. Ele deixou em seu lugar uma parecida. Passaram-se meses antes da Clave notar que a Taça estava faltando, e até então, era tarde demais.

Jocelyn tentou descobrir o que Valentine pretendia fazer com a Taça, mas não pode. Mas ela sabia que o Círculo tinha planejado atacar os Downworlders desarmados e assassinar eles no Salão. Após tal abate indiscriminado, os Acordos iriam falhar.

Apesar do caos, em uma estranha forma, aqueles foram dias felizes. Jocelyn e eu enviávamos mensagens secretamente para as fadas, os bruxos, e mesmo para os



antigos inimigos da espécie dos lobisomens – os vampiros, os advertindo dos planos de Valentine e convidando eles para se prepararem para a batalha. Nós trabalhamos juntos, lobisomem e Nephilim.

No dia dos Acordos, eu assisti de um local escondido enquanto Jocelyn e Valentine deixavam a mansão. Lembro-me de como ela se curvou para beijar a cabeça loira clara de seu filho. Eu me lembro da forma como o sol brilhou sobre o cabelo dela, eu me lembro do sorriso dela.

Eles foram a Alicante de carruagem; eu os segui correndo em quatro pés, e meu bando corria comigo. O Grande Salão do Anjo estava lotado com a reunião da Clave e um ponto após ponto de Downworlders. Quando os Acordos foram apresentados para a assinatura, Valentine ficou de pé, e o Círculo subiu com ele, varrendo as suas capas para levantar as suas armas. Enquanto o Salão se explodia no caos, Jocelyn correu para as grandes portas duplas dele afim de as abrir.

Meu bando foram os primeiros à porta. Nós nos arremessamos no Salão, rasgando a noite com os nossos uivos, e fomos seguidos por cavaleiros das Fadas com armas de vidro e espinhos retorcidos. Depois deles vieram as Crianças da Noite com suas presas à mostra, e os bruxos utilizando com destreza as chamas e o ferro. À medida que a massa entrava em pânico eles fugiam do Salão, nós caímos sobre os membros do Círculo.

Nunca o Salão do Anjo tinha visto tal derramamento de sangue. Nós tentamos não ferir aqueles Caçadores de Sombras que não eram do Círculo; Jocelyn tinha marcado eles, um por um, com um feitiço de um bruxo. Porém, muitos morreram, e eu temo que fomos responsáveis por alguns. Certamente, depois, fomos acusados por muitos. No que diz respeito ao Círculo, havia muito mais do que nós tínhamos imaginado, e eles confrontaram violentamente com o Downworlders. Eu lutei através da multidão para encontrar Valentine. Meu único pensamento era dele, eu queria ser quem o mataria, que eu poderia ter essa honra. Eu achei ele finalmente na grande estátua do Anjo, matando um cavaleiro das fadas com um longo ataque em sua adaga ensanguentada. Quando ele me viu, ele sorriu, feroz e selvagem. "Um lobisomem que luta com espada e punhal," ele disse, "é tão pouco natural quanto um cachorro que come com um garfo e uma faca."

"Você conhece a espada, você conhece o punhal," eu disse. "E você sabe quem eu sou. Se você quer se dirigir a mim, use o meu nome."

"Eu não conheço o nome de metade-homem," Valentine disse. "Uma vez eu tive um amigo, um homem de honra que teria morrido antes dele deixar o seu sangue ser poluído. Agora, um monstro sem nome com o rosto dele está diante de mim." Ele levantou a sua lâmina. "Eu devia ter matado você quando eu tive oportunidade," ele gritou, e se arremessou em mim.

Eu desviei o golpe, e nós lutamos acima e abaixo do balcão, ao passo que a batalha se intensificava em torno de nós, e um a um dos membros do Círculo morriam. Eu vi os Lightwoods largarem as armas e fugirem; Hodge já havia ido, tendo fugido no início. E então eu vi Jocelyn subir as escadas correndo na minha direção, seu rosto uma máscara de medo. "Valentine, pare!" ela gritou. "Este é o Luke, seu amigo, quase seu irmão."



Com um rosar Valentine agarrou ela e a arrastou a frente dele, sua adaga na garganta dela. Eu não queria arriscar que ele machucasse ela. Ele viu o que estava nos meus olhos. "Você sempre quis ela," ele sibilou. "E agora vocês dois conspiraram minha traição juntos. Vocês vão se arrepender do que fizeram, pelo resto de suas vidas."

Com isso, ele arrebatou o medalhão da garganta de Jocelyn e o lançou em mim. O cordão de prata me queimou como um chicote. Eu gritei e cai para trás, e naquele momento ele desapareceu dentro da luta, a arrastando com ele. Eu o segui, queimado e sangrando, mas ele era muito rápido, cortando um caminho através da espessa multidão e sobre os mortos.

Eu cambaleei fora para o luar. O Salão estava se incendiando e o céu era iluminado com o fogo. Eu podia ver lá embaixo todos os gramados verdes da capital para o rio escuro, e a estrada ao longo da margem, onde as pessoas estavam fugindo para dentro da noite. Achei Jocelyn nas margens do rio, finalmente. Valentine tinha ido embora e ela estava aterrorizada por Jonathan, desesperada para chegar em casa. Encontramos um cavalo, e ela precipitou-se a caminho. Me mudei para a forma de lobo, eu a segui em seus calcanhares.

Os lobos são rápidos, mas um cavalo descasado é mais rápido. Eu fiquei muito para trás, e ela chegou à mansão, antes que eu chegasse.

Eu sabia mesmo enquanto eu me aproximava da casa que algo estava terrivelmente errado. Havia também o cheiro do fogo pesado perdurando no ar, e havia algo sobrepujando a ele, algo espesso e doce, o fedor da feitiçaria demoníaca. Me tornei um homem de novo enquanto eu avançava com dificuldade pela longa viagem, branca no luar, como um rio de prata levando... as ruínas. Para a mansão ter sido reduzida a cinzas, camada após camada de cinzas enbraquecidas, espalhando-se em todo o gramado pelo vento da noite. Apenas as fundações, como ossos queimados, ainda eram visíveis: uma janela aqui, uma chaminé inclinada, mas a substância da casa, os tijolos e cimento, os inestimáveis livros e antigas tapeçarias transmitidas através das gerações de Caçadores de Sombras, eram poeira soprando em toda a face da lua.

Valentine tinha destruído a casa com um demônio do fogo. Ele deve ter feito isso. Nenhum fogo deste mundo queimava tão quente, nem deixava tão pouco para trás.

Eu fiz o meu caminho adentro das ainda ardentes ruínas. Achei Jocelyn ajoelhada sobre o que talvez tivesse sido os degraus da porta da frente. Elas estavam escurecidas pelo fogo. E, haviam ossos. Carbonizados na escuridão, mas reconhecidamente humanos, com pedaços de pano aqui e ali, e pedaços de jóias que o incêndio não havia tomado. Correntes vermelhas e de ouro uniam-se aos ossos da mãe de Jocelyn, e o calor tinha derretido a adaga de seu pai em sua mão esquelética. Dentro de outra pilha de ossos, cintilava o amuleto de prata de Valentine, com a insígnia do Círculo ainda queimando branco e quente em sua face... e entre as ruínas, espalhados como se fossem muito frágeis para estarem juntos, estavam os ossos de uma criança.



Vocês vão se arrepender do que fizeram, Valentine disse. E quando eu me ajoelhei com Jocelyn sobre as pedras queimadas do pavimento, eu sabia que ele estava certo. Eu me lamentei e lamento todos os dias desde então.

Nós nos dirigimos de volta a cidade naquela noite, entre os incêndios ainda queimando – pessoas gritando e, em seguida, dentro da escuridão, para fora do país. Foi uma semana depois que Jocelyn falou novamente. Eu a levei de Idris. Nós fugimos para Paris. Não tínhamos dinheiro, mas ela se recusou a ir para o Instituto pedir ajuda. Ela tinha terminado com os Caçadores de Sombras, ela me disse que tinha acabado com o Mundo das Sombras.

Eu sentei no pequeno e barato hotel que nós tínhamos alugado e tentei argumentar com ela, mas isso não adiantou. Ela era obstinada. Finalmente ela me disse o porquê: Ela estava carregando outra criança, e que sabia disso durante semanas. Ela faria uma nova vida para si e seu bebê, e ela não queria sussurros da Clave ou do Pacto mesmo que manchasse o seu futuro. Ela me mostrou o amuleto que ela tinha retirado da pilha de ossos; ela o vendeu no mercado de pulgas em Clignancourt, e com esse dinheiro comprou um bilhete de avião. Ela não iria me dizer onde estava indo. 'O mais distante que ela pudesse ir de Idris,' ela disse, 'era melhor.'

Eu sabia que, ela deixar sua velha vida para trás significava me deixar para trás também, e eu argumentei com ela, mas em vão. Eu sabia que, se não pela criança que ela carregava, ela poderia ter seguido o rumo de sua própria vida e, desde que perder ela para o mundo mundano era melhor do que perder ela para a morte, eu finalmente concordei relutantemente com seu plano. E então foi que eu me ofereci a seu adeus no aeroporto. As últimas palavras que Jocelyn me falou naquela triste sala de despedida me congelaram os ossos: "Valentine não está morto."

Depois que ela tinha ido embora, voltei ao meu bando, mas não encontrei a paz lá. Sempre havia um buraco de saudades dentro de mim, e sempre eu acordei com o seu nome não dito sobre os meus lábios. Eu não era o líder que tinha sido uma vez, eu sabia. Eu era leal e justo, mas distante, eu não conseguia encontrar amigos entre as pessoas-lobo, nem mesmo uma companheira. Eu era, no final, demasiado humano, demasiado Caçador de Sombras – para estar em paz entre os licantropos. Eu cacei, mas a caçada não trazia nenhuma satisfação, e quando chegou o tempo dos Acordos serem assinados no passado, fui até a cidade para assiná-lo.

No Salão do Anjo, limpo e livre do sangue, os Caçadores de Sombras e os quatro ramos dos metade-homem sentaram novamente para assinar os papéis que traria a paz entre nós. Fiquei surpreso ao ver os Lightwoods, que pareciam igualmente atônitos que eu não estivesse morto. Eles próprios, disseram, juntamente com Hodge Starkweather e Michael Wayland, eram os únicos membros do antigo Círculo que haviam escapado da morte naquela noite no Salão. Michael, carregava o pesar da perda de sua esposa, tinha se escondido afastado de sua propriedade com o seu jovem filho. A Clave tinha punido os outros três com exílio: Eles estavam indo para Nova Iorque, para administrar o Instituto lá. Os Lightwoods, que tinham ligações com as mais altas famílias da Clave, conseguiram sair com a mais leve das sentenças do que Hodge. Uma maldição tinha sido colocada sobre ele: Ele iria com eles, mas se alguma vez ele deixasse o terreno santificado do Instituto, ele seria morto



instantaneamente. 'Ele iria se dedicar aos seus estudos,' eles disseram, 'e seria um ótimo tutor para seus filhos.'

Quando tínhamos assinado os Acordos, eu sai de minha cadeira e fui para sala, abaixo do rio onde eu tinha encontrado Jocelyn na noite da revolta. Observando as águas escuras fluírem, eu sabia que eu nunca poderia encontrar a paz na minha terra natal: eu tinha que estar com ela ou em nenhum lugar. Eu me determinei a procurar por ela.

Deixei meu bando, nomeando outro em meu lugar, eu acho que eles ficaram aliviados por me ver partir. Eu viajei como lobo, sem um grupo para viagem: sozinho, à noite, me mantendo em atalhos e estradas de países. Voltei para Paris, mas não encontrei nenhum indício lá. Então, fui para Londres. De Londres tomei um barco para Boston.

Fiquei um tempo nas cidades e, em seguida, nas Montanhas Brancas do congelado Norte. Viajar foi uma boa coisa, mas mais e mais eu me encontrava pensando em Nova York, e nos exilados Caçadores de Sombras de lá. Jocelyn, de certa forma, estava em um exílio também. Finalmente eu cheguei em Nova Iorque com uma única mala e não fazia ideia de onde procurar por sua mãe. Teria sido fácil para mim encontrar um bando de lobos e me juntar a eles, mas eu resisti. Como já havia feito em outras cidades, eu enviei mensagens através do Downworld, em busca de qualquer sinal de Jocelyn, mas não havia nada, nenhuma palavra, como se ela tivesse simplesmente desaparecido dentro do mundo mundano sem deixar rastros. Comecei a desesperar.

No fim eu a encontrei por acaso. Eu estava vagando pelas ruas do SoHo, aleatoriamente. Enquanto eu estava sobre a pedra de calçamento da rua Broome, uma pintura pendurada na janela de uma galeria chamou minha atenção.

Era o estudo de uma paisagem que eu reconheci imediatamente: o ponto de vista das janelas da mansão de sua família, os verdes relvados varrendo abaixo para a linha de árvores que escondia o caminho além. Eu reconheci o seu estilo, seu trabalho de pintura, tudo. Eu bati à porta da galeria, mas estava fechada e trancada. Voltei para a pintura, e desta vez vi a assinatura. Foi a primeira vez que eu tinha visto o seu novo nome: Jocelyn Fray.

Naquela noite, eu tinha encontrado ela, vivendo no quinto andar em um abrigo de artistas, o East Village. Eu caminhei até as encardidas escadas meio iluminadas com o coração em minha garganta, e bati em sua porta. Ela foi aberta por uma menininha com tranças vermelhas escuras e olhos curiosos. E então, atrás dela, eu vi Jocelyn andando na minha direção, suas mãos manchadas de tinta e seu rosto apenas era o mesmo que tinha sido quando éramos crianças...

O resto você sabe."



22 – As ruínas de Renwick

Foi um longo momento após Luke ter terminado de falar, houve silêncio dentro da sala. O único som era o longínquo gotejar de água nas paredes de pedra. Finalmente ele disse: "Diga alguma coisa, Clary."

"O que você quer que eu diga?"

Ele suspirou. "Talvez que você entendeu?"

Clary podia ouvir o seu sangue golpeando em suas orelhas. Ela sentia como se sua vida tivesse sido construída sobre uma lâmina de gelo tão fina quanto papel, e agora o gelo estava começando a rachar, ameaçando mergulhar ela na sua gélida escuridão abaixo. Embaixo, dentro da água escura, ela pensava, onde todos os segredos da sua mãe eram levados nas correntes, os esquecidos restos de uma naufragada vida.

Ela olhou para Luke. Ele parecia hesitante, indistinto, como se ela olhasse através de um vidro embaçado. "Meu pai," ela disse. "Aquele foto que minha mãe sempre manteve sobre a janela..."

"Aquele não era o seu pai," Luke disse.

"Ele nunca sequer existiu?" A voz de Clary aumentou. "Houve alguma vez um John Clark, ou minha mãe inventou ele também?"

"John Clark existiu. Mas ele não era seu pai. Ele era o filho de dois dos vizinhos de sua mãe quando ela morava no East Village. Ele morreu em um acidente de carro, assim como a sua mãe lhe disse, mas ela nunca conheceu ele. Ela tinha sua foto, porque os vizinhos tinham encomendado a ela a pintura de um retrato dele em seu uniforme de exército. Ela lhes deu a pintura, mas manteve a fotografia, e fingiu que o homem tinha sido seu pai. Acho que ela pensou que era a forma mais fácil. Afinal de contas, se ela alegasse que ele tinha fugido ou desaparecido, você iria querer procurar por ele. Um homem morto..."

"Será que suas mentiras não se contradizem," Clary falou para ele amargamente. "Ela não pensou que estava errada, todos os anos, me deixando pensar que o meu pai estava morto, quando o meu verdadeiro pai..."

Luke nada disse, deixando ela encontrar o fim da frase por si mesma, deixando ela pensar o impensável por si própria.

"É Valentine." Sua voz tremeu. "Era isso o que você estava me dizendo, certo? Aquele Valentine era... é... meu pai?"

Luke acenou, seus nós dos dedos o único sinal da tensão que ele sentia. "Sim."

"Oh, meu Deus." Clary saltou para os pés dela, já não capaz de se sentar imóvel. Ela andou para as barras da cela. "Não é possível. Isto apenas não é possível."

"Clary, por favor, não fique nervosa..."



"Não fique nervosa? Você está me dizendo que o meu pai é um cara que é basicamente um soberano do mal, e você quer que eu não fique nervosa?"

"Ele não era mal no início," Luke disse, soando quase em defensiva.

"Oh, eu imploro para discordar. Eu acho que ele era *claramente* mal. Todas as coisas que ele estava recitando sobre como manter a raça humana pura e da importância do sangue não contaminado – ele era como um daqueles caras assustadores do poder branco³¹. E vocês dois caíram nessa totalmente."

"Eu não era o único falando sobre Downworlders 'nojentos' a poucos minutos atrás," Luke disse calmamente. "Ou sobre como eles não podem ser confiáveis."

"Isso não é a mesma coisa!" Clary podia ouvir as lágrimas em sua voz. "Eu tinha um irmão," ela passou, sua voz presa. "Avós, também. Eles estão mortos?"

Luke acenou, olhando para baixo em suas grandes mãos, abertas nos joelhos. "Eles estão mortos."

"Jonathan," ela disse suavemente. "Ele teria sido mais velho do que eu? Um ano mais velho?"

Luke nada disse.

"Eu sempre quis ter um irmão," ela disse.

"Não," ele disse miseravelmente. "Não se torture. Você pode ver por que sua mãe manteve tudo isso longe de você, você pode? Que bem faria se você soubesse o que tinha perdido antes mesmo de você nascer?"

"Aquela caixa," sua mente trabalhando febrilmente. "Com o J.C. sobre ela. Jonathan Christopher. Aquilo era o que sempre fazia ela chorar, aquilo era o cacho de cabelo, do meu irmão, não de meu pai."

"Sim."

"E quando você disse 'Clary não é Jonathan', você queria dizer o meu irmão. Minha mãe era tão superprotetora comigo, porque ela já tinha tido um filho que morreu."

Antes que Luke pudesse responder, a porta da cela retiniu aberta e Gretel entrou. O "kit de cura", que Clary tinha previsto como sendo uma caixa dura de plástico rígido com as insígnias da Cruz Vermelha sobre a mesma, tornou-se um grande tabuleiro de madeira, empilhada com bandagens dobradas, tigelas de vapor com líquidos não identificados, e ervas, que exalavam um pungente odor de limão. Gretel colocou a bandeja para baixo e ao lado do beliche e fez sinais para Clary se sentar, o que ela fez de má vontade.

"Essa é uma boa garota," disse a mulher-lobo, mergulhando um pano em uma das

³¹ White Power = Supremacia branca ou ariana, nazismo.



tijelas e a levando para a cara de Clary. Gentilmente ela limpou o sangue seco. "O que aconteceu com você?" ela perguntou com desaprovação, como se ela suspeitasse que Clary tomasse um ralador de queijo no seu rosto.

"Eu estava pensando o mesmo," Luke disse, observando o vai e vem com braços dobrados.

"Hugo me atacou." Clary tentou não estremecer enquanto o líquido adstringente picava suas feridas.

"Hugo?" Luke piscou.

"O pássaro de Hodge. Acho que era o seu pássaro, de qualquer forma. Talvez fosse de Valentine."

"Hugin," Luke disse suavemente. "Hugin e Munin eram as aves de estimação de Valentine. Seus nomes significam 'Pensamento' e 'Memória'."

"Bem, eles deveriam ser 'Ataque' e 'Mate'," Clary disse. "Hugo quase rasgou meus olhos fora."

"Isso deve ser o que ele foi treinado para fazer." Luke estava batendo os dedos de uma mão contra o seu outro braço. "Hodge deve ter pego ele após a revolta. Mas ele ainda era uma criatura de Valentine."

"Assim como Hodge era," Clary disse, recuando enquanto Gretel limpava os compridos talhos ao longo de seu braço, que estavam incrustados com sujeira e sangue seco. Então Gretel começou enfaixá-los acima ordenadamente.

"Clary..."

"Eu não quero falar mais sobre o passado," ela disse ferozmente. "Quero saber o que vamos fazer agora. Agora que Valentine tem minha mãe, Jace e a Taça. E nós não temos nada."

"Eu não diria que não temos nada," Luke disse. "Nós temos um poderoso bando de lobos. O problema é que não sabemos onde está Valentine."

Clary balançou a cabeça dela. Frouxos fios de cabelo caíram em seus olhos, e ela os jogou de volta com impaciência. Deus, ela estava imunda. A única coisa que ela precisava mais do que qualquer coisa, *quase* qualquer coisa, era uma ducha. "Valentine não têm algum tipo de esconderijo? Um covil secreto?"

"Se ele tem," Luke disse, "ele tem mantido isso em absoluto segredo."

Gretel soltou Clary, que moveu seu braço delicadamente. A pomada verdosa que Gretel tinha esfregado sobre o corte havia minimizado a dor, mas seu braço permanecia rígido e desajeitado. "Espere um segundo," Clary disse.

"Eu nunca entendo porque as pessoas dizem isso," Luke disse, para ninguém em particular. "Eu não estava indo para lugar algum."



"Valentine poderia estar em algum lugar em Nova Iorque?"

"Possivelmente."

"Quando eu o vi no Instituto, ele veio através de um Portal. Magnus disse que só existem dois portais em Nova Iorque. Um em Dorothea, e um em Renwick. O de Dorothea foi destruído, e eu não posso vê-lo escondido lá mesmo assim, então..."

"No de Renwick?" Luke pareceu desconcertado. "Renwick não é um nome de Caçador de Sombras."

"E se Renwick não é uma pessoa, de qualquer forma?" Clary disse. "E se for um lugar? Renwick's. Como num restaurante, ou... ou um hotel ou algo assim."

Os olhos de Luke ficaram subitamente largos. Ele se virou para Gretel, que estava avançando sobre ele com o kit médico. "Me traga uma lista telefônica," ele disse.

Ela parou em seu caminho, segurando a bandeja em direção a ele em uma maneira acusatória. "Mas, senhor, suas feridas."

"Esqueça minhas feridas e me pegue uma lista telefônica," ele rebateu. "Estamos em uma delegacia. Acho que teria bastantes das antigas por aí."

Com um olhar de desdenhosa exasperação Gretel colocou a bandeja no chão e marchou para fora do quarto. Luke olhou Clary sobre seus óculos, que tinha deslizado metade do caminho abaixo de seu nariz. "Bem lembrado."

Ela não respondeu. Havia um nó duro no centro de seu estômago. Ela encontrou a si mesma tentando respirar em torno dela. O início de um pensamento fez cócegas na ponta de sua mente, esperando se resolver a si mesmo dentro de um estouro cheio de realização. Mas ela o empurrou firmemente para baixo e para longe. Ela não podia se permitir de dar a ela recursos, sua energia, para qualquer coisa mas ao problema imediatamente à mão.

Gretel retornou com uma parecendo úmida – páginas amarelas – e empurrou elas para Luke. Ele leu o livro em pé, enquanto a mulher-lobo atacava suas feridas ao lado com bandagens adesivas e potes de pomada. "Há sete Renwicks na lista telefônica," ele disse finalmente. "Nenhum restaurante, hotéis ou outros locais." Ele empurrou seus óculos para cima, eles deslizaram de novo instantaneamente. "Eles não são Caçadores de Sombras," ele disse, "e me parece pouco provável que Valentine tenha criado um quartel general em uma casa de um mundano ou um Downworlder. Embora, talvez..."

"Vocês têm um telefone?" Clary interrompeu.

"Não comigo." Luke, ainda segurando a lista telefônica, olhou abaixo para Gretel. "Você poderia pegar o telefone?"

Com um desgostoso urro ela jogou o chumaço de panos ensanguentados que ela tinha estado segurando e jogou ao chão, e saiu da sala num segundo. Luke colocou a



lista de telefones sobre a mesa, pegou o rolo de ataduras, e começou a contornar em torno da diagonal, atravessando suas costelas. "Desculpe," ele disse, enquanto Clary olhava. "Sei que é nojento."

"Se a gente pegar Valentine," ela perguntou abruptamente, "nós podemos matar ele?"

Luke quase largou as ataduras. "O quê?"

Ela se ocupou com um casual fio cutucando fora do bolso do seu jeans. "Ele matou o meu irmão mais velho. Ele matou meus avós. Não matou?"

Luke colocou as ataduras em cima da mesa e puxou a camisa para baixo. "E você acha que matar ele fará o quê? Apagar essas coisas?"

Gretel retornou antes que Clary pudesse dizer alguma coisa sobre isso. Ela usava uma martirizada expressão e entregou a Luke um parecendo desajeitado e antiquado celular. Clary se perguntou quem pagava as contas do telefone.

Clary segurou a sua mão. "Me deixa fazer uma ligação."

Luke pareceu hesitante. "Clary..."

"É sobre Renwick. Vai levar apenas um segundo."

Ele lhe entregou o telefone cautelosamente. Ela teclou nos números, e meio se virou, se afastando dele para dar a ela mesma a ilusão de privacidade.

Simon atendeu no terceiro toque. "Alô?"

"Sou eu."

Sua voz aumentou uma oitava. "Você está bem?"

"Eu estou bem. Por quê? Você já ouviu alguma coisa de Isabelle?"

"Não. O que eu ouviria de Isabelle? Existe algo de errado? E Alec?"

"Não," Clary disse, não querendo mentir e dizer que Alec estava bem. "Não sei sobre Alec. Olha, eu só preciso que você procure no Google algo para mim."

Simon aspirou. "Você está brincando. Eles não têm um computador? Você sabe o quê, não responda a isso." Ela ouviu o som de uma porta abrir e a pancada miada enquanto o gato da mãe de Simon era banido de seu poleiro no teclado do seu computador. Ela podia imaginar Simon muito claramente na sua cabeça enquanto ele se sentava, seus dedos deslocando-se rapidamente ao longo do teclado. "O que você quer que eu procure?"

Ela disse a ele. Ela podia sentir os olhos preocupados de Luke nela enquanto ela falava. Era da mesma forma que ele olhava para ela quando ela tinha onze anos e



teve uma gripe culminada com uma febre. Ele trouxe cubos de gelo para ela sugar e tinha lido para ela seus livros favoritos, fazendo todas as vozes.

"Você está certa," Simon disse, a tirando do seu devaneio. "É um lugar. Ou, pelo menos, era um lugar. Está abandonado agora."

Sua mão suada escorregou sobre o telefone, e ela apertou sua mão. "Me fale sobre isso."

"O mais famoso dos manicômios, prisões de devedores, e hospitais construídos na Ilha de Roosevelt em 1800," Simon leu lealmente. "Hospital Renwick Smallpox foi projetado pelo arquiteto Jacob Renwick e destinado a quarentena das mais pobres vítimas em Manhattan da epidemia incontrolável de varíola. Durante o século seguinte, o hospital foi abandonado à ruína. O acesso público às ruínas é proibido."

"Ok, isso é suficiente," Clary disse, seu coração batendo. "Isso tem que ser ele. Ilha de Roosevelt? Não vivem pessoas lá?"

"Nem todo mundo vive em uma ladeira, princesa," Simon disse, com um justo grau de falso sarcasmo. "De qualquer maneira, você precisa de mim para te dar uma carona de novo ou algo assim?"

"Não! Eu estou bem, eu não preciso de nada. Eu só queria a informação."

"Tudo bem." Ele soou um pouco machucado, Clary pensou, mas ela disse a si mesma que não importava. Ele estava seguro em casa, e isso era o que era importante.

Ela desligou, se voltando para Luke. "Há um hospital abandonado no extremo sul da Ilha de Roosevelt chamado Renwick. Acho que Valentine está lá."

Luke empurrou seus óculos de novo. "Ilha de Blackwell. É Claro."

"O que você quer dizer com Blackwell? Eu disse..."

Ele cortou ela com um gesto. "Isso era como a Ilha de Roosevelt costumava ser chamada. Blackwell. Ela era a propriedade de uma antiga família de Caçadores de Sombras. Eu devia ter adivinhado." Ele se virou para Gretel. "Traga Alaric. Vamos precisar de todo mundo aqui de volta o mais rápido possível." Seus lábios se curvaram em um meio sorriso que lembrou Clary do frio sorriso que Jace usou durante a luta. "Diga para eles se aprontarem para a batalha."

Eles fizeram o seu caminho até a rua através de um sinuoso labirinto de celas e corredores que eventualmente se abriam, uma vez, para o que tinha sido o saguão de uma delegacia. O edifício estava abandonado agora, e a inclinada luz da tarde lançava estranhas sombras sobre as escrivaninhas vazias, os armários trancados com cadeados eram marcados por buracos negros de cupim, o piso de mosaicos rachados anunciavam o lema da NYPD: Fidélis ad mortem.

"Fiel até à morte," disse Luke, seguindo seu olhar.



"Me deixe adivinhar," Clary disse. "No interior é uma delegacia abandonada, a partir do exterior, os mundanos só vêem um edifício condenado, ou um lote vago, ou..."

"Na verdade ele se parece com um restaurante chinês no exterior," Luke disse. "Só entrega, nenhum serviço de mesa."

"Um restaurante chinês?" Clary ecoou com descrença.

Ele deu de ombros. "Bem, estamos em Chinatown. Esta era a Segunda Jurisdição construída."

"As pessoas devem pensar que é estranho que não haja um número de telefone para se ligar para as encomendas."

Luke sorriu. "Há sim. Nós apenas não atendemos muito. Às vezes, se eles estiverem chateados, alguns dos novatos fazem algumas entregas de porco mu shu."

"Você está brincando."

"De jeito nenhum. As gorjetas vêm a calhar." Ele empurrou a porta da frente aberta, deixando um fluxo de luz solar.

Ainda sem certeza se ele estava brincando ou não, Clary seguiu Luke em toda a Baxter Street onde o seu carro estava estacionado. O interior da caminhonete era confortavelmente familiar. O indistinto cheiro de madeira, papel velho e sabão, o par de dados de pelúcia dourado desbotado que ela tinha lhe dado quando ela tinha dez porque eles pareciam dados de ouro pendurados a frente do espelho retrovisor do Millennium Falcon. As descartadas embalagens de chiclete e copos vazios de café rolando pelo chão. Clary colocou a si mesma em um assento do passageiro, fixando-se atrás contra o encosto de cabeça com um suspiro. Ela estava mais cansada do que ela gostaria de admitir.

Luke fechou a porta atrás dela. "Fique aqui."

Ela observou enquanto ele falava com Alaric e Gretel, que estavam de pé nos degraus da antiga delegacia, esperando pacientemente. Clary distraiu-se sozinha, deixando os olhos dela desaparecer dentro e fora de foco, observando o glamour aparecer e desaparecer. Primeiro era uma antiga delegacia, então ela era uma frente de uma loja dilapidada ostentando um toldo amarelo em que se lia Lobo de Jade Cozinha Chinesa.

Luke estava gesticulando para o seu segundo e terceiro, apontando para baixo na rua. Sua pickup era a primeira em uma linha de furgões, motocicletas, pipes, e até mesmo um parecendo arruinado, velho ônibus escolar. Os veículos se esticavam em uma linha para baixo da quadra e viravam em uma esquina. Um comboio de lobisomens. Clary perguntou como eles pediram, tomaram emprestado, roubaram ou confiscaram tantos veículos em um prazo tão curto. No lado positivo, pelo menos, eles não tinham que ir de bonde elétrico.

Luke aceitou um saco de papel branco de Gretel, e com um aceno, saltou de volta na



pickup. Dobrando seu corpo esguio, ao volante, ele lhe entregou o saco. "Você está encarregada disto."

Clary perscrutou aquilo com suspeita. "O que é isso? Armas?"

Os ombros de Luke se sacudiram com uma risada sem som. "Pães cozinhados no vapor, na verdade," ele disse, puxando o caminhão para fora na rua. "E café."

Clary rasgou o saco o abrindo enquanto eles dirigiam cidade acima, seu estômago rosnava furiosamente. Ela rasgou um rolo aparte, saboreando o rico e apetitoso sabor salgado da carne de porco, mastigando a massa branca. Ela empurrou aquilo abaixo com um gole do super doce café preto, e ofereceu um rolo a Luke. "Quer um?"

"Claro." Era quase como nos velhos tempos, ela pensou, enquanto eles se movimentavam pela rua do Canal, quando eles pegavam sacos de bolinhos quentes na Panificadora Carruagem Dourada e comiam metade deles se dirigindo para casa, acima da ponte de Manhattan.

"Então, me fale sobre este Jace," Luke disse.

Clary quase engasgou com um rolo. Ela alcançou o café, afogando suas tosses com o líquido quente. "O quê sobre ele?"

"Você tem alguma idéia do que Valentine poderia querer com ele?"

"Não."

Luke amarrou a cara para o sol. "Eu pensava que esse Jace era uma das crianças dos Lightwood?"

"Não." Clary mordeu seu terceiro rolo. "Seu sobrenome é Wayland. Seu pai era..."

"Michael Wayland?"

Ela concordou. "E quando Jace tinha dez anos, Valentine matou ele. Michael, eu quero dizer."

"Isso soa como algo que ele faria," Luke disse. Seu tom era neutro, mas havia algo na sua voz que fez Clary olhar para ele de lado. Ele não acreditava nela?

"Jace viu ele morrer," ela acrescentou, como se para apoiar a sua alegação.

"Isso é horrível," Luke disse. "Pobre garoto confuso."

Eles estavam dirigindo acima da rua da ponte cinquenta e nove. Clary olhou para baixo e viu o rio se tornar todo em ouro e sangue pelo sol. Ela podia vislumbrar o extremo sul da Ilha Roosevelt a partir dali, porém, era apenas uma mancha ao norte. "Ele não é tão ruim," disse ela. "Os Lightwoods tomaram conta dele."

"Eu posso imaginar. Estavam sempre próximos a Michael," Luke observou, desviando-se para a faixa da esquerda. No espelho lateral Clary pôde ver a caravana de veículos



os seguindo alterando seu curso para imitar o dele. "Eles iriam querer cuidar do filho dele."

"Então o que acontece quando a lua aparece?" ela perguntou. "Está tudo indo quando de repente o lobo sai, ou o quê?"

A boca de Luke se contorceu. "Não exatamente. Apenas os jovens, os que acabaram de se Mudar, não podem controlar as suas transformações. A maior parte do resto de nós temos aprendido como, ao longo dos anos. Somente a lua, na forma mais cheia pode forçar uma mudança em mim agora."

"Então, quando a lua está apenas parcialmente cheia, você só se sente um pequeno lobinho?" Clary perguntou.

"Você pode dizer isso."

"Bem, você pode ir em frente e colocar sua cabeça para fora da janela do carro, se você quiser."

Luke riu. "Eu sou um lobisomem, e não um golden retriever."

"Há quanto tempo você é o líder do clã?" ela perguntou abruptamente.

Luke hesitou. "Cerca de uma semana."

Clary se virou em torno para olhar para ele. "Uma semana?"

Ele suspirou. "Eu sabia que Valentine tinha levado sua mãe," ele disse sem muita inflexão. "Eu sabia que tinha poucas chances contra ele por mim mesmo e que eu não poderia esperar nenhuma assistência da Clave. Levei um dia para rastrear a localização da próxima matilha de licantropos."

"Você matou o líder do clã, assim você poderia tomar seu lugar?"

"Foi o caminho mais rápido que eu poderia tomar para adquirir um número de aliados em um curto período de tempo," Luke disse, sem arrependimento no seu tom, embora sem qualquer orgulho também. Ela se lembrou de ter espiado ele na sua casa, como ela havia notado os profundos arranhões nas mãos e rosto e da forma como ele recuava quando ele movia o seu braço. "Eu teria feito isso antes. Tive bastante certeza que eu poderia fazê-lo novamente." Ele deu de ombros. "Sua mãe tinha ido embora. Eu sabia que eu tinha feito você me odiar. Eu não tinha nada a perder."

Clary amarrou seus tênis verdes contra o painel. Através do rachado pará-brisa, acima das pontas dos pés, a lua estava subindo acima da ponte. "Bem," disse ela. "Você tem agora."

O hospital, no extremo sul da Ilha de Roosevelt estava iluminado pela noite, os seus contornos fantasmagóricos curiosamente visíveis contra a escuridão do rio e da grande iluminação de Manhattan. Luke e Clary ficaram em silêncio enquanto a pickup passava pela pequena ilha, enquanto a estrada pavimentada se tornava em saibro e



finalmente em uma acumulada sujeira. A estrada seguia a curva de uma alta grade com aros fechados, no topo de cada estavam fios afiados amarrados em arabesco como festivos laços de fita.

Quando a estrada ficou muito acidentada para eles seguirem mais adiante, Luke levou a caminhonete para uma parada e desligou as luzes. Ele olhou para Clary. "Há alguma chance se eu te pedir para esperar por mim aqui, você faria isso?"

Ela balançou a cabeça dela. "Não seria necessariamente mais seguro dentro do carro. Quem sabe se Valentine está patrulhando seu perímetro?"

Luke riu suavemente. "Perímetro. Olhe só você." Ele se colocou para fora do caminhão e foi em torno ao seu lado para ajudá-la a descer. Ela podia, por si mesma, ter saltado para fora da caminhonete, mas foi bom ter ajuda, do jeito como ele fazia quando ela era pequena demais para ela própria escalar pra fora.

Seus pés bateram na sujeira seca acumulada, enviando flocos de poeira. Os carros que tinham seguido eles estavam subindo, um por um, formando uma espécie de círculo em torno do caminhão de Luke. Seus faróis varriam toda a sua visão, e iluminando as grades da cerca para um branco prateado. Além da cerca, o hospital em si era uma ruína banhada na dura luz que apontava sua dilapidada situação: as paredes sem teto sobressaíam no terreno irregular como dentes quebrados, os parapeitos de pedra da fortificação estavam cobertos com um tapete verde de hera. "É um desastre," ela se ouviu dizer suavemente, um vacilar de apreensão em sua voz. "Não vejo como Valentine poderia eventualmente esconder aqui."

Luke olhou além dela para o hospital. "É um glamour forte," ele disse. "Tente olhar além das luzes." Alaric estava andando na direção deles ao longo da estrada, a leve brisa fazendo seu casaco de sarja sacudiu em aberto, mostrando a cicatriz no peito por baixo. Os lobisomens andando atrás dele pareciam completamente pessoas comuns, Clary pensou. Se ela tivesse visto eles todos juntos em um grupo em algum lugar, ela pode ter pensado que se conheciam uns aos outros de alguma maneira, havia uma certa semelhança não física, uma rudeza em seus olhares, uma força em suas expressões. Ela poderia ter pensado que eram agricultores, já que pareciam mais bronzeados, curvados, e magros do que a maioria dos moradores da cidade, ou talvez ela achasse que eles eram de uma gangue de motociclistas. Mas eles em nada se pareciam como monstros.

Eles se reuniram em uma conferência rápida no caminhão de Luke, como uma amontoada reunião de futebol. Clary, lançando-se muito do lado de fora, virou-se para olhar para o hospital novamente. Desta vez ela tentou olhar ao redor da luz, ou através delas, da forma como você por vezes poderia olhar através de um fino acabamento de tinta para ver o que estava por baixo. Como normalmente ela fazia, pensando em como ela iria pintá-lo, isso ajudou. As luzes pareceram desaparecer, e agora ela estava olhando através de um carvalho – o gramado limpo para uma estrutura ornada gótica do Renascimento que parecia se assomar acima das árvores como a amurada de um grande navio. As janelas dos andares mais baixos eram escuras e blindadas, mas através da luz derramada das esquadrias dos arcos das janelas do terceiro andar, como uma linha de chamas queimando ao longo do cume de uma montanha distante. Uma pesada pedra na varanda cobria o exterior, escondendo a porta da frente.



"Você vê?" Era Luke, que veio atrás dela com a passada graciosa de... bem, um lobo.

Ela ainda estava olhando. "É mais parecido com um castelo do que com um hospital."

Tomando ela pelos ombros, Luke a virou para olhá-lo. "Clary, me escute." Seu aperto foi dolorosamente com força. "Eu quero que você fique ao meu lado. Se mova quando eu passar. Segure a minha manga se tiver necessidade. Os outros vão ficar em torno de nós, nos protegendo, mas se você ficar fora do círculo, eles não serão capazes de proteger você. Eles estão indo para nos mover em direção à porta." Ele desceu as mãos de seus ombros, e quando ele se moveu, ela viu o brilho de algo de metal no interior da sua jaqueta.

Ela não percebeu que ele estava carregando uma arma, mas então ela lembrou que Simon havia dito sobre o que estava na velha mala verde de Luke e supostamente fazia sentido. "Você promete que você vai fazer o que eu disse?"

"Eu prometo."

A grade era real, não fazia parte do glamour. Alaric, ainda na frente, a agitou experimentando, em seguida, colocou uma mão preguiçosa. Longas garras brotando abaixo de suas unhas, e ele cortou o alambrado com elas, cortando o metal em tiras. Elas caíram em um empilhado barulho, como Tinkertoys³².

"Vão." Ele gesticulou para os outros atravessarem. Eles agitaram-se à frente como uma pessoa, um mar de movimentos coordenados. Pressionando o braço de Clary, Luke a empurrou rente dele, abaixando a cabeça para seguir. Eles se indiretaram no interior da cerca, olhando para cima em direção ao hospital, onde recolhidas formas escuras, reunidas na varanda, estavam começando a se deslocar pelos degraus.

Alaric tinha levantado sua cabeça, farejando o vento. "O fedor da morte paira pesado no ar."

A respiração de Luke deixou seus pulmões em um sibilo apressado. "*Esquecidos*."

Ele empurrou Clary para atrás dele, ela foi, tropeçando levemente sobre o terreno irregular. O grupo começou a se mover em direção a ela e de Luke; enquanto eles se aproximavam, eles todos se baixaram em quatro, lábios rosnando por trás de suas longas presas, membros se estendendo longamente, as extremidades forradas de pêlos, roupas cobertas por peles. Uma pequena voz instintiva na parte de trás do cérebro de Clary estava gritando para ela: *Lobos! Fugam!* Mas ela lutou e permaneceu onde ela estava, embora ela podia sentir o salto e os tremores nos nervos em suas mãos.

O bando rodeou eles, de frente para fora. Mais lobos flanquearam de ambos os lados do círculo. Era como se ela e Luke estivessem no centro de uma estrela. Com isso, eles começaram a avançar em direção a varanda do hospital. Ainda atrás de Luke, Clary nem sequer viu o primeiro dos Esquecidos que eles atingiram. Ela ouviu um uivo de lobo como se em dor. O uivo subiu e subiu, transformando rapidamente em

³² Brinquedo feito de varetas e junções, você une elas do jeito que você quiser.



um rosnado. Houve um som de queda, e então o gorgolejante choro e um som como de papel rasgando...

Clary ficou se perguntando se os Esquecidos eram comestíveis.

Ela olhou para Luke. O rosto estava concentrado. Ela podia vê-los agora, além do círculo de lobos, o palco iluminado de brilho e pelos refletores tremulando o brilho de Manhattan: dezenas de Esquecidos, sua pele pálida de cadáver no luar, queimados por lesões como runas. Seus olhos eram vagos enquanto eles se lançavam aos lobos, e os lobos encontrando eles na cabeça, garras arranhando, dentes arrancando e rasgando. Ela viu um dos guerreiros Esquecidos – uma mulher – cair, a garganta despedaçada, os braços ainda se debatendo. Outro picado por um lobo com um braço, enquanto o outro braço descansava no terreno a um metro de distância, sangue pulsando da ponta. Sangue negro, repulsivo como a água de pântano, correndo em um jorro, tornando a grama escorregadia, então os pés de Clary se escorregaram para fora debaixo dela. Luke pegou ela antes que ela pudesse cair. "Fique comigo."

Estou aqui, ela queria dizer, mas não havia palavras que saíssem de sua boca. O grupo ainda estava subindo o gramado em direção ao hospital, agonizantemente lento. O aperto de Luke era rígido como ferro. Clary não poderia dizer quem estava ganhando, ou se ninguém. Os lobos tinham tamanho e a velocidade do seu lado, mas os Esquecidos se moviam com uma sinistra inevitabilidade e eram surpreendentemente difíceis de matar. Ela viu o grande lobo listrado que era Alaric pegar um abaixo, rasgando suas pernas abaixo delas, em seguida, pulando para a sua garganta. O Esquecido manteve o movimento, mesmo quando ele rasgou aquela parte, o corte do machado abrindo uma longa ferida vermelha no casaco de Alaric.

Distraída, Clary quase não notou que o Esquecido tinha furado através do círculo de proteção, até que se jogou na frente dela, como se tivesse surgido vindo da grama a seus pés. Com olhar branco, cabelo emaranhado, ele levantou uma faca respingando.

Ela gritou. Luke girou, a arrastando para seu lado, pegou o pulso da coisa, e torceu. Ela ouviu um estalo de osso e, a faca caiu na grama. A mão do Esquecido balançou frouxamente, mas se manteve vindo em direção a eles, sem evidenciar nenhum sinal de dor. Luke estava gritando roucamente para Alaric. Clary tentou alcançar a adaga em sua cintura, mas o aperto de Luke em seu braço era demasiado forte. Antes que ela pudesse gritar com ele para soltá-la, um golpe de uma estrutura delgada prateada se chocou entre eles. Era Gretel. Ela aterrissou com suas patas da frente contra o peito do Esquecido, lançando-o para o chão. Um feroz queixar de raiva veio da garganta de Gretel, mas o Esquecido era mais forte, ele lançou ela para o lado como uma boneca de trapo e rolou para seus pés.

Alguma coisa tinha levantado Clary sob seus pés. Ela gritou, mas era Alaric, metade sim e metade não em sua forma de lobo, suas mãos a prendiam com afiadas garras. Ainda assim, elas a seguravam gentilmente colocando ela em seus braços.

Luke estava fazendo sinal para eles. "Leve ela daqui! Leve ela para as portas!" ele estava gritando.

"Luke!" Clary se virou nos braços de Alaric.



"Não olhe," Alaric disse com um rosnar.

Mas ela olhou. Tempo suficiente para começar a ver Luke indo em direção a Gretel, uma lâmina em sua mão, mas ele estava muito atrasado. O Esquecido segurou uma faca, que havia caído na grama molhada de sangue, e a afundou nas costas de Gretel, de novo e de novo, enquanto ela o agarrava e lutava e finalmente desmoronava, a luz em seus olhos prateados desvanecendo em trevas. Com um grito Luke projetou sua espada na garganta do Esquecido...

"Eu lhe disse para não olhar," Alaric rosnou, virando aquela linha de visão dela que foi bloqueada por seu volume agigantado. Eles estavam correndo acima dos degraus, o som do arranhar de seus pés friccionando o granito como unhas em uma lousa.

"Alaric," Clary disse.

"Sim?"

"Sinto muito por ter jogado uma faca em você."

"Não se desculpe. Foi um golpe bem colocado."

Ela tentou olhar além dele. "Onde está Luke?"

"Eu estou aqui," Luke disse. Alaric se virou. Luke foi chegando aos passos, deslizando sua espada de volta a sua bainha, que estava presa ao seu lado, sob o seu casaco. A lâmina estava negra e pegajosa.

Alaric deixou Clary deslizar para a varanda. Ela desceu se virando. Ela não podia ver Gretel ou o Esquecido que tinha matado ela, só uma massa de corpos e metais brilhando. Seu rosto estava molhado. Ela o alcançou com uma mão livre para ver se ela estava sangrando, mas percebeu que em vez disso, ela estava chorando. Luke olhou para ela curiosamente. "Ela era apenas uma Downworlder," ele disse.

Os olhos de Clary queimavam. "Não diga isso."

"Eu vejo." Ele se virou para Alaric. "Obrigado por cuidar dela. Enquanto nós vamos para dentro..."

"Eu vou com você," Alaric disse. Ele tinha feito a maior parte da transformação para a forma de homem, mas seus olhos ainda eram os olhos de um lobo e seus lábios puxados para trás dos dentes, tão longos quanto palitos de dentes. Ele flexionou as longas unhas de suas mãos.

Os olhos de Luke estavam preocupados. "Alaric, não."

A voz rosnada de Alaric estava plana. "Você é o líder do bando. Sou seu segundo agora que Gretel está morta. Não seria correto deixar você ir sozinho."

"Eu..." Luke olhou Clary e, em seguida, de volta lá fora na área em frente ao hospital. "Eu preciso de você aqui fora, Alaric. Sinto muito. Isso é uma ordem."



Os olhos de Alaric lampejaram ressentidamente, mas ele andou para o lado. A porta do hospital era pesadamente ornamentada com madeira esculpida, os padrões eram familiares para Clary, as rosas de Idris, runas enroscadas, sóis imitando raios. Ela abriu com um barulho de estrondo no trinco quando Luke chutou ela. Ele empurrou Clary em direção a porta aberta largamente. "Entre."

Ela tropeçou passando por ele, e virou-se na soleira da porta. Ela pegou um único breve vislumbre de Alaric olhando para eles, seus olhos de lobo reluziam. Atrás dele, o gramado em frente ao hospital, estava espalhado com corpos, as sujeiras manchadas de sangue, preto e vermelho. Quando a porta se fechou atrás dela, cortando sua visão, ela ficou agradecida.

Ela e Luke ficaram na semi-iluminada escuridão, em uma pedra na entrada, o caminho era iluminado por uma única tocha. Depois do ruído da batalha o silêncio era como um manto opressor. Clary encontrou a si mesma arfando para respirar o ar, o ar que não era espesso com umidade e o cheiro de sangue.

Luke agarrou o seu ombro com a mão. "Você está bem?"

Ela limpou suas bochechas. "Você não deveria ter dito aquilo. Sobre Gretel ser apenas uma Downworlder. Eu não penso assim."

"Estou feliz em ouvir isso." Ele se aproximou da tocha em um apoio de metal. "Eu odiei a idéia do Lightwoods terem transformado você em uma cópia deles."

"Bem, eles não fizeram."

A tocha não saía do lugar nas mãos de Luke, ele franziu a sobrancelha. Escavando em seu bolso, Clary removeu a suave pedra de runa que Jace tinha lhe dado no seu aniversário, e a levantou para o alto. A luz brotou entre seus dedos, como se ela rachasse uma semente na escuridão, soltando toda a iluminação presa lá dentro. Luke largou a tocha.

"Luz de bruxa?" ele disse.

"Jace a deu para mim." Ela podia sentir seu pulso na sua mão, como o batimento cardíaco de um pequeno pássaro. Ela se perguntou onde Jace estava nesta pilha de pedra cinza de quartos, se ele estava amedrontado, se ele se perguntava se veria ela novamente.

"Já faz anos desde que eu lutei com uma luz de bruxa," Luke disse, e começou a subir as escadas. Elas rangiam ruidosamente sob suas botas. "Me siga."

O chamejante brilho da luz de bruxa se lançava as suas sombras, estranhamente alongadas, contra as lisas paredes de granito. Eles pararam em uma pedra aterrada que se curvava em torno de um arco. Acima deles ela podia ver luz. "Isso é o que o hospital costumava ser a centenas de anos atrás?" Clary sussurrou.

"Oh, a estrutura do que Renwick construiu ainda está aqui," Luke disse. "Mas eu imagino que Valentine, Blackwell e os outros tenham remodelado o local para ser um



pouco mais ao gosto deles. Veja aqui." Ele raspou a bota ao longo do piso: Clary olhou para baixo e viu uma runa esculpida em granito sob seus pés: um círculo, no centro do qual havia um ditado em latim: Em Hoc Signo Vincens.

"O que significa isso?" ela perguntou.

"Significa, 'Por este sinal nós iremos conquistar'. Era o lema do Círculo."

Ela olhou acima, em direção à luz. "Então, eles estão aqui."

"Eles estão aqui," Luke disse, e havia uma antecipação na ponta estreita de seu tom. "Venha."

Eles subiram a escada sinuosa, circulando abaixo da luz até que elas estavam em torno deles e eles estavam de pé na entrada de um longo e estreito corredor. Tochas queimavam ao longo da passagem. Clary fechou sua mão sobre a luz de bruxa, e ela piscou como uma estrela se extinguindo.

Havia portas colocadas em intervalos ao longo do corredor, todas elas fechadas firmemente. Ela se perguntou se elas haviam sido enfermarias, quando havia sido um hospital, ou talvez, quartos particulares. Enquanto eles se moviam pelo corredor, Clary viu as marcas de pegadas, enlameadas da grama lá fora, cruzando a passagem. Alguém tinha andado aqui recentemente.

A primeira porta que eles tentaram abrir cedeu facilmente, mas do outro lado da sala estava vazio: apenas o polido piso de madeira e paredes de pedra, iluminadas pelo misterioso derramar do luar através da janela. O fraco rugido da batalha lá fora preenchia a sala, tão rítmicas quanto o som do oceano. A segunda sala estava cheia de armas: espadas, clavas, e machados. A luz da lua corria como água prateada com filas após filas de aço frio desembainhado. Luke assobiou sob a sua respiração. "O bastante para uma coleção."

"Você acha que Valentine utiliza todas elas?"

"Improvável. Eu suspeito que elas são para o seu exército." Luke se afastou.

A terceira sala era um quarto. Os dosséis em torno dos quatro postes da cama eram azuis, o tapete persa padronizado em azul, preto e cinza, e os móveis eram pintados de branco, como o mobiliário em um quarto infantil. Uma fina camada de fantasmagórica poeira cobria tudo, cintilando ligeiramente ao luar.

Deitada na cama, Jocelyn dormia.

Ela estava em suas costas, uma mão cuidadosamente jogada em seu peito, seus cabelos espalhados por todo o travesseiro. Ela usava uma espécie de camisola branca que Clary nunca tinha visto, e ela estava respirando regularmente e em silêncio. Na penetrante luz da lua Clary pode ver o tremular de pálpebras de sua mãe enquanto ela sonhava.

Com um gritinho Clary se atirou em direção... mas Luke voou seu braço a prendendo



em todo seu peito como uma barra de ferro, a segurando de volta. "Espere," ele disse, a sua própria voz tensa com o esforço. "Temos que ter cuidado."

Clary olhou para ele, mas ele estava olhando além dela, sua expressão furiosa e dolorosa. Ela seguiu a linha de seu olhar e viu o que ela não tinha querido ver antes. Algemas prateadas se fechavam em torno dos pulsos e pés de Jocelyn, e as pontas das suas correntes mergulhadas profundamente na piso de pedra em cada lado da cama. A mesa ao lado da cama estava coberta com o estranho conjunto de tubos e garrafas, frascos de vidros longos, e maldosamente inclinados, cintilantes instrumentos cirúrgicos de aço. Um tubo de borracha corria de um dos frascos de vidro para uma veia do braço esquerdo de Jocelyn.

Clary se sacudiu se afastando das mãos restritivas de Luke e disparou em direção a cama, embalando seus braços em torno do corpo impassível de sua mãe. Mas foi como tentar um abraço em uma boneca mal articulada. Jocelyn permanecia imóvel e rígida, a sua respiração lenta, inalterada.

Uma semana atrás Clary teria chorado como ela tinha feito naquela primeira noite terrível que ela tinha descoberto que sua mãe estava faltando, chorou e saiu. Mas nenhuma lágrima veio agora, enquanto ela deixava sua mãe e se endireitava. Não havia terror nela agora, e nenhuma auto-piedade: apenas uma amarga fúria e uma necessidade de encontrar o homem que havia feito isto, o responsável por tudo isso.

"Valentine," ela disse.

"É claro." Luke estava ao lado dela, tocando levemente o rosto de sua mãe, levantando suas pálpebras. Os olhos abaixo estavam brancos como mármore. "Ela não está drogada," ele disse. "É algum tipo de feitiço, eu espero."

Clary deixou sua respiração sair em um apertado meio soluçar. "Como é que vamos tirá-la daqui?"

"Eu não posso tocar as algemas," disse Luke. "Prata. Você pode..."

"A sala de armas," Clary disse, de pé. "Eu vi lá um machado. Vários. Podíamos cortar as correntes..."

"As correntes são inquebráveis." A voz que falou da porta era baixa, arenosa, e familiar. Clary virou-se e viu Blackwell. Ele estava sorrindo agora, usando a mesma veste cor de sangue coagulado como antes, a capa empurrada para trás, botas lamacentas visíveis sob a bainha. "Graymark," ele disse. "Que surpresa agradável."

Luke se endireitou. "Se você está surpreso, você é um idiota," ele disse. "Eu não cheguei exatamente em silêncio."

As bochechas de Blackwell coraram em um roxo mais escuro, mas ele não se moveu em direção a Luke. "Líder de um clã novamente, não é?" ele disse, e deu uma desagradável risada. "Não é possível você quebrar o hábito de botar os Downworlders para fazer seu trabalho sujo? As tropas de Valentine estão ocupadas espalhando pedaços deles em todo o gramado, e você está aqui em cima à salvo com suas



namoradas." Ele olhou com desprezo na direção de Clary. "Essa parece um pouco jovem para você, Lucian."

Clary corou furiosamente, suas mãos se dobrando nos punhos, mas a voz de Luke, quando ele respondeu, era educada. "Eu não chamaria exatamente aquilo de tropas, Blackwell," ele disse. "Eles são Esquecidos. Atormentados, sendo uma vez seres humanos. Se me lembro corretamente, a Clave olha bem feio para tudo isso – pessoas torturadas, preparadas por magia negra. Eu não posso imaginar eles ficando muito satisfeitos."

"Maldita Clave," Blackwell rugiu. "Nós não precisamos deles e sua meia-raça de tolerantes. Além disso, os Esquecidos não serão Esquecidos por muito tempo. Uma vez que Valentine utilizar a Taça sobre eles, eles serão tão bons Caçadores de Sombras quanto o resto de nós, melhor do que aquilo que a Clave está fazendo passar como guerreiros hoje em dia. Downworlders amando covardes." Ele revelou seus dentes desbotados.

"Se for esse o seu plano para a Taça," Luke disse, "porque ele já não o fez? O que é que ele está esperando?"

As sobrancelhas de Blackwell se levantaram. "Como você sabia? Ele tem o seu..."

Uma sedosa risada interrompeu ele. Pangborn tinham aparecido atrás dele, todo em preto com uma tira de couro através de seu ombro. "Já chega, Blackwell," ele disse. "Você fala demais, como sempre." Ele reluziu seus dentes afiados para Luke. "Jogada interessante, Graymark. Eu não achei que você teria estômago para conduzir o seu mais novo clã em uma missão suicida."

Um músculo da bochecha de Luke retorceu. "Jocelyn," ele disse. "O que ele fez com ela?"

Pangborn gargalhou musicalmente. "Eu pensei que você não se importasse."

"Não vejo o que ele quer com ela agora," prosseguiu Luke, ignorando o sarcasmo. "Ele tem a Taça. Ela não pode ser utilizada. Valentine nunca foi um assassino sem propósito. Assassino com um objetivo. Agora, isso poderia ser uma história diferente."

Pangborn encolheu os ombros com indiferença. "Não faz diferença para nós o que ele faz com ela," ele disse. "Ela era sua esposa. Talvez ele odeie ela. Esse é um ponto."

"Deixe-a ir," Luke disse, "e nós saímos com ela, chamarei o clã para fora. Vou te dever uma."

"Não!" A explosão de fúria de Clary fez Pangborn e Blackwell virarem seus olhares para ela. Ambos pareceram ligeiramente incrédulos, como se ela fosse dizer uma conversa barata. Ela se virou para Luke. "Há ainda Jace. Ele está aqui em algum lugar."

Blackwell estava rindo. "Jace? Nunca ouvi falar de um Jace," ele disse. "Agora, eu poderia pedir a Pangborn para deixar ela ir. Mas eu prefiro que não. Ela sempre foi



uma cadela para mim, Jocelyn. Pensei que ela era melhor do que o resto de nós, com sua aparência e sua linhagem. Apenas uma cadela com pedigree, isso é tudo. Ela só casou com ele, para que ela pudesse ficar em torno de nós todos..."

"Decepcionado por você mesmo não conseguir casar com ele, Blackwell?" era tudo que Luke disse em resposta, embora Clary pudesse ouvir a fria raiva em sua voz.

Blackwell, seu rosto se arroxando, deu um passo zangado para dentro do quarto.

E Luke, se movendo tão rapidamente que Clary quase não o viu fazer isso, agarrou um bisturi apreendido da mesa de cabeceira e o arremessou. Ele girou duas vezes no ar e afundou no primeiro ponto da garganta de Blackwell, cortando seu rosnado de revide. Ele silenciou, os olhos rolaram até ficarem brancos, e caiu em seus joelhos, as mãos na garganta. Um líquido vermelho pulsante espalhava-se entre seus dedos. Ele abriu a sua boca como se para falar, mas apenas uma linha fina de sangue gotejou para fora. Suas mãos escorregaram de sua garganta, e ele caiu no chão como uma árvore caindo.

"Oh, querido," disse Pangborn, olhando para o corpo caído de seu companheiro com um manhoso desgosto. "Que desagradável."

O sangue da garganta cortada de Blackwell estava se espalhando por todo o chão em uma viscosa piscina vermelha. Luke, pegando o ombro de Clary, sussurrou algo no ouvido dela. Aquilo não significou nada. Clary tinha apenas o conhecimento de um zumbido entorpecido em sua cabeça. Ela lembrou de outro poema da aula de Inglês, algo sobre como após a primeira morte que você viu, não importava as outras mortes. Esse poeta não sabia o que ele estava falando.

Luke soltou ela. "As chaves, Pangborn," ele disse.

Pangborn cutucou Blackwell com um pé, e olhou para cima. Ele parecia irritado. "Ou o quê? Você vai atirar uma seringa em mim? Havia apenas uma lâmina sobre a mesa. Não," ele acrescentou, se chegando para detrás dele e alcançando em seus ombros uma longa e parecendo exagerada espada, "eu temo que se você quer as chaves, você terá que vir e levá-la. Não porque me interesse sobre Jocelyn Morgenstern de uma forma ou de outra, você entende, mas apenas porque eu, estou ansioso por matar você... há anos."

Ele falou a última palavra para fora, saboreando com uma deliciosa exultação enquanto ele avançava pelo quarto. Sua espada reluziu, lançando um raio da luz da lua. Clary viu Luke empurrar uma mão em direção a ela – uma estranhamente e alongada mão, inclinada com unhas como minúsculos punhais e ela percebeu duas coisas: que ele estava prestes a mudar, e que o que ele tinha sussurrado em seu ouvido foi uma única palavra.

Corra.

Ela fugiu. Ela ziquezagueou em torno de Pangorn, que mal olhou para ela, evitando o corpo de Blackwell, que estava fora da porta e no corredor, o coração batendo, antes que a transformação de Luke estivesse completa. Ela não olhou para trás, mas ela ouviu um uivo, longo e penetrante, o som de metal no metal, e uma queda



estilhaçando. Vidro quebrando, ela pensou. Talvez eles tivessem derrubado a mesa de cabeceira.

Ela se lançou ao fundo do corredor para a sala de armas. No interior, ela puxou o cabo de aço do machado. Estava firmemente preso à parede, não importasse quão duramente ela se esforçasse em retirar. Ela tentou uma espada e, em seguida, uma lança – e até mesmo um pequeno punhal, mas não havia uma única arma que vinha livre em sua mão. Por fim, com as unhas despedaçadas e os dedos sangrando pelo esforço, ela teve que desistir. Havia magia nesta sala, e tão pouco uma magia rúnica: era algo selvagem e estranho, algo escuro.

Ela saiu da sala. Não havia nada neste andar que poderia ajudá-la. Ela avançou com dificuldade pelo corredor, ela estava começando a sentir a dor da verdadeira exaustão em suas pernas e braços, e ela se encontrou na junção das escadas. Para cima ou para baixo? Abaixo, ela lembrou, havia a escuridão, o vazio. É claro, que havia a luz de bruxa no seu bolso, mas algo nela desanimava o pensamento de entrar naqueles espaços pretos sozinha. Escadas acima ela viu o queimar de mais luzes, pegando o tremeluzir de algo que poderia ter sido um movimento.

Ela subiu. Suas pernas doíam, seus pés doíam, tudo doía. Seus cortes tinham sido atados, mas isso não os impedia de arder. Seu rosto machucado onde Hugo tinha cortado sua bochecha, e sua boca tinha um gosto metálico e amargo.

Ela atingiu o último andar. Era suavemente curvo como a proa de um navio, tão silencioso aqui quanto tinha sido escadas abaixo, não havia o som dos combates lá fora que alcançasse suas orelhas. Outro longo corredor esticava-se em frente a ela, com as mesmas múltiplas portas, mas aqui algumas estavam abertas, derramando ainda mais luz para o corredor. Ela foi em frente, e algum instinto direcionou ela para a última porta à sua esquerda. Cautelosamente ela olhou o interior.

A primeira vista o quarto lembrava ela de um período de reconstrução exibido no Museu Metropolitano de Arte. Era como se ela entrasse no passado, os painéis nas paredes brilhavam como se fossem recentemente ilustradas, como era interminavelmente longa a mesa de jantar em conjunto com a delicada porcelana chinesa. Um ornamentado espelho com moldura dourada adornava a parede mais distante, entre dois retratos à óleo com pesadas molduras. Tudo reluzia sob a luz das tochas: os pratos na mesa, preenchidos com alimentos, o sulco dos vidros em forma de lírios, os panos da mesa tão brancos que eles cegavam. No final do quarto estavam duas grandes janelas, guarnecidas com um veludo pesado pendurado. Jace estava parado em uma das janelas, tão imóvel que por um momento ela imaginou que ele era uma estátua, até que ela percebeu que podia ver a luz brilhando em seu cabelo. Sua mão esquerda segurava uma cortina de lado e, na janela escura havia o reflexo das dezenas de velas no interior da sala, presas no vidro como vagalumes.

"Jace," ela disse. Ela ouviu sua própria voz como se há distância: surpresa, gratidão, saudade, tão acentuadas quanto dolorosas. Ele se virou, deixando a cortina cair, e ela viu o olhar admirado sobre o seu rosto.

"Jace!" ela disse novamente, e correu em direção a ele. Ele capturou ela enquanto ela mesma se lançava sobre ele. Os braços dele a envolviam com força em torno dela.



"Clary." Sua voz era quase irreconhecível. "Clary, o que você está fazendo aqui?"

Sua voz estava abafada contra sua camisa. "Eu vim por você."

"Você não deveria ter vindo." Seu domínio sobre ela desapertou de repente, ele se afastou para trás, segurando ela um pouco longe dele. "Meu Deus," ele disse, tocando o rosto dela. "Idiota, que coisa a se fazer." Sua voz era brava, mas o olhar que varria o rosto dela, os dedos que suavemente escovavam o cabelo dela para trás, eram carinhosos. Ela nunca tinha visto ele sob este aspecto, havia uma espécie de fragilidade nele, como se ele pudesse ser não apenas tocado mas machucado. "Por que você nunca pensa?" ele sussurrou.

"Eu estava pensando," ela disse. "Eu estava pensando em você."

Ele fechou os olhos por um instante. "Se alguma coisa tivesse acontecido com você..." Suas mãos traçaram a linha dos braços suavemente, abaixo até os pulsos dela, como se ele estivesse se reassegurando que ela estava realmente lá. "Como você me encontrou?"

"Luke," ela respondeu. "Eu vim com Luke. Para resgatar você."

Ainda a segurando, ele olhou do seu rosto para a janela, um ligeiro franzido ondulando no canto de sua boca. "Portanto aqueles eram... você veio com um clã de lobos?" ele perguntou, um estranho tom em sua voz.

"Luke," disse ela. "Ele é um lobisomem, e..."

"Eu sei." Jace cortou ela. "Eu deveria ter adivinhado... as algemas." Ele olhou em direção à porta. "Onde ele está?"

"Escadas abaixo," Clary disse lentamente. Ele matou Blackwell. Eu vim procurar por você..."

"Ele vai ter de chamá-los para fora," Jace disse.

Ela olhou para ele sem compreender. "O quê?"

"Luke," Jace disse. "Ele vai ter que chamar os lobos de seu bando. Há um mal entendido."

"O quê, você mesmo se sequestrou?" Ela quis soar provocando, mas a voz dela estava muito leve. "Vamos lá, Jace."

Ela puxou o seu pulso, mas ele resistiu. Ele estava olhando para ela intensamente, e ela notou com um choque o que ela não tinha notado, em sua primeira precipitação de alívio.

A última vez que ela tinha visto ele, ele estava cortado e contundido, as roupas manchadas de sangue e sujeira, seu cabelo imundo e com serosidade de sangue e poeira. Agora, ele estava vestido com uma camisa branca solta e calças escuras, o



seu cabelo limpo caindo por todo o rosto, ouro pálido e esvoaçante. Ele limpou alguns fios dos seus olhos com uma delgada mão, e ela viu que o seu pesado anel de prata estava atrás em seu dedo.

"Essas são suas roupas?" ela perguntou, confusa. "E... seus ferimentos estão todos cuidados..." Sua voz falhou. "Parece que Valentine esteve cuidando terrivelmente bem de você."

Ele sorriu para ela com um carinho cansado. "Se eu te dissesse a verdade, você diria que eu estou louco," ele disse.

Ela sentiu seu coração agitando duramente contra o interior do seu peito, como uma rápida batida de asas de um beija-flor. "Não, eu não diria."

"Meu pai me deu essas roupas," ele disse.

A palpitância tornou-se um rápido tumulto. "Jace," ela disse com cuidado, "seu pai está morto."

"Não." Ele agitou sua cabeça. Ela teve a sensação de que ele estava segurando por dentro um enorme sentimento, como horror ou prazer – ou ambos. "Eu achava que ele estava, mas ele não está. Foi tudo um engano."

Ela se lembrou do que Hodge tinha dito sobre Valentine e sua habilidade de ser encantador e convincente em mentiras. "Isto é algo que Valentine disse a você? Porque ele é um mentiroso, Jace. Lembre-se do que Hodge disse. Se ele está dizendo que seu pai está vivo, é uma mentira para que você faça aquilo que ele quer."

"Eu vi o meu pai," Jace disse. "Eu tenho conversado com ele. Ele me deu isto." Ele puxou sua nova camisa limpa, como se fosse uma prova inevitável. "Meu pai não está morto. Valentine não o matou. Hodge mentiu para mim. Todos estes anos eu pensei que ele estava morto, mas ele não estava."

Clary olhou selvagememente ao redor, para a sala com a sua brilhante porcelana chinesa e tochas derretendo e esvaziando, o espelho reluzente. "Bem, se o seu pai está realmente neste lugar, então onde está ele? Valentine seqüestrou ele também?"

Os olhos de Jace estavam brilhando. O pescoço de sua camisa estava aberto e ela podia ver as finas cicatrizes brancas que cobriam sua clavícula, como fissuras na macia pele dourada. "Meu pai..."

A porta da sala, que Clary tinha fechado atrás dela, se abriu com um rangido, e um homem caminhava para o quarto.

Era Valentine. Seus cabelos prateados cortados reluziam como um elmo de aço polido e sua boca estava dura. Ele usava na cintura uma grossa bainha em seu cinto e o cabo de uma longa espada projetava-se a partir do início da mesma.

"Então," disse ele, descansando a mão sobre o cabo enquanto ele falava, "você já recolheu suas coisas? Nossos Esquecidos podem distanciar os homens lobo por apenas..."



Vendo Clary, ele se interrompeu no meio da sentença. Ele não era o tipo de homem que realmente era apanhado fora guarda, mas ela viu o tremular de espanto nos olhos dele. "O que é isso?" ele perguntou, virando seu olhar para Jace.

Mas Clary já estava tateando sua cintura pela adaga. Ela a agarrou pelo cabo, sacudindo ela fora de sua bainha, e puxou a mão dela de volta. A fúria golpeava atrás de seus olhos como um tambor. Ela poderia matar este homem. Ela iria matá-lo.

Jace segurou seu pulso. "Não."

Ela não podia conter sua incredulidade. "Mas, Jace..."

"Clary," ele disse firmemente. "Este é o meu pai."



23 – Valentine

“Posso ver que estou interrompendo algo,” Valentine disse, sua voz tão seca quanto um deserto a tarde. “Filho, você se importaria de me dizer quem é essa? Uma das crianças Lighwood, talvez?”

“Não,” Jace disse. Ele soava cansado e infeliz, mas sua mão não largava o pulso dela. “Esta é Clary. Clarissa Fray. Ela é uma amiga minha. Ela...”

Os olhos escuros de Valentine varreram ela lentamente, do topo de sua desgrenhada cabeça, até os dedos suados nos tênis. Eles rapidamente permaneceram na adaga ainda presa na mão dela.

Um indefinido olhar passou por sua face – parte divertido, parte irritado. “Onde você conseguiu esta adaga, juvenzinha?”

Clary respondeu friamente. “Jace a deu para mim.”

“É claro que ele deu,” Valentine disse. Seu tom era brando. “Eu posso vê-la?”

“Não!” Clary deu um passo para trás, como se ela pensasse que ele poderia jogá-la nela, ela sentiu a adaga ser arrancada facilmente de seus dedos. Jace, segurando a adaga, olhou para ela com uma expressão de desculpas. “Jace,” ela sibilou, colocando cada pitada de traição que ela sentiu dentro de cada sílaba do nome dele.

Tudo o que ele disse foi, “Você ainda não entende, Clary.” Com um tipo de respeito que fez ela sentir seu estômago adoecer, ele foi até Valentine e pôs nas mãos dele a adaga. “Aqui está, pai.”

Valentine tomou a adaga em sua mão grande e com ossos longos, e a examinou. “Esta é uma *kindjal*, uma adaga caucasiana. Esta em particular era utilizada para ser uma em um par combinado. Aqui, veja a estrela dos Morgensterns, incrustada dentro da lâmina.” Ele a virou para cima, mostrando aquilo para Jace. “Eu estou surpreso por os Lightwoods não terem notado isso.”

“Eu nunca a mostrei para eles,” Jace disse. “Eles me deixaram ter minhas próprias coisas privadas. Eles não bisbilhotavam.”

“É claro que não,” Valentine disse. Ele deu a *kindjal* de volta para Jace. “Eles pensavam que você era filho de Michael Wayland.”

Jace, deslizando o cabo vermelho da adaga em sua cintura, olhou para cima. “Eu também,” ele disse suavemente, e naquele momento Clary viu que aquilo não era uma piada. Que Jace não estava só brincando consigo mesmo. Ele realmente pensava que Valentine era o pai que retornou para ele.

Um frio desespero foi se espalhando através da veias de Clary. Jace irritado, Jace hostil, furioso, ela podia ter lidado com isso, mas este novo Jace, frágil e brilhando à luz do seu próprio milagre, era um estranho para ela.



Valentine olhou para ela acima da cabeça aloirada de Jace, seus olhos eram frios com a diversão. "Talvez," ele disse, "seria uma boa idéia você se sentar agora, Clary?"

Ela cruzou seus braços teimosamente sobre seu peito. "Não."

"Como você quiser." Valentine puxou uma cadeira e se sentou na cabeceira da mesa. Após um momento Jace sentou também, ao lado de meia garrafa cheia de vinho. "Mas você vai ouvir algumas coisas que podem fazer você desejar tomar uma cadeira."

"Eu vou deixar você saber," Clary disse a ele, "se isso acontecer."

"Muito bem." Valentine apoiou as costas, mãos atrás da cabeça. O pescoço da sua camisa entreabriu um pouco, mostrando sua cicatriz na clavícula. Cicatrizes, como seu filho, tal como todos os Nephilim. *Uma vida de cicatrizes e matança*, Hodge disse. "Clary," ele disse de novo, como se saboreando o som do seu nome. "Versão curta de Clarissa? Não é um nome que eu teria escolhido."

Havia um sinistro sorriso curvando seus lábios. *Ele sabe que sou sua filha*, Clary pensou. *De alguma maneira, ele sabe. Mas ele não está dizendo isso. Porque ele não está dizendo isso?*

Por causa de Jace, ela percebeu. Jace iria pensar – ela não podia imaginar o que ele iria pensar. Valentine tinha visto eles se abraçando quando ele caminhou pela porta. Ele deve saber que ele tem uma devastadora peça de informação em suas mãos. Em algum lugar por trás daqueles insondáveis olhos negros, sua mente afiada estava escolhendo rapidamente, tentando decidir qual a melhor forma de utilizar o que ele sabia.

Ela expressou outro olhar suplicante sobre Jace, mas ele estava olhando para baixo, para o cálice de vinho em sua mão esquerda, meio cheia do líquido vermelho púrpura. Ela podia ver o rápido subir e descer do seu peito enquanto ele respirava, ele estava mais chateado do que ele estava transparecendo.

"Eu realmente não me importo com o que você teria escolhido," Clary disse.

"Eu tenho certeza," Valentine respondeu, se inclinando a frente, "que você não se importaria."

"Você não é o pai de Jace," ela disse. "Você está tentando nos enganar. Jace era filho de Michael Wayland. Os Lightwoods sabem disso. Toda mundo sabe disso."

"O Lightwoods foram mal informados," Valentine disse. "Eles realmente acreditaram – *acreditam* que Jace é o filho de seu amigo Michael. Como a Clave. Mesmo os Irmãos do Silêncio não sabem quem ele realmente é. Embora em breve, eles saberão."

"Mas o anel de Wayland..."

"Ah, sim," Valentine disse, olhando a mão de Jace, onde o anel reluzia como escamas de serpente. "O anel. Engraçado, não é, como um M usado para cima se assemelha a



um W? Claro, se você tivesse se incomodado em pensar sobre isso, você provavelmente teria achado um pouco estranho que o símbolo da família Wayland fosse uma estrela cadente. Mas não de todo estranho que seria o símbolo dos Morgensterns."

Clary o encarou. "Eu não tenho idéia do que você quer dizer."

"Eu esqueci como é lamentavelmente negligente a educação mundana," disse Valentine. "Morgenstern significa 'estrela da manhã'. Como em *Como caíste desde o céu, ó Lúcifer, filho da alva! Como foste cortado por terra, tu que debilitavas as nações!*"

Um pequeno arrepio passou por Clary. "Você quer dizer Satanás."

"Ou qualquer grande poder perdido," disse Valentine, "por se recusar a servir. Como eu fui. Eu não iria servir um governo corrupto, e por isso que eu perdi a minha família, minha terra, quase a minha vida..."

"A revolta foi sua culpa!" Clary rebateu. "Pessoas morreram nela! Caçadores de Sombras como você!"

"Clary." Jace se inclinou em frente, quase batendo sobre o copo com seu cotovelo. "Apenas escute ele, você vai? Não é como você pensava. Hodge mentiu para nós."

"Eu sei," disse Clary. "Ele nos traiu por Valentine. Ele era um peão de Valentine".

"Não," Jace disse. "Não, Hodge era um dos que queriam há muito tempo a Taça Mortal. Ele foi a pessoa que enviou os Raveners atrás de sua mãe. Meu pai – Valentine só descobriu sobre isso depois, e veio para detê-lo. Ele trouxe sua mãe aqui para curá-la, não para machucá-la."

"E você acredita nessa porcaria?" Clary disse enojada. "Não é verdade. Hodge estava trabalhando para Valentine. Eles estavam nisso juntos, pegando a Taça. Ele nos conduziu, é verdade, mas ele era apenas um instrumento."

"Mas ele era um dos que precisavam da Taça Mortal," Jace disse. "Assim, ele poderia retirar a maldição de cima dele e fugir antes que o meu pai dissesse a Clave sobre tudo o que ele havia feito."

"Eu sei que isso não é verdade!" Clary disse com fervor. "Eu estava lá!" Ela se virou para Valentine. "Eu estava na sala quando você entrou para pegar a Taça. Você não pôde me ver, mas eu estava lá. Eu vi você. Você pegou a Taça e retirou a maldição de Hodge. Ele não poderia ter feito aquilo por si mesmo. Ele disse que sim."

"Eu retirei sua maldição," Valentine disse uniformemente, "mas fui movido pela pena. Ele parecia tão patético."

"Você não sente pena. Você não sente nada."

"Já chega, Clary!" Era Jace. Ela olhou para ele. Suas bochechas estavam ruborizadas,



como se ele tivesse bebido do vinho em seu cotovelo, os olhos muito brilhantes. "Não fale com o meu pai desse jeito."

"Ele não é seu pai!"

Jace pareceu como se ela tivesse batido nele. "Por que você está tão determinada em não acreditar em nós?"

"Porque ela te ama," disse Valentine.

Clary sentiu o sangue escorrer para fora do seu rosto. Ela olhou para ele, não sabendo o que ele poderia dizer a seguir, mas temeu isso. Ela sentia como se ela fosse em direção a orla de um precipício, um terrível empurrão para o nada e em lugar nenhum. Vertigens agarravam seu estômago.

"O quê?" Jace pareceu surpreso.

Valentine estava olhando para Clary com divertimento, como se ele tivesse alfinetado ela como uma borboleta em um quadro. "Ela teme que eu esteja tirando vantagem de você," ele disse. "Que eu tenha feito uma lavagem cerebral em você. Não é assim, é claro. Se você olhasse para suas próprias memórias, Clary, você saberia."

"Clary." Jace começou a ficar de pé, seus olhos sobre ela. Ela podia ver os círculos debaixo deles, que ele estava sob tensão. "Eu..."

"Sente-se," Valentine disse. "Deixe que ela venha por si própria, Jonathan."

Jace abrandou instantaneamente, afundando de volta na cadeira. Através da tontura da vertigem, Clary procurou entender. Jonathan? "Eu pensei que o seu nome fosse Jace," ela disse. "Você mentiu sobre isso, também?"

"Não. Jace é um apelido."

Ela estava muito perto do precipício agora, tão perto que ela quase poderia olhar para baixo. "De quê?"

Ele olhou para ela como se ele não pudesse entender por que ela estava fazendo tanto por algo tão pequeno. "São minhas iniciais," ele disse. "J. C."

O precipício se abriu diante dela. Ela podia ver a longa queda em trevas. "Jonathan," ela disse ligeiramente. "Jonathan Christopher."

As sobrancelhas de Jace se levantaram juntas. "Como é que você...?"

Valentine o cortou. Sua voz era calmante. "Jace, eu tinha pensado em poupar você. Pensei que a história de uma mãe que morreu iria magoá-lo menos do que a história de uma mãe que abandonou você antes do seu primeiro aniversário."

Os delgados dedos de Jace se esticaram convulsivamente ao redor da haste do vidro. Clary por um momento pensou que ela poderia quebrar. "Minha mãe está viva?"



"Ela está," Valentine disse. "Viva, e dormindo em uma das salas abaixo neste momento. Sim," ele disse, interrompendo Jace antes que ele pudesse falar, "JoceIyn é a sua mãe, Jonathan. E Clary... Clary é sua irmã."

Jace jogou sua mão de volta. O cálice de vinho virou, derramando o espumante líquido escarlate em toda a toalha branca.

"Jonathan," Valentine disse.

Jace estava em uma cor horrível, uma espécie de cor branca esverdeada. "Isso não é verdade," ele disse. "Deve se um engano. Isso não pode ser verdade."

Valentine olhou firmemente para seu filho. "Um motivo de alegria," ele disse em uma baixa, e contemplativa voz, "eu teria pensado. Ontem você era um órfão, Jonathan. E agora tem um pai, uma mãe, uma irmã, que você nunca soube que você tinha."

"Não é possível," disse Jace novamente. "Clary não é a minha irmã. Se ela fosse..."

"Então o quê?" Valentine disse.

Jace não respondeu, mas o seu olhar doentio de horror nauseante foi suficiente para Clary. Tropeçando um pouco, ela veio ao redor da mesa e se ajoelhou ao lado de sua cadeira, para alcançar a mão dele. "Jace..."

Ele se jogou para longe dela, seus dedos batendo na toalha encharcada. "Não."

O ódio por Valentine queimava na garganta como lágrimas não derramadas. Ele se encostou para trás, e por não dizer o que sabia, que ela era sua filha, fez dela sua cúmplice em seu silêncio. E agora, depois de ter caído a verdade sobre eles com o peso de uma triturrante rocha, ele se assentava para ver os resultados com uma fria consideração. Como Jace não podia ver quão odioso ele era?

"Me diga que isso não é verdade," Jace disse, olhando para a toalha.

Clary engoliu contra o ardor na garganta. "Eu não posso fazer isso."

Valentine soou como se ele estivesse sorrindo. "Então você admite agora que tenho dito a verdade todo este tempo?"

"Não," ela disparou para trás, sem olhar para ele. "Você está dizendo mentiras com um pouco de verdade misturada nelas, isso é tudo."

"Isto aumenta o cansaço," disse Valentine. "Se você quiser ouvir a verdade, Clarissa, esta é a verdade. Você já ouviu as histórias da Revolta e por isso que você acha que eu sou um vilão. Isso está correto?"

Clary não disse nada. Ela estava olhando para Jace, que parecia como se ele estivesse prestes a vomitar. Valentine continuava com crueldade. "É simples, realmente. A história que você ouviu era verdade em algumas de suas partes, mas não em outras, mentiras misturadas como um pouco de verdade, como você disse. O



fato é que Michael Wayland não é, e nunca foi o pai de Jace. Wayland foi morto durante a Revolta. Eu assumi o nome de Michael e o lugar quando eu fugi da Cidade de Vidro com o meu filho. Foi fácil; Wayland não tinha relações verdadeiras, e os seus amigos mais íntimos, os Lightwoods, estavam no exílio. Ele próprio tinha estado em desgraça por sua participação na Revolta, então eu vivi aquela vida desgraçada, suficientemente calma, a sós com Jace na propriedade dos Waylands. Eu lia meus livros. Educava o meu filho. E eu aguardava a minha hora." Ele tocava as filigranas da ponta do copo pensativamente. Ele era canhoto, Clary viu. Como Jace.

"Dez anos depois, eu recebi uma carta. O escritor da carta indicava que ele sabia a minha verdadeira identidade, e se eu não estivesse disposto a tomar certas medidas, ele iria me revelar. Eu não sabia de quem era a carta, mas não importava. Eu não estava preparado para dar ao escritor o que o que ele queria. Além disso, eu sabia que a minha segurança estava comprometida, e que ao menos ele pensasse que eu estava morto, além de seu alcance. Eu encenei a minha morte uma segunda vez, com a ajuda de Blackwell e Pangorn, e para a própria segurança de Jace e a certeza que meu filho seria enviado para cá, para a proteção do Lightwoods."

"Assim, você deixou Jace pensar que você estava morto? Você simplesmente deixou ele pensar que você estava morto, todos estes anos? Isso é desprezível."

"Não," Jace disse novamente. Ele levantou as mãos para cobrir seu rosto. Ele falou contra os seus próprios dedos, a voz abafada. "Não, Clary."

Valentine olhou para seu filho com um sorriso que Jace não podia ver. "Jonathan tinha de pensar que eu estava morto, sim. Ele tinha de pensar que ele era o filho de Michael Wayland, ou o Lightwoods não teriam protegido ele como o fizeram. Foi por Michael que eles deviam uma dívida, não a mim. E era por este débito com Michael que eles o amaram, não meu."

"Talvez eles o amassem por sua própria conta," disse Clary.

"Uma louvável interpretação sentimental," Valentine disse, "mas improvável. Você não conhece os Lightwoods como uma vez eu conheci." Ele não pareceu ver a hesitação de Jace, ou se ele viu, ele a ignorou. "Isso quase não importou, no final," Valentine acrescentou. "O Lightwoods foram destinados para a proteção de Jace, e não como uma família substituta, você vê. Ele tem uma família. Ele tem um pai."

Jace fez um ruído em sua garganta, e moveu suas mãos para longe de seu rosto. "Minha mãe..."

"Fugiu após a revolta," Valentine disse. "Eu era um homem desgraçado. A Clave iria me caçar quando eles soubessem que eu tinha sobrevivido. Ela não pôde suportar a sua associação comigo, e fugiu." A dor na voz dele era palpável e fingida, Clary pensou amargamente. A manipuladora fluência. "Eu não sabia que ela estava grávida naquele tempo. De Clary." Ele sorriu um pouco, correndo o dedo lentamente para baixo no copo de vinho. "Mas o sangue chama sangue, como se costuma dizer," ele continuou. "O destino nos deu esta convergência. Nossa família, junta novamente. Podemos utilizar o Portal," ele disse, virando seu olhar para Jace. "Ir para Idris. Voltar para a mansão."



Jace estremeceu um pouco, mas concordou, ainda fitando entorpecidamente as suas mãos.

"Nós vamos estar juntos lá," disse Valentine. "Como devemos estar."

Isso parece fantástico, Clary pensou. *Só você, com sua esposa em coma, seu filho em estado de choque, e sua filha, que odeia a sua cara de pau. Sem mencionar que seus dois filhos podem estar apaixonados um pelo outro. Sim, isso soa como uma perfeita reunião familiar.* Alto, ela apenas disse: "Eu não vou a qualquer lugar com você, e nem a minha mãe."

"Ele está certo, Clary," Jace disse roucamente. Ele flexionou suas mãos, as pontas dos dedos estavam coradas em vermelho. "É o único lugar para nós irmos. Nós podemos reparar as coisas lá."

"Você não pode estar falando sério."

Um enorme barulhou veio de baixo, tão alto que ele soava como se uma parede do hospital tivesse desmoronado dentro dele. Luke, Clary pensou, saltando em seus pés.

Jace, apesar de seu olhar de nauseado horror, respondeu automaticamente, meio se levantando de sua cadeira, sua mão indo ao seu cinto. "Pai, eles estão..."

"Eles estão a caminho." Valentine se colocou em seus pés. Clary ouviu passos. Um momento depois a porta da sala foi aberta, e Luke ficou na soleira dela.

Clary engoliu um choro. Ele estava coberto de sangue, seu jeans e camiseta escura e coagulada, a metade inferior de seu rosto com aquilo. Suas mãos estavam vermelhas até os pulsos, o sangue que manchava elas ainda estava molhado e escorrendo. Ela não tinha idéia se algum daquele sangue era dele. Ela se ouviu gritar seu nome, em seguida, ela estava correndo por todo o quarto para ele, e quase tropeçou sobre si mesma na sua ânsia de agarrar o peito da camisa dele e segurar, do jeito que ela não fazia desde que ela tinha oito anos de idade.

Por um instante sua mão grande apareceu e fechou na parte detrás da cabeça dela, segurando ela contra ele em com uma mão, um meio abraço de urso. Então ele a empurrou delicadamente. "Eu estou coberto de sangue," ele disse. "Não se preocupe, não é meu."

"Então, de quem ele é?" Era a voz de Valentine, e Clary se virou, o braço de Luke protetoramente em seus ombros. Valentine estava olhando ambos, seus olhos estreitos e engenhosos. Jace tinha se levantado sob seus pés e deu à volta na mesa e estava parado hesitantemente atrás de seu pai. Clary não conseguia se lembrar dele fazendo algo hesitante antes.

"De Pangborn," Luke disse.

Valentine passou uma mão sobre o seu rosto, como se a notícia fosse dolorosa para ele. "Estou vendo. Você rasgou a garganta dele com os seus dentes?"



"Na verdade," Luke disse, "eu matei ele com isso." Com sua mão livre ele segurou uma longa e fina adaga que ele tinha matado o Esquecido. À luz ela podia ver as pedras azuis no cabo. "Você se lembra?"

Valentine olhou para aquilo, e Clary viu sua mandíbula apertar. "Eu lembro," ele disse, e Clary se perguntou se ele, também estava se lembrando da conversa anterior deles.

Esta é uma kindjal, uma adaga caucasiana. Esta em particular era utilizada para ser uma, em um par combinado.

"Você deu ela a mim a dezessete anos atrás e me disse para por um fim a minha vida com ela," Luke disse, a arma firmemente agarrada em sua mão. A lâmina era mais longa do que a lâmina da kindjal com punho vermelho no cinto de Jace, ela ficava em algum lugar entre uma adaga e uma espada, e a lâmina tinha a ponta afilada. "E eu quase o fiz."

"Você espera que eu negue isso?" Havia dor na voz de Valentine, a memória de uma velha dor. "Eu tentei salvá-lo de si mesmo, Lucian. Cometi um grave erro. Se apenas eu tivesse tido a força para matá-lo eu mesmo, você poderia ter morrido como um homem."

"Tal como você?" Luke perguntou, e nesse momento Clary viu algo nele, do Luke que ela tinha sempre conhecido, que poderia dizer quando ela estava mentindo ou fingindo, que chamava sua atenção quando ela estava sendo arrogante ou falsa. Na amargura da sua voz ela ouviu o amor quando ele tinha tido uma vez por Valentine, coalhado em um cansado ódio. "Um homem que acorrenta sua esposa inconsciente em uma cama na esperança de torturar ela por informação quando ela acordar? Essa é a sua coragem?"

Jace estava olhando para seu pai. Clary viu o ataque de raiva que momentaneamente retorceu as feições de Valentine, então ela tinha ido embora, e seu rosto estava suave. "Eu não torturei ela," ele disse. "Ela está presa para sua própria proteção."

"Contra o quê?" Luke exigiu, andando para mais longe dentro da sala. "A única coisa perigosa para ela é você. A única coisa que sempre ameaçou ela foi você. Ela passou sua vida fugindo, para ficar longe de você."

"Eu a amava," Valentine disse. "Eu nunca teria machucado ela. Foi você que virou ela contra mim."

Luke riu. "Ela não precisou de mim para se virar contra você. Ela aprendeu a te odiar por ela mesma."

"Isso é uma mentira!" Valentine rosnou com súbita selvageria, e puxou a sua espada da bainha em sua cintura. A lâmina era plana e preto fosco, padronizada com um desenho de estrelas prateadas. Ele nivelou a espada para o coração de Luke.

Jace deu um passo em direção a Valentine. "Pai..."



"Jonathan, faça silêncio!" gritou Valentine, mas era tarde demais; Clary viu o choque, no rosto de Luke quanto ele olhou para Jace.

"Jonathan?" ele sussurrou.

A boca de Jace torcia. "Não me chame assim," ele disse ferozmente, seus olhos dourados em chamas. "Eu mesmo vou te matar se você me chamar assim."

Luke, ignorando a espada apontada para seu coração, não tirava seus olhos de Jace. "Sua mãe ficaria orgulhosa," ele disse, tão silenciosamente que mesmo Clary, em pé ao lado dele, tinha se esforçado para o ouvir.

"Eu não tenho uma mãe," Jace disse. Suas mãos estavam tremendo. "A mulher que me deu à luz foi para longe de mim antes que eu aprendesse a me lembrar do rosto dela. Eu não era nada para ela, então ela não é nada para mim."

"Sua mãe não é a única que foi para longe de você," Luke disse, o seu olhar se deslocando lentamente para Valentine. "Eu nunca teria pensado que mesmo você," ele disse lentamente, "usaria a sua própria carne e sangue, como isca. Acho que eu estava enganado."

"Já chega." O tom de Valentine era quase lânguido, mas havia ferocidade no mesmo, uma fome de ameaça de violência. "Deixe minha filha ir, ou eu vou te matar onde você está."

"Eu não sou sua filha," disse Clary ferozmente, mas Luke a empurrou para longe dele, tão forte que ela quase caiu.

"Saia daqui," ele disse. "Vá para um lugar seguro."

"Eu não vou deixar você!"

"Clary, eu quero dizer isso. Saia daqui." Luke já estava levantando sua adaga. "Esta não é a sua luta."

Clary tropeçou para longe dele, em direção à porta que levava a passagem. Talvez ela pudesse chamar por ajuda, por Alaric...

Então Jace estava na frente dela, bloqueando seu caminho para a porta. Ela tinha se esquecido do quão rápido ele se movia, macio como um gato, rápido como a água. "Você está louca?" ele sibilou. "Eles quebraram a porta da frente. Este lugar vai estar cheio de Esquecidos."

Ela se empurrou nele. "Me deixe sair."

Jace a segurou de volta com uma aperto como ferro. "E então eles poderem te rasgar em pedaços? Sem chance."

Um forte choque de metais soou atrás dela. Clary se puxou para longe de Jace e viu que Valentine tinha golpeado Luke, que tinha desviado do seu golpe por uma orelha –



da espada. Suas espadas caíram à parte, e agora eles estavam se movendo ao longo do chão, em um borrão de fintas e golpes.

"Oh, meu Deus," ela sussurrou. "Eles vão se matar um ao outro."

Os olhos de Jace estavam quase pretos. "Você não entende," ele disse. "Isto é como faz..." Ele interrompeu e sugou um respiração enquanto Luke deslizava passando a guarda de Valentine, pegando ele em um golpe através do ombro. O sangue fluíu livremente, manchando o pano de sua camisa branca.

Valentine jogou sua cabeça para trás e riu. "Um verdadeiro talento," ele disse. "Eu não pensei que você o tinha, Lucian."

Luke estava muito ereto, a faca bloqueando o seu rosto da visão de Clary. "Você mesmo me ensinou este movimento."

"Mas isso foi há anos atrás," disse Valentine em uma voz como seda pura, "e desde então, você dificilmente precisou usar uma espada, não é? Não quando você tem garras e dentes à sua disposição."

"Tudo do melhor para arrancar o seu coração."

Valentine balançou a cabeça. "Você arrancou o meu coração anos atrás," ele disse, e mesmo Clary não podia dizer se a tristeza em sua voz era verdadeira ou falsa. "Quando você me traiu e me desertou." Luke o atingiu novamente, mas Valentine foi rapidamente para trás através do chão. Para um homem grande, ele se movia com leveza surpreendente. "Foi você que virou minha esposa contra sua própria espécie. Você veio a ela quando ela estava mais fraca, com sua pena, sua indefesa necessidade. Eu estava distante, e ela achou que você a amava. Ela era um tola."

Jace estava tenso como um fio ao lado de Clary. Ela podia sentir a sua tensão, como as faíscas saindo por um cabo elétrico. "Essa é a sua mãe que Valentine está falando," ela disse.

"Ela me abandonou," Jace disse. "Mamãe."

"Ela pensou que você estava morto. Você quer saber como eu sei disso? Porque ela mantinha uma caixa em seu quarto. Tinha suas iniciais nela. J.C."

"Então, ela tinha uma caixa," Jace disse. "Muitas pessoas tem caixas. Guardam coisas nelas. É uma moda crescente, eu ouvi."

"Tinha um cacho do seu cabelo nela. Cabelo de bebê. E uma fotografia, talvez duas. Ela costumava pegar ela a cada ano e chorar sobre isso. Chorando terrivelmente com o coração-partido..."

A mão de Jace se apertou do seu lado. "Pare com isso," ele disse entre os dentes.

"Parar o quê? De dizer a você a verdade? Ela pensou que você tinha morrido – ela nunca teria deixado você se ela soubesse que você estava vivo. Ela pensou que o seu pai estava morto..."



"Eu vi ele morrer! Ou eu pensei que eu tinha visto. Eu apenas não... apenas ouvi sobre isso e escolhi acreditar nisso!"

"Ela encontrou seus ossos queimados," Clary disse quietamente. "Nas ruínas de sua casa. Juntamente com os ossos da mãe e do pai dela."

Finalmente Jace olhou para ela. Ela viu a descrença plana em seus olhos, e em torno de seus olhos, o esforço em manter essa descrença. Ela podia ver, quase como se via através de um glamour, a frágil construção de sua fé em seu pai que ele usou como uma armadura transparente, o protegendo da verdade. Em algum lugar, ela pensou, havia uma fissura naquela armadura, em algum lugar, se ela pudesse encontrar as palavras certas, poderia ser aberta a brecha.

"Isso é ridículo," ele disse. "Eu não morri – não havia ossos."

"Havia."

"Então isso era um encantamento," ele disse bruscamente.

"Pergunte ao seu pai o que aconteceu com sua sogra e seu sogro," Clary disse. Ela chegou a tocar a sua mão. "Pergunte a ele se isso era um glamour, também..."

"Cale a boca!" O controle de Jace quebrou e ele se virou sobre ela, lívido. Clary viu o olhar de Luke na direção deles, assustado pelo barulho, e nesse momento de distração Valentine mergulhou sob sua guarda e, com um único impulso a frente, dirigiu a lâmina da sua espada no peito de Luke, logo abaixo de sua clavícula.

Os olhos de Luke alargaram-se como se em espanto, em vez de dor. Valentine puxou sua mão para trás, e deslizou a lâmina de volta, manchada de vermelho até o cabo. Com uma forte gargalhada Valentine o golpeou novamente, desta vez retirando a arma da mão de Luke. Ela bateu no chão com um tinido oco e Valentine a chutou com força, a enviando girando para debaixo da mesa, enquanto Luke caía.

Valentine levantou a espada preta sobre o corpo deitado de Luke, pronto para dar o ataque assassino. Incrustada estrelas prateadas brilharam ao longo do comprimento da lâmina e Clary pensou, congelada em um momento de horror, como poderia algo tão mortal ser tão bonita?

Jace, como se sabendo o que Clary iria fazer, antes que ela o fizesse, girou sobre ela. "Clary..."

O momento passou congelado. Clary se retorceu se afastando de Jace, esquivando do alcance de suas mãos, e correu pelo chão de pedra para Luke. Ele estava no chão, se apoiando com um braço; Clary se atirou sobre ele, enquanto a espada de Valentine vinha descendo.

Ela viu os olhos de Valentine enquanto a espada despencava na direção dela, aquilo pareceu como um interminável período de tempo, embora ela só poderia ter sido em um piscar de segundo. Ela viu que ele poderia parar o golpe se ele quisesse. Viu que



ele sabia que ela poderia ser acertada se ele não parasse. Viu que ele faria aquilo de qualquer jeito.

Ela jogou as mãos para cima, apertando os olhos fechados...

Houve um som estridente. Ela ouviu Valentine gritar, e ela olhou acima e viu ele segurando, sem a espada, a mão que estava sangrando. A kindjal de cabo vermelho descansava a vários metros sobre o piso de pedra, ao lado da espada negra. Passado o susto, ela viu Jace na porta, o braço dele ainda levantado, e percebeu que ele deve ter jogado a adaga com força suficiente para atingir a espada preta para fora da mão de seu pai.

Muito pálido, ele baixou lentamente o braço dele, seus olhos sobre Valentine largos e suplicantes. "Pai, eu..."

Valentine olhava para sua mão sangrando, e por um momento, Clary viu um espasmo de raiva cruzar seu rosto, como uma luz cintilante. Sua voz, quando falou, era leve. "Este foi um excelente lançamento, Jace."

Jace hesitou. "Mas a sua mão. Achei..."

"Eu não teria machucado sua irmã," disse Valentine, movendo rapidamente para recuperar tanto a espada e quanto a kindjal vermelha, que ele prendeu através de seu cinto. "Eu teria parado o golpe. Mas a sua preocupação com a família é louvável."

Mentiroso. Mas Clary não teve tempo para xingar Valentine. Ela se virou para olhar para Luke e sentiu uma forte pancada de náusea. Luke estava deitado sobre suas costas, os olhos semi-fechados, sua respiração irregular. Sangue borbulhava do buraco na sua camisa rasgada.

"Preciso de um curativo," Clary disse em um colapso de voz. "Panos... qualquer coisa."

"Não se mova, Jonathan," disse Valentine em uma voz cortante, e Jace congelou onde estava, a mão já chegando no bolso. "Clarissa," seu pai disse, em uma voz tão derretida quanto um astuto aço com manteiga, "este homem é um inimigo da nossa família, um inimigo da Clave. Nós somos caçadores, e isso significa que, às vezes, somos assassinos. Certamente você entende isso."

"Caçadores de demônios," Clary disse. "Demônios mortais. Não assassinos. Há uma diferença."

"Ele é um demônio, Clarissa," Valentine disse, ainda na mesma voz suave. "Um demônio com um rosto de homem. Sei como tais monstros podem ser enganadores. Lembre-se, uma vez eu mesmo poupei ele."

"Monstro?" Clary ecoou. Ela pensou em Luke, Luke a empurrando no balanços quando tinha cinco anos, mais alto, sempre mais alto; Luke em sua formatura do primeiro grau, a câmera clicando ao longe como um orgulhoso pai; Luke escolhendo através de cada caixa de livros quando chegava a sua loja, procurando por alguma coisa que ela iria gostar e pondo de lado. Luke a levantando para puxar para baixo as maçãs das árvores perto de sua fazenda. Luke, cujo lugar como seu pai, este homem estava



tentando tirar. "Luke não é um monstro," ela disse em uma voz que combinava com a de Valentine, aço com aço. "Ou um assassino. Você é."

"Clary!" Era Jace.

Clary ignorou ele. Seus olhos estavam fixos sobre os frios e negros do pai. "Você matou os pais de sua esposa, e não em batalha, mas a sangue frio," ela disse. "E eu aposto que você assassinou Michael Wayland e seu filho, também. Atirou seus ossos com os meus avós, para que minha mãe pensasse que você e Jace estivessem mortos. Colocando seu colar em torno do pescoço de Michael Wayland antes de o queimar, assim todas as pessoas pensariam que os ossos eram de vocês. E depois de tudo você fala sobre o sangue incontaminado da Clave – você não se importa sobre o sangue deles ou com os inocentes que você matou, não é? Abate pessoas idosas e crianças a sangue frio, isso é monstruoso."

Outro espasmo de raiva contorceu as feições de Valentine. "Chega!" Valentine rugiu, levantando a espada preta estrelada novamente e Clary ouviu a verdade de que ele estava em sua voz, a raiva que tinha impelido ele toda a sua vida. As intermináveis borbulhante raiva. "Jonathan! Arraste sua irmã para fora do meu caminho, ou pelo Anjo, eu vou acertar ela, para matar o monstro que ela está protegendo!"

Por um breve momento Jace hesitou. Então ele levantou a cabeça. "Certamente, pai," disse ele, e atravessou a sala até Clary. Antes que ela pudesse jogar suas mãos para se desviar dele, ele a segurou duramente com seu braço. Ele a empurrou, arrastando ela para longe de Luke.

"Jace," ela sussurrou, horrorizada.

"Não," ele disse. Seus dedos escavando dolorosamente em seus braços. Ele cheirava a vinho, a metal e suor. "Não fale comigo."

"Mas."

"Eu disse, não fale." Ele a sacudiu, forte. Ela tropeçou, e recuperando seu apoio, olhou para ver Valentine de pé, encarando fixamente o corpo caído de Luke. Ele aproximou com firmeza a ponta da bota e chutou Luke, que fez um barulho asfíxiado.

"Deixe ele em paz!" Clary gritou, tentando se empurrar para longe do alcance de Jace. Era inútil, ele era muito forte.

"Pare," ele sibilou na sua orelha. "Você só vai tornar a situação pior para você. É melhor se você não olhar."

"Como você faz?" ela sibilou de volta. "Fechar os olhos e fingir que nada está acontecendo, não faz isso ser verdade, Jace. Você deveria saber melhor..."

"Clary, pare."

Seu tom quase surpreendeu ela. Ele soava desesperado.

Valentine estava gargalhando. "Se apenas eu tivesse pensado," ele disse, "em trazer



comigo uma espada de prata verdadeira, eu poderia ter despachado você na verdadeira forma de sua verdadeira espécie, Lucian."

Luke rugiu algo que Clary não pôde ouvir. Ela esperou que fosse rude. Ela tentou girar se afastando de Jace. Seus pés escorregaram e ele segurou ela, puxando as costas dela com uma agonizante força. Ele tinha os braços em torno dela, ela pensou, mas não do jeito que ela tinha uma vez esperado, não como ela nunca tinha imaginado.

"Pelo menos deixe eu me levantar," disse Luke. "Deixe-me morrer sob meus pés."

Valentine olhou para ele, ao longo do comprimento da espada, e encolheu os ombros. "Você pode morrer deitado ou de joelhos," ele disse. "Mas só um homem merece morrer de pé, e você não é um homem."

"NÃO!" Clary gritou enquanto, sem olhar para ela, Luke começou a se puxar dolorosamente em uma posição ajoelhada.

"Porque você tem que fazer o que é pior para si mesma?" Jace exigiu em um baixo, e tenso sussurrar. "Eu te disse para não olhar."

Ela estava arquejando com esforço e dor. "Porque você tem que mentir para você mesmo?"

"Não estou mentindo!" Sua contenção sobre ela estava apertado selvagemmente, embora ela não tivesse tentado se puxar para longe. "Eu apenas quero o que é melhor em minha vida, meu pai, minha família, eu não posso perder tudo de novo."

Luke estava ajoelhado ereto agora. Valentine havia levantado a espada manchada de sangue. Os olhos de Luke estavam fechados, e ele estava murmurando alguma coisa: palavras, uma oração, Clary não sabia. Ela se contorceu nos braços Jace, se afastando ao redor para que ela pudesse olhar para cima em seu rosto. Seus lábios estavam tensamente finos, o seu maxilar apertado, mas seus olhos...

A frágil armadura estava quebrando. Era necessário apenas um último empurrão dela. Ela lutava pelas palavras.

"Você tem uma família," disse ela. "Família, são apenas aquelas pessoas que Amam você. Como os Lightwoods amam você. Alec, Isabelle..." Sua voz se quebrou. "Luke é minha família, e você vai me fazer vê-lo morrer como você pensou que você viu seu pai morrer quando tinha dez anos? É isso que você quer, Jace? É este o tipo de homem que deseja ser?"

"Como –"

Ela se interrompeu, subitamente aterrorizada que ela tivesse ido longe demais.

"Tal como o meu pai," disse ele. Sua voz era gelada, distante, plana como a lâmina de uma faca.

Eu o perdi, ela pensou desesperadamente.



"Se abaixe," ele disse, e a empurrou, forte. Ela tropeçou, caiu ao chão, rolando em um joelho. Ajoelhada na vertical, ela viu Valentine levantar sua espada acima de sua cabeça. O brilho do lustre acima de sua cabeça tocando ao longo da espada enviando brilhantes pontos de luz agudos em seus olhos. "Luke!" gritou.

A lâmina bateu dentro do chão da casa. Luke não estava longe de lá. Jace, tinha se movido mais rápido do que Clary teria pensado ser possível até mesmo para um Caçador de Sombras, ele se jogou no seu caminho, enviando Luke se esparramando de lado. Jace se pôs de pé encarando seu pai por cima do cabo trêmulo da espada, com o rosto branco, mas seu olhar era firme.

"Eu acho que você deveria ir," Jace. disse

Valentine olhou incredulamente para seu filho. "O que você disse?"

Luke tinha puxado a si mesmo em uma posição sentada. Sangue fresco manchando sua camisa. Ele olhou para Jace enquanto chegava uma mão gentil, quase desinteressadamente, acariciando o cabo da espada, que tinha sido empurrada para o chão. "Eu acho que você me ouviu, pai."

A voz de Valentine era como um chicote. "Jonathan Morgenstern."

Rápido como um relâmpago, Jace segurou o cabo da espada, retirando ela livre da placa do piso, e a levantou. Ele a segurou, equilibrada e plana, a ponto de pairar a poucos centímetros abaixo do queixo do pai.

"Este não é o meu nome," ele disse. "Meu nome é Jace Wayland."

O olhos de Valentine estavam fixados em Jace, ele quase não parecia a notar a espada na garganta dele. "Wayland?" rosou ele. "Você não tem o sangue de Wayland! Michael Wayland era um estranho para você..."

"Então," Jace disse calmamente, "você é." Ele puxou a espada para a esquerda. "Agora mova-se."

Valentine balançou sua cabeça. "Nunca. Eu não recebo ordens de uma criança."

A ponta da espada tocou a garganta de Valentine. Clary olhou em um fascinado horror. "Eu sou uma criança muito bem treinada," Jace disse. "Você me instruiu na precisa arte de matar. Eu só preciso mover dois dedos para cortar sua garganta, você sabia disso?" Seus olhos eram acirrados. "Eu suponho que sim."

"Você é hábil o suficiente," disse Valentine. Seu tom era desprezível, mas, Clary notou que, ele permanecia muito parado ainda. "Mas você não pode me matar. Você sempre foi piedoso."

"Talvez ele não pudesse." Era Luke, em seus pés agora, pálido e sangrento, mas em pé. "Mas eu posso. E eu não estou completamente certo de que ele poderia me parar."



Os olhos de Valentine febrilmente piscavam para Luke, e de volta para seu filho. Jace não tinha virado quando Luke falou, mas se mantinha ainda como uma estátua, a espada imóvel em sua mão. "Você ouviu o monstro me ameaçando, Jonathan," Valentine disse. "Você apoia isso?"

"Tem um ponto," Jace disse suavemente. "Não estou inteiramente certo que eu poderia detê-lo se ele quisesse lhe fazer algum dano. Lobisomens cicatrizam tão rápido."

O lábio de Valentine curvou. "Então," ele cuspiu, "como sua mãe, você prefere esta criatura, esta coisa demônio semi-gerada do que seu próprio sangue, sua própria família?"

Pela primeira vez, a espada na mão de Jace pareceu tremer. "Você me deixou quando eu era uma criança," ele disse em uma cuidadosa voz. "Você me deixou pensar que estava morto e me mandou embora para viver com estranhos. Você nunca me disse que eu tinha uma mãe, uma irmã. Você me deixou sozinho." A palavra era um choro.

"Fiz isso por você, para mantê-lo seguro," protestou Valentine.

"Se você se importava com Jace, se você se preocupasse com o sangue, você não teria matado seus avós. Vocês assassinou pessoas inocentes," Clary interrompeu, furiosa.

"Inocente?" Valentine respondeu. "Ninguém é inocente em uma guerra! Eles estavam ao lado de Jocelyn contra mim! Eles teriam deixado ela levar meu filho de mim!"

Luke deixar sair um assobio na respiração. "Você sabia que ela ia deixar você," ele disse. "Você sabia que ela ia fugir, antes mesmo da revolta?"

"Claro que eu sabia!" Valentine rosnou. Seu frio controle tinha rachado e Clary podia ver a derretida fúria fervilhando por baixo, endurecendo os tendões em seu pescoço, cerrando suas mãos em punhos. "Eu fiz o que tinha que fazer, proteger a mim mesmo, e no final eu lhes dei mais do que nunca mereceram: uma pira de funeral concedida apenas para os maiores guerreiros da Clave!"

"Você queimou eles," Clary disse sem rodeios.

"Sim!" Valentine gritou. "Eu os queimei."

Jace fez um ruído estrangulado. "Meus avós..."

"Você nunca soube deles," Valentine disse. "Não finja uma dor que você não sente."

A ponta da espada estava tremendo mais rapidamente agora. Luke colocou uma mão sobre o ombro Jace. "Firme," ele disse.

Jace não olhou para ela. Ele estava respirando como se ele tivesse estado correndo. Clary podia ver o suor cintilando sobre a acentuada divisão de sua clavícula, jogando



seu cabelo para suas temporas. As veias eram visíveis ao longo das costas de suas mãos. Ele vai matá-lo, ela pensou. Ele vai matar Valentine.

Ela andou rapidamente a frente. "Jace, precisamos da Taça. Ou você sabe o que ele irá fazer com ela."

Jace lambeu seus lábios secos. "A Taça, pai. Onde ela está?"

"Em Idris," Valentine disse calmamente. "Onde você nunca irá encontrá-la."

A mão de Jace estava tremendo. "Me diga..."

"Me dê a espada, Jonathan." Era Luke, sua voz calma, mesmo tipo.

Jace soou como se ele estivesse falando do fundo de um poço. "O quê?"

Clary deu um passo em frente. "Dê a espada a Luke. Deixe ele pegá-la Jace."

Ele agitou sua cabeça. "Eu não posso fazer isso."

Ela deu outro passo em frente, mais um, e ela desejou estar perto o suficiente para tocá-lo. "Sim, você pode," ela disse suavemente. "Por favor."

Ele não olhou para ela. Seus olhos estavam fechados em seu pai. O momento se prolongou, mais e mais, interminável. Finalmente ele acenou, curtamente, sem baixar a mão dele. Mas ele deixou Luke se deslocar para se colocar ao lado dele, e colocar a sua mão sobre a de Jace, no cabo da espada. "Você pode soltá-la agora, Jonathan," Luke disse, e depois, vendo o rosto de Clary, se corrigiu. "Jace."

Jace pareceu não ter ouvido ele. Ele soltou o cabo e se afastou de seu pai. Um pouco da cor de Jace tinha voltado, e ele estava agora com um tom mais como massa de vidraceiro, seu lábio sangrando onde ele tinha mordido. Clary desejou tocar ele, por seus braços em volta dele, sabendo que ele nunca iria deixá-la.

"Tenho uma sugestão," Valentine disse para Luke, em um mesmo tom surpreendente.

"Me deixe adivinhar," Luke disse. "É 'Não me mate', não é?"

Valentine riu, um som sem qualquer humor nele. "Eu dificilmente me rebaixaria suplicando por minha vida," ele disse.

"Bom," disse Luke, cutucando o queixo do outro homem com sua lâmina. "Não vou te matar a menos que você force a minha mão, Valentine. Eu me nego a assassiná-lo na frente dos seus próprios filhos. O que eu quero é a Taça."

O barulho abaixo das escadas estava mais alto agora. Clary podia ouvir o que soava como pegadas no corredor lá fora. "Luke..."

"Eu ouvi," ele reclamou.



"A Taça está em Idris, eu te disse," disse Valentine, seus olhos se desviando além de Luke.

Luke estava suando. "Se está em Idris, você usou o Portal para levá-la para lá. Eu vou com você. Trazê-la de volta." Os olhos de Luke estavam inquietos. Havia mais movimento no corredor lá fora agora, sons de gritos, de alguma coisa se quebrando. "Clary, fique com o seu irmão. Depois que nós passarmos, vocês usem o Portal para os levarem para um lugar seguro."

"Não vou sair daqui," Jace disse.

"Sim, você vai." Algo estrondou contra a porta. Luke levantou sua voz, "Valentine, o Portal. Mexa-se."

"Ou o quê?" Os olhos de Valentine estavam fixados na porta com um olhar de consideração.

"Eu vou matar você, se você forçar a minha mão," Luke disse. "Na frente deles, ou não. O portal, Valentine. Agora."

Valentine estendeu suas mãos largamente. "Se você quiser."

Ele andou ligeiramente para trás, justo quando a porta explodiu adentro, espalhando as dobradiças em todo o piso. Luke mergulhou para fora do caminho evitando ser esmagado pela queda da porta, girando quando ele fez isso, a espada ainda na sua mão.

Um lobo permaneceu na entrada, uma montanha de rosnar, pêlos listrados, ombros arqueados para frente, os lábios curvados para trás e acima rosnando entre os dentes. Sangue escorria de inúmeros talhos em sua pele.

Jace estava praguejando suavemente, uma lâmina serafim já em sua mão. Clary segurou o seu pulso. "Não, ele é um amigo."

Jace lhe atirou um olhar incrédulo, mas baixou seu braço.

"Alaric..." Luke gritou alguma coisa em seguida, em uma linguagem que Clary não entendeu. Alaric rosnou novamente, se abaixando mais perto do chão, e por um momento confuso ela pensou que ele ia atirar-se em Luke. Então ela viu a mão de Valentine em seu cinto, o flash das jóias vermelhas, e percebeu que tinha esquecido que ele ainda tinha a adaga de Jace.

Ela ouviu uma voz gritar o nome de Luke, apesar disso ela então percebeu que sua garganta parecia colada com cola, e que era Jace quem tinha gritado.

Luke saltou na vertical ao redor, dolorosamente lento, pareceu, enquanto a faca na mão esquerda de Valentine voava em direção dele como uma borboleta prata, girando mais e mais no ar. Luke levantou sua lâmina e algo enorme e marrom amarelado e cinza se empurrou entre ele e Valentine. Ela ouviu o ulular de Alaric,



aumentando, de repente morrendo; ouviu o som como da lâmina atingindo. Ela arfou e tentou correr em frente, mas Jace puxou ela de volta.

O lobo caído aos pés de Luke, o sangue manchando seus pêlos. Delicadamente, com suas patas, Alaric agarrou o cabo da faca projetada em seu peito.

Valentine riu. "E esta é a forma como você reembolsa a lealdade inquestionável que você comprou tão barato, Lucian," disse ele. "Ao deixá-los morrer por você." Ele estava indo para trás, seus olhos ainda sobre Luke.

Luke, de rosto pálido, olhou para ele, e então abaixou para Alaric; agitou sua cabeça uma vez, e caiu de joelhos, inclinando sobre o lobisomem morto. Jace, ainda segurando Clary pelos ombros, sibilou, "Fique aqui, está me ouvindo? Fique *aqui*," e depois seguiu Valentine, que estava correndo, inexplicavelmente, em direção à parede ao longe. O plano dele era se lançar afora pela janela? Clary poderia ver o seu reflexo no grande espelho emoldurado em ouro, enquanto ele se aproximava, a expressão em seu rosto, uma espécie de alívio sarcástico cheia com uma fúria assassina.

"O inferno que eu vou," ela murmurou, seguindo Jace. Ela parou apenas para pegar a kindjal com punho azul no chão debaixo da mesa, onde Valentine tinha chutado ela. A arma na mão dela a fez se sentir confortável agora, tranquilizando, enquanto ela empurrava uma cadeira caída para fora de seu caminho e se aproximava do espelho.

Jace tinha retirado a lâmina serafim, a sua luz lançando uma forte iluminação acima, escurecendo os círculos sob seus olhos, as cavidades das suas bochechas. Valentine tinha se virado e ficou delineado em sua luz, suas costas contra o espelho. Na sua superfície Clary também pode ver Luke atrás deles, que tinha posto sua espada para baixo, e estava puxando o cabo vermelho da kindjal para fora do peito de Alaric, suavemente e com cuidado. Ela se sentiu doente e agarrou a sua própria lâmina mais firmemente. "Jace..." ela começou.

Ele não se virou para olhar para ela, embora, evidentemente que ele pudesse vê-la no reflexo do espelho. "Clary, eu te disse para esperar."

"Ela é como a mãe dela," Valentine disse. Uma de suas mãos estava atrás dele, ele estava se movendo ao longo da borda da pesada moldura dourada do espelho. "Não gosta de fazer o que lhe dizem."

Jace não estava tremendo como ele tinha estado mais cedo, mas Clary podia sentir o quão fino seu controle tinha sido esticado, como uma pele ao longo de um tambor. "Eu vou com ele para Idris, Clary. Vou trazer a Taça de volta."

"Não, você não pode," Clary começou, e viu, no espelho, como seu rosto retorceu.

"Você tem uma idéia melhor?" Ele reclamou.

"Mas Luke..."

"Lucian," Valentine disse em uma voz como seda, "está se ocupando com um



companheiro caído. Enquanto a Taça, e Idris, não estão longe. Através do espelho, por assim dizer."

Os olhos de Jace se estreitaram. "O espelho é o Portal?"

Os lábios de Valentine afinaram e ele soltou sua mão, se deslocando atrás do espelho como se a imagem nela girasse e mudasse como aquarelas se movendo em uma pintura. Em vez da sala escura com a madeira e velas, Clary agora podia ver os campos verdes, as grossas folhas esmeraldas das árvores, bem como uma vasta campina varrer para baixo para uma grande casa de pedra à distância. Ela podia ouvir o som vibrante de abelhas e o sussurro do vento nas folhas, e cheiro de madressilvas transportadas pelo vento.

"Eu disse a você que não estava longe." Valentine colocou-se no que era agora um dourado pórtico arqueado, o cabelo dele se movendo no mesmo vento que agitava as folhas sobre as árvores distantes. "É como você se lembra dela, Jonathan? Tem algo mudado?"

O coração de Clary apertou dentro de seu peito. Ela não tinha dúvida que aquilo era a casa da infância de Jace, apresentada para tentá-lo como você poderia seduzir uma criança com doces ou um brinquedo. Ela olhou em direção a Jace, mas ele não pareceu ver ela de modo algum. Ele estava olhando para o Portal, e a visão além dos campos verdes e da mansão. Ela viu o rosto dele suavizar, a saudosos curva de sua boca, como se ele estivesse olhando para alguém que ele amava.

"Você ainda pode voltar para casa," disse seu pai. A luz da lâmina serafim que Jace segurava jogou a sombra dele para trás que parecia se mover através do Portal, escurecendo os brilhantes campos, além da campina.

O sorriso desapareceu da boca de Jace. "Essa não é a minha casa," ele disse. "Esta é a minha casa agora."

Um espasmo de fúria contorceu suas feições, Valentine olhou para seu filho. Ela nunca iria esquecer aquele olhar – aquilo fez ela sentir um súbito e selvagem anseio por sua mãe. Porque não importava o quão irritada sua mãe tinha ficado com ela, Jocelyn nunca olhou para ela assim. Ela sempre tinha olhado para ela com amor.

Se ela pudesse sentir mais pena por Jace do que ela já sentia, ela então teria sentido.

"Muito bem," Valentine disse, e deu um rápido passo para trás através do Portal, para que seus pés atingissem a terra de Idris. Seus lábios curvados em um sorriso. "Ah," ele disse, "casa."

Jace tropeçou à beira do Portal antes de parar, uma mão contra a moldura dourada. Uma estranha hesitação parecia ter tomado conta dele, mesmo com Idris tremulando diante de seus olhos como uma miragem no deserto. Isso só levaria um passo...

"Jace, não," disse Clary rapidamente. "Não vá atrás dele."



"Mas a Taça," Jace disse. Ela não pôde dizer o que ele estava pensando, mas a lâmina em sua mão estava se agitando violentamente enquanto sua mão tremia.

"Deixe a Clave pegá-la! Jace, por favor." *Se você passar por esse portal, você pode nunca mais voltar. Valentine vai matar você. Você não quer acreditar, mas ele irá.*

"A sua irmã tem razão." Valentine estava de pé no meio de uma grama verde e flores selvagens, as lâminas flutuando em torno de seus pés, e Clary percebeu que apesar deles estarem a centímetros de distância um do outro, elas se situavam em diferentes países. "Você realmente acha que pode vencer isto? Apesar de você ter uma lâmina serafim e eu estar desarmado? Não apenas sou mais forte do que você, mas duvido que você possa me matar. E você vai ter que me matar, Jonathan, antes que eu dê a Taça para você."

Jace firmou seu aperto sobre a lâmina do anjo. "Eu posso..."

"Não, você não pode." Valentine chegou fora, através do Portal, e agarrou o pulso de Jace com sua mão, o arrastando até a ponta da lâmina serafim tocar seu peito. Quando a mão de Jace e seu pulso passaram através do Portal, eles pareceram tremular, como se tivessem sido arremessados em água. "Faça isso, então," Valentine disse. "Impulsione a lâmina. Sete, talvez dez centímetros." Ele puxou a lâmina a frente, a ponta do punhal cortando o tecido de sua camisa. Um círculo vermelho como uma papoula floresceu um pouco acima de seu coração. Jace, com um suspiro, puxou seu braço se libertando e cambaleou para trás.

"Como eu pensei," disse Valentine. "Muito piedoso." E com uma chocante surpresa ele jogou seu punho em direção a Jace. Clary gritou, mas o golpe não o acertou: uma vez que atingiu a superfície do Portal entre eles, com um som como mil coisas frágeis se estilhaçando. Como teias de aranha fendendo o vidro-que-não-era-vidro, a última coisa que Clary ouviu antes que o Portal se dissolvesse em um dilúvio de cacos barulhentos, foi a risada irônica de Valentine.

Vidro agitou-se ao longo do chão como uma ducha de gelo, uma estranhamente bela cascata de cacos prateados. Clary foi para trás, mas Jace manteve-se ainda imóvel enquanto chovia vidro em torno dele, olhando para a moldura vazia do espelho.

Clary tinha esperado que ele xingasse, gritasse ou amaldiçoa-se seu pai, mas em vez disso ele só esperou que cacos parassem de cair. Quando eles pararam, ele se ajoelhou silenciosamente e cuidadosamente na bagunça de vidros quebrados, pegou um dos pedaços maiores, virando ele para cima em suas mãos.

"Não." Clary se ajoelhou ao lado dele, colocando para baixo a faca que ela tinha estado segurando. Sua presença já não a confortava. "Não havia nada que você pudesse ter feito."

"Sim, havia." Ele ainda estava olhando abaixo para o vidro. Lascas quebradas salpicavam o seu cabelo. "Eu podia ter matado ele." Ele virou o caco para ela. "Olhe," disse ele.



Ela olhou. No pedaço de vidro que ela ainda podia ver, uma parte de Idris, um pouco de céu azul, a sombra das folhas verdes. Ela exalou dolorosamente. "Jace..."

"Vocês estão bem?"

Clary olhou para cima. Era Luke, parado perto deles. Ele estava desarmado, os olhos dele afundados em círculos azuis de exaustão. "Estamos bem," ela disse. Ela podia ver uma figura machucada no chão atrás dele, semi-coberta com o longo casaco de Valentine. Uma mão projetava-se por baixo da borda do tecido, ela estava curvada com garras.

"Alaric...?"

"Está morto," Luke disse. Havia um abundante controle da dor em sua voz, embora ela mal tivesse conhecido Alaric, Clary sabia que o esmagador peso da culpa iria ficar com ele para sempre. E *Esta é a forma como você reembolsa a inquestionável lealdade que você comprou tão barato, Lucian. Deixando eles morrerem por você.*

"Meu pai fugiu," disse Jace. "Com a Taça." Sua voz era monótona. "Nós demos ela direto para ele. Eu falhei."

Luke deixou cair uma de suas mãos sobre a cabeça de Jace, limpando o vidro de seu cabelo. Suas garras ainda estavam pra fora, seus dedos manchados de sangue, mas Jace recebeu seu toque, como se ele não se importasse, e não disse nada. "Não é sua culpa," Luke disse, olhando abaixo para Clary. Seus olhos azuis eram serenos. Eles diziam: *Seu irmão precisa de você, fique com ele.*

Ela acenou, e Luke os deixou e foi para a janela. Ele a colocou aberta, enviando uma corrente de ar através da sala que apagou as velas. Clary podia ouvir ele gritando, chamando os lobos abaixo.

Ela se ajoelhou ao lado de Jace. "Está tudo bem," disse ela hesitantemente, embora claramente não estava, e nunca poderia estar novamente, e ela colocou a mão sobre seu ombro. O pano de sua camisa era áspero sob seus dedos, úmido com suor, estranhamente reconfortante. "Nós temos a minha mãe de volta. Nós temos você. Nós temos tudo o que importa."

"Ele tinha razão. É por isso que eu não podia me fazer passar pelo portal," Jace sussurrou. "Eu não podia fazer isso. Eu não podia matá-lo."

"A única maneira que você teria falhado," ela disse, "é se você tivesse."

Ele não disse nada, apenas sussurrou algo debaixo de sua respiração. Ela não podia ouvir bem as palavras, mas ela se aproximou e tirou um pedaço de vidro fora de sua mão. Ele estava sangrando quando ele tinha segurado aquilo, por dois finos e estreitos cortes. Ela colocou o caco abaixo e tomou sua mão, fechando os dedos sobre a palma ferida. "Honestamente, Jace," ela disse, enquanto ela tocava suavemente ele, "você não sabe que é melhor não brincar com vidro quebrado?"

Ele fez um som como um sorriso abafado antes que ele se aproximasse e a puxasse



para seus braços. Ela estava consciente de Luke os olhando da janela, mas ela fechou os olhos resolutamente e enterrou seu rosto contra o ombro de Jace. Ele cheirava a sal e a sangue, e só quando sua boca chegou perto do seu ouvido que ela entendeu o que ele estava dizendo, o que ele havia sussurrado antes, e era a mais simples ladainha de sempre: seu nome, apenas seu nome.



24 – EPILOGO – A Ascensão acenou

O corredor do hospital estava cegantemente branco. Depois de tantos dias vivendo à luz de tochas, à gás, e a misteriosa luz de bruxa, a iluminação fluorescente fazia as coisas parecerem amareladas e antinaturais. Quando Clary assinou em frente ao balcão, ela percebeu que a enfermeira lhe entregando a prancheta tinha uma pele que parecia estranhamente amarelada sob as luzes brilhantes. *Talvez ela seja um demônio*, Clary pensou, entregando a prancheta de volta. "Última porta no final do corredor," disse a enfermeira, mostrando um sorriso gentil. *Ou posso estar enlouquecendo.*

"Eu sei," disse Clary. "Eu estava aqui ontem." E anteontem, e um dia antes do que isso. Era começo da noite, e o corredor não estava cheio. Um velho se arrastava nos chinelos atoalhados e num roupão, arrastando uma unidade móvel de oxigênio atrás dele. Dois médicos em jalecos verdes cirúrgicos carregavam copos de isopor de café, o vapor subindo da superfície do líquido para o ar gelado. Dentro do hospital, estava agressivamente ventilado com o ar condicionado, embora do lado de fora o tempo tinha finalmente se tornado outono.

Clary encontrou a porta no final do corredor. Estava aberta. Ela espreitou lá dentro, não querendo acordar Luke se ele estivesse dormindo na cadeira à beira do leito, como tinha estado nas últimas duas vezes que ela tinha ido. Mas ele estava em pé e conversando com um homem alto em um manto cor de pergaminho dos Irmãos do Silêncio. Ele se virou, como se sentindo a chegada de Clary, e ela viu que era Irmão Jeremiah.

Ela cruzou seus braços ao longo do seu peito. "O que está acontecendo?"

Luke parecia exausto, com merecidos três dias de barba mal feita em crescimento, seus óculos colocados no topo da cabeça. Ela podia ver a maior parte das ataduras que ainda envolviam sua parte superior do tórax debaixo de sua camisa solta de flanela. "Irmão Jeremiah já estava saindo," ele disse.

Levantando seu capuz, Jeremiah se moveu em direção à porta, mas Clary bloqueou o seu caminho. "Então?" Ela desafiou ele. "Você vai ajudar a minha mãe?"

Jeremiah se aproximou dela. Ela podia sentir o frio que se suspendia fora do corpo dele, como o vapor de um iceberg. *Você não pode salvar os outros até que você primeiro salve a si mesmo*, disse a voz em sua mente.

"Essa coisa de biscoito da sorte está ficando realmente ultrapassada," Clary disse. "O que há de errado com a minha mãe? Você sabe? Os Irmãos do Silêncio podem ajudar ela, como vocês ajudaram Alec?"

Nós não ajudamos ninguém, Jeremiah disse. *Nem é nossa obrigação ajudar aqueles que voluntariamente se separaram da Clave.*

Ela se afastou enquanto Jeremiah passava por ela para o corredor. Ela olhou ele se afastando, se confundindo com a multidão, nenhum deles lhe deu uma segunda olhada. Quando ela deixou seus próprios olhos caírem semicerrados ela viu o tremular



da aura de glamour que rodeava ele, e se perguntou o que estavam vendo: Outro paciente? Um médico apressado em um jaleco cirúrgico? Um visitante em luto?

"Ele estava dizendo a verdade," Luke disse atrás dela. "Ele não curou Alec, foi Magnus Bane. E ele não sabe o que há de errado com sua mãe também."

"Eu sei," Clary disse, se virando para o quarto. Ela se aproximou do leito cuidadosamente. Era difícil para conectar a pequena figura branca na cama, coberta por cima e por baixo de tubos, com seus vibrantes cabelos cor de chama com a mãe. Claro, o cabelo dela ainda estava vermelho, espalhados por todo o travesseiro como fios de um xale de cobre, mas sua pele era tão pálida que ela lembrou Clary da Bela Adormecida em cera no Madame Tussauds³³, cujo o peito subia e descia apenas porque estava animado por um mecanismo.

Ela tomou a fina mão de sua mãe e a segurou, como ela havia feito ontem, e no dia anterior. Ela podia sentir a pulsação batendo no pulso de Jocelyn, firme e insistente. *Ela quer acordar*, Clary pensou. *Eu sei que ela quer*.

"É claro que ela quer," Luke disse, e Clary caiu em si que tinha falado em voz alta. "Ela tem tudo para ficar melhor, mais ainda do que ela poderia saber."

Clary deitou a mão de sua mãe suavemente abaixo na cama. "Você quer dizer Jace."

"É claro que eu quis dizer Jace," Luke disse. "Ela esteve de luto por ele por dezessete anos. Se eu pudesse dizer a ela que não precisava se lamentar..." ele interrompeu.

"Dizem que as pessoas em coma às vezes podem ouvir," Clary ofereceu. Evidentemente, os médicos também haviam dito que este não era um coma comum, nenhuma lesão, nenhuma falta de oxigênio, nenhuma súbita falha do coração ou do cérebro tinha causado isso. Era como se ela estivesse apenas dormindo, e não poderia ser despertada.

"Eu sei," Luke disse. "Eu tenho falado com ela. Quase sem parar." Ele mostrou um sorriso cansado. "Eu disse a ela como você foi corajosa. Como ela teria orgulho de você. Sua filha guerreira."

Algo afiado e doloroso subiu na parte de trás de sua garganta. Ela a engoliu, olhando além de Luke afastado da janela. Através da qual ela podia ver a parede branca de tijolos do edifício oposto. Sem vistas bonitas de árvores ou rios aqui. "Eu fiz as compras que você pediu," ela disse. "Tenho manteiga de amendoim, leite e cereais e pão dos Irmãos Fortunato." Ela cavou no bolso de seus jeans. "Eu tenho o troco..."

"Fique com ele," Luke disse. "Você pode usá-lo no táxi de volta."

"Simon me leva de volta," Clary disse. Ela checou o relógio de borboleta pendente no seu chaveiro. "Na verdade, ele provavelmente está lá embaixo agora."

"Bom, estou feliz que você esteja passando algum tempo com ele." Luke pareceu aliviado. "Fique com o dinheiro, de qualquer forma. Dê uma saída hoje à noite."

³³ Madame Tussauds é uma cadeia de museus de cera que existem pelo mundo, conhecida por suas famosas réplicas de artistas, celebridades, etc.



Ela abriu a sua boca para argumentar, e então fechou. Luke era, como sua mãe sempre tinha dito, uma rocha em momentos de angústia, sólido, confiável, e totalmente imóvel. "Vá para casa de vez em quando, ok? Você precisa dormir também."

"Dormir? Quem precisa dormir?" ele zombou, mas ela viu o cansaço em seu rosto quando ele voltou a se sentar na cama da mãe. Gentilmente ele retirou um fio de cabelo o afastando do rosto de Jocelyn. Clary se virou para longe, os olhos dela ardendo.

A van de Eric estava estacionada na beira da calçada enquanto ela caminhava pela saída principal do hospital. O céu arqueava acima, o perfeito azul de uma porcelana chinesa, escurecendo para um safira sobre o rio Hudson, onde o sol estava se pondo. Simon se inclinou para abrir a porta para ela, e ela se arrastou acima do banco ao lado dele. "Obrigada."

"Para onde? Voltar para casa?" Ele perguntou, puxando a van para o tráfego em primeira marcha.

Clary suspirou. "Eu nem sei mais onde é isso."

Simon olhou a seu lado. "Sentindo pena de si mesma, Fray?" Seu tom era de gozação, mas suave. Se ela olhasse atrás dele, ela ainda poderia ver as manchas escuras no banco traseiro onde Alec tinha se deitado, sangrando, em todo o colo de Isabelle.

"Sim. Não. Eu não sei." Ela suspirou novamente, puxando um teimoso cacho do cabelo cobre. "Tudo mudou. Tudo está diferente. As vezes eu gostaria que tudo voltasse atrás do jeito que era antes."

"Eu não," Simon disse, para sua surpresa. "Onde é que vamos outra vez? Me diz, subúrbio ou o centro finalmente."

"Para o Instituto," Clary disse. "Me desculpe," acrescentou ela, enquanto ele executava uma espantosa meia-volta ilegal. A van, rodou sobre duas rodas, guinchando em protesto. "Eu devia ter te dito isso antes."

"Huh," disse Simon. "Você não tinha voltado ainda, certo? Desde que..."

"Não, não desde que," disse Clary. "Jace me ligou e me disse que Alec e Isabelle estavam bem. Aparentemente, os pais voltaram de Idris, agora que alguém realmente contou a eles o que está acontecendo. Eles vão estar aqui em poucos dias."

"Isso é estranho, vindo de Jace?" Simon perguntou, a voz dele cuidadosamente neutra. "Quero dizer, desde que vocês descobriram..."

Sua voz diminuiu.



"Sim?" disse Clary, sua voz afiadamente cortante. "Desde que eu descobri o quê? Que ele é um assassino travestido que molesta gatos?"

"Não me admira que o gato dele odeia todo mundo."

"Ah, cala boca, Simon," Clary disse zangada. "Eu sei o que você quer dizer, e não, não era estranho. Nada aconteceu entre nós, de qualquer forma."

"Nada?" Simon ecoou, em seu tom de simples descrença.

"Nada," Clary repetiu firmemente, olhando para fora da janela para que ele não pudesse ver as lágrimas manchando suas bochechas. Eles estavam passando uma fila de restaurantes, e ela podia ver o Taki's, iluminado brilhantemente no cair do crepúsculo.

Eles viraram a esquina, justo quando o sol desapareceu por trás da janela rosada do Instituto, inundando a rua abaixo com uma concha de luz que só eles podiam ver. Simon estacionou em frente da porta e desligou o motor, nervosamente balançando as chaves na mão. "Você quer que eu vá com você?"

Ela hesitou. "Não. Eu devo fazer isso sozinha."

Ela viu o olhar de decepção flutuar pelo rosto dele, mas ele desapareceu rapidamente. Simon, ela pensou, tinha crescido muito nestas últimas duas semanas, tal como ela tinha. O que foi bom, pois ela não queria deixá-lo para trás. Ele era parte dela, tanto quanto o seu talento para desenhar, o ar empoeirado do Brooklyn, o sorriso de sua mãe, seu próprio sangue de Caçador de Sombras. "Tudo bem," disse ele. "Você vai precisar de uma carona mais tarde?"

Ela balançou a cabeça dela. "Luke me deu dinheiro para um táxi. De qualquer forma você quer vir amanhã?" acrescentou. "Podemos assistir Trigun³⁴, com pipoca. Eu poderia passar um tempo no sofá."

Ele acenou. "Isso parece bom." Ele então se inclinou em frente, e roçou de leve um beijo na sua bochecha. Foi um beijo leve como uma folha soprada, mas ela sentiu um arrepio percorrer os seus ossos. Ela olhou para ele.

"Você acha que isso foi uma coincidência?" ela perguntou.

"O que eu acho que foi uma coincidência?"

"Que nós fossemos ao Pandemonium na mesma noite que Jace e os outros pintaram por lá, perseguindo um demônio? A noite anterior a Valentine vir atrás de minha mãe?"

Simon balançou a cabeça. "Eu não acredito em coincidências," ele disse.

"Nem eu."

³⁴ Trigun é um anime.



"Mas tenho que admitir," Simon acrescentou, "coincidência ou não, isso se tornou uma ocorrência fortuita."

"Ocorrência fortuita," Clary disse. "Agora temos um nome de banda para você."

"É melhor do que a maioria dos que tivemos," Simon admitiu.

"Pode apostar." Ela saltou para fora da van, fechando a porta atrás dela. Ela ouviu ele buzinar enquanto ela corria no caminho para a porta entre as folhas de grama alta, e acenou sem se virar.

O interior da catedral estava fresco e escuro, e cheirava a chuva e papel úmido. Suas pegadas ecoaram alto no piso de pedra, e ela pensou em Jace na igreja em Brooklyn: *Pode haver um Deus, Clary, e pode ser que não, mas acho que não interessa. De qualquer forma, nós estamos por nossa própria conta.*

No elevador ela deu uma olhada em si mesma no espelho enquanto a porta rangia fechada atrás dela. A maior parte das suas contusões e arranhões tinham curado, ficando invisíveis. Ela perguntou se Jace já tinha visto o seu visual tão cerimonioso como ela estava hoje – ela se vestiu para ir ao hospital, uma saia preguçada preta, gloss labial rosa, e uma antiga blusa com gola de marinheiro. Ela achou que ela parecia ter oito.

Não que importasse o que Jace pensava em como ela se parecia, ela lembrou a si mesma, agora ou sempre. Ela se perguntou se eles seriam do jeito que Simon era com sua irmã: uma mistura de aborrecimento e um amor irritado. Ela não podia imaginar.

Ela ouviu altos meows antes mesmo da porta do elevador se abrir. "Ei, Church," Ela disse, se ajoelhando para a bola cinza se ziguezagueando no piso. "Onde está todo mundo?"

Church, que claramente queria que seu estômago fosse esfregado, resmungou ameaçadoramente. Com um suspiro Clary lhe deu um. "Gato debilóide," ela disse, o coçando com vigor. "Onde..."

"Clary!" Era Isabelle, se lançando no saguão em uma saia vermelha longa, o cabelo dela empilhado em cima de sua cabeça com grampos cheios de jóias. "É tão bom ver você!"

Ela desceu sobre Clary com um abraço que quase desequilibrou ela.

"Isabelle," Clary arfou. "É bom te ver, também," acrescentou, deixando Isabelle puxá-la para uma posição em pé.

"Eu estava tão preocupada com você," Isabelle disse alegremente. "Depois que vocês saíram para biblioteca com Hodge, e eu fiquei com Alec, ouvi a mais terrível explosão, e quando eu cheguei à biblioteca, é claro, vocês tinham desaparecido, e tudo estava



espalhado por todo o piso. E havia sangue e uma coisa pegajosa preta pra todo o lado." Ela estremeceu. "O que foi aquilo?"

"A maldição," Clary disse calmamente. "A maldição de Hodge".

"Oh, certo," Isabelle disse. "Jace me falou sobre Hodge."

"Ele falou?" Clary estava surpresa.

"Que ele retirou a maldição de si e ele foi embora? Sim, ele disse. Eu achei que ele ficaria para dizer adeus." Isabelle acrescentou. "Eu estou meio decepcionada com ele. Mas acho que ele estava com medo da Clave. Ele vai entrar em contato no final das contas, eu aposto."

Então Jace não tinha dito que Hodge havia traído eles, Clary pensou, não tendo certeza como ela se sentia sobre isso. Então, se Jace estava tentando poupar Isabelle da confusão e desapontamento, talvez ela não devesse interferir.

"De qualquer jeito," Isabelle continuou, "foi horrível, eu não sei o que nós teríamos feito se Magnus não tivesse aparecido e emagicado Alec de volta ao normal. É uma palavra, 'emagicado'?" Ela enrugou entre suas sobrancelhas. "Jace nos contou tudo sobre o que aconteceu na ilha depois. Na verdade, nós já sabíamos sobre ele mesmo antes, porque Magnus estava ao telefone falando sobre isso a noite toda. Todo mundo no Downworld estava fofocando sobre isso. Você é famosa, sabe."

"Eu?"

"Claro. A filha de Valentine."

Clary estremeceu. "Então eu acho que Jace é famoso também."

"Ambos são famosos," Isabelle disse na mesma voz animada. "Os famosos irmão e irmã."

Clary olhou curiosamente Isabelle. "Eu não esperava que você tivesse essa alegria em me ver, eu tenho que admitir."

A outra garota colocou suas mãos em seu quadril indignadamente. "Porque não?"

"Eu não achava que você gostava de mim tanto assim."

O brilho de Isabelle se esvaiu e ela olhou para baixo em seus dedos prateados. "Eu não acho que eu goste," ela admitiu. "Mas quando eu fui procurar por você e Jace, e vocês foram embora..." A voz dela foi sumindo. "Eu não estava apenas preocupada com ele, eu estava preocupada com você, também. Há algo tão... tranquilizador em você. E Jace fica muito melhor quando você está ao redor."

Os olhos de Clary se abriram. "Ele fica?"

"Ele fica, na verdade. Menos sarcástico, de alguma forma. Não que ele esteja amável, mas que ele deixa você ver a bondade nele." Ela se interrompeu. "E eu acho que eu



me ressentia com você no início, mas agora eu percebo que era estupidez. Só porque eu nunca tive um amigo que fosse uma garota não significava que eu não pudesse aprender a ter uma."

"Eu também, na realidade," Clary disse. "E Isabelle?"

"Sim?"

"Você não precisa fingir ser legal. É melhor quando você age como você mesma."

"Uma vaca, você quer dizer?" Isabelle disse, e riu.

Clary estava prestes a protestar quando Alec entrou se equilibrando na entrada em um par de muletas. Uma de suas pernas estava com ataduras, seus jeans enrolados até o joelho, e havia um outro curativo em sua têmpora, sob os cabelos escuros. Em todo o caso ele parecia espantosamente saudável para quem estava quase morrendo a quatro dias atrás. Ele acenou uma muleta em saudação.

"Oi," Clary disse, surpresa em vê-lo em pé e por aí. "Você está..."

"Bem? Eu estou bem," Alec disse. "Não vou mesmo precisar delas dentro de alguns dias."

Culpa preencheu sua garganta. Se não fosse por ela, Alec não estaria de muletas. "Estou realmente feliz por você estar bem, Alec," ela disse, colocando cada peso de sinceridade em sua voz que ela pudesse reunir.

Alec piscou. "Obrigado."

"Então Magnus consertou você?" Clary disse. "Luke disse..."

"Ele fez!" Isabelle disse. "Foi tão incrível. Ele apareceu e ordenou que todos saíssem do quarto e fechou a porta. Faíscas azuis e vermelhas ficavam explodindo pelo corredor por baixo da porta."

"Não me lembro de nada," Alec disse.

"Então ele se sentou na cama de Alec a noite toda e pela manhã para ter certeza que ele acordaria bem," Isabelle acrescentou.

"Também não me lembro disso," Alec acrescentou apressadamente.

Os lábios vermelhos de Isabelle se curvaram em um sorriso. "Eu me pergunto como Magnus soube para ter vindo? Eu perguntei a ele, mas ele não me disse."

Clary lembrou do papel dobrado que Hodge tinha atirado ao fogo após Valentine ter ido embora. Ele era um homem estranho, ela pensou, que tinha tirado tempo para fazer o que podia para salvar Alec, embora traísse todo mundo e tudo o que ele tinha cuidado. "Eu não sei," ela disse.



Isabelle deu de ombros. "Eu acho que ele ouviu sobre isso em algum lugar. Ele parece viciado em uma enorme rede de fofoca. Ele é como uma garota."

"Ele é o Alto Bruxo do Brooklyn, Isabelle." Alec lembrou a ela. Mas não sem alguma diversão. Ele se virou para Clary. "Jace está na estufa, se você quiser vê-lo," ele disse. "Eu levo você."

"Você leva?"

"Claro." Alec parecia só um pouco desconfortável. "Por que não?"

Clary olhou para Isabelle, que sacudiu os ombros. Seja lá o que estava querendo, ele não ia dividir isso com sua irmã. "Vão em frente," Isabelle disse. "Eu tenho coisas para fazer, de qualquer forma." Ela acenou uma mão para eles. "Xô!"

Eles zarparam pelo corredor juntos. Alec ia rápido, mesmo com muletas. Clary teve que correr para manter o passo. "Eu tenho as pernas curtas," ela lembrou a ele.

"Me desculpe," ele diminuiu, arrependido. "Olha," ele começou. "Aquelas coisas que você disse para mim, quando eu gritei com você sobre o Jace..."

"Eu me lembro," ela disse em uma voz pequena.

"Quando você me disse aquilo, você sabe, aquilo que eu estava apenas... aquilo era por que..." Ele pareceu estar tendo problemas em formar uma frase completa. Ele tentou de novo. "Quando você disse que eu estava..."

"Alec, não."

"Claro. Não importa." Ele apertou seus lábios juntos. "Você não quer falar sobre aquilo."

"Não é isso. É que eu me sinto terrível sobre o que eu disse. Aquilo foi horrível. Não era verdade de forma..."

"Mas era verdade," Alec disse. "Cada palavra."

"Isso não faz ficar tudo bem," ela disse. "Nem tudo era verdade sobre você nunca ter matado um demônio, ele disse que era porque você estava sempre o protegendo e a Isabelle. Foi uma coisa boa o que ele estava dizendo sobre você. Jace pode ser um idiota, mas ele..." Te ama, ela estava para dizer, e parou. "Ele nunca disse uma coisa ruim sobre você para mim, nunca. Eu juro."

"Você não tem que jurar," ele disse. "Eu já sei."

Ele parecia tranquilo, mesmo confiante de uma maneira que ele nunca souu antes. Ela olhou para ele, surpresa. "Eu sei que eu não matei o Abbadon. Mas eu apreciei você ter me dito que eu tinha."

Ela riu tremulamente. "Você apreciou eu ter mentido para você?"

"Você fez isso por simpatia," disse ele. "Isso significa muito, que você foi gentil



comigo, mesmo depois de como eu tratei você."

"Acho que Jace teria ficado muito chateado por eu ter mentido, se ele não estivesse tão abalado naquela hora," Clary disse. "Não tão bravo quanto ele ficaria se ele soubesse o que eu disse a você antes, apesar de tudo."

"Eu tenho uma idéia," disse Alec, sua boca virando nos cantos. "Não vamos dizer a ele. Quero dizer, talvez Jace possa decapitar um demônio Du'sien a uma distância de cinquenta metros, só com um saca-rolha e um elástico, mas às vezes eu acho que ele não sabe muito sobre as pessoas."

"Eu acho que sim." Clary sorriu.

Eles tinham chegado ao início da escada espiral que levava ao telhado. "Eu não posso ir para cima." Alec tocou sua muleta contra um degrau de metal. Ela retiniu metalicamente.

"Tudo bem. Eu posso achar meu caminho."

Ele virou como se fosse embora, então olhou, de costas para ela. "Eu deveria ter adivinhado que você era irmã de Jace," ele disse. "Vocês dois tem o mesmo talento artístico."

Clary interrompeu, o seu pé no degrau mais baixo. Ela estava voltando. "Jace desenha?"

"Não." Quando Alec sorriu, seus olhos azuis eram lâmpadas acesas, e Clary pode ver o que Magnus tinha encontrado de tão cativante sobre ele. "Eu só estava brincando. Ele não consegue desenhar uma linha reta." Rindo, ele saiu capengando em suas muletas. Clary o viu ir embora, confusa. Um Alec que soltava piadas e fazia gracinhas de Jace era algo que ela poderia se acostumar, mesmo que o seu senso de humor fosse algo inexplicável.

A estufa estava do jeito que ela se lembrava, embora o céu acima do telhado de vidro estivesse safira agora. O limpo e ensaboado cheiro das flores limpava a cabeça dela. Respirando profundamente, ela se empurrou através dos estreitos galhos e folhas.

Ela encontrou Jace sentado na bancada em mármore, no meio da vegetação. Sua cabeça estava inclinada, e ele parecia estar virando um objeto em suas mãos, à toa. Ele olhou para cima enquanto ela mergulhava debaixo de um galho, e rapidamente fechou sua mão ao redor do objeto. "Clary." Ele pareceu surpreso. "O que você está fazendo aqui?"

"Eu vim te ver," ela disse. "Eu queria saber como você estava."

"Eu estou bem." Ele estava vestindo jeans e uma camiseta branca. Ela ainda podia ver as suas contusões sumindo, como as manchas escuras sobre a polpa branca de uma maçã. Claro, ela pensou, as verdadeiras lesões eram internas, escondidas de todos, mesmo dele.



"O que é isso?" ela perguntou, apontando para a sua mão fechada.

Ele abriu os dedos. Um irregular caco de prata descansava em sua palma, refletindo azul e verde em seus cantos. "Um pedaço do espelho do Portal."

Ela sentou no banco ao lado dele. "Dá para ver alguma coisa nele?"

Ele o virou um pouco, deixando a luz passar como a água sobre ele. "Pedaços do céu. Árvores, um caminho... Eu fico angulando ele, tentando ver a mansão. Meu pai."

"Valentine," ela corrigiu. "Por quê você iria querer vê-lo?"

"Eu pensei que talvez eu pudesse ver o que ele estava fazendo com a Taça Mortal," ele disse relutantemente. "Onde ela está."

"Jace, isso não é mais nossa responsabilidade. Não é problema nosso. Agora que a Clave finalmente sabe o que aconteceu, os Lightwoods estarão de volta. Deixe eles lidarem com isso."

Agora ele olhava para ela. Ela se perguntou como é que eles poderiam ser irmão e irmã se parecendo tão pouco. Ela não podia ter pelo menos aqueles cílios longos escuros ou os ossos angulares do rosto? Parecia pouco justo. Ele disse, "Quando eu olhei através do Portal e vi Idris, eu sabia exatamente o que Valentine estava tentando fazer, ele queria ver se eu me sensibilizava. E isso não importou, eu ainda queria ir muito para casa, mas do que eu poderia ter imaginado."

Ela balançou sua cabeça. "Não vejo o que há de tão incrível em Idris. É apenas um lugar. O jeito como você e Hodge falam sobre isso..." Ela interrompeu.

Ele fechou sua mão sobre o caco novamente. "Eu era feliz lá. Ele foi o único lugar em que eu estava realmente feliz."

Clary arrancou uma haste de um arbusto próximo e começou a despetalar suas folhas. "Você sentiu pena de Hodge. É por isso que você não disse a Alec e a Isabelle o que ele realmente fez."

Ele deu de ombros.

"Eles vão descobrir qualquer hora, sabe."

"Eu sei. Mas não vai ser eu quem vai dizer a eles."

"Jace..." A superfície do lago estava verde com as folhas caídas. "Como você pôde ter sido feliz lá? Eu sei o que você pensou, mas Valentine foi um péssimo pai. Ele matou seus animais de estimação, mentiu para você, e eu sei que ele batia em você – e nem tente fingir que ele não batia."

A cintilação de um sorriso flutuou no rosto de Jace. "Somente nas quintas-feiras alternadas."



"Então, como podia..."

"Foi a única vez que eu senti certeza sobre quem eu era. Onde eu pertencia. Isso soa burrice, mas..." Ele balançou os ombros. "Eu mato demônios, porque eu sou bom nisso e foi o que me foi ensinado a fazer, mas não é quem eu sou. E eu estava parcialmente bem com isso porque depois que eu pensei que o meu pai tinha morrido, eu estava livre. Sem importância. Ninguém para ficar de luto. Ninguém tinha interesse na minha vida, porque eles tinham sido parte do que foi dado a mim." Seu rosto parecia como se tivesse sido esculpido em algo duro. "Eu não me sinto mais assim."

O galho ficou inteiramente desnudo de folhas; Clary o jogou de lado. "Porque não?"

"Por sua causa," ele disse. "Se não fosse por você, eu teria ido com o meu pai através do Portal. Se não fosse por você, eu iria atrás dele agora mesmo."

Clary olhou para baixo no lago obstruído. Sua garganta queimou. "Eu achei que você se sentia deslocado."

"Tem sido assim por muito tempo," ele disse simplesmente, "eu acho que eu estava deslocado pela idéia de se sentir como se eu não pertencesse a lugar nenhum. Mas você me fez sentir que eu pertença."

"Eu quero você venha comigo em um lugar," ela disse abruptamente.

Ele olhou para seu lado. Algo sobre a forma como a luz dourada dos cabelos caindo nos olhos dele fez ela se sentir insuportavelmente triste. "Onde?"

"Eu estava esperando que você viesse comigo para o hospital."

"Eu sabia." Seus olhos se estreitaram até que eles parecessem bordas de moedas. "Clary, aquela mulher..."

"Ela é sua mãe também, Jace."

"Eu sei," ele disse. "Mas ela é uma estranha para mim. Eu sempre tive apenas um pai, e ele foi embora. Pior do que estar morto."

"Eu sei. E sei que não há nenhum ponto em dizer a você o quão ótima minha mãe é, uma incrível, fantástica, e maravilhosa pessoa que ela é, e que você tem sorte em conhecê-la. Não estou pedindo isso para você, eu estou pedindo por mim. Acho que se ela ouvir a sua voz..."

"Então o quê?"

"Ela poderia acordar." Ela o olhou com firmeza.

Ele segurou seu olhar e, em seguida, o quebrou com um sorriso torto, um pouco cansado, mas um sorriso verdadeiro. "Tudo bem. Eu vou com você." Ele se levantou. "Você não tem que me dizer coisas boas sobre a sua mãe," ele acrescentou. "Eu já a conheço."



"Você conhece?"

Ele deu de ombros ligeiramente. "Ela cuidou de você, não é?" Ele olhou em direção ao telhado de vidro. "O sol está quase sumindo."

Clary ficou sob seus pés. "Nós devemos ir ao hospital. Eu pago o táxi," ela acrescentou depois. "Luke me deu dinheiro."

"Isso não será necessário." O sorriso de Jace se alargou. "Vamos lá. Eu tenho algo para te mostrar."

"Mas de onde você tirou isso?" Clary exigiu, olhando para a moto empoleirada à beira do telhado da catedral. Era um chamativo envenenado verde, com prata margeando as rodas e as brilhantes chamas pintadas sobre o banco.

"Magnus estava reclamando que alguém havia deixado lá fora da casa dele, na última vez que ele fez uma festa," Jace disse. "Eu o convenci a dar ela para mim."

"E você voou com ela até aqui?" Ela ainda estava olhando.

"Uh-huh. Estou ficando muito bom nisso." Ele colocou uma perna por cima do banco, e acenou para ela subir e sentar atrás dele. "Vamos, eu vou mostrar para você."

"Bem, pelo menos dessa vez você sabe como funciona," ela disse, ficando atrás dele. "Se a gente bater contra um estacionamento de um supermercado eu vou matar você, sabia?"

"Não seja ridícula," Jace disse. "Não há estacionamento em Upper East Side. Porque dirigir quando você pode receber sua mercadoria entregue?" A moto começou com um rugir, abafando sua risada. Gargalhando, Clary agarrou o seu cinto enquanto a moto se movia sob o inclinado teto do Instituto, e se lançava no espaço.

O vento bagunçava seu cabelo enquanto eles se elevavam, sobre a catedral, acima dos telhados altos e elevados prédios de apartamentos. E lá estava se estendendo perante ela como um cuidadosamente aberto porta-jóias, esta cidade mais populosa e mais incrível do que ela tinha imaginado: Havia o quadrado esmeralda do Central Park, onde uma corte de fadas se reunia em plena noite de verão, onde tinha as luzes dos clubes e bares no centro, onde os vampiros dançavam noites afora no Pandemonium; onde nos becos de Chinatown os lobisomens se retiravam à noite, os seus pêlos refletindo as luzes da cidade. Onde andavam bruxos em toda a sua extravagância, o glorioso olhar de gato, e aqui, enquanto eles se lançavam rio acima, ela via os flashes lançados de multicoloridas caudas sob a pele prateada da água, o vislumbre ao longe, de pérolas derramadas sobre os cabelos, e ouviu altas, as risadas onduladas das sereias.

Jace virou para olhar sobre seu ombro, o vento chicoteando em seus cabelos emaranhados. "O que você está pensando?" ele chamou ela de volta.

"Apenas como tudo é diferente agora, você sabe, agora que eu posso ver."



"Tudo lá é exatamente o mesmo," ele disse, angulando a moto para o East River. Eles foram em direção à ponte novamente. "Você é a única que é diferente."

As mãos apertaram convulsivamente o seu cinto enquanto eles mergulhavam mais e mais ao longo do rio. "Jace!"

"Não se preocupe." Ele parecia irritantemente divertido. "Eu sei o que estou fazendo. Eu não vou afundar a gente."

Ela estreitou seus olhos contra o vento rasgante. "Você está testando o que Alec disse sobre algumas dessas motos serem capazes de ir debaixo d'água?"

"Não." Ele nivelou a moto cuidadosamente enquanto eles subiam vindos da superfície do rio. "Acho que é só uma história."

"Mas Jace," ela disse. "Todas as histórias são verdadeiras."

Ela não o ouviu rir, mas ela sentiu, através da gaiola de suas costelas sob seus dedos. Ela o abraçou fortemente enquanto ele dirigia a moto para cima, acelerando para que ela disparasse a frente e se lançasse ao lado da ponte como um pássaro libertado de uma gaiola. Seu estômago caiu abaixo enquanto o rio prateado girava para longe e os pináculos da ponte deslizavam sob seus pés, mas desta vez Clary manteve seus olhos abertos, só para que ela pudesse ver tudo.

FIM!!!



Traduções e Digitalizações

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057>

Blog – <http://tradudigital.blogspot.com/>

Fórum - <http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm>

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Tradução

Édila Lima

Revisão

Carla Ferreira